

No caminho para

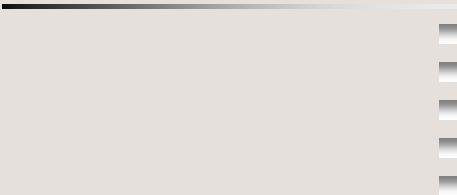
Muito Longe

Gil Cleber D. Carvalho



Romance

No caminho para Muito Longe



· ➤➤➤ · ➤➤➤ · ➤➤➤ · Gil Cleber · ⬅⬅⬅ · ⬅⬅⬅ · ⬅⬅⬅ ·

No caminho para Muito Longe

Romance

Editora Jornal do Interior Ltda.

2008



· ➤➤➤ · ➤➤➤ · ➤➤➤ · ➤➤➤ · ⬅⬅⬅ · ⬅⬅⬅ · ⬅⬅⬅ · ⬅⬅⬅ ·

Copyright © 2008, Gil Cleber Duarte Carvalho

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução desta obra, no todo ou em parte, por qualquer meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do autor.

Obra registrada no Escritório de Direitos Autorais – Fundação Biblioteca Nacional: Registro nº **338.539**, Livro **622**, Folha **199**.

Literatura brasileira
Romance

Projeto e ilustração da capa: Gil Cleber Duarte Carvalho

Nota importante:

Sendo o autor radicalmente contra as mudanças introduzidas pelo atual acordo ortográfico, mantém o texto de suas obras segundo o Formulário Ortográfico de 12 de agosto de 1943 com as alterações aprovadas pela lei nº 5.765 de 18 de dezembro de 1971.

Contato e *site* do autor:
gilccarvalho959@gmail.com
www.gilcleber.com.br

Aos meus pais

A Isabel

No caminho para Muito Longe

– 1 –

Que de sonho e de realidade é feito o viver, sabedoria antiga, persiste o homem à sombra do verbo: pois do concreto existir às duras penas, o sofrimento sem mezinha é o que no mais das vezes angaria em sua peregrinação, neste mundo é à mercê das humanas fraquezas que se está, tanto havendo tempo para a alegria quanto para a lágrima, inda que do pensar geral seja – e nisso vai fundo entendimento – que mais tempo há para esta que para aquela: o confinamento da vida é entre o abrir e o fechar dos olhos, disso não se escapa, e se o riso acompanha a luz, é a lágrima que encalça a escuridão. No que o humano ser destoa do padecimento buscando o sonhar luminoso, as esperanças, inda que tão só o sonhar lhe reste e nenhuma realidade resulte senão o despertar para as arestas cotidianas de existir.

É com sonhares que principia esta história, antanhos dias, que daquela manhã na fazenda Macambira não ficou registro, por que haveria de ficar?, mas que, decerto ensolarada, mais branca tornava a pele da menina à janela, no tarde acordar da infância, inda de camisolinha com babado de renda e florinhas bordadas, os cabelos um ninho, um só desalinho, o pente esquecido na mãozinha gorda, enquanto espia para fora.

– Tive um sonho engraçado.

Ninice. Menina. Doze anos por completar. Tão linda!

– A menina andou sonhando o quê?

A preta Apolinária, atarefada na arrumação do quarto, dobra que dobra cobertas e lençóis, estica a colcha na cama, pela janela despeja a água do jarro e, inda que nem resposta de imediato obtivesse, sai com seu andar sacudido, de regresso provém da cozinha trazendo água limpa e fresca – mas a menina ainda está à janela, parada, espiaando...

– Vem cá – e a menina obedece: na bacia de esmalte a preta Apolinária derrama água e Ninice se lava, enche a boca, bochecha, cospe. Duma alvura a toalha com que seca as mãos, o rosto. – Dá o pente – e fazendo-a virar-se de costas penteia-lhe os cabelos embaraçados, abundância de fios longos, noturno negrume, rebrilho. No que se segue, o apanhado de uma

mecha que ao resto se sobrepõe, e prende com a fita de cetim azul, laçada firme que no transcurso do dia não se desmanche.

— Um moço — prolata a menina. Costumava ter seus abismamentos? Não era de seu natural, no comum saía da cama, aprontava-se ligeiro, a preta Apolinária para nada se movia a não ser o de função, arrumar, varrer, trazer água fresca.

Naquele dia, porém, diferindo. “Um moço”.

— Mas um tico feito vancê já com pensamento pro mode algum moço? — a preta alarmava-se, e baixando a voz: — Que nhô coroné disso não saiba, manda lhe dar de chinela — e no desabotoar a camisolinha, resvala a fina peça pelos ombros, cai ao chão, a pele nua e branca se desvela, tenra doçura, o rosado das mamilas que preludiavam a moça do não tardo amanhã.

A menina toca esses rijos sinais, cariciosa, no curvar do pescoço para contemplar-se — sua inocência.

— Não, Póli — esclarece à negra, de costume por esse afável tratamento se lhe dirigia —, é o moço que vi no sonho — e ajuntando explicação de maior minudência: — Vinha a cavalo, mas o chapéu não deixava eu ver o rosto dele, sabe como?

— Apois, se a menina disser...

Mas o belo e sagrado deve resguardar-se de todo, no seu tempo dar-se à vista tão só daquele que for escolhido, o que de direito puder sem mancha tomá-lo para si, conforme mando divino, assim está nas Escrituras: e um vestido de seda azul-claro se lhe joga por cima, a tudo vela, os bracinhos levantados brotam das mangas fofas, o cinto atrás se prende com um laço firme, fazendo cinturinha.

— Assim: ele vinha a cavalo, mas ainda não muito perto, e o chapéu estava tombado para diante.

— E foi só esse o sonho? — preta Apolinária botava sentido num sonho de tanta simplesza? Para fazer agrado à sinhazinha ia reperguntando, suas atenções, sinhazinha era a alegria da casa.

De seguida entrega-lhe os sapatinhos de verniz, as meias, embonecrava-se Ninice menina — do que se calcula que fosse domingo? Fosse: que uma vez de dois em dois meses — ou calhava menos delonga, mês a mês, nem sempre — procedia missa na capela da fazenda, vinha de Serradinho o pároco, padre Porfírio por nome, a gente do lugar zelosa de suas devoções apresentava-se. A garota Ninice devia aparecer formosa, exigência do pai, Coronel Pantaleão (senhor de muitos haveres e duma só filha, que outros rebentos não gerou, a não ser um, que vingou mas depois morreu). Não que por enquanto cogitasse mais, queria poder orgulhar-se dela, bonita sem igual!, de uma por esse molde não se tinha notícia milhas em derredor,

inda que melhor raciocinando coubesse solene indagação: outra haveria tão linda?

Já a preta Apolinária suspendia a guilhotina da vidraça, e um cheiro de madressilva, por acompanhamento o canto de uns quaisquer pássaros, entrava com a brisa. O sol fazia desenho de luz no soalho, grãos de poeira rebrilhenxameavam nesse jorro de claridade, dos fundos da casa um retardo canto de galo provindo, redesenhando as horas: galo não devia cantar de madrugada?

Mas Ninice não calçara os sapatinhos de verniz, nem as meias pusera ainda: de sua distração sentara-se na borda da cama, cabisbaixa cismava – o que via no quadrado de luz do assoalho? Seu futuro, esconsamente? O mundo sem governo do sonho? Havia um cavaleiro nele que vinha vindo devagar: o tropel tão perto, mas não padecia medo.

– Não, Póli – ela por fim despertava, não de todo, um tanto permanecia na concha, feito caracol –, o sonho não era só assim: é que o moço vinha a cavalo, e o rosto dele eu não via, porém ele parava, num lugar de muito mato.

– E que lugar era esse, menina Ninice?

– Eu não sei... tinha árvores de um lado e outro do caminho... é que não havia bem um caminho, só um trilho, sabe?, ele vinha por um trilho, e então parava como se alguma coisa no meio do mato lhe chamasse a atenção, e ficava olhando, muito tempo...

A preta Apolinária agora abria a porta do guarda-roupa, recolhia peças do chão, que menina Ninice nem s'importava, largava tudo caído por ali, seus brinquedos, seus mimos: uma filha de nhô coroné vai cuidar de tais miudezas?

– E o que é que ele ficava olhando, sinhazinha? – preta Apolinária queria saber, enquanto isso ia dobrando peças de roupa e ajeitando nas gavetas.

– Não vi direito, Poli... estava no meio do mato... umas moitas... ele ficou ali, olhando...

– Mas sinhazinha! – e a preta se virava para a menina, avexava-se, de joelhos recolhia das mãos de Ninice as meias, os sapatos, afligia-se pois Coronel, de rigores, aperreava-se com tardança. – Menina Ninice quer ver sinhô zangado?

A porta do quarto se entreabriu, apontou sinhá Felícia com penteado alto, vestido severo de mangas compridas e golas altas – dama de muita prosápia, os bons costumes, uma pele sem viço, sem cor, no desbotar da idade. Envelhecia antes do tempo sinhá, guardava suas amarguras em secreto cofre dentro do peito, na filha menina a derradeira alegria. Pressupunha carinhos na voz:

– Vamos, Ninice.

E já calçada com meias brancas e sapatinhos de verniz ela se enca-minha para a mãe, que lhe passa um braço pelos ombros, e juntas descem para a sala. Ali, Coronel Pantaleão já espera, já vigia o relógio de bolso pisando alto, de cá para lá, com impaciência, já põe o chapéu e abre a porta que dá para a varanda.

Fora, um povo miúdo abicava — o povo sertanejo, das casinhas extraviadas na distância dos chapadões, das encostas, do mato fechado: brotavam desses recantos, para sua devoção vinham, faltos de leitura não sabiam o catecismo mas tinham fé, o invisível possuía poderes, Deus no céu e o mais que se desconhecia, tremendas forças. Uns outros, nem tanto de esconsos habitares, provinham de Serradinho, arruamento reles a duas ou três horas de distância medidas em passo de alimária.

De ressabiado respeito guardavam-se do portão pra fora, pelo caminho, inté que nhô coroné desse licença de entrar. Quando ele surgia na varanda havia movimento, os homens se descobriam, as donas encolhiam-se um pouco por detrás, depois punham-se a andar: tomavam então pelo atalho que conduzia à capela, e, no terreiro ensaibrado, compunham rala, dissolvida multidão.

O pároco já aguardava — chegando cedo, aportara primeiro na sala de jantar da fazenda: por ordem de Coronel servia-se farta dejuação, provido de voz grossa brincava com o sacerdote, “que de estômago vazio a prece não ganha força mode subir inté o céu, seu padre”, Coronel Pantaleão tinha suas severidades mas apreciava uma chalaça, o pároco acostumado com elas sorria, servindo-se de uma rosquinha de leite, um bolinho amanteigado, uma fatia de broa... Porém depois, sem tardança, ocupava sua posição junto ao altar à espera dos fiéis.

Coronel, descobrindo-se, sinhá Felícia pelo braço e na frente Nini-ce, que com sua formosura para todos um encanto, eram os primeiros a adentrar a capela: adentravam, ocupavam o primeiro banco, dos demais por maior intervalo destacando-se. Em seguida o resto, a gente miúda, nem tantos assim que todos cabiam debaixo do teto forrado de tábuas bem lavradas, fora das paredes de pedra ninguém, uns poucos não lhes restando assento permaneciam de pé, atentos à palavra do homem de Deus que lá na frente depunha o turíbulo, um fumo branco subindo feito a alma de algum anjinho morto.

E a homília se arrastava por quase hora e meia — puxados pelo sacerdote todos entoavam os cânticos, no chão retumbando o tacão pesado de Coronel, que marcava o compasso levantando tão só o calcanhar e arriando-o com força a intervalos regulares. Seguia-se a prédica, o sermão prolongando-se nas frases, o padre pregava sobre os enganos do mundo, que muitos são e de todas as formas se apresentam ao homem para arrancá-lo do bom proceder, “o caminho do Senhor é estreito, e sua vontade

nosso entendimento não alcança” e ensinava a obediência. O povo simples não colhia bem o sentido de tanta enfiada de palavras, perdia-se, mas mesmo sem de todo compreender a pregação baixava a cabeça numa quieta reverência, pois tão bonitos dizeres no seu pensar tinham o sinal do céu, “um homem santo” cochichavam as donas mais velhas, na cabeça panos amarrados, nem lenços, só panos de muito uso, os vestidos que desciam até pra baixo das canelas, os pés descalços, gretados, sujos de terra.

Pouco antes da prece final, Coronel Pantaleão fazia um sinal ao padre, ninguém notava, mas o sacerdote se detinha, corria as vistas pelo povo:

– Antes de finalizar, prezados irmãos, a querida filhinha de Coronel Pantaleão, a menina Berenice que aqui se apresenta, irá dizer uma poesia em honra da Virgem Santa.

O povo matuto se remexia, espiavam curiosos, sentiam-se tocados, uma que outra criança da mesma idade dela, que por ali se perdiam, perplexas em face de tanta lindeza. E a princesinha da Macambira, de pé lá na frente, à vista de todos, declamava: durante a semana havia decorado aquela poesia, longamente pronunciava, de memória, o povo matuto assombrado duma cabeça tão boa, Coronel Pantaleão orgulhoso, sinhá Felícia com os olhos marejados.

Terminado o ofício todos partiam, sumiam-se na vastidão da terra – pr’adonde se botava toda aquela gente? Mas padre Porfírio não tinha licença de ir-se – não senhor, sinhô e sinhá faziam questão de privar de sua santa presença para o almoço, e no chalacear do costume Coronel lançava que “depois do esforço de fazer a prece alcançar o céu, padre santo, tamanha lonjura, não vê?, carece de fornir o estômago a contento”, e o padre com seu sorriso cheio de simpleza aceitava satisfeito.

Deu-se no que tomaram assento, sinhô na cabeceira, e sinhá, mais Ninice, uma de cada lado, padre Porfírio na outra cabeceira, que a preta Apolinária adentrou a sala de jantar com notícia de visita recém-chegada: providas da Aroeira, fazenda Aroeira, sinhá Deolinda mais a filha já se apeavam da charrete lá fora. Num respiro ansiado, pois levantar-se de pronto resultava dificultoso para Coronel Pantaleão mode o despropósito de seu corpo, levantou-se ele: que entrasse sinhá Deolinda com a filha, não terá vindo também coronel Otávio?, não, que coronel Otávio não acompanhava a mulher e a filha, não viera, padre santo não arrepare – e padre Porfírio fazia um gesto, não reparava – mas convinha esperar que as visitas adentrassem, a eles se reunissem mode provar o sal, “Apolinária, mais dois pratos!”. Ao mesmo tempo sinhá Felícia se dirigia à varanda para receber a amiga, muito gosto lhe fazia, e de lá já provinha com as duas: sinhá Deolinda balofa, sinhá-moça Lúcia Helena no florejar de sua juventude, esplendor de graça, moça das faces rosadas.

— Sá dona Deolinda se apresenta em hora propícia — exclama coronel ainda de pé —, tomem assento, que hoje temos a companhia do padre santo.

— Bons dias, coronel — sinhá Deolinda curva-se —, é com muito gosto que aceitamos.

— Se adiante, gente — e Coronel Pantaleão inclina um tanto mais para frente o corpo roliço —, venham tomar assento, em boa hora... — e exclama, como se só então percebesse: — Mas a menina Lúcia Helena está muito formosa hoje!

— Agradecida, coronel — responde Lúcia Helena, delicada no dizer, vizinha miúda, mas sem qualquer acanhamento.

— E o esposo, sinhá Deolinda? — Coronel quer saber, sentando-se depois de todos acomodados. — Não apeteceu vir provar do nosso tempero?

— Releve, coronel, não foi má vontade, vossência bem conhece Otávio — respondeu a outra —, mas deu-se que teve umas urgências... de última hora uma viagem, e como já estava acertado que viríamos hoje, viemos sós.

Mas o almoço transcorre festivo, pois coronel profere algumas de suas chalaças, adequando-se, que tudo convinha conforme as presenças: à mesa estava o padre, homem de batina, aquele que mantinha entrevista com Deus Nosso Senhor, e as duas de fora eram pessoas de posição. Padre Porfírio, por sua vez, consultado sobre uma passagem das Escrituras por sinhá Felícia, explana, ilustrada explicação que muito gosto proporciona a todos, e enquanto se servia o café, tendo a preta Apolinária dado ordens aos da cozinha para retirarem os pratos, sinhá Deolinda aproveita para elucidar os motivos de sua chegança: pois que sua filha casava-se, e ali estavam para convidar Coronel Pantaleão e família, “convite que não se estende a padre Porfírio, não é, padre?”, ora, pois não seria ele mesmo a celebrar? Padre Porfírio sorri com modéstia, pronuncia alocução sobre a importância do matrimônio, que sinhá Deolinda ouve com gosto e a moça Lúcia Helena com uma espetadela de ironia no sorridente olhar (decerto despercebida, a menina era atrevidota mas comportava-se; consigo mesma, lá por dentro, dizia-se “o que entende um padre de casamento, se ele não pode casar-se?”).

— Antão a moça Lúcia Helena se casa — Coronel comenta. — E pra quando será?

— Janeiro, coronel — informa sinhá Deolinda. — Último domingo do mês.

— Ah, anda pelos dias, o quê?... Três, quatro meses?

— Quase quatro ainda, coronel — torna sinhá Deolinda.

– É... O noivo, dele eu me alembro, por aqui esteve daquela vez, nas concorrências.

– Não, coronel – intervém Lúcia Helena no seu delicado desdizer –, já não me caso com aquele rapaz. Não me convinha. Caso-me com Augusto Fortes, dos Fortes, o senhor deve saber quem são.

Coronel sabia. E aprovava a escolha da menina, gente bem os Fortes; inda que de posses menos relevantes eram esforçados no lidar, progrediam, em época antiga já negociara com eles. Coronel Pantaleão por vezes não sabia a polidez, decerto não fizera por mal e logo se apercebeu, sem embaraço, pois providenciou emenda: não teria ficado bem dizer à mesa que os Fortes eram gente de menor cabedal, inda mais sendo a família do noivo. Mode desviar atenção, mostrou interesse:

– E casados, vosmecês vão assistir adonde?

– Na Viçosa, coronel – responde sinhá-moça Lúcia Helena –, que Augusto acaba de adquirir. Uma propriedade muito bonita, o coronel teria gosto em ver – com o que Coronel Pantaleão num movimento amplo de cabeça “inda lá irei, sinhá-moça, apreciar” exclama, “casados lá m’esperem que é promessa”, e o almoço prosseguiu animado.

Da mesa passaram à varanda, onde se acomodaram mode prosear, momento porém em que padre Porfírio se despedia, mais tardança desconvinha, os compromissos da igreja requeriam sua presença. Coronel apertou-lhe a mão, as donas curvaram-se, Ninice tomou-lhe a bênção e ele partiu.

A tarde possuía larguezas, calorosa persistia, prolongamentos. Coronel Pantaleão, sentado mais distante das donas, escutava, esperava a deixa mode entrar num assunto seu de durável preocupação, e numa hora de não-palestra entre elas limpou a garganta:

– Sinhá Deolinda, não vê?, inté pensei que a senhora mais coronel Otávio andavam arredados de nós por motivo d’alguma zanga...

– Qual o quê, coronel! Mas adonde o senhor busca uma idéia dessas?

– Bom, se não é... Mas de uma vez que houve um certo desentendido... calculei que coronel Otávio e a senhora, inté a menina Lúcia Helena, hein, menina?, não se dá o caso, pois não?

– Qual nada, coronel. Já passou, está passado – Lúcia Helena responde com seu melhor sorriso.

Do sucesso, um mero desentendido no dizer de coronel¹, consta ter-se passado por época de uns rodeios que na fazenda a ocasiões se davam – fato que ele inté vacilava trazer de volta à luz comentando com sinhá Deo-

¹ A narrativa da zanga de Lúcia Helena com o coronel Pantaleão é contada em “Notícia de um combinado entre amigos”, do livro de contos **Histórias de Muito Longe**.

linda, um suposto agastamento dela e família com sua pessoa, assim se explica: que no último festival de rodeio, já se passara ano sobre isso (menos porém de dois), surgiu mode montar um burro famoso de brabo que lá havia um certo peão em quem ninguém depositou confiança, miúdo e preto, pessoa menor, de insignificâncias com quem coronel não simpatizou. Porém o peão (do nome nem se lembrava) não só montou o famoso burro como também o fez sem qualquer embaraço, nem tombos nem desacertos, só uns carinhos no bicho e um cochichar feito o bruto pudesse entender uma gente — lembrava inté feitiço, aventou-se, o negro teria partes com o capeta. Restou muito desapontado Coronel Pantaleão, que com o insucesso do negrinho esperava divertir a parentada e cidadinas amizades, tendo ainda de suportar umas graçolas ditas a meia-voz, não menos porém de zombaria, e mais desconjurou quando viu sinhá-moça Lúcia Helena passeando ao lado do pretinho de animado proseio com ele, toda atenções, querendo saber como ele procedia no seu modo de domar chucros animais de montaria. Coronel Otávio, por sua vez, não se sentia à vontade com o comportamento da filha, então noiva doutro moço mas nariz empinado e dona de suas intenções, ao que Coronel Pantaleão respondeu que, sendo filha sua, saberia dobrá-la ao seu gosto, “quebrar-lhe a crista” teria dito, produzindo um mal-estar pois além do mais sinhá-moça com sua língua destravada comentou que ele, Coronel Pantaleão, não passava dum grosseirão de marca e bem fariam indo embora dali. Por aí a suposta arrelia, que porém naquela visita se punha às claras: nenhum ressentimento sobrevivera ao episódio, e ali estavam sinhá Deolinda e a menina Lúcia Helena que vinham convidá-los para o casamento, e com eles tinham almoçado, bem chalaceado e divertido sob a luz e a bênção de padre Porfírio, de tudo testemunha. Sossegado com o esclarecimento Coronel se levantou, todo sorriu-se, desculpou-se, eram horas: “A mania do cochilo, sá dona Deolinda, depois do almoço é lei, pois de noite padeço duma insônia!...” e arrastou-se para dentro, pesado, manquitola — que seu joelho encravado principiara a doer agora pela parte da tarde — se retirou, deixando as donas mais à vontade entre si.

Nhá Deolinda falava dos planos do casamento, descrevia o enxoval da filha; referia, só as donas agora na varanda, o que havia sido aquele rompimento, “essa menina tem me dado umas dores de cabeça” dizia olhando a filha com carinho, “tem gênio”, mas a menina Lúcia Helena protestava, era direito seu explicar-se, “o que os outros não vão pensar de mim, mamãe?” e respondia: que sim, rompera o noivado com um rapaz presunçoso, “um bobão, sinhá Felícia”, agora casava-se com um homem de verdade. Havia mal nisso? E sinhá Felícia sorria por admiração, e súbito tomada de uns íntimos pensamentos virava o rosto para contemplar a filha, que ao pé passava as páginas de um almanaque. Ela seria feliz? O pen-

samento é terreno cercado de altas muralhas, ninguém alçando o pescoço lá para dentro vasculha, mas o rosto de sinhá Felícia demarcava alguma tristeza. No silencioso momento era de perceber-se que alguma coisa ia-se-lhe riscando no meditar – um enviesamento, dobras, asperezas, e os dedos correm suaves pelos cabelos da menina. Mas no seguimento, levanta o rosto, sorri – diz-se feliz com a novidade.

Nhá Deolinda e a filha partem no refrescar do sol. Da varanda quem por demais fica espiando é Ninice: a charrete nem era vista mais na estrada, nem tropel se escutava, Ninice pensando no casamento de Lúcia Helena. Aquilo lhe povoou a cabeça o resto do dia.

Pelo anoitecer tinha um pouco de febre, as bochechas mostravam um rosado desconforme. Preta Apolinária foi quem deu pela coisa, advertiu sinhá que de imediato ocorreu, “há de ser uma constipação” dizia a dona sem no entanto sossego. Tocou o pescoço da filha com as costas da mão, “meu Deus!”, e ordenou se enfiasse na cama tão logo, que ia preparar-lhe um suadouro.

Agora preta Apolinária veste a menina com sua camisolinha de flanela, calça-lhe meias grossas de lã, enfia-lhe o capote. Deitada, cobre-a com cobertores.

– Pra que tudo isso, Póli? Vou sentir calor.

– Após, é pra sentir calor mesmo, sinhazinha. Tem de suar mode a febre ir-se embora – e preta Apolinária senta-se ao lado da garota, seu riso escavacado recheio dos maternos amores revela a mãe que ela não tinha sido, em Ninice enxergava a filha que seus deuses africanos lhe recusaram: Apolinária casara-se menina nova com um negro forte que inté bem pouco tempo lidara com nhô coroné, morrera o coitado duma picada ofídica. Mas ela mesma, suas entranhas não produziram: urdira artifícios em busca de todo efeito, mezinhas e simpatias, coisas que ora lhe mencionava a gente branca ou antepassadas receitas, reza a santo católico ou ritual em cachoeira mode oferecer agrado às entidades: desencantou-se, estava aniquilada por dentro, resseca, não daria à luz.

Os olhos de Ninice, do fundo dos cobertores, discerniam o rosto corrugado e meditativo de Apolinária, que a vigiava com singelo amor. Esticou o bracinho pra fora das cobertas, tocou com os dedos o pretume daquela cara:

– Sinhá-moça Lúcia Helena vai se casar, não é, Póli?

– Antão! Pois cá não vieram mode convidar pra festança?

– Casamento é bonito, Póli?

– A coisa mais linda, menina Ninice, e de mais destacado valor pr’uma moça de família: toda de branco, entrar na igreja polo braço do pai inté perto do altar, adonde antão é entregue ao noivo. Bonito demais da

conta... mas que pergunta! Antão a menina não se alembra? Do casamento da filha de sinh'Antonina, ano passado?...

— Eu lembro, Póli — Ninice responde, e agora é ela quem parece vaguear —, eu lembro... — Remergulhava nos seus sonhos? As faces mais rosadas e quentes, na testa alva porejavam suores, sobre o lábio gótículas apareciam. E então: — Póli, todas as moças se casam?

— Depois, é de costume, e não haveria de ser assim? As moças nasceram pra casar, lá um dia surge um moço mode o agrado delas, e antão...

— Ele, Póli — ela diz espiando para longe da hora presente —, esse moço da noite passada...

— Que moço, menina Ninice? — preta Apolinária pergunta, esquecida.

— O moço do meu sonho, Póli — Ninice diz enquanto descaía para um febril adormecer —, o que vinha a cavalo com o chapéu tombado no rosto... é ele o meu prometido.

Isso se deu na fazenda Macambira em dias passados: desde aquela manhã — em que Ninice acordou diferente por obra dum sonho e que no entardecer uma febre nervosa a prostrou na cama por mais duma semana — as flores haviam murchado há muito, os pássaros tinham se convertido em caveirinhas brancas e depois se desmanchado em cinza; um vento veio vindo, veio vindo, passou, no encalço muitos outros ventos desfolharam as árvores em tantos outonos. Somente a presença de sinhazinha persistiria nos anos, tempos em fora, num diferente existir, inda que de sua pessoa apenas uma que outra gente, muito rara, se lembraria.

— 2 —

Será o tempo vário ou único, inteiriço?

Do deslembreado ontem, que se deita para a conta dos perdidos e donde nada se resgata, resta no mais das vezes pouco, muito pouco... Migalha que fique pode prefigurar a mão do homem, a modo de testemunho: alguém esteve aqui. Vezes sem conta o tempo, que no ver geral é passado assente, o agora semelhante a ilimitada prisão, mais o desconhecido porvir do amanhã, deixa suas marcas, do seu tropel persiste um eco, sob que diversas formas: sim, diversas, mas carece de saber compreendê-las. Uma mensagem fica, na figura de umas letras, um vestígio meio apagado, trazê-lo de retorno à luz requer persistência, não pouca demora — se alguém não tem por que fazê-lo, deixa-o lá, submerso, voz que se cala, ou que no deserto grita, o que é o mesmo pois de qualquer jeito não há quem escute.

O peão Mariano era desses de breve leitura, a certo dizer nem adquirida num banco de escola durante uns curtos tempos (meses, inté menos) na meninice, pra depois – no requerer do ofício – metade das poucas letras aprendidas logo esquecer, e a outra metade ir-se perdendo no correr dos anos. Peão carece tão só de montar bem, saber as manhas do animal inté fazer dele uma sua continuação – do corpo e da alma –; ter pontaria no laço mode não fazer feio e, em caso de precisão, defender-se de malefício de cobra venenosa e enfermidades mais comuns nesses despovoamentos sertanejos – não possuindo essa ciência, pode faltar sem ter quem acuda: longe de arraial ou arruado, mais longe ainda de doutor ou boticário, no mais das vezes desprovido de medicação em vidro, urge saber as ervas e seus efeitos, fazer um corte em cruz com a ponta do canivete mode expelir o veneno, e o mais que necessário for.

Peão Mariano sabia esses saberes. Dos outros, quando muito desenhava dificultoso o nome, a modo de assinatura, mas não soletrava mais, do discernir o abecedário em folha de caderno a desprovida lembrança, cartilha, livro ou jornal – qualquer escrito nem remediava. Decerto não tinha tal carência. Porém sabia contar, de cabeça fazia somas e multiplicações com esperteza, da divisão e da conta de menos nem se arreando, o que se requeria mais mode lidar com dinheiro. Era tudo.

Mas peão Mariano, tinha noites em que o sono retardava e ele se punha a pensar em troço de muito incômodo, mas pensar de um modo lá dele, que inté descrever-se é complicado. O que lhe seguia pela cabeça quando cogitava o tempo?

O tempo para ele possuía seus ampliados mistérios. “Pr’adonde se ponhou o dia de ontem?” inquiria-se enquanto, estivado na enxerga, esperava adormecer. Devia de ser um lugar mais que todos escondido pois para lá não havia caminho: terra de porteiras fechadas – que Cérbero guardava sua entrada?

O tempo, peão Mariano deduzia, era essa coisa que assim por dizer parecia passar, mas não passava: desmanchava-se – imagem mais conforme. “O dia de ontem não foi pra lugar nenhum” ele concluía, “desmanchou-se”, e de tal maneira a não restar vestígio algum a não ser o que de ontem para hoje ainda se podia ver: eis aí tudo em sua volta, o mundo, o gado, a plantação, a gente toda, então dava-se parecença que o dia de ontem ainda permanecia, mas não era verdade: havia desmanchado com tudo o mundo de ontem, hoje já era outra coisa, não estariam ali as diferenças? Que poucas eram, porém no somar-se dos muitos dias avultavam, ganhavam um peso estranho, um peso que nem peso não era, mas esfrangalhamento, pesavam, mas na alma da gente – a alma do peão Mariano conhecia padece-
res.

Mas será o tempo mesmo inteiriço? De que modos Mariano presentia tal entender? Não há explicação que baste, palavras não escrevem aquilo que se sabe por dentro mas por fora adquire contorno de cerração, fechado nevoeiro, fantasmagoria. Fosse como fosse, em desmanchar-se ia largando pela estrada seus parecidos retalhos, mais cedo ou mais tarde tudo se confundia no não achar-se de impossível retorno, mas podia dar-se o caso de um menos distraído com eles esbarrar e entender a mensagem... e encontrar o caminho? Como porém decifrar suas encruzilhadas?

Numa de suas últimas viagens pela fundura do sertão, dias no lombo do tordilho, dormindo por debaixo das estrelas e acendendo fogueirinha mode preparar comedoria e espantar bicho noturno, ocorreu que peão Mariano, seguindo por uma trilha entre montanhas perdeu-se e chegou num lugar muito bonito – lugar por ninguém visitado, pois se havia sinal de noutros tempos haver por ali um risco de caminho, caminho nenhum não existia mais, afora aquele sinal o resto era o mato ralo, os morros, o não sabido destino: adonde ia dar? Sim – perdido, Mariano cogitava tornar atrás mode buscar mais segura direção, com o sol que fazia ansiando por esbarrar com ribeirão ou riacho, mesmo fino regato já seria suficiente para refrescar-se e dar de beber ao tordilho. No que veio vindo, alcançou aquele lugar: uma planura entre montanhas como se já algum dia tivesse havido casa por ali, mais ao longe a mata galgava as vertentes, na distância um conhecido marulhar, “cachoeira, queda d’água”, e mais seca sentiu a garganta. O sinal de caminho prosseguia além, como até ali sumindo e aparecendo, sumindo e aparecendo, assim sempre – mas ele fez alto. De algum ponto provinha o marulhar, e à sede somava-se agora uma comichão pelo corpo suado que urgia por um banho. Adiantou-se, o tordilho em seu tranqüilo passo avançou pela planura.

Foi indo.

No refechamento dumas moitas, formato dum grande canteiro quadrado, teve a impressão de vislumbrar uns amontoados de terra, elevações no feitio de uns alicerces de pedra, como se tivesse havido no lugar uma casa, por sinal grande – uma fazenda, devia de ser.

Já apeou, no vagar trazia o cavalo pelo cabresto; desvencilhado do freio mode propiciar descanso, largou-o por ali mordiscando touceira de capim. Investigou: sim, viu que não se enganava: paredes de adobe o revés do tempo sói derruir, no chover se desmancha e a raiz do mato vai tomando conta, transformando em monturo, quando se vê resta apenas esse feitio de canteiro, mas a pedra é perene, e ali estavam no mesmo lugar, alicerces sim, dum antigo solar, e mais à frente uns degraus. Mariano correu os olhos: casa grande de fazenda, o signo, a letra que o tempo deixava, o retalho encontrado. Teria dono essas terras?

Mas o marulhar atraía-o feito azougue de cobra, e o tordilho, no que cheirava a grama e por cima ia tosando, bufava pr'aquela direção espichando as orelhas: animal também conhece barulho d'água – e tomando da rédea, o peão avançou.

No mais adiante dava-se que era mato alto, nuns pontos, capinheira ou brenha rala, cruzar não sendo difícil, e sempre puxando o tordilho pela rédea Mariano embrenhou-se. Mas foi surpresa dar com um resto único de parede em pé, invisível de fora devido à densa folhagem, uma vertical rachadura prenunciando que um dia desabava também aquela remanescência, por ora segura por uns cipós grossos que se haviam entrançado num vão de janela, galgando a firmeza de um jacarandá. E o peão vigia qualquer coisa no chão se-misturada com a folhagem, curva-se, recolhe um caco enegrecido pelo limo, não grande mas conforme, o tamanho de um punho inda que punhos haja de variados tamanhos, não sobejo, menos porém mesquinho, visível.

“Cabeça duma santa...”

Que só restava a cabeça de gesso: uma nossa senhora de quantas há, em outrora altar erigido em seu louvor, inteira de corpo e com vestes talvez de seda, mas agora o vestígio era aquele, pelo qual Mariano acertou deduzir que ali havia sido uma capela – e cristão batizado fez o pelo-sinal, cumpria respeitar a mensagem do Alto, pois se ele encontrava um resto de parede sumido na capoeira e um pedaço de imagem sacra, aquilo seria por certo mando de Deus, tudo tem seu porquê e dele quem sabe é Nosso Senhor, ao homem não cabe duvidoso especular: benzeu-se conforme o mando católico e puxando dum bolso a medalhinha da Virgem que sempre trazia consigo, presa duma fitinha benta, beijou-a, não sem antes descobrir-se. A cabeça da santa, levava-a consigo ou por ali deixava? Pensou: seu lugar, dela, sendo ali, não convinha subtrair: porém largá-la no chão pareceu desrespeitoso, e foi colocá-la no peitoril derruído – sempre um lugar mais próprio. E seguiu adiante.

Escapando do mato, de novo viu-se na planura entremeada de árvores, mais ao longe era visível um valado, o barulho de cachoeira mais forte: o rio. Então apressou-se: na areia da margem tirou a sela do tordilho, soltou-o n'água para beber, e ele mesmo tirou a roupa mode um banho, lavar o corpo daquela comichão de dias. A cachoeira devia de ser mais adiante, subindo o rio que se sumia agora na mata, porém Mariano não tencionava explorar o lugar, mesmo porque água havia de sobra por ali, e duma frescura que regelava a pele. O tordilho tinha saído na outra margem, espojava-se com gosto, com mais sabor mordicava o capim das beiradas.

Deitado na areia, Mariano desconsiderou o sol alto: uma fronde mais avultada, lançada por cima e de través, proporcionava a sombra que ele requeria. De cansaço fechou os olhos. Adormeceu.

Mas no avançar da tarde o sol, rompendo a folhagem, jogou uma claridade incômoda no rosto do moço adormecido que acordou ofuscado e meio tonto sentou-se: dormira quantas horas!, que dormira bem, cansado daqueles dias viajores. Dormira – mas sonhara? Que não, sonhar não calhou, que Mariano pouca experiência tinha de sonhos, “eu é raro sonhar” dizia, e perguntava nesses casos se a pessoa que dorme sempre sonha e no mais se esquece, ou dorme sem sonho nenhum?

As opiniões variavam, uns pensavam deste, outros daquele jeito. Um sinhô Viriato, dito Viriato preto, homem de avançados dias, supria explicação para o caso. Mariano apreciava escutar nhô Viriato, com ele colhia muitos desses saberes que não se aprendem em cartilha. Que sonhar, dizia o velho, todo mundo sonha, sendo que no acordar às vezes se lembra, outras vezes não se lembra, é o natural da pessoa. Mariano não entendia mode quê umas vezes o dormente se lembra e outras não, “sonho é sempre a mesma coisa, sejam embora uns diferentes dos outros”, mas sonho é mensagem inda que pareça coisa sem compreensão, desses baralhamentos que se sonham às vezes e acabam confundindo a gente, recado do mundo invisível; quando não se entende é porque não se soube interpretar direito, todo sonho tem seu significado, toda mensagem quer dizer alguma coisa; “mas e quando a gente não lembra se sonhou ou não, nhô Viriato?”, então é por ser mensagem segredosa, por enquanto não se pode dela ter notícia e Deus faz com que a gente se esqueça; e o velho movia a cabeça branca enquanto, com gravidade, pensava o arremate: Mariano, se lembrança não tinha dos sonhos, era porque Nosso Senhor ainda não lhe permitira essa ciência, um dia vassuncê recebe a mensagem, ela vem no feitio duma revelação, será toda sua vida nela, um maravilhamento. “Mas será assim com toda pessoa?” re-perguntava o peão, inda dono de suas dúvidas, mas o preto dizia que nem com todos, “muita gente sonha coisas somenos, é gente de menor interesse, Deus reserva a poucos as grandes verdades” – e peão Mariano punha-se a cismar nessas palavras: seriam certas? O velho Viriato era homem do tempo em que se pensavam melhor os mistérios. Adonde ele aprendera tantas coisas?

Do outro lado do rio o tordilho espichado na relva pressente o despertar do dono e soergue o pescoço, espia, firmando-se nas patas da frente levanta-se e começa a cheirar a grama fresca da margem. “Está na hora” pensa o peão levantando-se também; sim, já eram horas – quanto tempo estivera ali deitado? Não sabia, mas calculava que não pouco: chegara não muito mais que manhã, onze horas, seria?, talvez, e agora o sol já passava do meio do céu adiantando-se para o poente. A noite porém não viria cedo, sendo primavera – quando os dias principiam a prolongar-se, mas Mariano preferiu tomar rumo: enquanto era dia gostava de andar, por costume; no anoitecer, não chegasse a casa alguma adonde requerer pouso,

escolhia um próprio lugar; solto o cavalo, armava sua barraca e com os apetrechos de matutagem preparava a refeição, comia; depois se recolhia: estendido na enxerga esperava o sono, e o sono vinha vindo...

Mariano entrou n'água mode espantar a sonolência, espertar de vez. Encilhou o tordilho e puxando-o pela rédea voltou. Atravessou a brenha, benzeu-se de novo ao avistar a parede que restava da capelinha, prolongou uma espiada para aqueles alicerces seculares e depois, montando, procurou caminho. Mas agora — voltava em riba do rastro ou prosseguia? Que voltar não era o caso, pensou, pois perdido como estava vir para cá ou ir para lá era igual, decerto não descobria o exato rumo por onde viera; pois então, seguir em frente? O trilho parecia convidá-lo, convite que não se rejeita — por cortesia?, por anseio do coração. O sol provinha de frente e meio da banda esquerda, para trás ficava a sombra, a do homem e a do animal, uma cavalgando a outra; Mariano tombou o chapéu pr'adiante mode resguardar os olhos e aceitou o convite...

...Convite porém antigo — vinha dos tempos de Mariano garoto em Corgo Seco, principiando a 'panhar barba: desinquieto, já escutava o chamado, e no completar quinze anos pediu licença ao pai, expôs tenção de se arrear, um tanto afastar-se mode adquirir uns conhecimentos do mundo. O pai escutou as alegações, raspou a garganta, sério: permitir ao garoto sair de casa? Indagou pr'adonde se raspava? Que idéias desprovidas de siso aquelas? Mas que não, dizia o menino já quase homem, carecia de ver as coisas; Corgo Seco, miúdo ajuntamento de casas de tudo distante, nada havia ali que se ver e quem chegava tão logo partia; o que sobrava pra ele, tão novo, nessa terra de velhos? O pai deu-lhe razão mas recomendou cuidado, “você é só um garoto crescido” disse, “e o mundo tem suas armadilhas”. A esse pai de doce coração abraçou, tomou a benção à mãe, que o conchegou ao peito disfarçando uma água que principiava a vazar dos olhos, e não partiu em antes de procurar outra vez nhô Viriato, estar com ele, que de conselhos também dispunha mode encarecer um melhor encaminhamento — muito respeito tinha Mariano desde sempre pelo velho, e escutou sua fala, que proveio dum certo calado meditar, depois do qual, do seu canto de fogão, coçando a carapinha nevada, prolatou: “Lá fora há lonjuras, menino Mariano, e vassuncê bota-se a se empenhar por elas. Não faz mal, com acerto vai, mas tem de ponhar tento num porém: dessas lonjuras não sucede experiência que baste, mas dentro do coração dum vivente sobram lonjuras maiores, profundidades, que se requer percorrer com tino mais dilatado, perigoso mergulho. As duas estão sempre emparelhadas, desconhecidas que são podem ter seus assombros, é de não se maginar os perigos que contêm, mas de tudo o homem deve conhecer inda que com riscos...”, e calou-se, coçando a cabeça baixa. Mariano esperou se havia mais, nhô Viriato costumava calar-se assim e estar, depois é que surgia

um novo dizer. A cara miúda e cinzenta se levantou, dois olhinhos fundos cravaram-se no rapaz, não denunciavam tristeza nem preocupação: graves, sorriam e eram sérios ao mesmo tempo. “Mas o menino tem uma luz, abertos caminhos, não é preciso medrar...” e mais uma vez pausou. Por fim: “Que o menino vai, mas volta... eu sei que volta... cá eu sei dessas coisas, também já tive meus tempos... o mundo também me convidou... mas eu ficava lá? Que nada, a casa dos meus velhos sempre de portas abertas me esperando... Eu ia mas voltava. O menino vai, depois vem, depois vai de novo, as larguezas lá de fora são muitas e por mais que se ande nelas sempre falta mais que andar... também trazem cansaço, uma vontade de um repouso mais a jeito, e a fala mansa de uma mãe, a firmeza de um pai, a família por fim, tudo isso tem seu poder na nossa vontade. Esse preto amigo também vai esperar”. E estendeu a mão ao moço: Mariano apertou a mão do preto, saiu do barraco e foi à vida.

O peão não se susteve: Poço Fundo, Sant’Antônio do Brejo, Lajinha... andanças. Escapando dos lugarejos, procurou a cidade – as cidades, Rio Belo, Águas Claras, Monte Alto – mode conhecer, sentiu um tanto de assombro com a montoeira de gente, o desconhecimento, pois lhe pareceu que ali conhecer não era o caso: quem o sabia, a ele, o peão Mariano? Um desconhecido, não mais; naqueles lugares perdia-se, de muito longe viera para estar... adonde? Adonde nem gente se sentia, um miúdo sujo e maltrapilho conforme chegara e conforme ia sair. Suficiente experiência: permanecer além do necessário mais que não ser de seu gosto, porventura configurava desvio de mente, “maluquice” resmuninhou num retraído encolher-se enquanto espiava as donas passando com seus grandes vestidos, os cavalheiros impados, o povaréu... Retornou. Nesse tempo Poço Fundo acanhava-se em feitio de arruamento, povoado despromissor, que lhe foi de agrado: o sossego tinha seus encantos, e Mariano tardou, esteve muito tempo, ano ou mais, no campeão. Mas um dia, segundo seu ritmo, montou a cavalo e partiu: era a comichão do desassossego que o obrigava.

Tudo andou? Decerto que nem tudo pois cada vez mais comprovou o dito de nhô Viriato: das lonjuras do mundo um cristão não colhe experiência que baste, e no deitar-se à noite, em antes de fechar os olhos, procedendo viagem por dentro de si mesmo descobria outras vastidões, mundo que ele não conhecia – um de parelha com o outro: qual o maior?

Nesse correr, de menino converteu-se em homem, uma barba aloirada lhe recobria a face, o bigode se lhe juntava, e no sorrir expunham-se uns dentes que a natureza lhe dera sem defeitos; os olhos tinham uns azulados longes, mais o cinzento do olho dos gatos, e o cabelo, de parelha com a barba, fechava-se num doirado castanho, de longe viam-se mechas cor de ouro; o rosto do peão Mariano era guarnecido de uma beleza selvagem que fazia as moças espiarem duas vezes pra ele, e sua fala acontecia

soar com segurança, desprovida porém dessas brutezas que enfeiam a voz e a pessoa que pronuncia. Mariano apreciava baile, dançava bem e punha gosto em sentir o cheiro das moças no desenrolar de uma valsa; num ahegamento maior, no transcurso duma toada manhosa que falava de amores, não poupava um beijinho roubado não com excessivo esforço. Podia inté sair-se com alguma promessa, uma jura apressada de retornar, um sortilégio mode angariar novo beijo: porém sucedia com ele uma coisa engraçada que era não 'panhar rabicho por moça nenhuma, dando-se também que por ele as moças não se enfeitiçavam: gosto em espiar sua figura bonita havia, se assanhavam no sentir-lhe a mão forte na delas, mas ia indo, ia indo, a coisa se despia de firmeza e cada qual acabava casando com outro enquanto ele permanecia sozinho. Mariano decorreu seus anos mais novos assim, sem pouso estabelecido, sem amor no coração por nenhuma donzela, sem donzela que também por ele 'garrasse de amor.

Sentia-se solitário com isso? Calcula-se que sim — mas a bem da verdade, requer-se saber primeiro o que é sentir-se solitário um homem. Ele tem agora trinta anos de idade, portanto faz quinze que deixou a casa de pai e mãe mode aventurar-se. Aventurou-se, e continuava: regressou vezes diversas no cumprimento do dever — tomar a benção, respeitoso; quando ia em casa levava agrado para a mãe, um corte de tecido, um lenço pro cabelo, ou um chapéu novo para o pai, permanecia com eles uns dias, semana ou mais; visitando nhô Viriato em seu casebre proseavam, e Mariano punha atenção no arrazoado do velho, seus bonitos dizeres. Por fim despedia-se, de novo abraçava os pais, ia-se. Quinze anos transcorreu nesse ritmo. Fez amigos por onde passou, no mais das vezes rodeava-se de camaradas, o campo é vasto mas sempre se encontra com quem trocar idéias, mais ainda quando se é muito conhecido; não fez amores, não amou, não parecia por enquanto fazer-lhe falta. Pai e mãe guardavam cuidados, por último em suas visitas a casa eles traziam à baila a idéia de ver o filho compromissado com alguma moça de boa família, “um homem tem de ter seu lar, uma esposa” dizia sentencioso o pai; ele ouvia, meditava sem retrucar — pai estava certo, casar-se era natural e ele já tinha idade, mas um dia nhô Viriato almoçava com eles e escutando a recomendação mastigou, engoliu, raspou a garganta, “todo homem tem seu destino” disse; pai e mãe prestaram atenção, respeitavam muito o preto, “uns casam mais cedo, outros mais tarde, se é da vontade de Deus disso não escapam”, pausou e prolongou um pensar, dilatou-se por aí enquanto mexia a comida no prato com a colher de alumínio, “mas pr'alguns Deus não concede a graça de uma esposa... deu-se comigo assim, esposa não tive...”; nhô Viriato susteve um tremura na voz — aquilo lhe dóia? Quem sabe! E depois: “O menino inda é novo, se tiver de se casar, a noiva dele está reservada por Deus, que de todos os destinos tem sabimento”. Pai respeitava a sabedoria de

nhô Viriato, moveu a cabeça concordativo, mode porém falar por último arrematou, num tom mais baixo de voz: “Mas convém procurar um pouco... ter empenho...” Mãe suspirou, suspirou...

Do dito conclui-se que Mariano se sentia só? Inda não será suficiente para qualquer conclusão. Só no transcorrer da história pode-se ir investigando as coisas, nem tudo se diz de uma vez só quando muito há para ser dito: o rio é grande, de que modo seu extenso correr caberia na pequenura duma lagoa?

Mas essa solidão quem sabe não lhe fazia parte do viver? Nhô Viriato tinha dito isso uma vez: há no mundo homens que tem por sina serem sozinhos, “desígnio lá de cima” dizia mexendo a cabeça branca, e completava “Ele tudo sabe”. Peão Mariano não se ressentia de todo, e de seu costume vezes diversas fizera como agora: botara-se na extensa solidude do sertão — para ver até onde ia? Para conhecer os segredos do silêncio? Qualquer lugar é sempre igual de noite, as estrelas lá estão, as mesmas, todas.

Mariano tinha ido parar em Santa Cruz da Serra pela primeira vez naquele ano. Santa Cruz da Serra supria-se duma capela e uma meia dúzia (ou dúzia e meia) de casas no em-volta, mais não avultando, gente não se via nem se escutava a não ser alguma dona que ao ouvir o tropel do animal punha a cara no janelo mode ver quem vinha; dando com o desconhecido, sumia-se de novo pra dentro, Mariano constatou esse proceder duas vezes, três; num que noutro terreiro, alguma criança ficava espiando comprido pra ele, algum velho quentando sol em sua velhice última nem se arredava, via-o passar? Lá se sabe, talvez não notassem — velhos se esquecem. “Esses recantos...” passou pela cabeça do peão no transitar a cavalo entre as casinhas, e no não concluir do pensamento produzia-se uma filosofia sem palavras: que o mundo em sua vastidão estava povoado, e tendo lembrança de sua passagem pelas tumultuárias cidades pasmava às vezes com tais diferenças: lá uma multidão espremendo-se num palmo de terra, aqui as larguezas todas quase vazias, “mas” por fim acertava “um homem não ocupa mais que o espaço dos seus pés”, e mais profundo suspiro trouxe um pensar derradeiro em antes de sair do povoado: “o mundo é uma ilusão”. Desse suspiro pode-se começar a fazer alguma idéia do deserto que lhe ia por dentro, no quieto coração. Inda é cedo pra se ter qualquer certeza, nhô Viriato costuma dizer que no homem o saber nunca é definitivo; mas já se pode conhecer melhor o que se passava em seus esconsos: peão Mariano, sem mesmo desconfiar, vivia de uma procura. Do quê? Quem sabe!... E acaso encontraria? Deus responda!

Saindo do povoado, o que se lhe deparou foi mais uma vez o sertão vazio, o silêncio cheio de segredos, a derrota incerta nesses trilhos que se sumiam e apareciam, intermitências, e ele foi-se afundando na

lonjura dos morros, sobe e desce, e vai e avança, e pára para dormir, e acorda e prossegue caminho... Por fim localizou esse risco cortando os morros, um risco que tinha jeito de antigüidade, provecto existir — uma estrada, talvez, de suficiente largura mode transitar uma charrete, uma carroça; surgira do nada, dum matagal que ele dificultoso tinha cruzado, no atravessar um brejo adonde quase se afundaram em sumidouro ele e o tordilho; dera com ela aos poucos, em lugares mais fechada em mato, noutros mais visível, depois de um prosseguir alongado não teve mais dúvida: noutros tempos aquilo fora um caminho largo, demonstração de por ali ter havido casas, moradias, alguma vila ou povoação maior. Esse risco perseguindo chegou naquele lugar de muita formosura adonde se deparou com antigos alicerces, com uma derradeira parede de capela, o gesso carcomido duma santa.

Mariano avançava polo risco, dum lado e do outro suspendiam-se árvores, ele nem se dando conta em seus cismares de por onde seguia, apenas ia olhando não para fora mas para dentro de si mesmo — quem sabe cavalgava essas vastidões de que nhô Viriato tinha lhe falado aquela vez? No a-passo do tordilho não se abalava, do alto das copas caíam direto sobre a relva furando a folhagem as setas do sol — mas nem bem progredira cinqüenta passos desde ter recuperado o caminho, esse risco entre árvores, Mariano viu — de começo sem ver, depois prestando mais atenção inté definitivo emergir de dentro de si mesmo; viu, mas não sabia o que era, inda que fosse uma coisa muito simples: uma pedra despon-tando do chão não soía produzir desassossego em ninguém, e Mariano decerto nem teria visto nada se o tordilho não fizesse uma meia parada mode abocanhar um tufo de capim. A pedra chamou atenção do cavalei-ro? Brotava dentre umas moitas mais baixas — pedra porém provida de alguns particulares, e neles o peão atentou, curioso susteve o tordilho e ficou olhando: uma laje da largura de uns três palmos e da grossura duns dez dedos, chata em semelhança de ter sido por mão de homem lavrada a cinzel, media menos de metro pra fora do chão, mas decerto no todo seria maior, e arredondava nos cantos de cima. O peão curvou-se, espre-meu os olhos, não se conteve e apeou: via ali uns sinais, “letras?” contris-tou-se do abecedário esquecido; mas do abecedário não carecia mode entender um corte maior, pelo meio, bem entalhada cruz, e não lhe res-tou mais qualquer dúvida: a pedra — uma lápide; alguém estava enterrado naquele lugar, indicava-o a cruz; por baixo dela, quem soubesse ler dis-cerniria por certo o nome do falecido.

Mariano perguntou-se “quem seria?”. Podia ele saber que essa per-gunta faria parte de sua vida, de então para sempre?

Coronel Pantaleão Valadares era um homem que apreciava a gozada brincadeira, a chalaça divertida, improvisava graças e primeiro que os outros ria-se a bom rir. Supô-lo não calhava, um tanto desconhecendo-o, a carregar fundas tristezas: a vida lhe concedera vastas posses, o coração se recheara de maldade, o destino lhe dilatara os dias amargos.

Que sofrimentos lhe espinhavam o viver?

Coronel ultimamente dormia tarde: já a Macambira progredia no ressonar; se tinha lua, já navegava avançado céu, princípio de madrugada, mas o coronel tardava ainda no alpendre dos fundos, o corpo enorme largado na poltrona, a respiração arfante dos últimos tempos, em abissal contemplação. O vulto do homem avistava-se derreado ali o mais das vezes, o paletó claro, branco, o chapeuzinho de palha desabado, o braço direito estendido para diante – por apoio uma bengala de ipê retorcido –, calhava fumar algum cigarro de palha, a fumaça vagarenta no ar imóvel, a brasinha avivando e morrendo, a espaços um raspar de garganta, áspero, o cuspinhar por cima do parapeito baixo – eco, às vezes, por longe, um latido de cão no mato, encovando.

Em ocasiões, soerguia-se com esforço, as pernas curtas suportando custoso o volume do corpo, manquejava dum mal do joelho; a bengala embaixo do braço, ia debruçar-se no parapeito e aí persistia sua vigília, o ausente sono em certas noites mais se ausentava, e não raro os primeiros cantares do galo ele os ouvia dali mesmo, do alpendre dos fundos. Já consultara doutor da cidade e curandeiro da roça mode angariar um descansado dormir, não que lhe custasse estar acordado, custava-lhe, isso sim, estar na presença de sua memória. Mas das medicinas não resultara melhor sono, e mesmo a santa de sua devoção parecia esquecer-se dele, deixá-lo em provação: haveria de ser por força de seus mal-feitos? Coronel Pantaleão obrara muitos, cumpria pena por eles, “a Santa não intercede, há que purgar até o fim” e então resignava-se – há muito resignara-se: por escolha aquele refúgio, o pequeno alpendre que sinhá Felícia mantinha sempre desimpedido, para enfrentar suas noites fantasmais.

Na sua juventude, Coronel conhecera a felicidade. Não foi de duração, mas quem pode saber se a felicidade encontrada há de durar muitos anos ou apenas um dia?

Conhecera a felicidade na pessoa duma donzela de muita boniteza que avistara certa noite de festa em Monte Alto, adonde mais uma rapaziada fora parar na procura de divertimento. Coronel tinha crescido ali na Macambira, filho único de seu pai, nhô Pantaleão velho, e ainda que de suas posses nada lhe faltasse, nhô Pantaleão velho muito estimava o filho

para negar-lhe o que fosse, que distração havia naquele meio de mato para um rapaz de boa presença? Serradinho era ainda menor naquela época, se hoje tinha uma igrejola, então não passava duma capela, uns casebres, alguma vez por ano um baile de sanfona pr'adonde se achegavam umas moças muito matutas, de minguadas graças, o moço Pantaleão nem se animando freqüentar. Monte Alto distava, viagem de dia e meio em lombo de animal passando por arruados tão sumidos no sertão que inté despertava susto encontrar gente em tais socavões, mas era uma cidade de porte, exibia aos visitantes seu casario assobradado, suas ruas e praças alumadas por lampiões, sua matriz de torre alevantada, um sino de bronze que volumoso repicava de ao longe se ouvir o badalar tinido. E o moço Pantaleão vez em quando — lá cabia dúvida? — empreendia viagem tal: não ia só, uma rapaziada — da Macambira mesmo, colonos que gozavam fruir a companhia do patrão em folgança — ia junto, por instrução do velho cuidar dele, assim sendo não só companheiros mas protetores, um moço rico carece de estar em segurança. Viagem delongada de monótono cansaço, empenhava-se nela na época das festas, quando a cidade mais se coloria, de mais luzes se enchendo e enchendo as vistas assombradas dos visitantes, e as donas apreciavam em seus vestidos mais garridos, plácidas navegavam pelas ruas empoeiradas reluzindo suas jóias, seus corpos recheados, os braços brancos e roliços que sobre-apareciam de encontro ao terno escuro de seus senhores, lá iam todos — a população — para o largo da igreja apreciar o leilão de gado, os jogos, vigiar as moças casadouras que por ali transitavam sua graciosa juventude. Mais tarde havia música: Monte Alto progredia naquela época, as festas animadas por banda de música, até tarde ouvindo-se dobrados, valsas, marchas, tudo mais, e fogos por fim, no fechamento, hora em que o povo se recolhia, ia-se recolhendo pouco a pouco, dava-se que a aurora principiava a despontar encontrando uns últimos remanescentes a pisar por ali, à espera de mais. Eram assim as festas que o moço Pantaleão não negligenciava e numa das quais encontraria a breve felicidade — de cuja brevidade, porém, não cogitava.

A donzela avistada por Pantaleão naquela noite de festa, que ainda hoje o coronel envelhecido relembra de olhos marejados, ali estava a passeio provida de outras paragens, pois a não ser uma dona que se lhe punha ao pé e duas moças do lugar com quem à frente seguia em animada conversa de meninas, não foi vista em qualquer outra companhia nem com mais ninguém entretendo-se, além do que o rapaz não guardava de sua pessoa nenhuma lembrança.

De súbito a avistara: virou-se donde estava e ela vinha, ria-se com as moças companheiras, no rastro a dona trazia sua seriedade na forma de um volume de gorduras, um ar fechado e na cabeceira do beijo um sombroso buço, por certo uma dama de companhia, sentinela e resguardo da menina

contra o querer feroz que ela, na inocência de suas prendas, acordava nos rapazes cobiçosos. Não seria a mais bela da festa? Quem sabe a mais bela da cidade? Não fosse, sê-lo-ia na opinião do moço Pantaleão, que o querer a tudo embeleza, pois, inda que a donzela fosse possuidora de ricos atrativos, maiores se tornavam a olhos apaixonados. Como pode alguém gostar assim, sobre repente, nunca tendo visto o objeto de seus amores, e vendo-o então, adquirir a perene certeza de haver encontrado sua definitiva querença, seu tesouro, sua completude? Que Pantaleão, no súbito virar-se e perceber a moça que com as outras mais a dona se aproximava, descortinou-lhe nos olhos esses mistérios que nome não possuem, nem explicação pois do contrário mistérios não seriam, esses olhos tão negros que por si bastavam, não fosse ainda o pretume dos cabelos que, longos, sobrecaíam o busto branco — mal entrevisto em honesto decote —, e o talhe, o corpo de formas delicadas que se podiam adivinhar no esconso do vestido claro de fina fazenda. O moço Pantaleão estacou vendo-a passar, já não escutava o que lhe diziam os companheiros mas ia-lhe no encalço com os olhos, ela que não dera por sua presença, que passara à sua frente rindo-se de qualquer graça dita pelas amigas, que agora ia longe agitando as mãozinhas e apontando para alguma coisa ou alguém.

Tanto por costume como por precisão, pois na noite seguinte a festa tinha prosseguimento e fim e o melhor seria por ali permanecer, o moço Pantaleão pernoitou na pousada duma gente conhecida, e por lá mesmo começou, de manhã, a informar-se, sem dar a entender suas intenções, porém indagando se havia aquele ano muita gente de fora na cidade. “Alguns” vagamente respondeu a dona da pousada enquanto punha a mesa para servir o hóspede, “este ano inté calha estar mais fraco que ano passado”, e como a notícia nada esclarecia o moço insistiu, que lhe parecia haver gente nova por ali, “deveras” dizia a mulher entrando com a bandeja, “todos os anos... mas de freguesia não está lá essas coisas”, o que não interessava, pois para um moço fígado por uns desconhecidos olhos que interesse podia haver na freguesia duma hospedagem? Então carecia de mais gente por ali? Para ele era como se o mundo inteiro nem falta nenhuma fizesse, estando aquela que em algum lugar estava, próxima, invisível por enquanto na manhã, mas que ele procuraria sem descanso — não se cansa quem pela primeira vez na vida se apaixonou.

O moço Pantaleão passeou pelas ruas, vazias, e no largo da igreja a maior parte das barraquinhas fechadas — ora, festa só de noite, dia afora apenas uns poucos transitam na falta de quefazer, e uns cachorros rabanando, no faro, atrás dos restos da véspera; o moço não deparou com aquela que esperava encontrar e a manhã avançou num galope, logo batendo o meio-dia. Mas ele teimou: podia ser que ela aparecesse ainda.

Não apareceu.

A tarde se fez quentura abafada, um sol de esturricar por aquele janeiro tempestivo, até os cachorros de rua procuravam uma sombra, o povo madornou, a cidade parecia esvaziada: gente só detrás dos balcões, raros fregueses, quase madornavam também. Pantaleão teve sono? Depois do almoço passeou mais, revirou de um lado para outro sem rumo, num atrevimento de desespero chegou mesmo a, vez por outra, espiar pra dentro das janelas abertas, mas não a viu. De volta à pousada resolveu tirar um cochilo, a moça decerto não apareceria mais àquela hora.

O coronel, nessas cismas noturnas, chegava quase a rever o rapaz que ele tinha sido; no fechar os olhos reaparecia, e aquela festa ainda se desenhava em sua memória não desprovida do alumiar das luzes e das cores todas, e mesmo os dobrados da banda de música talvez continuassem tocando — o tempo tem suas manhas, nem tudo ele desfaz, deixa uns vestígios, seus rastros — ou suas letras —, mode prazer e dor.

Dor e prazer no peito lembranças do coronel.

Pois na noite seguinte avistou de novo a donzela, e o vestido azul-claro que usava trazia um alvitre de esperança: não se conteve e achegou-se a ela.

De começo uma surpresa: a dona volumosa na retaguarda parou deitando ao afoito um reprovativo olhar, sem obstar porém o achego modo conhecê-lo bem, o filho de nhô Pantaleão velho não era um estranho, e suas posses abriam reservas. No prosseguimento, a moça conteve o respiro no não esperar da investida, tomou-lhe a figura por meio dos olhos grandes e espantados, a boca entreaberta na palavra não pronunciada, decerto frase incompleta e um começo de sorriso, atrás dela as duas meninas contendo risadinhas travessas e dilatando também seus olhares para o bonito rapaz.

Com cortesia requereu licença para lhe falar, “agradava-me ter uma prosa com a senhorinha, não sendo incômodo” disse, e ali mesmo prosaram, no em-volta o povo passando — nem a notá-los, exceto alguns outros, rapazes, com seu certo despeito por ver a moça de fora apanhada. Nessa prosa cheia dos embaraços primeiros, dos envergonhamentos da desintimidade, tudo seria assunto: a noite de lua minguante, vermelhosa, feito ‘foice sangrenta’, “credo, o moço tem umas lembranças!”; a festa, que se animava na hora do leilão, “a mais bonita prenda não pode ser leiloada”, “e se fosse?” uns olhos brincalhões e maldosos, “dava-se que ninguém faria lance mais alto que o meu”; a valsa tirada nos metais, “a senhorinha me concede a honra?”, e a honra foi concedida.

Quando regressou à casa no outro dia o moço Pantaleão levava de cor um nome, “Berenice”, a promessa duma cartinha com perfume de jasmim, “e então eu digo ao moço se ele pode visitar-me”, a esperança duma entrevista felicidade.

Pelos fins de março estavam noivos, no começo de junho casados.

A menina Berenice era uma alegria só. A Macambira, com sua presença, tornara-se outra, as salas pareciam mais claras, o canteiros mais floridos e perfumados, até nhô Pantaleão velho no sentir-se mais jovem esquecera-se da dor nas cadeiras, um tanto, que lá uma vez ou outra sobrevinha uma fígada, mas fraca, mas de má vontade, que dela não olvidasse de todo.

A alegria durou um ano.

“Estava escrito que eu não tinha direito a mais?” suspira o coronel debruçado no parapeito do alpendre, enquanto escuta bater no relógio da sala a hora tardia da madrugada.

Aquela fora uma noite terrível, e quando no quarto se escutou um vagido, já raiando o dia, o moço Pantaleão escondeu o rosto entre as mãos e chorou, enquanto nhô Pantaleão velho arrimando-se da bengala pôs-se de pé e esperou, meio recurvado, os olhos fixos na porta. Apareceu a parreira com uma trouxa nos braços. Vendo os dois ali na sala parou, na cara esse pavor submisso que fala em silêncio. Entregou ao moço o embrulho no qual se entevia uma carinha vermelha e gorducha. O moço contemplou o bebê com perplexidade, enquanto nhô Pantaleão velho interrogava com os olhos a mulher, que sem palavra baixou a cabeça, e fez que não, assim, balangando-a de um lado para outro.

Qual seria o mais acabado no fim daquele dia, quando pai e filho, de regresso do enterro da menina Berenice, entraram em casa? Nhô Pantaleão velho firmando-se na bengala encaminhou-se para o quarto, donde sairia muito pouco nos breves dias que lhe restavam; o moço Pantaleão deitou-se sozinho agora em sua cama e chorou, e por fim quando nem lágrima lhe restava esteve de olhos abertos nas horas longas, espiando o forro de madeira do teto, uma vela queimando, lenta, na mesinha de cabeceira até apagar-se. No escuro ele continuou de olhos abertos. Em que pensava? Sua mente tornara-se um deserto.

“Ela não podia mesmo viver” pensa Coronel Pantaleão no avançar das horas. Apruma-se. A ponta da bengala toca o assoalho.

“Não podia viver para testemunhar meus crimes”, e arrasta pesados os pés, a dor no joelho mais intensa a momentos, o imenso corpo alojado mais uma vez na poltrona, a cabeça reclinada para trás. Fechava os olhos, mas não tinha sono ainda.

Berenice porém deixara-lhe por obrigação o menino, que se converteu no miolo de sua existência, razão maior de seu viver. “Se minha Berenice já não estava comigo, uma coisa que era parte dela tinha ficado. Minha Berenice era boa demais pra me deixar sozinho”.

O menino – que Coronel viu crescer e formar-se homem, moço de seus brios, diferente do pai, de bom coração; o menino tinha por nome

Francisco, todos o chamavam de Francisquinho, o Francisquinho da Macambira, ou por outra o Francisquinho de nhô Pantaleão.

Mas Coronel, morto o pai nhô Pantaleão velho, viu-se, apesar do menino, acanhado na grandeza da Macambira: a casa supria-se de suas vastidões, muito grande fora construída por aqueles de antigamente, muitos quartos e salas e corredores e salões; as terras alargavam-se, estendiam-se as plantações, as pastagens, os currais, colonos e meeiros multiplicando-se na lida, numerosos. Ele, no meio disso tudo, via crescer seu menino Francisquinho sem um carinho materno, sem presença de irmão, inda que de meninos de sua idade não se visse privado, reinava com os outros, os filhos dos colonos, não se distinguia em soberba: era um a todos igual, não por ser o filho do coronel se tinha por melhor que os demais, no que o povo inteiro punha reparo, embevecido louvor, “o menino do Coronel” diziam mesmo Francisquinho já moço feito, “não empina o nariz, rapaz de ouro está ali”. Aqueles anos todos Coronel Pantaleão não cogitou tomar estado outra vez — inté que sobreveio a desgraça.

Sucedeu ter nascido na Macambira, de uma égua cinzenta com estrela branca na testa, por pai um jumento velho e por demais derruído, um burrico que no crescer foi-se mostrando cheio de vontades. Em idade de amansar, não amansou: lançou por terra o peão que lhe quis pôr manta e cangalha, e um outro que no mesmo intento dele se aproximou teve um parecido fim, um tanto mais agravoso, que da tentativa saiu-se com um braço quebrado em queda mal caída. Vigiou Coronel Pantaleão com agrado e interesse o burrinho, acinzentado feito a mãe, lá possuía na testa a mesma estrela branca: e no correr dos dias não poucos peões, amansadores de renome, fosse da Macambira, de Serradinho e inté de mais longe, apresentavam-se mode tentar domá-lo, no que um por um depunha as armas, escalavrados de tombos — nenhum se sustinha em cima do burro e já se tornara costume ver um peão sacudido no lombo de tão miúdo animal, ágil e veloz, e dum corcovo inesperado ser atirado para cima e estender-se na terra.

Também por essa época duas novidades se preparavam na fazenda e na vida de Coronel Pantaleão: uma, uns festivais de rodeio que depois ficaram famosos naquela época e por muitas lonjuras. Devoto da Virgem, Coronel vinha desde uns tempos alvitando promover em sua propriedade um festival assim inté botar em prática sua atinação: principiavam, num domingo de prévia escolha, com uma missa de devoção e louvor, na capela da fazenda, e se seguiam as provas. Já não aparecia apenas a gente matuta das redondezas ou de Serradinho como para as simples missas ocasionais que a seu pedido padre Porfirio rezava, mas vinham também da cidade amigos e parentela, ali se hospedando aqueles dias para gozarem a folgança, apreciarem as lides: por meio de seus emissários Coronel distanciava a

notícia do festival e, assim informados, de longe provinham peões de toda sorte e fama mostrar suas proezas de laço, apartação, montaria e outras que acaso houvesse — competições: para os vencedores sempre um ambicionado prêmio, pois coronel tirava do cofre polpudos dinheiros que sem enxergar distribuía, aos perdedores restando tão só, e de certo modo não menor, o consolo dum divertimento, uns dias de folga e algum namoro (mesmo os peões, dos reles aos melhores pela fazenda acampavam, em paióis e outros depósitos por serem gente baixa, durante aqueles dez ou quinze dias, a duração da festa com suas fartas comidas e muitos lazeres — muitos gastos, coronel podia, prazia-lhe, e tal que se empenhava em sempre renovar). A partir do primeiro, esses festivais se repetiram às vezes com intervalo de dois a três anos, e foi um tempo em que a Macambira, sempre tão sombria, se enfeitava e enchia de luzes.

A novidade outra era uma sinhá-moça Felícia da qual se agradara o coronel, na qualidade de sua noiva e depois esposa, inda que bastante moça para um homem bem passado dos quarenta, porém cansado de estar só, a saber, não só de gente, pessoas à sua volta, mas de uma feminina presença que com ele pudesse compartilhar a responsabilidade da casa e a alegria dos lençóis, mesmo que por então coronel já se mostrasse bem fornido, arredondado, o corpo principiando por adquirir aqueles contornos dilatados que acabariam por tornar-se desconformes. A moça Felícia beirava os vinte e quatro anos e possuía atrativos: uns cabelos compridos e pretos, da mesma forma como pretejavam seus olhos grandes, na alvura do rosto sobressaindo um rosado forte de boca bem apanhada, e embora não fosse muito alta passava por ter estatura no empinar o peito e amarrar os cabelos num penteado em feitio de coque no alto da cabeça que lhe fazia crescer palmo e meio, essa pelo menos a impressão que se tinha ao observá-la em seu caminhar pausado e sereno, em seu olhar que parecia vir de cima, no suave baixar de cabeça e olhos que lhe ditava sua natural modéstia. Felícia vivia há poucos meses em Serradinho, mas duma família antiga que viera de fora e cujas posses, noutros tempos vultosas, haviam escasseado a ponto de obrigá-los a recolher-se naquele fim de mundo, último recanto a que teriam direito: ali possuíam seu derradeiro patrimônio, uns alqueires de terra, uma casa senhorial, uns restos de prosápia — quase nada, o sem-brilho duma injuntiva falência.

Um dia o dono da Macambira espiou que passava na rua e entrava no armazém aquela moça novata no povoado, como que perdida nesse triste lugar, e, inda que de sua doce menina Berenice não esquecido, sentiu o coração suspirar por alguém que o provesse de alguma alegria — sem contudo suplantar a lembrança da outra. Nesse dia, ou noutro que fosse, sinhá Felícia teria avistado aquele homem gordo, desprovido de elegância mas dono de vasto cabedal (do que já ouvira comentário), a quem talvez

não pudesse amar mas sentindo-se capaz de esposá-lo e respeitá-lo conforme o preceituado pelos homens e pela Igreja, não hesitando em mostrar-se receptiva à sua aproximação nem recusando o pedido que se seguiu e o matrimônio que quase de imediato se celebrou. Deu-se tudo tão rápido — chegar no povoado, conhecer o dono da Macambira e casar-se com ele — que não falece cabimento investigar o que leva uma mulher jovem e bela a aceitar por marido um homem bem mais velho e sem qualquer atrativo, questão cuja resposta só encontraremos no que lhe escutarmos a voz, adentrando seu pensamento feito trepadeira que se vai enroscando no tronco e vasculhando o segredo das árvores. Por enquanto não é hora.

Foi porém naquele mesmo ano que o moço Francisquinho resolveu montar o burrico indomável e sofreu, ao cair da sela — assombrosa tragédia —, despachado pelo animal um coice na cabeça!

Inda se tentou acudir o rapaz. Coronel, que desconhecia a intenção do filho, avisado ocorreu, não lhe obstando em similar situação a desconformidade do corpo nem as dores do joelho. Na varanda já deitavam Francisquinho com a cabeça estrondada, uma risca de sangue descendo-lhe pelo canto da boca, e no que o pai se ajoelhou ao seu lado os olhos do moço vidraram.

Estava morto.

Eram começos de agosto.

Um mês antes ele havia pedido a mão de Felícia; um mês depois, sem desvestir o luto, casou-se, celebrada a cerimônia por padre Porfírio na capela da fazenda sem qualquer festividade, apenas um jantar para os mais chegados, cedo cada um indo-se embora e deixando na vastidão da casa silenciosa e tristonha uns noivos com poucas palavras e escassa alegria.

Permaneceram os meses seguintes em casa. Inté emagrecer coronel emagreceu, à roda dos olhos vermelhosos e fundos a marca escura do choro prolongado, da dor, as feições no desvanecimento duma palidez mortíça, os ombros descaídos e o andar lento pela casa vazia figuravam uma impressão de fantasma, alma penada, a barba do desgosto preteando metade da cara. Sem pausa pitava seu cigarrão de palha, a catinga do fumo de rolo recendendo longe, a casa grande da Macambira impregnada desse cheiro que por muitos anos lembraria morte e sofrimento — desamparo. Mas no ano entrante, por instância da mulher, Coronel resolveu-se a uma viagem, passariam uns tempos na cidade, “o senhor meu marido carece duns ares, senão adoce, e eu também aprecio o movimento”. Partiram. Estiveram fora mais de um mês, menos de dois, andaram de um lado para outro, viram uma coisa e outra, conheceram gente que não tardariam a esquecer, o mundo para Coronel Pantaleão não possuía graça alguma, parecia tão vasto que lhe dava medo de perder-se e não achar outra vez o caminho de volta. Enjoavam-lhe as refeições nos hotéis, nos restaurantes,

onde à sua frente sinhá Felícia contemplava o cardápio procurando animá-lo com algum comentário sobre as iguarias, e olhando em volta deparava só um povo estranho que não o via ali e a quem ele mesmo via sem enxergar bem, umas sombras aquelas, só isso, umas sombras, uns vestidos de mulher feito manchas coloridas mal discernidas, uns ternos de homem que lembravam velório, uma angústia só. Enjoavam-lhe também os passeios: as ruas apinhadas, o vozerio que parecia dissolver-se à sua volta numa sonoridade confusa, o despropósito de todo aquele empilhamento de casas, umas em riba das outras, “isso tudo é um destempero, Felícia”, “o que é um destempero, senhor meu marido?”, “isso tudo...” e fazia um gesto indicando o povaréu, os prédios, as carroças, charretes, coches tirados por cavalos, a poeira que subia, o murmurinho. Agoniavam-no as noites estrangeiras: longe da Macambira adonde velavam a sempre lembrada Berenice e o moço Francisquinho, as noites, se bem que não tão escuras, que os lampiões da rua varavam com sua claridade miúda, tinham o condão de produzir um nó em sua garganta, como se de repente se visse na beira dum abismo, despenhadeiro, espindo lá para baixo donde brotavam uns braços muito lívidos de mãos enormes e dedos afilados que o queriam arrastar para o fundo. “Deitar nessas camas desconhecidas, Felícia, tem a semelhança de despenhar-me num profundo buraco”, de forma que aquele pouco mais de mês que fora da Macambira passou, em vez de distrair Coronel e alegrá-lo mais e mais o afligiu, até que sinhá Felícia, resignada, consentiu em voltar.

Voltaram. A Macambira lá esperava por eles, vazia, medonha cata-tumba.

A vida de Coronel Pantaleão desfizera-se. Porém, com o correr dos dias e semanas veio entrando nos eixos pelo costume, a necessidade de cuidar das roças e do gado, inda que possuísse bom capataz não podia descurar da administração, e se por dentro a dor ainda lhe roía, por fora animava-se, ganhava cores, o escurejamento em derredor das vistas desaparecendo. Uma atenção nova requeria mais dele agora: sinhá Felícia, que tardara um pouco, por fim em estado interessante passava os dias produzindo enxoval: quantos sapatinhos, touquinhas e capotinhos de lã teceu naqueles meses, que enfiada de cueiros e fraldas preparou, e mais, camisolinhas, babadores, lençoizinhos, cobertores, pequeninas fronhas para minúsculos travesseiros, tudo miudamente bordado com sem similar perícia e adornado com rendas finas que recebia de fora por encomenda. Sinhá Felícia dia a dia mais pesada, as pernas inchavam, as mãos porém não cessavam de trabalhar.

Um dia, mais acertado será dizer certa madrugada, transcorrendo setembro escutou-se um choro no quarto, e de seguimento a parteira brotou à sala com qualquer coisa rosada e ainda suja de sangue nos braços,

exibindo-a a Coronel Pantaleão que, pela primeira vez desde muito tempo, gozava uma vera alegria: e sorriu-se ao ver a filha.

“Vai se chamar como ela” pensou, o coração aliviando-se como um peso que se lhe desmanchasse dentro da caixa do peito, “Berenice...”

Uma coruja cantou ali perto, nas laranjeiras, e Coronel abriu os olhos. Não, não dormira na cadeira, nem ao menos cochilara — apenas estivera de olhos fechados pensando, como todas as noites. Espiou o céu claro adonde a lua cheia descambava, “madrugada... como é tarde!”, e resolveu entrar. Não que fosse dormir ainda, o sono se lhe tornara avesso, pregando-lhe peças — quem sabe o sono não tinha lá umas vingativas inteligências e intentava acometê-lo de padecimentos nessas compridas vigílias madrugada adentro? O sono é um garoto levado — ou um velho perverso?

Que o sono traz o sonho, e este contar pretende dizer do sonho nevoeiro mais que da concreta realidade: os sonhos são um lugar à parte, que quem sonha vive como se, na sala de uma casa de várias portas para cômodos diversos, noutra porta entrasse de repente e se visse não num cômodo, mas num mundo estranho.

Coronel Pantaleão podia sonhar? Coronel não podia nem mesmo dormir direito, inda que para sonhar, às vezes até acordado se sonham, diferenciado, as dores, as agonias — mas as alegrias também, que não são concedidas.

— 4 —

Sinhá Felícia por último espiava dos cantos a filha, cuidando para não ser vista. Ninice parecia mudada desde a doença — aquela febre que, deixando-a prostrada por mais de uma semana, quase a levava embora.

Sinhazinha já não seria a mesma menina de antes.

— Ela está diferente, Apolinária — comentava sinhá Felícia com a preta que, porém, inda que por si também desse com a mudança da menina, fazia por despreocupar a senhora. Respondia:

— Não parece, sinhá — e vindo para junto de sinhá vigiava de longe Ninice a passear no jardim. — Sinhazinha é assim mesmo... há de ser pela doença que a deixou combalida, sinhá não deve se assustar.

Mas sinhá Felícia não se deixava convencer.

— Ela está diferente, Pantaleão — ia dizer ao marido.

Coronel Pantaleão sungava a cabeça, empinando o queixo.

— Manias de moleca vadia — firmava a voz. Coronel, que sofrera o desespero durante a doença da filha, por quem se roía de amores, era homem de durezas. Com ninguém tratava macio. Dava-se que a dor não o dobrara de todo ainda? Quanto tem um vivente de sofrer mode o coração

humanizar-se? Coronel Pantaleão, fadado ao sofrimento, à perene dor, não se vergava, de nada valiam as vigílias, suas longas madrugadas.

— Pantaleão, é nossa filha. . .

— Deix'estar — retrucava —, deix'estar, que crescendo passa.

Sinhá Felícia estava sozinha. Sorradeira, punha-se a vigiar a filha: Ninice não era mais a mesma de antes.

Ninice abriu os olhos de madrugada livre de toda febre.

A mãe, sentada numa cadeira ao lado da cama, cochilava. Tinha as feições gastas pelo cansaço, pelas noites mal dormidas, as faces durante aqueles dias haviam emagrecido e perdido as cores, e mesmo que a preta Apolinária viesse ocupar seu lugar à cabeceira da doentinha, relutava em deixar o quarto, queria estar junto à filha no que ela carecesse de uma qualquer coisa, e só saía quando já não se sustinha de pé.

Mas naquela madrugada Ninice abriu os olhos, as vidraças pegavam embaçar da luz branquicenta da manhã que evinha, e em riba da mesa de cabeceira uma vela chamejava, fraca deitando luz e sombra, mais sombra que luz, no aposento largo; e abrindo os olhos espiou em volta, estranhativa; reconheceu a mãe que cochilava na cadeira ao lado e, apoiando-se nos cotovelos, soergueu o corpo:

— Mamãe — disse, quase que nem ela mesma escutando a própria voz, e sentindo a fraqueza que lhe aluía o corpo deixou-se cair de novo na cama, os olhos espiando para o teto.

A mãe não acordou.

Suspirou.

O que havia acontecido? Que é que sinhá Felícia estava fazendo ali? Por que é que se sentia tão enfraquecida, que nem soerguer-se conseguia?

“Que horas devem ser?”

— Mamãe — disse de novo, a voz um pouco mais clara, ainda insuficiente para tirar sinhá de seu pesado sono. O excessivo cansaço solapa a mais atenta sentinela.

Sinhazinha, doutro esforço, firmou-se de novo nos cotovelos, subiu um pouco mais e sentou-se na cama. Devagar afastou as cobertas, moveu-se: para levantar-se, feito se de boa saúde gozasse? Ninice por esse lado puxara o pai: se não lhe herdara as maldades do coração, era dona dessa pervicácia que, no então, a arredava da cama como que enfastiada do repouso, inda que decerto não soubesse por quanto tempo estivera recolhida — porém de intuição calculando que não pouco e por issourgia pôr-se de pé.

Com custo — que na tentativa de levantar-se sentiu-se tonta e se arriu na guarda da cama para não cair. Fechou os olhos esperando passar a tontura; a vidraça mais alvacentas agora aproximava a manhã — e Ninice,

segurando-se nas coisas, chegou-se até lá e esteve. Para fora, delongadamente vigiou. Fazia muito que ele não vinha — esse o pensamento que lhe ocorreu; que noite tão escura fora aquela que ele não pôde vir? Acaso não se sonha também no escuro, que as noites são escuras mas no sonho calha de umas vezes ser dia claro? Desde quanto tempo não sonhava? Ninice excogitou essas dificuldades: dormira uma longa noite sem sonhos ou não estivera ali mode vê-lo quando ele viesse? “Eu não estava aqui” concebeu, feito como se pudesse entender a doença, a febre a queimar-lhe durante tantos dias, o contínuo delirar de que não guardava memória, uma ausência, uma fuga involuntária, um muito longe lugar — brejo, pântano, nevoeiro — pr’adonde sem querer partiu, tão súbito se-perdimento, só agora estando de volta.

Teve um arrepio pelo corpo, uma bambeza que provinha do medo de ter ficado para sempre naquele lugar e nunca mais encontrar-se com o moço do sonho. Por que sentia a boca tão seca, como se tivesse uma sede terrível?

Em riba do móvel avistou um copo e a jarra d’água, estendeu a mão e sem querer virou o copo, que tiniu no tampo de jacarandá, tentou apanhar a jarra mas ela pesou, esforçou-se, suas fracas forças nenhum adjutório lhe valeram, sofreu uma tremura, os dedinhos débeis abriram-se, no chão espatifou-se a louça em pedacinhos — donde que sinhá Felícia, sobressaltada, por fim abriu os olhos.

— Ninice!...

Dum pulo já acudia, amparava a filha, conduzindo-a outra vez para a cama. Preta Apolinária escutando o barulho trazia-se lépida de volta ao quarto, o que acontecera? queria saber, e vendo os cacos esparramados pelo chão “sinhazinha cortou-se?” perguntou; não, pela graça de Deus fora só o susto, então preta Apolinária amarrou a cara, mãos nas cadeiras, “bonito, sinhazinha, pregando peça na gente!” e Ninice, acostumada àquelas zangas, riu-se da preta.

— Traga água para ela, Apolinária — pediu sinhá Felícia, mantendo-se à cabeceira. — E diga à menina de nhá Emerenciana que mais tarde já pode vir, será bom para Ninice divertir-se um pouco.

No almoço Ninice provou um caldo de galinha, fez cara feia, que lhe amargava a boca e não sentia o gosto da comida, “não apeteço”, mas preta Apolinária mais sinhá Felícia insistiam, “um caldinho tão bom, sinhazinha, prova só” e com muito custo a doente aceitava uma colherada do caldo; requeria engrambelação mode fazer por donde a menina forrasse o estômago, “você sempre comeu tão bem, filha” dizia sinhá Felícia acarinhando-lhe os cabelos enquanto preta Apolinária suspendia outra vez a colher.

— Apois — disse preta Apolinária por fim —, antão não limpou o prato?... Ora, sinhazinha anda de dengos!...

No que, então, apareceu à porta a menina de nhá Emerenciana, uma Lurdinha magriça e despenteada com sardas no nariz e nas bochechas, cabelos cor de palha de milho, um ano mais velha que Ninice mas parecendo um ano menos. A Lurdinha não era feia, exibía uma certa graciosidade no sorrir, os bem cuidados dentes branquejavam, mas não possuía boas roupas, que nhá Emerenciana, viúva, laborava na Macambira em muitos quefazeres e tinha mais três meninos menores que cuidar — donde que a Lurdinha aparecia com um vestidozinho velho de chita que lhe ia pelas canelas, cerzido nos esgarçados da fazenda surrada: quantos cerzidos tinha o vestido da Lurdinha? Sem conta, “esse pano já foi fabricado assim” dizia Coronel, caçador, quando calhava gracejar com criança, o que não tinha por costume mode não produzir desrespeito. De sair quase nenhuma roupa de primeiro não possuía. Vendo aquela pobreza foi que sinhá Felícia, duns tempos para cá, pensou em melhor cuidar da Lurdinha, que se fizera amiga de Ninice e com quem vinha brincar. No último Natal dera-lhe alguma roupa branca, um quase enxovalzinho, e roupas de cima, que nhá Emerenciana agradeceu com água nos olhos, uma santa sinhá Felícia, dela ninguém falaria mal em sua presença, porém Lurdinha só recebia licença de usar roupa boa em dia de missa na capela, ou de algum festejo em Ser-radinho. Sinhá Felícia aprovativa “quem poupa sempre tem” dizia, inda que ela formasse tenção de, daí por diante, prover a Lurdinha e os pequenos de suas mais prementes carências.

A Lurdinha não crescera na Macambira, nhá Emerenciana provinha de fora, doutra longe paragem, depois de viubar. Quando apareceu por ali, trouxa vasta na cabeça e atrás de si e apegadas às suas saias as quatro crianças, requereu de Coronel Pantaleão um pouso e uma lida, “um rancho adonde estar, coroné, não se apoquente... não meço esforço na lida”, e o homem com suas rotundidades firmou naquela mulher maltrapilha os olhos miúdos que quase se sumiam em bolsas, e expelindo uma demorada fumaça, ia-lhe entre os dedos o fumo de rolo pelo meio, indagou:

— Apois, mode quê, sinhá dona, traz vossemecê por cá sua presença, arredada de seu lugar?

No que nhá Emerenciana, arriando no chão a trouxa — pano rústico de saco, terroso, indelével encardimento, que embrulhava tralhas de outros panos últimos na exposta miséria — explicou: não era por qualquer malfeito, adonde inté então assistira todos lhe prezavam os bons costumes, mas por fundo desgosto, “que meu companheiro faltou, nhô coroné, assim duma mordida de cobra malina, espia só, nhô coroné, que a bicha mordeu ele de manhã, e tão perversa era que meio-dia estava morto, por isso vim, pelo mundo saí, andei dias”. Compadeceu-se Coronel da mulher? Compa-

decimento não era qualidade que enfeitasse esse homem de rochoso coração, mas na Macambira sobrava lá pros lados do moinho velho, moinho que nhô Pantaleão seu pai mandara levantar em tempos antigos mas do qual permaneciam apenas umas paredes de pedra, uma casinha mal conservada e sem moradores, calculando ainda o coronel que a dona podia ser de serventia pra sinhá Felícia — do que inquiriu se ela conhecia artes de costura, “sei lidar, coroné, no que for de dentro de casa, e também na roça” e exibiu as mãos calosas. Coronel Pantaleão chamou então seu capataz, um mal encarado que na Macambira já fazia quantos anos, homem a ostentar na cara uma risca de faca que descia da altura da sobrancelha direita até, enviesando-se, o pé da orelha, e que por desábito, quem sabe por praga rogada, ria-se rara vez ou nunca:

— Graciano — inquiriu —, a casa perto do moinho velho inda resta soerguida?

— Requer uns consertos, coroné — disse o homem com seu jeito demorado de falar, a voz surda, sumida pra dentro do peito, que saía como que custosa.

— Pois providencie o que for de urgência, encaminhe para lá essa dona co’as crianças. Depois vai-se ver adonde suas ocupações. Por ora é acomodar-se.

Pra lá dirigiu Graciano a dona e as crianças, um largo arredado da sede, seguia-se um trilho cortando a mata, cruzando o rio, descendo despenhada encosta. Indicou a casa: suas paredes de pau a pique, sua coberta de telha encanoada, as acanhadas janelas, o derredor matagal. Nhá Emerenciana se achegou, adentrou mais os pequenos, nada ali não havia: um fogão de lenha num recanto da cozinha negra, fuligenta, uma tábua encravada na parede no feitio de prateleira; no quarto único nem cama, nem tarimba, e no cômodo maior, que valia por uma sala, um amontoado de ripas, só o que além da sujeira se via. Porém nhá Emerenciana agradecia a Deus, em primeiro lugar, e de seguimento a Coronel Pantaleão, que ali estava um abrigo do mau tempo, e o mais com esforço ia se ajeitando. Graciano produziu sua fala pouca, custosa:

— Apois, sinhá dona, o pouso é este. Mando por cá um preto, mode adjutório na arrumação.

Já se arretirava, o passo certo, sem pressa nem vagar, mas retrocedeu indagação, virando-se para a mulher e as crianças, que espiavam meio pasmas sua figura graúda:

— Sinhá dona decerto também labora...

Pois não laborava? Confirmou, e pra mode uma facilitação do serviço requeria quando muito qualquer ferramenta, uma gasta enxada, que nova para o que fosse não carecia — amolar de novo nhô coroné com exigência? Descabimento, que não! Um ferro qualquer, enxadoca, lâmina de

foice que com pedra do chão ela afiava de rebrilhar, “sim, senhor, laboro com a graça de Deus e a força que ele por misericórdia me conceder”.

Um preto, o Leocádio, por lá apareceu mais tarde, nhá Emerenciana já ajeitava sua vida — com vassoura de alecrim já livrara os cômodos da sujeira do chão, do picumã das paredes e ripas do telhado —, as crianças espiavam, faziam uma que outra miudeza, mão de obra porém de menor valia, que a mais velha sendo a Lurdinha raspava os nove anos, na parecência seis. O Leocádio munia-se de enxada, obrou no limpar o mato de em volta mode espantar cobra que por ali pousasse, mas nhá Emerenciana requereu a ferramenta, “que na capina eu lido, seu moço, se calhar é de mais utilidade espiar o telhado, que pra subir em altura por ora estou imprestável, não sendo má vontade: é pro mode um inchaço aqui no osso-dovintém, ó, calha de ser um reumatismo mode friagem ou muito caminhar, que torção não foi”. Nhá Emerenciana soía ser mulher de muito boa mão, sem muito esforço proveu a morada de uma tarimba larga mode dormir mais o meninos, uma fofura de capim menos verde recolhido por ali nas beiras forrava as ripas aproveitadas, por em riba o recobrimento de um pano, acaso o mesmo que embrulhava a trouxa?, outro?, um pano de igual encardimento, outro ou o mesmo, traparia similar, importava um macio dormir, repouso necessário depois de tão longo estirão. O Leocádio lhe valeu ainda no conserto do fogão, mas como nhá Emerenciana carecesse de vasilhame principal inda mais lhe valeu o preto fornecendo-lhe algum do seu, isso para os primeiros dias. “Depois inté sinhá Felícia lhe favorece” disse o preto, no que não se enganava. Com o correr do tempo a casa de nhá Emerenciana se proveu do necessário, um cômodo mais se ergueu mode maior comodidade, o chão recebeu camada de tabatinga e por fim inté uma demão de cal clareou de brancura os cômodos, uma brancura que ficava na pele da gente no se esbarrar p’las paredes.

A Lurdinha desde cedo amadrinhou mais sinhazinha Ninice, crianças as duas no inocente achegamento das afinidades, Lurdinha se espantava de uma menina tão bonita se agradar dela e requerer sua companhia nas brincadeiras. Nhá Emerenciana tencionou cortar a amizade por medo de não ser do agrado dos patrões, mas sinhá Felícia convidou a maltrapilha para tomar café com broa na cozinha da casa grande; arreceosa nhá Emerenciana espiou de longe, deixou — e as duas crianças se fizeram amigas.

Donde, pois, que na porta do quarto de Ninice apareceu Lurdinha com seu vestido surrado, na mão uma encardida boneca de pano que segurava por um dos esgarçados bracinhos, e ali esteve, espiando com curiosidade e susto para dentro intê preta Apolinária dar com sua presença e mandar que adentrasse, “se aproxegue, menina, sinhazinha carece dum agrado” e deu tapinhas na cara da Lurdinha, “fique ocê mais ela a prosear, que eu tenho quefazer mode dar conta” e com uma trouxa nos braços saiu, deixando as duas meninas sozinhas.

Mas a Lurdinha era de acanhamentos: é certo que visitara a doente durante aqueles dias, sempre porém com licença tão só dum breve permanecer junto dela, tendo depois de sair mode que sinhá Felícia não queria mais nenhuma criança doente em casa; por outra, tantas vezes já estivera no quarto de sinhazinha Ninice, intê pernoitando ali alguma ocasião, dormindo na mesma cama que ela, que nem cabiam essas reservas, mas no passar todos aqueles dias de alarme, e dada a nova circunstância de convalescente da amiguinha, era com certas vergonhas que aparecia, e de cabeça baixa se achegou mais pra perto.

– Sinhazinh’está melhor? – atirou, a voz surda, quase não se escutando a indagação. Mas Ninice era dona de seu sorriso, escorregou para o lado mode estar mais perto da amiga, viu a boneca.

– Você trouxe a bruxinha Didi – falou.

Lurdinha mostrou a boneca de pano. No aproximar-se dos treze anos teria ainda mais de criança que de moça, mas já deixava, no pouco-a-pouco, esses infantis brinquedos, nem via mais graça na bonequinha alcuinhada Didi.

– Bobagem – disse –, mode agradar sinhazinha... mas não tem mais graça...

– Ah, eu ainda gosto da bruxinha Didi – disse Ninice apanhando a bonequinha de pano e conchegando-a ao colo como um bebê. – Senta aqui, junto de mim.

– Sinhazinha teve o quê, esses dias todos de cama? – perguntou Lurdinha, quase sem olhar a outra, inda tomada por essa vergonha que custava ceder.

– Uma febre – Ninice respondeu –, mas eu mesma nem me lembro direito, dormi o tempo quase todo. Porém delirei, mamãe que contou, eu mesma de muito pouco me lembro... – e aconchegava a bruxinha ao seio, ninava-a, ria-se da brincadeira. Enviesada, Lurdinha cheia de encantamento e admiração pela amiga.

– Mãe andava num susto mode a doença de sinhazinha – disse. – Todo mundo, num susto só...

— Nhá Emerenciana esteve aqui também, comigo — Ninice respondeu —, mamãe falou. Você também veio me visitar...

— Vim — e tímida olhou Ninice nos olhos, sorriu-lhe. — Nhá Deolinda veio convidar pro casamento de sinhá-moça Lúcia Helena, não veio? — perguntou, pondo-se por fim mais à vontade.

— Veio. Foi naquele dia de noitinha que fiquei doente.

— Vai ser bonito o casamento de sinhá-moça Lúcia Helena.

Ninice não comentou. Agora largava no regaço a bruxinha Didi, tomada por seus pensamentos espiava além da janela: tão novinha, e tão cismativa.

— Você quer ir no casamento de sinhá-moça Lúcia Helena, Lurdinha? — perguntou, sem desviar os olhos da janela nem desfazer no rosto ainda um tanto pálido pela enfermidade aquele ar de inalcançável lonjura.

Mas a Lurdinha? Não respondeu, de cabeça baixa esgarçou mais um pedacinho do vestido. Se queria ir no casamento? Mas com que roupa? Porém não opôs esse empecilho, acudiu-lhe outra desculpa:

— É capaz que eu tenha de ficar em casa, mode ajudar mãe.

Ninice suspirou. As mãos inertes no regaço já não retinham a bonequinha de pano: espiava na direção da janela mas não para fora, por certo para dentro — para dentro de si mesma e de seus cogitares. Lurdinha notou e alarmou-se: curvou-se um pouco na direção da outra, tocou-lhe o ombro com a mão receosa:

— Sinhazinha Ninice...

Ninice não respondeu logo, desviou a vista das funduras que perquiria e encontrou os olhos da amiga, muito arregalados de susto.

— Vou lhe dar um vestido para você ir no casamento de Lúcia Helena — disse muito séria —, mas antes é preciso prometer segredo do que vou lhe contar.

— Eu guardo segredo, sinhazinha, vosmecê sabe que eu guardo.

Ninice baixou a voz:

— Eu conheci o rapaz com quem vou me casar.

Lurdinha, um pouco reclinada na direção da outra, retraiu-se, afastou-se um pouco — surpresa? Susto? Sinhazinha estava de brincadeiras?

— Sinhazinha está pensando em casar?! — exclamou, baixando também a voz para não ser ouvida além da porta do quarto. — Mas vosmecê não é muito nova?

— Ainda demora um pouco... não sei quando ele vem pedir a minha mão... só sei que há de ser esse que eu conheci...

— E sinhazinha sabe se ele tenciona casar com vosmecê?

— Ele ainda não me conhece... acho que ainda não sabe que eu o escolhi...

— Ah... e é um moço bonito?

— Eu não vi o rosto dele — diz Ninice —, mas cá por dentro estou certa de que é o rapaz mais bonito do mundo.

Lurdinha, no porém, fazia cara de espanto: então sinhazinha conhece um moço e garante que é o seu escolhido, mas diz que nem lhe avistou o rosto? Malucagem! Isso é coisa com que se atine? Coisa de quem não anda correto do juízo, “a febre” pensou Lurdinha olhando com piedade para a menina tão branca, tão sua amiga — a febre lhe cozinhou os miolos, coitadita!

— Eu não estou maluca, nem delirando — Ninice pareceu adivinhar o pensamento da outra por seu olhar fundo e espantado, e segurou-lhe o braço com firmeza. — Só estou lhe contando porque é minha amiga e prometeu guardar segredo.

— Eu prometi — e a Lurdinha baixa os olhos envergonhada de sua suspeita, se bem que persistisse suspeitando —, está prometido.

— Então me escuta sem duvidar e você vai entender.

Ainda de cabeça baixa Lurdinha fez que sim, e de seguimento soergueu os olhos ressabiados, encarando Ninice.

— Foi num sonho — Ninice falou, e Lurdinha mais soergueu o rosto, recuando o peito num supetão, certa de vez da leseira da menina. Ninice percebeu: — Você está duvidando de mim, Lurdinha!

— Não — protestou. Não, não duvidava, “juro por Deus” e beijou os dedinhos cruzados.

— Então vê se me escuta sem fazer essa cara — e relatou o que havia sonhado na véspera do dia em que ficara doente: o sonho no qual um moço muito garboso, chapéu branco tombado no rosto escondendo um tanto suas feições, vinha por um caminho em seu cavalo... — Ele vinha vindo devagar — continuou contando —, e então parou.

— Parou?

— Sim, sua boba, parou, puxou pela rédea do cavalo e parou, assim como se tivesse alguma coisa ali que lhe chamasse a atenção. Parou e ficou olhando para o meio do mato, por muito tempo.

— E depois?

— Daí o sonho se desfez... foi se desmanchando, sabe como? Ele e o cavalo foram sumindo, sumindo... e por fim não sei de mais nada. Acho que acordei.

— E pro modo quê sinhazinha excogita que um tal moço, visto só num sonho, é seu prometido? Eu nunca soube duma coisa assim!

— É justo por isso, sua boba, porque foi num sonho! Outro dia, um tempo antes de eu sonhar com ele, escutei minha mãe comentando à mesa, à hora do almoço, que os sonhos são avisos.

— Avisos de quê?

– Avisos de qualquer coisa, avisos... assim, feito carta que se recebe, mas carta a gente lê, sonho não. Com o tempo ele se cumpre.

– Será que todos os sonhos são avisos?

– Todos eu não sei, mas alguns é certo que são. Foi mamãe quem disse.

– Então mode que sinhazinha não pergunta pr’ela que é que quer dizer um sonho feito esse?

– Porque não posso contar pra ninguém, só pra você...

– Preta Apolinária não sabe?

– Eu falei pra ela, mas só por alto... já deve até ter se esquecido... e é bom mesmo que esqueça! Por enquanto... por enquanto só nós duas sabemos. E olhe: você prometeu guardar segredo.

Lurdinha fez cara séria, “prometido é prometido, sinhazinha” rebeijou os dedinhos cruzados. E disse, quase cochichando:

– Eu sei de uma gente que deve saber coisas de sonhos!...

Ninice agarrou o braço da outra: como podia dizer aquilo e ficar olhando-a com esse ar de mistério que a deixava nos nervos?

– Mas sinhazinha carece de ter de coragem mode ir inté lá... inda que obtenha o consentimento de sinhá Felícia e de nhô coronel...

– Fala logo, Lurdinha! – num cochicho, tomada de impaciência, sinhazinha quase gritou.

– Nh’Argemira, no Cafundó da Ema.

Ninice abriu muito os olhos e a boca, de seguida recolheu-se um pouco, sem deixar de encarar a outra. O Cafundó da Ema, aquela biboca, de tão longe só a cavalo e com um preto mode acompanhamento, inda por cima mal-assombrada, o povo garantia os assombramentos do lugar!, nunca que Coronel Pantaleão permitiria que sua sinhazinha andasse por lá. Inda mais em casa de quem! Nh’Argemira velha, de quem se dizia feiticeira tihosa, de seus malefícios correndo fama antiga, inté Coronel tinha seus pavores e não mexia com ela, inda que se acomodasse em propriedade sua, “num recanto” dizia ele no que se produziam comentários a modo de saber por que não a despachava de lá, “incomoda alguém? Não a mim, não uso aquelas terras pra nada. De mais a mais, velha, a pobre logo espicha”, e concluía: “Deixa estar, logo espicha”. Qual nada, todo mundo sabia e se calava – afrontar Coronel, dizendo dele cabra medroso de bruxedos? Ninguém de tal atrevimento, mas todo mundo sabia: como qualquer outro, também ele se arreceava dos malefícios de Nh’Argemira!

Ninice sentiu-se desfalecer. A preta feiticeira era a única no lugar que entendia de sonhos, a única que poderia explicar o seu – mas como ir até ela? As mãos da Lurdinha entre as suas, frouxas, Ninice outra vez se desprendia: o momento presente era um não-ser, remergulhava em suas

sombras, cismava — enquanto o dia, janela adentro, trazia cheiro de madressilvas e canto de pardais.

– 6 –

Mas o peão Mariano, no despontar do dia, abriu os olhos e espiou.

Acordara. Porém, estivera dormindo? Pelo natural, sim, quefazer diverso não se dava em tal lugar, arretiramento demasiado, distâncias que só ele devassava — seu caminho passava primeiro por dentro de seu coração, lugar de amplidões. Aí se perdia.

O susto era um só: fora do costume, tivera umas fumaças de sonho? No céu avistou uma nuvem no formato de um cachorro, mas sem muita demora revirava num boi, inté com chifre, vinha um vento desmanchar a visagem, era cachorro ou boi? Era vapor, era nuvem, peão Mariano olhava sem compreender. “Calhou que pela primeira vez na vida vislumbrei um sonhar?”

Na véspera havia esbarrado pela beira do trilho com uma pedra fincada no chão e apeou mode ver; discerniu uns sinais que seriam letras, lembrasse ele da pouca leitura adquirida e perdida; não lembrava, não seriam letras, mas a cruz riscada fundo em desenho conformado era por demais explicativa, e na compreensão do que fosse descobriu a cabeça, “quem seja, Deus tenha em lugar de repouso, amém” benzeu-se, cobriu-se outra vez e montou a cavalo. Leva agora consigo um propósito: investigar que terras seriam antigamente aquelas, quem por ali habitara, quem teria sido enterrado naquele ponto adonde a pedra fora fincada.

No estradar avançou aquele trilho que seguia mata em fora, umas vezes por total descampado, outras de novo afundando-se no verdume do matagal, o trilho sumia-se e reaparecia, estava ali feito cobra traíçoeira escondida na palha, na folhagem seca do chão — cobra seria, sem estranheza nem duvidação, se dentes possuía era de inquirir-se, mas que havia picado peão Mariano um dia de sua vida, nisso punha certeza: a mão no fogo? Não, o pé — é com ele que se anda, é por baixo dele que rola o mundo.

Tardezinha, perto de anoitecer, mais de hora de re-caminho, o peão chegou num lugar de arraial.

Surdiu do mato e deu consigo mesmo cavalgando entre cavaleiros que transitavam de um lado para outro, uns parecendo chegar enquanto outros estariam de partida, uma tropa afastava-se no fim da rua e à direita, num largo, um ajuntamento de gente a indicar feira ou coisa parecida, umas donas que vinham com molhos de verdura, pretos carregando fardos, homens de chapéus e bigodes, e as casas com suas portas e janelas abertas, um sino como que tocando ali perto, no ar o burburinho do povaréu...

...no ar o silêncio enorme.

Mariano sofreu o animal. Já vinha a passo pelo trilho, que não permitia galope, e então parava de vez. Que lugar, aquele? Noutros tempos havia ali um arraial? Era um lugar plano, e os vestígios da casaria ainda visíveis desenhavam umas semelhanças de ruas, uns largos, até mesmo becos e recantos. Um lugar tem força? Pergunta não desprovida de cabimento, e não custa investigar uma resposta, que no entender de alguns mais dados a pensar, a perquirir o obscuro, um lugar guarda imensas forças, mas qualquer um não é capaz de percebê-las. A peão Mariano a pergunta ocorreu, e no que retornasse ao seu povo haveria de inquirir Nhô Viriato sobre o assunto. Nhô Viriato era um homem escuro da carapinha nevada, os olhos afundados assim numas bolsas costumavam lacrimejar: saudades? Tristezas? Pitando seu fuminho, no canto do fogão se aquietava, aquecendo, aquecendo... No suspirar, sabia-se que vivia ainda. Viajava lonjuras no pensamento, sabedor de muitas coisas.

Pois tinha como certo que o preto diria: sim, meu filho, um lugar tem suas forças, do povo que esteve ali e ali foi sepultado, das casas que se levantaram, tudo isso são forças que um lugar chupa pra dentro de sua terra, de seus troncos de árvore, de sua moitas de mato... Mariano sentira a força do lugar na forma de uma visagem. Surdindo do trilho no mato para o descampado quase viu, pelo menos pressentiu o povoado em seus dias, gente que ia dum lado a outro, cavaleiros e tropas ou se arretirando ou se chegando, e o vozerio era um claro zumbido no ar...

Mas de repente esvaiu-se. Num sopro, num pé de vento se desfez, e o que restava da visagem eram aqueles vestígios de um arraial doutros tempos de que ele nunca escutara falar e por decerto tão antigo que ninguém de sua época conhecia. Apeado agora, o peão ia puxando o tordilho por esses sinais que semelhavam ruas mas que o mato recobria, erva rasteira, soqueira de capim, até pé de pau antigo, grossura de tronco, espetando pra riba sua galharia. Porém, nem de todo escondidos esses sinais, uns altos e baixos na parecença de uns alicerces velhos, uma que outra laje maior, até quase à mostra que ele firmando a vista descobria por debaixo do mato, seria um degrau?, “as paredes se desmancham, a madeira a terra come, mas a pedra fica” pensou com sabedoria, e mais à frente topou com coisa diversa que a terra também não tinha por enquanto comido: um ferro despontava do chão no formato de uma cruz, e em volta mais visíveis os alicerces, um maior retângulo, as raízes entremostrando-se nas pedras, o mato acabando por cobrir tudo com o tempo. E tempo havia por ali, passava como um rio, correnteza, torrente.

“Aqui era a igreja.”

Mas já era noite e se requeria um lugar mode o pernoitamento. Ali mesmo lhe pareceu, a peão Mariano, quadrar bem, lugar abençoado seria pois adonde existira uma igreja, e deixando o tordilho solto a pastar, livre

do arreio e do freio, porém só a cabeçada que em nada não lhe estorvava, desfez a trouxa, fincou no chão as forquilhas, armou barraquinha de lona. Não ia mal o tempo, as estrelas pisca-piscando no azul escuro firmamento, mas de madrugada serenava um tanto — vezes havia em que Mariano dormia embaixo mesmo do céu, nas noites abafadiças, porém agora uma aragem refrescava o ar e ele achou por bem precaver-se.

Uma fogueira lançou suas claridades incertas por em volta: peão Mariano no preparo de uma posta de carne de salga que trazia no farnel, acrescentavam-se alguns pães e um pouco de fubá com que mexer um angu, sua matutagem quase no fim — de beber, um resto de bagaceira no fundo da garrafa, não mais, bastava mode produzir uma esquentação no peito, não tendo por hábito embriagar-se seria o bastante, mas no dia seguinte urgia abicar nalguma povoação, esbarrar com casa ou fazenda, o que fosse: já era tempo de voltar — há quantos dias jornadeava? Naquilo fruía seus prazeres, alegria principal era estar assim na solitude das serras, naqueles lá-longes, mas não podia permanecer em arretiro o tempo todo. Pensou em sua casa enquanto, com o canivete, cortava a carne em pedacinhos, mastigando-os depois sem afobação: ano já fazia que não via os seus, pai e mãe são um só, perdeu-se um deles, perderam-se os dois, e não se tinha mais ninguém no mundo — quem obra por nós na terra no mesmo feitio que pai e mãe? A fogueirinha mingua, o peão esticou o braço na direção da garrafa: com a bagaceira lavou os dentes, bochechou e cuspiu, depois bebeu, devagar, deixando a bebida descer pela garganta com aquela queimação que parecia derreter por dentro o organismo, e sem mais que fazer escorregou para dentro da barraca, embrulhou-se na manta. Ali perto o tordilho mordiscava o capim, ouvia-o patear vez por outra, soltar uns bufados cheirando o mato, depois o silêncio foi completo. Mariano dormiu.

Dormiu e sonhou.

Mas, excogitava o peão vigiando a manhã, inda sentado à boca da lona, não fora um sonho com todas as clarezas de sonho, conforme sabia dos que contavam seus sonhos com minuciamientos mínimos, referindo cores e inté cheiros — não, ele não divulgara coisa alguma de certo naquelas névoas, no esfumaçado de umas imagens duvidosas, umas sombras trêmulas. “Dá-se que eu não estou treinado ainda no sonho” imaginou, depois, sempre fora homem de um dormir vazio, um seguro apagar-se, um despertar-se de seguimento pela manhã e nesse entremeio só o inexistir — pedra ou pau que de si não dá acordo. Por certo que estranhava essa primeira adormecida visão, sonho inicial dos que teria por diante a inquietá-lo mas do que ainda não calhava desconfiar, imagens embaçadas, descoisas.

Mas o que vira ele afinal em seu primeiro sonhar? Mariano não tinha certeza: adonde parava não sabia, nem se a pé ou se a cavalo. Ia por um caminho? P’la cimeira de algum morro espiava — o quê? Não, nem

caminho nem morro, o lugar um descaminho, isso sim, como nesses dias de cerração em que tudo o que se vê são vultos. Porém que não era também uma cerração no feitio dessa que embaça os dias de inverno, estava nos seus olhos não nas coisas, então pensou “no sonho eu era cego, meio cego”, por isso entrevia dificultoso. Seria isso? Dúvida, que isso também não seria. Era uma só confusão, explicar soía ser mais difícil do que entender, e nem de entender carregava certeza. Na confusão avistara uma casa, pois seria casa aquele como que um contorno cercado duma brancura e com alguns recortes menos claros no formato de portas e janelas, que a mancha de um telhado ensombrecia um pouco, mas de seguimento se dissolvendo no nevoeiro. Sucedia um alpendre? Viu naquele ponto um certo jogo de luz e sombra, um mover-se de algo ou alguém, mas de relance, que logo sumiu. No sonho escutou ainda um vento, porém já no fim, e tudo se desfez: vento, viração que espalha o fumo e se segue um só vazio. O sonho acabara, e o peão ao abrir os olhos notou a barra do dia: brotando por detrás dos morros uma claridade baça, não tardava o sol.

Levantou-se e arrumou os trastes, refez a trouxa e arreou o tordilho. Tinha pela frente uma jornada.

– 7 –

Inda que fique o dito por desdito, sucedimento somenos – muita fala se desfala –, calcula-se que alguma moça donzela agarra de namoração por um rapaz que trela não lhe dá, no por enquanto, que em havendo prosseguimento de olhares, inda que de premeditação duvidosa – calha um sem-querer –, um ajuste principia – sem proseio demorado, sem garantia de promessa polo risco de quebrar-se, mais uma amizade que suspira por converter-se em mormaço, diz-se claro: querer bem, amores.

Desdiga-se o dito, não por inteiro pois possui suas exatidões, uma história, dela não se intencionando discrepar, se conta de acordo com o dado e passado p’los veros sucedimentos tempo em fora, não se cogitando o destino, que o destino ou há ou não há, conforme compreensão variada – mas aqui já são coisas de fundo pensar, tarda cismação que por ora convém sustenê-lo; desdiga-se tão só no ponto mais principal para o que ora se discorre, que se peão Mariano chamego nenhum não teve por qualquer donzela, e se as moças inda que em sua reta espichando o olho alguma vez – motivo de possuir uma agradável figura – não se firmavam em querença, sempre ocorre um diferente proceder que não se ajusta no em geral prolato como regra.

A moça Juliana assistia num povoamento por nome Sertãozinho, em sítio vistoso (diga-se antes fazenda, que de fazenda já tomava ares pela extensão de terras e pelo volume de gado) nos arredores, menos de légua

do centro; tinha uns cabelos no feitio de noite encarvoada, negror sobejo, olhos verdes e a pele dum moreno acanelado que lembrava cheiros — ou da canela que lhe cedia a cor, ou das flores do jardim que havia defronte a casa, ou de um dilatado querer, que o querer quando é assim profundo possui de todos os sentidos um traço, que seja cheiro ou gosto, ou figura ou música ou maciezas. Assim se assemelhava o querer da moça Juliana por aquele peão andejo que havia conhecido num batizado, com quem tivera se tanto dois dedos de prosa na tarde em que tomara café com broa na cozinha de casa, sujeito estranhável que aparecia e desaparecia sem dizer “já vou, e volto quando”, seu chegar uma satisfação, seu sair um mistério.

Se suceder, não é outra que está à janela nessa hora da manhã, espreitando o terreiro, a estrada que defronte à porteira acaba mas que na oposta direção se prolonga até sumir por uns morros depois do vargado: a moça Juliana — e seus meditates: quando apareceria outra vez o peão Mariano?, seu sonhar, que sonhar é por esse molde conferido: não possui certezas, são tudo enleios, entrançado cipoal que nos prende com suas cordas invisíveis. Naquele dia, pra mais de um ano corrido, estivera ao lado do rapaz na cozinha e lhe servira o café, pusera em cima da mesa numa bandeja de louça a broa cortada em fatias; escutando a prosa dele com o pai, Juliana pronunciara uma palavra, duas; de acanhamento — orgulho não haveria de ser — o bobo mal respondeu sem soerguer de todo as vistas, mas depois, encontrando-o sozinho na varanda, principiou palestra, requereu informação dos seus, “o senhor é de Corgo Seco, senhor Mariano, conforme soube, acaso deixou família lá?”, depois, dava-se que lá ficara mãe e pai, tinham de seu um sitiozinho miúdo, de pouca valia; “ah...”, mas a moça Juliana não era de se perder na indecisão, e emendou: “Por certo também esposa, filhos?”, que não — e o tonto se botara vermelhusco —, “ah, o senhor é solteiro” e agora já não perguntava, dizia, só dizia, no íntimo uma satisfação requentando-lhe o peito, o igual sentir, uma promessa — casar com ele — feita de si para si mesma, depois confirmada de joelhos defronte o altar da Virgem, em que trejurava oferta de missas e velas e obras de caridade para os pobres se tal graça alcançasse, “salvo, minha Santa, se houver impedimento maior que ao céu contrarie”. Quantas vezes viu o peão depois dessa tarde longe? Que ele havia retornado algumas vezes, porém teve a delicadeza de atender o convite para seu dia de anos? “Um mal educado” fez um muxoxo formando biquinho, mas reconsiderava: “Acanhado... só acanhado”.

Ou teria apreensão do pai? Mas quê! Não cabia!, que naquele batizado do casual conhecimento o pai de Juliana, seu Umberto, por vez primeira puxara assunto com ele, de quem já garimpara boas informações — maneiroso no lidar com o gado, no conduzir uma comitiva, segundo o dizer de todos passava a vida em tranças de pasto e curral, entendido no

assunto, e sério; de sua fama corria também umas manias, “o Mariano procede às vezes uns sumiços” comentara naquele batizado um outro, de ambos conhecido que os apresentara, “n’ê, Mariano? Explica pra seu Umberto”, e o peão se pusera meio encabulado, que não, sumiços não, sóia sim uns passeios, umas viagens, daqui pra lá, ia, voltava, não ficava muito tempo num só pouso — suas invisíveis asas careciam ares, por vezes um mais alto voar, não encontrando em seu Umberto sinal de reprovação, “isso é natural” dissera-lhe, “do homem é o conhecer mundo, enquanto não se assenta... inté mesmo despois, se calha não atrapalhar a vivência em casa...” se bem que o sitiante — ou por outra fazendeiro quase — já não carecia de tanto, sentia-se bem em sua propriedade, agradava-se da vida doméstica, “apois, o moço de onde é mesmo?”, daí saber que provinha de Corgo Seco, “deveras!” exclamou, calha de o moço inté conhecer um de nome Antero, se por lá ainda vive, e Mariano “é meu pai”, seu Umberto muito surpreso abria os olhos, arregalava-os, “o pai do rapaz! Mas vejam só!” e mostrou satisfação num riso largo alumando a cara luzidia: relatou ser também daquele vilarejo, de lá saído com a família inda garoto sem princípio de barba, mas que em meninos ele mais Antero eram, como diz o outro, unha-e-carne, amigo de infância de quem perduravam lembranças, boas, sucedendo agora vir encontrar justo ali um filho dele — e selou-se amizade com renovado aperto de mão, convite mode comparecer na Pindoba, “uma fazendola, tenho lá meus boizinhos” e proposta de por lá se estabelecer, “careço de quem entenda do ofício e mereça confiança, que tenho o Agenor, porém um só sendo pouco que o resto da peonada é povo bastante cru”, donde ficaram meio acertados, Mariano teria ainda uns compromissos mas não enjeitava o convite mode conhecer a propriedade — como de fato lá estando uma ocasião.

Naquele batizado a moça Juliana conhecera-o de vista, apanhara umas frases daquela conversa no que com intenções se achegara ao pai, abraçando-o com seu jeito carinhoso de abraçá-lo, mas com o moço que principiara por encantá-la não trocara palavras.

Agora, refletindo no seu jeito arredo, no acanhamento quando em sua presença, maginava se ele por acaso não se desagradara de sua pessoa, sua atitude um modo de demonstrá-lo, de dizer-lhe “moça, esteja longe que não tenho interesse em vossa pessoa”. Assim passando-lhe pelo pensamento, remirava-se no espelho: feia não era, por outra nem de espelho tinha precisão, todos encareciam suas graças, rapazes não um ou dois mas vários que vários solicitavam sua mão mode contradança em baile, e tirando proveito do conchego por sanfona ou viola produzido lhe diziam coisas, pedidos de namoro, juras, elogios, mas a moça Juliana não se comprometia: de todas as súplicas fugia com um doce sorriso, um desacreditar-se cheio de partes, “sou feia, o senhor está de brincadeiras comigo”, toda

esquivas. Seu coração? Cofre que guardava uma jóia, de que um só possuía a chave.

No terreiro passou uma dona velha, iá Didinha, agregada nas terras de Seu Umberto há que tempos, desde que anos – antiga. Juliana suspendeu a guilhotina da janela:

– Bom-dia, iá Didinha! Aonde vai tão cedo?

– Bons-dias, menina Juliana, mas que cedo! Depois, não vê? Já passa de oito horas, mode que eu me arribei desd’as cinc’e meia.

– Mas a senhora levanta sempre tão cedo, iá Didinha! Não precisa, inda mais na sua idade.

– São costumes, minha rica, corpo avezado... perdurar na cama inté’ssas horas é pra moças no feitio da menina, re-cheia dos mimos, a velha cá não suporta.

– Ora, quem é aqui que tem mimos!

– Calha que não serei eu, menina, não serei eu – e foi-se encaminhando para os fundos, inda antes indagando: – A mãe de vosmecê s’encontra?

– Lá atrás, iá Didinha, lá atrás.

– Pois lá vou, menina Juliana, lá vou – e se foi, arrastando as chinelas.

Agora o perfume do jardim cheirava, um vento molecando na cortininha branca rendada, a menina Juliana a espiar – o terreiro? O jardim? Que maiores amplidões se conhecem, que não a do pensamento, a do coração, uma o eco da outra? Esse perlongar na demora do peão Mariano, que lhe dava umas irritações de despeitamento – quase arreliaava-se dele, “um coitado, nem letra conhece” pouco caso de si mesma resguardado, doía pensar do pobre uma similar maneira, tanto que pusera firmeza no propósito de ser sua professora sendo de sua concordância, não fosse averxar-se o peão –, esse perlongar, dizia-se, provinha de uma lembrança do pai no dia anterior, hora do almoço, que sem mais pronunciou:

– O Mariano anda sumido – solitária frase, ninguém puxara por ela à mesa, e se bem que de sua imaginação o dito não escapasse no ido dos dias, sendo o próprio pai a dizer-lhe o nome, a modo de preocupação, reacendeu-lhe uma chama por dentro que a deixou suspensa na hora, a respiração custosa, os olhos inté baixos mode não espalhar pros outros (pai, mãe, prima Justina, os dois de prima Justina, o mais velho já grandinho afilhado de pai e mãe, e mana Marli, com seus quase onze anos já sabedora de coisas de namoro) seu aturdimento. Sopitou o súbito embaraço mastigando com disfarçado sossego, apanhou um copo d’água e bebericou; mãe comentou qualquer coisa com prima Justina enquanto Marli pedia licença mode deixar a mesa com os primos. Só então produziu sem que desse a entender afogo:

– Ele não ficou de vir em janeiro, pai?
– Hein? – o pai espiando pra ela, arrancado de seu cismar.
– O senhor falou no Mariano, que anda sumido...
– Ah...
– ...ele ficou de aparecer antes de janeiro?
– Deve... não, não sei se vem... sim, pra janeiro temos um acerto, uma leva de gado.

– Também não veio para os anos de Juliana – comentou don'Eulália.

– Não é bem educado! – disse Juliana mal disfarçando o ressentimento. – Um peão – acrescentou, fingindo desprezo – recusar convite de gente como nós.

– Não será isso, filha – corrigiu-a a mãe com seu pausado dizer –, devem ter sido os afazeres. É homem, terá compromissos. E não vá fazer pouco do rapaz que o melindre, lembre-se de que é filho de um antigo amigo de seu pai.

– Mas será pessoa de confiança, compadre – inquiriu prima Justina –, que leve o gado assim, por distâncias?

Sim, o quê!, Mariano? Apoia!... Não, que porém iam também o Agenor mais o Lucas, que o Lucas, sim, era quem conhecia o trajeto. O Agenor seguia na qualidade de chefe, e o Mariano pra s'enfronhar, “mode ir s'enfronhando, Justina, moço sério, recomendado”, mas só pra janeiro, acrescentava o pai... estava longe? Estava perto? Juliana ouvira a delicada repreensão da mãe: don'Eulália, ao corrigir, possuía dedos, mansas falas, uma educação. Mas a moça distanciando-se da mesa, não de corpo, distraía-se com migalhas no fundo do prato, corria ainda outubro p'los começos, e contava: novembro, um mês, dezembro, dois, janeiro, três... numa espera assim, puxada longa e semelhava – de doer, inté o peito. Aquilo seriam mesmo amores? Ou doença?

No despois da tronqueira, pra lá além, passaram os de prima Justina mais Marli.

Prima Justina, viuvando, mais os meninos agora assistiam na Pindoba a convite de seu Umberto, primo e compadre, “que nesse apego e distância fica saudade, os guris muito nos alegram com sua infância” bradava o primo com seu jeito desenvolto, e vendo-a nova ainda, de boa agradável aparência, aduzia provocação: “se outra vez maridar, a casa ta'í mesmo, é vossa” ao que prima Justina toda punha-se embaraçada, o primo tinha idéias, don'Eulália inté repreendia, “são modos, Umberto? Encabula a coitada”. Mas a recém-viúva logo se recompunha, vez em quando partilhava da mesa e ajudava don'Eulália nas domésticas ocupações, caprichosa, provia dum lindo brilho as painéis de alumínio, conhecia artes de costura e bordado, escasseava de leitura, que sabia ler e escrever o sofrível, para não

depende dos de fora, mas mais que isso não estudara. Não residia, porém, na casa principal por necessitar de seu canto, privacidade: arredada pelo espaço duma quadra não excessiva — um terreiro grande —, depois duma pinguela em riba do corgo, havia uma casa menor com canteirinhos de flor na frente, construção boa, por tempos desprovida de moradores: seu Umberto cedera-a à prima, que de primeiro tivera alguma dúvida, logo porém desfeita pelo decisivo argumento arranjos do outro: “Arrende seu sítio, Justina, aboque esses cobres, para si e pros miúdos bastam de sobrar, venha nos dar alegria”, e mediante tão convincente insistência arrendou, abocou os cobres e se foi pra Pindoba.

Ali residia há uns meses, e eram seus meninos que de corriola mais Marli sapeca atroavam pelos campos.

Juliana não se susteve, debruçou-se na janela e pôs a cabeça pra fora: — Meninos! — chamou, no alteio da voz.

Os três suspenderam a corrida — piques? Voltaram-se, Marli mais de perto inda assim longinha, os dois garotos lá pr’adiante, os três a ver o que Juliana lhes queria.

— Vocês não estão indo para o pasto, não é?

— E o que é que você tem com isso? — Marli, menina petulante, malcriações na ponta da língua. Pai e mãe por perto, piava fino, mas com a irmã era de angariar liberdades.

— Tenho que eu vou avisar mãe já e já! Então vocês não sabem que a Dourada está de cria e é braba que só? — a vaca Dourada, por lembrança Juliana acudia advertência: de cria, sim, menos de uma semana, naquele pasto ali perto por ordem de pai mode que o bezerrinho tinha nascido um tanto raquítico e carecia de mais próximos cuidados, um mais atento vigiar, não fosse perder-se, em despenhadeiro e mesmo em buraco de menor fundura cair, qualquer forma, fatal. Mas a Dourada era uma vaca dos sustos, do fácil espantar, tinha aquele seu jeito de por qualquer migallice suspender a cabeça num repente, as orelhas estiradas, os olhos bugalhudos, e no que avistasse um arremetia, deixasse e os chifres pontudos vazavam a barriga, as costas, a garganta, um perigo! Donde que Juliana punha cuidado: criança tem juízo?

— Nós vam’na casa de iá Didinha — Nêu, o mais velho de prima Justina, onze anos, o outro menos de sete. Nem tanto sossegadinhos, não preocupavam os mais velhos, soíam ser obedientes. Mas a Marli era dona de espevitamentos, respondona, muito senhora de si, açulava os primos, praticava seus abusos perante a irmã mais velha que tinha de valer-se da autoridade de pai e mãe mode ela sossegar.

— N-nós vam’ê na... na cas’d’iá Didinha — o mais novinho de prima Justina, o menino quieto, ia com os outros sem algazarra. Calhava inté de ficar pra trás nas correrias, mais de uma vez perdia-se e voltava tristoso

para casa, sua reclamação “o Nêu mai’a Ma’li dispararam...”, um bico de principiar choro.

Carecia de Juliana impor respeito, dar ordem, a irmã devia obedecer:

— Marli, você é a maior. Não me vá para o pasto com os meninos, senão já sabe, não sabe?

E a Marli, seu gesto de enfado: um encher de bochechas, um bufar, um horripilar-se por dentro, mas de raiva. A irmã sempre com aquelas ameaças, tudo e nada era “vou falar com mãe, bem vou contar pra pai”, ora, ora, “por que não arruma um namorado?”. E se foi, e sumiu com os primos na reta da grota, por lá a casita de iá Didinha.

Juliana estava só, estivesse!, caso não fazia da companhia de crianças, descurava: desde ontem preferia estar só. Abriu a porta da sala, saiu para a varanda, desceu para o jardim, passeou entre os canteiros.

Quis que ele estivesse ali, então lhe mostraria os mosquitinhos-de-ouro que haviam florido por aqueles dias; então lhe diria que lhe agradavam as bromélias requerendo dele que lhe trouxesse uma, alguma achada nos matos de suas andanças. Juliana fechou os olhos contando que, ao abri-los outra vez, visse-o vindo pela estrada, no passo do animal, no sempressa cavalgar, e viesse vindo, cada vez mais perto, agora já destrancava a tronqueira...

no que um gavião, em sobrevôo de vagaroso circular, larga no ar dormente seu guincho, pontiaguda estridência ali tão perto, e ela abre os olhos

...já passava a tronqueira, um cavaleiro, Juliana avistou-o... mas — seu desengano!, não era Mariano quem vinha e sim o Agenor preto, peão antigo há muito a serviço do pai. Chegado da internada àquela hora — alguma notícia de rês acidentada? — acenava, o esfapado chapéu de palha na mão:

— Bons-dias, menina Juliana, o pai da senhorinha se acha?

— Pros lados do moinho, seu Agenor.

Dos antigos, o Agenor preto, carecia de alguns de seus dentes. Não era por demais velho, calha que aos cinqüenta nem não esbarrando por enquanto, mas já a carapinha pintalgava seus brancos, e por não fazer sempre a barba rala, uns fios espalhados de grisalho entremeio cobriam esparsos o queixo e o sobrebeijo. Prestimoso, seu ser. Seu viver o pasto, o curral, por lá se ficava, aparecia vez a vez mode orientação ou notícia, boa ou má, do rebanho. Não era casado, tinha seu rancho, corria de seus uns bacurris divergidos aí por perto, cercanias, morando em Sertãozinho um rapaz que se dizia filho dele, mas o Agenor preto esconjurava, “que parecença nenhuma tem com minha pessoa”, já dos outros nem que sim nem que não, preferia calar-se. No mais, respeitador em casa alheia, se folgava era com essas da lida noturna, assuntos seus que a ninguém cabia meter-se.

– 'Gradecido, menina, lá vou.

E se foi, mole cavalgar – burrinho velhusco o da luta, de sua mais preferência: contornou o terreiro, abriu rumo do campo, pra direita a chácara com laranjeiras, jabuticabeiras, pés de cidra e o mais, todas as frutas; à esquerda, descendo, trilho do moinho, de longe se escutava o despenhar da água na bem aproveitada queda, e mais se aproximando esse rolar na parencença um continuado trovão, surdoso, eram as mós em seu ininterrupto triturar – o milho, produção de fubá que chegava a quase abastecer Sertãozinho.

Seu Umberto não era possuidor de fazenda, vastidões de terra a perder de vista, não: filho único, recebera de herança um sítio bem começado; previdente, progrediu, a propriedade aumentou no adquirir por em volta outros mais retalhos mode acertar contornos, calhou também de a bom preço comprar, dum português que zarpava de volta a Portugal, fazendola, terra nua sem qualquer benfeitoria porém de vista e qualidade. Nesse entremeio de tempo casou, mas Eulália não lhe levou de casa nenhum pertence, uma de seis irmãos que teriam de dividir um terreno de menor espaço do qual seu Umberto não fazia questão, casava por gosto, por apreciar os olhos verdes da moça, sua branca beleza, “o que é meu passa a lhe pertencer, minha rica: a terra e a vida”, e esses olhos verdes repassaram para a primogênita, Juliana, não branca porém morena, aquela cabelama de treva muito cedo a embelezar seu mundo. A primogênita seria única, don'Eulália tardava conceber para muita pena do casal que de filhos sonhava a casa re-cheia; uns doutores consultados requereram exames, coçaram as barbas, receitaram, tudo sem valia, não fosse a graça de Deus – conforme pensar de já Didinha, muito devota – não sucedia choro de criança naquela casa outra vez. Transcorridos porém uns tempos, sete pra oito anos, no manifestar-se da graça procedeu temporona a mais nova, Marli, agora crescida, assanhada, um tiro!, nessa pouca prole mas de muita alegria e bem-criação ficando, seu Umberto e don'Eulália donos de sua muito bem cuidada quinta, decerto que vasta, a Pindoba assim batizada, que de todos enchia os olhos: pastos e terrenos de plantio; invernadas mode deslocar a boiada daqui pra lá, conforme os tempos, conforme o crescimento do capim e recuperação do pasto; plantio por preferência de café, mas tinha também as árvores fruteiras, no mais perto de casa, e a horta grande com que supria sua mesa no diário das melhores verduras. Mas de apreço mesmo era o moinho em aproveitamento duma queda d'água natural: quase todo o milho produzido ali virava fubá, um ouro em pó, do melhor que aparecia em Sertãozinho – o mais procurado, “é fubá de seu Umberto?” queriam saber –, por isso em casa de seu Umberto à noite, na quietude, escutava-se aquele distante rolar, de contínuo prolongado: as grandes mós triturando amarelos grãos.

O Agenor preto largou o burrico embaixo, galgou o trilho e foi encontrar seu Umberto dentro do moinho, um pó finíssimo e quase branco recobrimdo-lhe os cabelos, as pestanas, a roupa. Queria alguma coisa? Bolsa de fubá mode levar pra casa? Apois, seu Umberto, se vosmecê conceder não arrecuso, bem procede, que lá de casa inté que resta um pouco, pouquinho porém. Pois carregue, é carregar; notícias? Qual o quê!, o jeito de produzir notícia, o Agenor principiava por negacear, despois adentrava assunto, coisas mesmo de curral, não mais, era de tudo que sabia, o de sua cotidiana lida: bicheira no chifre d'Amarela, carece remédio; nasceu a cria da Estrela, esperta, uma bezerrinha toda branca, “nunca vi, seu Umberto, um floco de algodão”, espanto bobo, bezerrinho branco vez por outra nascia, espanto só a modo de comentário, ter o que dizer, e prosseguia seu relato de miudezas, se tinha de dar alguma notícia pior, uma rês que caiu no buraco, outra que perdeu a cria, dilatava, profundo suspirar, “êh, Deus...” e espiava pra fora o dia feito novidade; seu Umberto já conhecia, “fale, homem, aconteceu que mais?” e o preto ia no pouco a pouco desembuchando. No mais, nunca havia desgraça maior, estava ali tão só mode cumprir com seu dever como encarregado de pasto e curral, e colher uma frutas também, “com a permissão de vossência, umas laranjas lá pra casa”, e seu Umberto: “Pois escolha, Agenor, escolha”.

— 'Nhor na volta, que agora passo na grota, em casa de iá Didinha mode tomar abença. Desço por aqui mesmo...

— Pois vá, Agenor.

Tinha o preto o costume de por lá passar, na grota, iá Didinha nada sua não era, mas de muitos anos, idosa, rezadeira, de muita religião, tomava-lhe a bença — uma dona assim tem seus divinos ajustes. Porém tinha mais gosto em passar na grota por uma outra razão, coisa de peão do mato?, homem abobado?, que não, mania só, gosto des'quando lá esteve uma primeira vez mode levar um banco que don'Eulália tinha dado pra velha, “deixa que eu levo, sá don'Eulália” disse, e se virando para a outra “que hoje eu bebo o café d'íá Didinha”, pois que tempos o preto assistia na Pindoba e ainda não lhe tinha feito uma visita. O banco na cacunda lá foi o Agenor, no despois 'panhando costume, lá ia razão de tomar abença e mais aquela coisa que soía ser bobeira não fosse um gosto seu, sem requerer explicação, uma só poesia, uma rima sem verso: espiar um retrato que, em moldura e vidro, a dona possuía em cima da cômoda do quarto. Pois naquele dia, em lá chegando, botou o banco na cozinha e saía, porém iá Didinha requereu mais um adjutório, “já que o moço tem bons préstimos, releve cá essa velha”, “apois, sá dona, o preto aqui é pra luta mesmo, fazer força, é só ordenar”, “é a cômoda do quarto, mode arredar, que peso, meu filho!”, e foi quando viu o retrato.

Ficou parado olhando o retrato na moldura, o papel com o sinal dos anos, seus amarelados, e os olhos tristes que chega furavam a alma da gente.

– Uma filha da senhora, iá Didinha?

A velha também se susteve, essas feições possuíam um feitiço: uma mocinha de quinze anos, inté menos talvez, tristuras de um sorriso, de uns olhos.

– Possa que seja – disse a velha ajeitando a toalhinha de renda embaixo do retrato, puxando para um lado um jarro de flor. – *Filha dos tempos...*

– De muita belezura – se encantou o preto –, nunca que vi!... Mas transparece nas feições uma dor...

– O mundo é feito de dores, seu moço.

– Falecida, sá dona?

A velha suspirou, só suspirou – e começou a tirar as coisas de cima da cômoda, móvel pesado, jacarandá, coisa boa, “quedê que eu tenho força mode arredar ele do lugar!”, e o Agenor preto cuidou de não mais tocar no assunto: a morte de uma filha era coisa doída, devia’de, iá Didinha guardava seus sofrimentos – espevitá-los? O Agenor preto era respeitoso. Mas desde então não perdera o costume de passar por lá: entrava, tomava a bença, acostava-se perto do fogão mode uma prosa ligeira, esperava o café, conforme a hora o almoço, trazia notícias do pasto e punha atenção na fala da velha, que não tinha por mania acalentar os tempos de moça, reclamar o passado, as idas coisas, se não houvesse o dia de ontem pra ela falta não faria: só falava dos dias presentes, pois benzera a espinhela caída do menorzinho de prima Justina e agora preparava xarope de erva-de-passarinho pra tosse, inda carecia tratar do cachorro que tamanduá tinha descosturado o couro com as unhas, “quem manda se meter com tamanduá?” ralhava feito o bicho tivesse essas compreensões, chamava o preto mode ver a ninhada que tinha nascido, “dúzia de patinhos” e da beira da lagoa nos fundos, depois do chiqueiro, era de admirar a pata com seus filhotes nadando; a prosa progredia, iá dona nunca parava suas atividades, e já de enxadaquinha na mão punha-se a picar um mato miúdo que infestava a beira do terreiro, mas o peão tinha de retirar-se, quefazeres, “no pasto também não se sossega, o curral é uma labuta”, então pedia licença, entrar não carecia, dali mesmo, da janelinha do quarto vigiava – o verso silencioso, a rima sem palavras, seu poema – o retrato em riba da cômoda, e respondia uma pontada na alma.

Mas no caminho da grota o Agenor topou com a Marli que evinha, ela mais os de prima Justina galgando a ladeira longa, e a menina exclamou:

– Iá Didinha não está em casa.

– Apois, menina Marli, pr’adond’ é qu’ela se ponhou?

– Lá em casa, com mamãe – e passou correndo pelo preto montado em seu burrico. De dedo na boca, o menorzinho foi atrás virando-se de vez em vez, espiar o peão que fazia meia-volta, lamentoso: agora, com suas ocupações, quando iria estar de novo ali? Daí a duas ou três semanas, só? Suspirou, o pensamento na menina-moça do retrato com zelo preservado, vidro e moldura, enfeite ou lembrança: não poderia espia-lo daquela vez.

No mais, a manhã progredia suas horas, supinava o sol, o passaredo na mata e seu estrídulo variado trinar, em alternâncias, um mais perto, outro mais distante, resposta-não-resposta, cada um por si, suas diferentes qualidades em conjunta harmonia, um bater de asas a confirmar ave de maior porte pois daquele lado a mata permanecia intocada, por determinação de seu Humberto ali não se tirava pau, só algum seco em serventia de lenha, era mata de suas admirações, de manhã uma vasta e musical alegria.

Juliana passara a tronqueira, avançava agora pela estrada, era costume, fazia esses passeios breves inté lá adiante, donde se via abaixo o caminho torcer em curvas por donde supunha que a qualquer hora ele haveria de chegar. O tropel que escutou às suas costas era – nem olhar carecia – o Agenor preto, de volta. Passou, levando a mão ao chapéu, “inté, senhorinha Juliana”, a moça respondia com um aceno, mais adiante o retireiro caía pr’a esquerda, galho de caminho que comunicava ao seu destino – sua casita, o curral, os homens sob suas ordens.

Mas no céu, em lento sobrevôo no quase não-bater de suas grandes asas negras, o gavião traçava ainda um prolongado círculo, seu canto, seu grito solitário no não-silêncio da manhã...

Nos pensamentos de Juliana, a lembrança do peão Mariano era um assim, gavião, longe e de distantes caminhos. Eterno voar.

Pousar? Quando?

“Em janeiro... só em janeiro...”

Menina Juliana pensava, esperava – enquanto isso, abria-se mais em flor.

– 8 –

Coronel Pantaleão não expelia seu sofrer: resguardava-o, homem de excessiva dureza, e na Macambira sua fala era trovão. Não que de hábito sobrelevasse a voz, não era de seu feitio o grito, mas a autoridade, e o capataz mais quieto ainda parecia: sua palavra nenhuma, alguma a custo entreouvida, cumpria as ordens sem qualquer ponderação, salvo no caso dum imprevisto desacerto. Entendiam-se bem porque no concernente ao labor eram um mesmo corpo, um braço dilatado que por si só obrava – enquan-

to Coronel descansava seu volume e o joelho dolorido na cadeira de balanço da varanda, o outro agia em silêncio.

Sinhá Felícia passou em roupa de sair.

– Senhor meu marido – disse ao dar com ele ali, e parou –, Ninice requereu consentimento para um passeio a cavalo, parece que um piquenique...

– Ahn...

– ...e eu consenti...

– Sozinha?

– Está visto que não, Pantaleão. Vai com a Lurdinha. A pobre precisa espairer.

– Não digo que não, senhora minha mulher, não digo que não...

Sinhá Felícia dirigiu-se para fora, deteve-se de novo junto ao portão.

– Além disso – acrescentou – nós lhe devemos um divertimento. Lembre-se o senhor meu marido de que Ninice passou seu aniversário doente. Poderia ter sido seu último aniversário, quis Deus que não foi.

Coronel Pantaleão titubeou.

– Está justo, sinhá – respondeu arrastado –, que vá, que vá!

Mas em seu íntimo ainda relutava: antão era certo aquilo de deixar uma menina de doze anos sair por aí a cavalo, esses mundos, sabe-se lá pra que direção? E de que valença a companhia de outra pirralha feito a moleca Lurdinha? Ele, por ele, não ia consentindo assim, sem mais – raspou a garganta pigarrenta, firmou-se na bengala, de pé foi se debruçar no peitoril da varanda. Cuspiu adiante. Não senhor, ele, por ele... mas se lembrava da menina exangue entre os lençóis, o dia de seus anos passado a queimar num só delírio... além do que não podia tirar a autoridade da mulher – era mãe, tinha sua voz.

– Não se agaste, Pantaleão – sinhá Felícia condescendeu, voltou, aproximou-se do marido com um sorriso –, eu não vou junto, pois Ninice quer fazer o passeio só com a amiga. Coisas de criança, deseja sentir-se adulta. Além do mais, logo será adulta mesmo. Saiu a mim, por isso a entendendo. Para evitar um acidente mande o Graciano, de longe.

Coronel vigiou a vestimenta de sinhá Felícia: saía a passeio? Que não, retruca a esposa, paciente com a caturrice do marido: ia a Serradinho em função de promessa pela recuperação da filha, acender vela a Nossa Senhora “que muito nos valeu, nossa menina podia ter morrido”, “cala a boca, mulher!”, no mais encomendar missa em ação de graças, padre Porfírio lá a esperava.

No terreiro já surgia o Graciano, uma sombra, trazia a charrete, a egüinha Formosa atrelada.

– Vai com ela, Graciano – do peitoril, Coronel Pantaleão ordenou.

– Não é preciso, senhor meu marido.

– Vai com ela, Graciano.

Sinhá Felícia seguia no remanso da charrete, o sereno rodar pela estrada, a egüinha Formosa num trote avisado, nem puxava demais que sacudisse nem devagar que retardasse a viagem. O caminho, trânsito na mata, arvoredo de um lado e do outro: a passarinhada passarinhando, o avôo entre os galhos e o canto aqui mais perto e lá mais longe, um bosteadado – titiquinha – que pinga do alto na aba do chapéu do Graciano jagunço, que nem conhece, e esse cheiro de flor silvestre, adocicado, esse vento que tudo toca, os cabelos de sinhá, a fofura de seu vestido, sua pura alma em fácil desvalimento – sinhá, mulher de muito sensível ser, o fino sentir e pressentir das coisas...

Serradinho era uma aldeia, essa aldeia, de pequena a menos, umas dúzias de casas, a igreja adonde padre Porfírio proferia a missa duas vezes na semana, afora o domingo ou alguma outra de requerimento mode alma que no purgatório expiasse na carência de uma luz, ou vela ou reza no atenuar suas penas; um armazém com algum sortimento, pouco, de diverso só por encomenda de fora, donde provinham umas finas coisas, não apenas provimento de boca mas de armarinho, rendas, linhas, uma seda européia, botões dourados ou de vidro, miudezas bonitas, um pó-de-arroz para as faces, um carmim mode tingir as bochechas, vaidades de matutas moças em seus bailes de curta juventude. Sinhá Felícia tivera seus bailes, pensava durante o trajeto, usara seus brilhos, também fora breve sua juventude – lembranças, tinha desses momentos em que lhe doía um espinho na alma: a infância e a adolescência passadas em Monte Alto, seus cheiros de cidade grande, comércio, pensões e hotéis, praças, avenidas, prédios e uma multidão a transitar pelas ruas... Depois o revés, a perda, a derrocada – no chofre repente da opulência para uma pobreza menos que remediada. O pai, amargurado e de coração enfraquecido, não suportou o golpe, sinhá Felícia orçava pelos vinte anos, suas alegrias, suas esperanças, seus todos sonhares extinguíam-se, sua juventude transparecia um definitivo perdimento, sentiu-se velha mais inté do que a mãe, porque esta pelo menos conhecera o melhor da vida que a fortuna propicia, mas ela, tudo lhe era tirado na plenitude de seu viço-em-flor. Uns anos ainda – entre dois e três – se agüentaram, sozinhas as duas naquela cidade que já lhes parecia estranha, das antigas relações nenhuma restando e a parentela em situação de acolhê-las fechando-lhes por sua vez a porta, até a fuga para aquele povoado tristonho, Serradinho, uma miséria, adonde lhes restava um derradeiro abrigo, e o definitivo perder-se para o mundo. Por que sobrevinham esses lembrancosos e doloridos pensamentos enquanto o galeio suave da charrete na tarde modorrenta quase seria um convite a fechar os olhos em cochilo? Sinhá Felícia sofria suas mágoas. Casou-se com Coronel Pantaleão

menos de um ano depois. Podia ter escolhido para marido o filho, Francisquinho, mais de acordo com sua idade? Às vezes pensava nesse pormenor, que de resto não lhe parecia mais que isso, um pormenor, importância nenhuma não tinha, tanto um quanto outro serviria para seus propósitos; conhecera antes porém o pai, que o filho andava pela cidade em temporada de estudos, e lhe empenhara a palavra. Ao conhecer Francisquinho seu coração não buliu, embora moço e vistoso não lhe acendeu a flama repentina do amor como seria de esperar, ambos regulando idade, e nem tempo houve para que se acendesse no decorrer duma intimidade mais funda: seguiu-se a tragédia tão súbita e inesperada da morte do rapaz que não se arrependeu da palavra empenhada a coronel, e ao desposá-lo, convicta de que, fosse como fosse, ser-lhe-ia leal (convicção proveniente dum amadurecimento precoce que lhe ditava a máxima de que o amor é belo mas não é prático), tinha por esperança conhecer outra vez a riqueza, por soberba não, que seu coração não palpitava por esse proceder — teria é certo o orgulho de sua família, de suas tradições, de seu outrora esplendor, mas disso não fazia motivo de arrebatar o nariz —: dinheiro lhe compraria prazeres e comodidades, só só. Comprou-lhos? Sinhá Felícia suspira pensando no caixão da mãe, morta uns anos mais tarde na Macambira, e então sentiu o mundo, que há tanto tempo principiara por encolher-se à sua volta, ainda mais estreito, uma minguia, um desespero sem voz nem lágrima, o horror do silencioso sofrer: não fosse a filha, essa criança então com três para quatro anos, buliçosa e linda que enchia a casa com gritos, artes, os passinhos miúdos e vorazes, seu viver estaria convertido a estática solidão. Agüentaria viver assim?

Sinhá Felícia não se deixou sucumbir: afora os cuidados com a filha, que exigia boa parte de sua dedicação, compreendeu as mazelas do lugar e fez de seu tempo o tempo dos outros, preencheu seus dias no empenho de levar à gente desprovida daqueles retiros um pouco de sua luz na forma de oportunos auxílios à manifesta miséria, auxílios esses extraídos da bolsa do marido ora com apelos de bondade, ora com ameaças da ira celeste, “senhor meu marido” dizia umas vezes, “vosso coração não pode ser tão duro que não se compadeça”, porém outras “cuidado, Pantaleão, que aquele lá de cima está olhando pra você”, sinhá, miúda e graciosa, angariara alguma prevalência sobre aquele coração pedregoso, mas se, de suas idas e vindas caritativas, colhia vez por outra uma reclamação ou uma zanga do marido, suprimia-se?, medrava?, pelo contrário, alteando o busto seguia em frente, e se Coronel recrudescia, ameaçando tolher aquele desperdício, sinhá fechava a cara, com gravidade lembrando-o de que “alguém lá em cima olha para nossas dívidas. Cuidado, Pantaleão, cuidado”, e ele se recolhia, afundava, por último não dizia mais nada.

Era padre Porfírio no mais das vezes quem se incumbia de informá-la das carências e de acompanhá-la em suas visitas, não uma nem duas vezes sinhá em pessoa entrando em taperas mode levar um remédio para um doente, ou um agasalho, de seu conhecimento não restando estômago vazio que ela não alimentasse. Deu-se assim com o menino Titico, de mirrados onze anos criado por um siô Possidônio muito velho que assistia na saída de Serradinho, no fim dum trilho que errava pela direita à entrada do arraial, em casebre afundado no mato: ao visitar o doentinho, encontrou-o tolhido de frio e de febre, se não de fome, que decerto tudo se ajuntava no efeito daqueles ossinhos quas'que varando a pele, mandou vir o boticário com suas mezinhas, proveu de mantimento o guarda-comida, não se esquecendo de suficientes agasalhos, lençóis, cobertores, o velho Possidônio, inda que de regular saúde não carecia menos de adjutório. Bastou a sinhá esse proceder? Bastasse, e ela restava de enfermeira ao lado do menino toda uma noite? Pois lá estive, através de recado ao marido requereu-lhe que lhe mandasse a Lurdinha mode companhia, ou nhá Emerenciana: o menino não podia ficar sozinho, o velho Possidônio não tinha tino mode lhe dar os remédios na hora certa, cumpria-lhe essa tarefa, e o Titico arribou.

Entrando a charrete no povoado, uns aqui e ali que existiam seu existir exíguo na exigüidade das ruas acanhadas e poucas paravam para espiar, tropel de cavalo, uma poeirinha que subia, lá evinha uma charrete — quem? Apois, não é a dona de nhô coroné? Que sim, ela mesma, deve de estar indo à igreja. E prolongavam a espreita, na confirmação de seu prognóstico: isso mesmo, lá ia, a charrete se detinha no pátio, ali quedava o jagunço, homem de muitas mortes, todos sabiam, todos temiam, um arrupêio de medo só no soslaiar aquela cara adonde uma cicatriz de riba abaixo produzia ora uma risca mais clara, ora mais escura, tirante a vermelho-roxeado, medonha coisa de ser ver. Mas estando sinhá Felícia, que receio teria cabimento? E quando não o jagunço, um preto qualquer da fazenda a acompanhava, o povo já se acostumara às visitas de sinhá e padre Porfírio nas moradias do povo indigente.

Naquela ocasião, porém, a ida de sinhá Felícia a Serradinho supria d'outro fim. Padre Porfírio recebe-a na sacristia, toma-lhe as mãos e a conduz a uma cadeira. Senta-se à sua frente, obsequioso, já se informando da doentinha pois não ia à Macambira desde ant'ontem, melhor?, um alívio sabê-la recuperada, mas a senhora dona Felícia parece-me um tanto cansada ele diz, porém reconhece a causa, todos aqueles dias à cabeceira da filha a queimar em febre e pronunciar coisas incompreensíveis. Padre Porfírio, durante aquela semana de transe, estivera três vezes na Macambira a pedido da senhora, era um amigo, um homem de Deus, com sua presença levasse o consolo da santidade, do permanente contato com o céu, uma bênção — e Coronel Pantaleão, que de costume chalaceava, naqueles dias

era uma sombra só, o lento claudicar daqui pr'ali, dali pra lá, de lá pra cá. Mas padre Porfírio, inda que nada lhe fosse pedido, sabendo da doença de sinhazinha Berenice lá iria da mesma forma, levar um conforto a tão distinta senhora era, para si mesmo, um conforto maior, uma alegria para seu coração de homem solitário: olhava por sinhá com desvelo, sentia uma dormência e uma excitação em sua presença – pudesse, daria sua vida para extirpar daquele ser o magoado sofrimento que nele com tino adivinhava. Sinhá Felícia seria apenas mais uma ovelha de seu rebanho... Em seus meditares, no dobrar os joelhos para suas rezas e delas se esquecer – o que muita compunção lhe proporcionava mas cada vez mais lhe custando o controle –; em seus devaneios meditares, seriam lícitos?, relembrava a pessoa de sinhá Felícia dum jeito que em si mesmo desconhecia, e assim lembrando estremecia, tomado de um medo...

– Uma missa então, minha senhora?

– Em ação de graças, padre Porfírio.

– No próximo domingo?

– Sim, é como desejo.

– Seu desejo será atendido, senhora. Mas, se não repara...

– Sim, padre?

Padre Porfírio estremecia. “Mas se não repara...” e o quê? Tinha algo a acrescentar? Baixa os olhos medrosos, franzindo o sobrecenho, concentrando-se, procurando tranquilizar-se, sente a tremura de suas mãos, aperta uma contra a outra. Sinhá Felícia está ali à sua frente e olha para ele, e o encara, espera o que ele tem a dizer-lhe, mas ele obstina-se em manter-se de olhos baixados, o sobrecenho carregado, a contida tremura das mãos respondendo por dentro, agonizando-lhe o peito, sufocando-o...

Por fim:

– Pressinto que alguma coisa a perturba – é a custo que levanta os olhos para ela.

Sinhá Felícia sorri breve, um mero comprimir-se dos lábios, a voz lhe sai mais baixa que o natural, enternecida:

– Desde que se está vivo, padre... – e também entrelaça os dedos; parece um pouco nervosa agora?

Mas o padre afoita-se, estende suas mãos trêmulas e toma as de sua ovelha, aperta-as com firmeza e doçura, ensaia um sorriso de encorajamento. Confessar-se? Falar de seus pesares? “Abra-se com Deus, minha filha” e então sinhá baixa a cabeça, deixa as mãos entre as do padre, estremece de mansinho, brando chorar, umas lágrimas escorrem por suas faces.

Sinhá Felícia chegou a dizer alguma coisa? Lastimar-se, não – não achava bonito uma pessoa lastimar-se. Queixou-se injustamente da vida? Lançou a culpa de seu padecer aos outros? Esse proceder não correspondia às suas maneiras, seu berço provera-a d'outro comportamento, um ser di-

verso, distinto do vulgar das pessoas. “A única culpa cabe a mim, padre, apenas a mim” teria dito naquele dia — em confissão? — ao sacerdote, que continuava segurando-lhe as mãos. A Macambira, não fosse Ninice, seria seu cemitério, seu túmulo em vida, “estou morta por dentro”, pronúncia que horrorizara padre Porfírio, “mas não diga uma coisa dessas, senhora dona Felícia!, uma pessoa tão saudável, tão jovem, e tão... tão...” bela?, ele teria coragem de dizê-lo? Teria tido coragem de dizê-lo? Dissera-o, afinal? Sua confusão chegara ao auge, já não tinha certeza de suas palavras, seu corpo era como se virasse uma geléia por dentro, esmilingüia-se. Só do que se lembraria mais tarde: os olhos de sinhá Felícia, úmidos, fitos nos seus, compreensivos?, quem sabe?, e depois quando ambos se puseram de pé ao mesmo tempo e se abraçaram, ela reclinando com doçura a cabeça em seu peito e ele se sentindo homem. No instante seguinte, com brandura, sinhá Felícia se desprende, sorriu-lhe, “domingo, então, não?” disse, “domingo, domingo...” ele murmurou, fantasmal, e ela saiu, um quieto caminhar, um passarinho que avoa rente ao chão.

Padre Porfírio restou sozinho na sacristia: nem seu espírito permaneceu, seguiu sinhá Felícia, acompanhou-a pela nave, inté fora, inté na charrete, no trajeto de volta a casa, em seus todos momentos.

“Domingo... domingo...”

Mas depois da saída de sinhá Felícia Coronel Pantaleão ficara só em casa. Os pretos do serviço doméstico não contavam, gente somenos — gente? Preto nem não é gente —, e Ninice saíra, mais a Lurdinha, mode brincar por volta, perto. Ele restava por ali, com seus pensares, seus pesares, seus vastos penares.

Suspirou.

Vindo de dentro, viu cruzar a varanda em vestimenta de montaria o moço Francisquinho, que atravessou o portão e principiou a descer devagar os degraus de pedra, nessa descida foi-se sumindo, sumindo — restou no ar uma névoa? Um nada? Nada. Coronel benzeu-se. Não era a primeira vez que via o filho depois de morto: o moço já lhe aparecera antes, vezes, e por estranho que fosse, visagem de andar de dia, de não se esconder no escuro da noite mode assombrar um desavisado caminhante. Da primeira vez tinha ido ao estábulo ver a cria de uma égua de raça em que punha especial empenho, planos de principiar criação a modo de experiência, estava só quando pressentiu às suas costas uma presença e virou-se: o moço Francisquinho, do mesmo jeito vestido — a roupa do dia de sua morte —, saía do nada entrando em seguida na cavalaria sem olhar para o pai. Nesse dia Coronel abismou-se de assombro, não teve medo pois era o filho e não algum espírito malino, pelo que sabia só os maus espíritos produzem medo, mas a surpresa lhe propiciou uma gastura, o cigarro de palha caiu-lhe

dos lábios enquanto ele, duvidoso, espiava apalermado na direção em que a visagem se fora. Apoiando-se na bengala, avançou até a porta da estrebaria, arriscou um olho lá para dentro, mas lá dentro não havia ninguém. Na noite seguinte, rompeu insone madrugada fumando na varandinha dos fundos, o canto do galo não buliu com seus pensamentos, e o sol deu sinal de claridade com ele ali, ainda, abismado. Isso se dera coisa de ano e meio antes.

Doutra feita se achava da mesma forma sozinho, então em casa; sinhá Felícia mais Ninice estavam pra Serradinho por motivo de visita a uns conhecidos; era de tarde, três horas passadas, quase quatro, o sol ainda alto no céu fervia seu pleno verão e as cigarras fora, no jardim, chichiavam seu guizalhado barulho; coronel, na sala, dormia um cochilo e no que se produziu em cima um qualquer diverso rumor abriu os olhos: no alto da escada, ajeitando as luvas, viu o moço Francisquinho que descia. Aturdido, ficou olhando aquele despropósito, o falecido descendo a escada como se fosse montar, pois que decerto ia, era a roupa daquele dia fatal, sua última vestimenta, com ela fora levado à cova. Antes de chegar à porta que dava para a varanda, evaporou-se. Coronel Pantaleão esfregou o rosto, pois que havia cochilado – não estaria ainda dormindo, sonhando?... Mas não, não dormia: bem desperto, os sentidos em todas as coisas, no sol que via pela janela, no guizalhar das cigarras, nas sombras da sala penumbrosa, tudo como ele enxergava, a realidade, o não-sonho: Francisquinho viera outra vez.

Por último, hoje.

Teria o moço algo a lhe dizer ou apenas penava, seu penar de dor, de morte repentina e despropositada nos cascos de um animal indomável? Mas de bondoso que era, Deus não haveria de lhe conceder um penar assim por castigo – de que pecados?, que se os tinha, pois de conformidade com as explicações de padre Porfírio todos pecavam, o moço Francisquinho devia tê-los miúdos, de pouca importância, somenos: de toda gente querido, seus bons modos e correto proceder. Não, não penava: o moço Francisquinho ali aparecia mode alguma palestra, coisa de importância, mensagem devida por algum mal prevenir. Coronel firma-se nesse entender – mas o que seria? E se assim era, por que nunca lhe dirigia a palavra, nem para ele olhando?

Pensou em sinhá Felícia. Aquele era um segredo seu: nem à mulher referira, nem a Graciano, que dele tudo ouvia a modo de confidência, o capataz sóia ser muito chegado. Por fim contar a alguém? Continuou pensando em sinhá Felícia, se devia dizer a ela, referir o que pela terceira vez lhe acontecia.

De noite, findo o jantar, virou-se para a filha:

– Ninice, sua mãe hoje me falou de sua vontade de um passeio a cavalo, mais a moleca Lurdinha.

– Não sendo de seu desagrado, meu pai – disse a menina.

– Não é. Porém, mandarei o Graciano por companhia, ao de longe, por segurança. Agora vá para seu quarto, que careço ter uma prosa com sua mãe – e para preta Apolinária, que entrava mode retirar a mesa: – Apolinária, deixe pra depois, por agora quero reserva com a senhora. Acompanhe Ninice até o quarto dela.

– Nhô coroné, sim – e saiu com Ninice pela mão.

Sinhá Felícia esperava. Viu o marido afastar o prato vazio diante de si e curvar-se um pouco, a testa franzir-lhe, havia uma sombra em suas feições. Coronel Pantaleão podia ter deixado para conversar com a mulher noutra hora, no dia seguinte, mas pressentiu que lhe faltaria coragem se não preparasse o assunto dessa forma, e dessa forma procedendo não poderia recuar. Como falar, porém? Como explicar, mesmo à esposa, que vira já por três vezes o filho morto?

– Estou pronta para ouvi-lo, senhor meu marido – a voz de sinhá Felícia acordando-o de sua indecisão.

– Um causo... um assunto que me foge ao entendimento...

E parou. Suspirou. Furou para frente com os olhos, descorajoso: olhar a mulher nos olhos? Faltava como – até um homem com mortes nas costas, seus assassínios encomendados, uma dureza de peito, conhecia a fraquidão da incerteza.

– Calha de ser um sonho, que pela terceira vez me repetiu – e não conseguiu soltar a verdade de todo. Decidira-se por aí, não diria logo que vira Francisquinho, mas que sonhara com ele.

– Um sonho? Sonhos costumam repetir-se, Pantaleão.

– Depois... dá-se que sim, já ouvi dizer... é fato, porém...

Estirou o braço na direção da taça de vinho que pusera na mesa para quando carecesse. Aquecer-se por dentro: valia-lhe algum ânimo. A taça estava vazia, encheu-a, virou-a de um gole. Limpou a garganta.

– Hoje no que vosmecê saiu, parece que cochilei na varanda...

– Ainda bem, percebo que você tem dormido muito pouco, Pantaleão.

– É... decerto... não durmo bem à noite, porém... então, que eu cochilei... e num repente avistei alguém que saía pela porta da sala e principiava a descer pro terreiro, mas no meio da escada sumiu-se no ar.

Enfim, havia dito. Inda que não dissera tudo, não conforme o real sucedimento, mas estava dito – e daí por diante não seria impossível referir as minúcias.

– Meu filho... o falecido Francisquinho.

– O senhor meu marido está me dizendo que sonhou com o morto...

Coronel parecia desvalido:

– Não sei se foi sonho, Felícia...

– Como não sabe se foi sonho, Pantaleão?

– É um pasmo... que deveras não sei... – e agitou as mãos, desnor-teado – não sei!... Da primeira vez – prosseguiu, mais calmo – foi há um ano e meio, eu o vi na cavaliça... da outra foi ali na sala, ach'que em março deste ano... ele descia a escada e, em antes de sair pela porta da varanda, esvaiu-se...

– E ele não falou com você?

Fez que não com a cabeça. A mulher esteve um tempo quieta, cogitando no que o marido lhe dizia.

– Sucede, Felícia, que se eu sonhei... era sonho por demais real!

Sinhá Felícia não se supria entendida nesses assuntos de sonho, tinha para si que os sonhos traziam um oculto sentido, pessoas havia que os interpretavam, talvez fosse o caso...

– Não sei, Felícia... não sei... E... e se não foi sonho, Felícia?... E se Francisquinho está mesmo pensando por aí?

– 9 –

“Filha dos tempos...”

Do que ia o Agenor preto matutando p'lo caminho riscado em contorno de morro. Já Didinha não referia a filha, em conversa não lhe pronunciava o nome, que do silêncio angustioso da dona ele desconhecia. Mas o Agenor supre que atinava esse nenhum explicar, os olhos tristes da moça do retrato, “morreu na flor da idade, e acerta que era filha única, outras nem num teve, e o vão no coração se rasga maior”. Dava-se o fato? Não fosse, que outra explicação cabia? Quis apurar com o patrão o mistério, não uma direta sindicância mas um simples referir, “se o pai de vossemecê conheceu já Didinha de moça e se sabia duma filha dela”, pois era certo que a velha assistia na Pindoba quas'que des'da meninice de seu Umberto, e dessa filha, que no seu presumir tinha faltado ainda moça, restara um retrato que ela depunha sempre no móvel do quarto; porém não, seu Umberto, inté don'Eulália, ambos não sabiam; a moça do retrato?, sim, já tinham visto, mas dela já Didinha resumia um completo silêncio; don'Eulália há muito tempo em conversa perguntou se seria uma sua parenta, filha ou neta, ou sobrinha que fosse, de sangue, mas a velha desconversava, *“filha dos tempos”* dizia só, essas mesmas palavras que o Agenor conhecia, a voz presa dum embargo, talvez chorasse no insistir do assunto, por isso não insistiu – dona já de idade, dever de respeito deixá-la aquei-

tar-se com suas dores lá dela reservadas, se não queria falar mode não agüçar essa ponta que lhe fisgava a alma, não falasse. Dito o que caiu em si, eco de um pensamento, desconfiou: será qu'íá Didinha não se desgostava dele espiar sempre o retrato, a modo de devotamento e não pura e simples admiração? Não lhe remoía o ser funda mágoa de relembança no ele toda vez ali olhar e puxar de volta essa memória? Isso incomodou o Agenor pois, por um lado respeitador dos outros, inda mais sendo pessoa adiantada em dias, melindrar uma dona daquela idade era um proceder que ele arrenegava em íntima compunção, por outro se sofria de não mais sentir no seu o olhar da moça — pois uma segura certeza presumia: a figura o olhava também, pelos olhos do retrato o espírito dela adonde estivesse o veria ali, pasmado, um derretimento no profundo ser, uma tremura da alma. “Uma moça que morre assim tão nova é uma derrota” sua suspeita, inda que tal não compreendesse bem, seria uma derrota da vida que por mais que se renovasse noutras tantas, naquela paralisava, certa diminuição, morreu uma moça tão bela e tão nova, de si não deixou no mundo mais que mera lembrança na forma de uma figura de papel, todos os filhos que poderia ter feito ver a luz do sol morreram com ela: esse o pensar do Agenor, a derrota, não em termos claros de fácil compreensão, nem para si mesmo ele produzia em palavras esse entender, confuso só intuicionava, assim. Porém se refazia de sua dúvida o peão, que não!, para si mesmo dizia, argumentativo, não corria bem por semelhantes conjecturas — íá Didinha não se avexava de que ele, por lá de passagem, se achegasse à porta do quarto, caso diverso não promovia de contínuo o retrato naquele móvel adonde num vira-e-mexe ia esbarrar as vistas; e assim, licença suplicada e em silêncio concedida — era só o jeito dela, não querer falar, mas só isso —, admirasse ele a tristura daquelas feições que o tempo havia devorado.

“As feições duma pessoa assim se acabam na existência das coisas, num havesse um retrato?”

A indagação do Agenor possuía abismos, um indagar de sabedoria: se o que é deixa de ser, ou se havia nas invenções de Deus, afora máquina de retrato, que é invento do homem, um meio só dEle sabido de guardar aquilo que o voar dos anos consome — e o preto Agenor sentia um arrupêio de pensar essas coisas, lancinava-o a incerteza, o medo do não acontecido: não houvesse máquina de retrato, como ele hoje saberia o rosto da filha de íá Didinha? Não estaria mais sozinho no mundo se assim fosse?

Que é que se passava na 'maginação do peão Agenor?

Sua idade progredia, se bem que velho não fosse: a data dos anos a confirmar na certidão pois sua memória não era boa pr'essas coisas, raspava os cinqüenta. Passava? Era de ver... tinha para si que ainda não, mas... Mas não casando de moço, de velho ficaria solteiro, não possuía muitos

trens, prezava seu labor e sua liberdade. Porém não lhe restava direito e maneira de sonhar, inventar enredos, historiar?

O berrado do boi na lonjura era verso, causo fantasioso – boi também tem suas lendas? Imagina coisas? Que a filha falecida de iá Didinha devia ser da brancura do lírio, pretos cabelos, e não estava morta, mas encantada, na espera de alguém que a livrasse do sortilégio. Esperava por ele nesse mundo estranho, submerso, que não é nem cá nem lá, adonde vão aqueles que são puros e muito cedo a morte chama. Ele, Agenor, era um preto, de seu apenas o casebre, os carcomidos teréns de pobre, podia sonhar com moça branca e assim tão bonita? Nunca que nunca, ou sonhar sonhasse, mas nisso ficando, o de seu, não mais: se viva fosse sua não seria. Acontecia porém que em seu fantasiar via-se reservado para mui elevada missão, o desencantamento da menina-moça sem nome, em solidão, naquelas estranhas paragens invisíveis, e para isso carecia livrar-se dos impedimentos que o embargavam: o corpo preto de antigos escravos herdeiro, seus dentes cavacos, as roupas remendadas, o seu pouco existir – ele também estava sob encantamento! Sucedessem por esse meio os riscos do destino e ele ia encontrar-se com a *filha dos tempos* em seu limbo, apresentava-se, a mão estendia-lhe com um brilhante anel – mão de um arcanjo –, e todo ele seria transparência e alvura: a menina-moça estenderia a mão para ele também, e ambos, juntos, da maldição libertos, cavalgariam fachos de luz para a eternidade – e o Agenor chega fechava os olhos na figuração dum sonho assim...

...e os abria no supetão do passo sofrado pelo burrico à beira do precipício: não fosse um animal de recônditas espertezas – vivacidade do burrinho lerdoso –, despenhava-se com seu cavaleiro: escuro no embaixo, fundura e matagal, negra garganta. O Agenor estremeceu. No céu, em círculos, o vôo lento do gavião há pouco entrevisto, seu intervalado grito. Passara por ali a asa da morte? O tinhoso se ria esconso detrás da folha da bananeira? Morrer assim não era de Deus, ardis do coisa-rúim que de toda maldade é capaz, de toda artimanha se utiliza mode pegar um pobre em seu laço. Desguiou o animal em rumo seguro, mais atencioso agora no prosseguir. As figurações do pensamento, deixasse-as para os vagares da cama, de noite, quando tardasse o sono. Lá, entre sombras, veria surgir o rosto dela, suas tristuras, a donzela encantada. Estaria o Agenor preto enamorado? Dum retrato – duma sombra, uma visagem?

Na sua faina viu-se desnortado um tanto o Agenor mode esse contínuo pensar, diverso das outras vezes quando a lembrança era uma boa permanência na memória, haveria de ser porque d'agora, não estando iá Didinha em casa, ele não pôde espisar a mocinha do retrato conforme sua intenção – matar a saudade.

Mas foi de valia, em regra, que o obrigava a cogitar nessas coisas de amor, assunto que nunca lhe tirara o sossego, nem em moço, quando rabo-de-saia não era coisa que o prendesse. Agenor procedera sempre por ser um cabra da lida, tinha sua vida pra cuidar, sua vivência, seus teréns escassos, o pão a ganhar o principal cuidado. Em baile ou qualquer festejo, de mulher tinha uns receios, um pejo que lhe dava de se achegar em conversa de namoro, mas umas e outras sempre namorou; teve até uma amizade mais continuada por uma moça em Poço Fundo, depois a coisa desandou, parou a meio caminho e ele continuou solteiro. Nesses tempos e lugares o que restava mode divertir um vivente era o serviço, e des'que sucedeu estar em terra de seu Umberto por ali ficou, os anos se passaram e cada vez menos o preto, na sua responsabilidade de mando em cambulhada de pedões, preocupou-se com assento de família, uma esposa, filhos — que isso de filhos ele teria, segundo o correr geral, uns, alguns por aí, espalhados; até se desse, ele desconhecia: seus casos, seus namoros teriam resultado em meninos sem pai? Moça ou dona mulher nenhuma nunca que o tinha procurado com criança no braço dizendo “vosmecê o fez, ajude a criar”, as histórias contadas provinham dos outros mode debicar quem está quieto, o povo fuxica de sobra — preocupação que porém não lhe inquietava o espírito.

Envelhecia (chegando em casa iria espiar na certidão a certa idade), e por vezes surdia no esconso do peito um frio de solidão. Carência de companhia? Um lar? Essas coisas de namoro já tinham ficado para trás, nos tempos de moço, de seus acanhamentos. Podia pensar ainda numa dona que lhe fizesse o de comer, lavasse sua roupa de pasto e curral, cuidasse da casa e lhe aquecesse o corpo em estripulia noturna de cama e lençóis, isso até que podia — e por um tempo ainda, anos antes, quas' se amancebava com uma de Sertãozinho, manteve-a pelo olho um par de meses, esse mútuo vigiar-se, de cá e de lá, de prosseguimento uma reserva de prosa: tiveram conversa, princípio de acerto, mas outra vez desandou — princípio de acerto pode ser também de desacerto, de desconversa, um mais chegado estudar e o entendimento de que por mau caminho se vai se no intento se persiste: o Agenor viu que não daria certo. Descontinuou: era sua sina permanecer solteiro.

Mas, e a moça do retrato?

A moça do retrato era outro rumo, dos diversos diverso. Um dia, estando com já Didinha, mode estudar o ser da velha, indagou:

— Sá dona, pois... eu cá sou um preto, caso inda que sou parco de haveres, de meu num tenho muito. Por breve: pouco possuo, quas'que nada, só mesmo o de me manter vivendo sem sol na moleira nem chuva no lombo. A senhora, que é dona de idade e experiência, calcula... seria certo um que nem eu assim casar?

A velha, no recender o aroma de café caseiro que coava em riba do fogão, tinto conforme seu gosto:

– E por que não, seu Agenor?... Pois quantos por aí não casam possuindo inda menos que vassuncê?

– Isso é vero, iá Didinha... é vero... porém...

– Estará o peão planejando casório? – a velha quis saber.

– Não, que não... é cá umas caraminholas, coisa de quem num tem o que matutar, num sabe?, perde tempo com idéias... Noiva num tenho nenhuma, não senhora, nem sequer pretendente. Mas é só mode saber vossa opinião, pessoa de idade é mais acertada em juízo de certos assuntos. Pois veja, que num é só o caso dito e explicado, mas... Num vê que um preto feito eu, um retinto, que daí pra bicho quas'que nem escapa... depois, num hai quem figura preto como bicho?... Ind'assim estaria certo casar?

Iá Didinha se riu, depondo na mesa diante do Agenor peão a caneca de ágata, a chaleira de café, o açucareiro, uma colherinha de alumínio muito massagada:

– Ué, seu moço, acaso preto não é filho de Deus?...

– Antão, que sim... mas e no caso dum preto espiar pr'uma moça branca?... Diz-que é muito feio um preto casar com uma branca. A senhora também é dessa opinião?... Agaranto que se a senhora tivesse uma filha – e nesse ponto o Agenor se susteve, intencional retrocedeu, pretendia sondar pelo assunto mas era de lei proceder mais cuidadoso, num tom mais brando –, adesculpe... no caso da falecida filha da senhora, em vida, Deus nosso senhor a mantivesse, se agradasse dum preto, a senhora consentia?

Nesse ponto iá Didinha puxou um tamborete, sentou na outra ponta da mesa, o rosto enrugado uma só luz refletida de fora, do sol que esturricava no terreiro. Os olhos da velha pareciam ter mais brilho, surda tristeza, o peão achou que não devia ter dito aquilo.

– Vou lhe dizer uma coisa, seu Agenor – ela principiou, tirando um pouco de café que bebericou bem quente e bem doce –, do que há de mais importante na vida é o viver, mas não um qualquer viver, senão que o viver bem: de tudo, o ser feliz é o que vale. Filha minha?... Quisesse ela um branco ou um preto... estivesse conosco e fosse feliz...

O peão sentiu os olhos marejarem das sentidas palavras da velha. Dona boa, sem tiqueza, o que valia mesmo era que sua menina estivesse ali. Maridada c'um preto? Que importância, se tivesse alegria?

– Vassuncê por acaso se agrada duma branca, seu Agenor? – ela de seguimento perguntou.

O Agenor se aprumou, espiou de relance para ela, “que não” garantiu, “só queria saber... num vê, eu acá... um negro preto!”.

— Já num tenho idades mode essas coisas, iá Didinha — prosseguiu dizendo —, ando mais pra velho... É do jeito que digo à senhora... obra de estar falto de assunto, providência de conversa mode o tempo passar... Eu pensando em casar com moça branca? Num vê... ando pra velho, raspo polos cinqüenta, o certo nem sei, só vendo no papel, mas raspo polos cinqüenta, quas'que mais, se num for!

Esse proseio fora há tempos, já pra ano? se tanto, nem ano e meio, passados dias daquela vez primeira em que avistara o retrato da morta em riba da cômoda. O que trançava por seus meditaires o preto Agenor?

“Inté pra mode um bem sonhar, carece de empecilho nenhum num padecer... a filha de iá Didinha é falecida, e viva fosse seria inté mais de idade que eu, num se dava que eu fosse casar mais ela... mas no retrato o que ficou foi a moça, muita formosura, e cá comigo eu me pertenço no meu querer... quand'eu ponhar a cabeça no travesseiro é pra mode sonhar acordado com ela, sem nome nem corpo, só alma, só o rostinho, feição de anjo, e dormindo continuar sonhando... e se no sonho a gente sucede de esbarrar um com o outro, num se requer um consentimento da mãe mode entabular assunto assim?... Meu casamento com a falecida filha de iá Didinha só poderá acontecer no eu dormir e sonhar... e seremos felizes, muito, eu mais ela!”

— 10 —

E o desembocar na chapada produziu admiração em Mariano, que susteve o passo do animal mode estudar o que via: uma planura sobre cristas de serras como o peão nunca figurara em seu imaginar.

Cedo acordando arrumou sua trouxa, encilhou o tordilho e sempre por um sinal de caminho, que caminho certo não havia senão o sinal já pelo mato em muitos lugares desfeito, adentrou de novo a mata, em avançar roçou por pirambeiras, costeceu morros, transpôs alagadiços, e no que pensava descer principiava a subir, o único rumo certo aquele, subindo sempre, de forma que ele já se inquiria se não se perdera de vez e sem chance de encontrar direção — nunca o peão Mariano se dilatara tanto de povoações, afundando na lonjura do sertão “vou abocar no fim do mundo?” ruminou seu receio, já tinha escutado falar de lonjuras aonde se ia e não voltava, inda que o fim do mundo fosse longe fora da conta — adonde? ah, que decerto não sabia: só longe, longe só, assim. “Um lugar muito longe” ele ia pensando, quando sobreveio a lembrança do sonho mal sonhado, aquela sombra de uma casa grande que parecia esfumaçar-se numa cerração, e aquela outra sombra, se mais clara ou mais escura não atinava, destacável — seria? —, um alguém que estivesse numa varanda para em seguida tudo se desfazer e ele acordar.

Mas seu principiar nessas práticas de sonho muito o alegrava, o primeiro de seu único viver — pois só possuía esse de quando acordado. Dormir e sonhar não serão um segundo, um outro viver, quando outras coisas se conhecem, que se esfumam, é certo, com o abrir dos olhos, mas que lá dentro permanecem, esperança, liberdade, rumo diferente? Era de se saber desses assuntos com nhô Viriato, sua carapinha branca devia-se aos dias, e os dias produzem um saber que em banco d'escola não se aprende, ora pois, que escrito não está em cartilha, nem mesmo em livro mais adiantado. Nhô Viriato iria explicar-lhe essas novidades: já formava desígnio de, recuperando sua direção, passar primeiro em casa mode tomar abença a pai e mãe; após o que, dum pulo no rancho do preto, sempre vizinho, com ele tirava suas dúvidas.

Indo por esses pensares, recordou um compromisso firmado com seu Umberto de Sertãozinho para daí a meses — não tardava, outubro de avanço, janeiro era presente —, mas carecia chegar um pouco antes, mais pelo comecinho do mês (e do ano), por ali estar de adjutório nas fainas de curral, e depois da segunda semana seguir comitiva: seu Umberto dispunha da valia do Agenor, homem dos bons, mas em caso de viagem prolongada fazia questão dum outro cabeça, igualmente atilado. Decidira-se, pois: iria passar o ano bom na casa do patrão em atenção à lembrança de don'Eulália, quando lá estivera meses atrás, “venha jantar conosco, seu Mariano”. Relembrou de senhorinha Juliana, que o tratava com muita delicadeza; fosse um cabra abobado, das amabilidades da moça — de fina educação e muitas prendas, inté escola pra moças na Capital havia freqüentado — iria tirar idéia estúrdia, de interesse, de namoro; mas ele não!, tinha compostura, conhecia seu lugar: a moça o tratava com deferência no seu natural de donzela de boa família e sabedora dos preceitos da cortesia; ouvindo a mãe lembrá-lo do jantar de ano bom, aproximara-se:

— Mamãe, convide o sr. Mariano para minha festa de anos — ao que don'Eulália iluminou-se, levando a mão à cabeça não sabia como pudera esquecer-se dos anos da filha, para daí a menos de dois meses, “em agosto, seu Mariano, a onze, não deixe de vir”. Procedendo de dentro, decerto por ter escutado o que se proseava na varanda, seu Umberto reforçara o convite, “será bem-vindo, seu Mariano! Nosso combinado é para o ano, porém venha pro aniversário da Juliana, teremos um assado, um fole tocando de noite, danças...”

E lembrando-se disso, que embaraço!, peão Mariano reconhecia: seus viajares tinham sido de maior interesse que tão importante data, para a qual, não reparando nas diferenças, fora convidado? Teria uma justificativa para sua falha? Que esquecer não havia esquecido, mas por aquela época labutava em Lajinha uns serviços custosos, transtorno seria largar tudo e bater-se pra Sertãozinho, assim deixou passar a data riscada na fo-

lhinha e ficou-se no seu quefazer. Porém, agora, decerto penaria um aca-
nhamento no retorno à casa de seu Umberto, “o senhor não ligou para
meus anos” diria a moça Juliana sempre bem educada, e ele, que explica-
ções inventaria? “Em antes tivesse ido, não carecia passar por esse avexa-
mento” meditava, porém alegraria o verdadeiro, nada de inventações menti-
rosas, diria “seu Umberto, sá don’Eulália, senhorinha Juliana, meus quefa-
zeres lá por Lajinha, uma estirada, e havia prazo...”, enfim, para seu com-
promisso ali estava ele, não media esforço mode cumprir um combinado.

Então desembocou na chapada.

De começo prosseguiu cortando a terra em trote ligeiro, à vontade
do tordilho, no seu normal, achando inté que se acercava agora de alguma
povoação adonde instruir-se de rumo e lugar. Mas já não percebia qual-
quer sinal de caminho, só a planura, a erva rasteira e algum arbusto ou
árvore de maior porte no esparso da vastidão, e de casa – vestígio, cadê?
Não havia gente nesse mundo onde ele, Mariano, viera perder-se! De se-
guimento tocou o animal, dum trote pra um galope moderado chapada
adentro e adiante, avançou bem na imensidão, e num chofre repente conte-
ve sua montaria, apeou, achegando-se à beira do precipício: o imenso pare-
dão de pedra despenhando-se centenas de metros para baixo, no correr em
toda sinuosa largura da planície, e mais ao longe, na muita distância, o
recurvamento azulego dos montes, corcovas e corcovas, um mundo vasto e
vazio, vertentes e vertentes sumindo-se no horizonte, e ele ali, arriba de
tudo!

– Polas almas – depois de um tanto admirar disse, a voz rebaixada
de tom, reverenciosa, um respeito pela descortinada grandeza –, que espan-
to de vista assim nunca eu tinha conhecido inté o dia de hoje!

E de seguimento, um rápido meditar:

– Polas almas... Chapada das Almas, é como devia de se chamar...
adonde a alma dum vivente se ampara, inté cresce um pouco no seu ser,
pra direção de Deus...

– 11 –

E no que se deu foram as implicâncias da Marli, que dentro de casa
não sossegava, sempre buliçosa com suas traquinices mais os de prima
Justina pelos arredores.

O Nêu era de sua justa idade, ambos com onze anos, inda que Mar-
li fosse um pouquinho mais baixa, como compensação um tico mais gorda,
um recheio de corpo, só, não se podia dizer gorducha: tinha as faces cora-
das, cheias, graciosa. O Tôco, esse o esquisito apelido, mas de nome An-
tônio, o Tôco pois era menorzinho, seis anos, sete por completar inda em
janeiro, não supria de si as mesmas disposições de enfrentar os morros,

subidas e descidas, correrias, o mato-adentro, as invenções de estúrdios passeios, “vamos de tarde subir o morro da mina?” dizia Marli – de propósito? Para o menorzinho não acompanhar? Que o morro da mina, um que ficava em riba duma mina d’água depois da grota bem pra lá da casa de já Didinha, era de alturas, ingremidades, por onde um difícil trânsito: Marli dos primos preferia o de seu tamanho, mais esperto, que feito ela sustinha galope sem afrouxar.

Já o Tôco nesse dia choramingava, mode que Marli dissera dele um molenga e o largou para trás, correu pelo trilho afora segurando a mão do Nêu, sua intenção era esquecê-lo lá, no meio do mato; prima Justina ralhhou com o Nêu mais a Marli, “ele é pequenininho” e don’Eulália susteve a moleca pela orelha puxando-a para dentro de casa, “vigia a louça, quero tudo lavado em antes do almoço”, no que a Marli nem te ligo!, da porta o Nêu esguelhando cabisbaixo e ela fazendo uma cara re-disse “o Tôco é um molenga mesmo”, lá de dentro don’Eulália inquirindo “o que é que a senhora está gungunando aí?”, “nada não, mãe”, enquanto prima Justina já ali na porta se apoderava de seu mais velho, “pra casa, hoje de castigo, não me sai mais”. Eram esses acontecimentos, mas chegando de tarde ou de noitinha, seu Umberto informado das traquinices abria-se num sorriso “é porque têm saúde, prima Justina, fortes crianças, Eulália” com um tapinha no rosto da caçula, um beliscão na bochecha do Nêu, “é só tomarem conta direitinho do Tôco” dizia puxando o menorzinho para o colo, “hein, Marli? Hein, Nêu?”, e se findava o barulho.

Seja que a Marli desse jeito procedia às vezes, sua fibra de ser assim, puxão de orelha não era capaz que lhe tirar uma lágrima; castigo, zanga de don’Eulália, cara trunfada de prima Justina, tudo pra ela avezava pelo des-caso – não que de coração fosse pior, tinha umas doçuras de se chegar à mãe de mansinho e lhe pespegar um beijo no cantinho do rosto que toda zanga se desfazia, uma sutil carícia, mãe e filha nessas horas entendiam-se. Mas é que aos onze para doze anos Marli se tinha por crescida além de sua natural idade, malícias?, inocentes: sabia-se menina-moleca mas ansiando por aparentar instruções, enquanto o Nêu nessas coisas decerto não pensava, por ora desconhecia, um bobo o Nêu; mode o Tôco não escutar ela teve de lhe falar no ouvido, cochicho, uma indagação direta e rápida, “você já namorou? Quando morava na Vila beijou alguma menina por lá?” e o garoto bisonho recuou com cara de quem não entende, ficou ali, espiando a prima, abobado, uma só toleima. Que de namoro a Marli também não trazia experiência, e quando havia baile em Sertãozinho, ou em algum morador de por-volta acordar o fole da sanfona mode qualquer celebração, o mais que procedera foi um dançar mais chegado, o garoto segurando em sua mão e ela com a mão no ombro do garoto, e lá iam intê findar a música, largando-se para recomeçar com par diverso na entoação seguinte; po-

rém isso nem seria princípio de um namoro: segundo seu pensamento não se namora um aqui e daí a cinco minutos outro, e nem é assim por semelhante maneira, era de lei haver um primeiro abraço e um beijo, nem à vista de todos, mas num desvão, viés, adonde não batesse o alheio espionar, vigioso.

Isso fora no começo, quando no entender da Marli compreensões outras ainda não tinham se aninhado. Pensou em namorar o Nêu, só para ver como seria, curiosa, o Nêu era bem bonitinho e tinha os dentes são, que nem ela, que nem mana Juliana. No dia em que lhe perguntou se já tinha beijado alguma garota da Vila, contava correr com ele na frente e largar o Tôco para trás, sumirem-se pra lá de uma moita-esconderija e se beijarem, assim na boca, pegando bem o gostinho que devia de ter, que beijo para ela teria um gosto mas não comum de fruta ou doce, ou comida, porém um gosto-gosto, sem dizer, não explicável; mas o Nêu se mostrou novato, recuou abobalhado e ficou espionando a prima sem ação, tão que a Marli toda se murchou num primeiro momento, depois mostrou-se uma pimenta com o primo, “garoto burro! Não escutou o que eu disse? Não entendeu ou é trouxe assim mesmo?”, e o Nêu foi se esquivando, um riso amarelo, pra ali, pra ali, inté encostar no barranco. O Tôco disse “num chama ele de burro não, Ma’li” e ela se virou para o pequeno, supetona, “cala a boca, pirralho, mijão, mija na cama, pensa que eu não sei?, mija na cama, que eu vi prima Justina estender o lençol hoje de manhã no varal” e o Tôco fez cara de choro. Marli largou os dois no caminho e voltou para casa quicando.

De tarde, outra vez de bem, desfazendo-se o ressaibo já se davam as mãos.

Mas a Marli não teria manhas diversas? Que uma vez depois disso, nem muito tempo não fazia, tinha calhado um sucesso para seu gosto e espanto, que foi avistar de longe o Agenor peão mijando — o jorro esguicho por demora, ali mesmo na descida da grotta, devia de andar apertado e não se susteve, inda que vigiasse em volta mode ver se não vinha ninguém. Não viu a menina, quieta e só, que descia para a casa de iá Didinha a um mando da mãe. Como fosse ainda cedo e tivesse feito frio, o mijo quente do peão caindo na grama geada levantou fumacinha, vapor. Vendo o que via, Marli parou e amoitou-se, ficou de espia, observou aquela diferença que ela não ignorava mas que num adulto lhe produzia um visco por dentro, uma coisa assim que grudava, uma sensação peguenta — nem explicar não sabia — mas não desagradável.

Depois o Agenor se compôs, seguiu, ia também inté a casa de iá Didinha, sua mania uma que outra vez tomar abença. A Marli saiu de seu abrigo e prosseguiu: chegaria lá? Entraria? Olhar o peão na cara, não teria encabulamento? Estranhou-se: estaria mesmo envergonhada, ela? De fora

chamou, arriscou assomar à porta no que a velha também aparecia; o Agenor, sentado num tamborete ao lado do fogão adonde umas toras ardiam esparzindo uma quentura boa no ar frio da manhã, admirou a garota, “bonita essa menina de seu Umberto” consigo pensou, “se calhar inté mais que a moça Juliana”. “A menina Marli por cá a essa hora?” e já Didinha já puxava uma cadeira pra ela, “tome assento, Marli, que estou coando um café, tem angu frito na gordura de porco” mas ela, atontada, não teve interesse, puxou mais a cadeira pro outro lado, distanciando-se: não queria espiar na cara do Agenor, manteve-se de cabeça baixa ou olhando para fora através da porta, no terreiro uma galinha passava com seus pintinhos, pintinhavam por ali seu cisco, seu milho-canjiquinha, as minhocas na terra, a galinha num ciscar mais redondo, de proeminência, erguia a cabeça, os olhos vigiantes, a galinha, os pintinhos... mas a Marli lembrava-se do mando de don’Eulália? Um recado? Um pedido? Esquecera-se, nem atinava, e enquanto o peão e a velha seguiam conversando diversificados assuntos Marli ensimesmava-se, vergonhosa feito se tivesse sido descoberta vendo aquilo que outra vez queria ver, inté evitando olhar na direção do Agenor, a não ser só de relance, medo de que percebessem: o peão era preto mesmo, e tinha feiúra.

Mas não fosse o Tôco, ia a menina engendrando lá consigo, podia espiar o Nêu — inda que o Nêu fosse um garoto, só, houvera de ser pequeninho, mas sempre teria sua graça, que diferença outra seria a cor, o Nêu era clarinho, inté branco demais, do que não se importava pois de uma forma muito sua intuía que de diversos modos que fosse sempre serviria para sua instrução, “cada qual será dum jeito diferente, inda que sejam todos iguais”, toda pessoa tem suas alterações e parecenças, e suspirava, cabeça baixa, vez que outra desviando os olhos num acanhado espiar na direção do preto: em seus engenhares prosseguia. Pois então se chamasse o Nêu para um passeio mais longe, adonde para o Tôco fosse penoso acompanhar, podia dizer a prima Justina que o Tôco era melhor que ficasse, inda pequeno para ir nesse lugar — adonde? Ora, um lugar qualquer mais arredado, imaginava-se ainda, ia ver. Mas iria espiar o Nêu de que jeito? Só se ele ficasse apertado, e nem assim, nunca que ele faria uma coisa dessa em sua presença, “é um envergonhado, bobo que nem aquele nunca vi” e recordava o procedimento do menino quando lhe perguntara se já tinha namorado alguma vez. Pensando, Marli punha-se assim meio inquieta, sem de si dar demonstração purgava-lhe um incômodo pelo corpo, uma vontade de não sabia direito o quê — tremura na barriga, mas por dentro? Um arrepio nas costas? Já Didinha lhe punha nas mãos uma caneca de ágata dessas grandes e uma fatia de angu frito, “cuidado, q’s’tá pelando” e ela segurou a caneca, ficou, manteve-se, troncha, e só acordou quando o peão encurvava-se para ela:

— A menina Marli, num é mais a jeito ponhar a caneca na mesa? — com um sorriso pusera-se de pé, vendo-a tão avoadada que a qualquer instante entornaria o café com risco de queimar-se; com delicadeza tirou-lhe a caneca da mão. — Depois, venha pra cá que por assim num assucedo um mal.

Marli levantou os olhos pro peão, sentiu-lhe o fartum. Aceitou a ajuda, sentou-se à mesa e tomou o café devagarinho, quieta, abismando-se em seus enleios: neles, o peão Agenor, o Nêu, ela mesma, essa coisa estranha que lhe remexia por dentro — na alma ou no corpo?

— 12 —

E o campo se abria, vasto, as planuras quase nuas, os morros redondeando por em-volta, nem altos, só alguns mais elevados, nas vertentes sutis a vegetação rala, nos vales amplos o alecrim, o assa-peixe, o só capim-gordura pendoado por essa época, nele afundado até os jarretes o gado vacuum, o lento badalar do rabo de afugentar as motucas, um mugido na lonjura, outro, o verde-azular da distância.

Sinuosa através da planície, a estradinha branca, poenta, mais que um trilho a recortar a paisagem. O sol projeta as sombras para a direita de quem e-vai àquela hora da manhã, já transpondo as dez. Quem espia por ali vê dois cavalos num a-passo nem vagaroso nem ligeiro, duas meninas cavalgando, passam, vão que vão, o só-ser da paisagem novidadoso, não se-acostumado a ela possuía riquezas por descobrir; acostumando-se depois, as riquezas não se esvaíam, sob-se-escondiam, um pouco, o cotidiano lidar suprime por enquanto o sentir mais suave: porém, deixe-se o sonhar — sempre o sonhar — fluir de seu resguardar-se para esses momentos preciosos, e as riquezas se redescobrem, inté com mais brilho, redobrado valor. Quem espia por ali e vê passarem os cavalos conduzindo as meninas verá agora, depois de um certo tempo, um outro cavaleiro que no cumprir determinações segue por qualquer direção aqueles primeiros, guardando porém distância, sem interferência a não ser no caso dum perigo, que para tanto ia, guardião, infalível sentinela: de longe espia, lá vão elas, as duas pequenas amazonas, a-passo, seguras em seu dia, em seu floreio de viver, de longe se permanece.

Mas ninguém viu: ninguém por ali espia, a não ser os alheios bois indiferentes, preocupados só com seu monástico ruminar — ninguém testemunha esse momento, sua sublimidade, seu tão longo não-ser.

— Eu pensei que ele não vinha mais — Ninice diz depois de um certo tempo, quando já se haviam distanciado bem de casa.

Lurdinha olhava para a amiguinha sempre com aquele encantamento surpreso dos primeiros dias, de quando ainda se espantava de uma menina tão linda e tão rica tornar-se sua companheira.

-
- Por quê? Depois daquela primeira vez ele não voltou?
- Eu estive por longe... muito tempo... depois que voltei demorou dias ainda para ele reaparecer.
- Vai ver ele não sabia que vosmecê esteve doente... quer dizer, por longe.
- Saber decerto não sabia. Inda que soubesse, haveria de achar o caminho para tão distante lugar?
- Capaz, Ninice... capaz que achava...
- Não sei... porém, eu pensei que ele tivesse desistido, pensei que não vinha mais, nunca mais...

A Lurdinha se espantava às vezes era consigo mesma de manter com Ninice uma prosa assim: que nem se fosse mesmo de verdade que um cavaleiro, no sonho aparecido uma vez, uma só vez, viesse a ser o prometido de sinhazinha, e que no caso, tendo sinhazinha viajado para aquela lonjura adonde ela dizia ter ido, por lá se perdendo tempos, dias e dias, não voltava mode achar que sua noiva não estaria mais ali, esperando por ele. Bem pensado, Ninice, não por ser de mimos, única filha de nhô coronel mais sinhá Felícia, mas por ser de um jeito impressionável padecia um pouco do juízo, embora noutras coisas mostrasse inteiro atilamento: o revertério estava só naquela história de um rapaz assim-assim que lhe aparecia em sonho... Porém, inda que por esse pensar se instruisse, pelo juízo da amiguinha se guiava, interno conflito: estaria sendo boba?

- Após, e ele então veio de novo?
- Ele voltou a noite passada, Lurdinha.
- Mas já faz quas'semana que sinhazinha sarou, ou por outra, veio de volta dessas lonjuras!
- Sabe o que eu penso?... Ele esteve quase por desistir, passaram-se esses dias todos e ele na incerteza: vem? Não vem?... “Ela não vai estar lá à minha espera” deve ter pensado... mas resolveu vir mais uma vez, só pra ter certeza...

– É... deve de ser... Vai ver que é isso mesmo, sinhazinha Ninice!... Mas explica, ele apareceu... e então? Anda, conta como é que foi.

Ninice recorda-se de seu sonho.

– Eu estava na varanda, já era de tarde, quase noite... – Ninice, debruçada no parapeito da varanda, espiava o céu que no escurecer enchia-se de estrelas, e um luar foi se levantando por detrás dos morros com sua branca claridade. – Mamãe estava com papai lá dentro, eu ouvia a conversa deles na sala de jantar... eles talvez não dessem por minha falta... daí foi escurecendo e fechou a noite, enquanto eu continuava debruçada no parapeito da varanda... então eu escutei um passo de cavalo – um suave tropel o que Ninice escutou ainda longe, como se um cavaleiro viesse vindo pela estrada que passava lá embaixo, além da porteira. Olhando na direção do

tropel nada viu por enquanto, ninguém, umas árvores altas, folhudas, construíam ali suas vastas sombras. — Demorou um pouco, não sabe, Lurdinha?, pra aparecer, mas de repente avistei: era ele! Vinha a cavalo lá adiante, bem rente à porteira.

— Era ele mesmo, sinhazinha?

Ele, que outro não seria — ele, o prometido, uma sombra, uma só expectativa, iluminado pelo luar, o cavalo agora imóvel junto à porteira.

— Ele não atravessou a porteira mode vir falar com vosmecê? — a menina Lurdinha curiosa querendo saber.

O cavaleiro atravessou e não atravessou: em sonho, por estranhável, mesmo sem abrir a porteira pôde estar do outro lado — como pareceu a Ninice, como sinhazinha viu, a copa do chapéu da mesma brancura do luar, o tropel macio pela alameda afora, veio vindo, sem pressa, na direção da varanda.

— Vinha vindo para mim, Lurdinha — Ninice explicou.

— Sinhazinha!... Então ele se achegou... e vosmecê decerto lhe viu as feições... seria um moço bonito feito seu pensar que fosse?

— Eu vi bem de perto — diz Ninice —, que ele veio vindo pela alameda na direção da varanda onde eu estava debruçada, e então parou ali, bem no largo, por inteiro visível...

...por inteiro, o cavalo imóvel e o cavaleiro nem dando com a garota na varanda, nem descobrindo sua infantil lindeza no estável antedesebrochar, uma promessa de delícias. O moço do sonho olhava em volta, parecia alheio, num outro lugar estando que não ali, no terreiro defronte à varanda da fazenda Macambira...

— Era como se ele não estivesse ali, Lurdinha, que não me via.

— Mas vosmecê não apareceu, sinhazinha? Mode que não chamou por ele, assim como quem não quer nada, perguntando por exemplo se ele não vinha mode algum assunto a tratar com nhô coronel, que vosmecê ia chamar... daí ele via sinhazinha, prestava atenção...

— Eu falei com ele sim, Lurdinha...

...e então Ninice vendo que o cavaleiro não acertava com sua visível pessoa na varanda, no sob-luar prateando-se, disse “moço” mas ele pareceu nem escutar, circunvagando a vista como se curioso restou, não viu ainda a menina. Ninice então resolveu sair, aproximar-se dele, e abriu o portão, “moço, vosmecê procura alguém cá em casa?” desceu os degraus, mas no que andou em sua direção o cavaleiro e seu cavalo se esfumaçaram, vagarinho, sumindo-se feito um gelo que súbito se derrete, transparência de vapor, o quê?, um nada, e sinhazinha se viu só, no meio do terreiro...

— ...então eu estava sozinha ali, Lurdinha, ele tinha ido embora do jeito mais misterioso, sumindo-se no ar.

— Nem deu demonstração de ter escutado sinhazinha chamando?

– Não, nem me viu nem escutou... mas eu vi o rosto dele...

– E era bonito?

– Por demais, Lurdinha, bonito por demais!

Ninice olhava a paisagem no seguir do cavalo, do seu lado a agregadinha, sua fiel companheira, mirando para ela, estranhativa como sóia ser. Escutava: pois o cavaleiro de visita aos sonhos de Ninice sem ao menos acertar adonde se encontrava, num alheio sonhar, sem o saber levando desassossego ao ser e ao coração de uma doce menina, esse portanto tinha feições muito bem conformadas, no dizer da sonhadora, nem seria alto nem baixo, mas de boa estatura, e muque, que não lhe faltava pois sem ser corpulento tinha músculos – visíveis por debaixo da fazenda da camisa –, além do que um rosto firme com bigodes e uma barba curta mas cerrada “e assim duma cor clara, não sabe, Lurdinha, pro dourado, como se os fios fossem de ouro”, e um sorriso puro, “antão ele se riu d’alguma coisa?”, “do quê, não sei, mas no momento em que principiou a sumir-se ele riu, sorriu, como se alguém conversando com ele, que só ele via e escutava, de repente dissesse uma coisa engraçada”, “ah...”, de modos que esse moço, sua figura respondia pela preferência e escolha de Ninice, conforme primitiva intuição, pois para ser seu noivo não podia senão ter umas feições boas e uma compleição favorável.

– Nunca tive dúvida, Lurdinha – Ninice seguiu dizendo –, mas agora mais certeza ainda eu tenho: é ele sim, é ele!

Lurdinha teve-se em si mode não inquirir de que jeito podia ser dela um rapaz que existia tão só em seu sonho. “Como é que ele vai aparecer de verdade mode namorar sinhazinha e pedir sua mão a nhô coronel?” quas’que perguntou, mas pensou que não seria bom desfazer a esperança de Ninice assim, que se fosse verdade tudo corria pelo certo, mas se não passasse mesmo de devaneio da menina, ela com o tempo haveria de compreender. A Lurdinha era uma garota simples, de paupérrima família abrigada na Macambira por uma casualidade, um estar bem de Coronel Pataleão em dia propício, mas tinha suas astúcias, finezas de espírito. E devotava muito amor por Ninice.

– Ainda tarda, Lurdinha, o Cafundó da Ema, a casa de nh’Argemira?

Pola retaguarda, recuado bem, um cavaleiro vigiava, obediente: o jagunço-capataz Graciano. A incumbência recebida era seguir de longe as meninas, cientes de sua arredada presença mas que deviam se sentir livres para passear, sinhá Felícia fora bem clara: as crianças devem estar à vontade, Berenice esteve muito doentinha e agora que se recuperava carecia de um passeio. Coronel Pataleão rosnou, nem se levantou da cadeira de balanço da varanda, reforçou o dito e explicado pela esposa.

Graciano não se agastava de tal incumbência: há anos na Macambira, vira Ninice aos poucos crescer, a filha de seus patrões fazer-se aquela menina bonita que a todos encantava com sua graça e educação, a bondade de seu coraçãozinho infantil. Mesmo um Graciano, um bruto assim, recheio das cometidas impiedades, embrutecido pela vida tortuosa, adoçava-se na presença de sinhazinha, amolecia suas durezas espiando-a passar com os olhos úmidos, um sangrar de devoção e amargura.

Que se passava no ser do capataz Graciano? Que dores? Qualquer remorso? Algum estúrdio bem-querer?

Graciano era um homem já por demais vivido, inda que a ser velho não chegasse. Fosse velho por dentro: suas cicatrizes diziam de um tempo que corroía a alma mais que o corpo, um tempo diverso, não o mesmo que se conta com os dias, porém mais feroz, de mais afiadas lâminas, mais fundas pisaduras.

Inda assim, talvez capaz de pensar em sua infância, fora um menino?, tivera inocência? — preferia não relembrar, o calejamento de seu ser por esse distanciado tempo começara. Agora vivia na Macambira, fiel a nhô coroné sem contestação, palavra daquele senhor era lei não carente de escritura, bastava a vontade e a ordem, ele cumpria sem perguntar — pergunta não é coisa que se dê por liberdade a um cabra de todo-fazer, nem lhe cabe nem caber lhe deve, o seu é o cumprir, a obediência cega, a submissão da própria vontade até um completo sufocamento: capataz, jagunço, um tal terá vontade sua que daquele que lhe paga e o livra da Lei e o mantém sobre os demais dono de um poder de mando e de morte divirja? O jagunço Graciano fora, na Macambira, encontrar homizio para seus piores feitos, tinha um valor em seu braço, em seu coração de aço refeito; Coronel Pantaleão reconhecera naquele cabra uma força, quem lhe faltava para proceder o que de ruim devia na qualidade de coronel e dono de muitas terras e vários inimigos, livrou-o dos soldados que na esteira de seus crimes o perseguiram, comprou-lhe a liberdade, deu-lhe o mando de seus homens, a segunda voz na Macambira, tirante sinhá Felícia, mas sinhá não se imiscuía nos assuntos de fora de casa, então ali ele, salvo nhô coroné, era o primeiro. Graciano apreciava essas benesses.

Mas pr'adonde sinhazinha Ninice s'escapulia mais a outra? Não se arredava demais de casa? Que fosse, era seu passeio, concedido por nhô coroné e sinhá Felícia, devia de começar a conhecer o que seria seu um dia, era lei, uma filha de fazendeiros deve desde cedo segundo seu entender percorrer as propriedades do pai e saber seu tamanho e valor. Por outra, receio nenhum não havia: ele, Graciano, estava de guarda. Tocou um pouco o cavalo, adiantou-se: só pra mode ponhar as vistas nas duas: sossegou de todo, lá iam.

Graciano a menina Lurdinha não viu de muito pequena, ao chegar na Macambira, no dizer de nhá Emerenciana tinha de oito pra nove anos, além do mais filha de uns enjeitados da vida feito ele, que graça acharia em criança assim? No excogitar por essa direção se susteve, não o passo mas o pensar, que por ser a Lurdinha uma enjeitadinha da vida não lhe merecia por similitude de sina um querer maior? Mas ele, Graciano jagunço, era homem de querer? Afeiçãoar-se por qualquer pessoa, não ele, não seu jeito de haver-se, seus sentimentos eram uma coisa fósfil desde muito, não seria uma Lurdinha malroupida e pra feiosa capaz de bulir nesses rochedos. Porém sinhazinha Ninice... ah, sinhazinha!... vira-a crescer; aos dois anos tinha-a ao colo, com o consentimento de nhô coroné e não pra desgosto de sinhá Felícia, dona de bondoso coração — se sabia de seus fazeres a mando do marido, soubesse, não se intrometia mode o bem-viver doméstico, e sem lhe repassar — a ele, não um homem mas um braço armado, tão só instrumento desprovido de sua própria intenção — qualquer ressentimento. Apois, na casa grande da Macambira gozava franca entrada, se bem que deixasse de ser entrão, em lá indo era sempre pela porta da cozinha, nunca pela frente, aguardando licença dos donos mode estar, sentar-se, guiando-se por uma educação só sua. Foi assim numa certa vez que, estando sentado na cozinha a convite de nhô coroné, “forre o estômago, homem” ele disse, uma de pia-e-fogão lhe servindo um café com leite e bolo de milho, se achegou de mansinho a criança cheia de formosura jamais entrevista por aqueles olhos ao horror acostumados, apoiou-se nele e lhe deu um sorriso que ele, inda que de sua pessoa naquele momento Coronel retirasse sua graça e o entregasse pros soldados que o metessem no profundo da masmorra, teria como prêmio suficiente por ter vivido, um puro sorriso, a candura, a luz que poderia alumiar sua alma: Ninice, dois anos ou pouco mais, chegava-se a ele como a um outro qualquer, sorria-lhe como decerto sorria dum brinquedo, o que ele fosse — seu ser tortuoso — impedimento nenhum opunha à pureza que dele se agradasse. No exato instante, acanhado e tenso, deixou o café a meio e esteve imóvel, petrificado, sem saber o que fazer diante do que acontecia, porém nhô coroné intercedeu em seu favor, “Ninice quer subir no colo do Graciano? Não se apavora com essa barbaça?” disse, tatibitate, brincando com a filha, uns carinhos nos cabelos muitos pretos da menina, chegando-se a custo pois então já tinha seus volumes, já sofria dum joelho ruim; “antão, Graciano” intimou Coronel Pantaleão bem humorado, “ela quer subir no vosso colo” e ele, largando na mesa a caneca e o bolo, limpando as mãos no pano das calças, “com vossa permissão, nhô coroné, se posso...”, “apois, homem, cá’de quê não havera de poder?”, puxou Ninice para o colo, tímido aquele homem que de todo medo se despira para viver sua vida — doutro modo não a viveria até ali —, e Ninice não se conteve enquanto não lhe segurou a

barba, estranhativa, que coisa seria aquele cabelo na cara dele?; momento em que entrava na cozinha sinhá Felícia, e mais o chefe-jagunço se retraiu, sinhá decerto divergindo do esposo não se agradaria de ver sua princesinha em tal colo, mas se sorriu, comedida como compete a uma senhora principal, “o Graciano de ama-seca de Ninice” em tom de voz brando comentou, “apois, sinhá, idéia de nhô coroné, não para vosso agastamento...”, “e por que seria, Graciano?” ela disse, simples, deu umas ordens às pretas que lidavam, retirou-se em silêncio. Desde então Graciano se apegou a Ninice, o que pôde, pois nem sempre tinha oportunidade de estar com a criança, mas quando podia tê-la ao colo, brincar com ela um instante, ouvi-la dizer o seu nome, ver-lhe o sorriso, era seu momento de alegria, sua compensação, capaz inté que lhe purificasse o ser — feito fosse sua filha? Mas Graciano sabia que não: fosse sua filha teria aquelas graças, seria o que era e não outra enfeitada, suja de terra, lambuzada pela senzala, inda que bonitinha?, e de sua mísera condição essa beleza apareceria? Podia ele amar uma tal criança como amava Ninice desde esse dia?

Com o desenvolver da menina está visto que se modificou o tratamento, nem seria de acordo ele ter ao colo uma garota de sete ou oito anos sendo a filha da casa, a sinhazinha, e um distanciamento por força se operou, um físico distanciamento pois em seu espírito Graciano sentia-se-lhe cada vez mais ligado, talvez inté que gostasse dela mais que nhô coroné, não diria mais que sinhá Felícia, todas as delicadezas em figura de pessoa, mas mais que nhô coroné decerto que sim. Ninice, crescidinha, tratava-o com um suave respeito, uma educação de menina que cedo recebe leitura, aos nove anos portava-se como a futura sinhá-moça que seria — já soía imaginá-la com quinze, dezesseis anos, desabrochando-se, encanto e formosura —, não ficaria bem tais intimidades feito quando tinha dois anos, três. E a menina, esquecia-se de sua pessoa? Mas não, puxara a sinhá Felícia, e vendo-o nas ocasiões em que aparecia na cozinha da Macambira, ou entrava na sala, no gabinete de Coronel Pantaleão, ou por ali transitava em inspeção de cumprimento às ordens do coronel, vendo-o, pois, cumprimentava-o, “bons-dias, Graciano” e lhe sorria aquele sorriso mesmo que pela vez primeira entrara em seu ser pelo caminho dos olhos, facho de luz rompendo a treva de seus interiores, “bons-dias, sinhazinha Ninice, muitos bons-dias”, “você não tem aparecido” ela dizia ainda, a modo de puxar conversa, “é o serviço, sinhazinha, muito quefazer”, “você anda sempre ocupado, Graciano”, “sempre ocupado, sim, sinhazinha”, “ah...”, “a sinhazinha está bem? A amiguinha vossa, a Lurde de nhá Emerenciana, anda por aí?” ele querendo saber, pesaroso de que o assunto morresse, estar perto da menina era sua maior satisfação, lembrança daquele tempo em que podia pegá-la, e Ninice mantinha prosa com ele, que estava bem, que os estudos lhe tomavam quase a manhã inteira, o pai lhe contratara uma

professora que vinha de Serradinho todos os dias, o Graciano não sabia?, “ouvi dizer, sinhazinha” ele respondia não querendo demonstrar que era de seu certo sabimento, todo episódio nas terras de nhô coroné passava por sua instrução, depois ele mesmo determinara, por ordem do coronel, que o preto Leocádio cedo, todas as manhãs, partisse para Serradinho modo buscar a professora; mas fingia ao certo não saber para que Ninice tivesse o que prosar, “ela me ensina de tudo” explicava, dizia uns nomes que ele jamais escutara em sua vida, gramática, geografia, história, matemática, ciências, tornava-se menina sabida, e ele, que mal assinava o nome, tinha-lhe por isso um novo respeito, o do saber, não era só a filha de nhô coroné, a futura dona da Macambira, mas a menina que principiara por instruir-se nos saberes que faziam a diferença entre as pessoas, esses saberes que no seu intuir elevava quem os possuía; “a Lurdinha também está aprendendo, mamãe exigiu” e o Graciano consigo mesmo desfazia, a pirralha de nhá Emerenciana aprendendo essas mesmas coisas que sinhazinha? Inté podia se dar, vindo ter com ela mais a professora, ambas estudando conjuntas, mas não, não seria feito Ninice, ninguém seria feito sinhazinha Ninice...

E o tempo correu de novo, mais um pouco, Ninice crescia. Aos doze anos punha-se flor cujas pétalas dão seus primeiros sinais de entreabrir-se, e mais o Graciano reverenciava sua grácil pessoinha: em nada deixara de ser como nuns tempos atrás, quando o cumprimentava com ares de moça formada, “bons-dias, Graciano”, esses bons-dias que não escutou de sua passagem por ali naquela toda semana da doença – o inferno que o jagunço por seu mal penetrou, que doutro pior não fazia suposição: nhô coroné feito sombra na varandinha dos fundos, pra lá e pra cá escorado na bengala, sinhá Felícia dentro de casa mais preta Apolinária e nhá Emerenciana, à cabeceira, os dias avançando com sua medonha vagareza e a febre a cozinhar as macias carnes de Ninice: desejou Graciano aquele padecer para seu próprio corpo, de merecimento, suportava-o sem queixume lhe fosse dado, desde que a criança não se finasse – esse o medo, o pânico a vagar pelos cômodos escuros da fazenda com passos de veludo, nos corações, mas surdo que às línguas não aflorava, quem poderia tal cogitar em voz alta, inda que em pensamento fosse a pura suspeita? Ele, Graciano, todos os dias, manhã cedinho em antes de partir para a lida, à noite quando de volta, inté mesmo durante o dia no caso de um portador por quem mandar saber, e-vinha, aprobechava-se da varandinha dos fundos, chapéu maçagado na mão, cabeça recaída, o olhar cavado e vermelho, inquiria “melhoras, nhô coroné?”, e sem parar, pra lá e pra cá manquitolando do joelho ruim, Coronel Pantaleão “qual nada, Graciano, qual nada”, ah!..., funda estocada, raivoso punhal em seu ser – a doentinha, amava-a mais do que se fosse sua filha, mais do que nhô coroné sendo pai podia gostar, se se finasse

sinhazinha Ninice, o que seria dele? Uma certa manhã bem cedinho, em antes de sair pro campo, foi estar com o patrão que então mais pesaroso lhe pareceu. Não teve coragem de perguntar pelo receio duma pior notícia e ali ficou, cabisbaixo, no portãozinho, o chapéu na mão, enquanto coronel de olhos vermelhos ia e vinha. Antão parou: “Hoje é dia dos anos dela, Graciano” disse, e voltou a andar ao comprido da varandinha, “os anos de sinhazinha, nhô coroné?”, “doze anos, Graciano, doze anos” suspirou, “que triste aniversário!”, “pra nós todos, coroné... porém querendo Deus o próximo será de toda alegria” mas coronel não escutava, em suas idas e vindas pretendia esfaltar-se, de esgotamento cair no chão, poder dormir um pouco que fosse, poder um instante de sossego... E assim, a cada manhã, a cada noite, o coração nas mãos pra lá se botava Graciano: a mesma pergunta, “melhoras, nhô coroné?”, a mesma resposta, “qual nada, Graciano”. Mas sinhazinha, não fora escrito que se finasse daquele jeito; e quando na derradeira manhã, de vés’ra tendo-lhe o coronel anunciado uma piora e uma desesperança final, escutou da própria boca de sinhá Felícia que Ninice se achava de todo sem febre e inté se arriscara a arredar-se da cama mode beber um pouco d’água do jarro, ele, o homem de interiores rizezas, o autor de muitas mortes, sentiu um desmanchamento, dum certo pejo evitou ali mesmo esvair-se, devagar virou as costas a sinhá Felícia e foi andando, foi andando, foi andando inté em casa, sua casinhola no bambual da grotta, nem entrou, caiu-se na porta, chorou o que se continha por chorar toda aquela semana, depois dormiu – tudo que não havia dormido nas todas noites de Ninice enferma. Graciano por fim saía desse medonho subterrâneo, de novo enxergava a claridade – e naquela manhã mesma, em antes de saírem para o passeio, estando já arreadas as duas egüinhas mansas em frente da casa, veio a menina – pequena amazona – em traje de montaria ter com ele na cozinha: “Mamãe disse que você vai conosco ao passeio”, “por ordem de nhô coroné, sinhazinha, lá vou, não desejando incomodar”, “não incomoda não, Graciano, mas nós vamos na frente, está bem? Você vem mais atrás”, “nhá Felícia já me instruiu desse pormenor, menina Ninice” e então o homem rude vislumbrou essa luz, a luminescência que abrandava suas asperezas e, lançando ponte sobre seus abismos, irrompia não com fragor mas silêncio seus altos torreões – sinhá-menina, seu sorriso.

Mas assim súbito a planície se acabou e principiaram uma descida. Ninice, que desconhecia o rumo, quis saber:

– Você já esteve mesmo em casa de nh’Argemira, Lurdinha?

– Antão não, sinhazinha! Lá estive mais minha mãe há tempos, mãe veio tomar uma instrução com nh’Argemira por causa duma dor nas cadeiras.

– E essa tal sabe lá de remédios? – Ninice duvidou.

– E não? Pois disse pra minha mãe as ervas mode apanhar e fazer banho, e uma pra beber o chá, daí que ela foi e ficou boa.

– E quanto falta para chegar?

– Apois, sinhazinha, eu disse que o Cafundó da Ema perto não seria.

Ninice olhou para trás, já desciam o recurvado caminho, as profundezas da Ema, aquele lugar que ela não conhecia senão de já ter ouvido – de que diziam tão medonhas coisas, essa nh’Argemira e seus feitiços. Mas avistou o Graciano que no seu distante vagar e-vinha, sua sentinela: e o medo se esvaiu.

Prosseguiram.

– 13 –

– E assim foi, nhô Viriato, na noite em que acampeei naquele lugar assemelhado a umas ruínas...

Sentado num tamborete, o corpo meio recurvado pr’adiante e os cotovelos de apoio em riba dos joelhos, o peão narrava com voz firme mode o preto velho melhor escutar, em sua idade o ouvido apresentava umas falhas, ora na qualidade de um zunido, ora de uma surdeza, em ocasiões um purgar, umas pontadas que requeriam chumaço de algodão embebido em óleo canforado. O preto Viriato era antigo.

Porém Mariano: agora na cozinha de nhô Viriato – como tinha saído da chapada por ele batizada das Almas, e encontrado o caminho de volta? Que por seguro não se passou em antes de largo peregrinar, já trilho não havendo nem vestigiando por aquelas paragens, só na direção do nascente um quase reto descer rumo às baixadas adonde chegou pelo finzinho da tarde, esbarrando ali com um rio. O peão acampou, sua matalotagem de reserva não era tanta, nem tão pouca, supriu o estômago de algum conforto, e dormiu sem sonhos, assim nas três noites que naqueles ermos ainda se seguiram. Margeando o rio por mais quatro dias quase, certo mesmo três dias e meio, transitando por dificultosos caminhos, em horas terreno brejoso com o risco de afundar-se em sumidouro, em outras mato quase fechado, tendo de abrir caminho a golpes de facão mode passar e assim mesmo a pé, o tordilho pelo cabresto, e em lugares menos desfavoráveis pernoitando, punha-se o sol a pino no quarto dia desde que saíra da chapada quando avistou uma casa, uma chaminé fumaçosa, e se achegou por tomar informação. Um sujeito magriço apareceu na porta, inquirido deu umas indicações; se sabia o nome daquele lugar? Nome mesmo não tinha não, respondeu, quas’que não, se dava que o terreninho era seu, Remanso por nome, um sitiozinho Remanso. Hein, chapada? Desconheço, mas a-

dentre um tico, seu moço, a dona não se acha que s'embrenhou no mato mode ver se caiu algum bicho no mundéu, caça, vossemecê sabe, uma carne pra janta... em todo caso deixou um de fornir o estâm'go... o moço anda perdido? O animal pode estar por aí mesmo... Cidade ou arraial? Riu-se duvidativo, pr'aqueles morros, se já teve? Instrução disse nunca escutei, estive naqueles longes rumos nada, só meu lidar... Ah, muito antigamente?... inté pode ser... Se bem que não seja novato por aqui; falecido meu pai desconhecia, senão tinha falado qualquer coisa, e olha que falecido meu pai conhecia chão... Não, ele nascer não nasceu aqui não, veio de fora, um lugar por nome Águas Claras, diz que cidade avultada, vosmecê já conheceu cidade grande?... Eu nunca, inda tinha vontade de ir mode ver como é, pai dizia de lá grande d'espantar um cristão... Ah, rumo? De povoação mais perto? No acompanhar do rio, seu moço, um arraial por nome Taquara... menos que um arraial... depois, conheço bem, de vez em quando vou, é só adonde vou, tem armazém, miúdo, um ajuntamento de casas, poucas, nem escola pros meninos... Mas não ponha reparo, é de pobre mas de boa vontade... falta uma carne, nenhuma caça ontem, e comprar nem sempre sucede um níquel, semos desprovidos... Vigário? Inda que haja igreja, parece que só recém... missa a dona gosta, asseste... eu alguma vez... porém como dizia, de povoamento só lá conheço, mode compra ou reza... sim, Taquara, nunca escutou?... Ah, de lá se chega adonde se quer, calculo que qualquer um informa... Cansado? Não, entendo, delongou viagem... Se quiser descansar umas horas na rede, atrapalha em nada não... ah, bom, se é causo de pressa... hein?... é, dias fora de casa, lhe dou razão, não sabe?, eu também sinto falta de estar no meu canto... verdade, verdade, nada como a casa da gente... então, se vai, boas... inté, seu moço, querendo volta, vem de passeio, traz a dona... solteiro? ah, bom... eu casei, a mo'do outro, 'masiei que gente pobre que nem eu não casa, 'maseia, a dona entrou no mato mod'ver o mundéu... tenho, dois meninos, foram mais ela, é... então, pois, inté... também, com Deus Nos'Sinhô prossiga... amém...

Direção encontrada, Mariano despedia-se: rumava para casa.

Mãe muito o abraçou, chorosa, reprovativa, quase dois anos sem dar as caras!, exclamou secando os olhos, "ara, mãe, exagero, um ano vá lá", punha logo um caldeirão d'água pra ferver mode um banho, seu filho aparecia bem encardido, "andava pr'adonde que chega em casa nesse estado?", andanças, ele respondia, conforme sua sina, "isso de sina" ela resmungando desconsolada, "sina dum homem é casar, ter família, estar mais junto dos seus" e representava uma zanga que não havia, só a satisfação de rever o filho tão ausente. Pai havia saído depois do almoço mas não tardava por aí. "Casar" Mariano pronunciou, um eco em seu pensamento "casar...", e Mãe insistindo, "casar, sim, ambiciono netos, seu pai está que só", "eu sei,

mãe, eu sei”, e com seus maternos carinhos já abrindo a janela do quarto preparava a cama para o repouso de seu crescido menino, “vosmecê parece cansado por demais, Mariano, por onde esteve?”, “fiz uma viagem, mãe, me perdi nas montanhas... estive uns dias... no mais, labutando de cá e de lá, por esses longes...”, e de volta à cozinha já trazia muda de roupa limpa, a água esquentava, apresentou a bacia, “entra pra lá que eu levo a água” e indicou-lhe o cômodo anexo, “vou apanhar toalha”, e Mariano de todo se refez, banho tomado, roupa limpa, um almoço vigoroso como há muitos dias não punha na boca, o corpo desfaleceu de cansaço: em seu quarto de infância, nessa mesma cama, deitou-se, dormiu seu sono, acordou noite fechada.

Ao chegar na cozinha, Pai ali estava. Abraçaram-se, o pai chamou ao filho sumido, desertor, o filho sentou-se para comer, e a pequena família depois de ano ou pouco mais outra vez se reunia. Mariano comentou com Pai de seu Umberto, um que possuía umas terras e gados perto de Sertãozinho, tinha assunto tratado com ele pra janeiro, inté lá restava por ali, em colaboração. E Pai se lembrou desse Umberto menino com quem havia brincado sua infância nos desertos de Corgo Seco, sim, há que rol de anos não via Umberto. “Rico, vosmecê disse?”, e esteve-se, pensou, sim, saindo daquele lugar qualquer um enricava, Corgo Seco era uma miséria. “Apegue-se com ele, Mariano” aconselhou-o o pai, “gente de valor está ali, pode inté ser que seja seu futuro” e Mariano reteve-se, não queria contrariá-lo — o que se dava: uma amizade mais seu Umberto, um acerto de serviço, “boiada que vou ajudar a levar” explicou, mas decerto não conseguiria estar por lá muito tempo, pra que dizer isso ao pai que tão alegre o aconselhava? Sina, pois não havia sina? A sua era não parar muito num lugar só.

— E nhô Viriato, mãe? No mesmo cantinho dele? — perguntou, mo-de desviar o rumo da prosa.

— E não haveria de estar? Lá se acha.

— Daqui pr’a mais tarde lhe faço uma visita.

E no findar da janta saiu, nhô Viriato assistia perto, numa subidinha; na noite clara — se bem que a lua só nascesse a desoras — as paredes caiadas eram visíveis arriba, sobressaía uma janela de incerta luz.

Atento ao relato que lhe fazia Mariano do primeiro sonho de sua vida, nhô Viriato, no canto do fogão, sentado num toco de eucalipto, não de imediato sentenciou: tomava um café de caldo refervido, sorvia num sorvo forte, ruidoso, a carapinha uma brancura, a cara preta um só franzimento, a boca sem dentes. Esquadrinhava, no buscar uma compreensão para aquilo.

— Porém não foi só dessa vez, nhô Viriato, que passadas umas noites de novo sonhei.

– Um outro sonho quas’que em seguida ao primeiro – nhô Viriato sobredisse –, ah bem, por minudências, moço Mariano, explica... Tudo requer um dilatado pensar...

– Quatro dias depois... então p’lo cair da noite eu tinha esbarrado num povoamento miúdo por nome Taquara, adonde pousei, ali, num quartinho que há nos fundos duma bodega intencionando estar de pé bem cedo, em antes do sol, mode me adiantar... porém então deu-se um sonhar mais claro, mais alimpado, que o outro debuxava só uns embaçados vagos, um sombreado brumoso, assim como as coisas se parecem em tempo de fechada cerração.

– De se esperar que por esse modo corresse, meu filho – a vozinha sumida de nhô Viriato no similar da lamparina que em riba, num caritô fuligento, desprendia uma escuridão de pouca luz –, são sucederes. Esses mistérios, o falar de Deus é curvo, por meio de tortuosidades revela suas sábias intenções, calhando porém que nem sempre ou nem todos alcançam. Mas siga, moço peão, siga contando...

– Pois então, assim foi... eu ali naquele quartinho, no escuro já madornava, dormi então, dum só mergulho... – dum só mergulho Mariano submergiu nesse desconhecido mundo de além, que não é ainda a morte, mas uma quase imitação, um existir sem tempo. E ele sonhou ser dia claro e estar seguindo por uma estrada, numa paragem que de princípio não reconhecia pois seu sonhar ainda não se completara de clarezas: não tão embaçado e desfeito como o primeiro, mas não tão visível e exato o em redor que dum relance pudesse identificar por onde ia, enxergando apenas a estrada e o dia, que fazia sol, e inté uns ruídos se escutavam por longe – assim fossem uns mugidos de boi no pasto, não sabe?, uns latidos de cachorro, tais coisas, que por enquanto eu me via confuso...

– Aprendendo a sonhar... é coisa que também se aprende, não sabe?, um treino, carece mode esclarecer as vistas nesse lugar diverso que é a terra do sonho.

– Deve mesmo de ser, nhô Viriato, vosmecê conhece, pois a primeira vez eu mal avistei qualquer sinal, já da segunda principiei por uma visão inda estreita mas tanto mais alimpa. Lá me ia, no a-passo do meu tordilho, quando avistei a casa grande duma fazenda, um bonito jardim na frente e uma varanda... – e Mariano avistou primeiro uma porteira, conforme corrigiu no seu contar, e adiante a casa fazenda. Parecia a do sonho anterior? Era afirmação que não arriscava: inda que pra ele fosse a mesma, como da outra enxergara só uns esfumaçados, desta a visão melhor se esclarecia, não provendo porém suficiêcia de certeza mode garantir que se tratava do mesmo lugar. No sonho ele avançou, cruzou a porteira e foi seguindo, foi se achegando para um largo que havia em frente no entremeio dum vasto jardim adonde devia obrar mão de cuidadoso jardineiro. O em-volta per-

sistia nebuloso, se bem que percebesse mais arredado uns volumes, “ár’res seriam, do lado da casa um caramanchão também se via, mas tudo na aparência dum desenho feito a tinta grossa, sem as minúcias das coisas”, de mais visível as paredes brancas e o gradil azul da varanda, um certo som dum reconhecível cantar de galo em qualquer proximidade, e no mais, os morros ao longe, os arvoredos, o céu tudo pola mesma forma, pintura feita a grossa tinta, empastada.

— E por ali — nhô Viriato querendo se adiantar —, esse lugar, casa ou fazenda que fosse, em terreiro, jardim ou varanda, apareceu um alguém, alguma gente?

— Eu, no sonho, tinha a impressão de não haver ninguém, ou por outra, de que o lugar estava deserto, meu discernimento não se dando por clarezas, tudo se persistia por isolamento, meu parecer... mas dum repente porém...

E nesse ponto o peão Mariano re-sofria um abalo, o que em sonho tivera e em acordado permanecera, um eco, embargava-se sua voz, as mãos tremiam. Nhô Viriato percebeu a comoção do moço, de importante sucedimento no que viria a ser contado.

— ...dum repente vi surgir uma moça...

— Uma moça — mais que disse, nhô Viriato pensativo murmurou.

— Não que fosse uma moça formada, um pouco mais que menina, mocinha...

— Ah...

— Uma formosura, nhô Viriato, um encantamento surgiu na varanda: a pele duma plena alvura, os cabelos um negrume de carvão, as feições como eu nunca pudera figurar em minha mente.

— Antão que quas’tudo se avistava confuso, porém as feições da moça apareciam bem...

— O de mais visível! Ela eu via ali na varanda como se fosse uma realidade, não sonho, não feitura d’imaginação!

No canto escuro do fogão nhô Viriato soltou uma risadinha curta, seu tanto maliciosa:

— Uma menina-moça — ele disse — que por meio dum sonho fисgou vassuncê, peão Mariano.

— Mas um tal acontecimento é possível, nhô Viriato?... Que eu, nos todos lugares adonde pisei, moças diversas conheci, dancei com elas em baile e inté com essas outras, na qualidade de mulher-dama, me deitei, desaforadas safadezas que a gente que é moço sempre pratica... ‘Garrei de chamego com alguém?... Espia só que o meu natural de ser... é que eu sou homem andejo... não tenho pouso nem faço parada, do que me prazo, o mundo é um vasto campo adonde tudo se deve conhecer... não me seguro num só lugar, razão por essa que eu, em conta as recomendações de

Mãe, que quer me ver tomar estado, até hoje não casei... e por mais certo que digo, não casei por não 'panhar por moça nenhuma nenhum amor... Pode que eu, em antes na vida nunca tendo sonhado, vá gostar de uma moça donzela só em sonho conhecida, ind'assim duma única vez?

— É que o amor segue suas próprias derrotas, meu filho, mode alcançar o coração dum vivente. Quem poderá saber quais são elas, seus procederes, o seu norte, a não ser o pai lá de cima, o de toda ciência e sabedoria?... Vassuncê não falou com a tal menina?

— Pois eu falei, então!, que eu falar, falei... mas ela não me escutou. Eu chamei assim: "Senhorinha!", mas ela tinha se achegado ao gradil da varanda e ali debruçada ficou espiondo pra outra direção feito não me escutasse, estando eu ali embaixo tão perto; então de novo chamei, "senhorinha moça!", e ainda assim nem era com ela!, eu nem estivesse ali, eu nem fosse uma presença, então me sustive, não disse mais e só fiquei contemplando toda sua formosura.

— O moço não itentou ir inté mais pra perto? Chegar mesmo rentinho à menina, mode ver se conseguia sentir sua pessoa?

— Depois de um tempo tive esse pensamento, inté parece que vosmecê me lê por dentro, píula! Pois pensar eu pensei, fiz que ia descer do tordilho mode entrar na casa, sonho é desse jeito assim, a gente entra na casa alheia mesmo sem chamar os de dentro... mas daí que, por mal de minha intenção, a moça-menina s'esvaiu...

— S'esvaiu no ar?

— Sumiu, não sabe?, foi sumindo assim devagarinho, sem nem dar comigo ali, foi sumindo, sumindo e não restou nada... e depois eu já não sonhava; quando acordei, amanhecia.

A história chegou ao fim. O preto não disse por enquanto palavra. Ruminava. Mariano ali viera em busca de uma explicação. Mas ele sabia? Que doutrina possuía para causo tão singular? Que o rapaz se enamorara da moça vista em sonho era sobejada certeza, dúvida nenhuma não cabia, mas... e o demais?

— O que é que está acontecendo, nhô Viriato? Que sentido têm essas coisas?

— Ah bem — nhô Viriato respondeu num vagar arrastado, inda carecia pensar, enquanto expunha suas certezas ia parafusando no que por enquanto não atinava —, o sonho, seu moço, procede na semelhança dum recado bilhete pr'aquele que sonha, e ainda que nem todos, conforme sua importância inté um aviso de Deus Nos'Sinhô... porém ler seus escritos, ah... é leitura dificultosa... mas no presente caso dúv'da nenhum não tenho: essa mocinha que vassuncê entreviu é um seu querer, um definitivo querer que outro não irá penetrar em seu coração: sua prometida, moço mariano, aquela pra vassuncê reservada lhe apareceu em sonho.

– Mas como pode uma coisa semelhante? Como pode ser aquela que me foi reservada se eu nem sei quem seja, nunca as vistas ponhei em sua vera pessoa?

– Os tortuosos seguires do amor – re-dizia o preto em seu canto, a voz, a luzinha vaga no caritô, a toda escura cozinha: nhô Viriato desvendava os esconsos segredos –, rotas que desconhecemos... Apois, conte cá pro preto velho, moço meu filho, vassuncê se diz um cabra de não descansar em um só lugar, andejo, a sede e a fome de viajar o mundo, de saber o que ainda não sabe dos lugares e das coisas, das pessoas...

– Deveras sou por esse jeito, é a minha maneira – confirmou o peão.

– ...mode que inda não firmou querença por nenhuma moça, nem quis casar, ter de seu um teto, uma família, conceder os netos a dona vossa mãe...

Mariano baixou a cabeça, suspirou. Carecia dizer? Tudo nhô Viriato sabia, de já lhe ter dito, de ter adivinhado – sabia.

– ...mas por essa menina do sonho era bem capaz as coisas do mundo inté restassem esquecidas, não é vero?

Mariano está sério. Sua voz, uma só segurança, firmeza no proferir:

– Por ela eu trocava o mundo inteiro, nhô Viriato!

– Antão eu não disse? – Nhô Viriato se alevanta um breve intervalo, espevita a lamparina mode mais garantida alumiação. – O amor adentrou vosso peito, moço Mariano meu filho, já é de vassuncê e vassuncê é dele, ou dela, não há disso possível escape.

– Mas a moça, nhô Viriato, adonde irei encontrá-la?

– Um aviso, todo sonho... cada sonhar traz seu recado... é ela a sua moça, a noiva de vassuncê, de nenhum outro será, isso é certeza se Deus Nos'Sinhô só a verdade nos comunica, Ele que não procede pela mentira, o pai de toda retidão, e assim sendo um dia, mais cedo ou mais tarde, ou mais hoje, ou mais amanhã, vosmecê irá de alguma forma encontrar com ela.

– 14 –

Sinhá Felícia nesses últimos dias parafusava umas coisas, pensares lhe ocorriam estranhos, suspeitosos – incomodavam-na. Que sinhá sempre fora de posição, instruíra-se, conhecera em tempos de menina-moça o luxo como já se calhou dizer, e a vida na cidade, multímota, inté que os reveses foram dar consigo naquele buraco, Serradinho, mais se aprofundando essa cova despois de seu matrimônio com aquele homem de muitas posses mas, também, de muita sisudez no coração, ao recolher-se (para sempre?) na fazenda. Teria devoção? Não era de fanatismos mas

fazia suas preces, vigiava a Virgem no seu nicho, ou na igreja ou na capela de casa, fazia o pelo-sinal e encaminhava-lhe um pedido, uma súplica sem palavras – nem mesmo sabendo o que pedir! –, “mas a Virgem sabe, a Virgem conhece” consigo mesma dizia, e o que sobreviesse na conformação de uma benção seria o de seu merecimento pela Santa concedido. Fê? Uma só esperança – esperava, desde que anos nessa espera!, enquanto isso Ninice crescia, chegava aos doze anos, com pouco seria moça feita... Sinhá Felícia esperava...

Coronel Pantaleão, na qualidade de esposo, com o tempo fora se arredando da mulher, inda que jovem e possuidora de graças, coisa de causar espanto pois o natural seria passar-se o contrário, que uma mulher feito sinhá tão cedo acordasse da diferença medonha entre si e um tal homem, dele sem mais arrenegando-se, embora no caso de permanecer casada não se lhe pudesse recusar. Não se dá aqui a descortesia de inquirir sobre as intimidades de tão ilustre senhora, só lhe acompanhamos o pensamento e sua mágoa – são segredos de alcova, no reconditório de seu consigo-mesmo devem permanecer, não além, ao aberto espionar do povo; porém não se suspende uma já proferida indagação, a qual, depois de nascer Ninice quantas vezes Coronel teria procurado a esposa? Raro em raro, pouco a pouco dela ia se esquecendo, por fim num acordo silencioso cada um passou a ocupar um cômodo na casa, sendo que nesse porém aquele esposo rude procedeu com regular cavalheirismo, pois foi ele a retirar-se do quarto conjugal para um de hóspedes que lhe era pegado a fim de não dar muito nas vistas – o que não se pôde evitar, já que de qualquer forma não daria na vista um homem casado que passa a dormir noutro quarto, inda que seja pegado ao antigo? Se, porém, algum comentário se sussurrou entre os serviçais, os ouvidos dos senhores não alcançou – alcançasse e formar-se-ia temporal de tal monta que mais prudência havia em se manterem todos mudos. Serviçal, inda mais preto, tinha que ver se o sinhô não queria mais dormir no quarto com sinhá?

Isso fora motivo de algum ressentimento por parte de sinhá Felícia, que se por um lado olhara as conveniências ao aceitar tal casamento, por outro seria uma dona moça e com seus apetites – importava se o marido não possuísse gratas aparências? Importava que fosse homem. Seria, no entanto, o caso de se resolver por outro modo a situação, incomum não era servir-se uma patroa de um preto da senzala: sempre haveria um meio de trazer o de sua escolha inté seus aposentos, ora, desculpa de fazer força no arrastar um guarda-roupa, trasladar uma cômoda pesada, e as oportunidades não faltariam, pois Coronel, se bem que seu joelho ruim não lhe desse folga e já seu corpanzil fosse um atrapalho às lidas, não tinha por costume parar muito em casa nessa época e ainda montava bem, tinha de sua preferência um burro novo, de porte, dos mais forçudos, manso, no qual per-

corria de vez em quando suas terras em vistoria geral. Nessas ausências que duravam às vezes o dia, coronel só botando os pés em casa depois das sete ou oito horas; nessas ausências pois, sinhá Felícia fosse outra teria tirado seu proveito. Mas conteve-se — tinha necessidade tal que a levasse a proceder de tão incorreta maneira? Que não, que sim, ela por si sabia, manteve-se fiel àquele homem a quem já não amava, a quem (diga-se a verdade) não amara nunca, e que também dela já se esquecera, uma que outra vez apenas conversando assuntos da casa, da fazenda, da filha — à hora das refeições, civilizadamente, como um casal exemplar, só, só...

Os anos passaram sobre ela, Ninice agora uma menina cheia de formosura e encanto, mas a mãe ainda guardava um tanto de sua juventude, e sua beleza — reconhecia ao examinar-se no espelho — não se desfizera ainda. A frescura veludosa das faces da menina-moça não havia mais, é certo, a delicadeza dos traços no desabrochar da idade é consumida com o tempo, mas algumas coisas ficam, um tanto mais delongam permanência: a pele firme e lisa ainda, os olhos profundos, a boca bem feita, os cabelos negros, a elegância do corpo, a altivez do porte — tudo isso ainda sobejava naquela mulher de trinta e sete anos.

“Não estou velha... estou viva... ainda sou mulher...”

Incomodava-a pensar assim, ou teria tais pensamentos para justificar entendimentos outros que lhe devassavam as sombras tímidas da alma?

“Por que ele segurou minha mão daquele jeito?” assombrava-se diante de tal indagação — pois, vamos que ela passasse por uma esposa infiel, a buscar nos pretos da lida um sossego para seu corpo; porém, uma cogitação assim sobrepunha-se ao normal aceitável, tangia pelo excessivo pecaminoso. Sinhá Felícia nessas horas buscava uma ocupação, ia pela casa a investigar a faina dos serviçais proferindo ordens, ela mesma dando de mão num pano mode espanar em riba de um móvel, e se saía à varanda chamava pelo Leocádio, inventava modas... Mas era pegar-se de novo sozinha, e aquela idéia evinha, imiscuía-se — furtiva feito cobra, coleando, coleando...

“Não, porque ele segurou minha mão de um jeito...”

Ele. Ele?

Porfírio.

O nome, pela primeira vez admitido com clareza no turbado pensamento, fê-la estremecer.

Por fim esmoreceu nessa luta — pensar: quem escapa das vozes que vêm, que emergem dessas funduras d’alma? Havia algum mal?, questionava-se, que sim, havia, se esse pensar se fosse enraizando a ponto de ocupar o siso por inteiro feito erva-de-passinho em galho de árvore, mas não era o caso, o seu caso uma pura curiosidade, espantava-a que um padre segurasse sua mão de um jeito que, noutro homem, seria sinal de flerte. Mas não,

padre Porfírio era antes de tudo um homem às direitas, não por ser sacerdote, pois padre sem-vergonha havia, sinhá Felícia não era ingênua e conhecia histórias; mas padre Porfírio, de bons costumes, soía também proceder de acordo com o dele requerido por seu sacerdócio, não tomaria atitudes perante uma senhora, inda mais uma dama de sua posição, esposa dum mui rico coronel que em sua propriedade possuía capela e a ele, padre, recebia com amizades e cortesia, em sua mesa sentando-se vez a vez mode um almoço regado a bom vinho e por animação um seguro prosear – padre Porfírio e Coronel Pantaleão, naqueles domingos de missa na Macambira, à hora do almoço despendiam tempo em dilatadas conversas, ora sobre bíblicas doutrinações, ora sobre procedimentos de campo e curral, variando o rumo dos assuntos conforme o desenrolar das idéias sequenciadas. Um que nem padre Porfírio, inda que sabedor das escusas artimanhas do coronel, tendo-o por amigo, faltar-lhe-ia com o respeito pensando de forma imprópria em sua mulher, por maior ainda o risco da eterna danação? Sinhá Felícia movia a cabeça, denegava, duvidava – especulações essas, só, outro nada não havia, mal nenhum naquilo.

...Não fosse sinhá desaparecer-se de que o traiçoeiro pensamento achando boa terra enraíza, enovela-se pelos acordados e pelo sono, pelo sonho, a imagem de um homem que possa vir com sua fúria e força de macho trazer-lhe o íntimo gozo, o tranqüilo sossego, e que vem mesmo, não falta, cavaleiro armado para o mais fero combate, ela o desejado adversário, o submisso, que porém não será derrotado nem vencedor, e que espera, também com suas armas... e quando abre os olhos percebe para sua agonia que a batalha tivera lugar no imponderável e que ele, o ansiado inimigo, possuía as feições de padre Porfírio ainda presentes no escuro, a se sumirem lentas, lentas...

“Eu não posso pensar essas coisas” ocorreu-lhe uma vez, quando porém reconhecia que já não podia deixar de pensar nelas. Pois era fato que o padre aquela tarde mostrara-se atencioso, não como sempre, mas como se um outro homem estivesse em seu lugar, com suas mesmas feições, sua batina, seu jeito igual, mas não sua mesma alma devota – ou sua devoção demudada se dirigia para outras direções? “Não foi apenas o ter segurado minhas mãos, mas o tom de sua voz... seus olhos... sim, seus olhos...”

Os olhos de padre Porfírio... o que tinham, afinal, os olhos de padre Porfírio?

“Os olhos dele falavam... diziam tudo que se continha em seus gestos, em suas palavras, em todo seu ser... só os olhos... por isso segurei minhas mãos daquele jeito... pobre homem!...”

Apiedar-se do padre seria um consolo para sinhá Felícia, um sinal de resguardo? Pode ser que de começo tenha assim lhe parecido, depois, se

ela reconhecia no proceder daquele homem de Deus um desvio para caminhos mundanos e dele se apiedava, decerto como cristã, inda que não de carolices, inda que das rápidas preces à Virgem em pedidos nem bem formulados, deixando à Santa a incumbência de vasculhar seu coração e atendê-la conforme seu merecimento; decerto, portanto, como cristã pediria a Deus que lhe iluminasse os caminhos, endireitasse seu entortado procedimento, fizesse-o compreender que nem talvez se dando conta assim mesmo agia pelo não-certo, contra seu hábito e sua religião, e com sua graça lhe acalmasse o exacerbado ser. Mas sinhá Felícia não estendeu a Deus essa prece, e ao apiedar-se do padre num dia, no outro, encarando-se no espelho, percebeu que devia apiedar-se também de si mesma.

“Não sou digna...” primeiro pensou.

Depois curvou o espinhaço, deixou que umas lágrimas lhe refervessem pelos olhos. Há dias vinha enfrentando aquele íntimo agonizar, até que por fim desatava: suas forças convertiam-se nos seus menos suspeitos desejos e mais atrozes incertezas, “como vamos nos encarar outra vez?”, e padre Porfirio adentrou de vez seu pensamento, sua vida.

– 15 –

Um peão não se assombra com os chifres de um boi bravo, não arreda do perigo no lombo de um cavalo chucro, agrada-lhe inté essas manobras arriscosas, o manuseio do laço no colher em galope o pescoço dum arisco novinho é de fácil praticar, somenos valor, peão que não sabe utilizar-se de um laço passa por aprendiz, além não vai enquanto não possuir um certo domínio nesses rústicos ofícios – porém no geral todos se desincumbem, uns mais peritos que outros nesta ou naquela função, mas de todas sempre um pouco sabedores mode se sair de qualquer dificuldade: a vida no campo tem exigências.

Mas um peão se arrenega às vezes de coisas de maior simpleza, que nem força despende nem faz o suor molhar o rosto, mas que à falta de vezo os desajeitados dedos se rebelam num triste endurecer, num manobrar dificultoso, servindo como exemplo do que se explica o correr dum lápis por folha de papel, no desenhar uma conformação de letra, num risco tremido, incerto, desproporcionado, que no traçar um “a” sói que a perninha da letra resta diminuta pelo lado dum arredondamento vasto e tortuoso, assim feito a desfeição do rabo miúdo dum dilatado porco na engorda, coisa muito feia de se ver é caderno de gente grande que, de criança não s’instruindo em leitura, principia então nesse tardio aprendizado.

Pode às vezes dar-se o caso de que a professora seja paciente no ensinar e, mode auxiliar o aluno, inda mais quando sua turma é em número só de um, mais atenção podendo lhe dispensar, segura com sua mãozinha

miúda a insurgente mão abrutalhada em sua luta contra a ferramenta de escrita, e firma, e a vai guiando devagar, assim, assim, inté sair mais legível o traçado, mais conformes a letra, a palavra, o desenho de todos os dizeres.

Não são essas considerações vagas nem alheias ao nosso historiar, pois tal de fato vem se dando nas últimas noites ali em casa de seu Umberto, numa saleta que há nos fundos, mais reservada do geral por mode melhor comodidade em quefazeres que requerem um certo recolhimento. A professora é a moça Juliana, o aluno, que outro seria se não o peão Mariano que, noite por noite, após as lutas do dia naquilo em que é perito, senta-se ali mais a filha do patrão mode suar mais do que suara em todo o duro esforçar-se em pasto e curral por debaixo do sol, no enfrentar-se com um lápis teimoso que não se lhe firma direito nas mãos, desandada treme-deira, triste insegurança? Apois, não é? Que agora, estando em casa de nhô Humberto já há semanas, Mariano, finalizando o dia de trabalho na invernoada em companhia do Agenor preto e dos demais, para ali, para aquela saleta no cair da noite, banho tomado e roupa limpa, se achega; na cozinha cumprimenta o povo, requer licença mode entrar, vai sentar-se em seu banco, de seguimento Juliana com o caderno, o lápis, a borracha, a cartilha. Cada vez que vê a moça entrar com os instrumentos de tortura Mariano baixa um pouco o rosto mo'disfarçar um enrubescimento, ele, sempre senhor de si no campo, ali um mero aprendiz, um sem-jeito pra lidar com aquele pedacinho de pau escuro e aquelas folhas brancas de papel, "um burro" ele se diz nessa diária humilhação, "em presença de moça tão instruída, não passo dum burro". Mas aquilo já não se tornara um costume? Ele acaso deixaria de ir lá, não se tivesse comprometido com a menina Juliana de fazê-lo? Pois ia como quem cumpre uma devoção, entrava, sentava, aparecia Juliana, e a lição tinha início.

Porém, como se dera isso, não de estar agora Mariano a serviço de seu Umberto, o que já sabíamos que se passaria por o virmos acompanhando há já um certo pedaço; mas de ter-se tornado aluno de primeiras letras da menina Juliana, quem – sabemos – lhe dedica uma especial afeição? Particular que requer um mor minuciamiento, do que em seguida se trata.

O peão Mariano, cumprindo sua intenção, pelos finzinhos da tarde daquela véspera de ano-bom atravessa a porteira da Pindoba montado em seu tordilho de todas as andanças. De seu Umberto pretende um favor, qual fosse, emprestar-lhe um outro animal enquanto de sua permanência ali mode que o seu, dada sua última travessia pelo sertão, necessitava largo repouso em bom pasto – empréstimo que poderia ser deduzido de seu salário, questão quanto a isso não fazia, era inté dever seu propor, inda que do natural de seu Umberto não fosse ligar importância a tão pouca coisa. Assim matutando atravessou a tronqueira da Pindoba adentrando pelo

terreiro, e seguia distraído sem dar com a presença de alguém que por dilatados meses o esperara, em quietude, pois com ninguém comentava sobre sua querença e suas esperanças: Juliana, que vendo-o chegar sentiu o coração num fogo como se fosse explodir, uma palpitação de doer, um quase sufocar-se de emoção, ânsias...! Juliana abriu a porta da frente, saiu para a varanda, desceu para o terreiro e ficou ali, esperando-o vir, perticregar-se.

Mariano por fim estacou. De pronto um tanto embaraçou-se, contava avistar primeiro seu Umberto, ou a moleca Marli, que não tolhiam seu à-vontade. Porém em presença da moça Juliana sempre se punha nos bicos da botina, pequenos passos, aflições – intimidava-o a rapariga? Suspeita-se que sim.

– Bons olhos o vejam, seu Mariano – ela disse, mal disfarçando seu contentamento. – Enfim sempre veio.

– Depois, senhorinha... sim, que vim... é pra mode o combinado com vosso pai, temos um acordo agora pra janeiro.

– Sim, sou sabedora. Vai ficar aqui na Pindoba por algum tempo.

– Alguns meses, senhorinha, mode ajudar na lida com o gado, riscado de que entendo um pouco, conduzir uma comitiva, enfim, essas coisas...

– Todos ficamos felizes com sua vinda – Juliana pensou em dizer “fico feliz com sua vinda” mas tolheu-se por último, não passaria por demais oferecida? Mais apropriado falar em nome de todos da casa, com o tempo então, quem sabe?, não poderia ela mesma, em menor atabalhoamento, dizer o quanto se sentia satisfeita tendo-o por perto?

– Seu Umberto se acha, pois não?

– Nesse momento não, foi a Sertãozinho, mas não tarda. O senhor então veio passar o ano-bom conosco!

– Depois, olha que... inté quas’que não vinha... data que se requer estar em família, “vou lá atrapalhar” pensei cá comigo... mas depois achei que não seria impróprio... isso se caso minha pessoa não for de incômodo...

Juliana sentiu-se flutuar numa onda de enternecimento. Incômodo, o seu amor? O que mais poderia ser cômodo na vida então?

– Nunca! – exclamou num ímpeto, em seguida conteve-se, corrigiu-se atenuando o dizer: – Amigos nunca são incômodos. Mas termine de chegar, e perdoe minha falta de jeito, ficar conversando com o senhor aqui fora sem fazê-lo entrar – e voltando-se para dentro: – Marli – de lá escutou a voz da menina, que respondia –, mande o Nêu.

Enquanto isso Mariano apeava, trazia a rédea sobre o pescoço do tordilho, batia a poeira de suas roupas. O Nêu de prima Justina apareceu no oitão da casa, veio vindo. Que lhe chamavam?

— Nêu — disse Juliana —, leve o cavalo do senhor Mariano para a cavalariça, cuide dele como você sabe fazer — e para Mariano: — Enquanto isso vamos entrando...

O Nêu, procedendo com obediência, saiu com o cavalo em direção das baías, no bolso amoitando embrulhinho de doces que Mariano lhe dera a modo de agrado, enquanto Juliana conduzia o peão para a sala.

— Não sou de cerimônias, senhorinha Juliana — ele disse com algum acanhamento, sentia-se encardido para entrar numa sala tão limpa e cheia de mimos — eu estava melhor na cozinha...

— Por hoje o senhor ainda é de cerimônias, seu Mariano. Amanhã já será da família, então...

E de novo corou. Não teria sido muito atirado de sua parte um tal dizer? Aquilo de amanhã já ser da família não abrigava um outro sentido além daquele comum, trivial, que lhe cabia? Para disfarçar, não deu tempo de intervalo e emendou:

— O senhor decerto quer comer alguma coisa, tomar um refresco, uma bebida mais forte?... Ou quem sabe, um café? Um café?... Sente-se, esteja à vontade, que vou providenciar.

Assim se deu a chegada de Mariano na Pindoba e seu reencontro, muitos meses transcorridos, com a moça Juliana.

Mais tarde principiavam os festejos.

Seu Umberto arengava proseio mais Mariano, a novidade do dia em sua casa, discutiam os projetos, contavam causos, bebiam duma cachaça especial que aquecia o sangue.

O Agenor chegou mais tarde, perto das sete horas, barba feita e camisa branca, uma que havia colhido de saco de plástico no fundo da mala e ainda exibia o sinal das dobras — não possuindo guarda-roupa, as peças de sair permaneciam na mala; as outras, por não requererem cuidado dependurava de pregos enfiados p'las paredes, o Agenor não existia por luxo. Dos que trabalhavam na Pindoba, alguns também para a sede vieram vindo, primeiro que todos um certo Lucas portando sanfona, seu Umberto acostumara-se à sanfona do Lucas e o retireiro não perdia ensejo de espichar o fole para geral contentamento: tocava bem, e aí pelas oito podia ser visto sentado num caixote perto do braseiro no terreiro dos fundos, adonde se assavam uns churrascos, que para festejos de fim de ano era costume na Pindoba matar-se um novillo, o dia todo por lá pelejando um povo experiente nessas obras de carne em espeto, boa mão para tempero, afora Don'Eulália que por ser patroa não se tolhia, também trabalhava, ou prima Justina, muito prestativa, ou ainda uma certa nhá Bilina, crioula sacudida dessas antigas que escondiam idade — trazia segredos de cozinha, o churrasco por ela temperado chega produzia um choro por dentro, o desejo

que aquele mastigar não se findasse. No rastro do Lucas, sem dilatada tardança vinha o Dalmo com um pandeiro, ambos juntos principiando musicais devaneios, brinquedos de acordes e ritmo, fora o interromper-se mode mascar uma lasca de carne assada. Nhá Bilina transitava por ali, instrutiva, fiscalizadora: tudo tinha de estar nos conformes com as determinações de Don'Eulália. Por mais que de cedo a sede da Pindoba abrigasse vizinhos e conhecidos, no aproximar-se da noite engrossava a turma de visitantes. Prima Justina, no mor de sua azáfama, teve seu momento de dificuldade no que procedia voltando de casa, adonde acudira em busca de umas travessas para a farofa: atravessou em seu caminho o Donga, solícito e de modos delicados, requerendo um particular. O Donga, colono de seu Umberto, ostentando um ar de matuto acabava de chegar, nem escurecia ainda, endomingado para a ocasião: a calça, inda que pescando algum siri era nova em riba dumas botinas enceradas, e a camisa exibia cores vistosas; era um lavrador de meia idade, pouco passado dos quarenta, troncudo, a cara larga, um bigode conforme o uso, e no sorrir um rebrilhar dourado mode um dente de ouro que mandara incrustar — todo de ouro; bom coração, era engraçado nos seus modos lentos, de há tempos trazia prima Justina de olho. “Ando ocupada, seu Donga” disse a pobre, avermelhando, sabedora das intenções do outro, porém pouco retributiva: não tencionava compromissar-se por enquanto, e mesmo que tivesse tal intenção o Donga não lhe fazia vista. “Sem dúvida, senhora dona Justina, pra mais tarde...”, e no que entrou na cozinha Don'Eulália cutucou-lhe, com uma olhadela de riso: tudo percebera através da janela, era engraçado ver Justina cortejada pelo matuto. A criança que fazia estardalhaço provinha em parte de Sertãozinho, em parte daqueles recantos, colonos de seu Umberto; imperiosa, Marli comandava a farra infantil, o Nêu pegava-se-lhe nos calcanhares, muito unidos os dois, enquanto o Tôco, menorzinho, nesse dia de muita aventura urdia brinquedos com uns de seu mesmo tamanho, mais à vontade, satisfeito.

Mariano, de primeiro recebido na sala, adonde lhe serviram cafezinho e biscoitos de polvilho, no seu sem-jeito de ser tratado feito pessoa fina muito se envergonhou de ver um biscoito esmigalhar-se todo entre seus dedos e pintalgar o assoalho encerrado de uma areinha branca, não sabendo o que fazer das mãos nesse insucesso, momento preciso em que entrava na sala Don'Eulália, muito cordial, acompanhando-a Juliana que fora à cozinha trazer-lhe um outro quitute, fatias de broa numa travessa de fina louça. “Não tem importância nenhuma” apressou-se Don'Eulália em pôr o peão à vontade, “não há quem coma desses biscoitos sem que esfarelem”, e Juliana curvou-se, atenciosa, um cativante sorriso em seus olhos de mata virgem, oferecendo-lhe da broa, que ainda fumegava, “prove, senhor Mariano, nhá Bilina que fez, uma delícia!”. Após, então, transcorridos

esses primeiros momentos de cerimônia, apercebendo-se da faina em que toda a casa se envolvia, Mariano prontificou-se: queria fazer alguma coisa, no que fosse possível ajudar, “não sou visita, senhora Don’Eulália”, pondo-se logo lá para os fundos a cooperar: atiçava o fogo do churrasco, picava a carne em pedacinhos bem miúdos que ia enfiando nos espetinhos, nhá Bilina instruía o modo de temperar, outras gentes faziam outras coisas, uns cachorros e uns gatos, estes daqueles apartados mode rivalidade de raça, rondavam, pelas xepas, olhos e focinhos atentos, a criançada se divertia. Da varanda dos fundos, como quem não quer nada, Juliana vigiava: no meio de todos, só tinha olhos para uma pessoa. Calhou de em alguma hora Mariano, sem intenção, circunvagando as vistas e seus olhares se cruzarem? Difícil é estabelecer uma tal minúcia em dia de tanta azáfama e arruído, mas instante houve em que, prestando-se atenção em Juliana, era capaz de se ver a moça um tanto corada baixar a cabeça e, tímida e afogueada, recolher-se para o interior da cozinha, buscar no filtro um copo d’água, “comi coisa salgada, que sede!” e disfarçar seu embaraço lá para dentro. Alguém seria capaz de prestar atenção em tal? Porém, inda que não se tendo por presumido, conduta por que se pautava no mais das vezes era o ter-se em seu lugar, o bem conhecer-se Mariano, espiar pra filha do patrão?, não vê!, certo seria o peão confundir-se acaso esbarrasse com aqueles olhos perdidos em sua pessoa, embebidos de sua presença, não fazendo mau juízo mesmo assim acanhava-se — e sem dúvida em certo momento se acanhou, quase corta o dedo com a faca. Seria por ter encontrado os olhos de Juliana, sua força? Essas coisas são que com o tempo se sabe, muito devagar, de antecedência nenhum asserto é prudente.

Lá Didinha, por ser de idade, esteve em casa todo o dia, festejos não a seduziam — já fora tempo! —, e pelo muito inté presente vivido aprendera que cada ano é igualzinho ao outro, aos outros todos que se foram, tendo por desvirtude só o envelhecer um pouco mais a pessoa, donde não vislumbrar razão nessas celebrações: o Natal sim, tinha seu valor, o nascimento de Nos’Sinhô o salvador do homem, data sagrada, de muita veneração, porém o povo não demudava os santos e verdadeiros costumes? Que em vez de orações, bebedeiras? Em vez de devoção, destemperos? O mundo procedia pelo pior, dizia sempre, ilustrava com histórias de sua mocidade, suas relembráveis memórias, tinha muita afeição pelas meninas de seu Umberto e Don’Eulália, os melhores conselhos lhes dedicava, em suas orações nunca que esquecia das meninas em especial, e no geral da gente toda da Pindoba. Referia-se porém a datas, e ela, iá Didinha, tirante o Natal e a Semana Santa — depois, a páscoa e a paixão de J’sus Cristo —, outras não a encabulavam, inda mais a de então, simples mudança de folhinha. Tinha sossego em sua casita, bem estando, bem ficando. Porém, mode não parecer desfeita, mais tarde lá ia um pouquinho estar com Don’Eulália

e seu Umberto mais as meninas, mais o povo todo, aquela gente prezava já Didinha como dona antiga, venerável. Chegando quase já de noite, passou pelos fundos adonde o povo aumentava mode o aroma da carne assada, cumprimentou uns e outros, meteu-se pela cozinha, nhá Bilina lhe tomou abença, costume antiquado, um adulto pedir a benção a alguém de idade, inda se via daquilo; Don'Eulália foi abraçá-la com votos de boas entradas, a menina Marli a abraçou por trás, toda dengos com a velha como se há muito não a visse — era pois aquele um dia por demais especial —, e Juliana, que entrava nesse momento, provindo da sala onde estivera servindo café a umas visitas, também a cumprimentou com sua boa educação, mas a nenhuma das filhas Don'Eulália ensinara esse hábito que já caía em desuso, tomar abença a pessoas de fora, inda que de idade. Já Didinha sentou-se por ali, perto da mesa, escutou prima Justina dizer que carecia de botar mais feijão no fogo e chamou por ela, que lhe desse o feijão que ela escolhia, “não estar à toa”, “se aquiete já Didinha” prima Justina respondeu, “hoje a senhora é visita” e a velha se riu, um tanto vaidosa com o tratamento — reconhecia, inda que a data de especial para si nada contivesse, a algazarra alegrava, as gentes se faziam mais amoráveis, pelo menos ali na Pindoba, “pelo resto do mundo... será?”, mas não, duvidava, o povo da Pindoba era bom, mas no mundo havia muita gente ruim.

Mais tarde, escutando o movimento de instrumento no terreiro, se achegou à varanda, mas não conhecendo Mariano chamou por Juliana que passava, apontou, aquele é novato por aqui?, quis saber, e Juliana desvelou, o olho maroto e cobiçoso para o peão que agora não a podia enxergar, sim, novo em casa, vinha trabalhar com o pai, “já estive aqui há tempos de passagem, agora vem para ficar” e já Didinha ali permaneceu, na sombra de uma pilastra, vigiando o novato da Pindoba com uma reservada admiração mode a aparência do rapaz, “um moço vistoso, sim, muito vistoso”. Esse pensamento ocorria a quem — já Didinha ou Juliana? Decerto às duas, uma por sua mocidade enamorada do peão, a outra, velha que tinha sido moça também, e quem sabe teria que memórias, um antigo afeto de parença com aquele?, um amor feliz ou desventurado?, outroras paixões? — pois uma dona de idade costuma guardar em si uma rapariga para sempre moça, para sempre amante.

Naquela mesma noite seu Umberto reuniu os dois, Agenor e Mariano, apresentou-os, o Agenor que dirigia em função de comando a lida com o gado, Mariano que trazia sua experiência em feitiço de adjutório, pro fim de janeiro seguiria com ele — Agenor — na comitiva, incumbidos ambos dos negócios. Seu Umberto era ciente de que o peão Mariano não escrevia a letra ‘a’, mas porém deixava-se enganar em conta? Na conta de mais e de vezes procedia de cabeça numa tamanha presteza que chega deixava a gente admirada, inté dividir, cálculo mais dificultoso, procedia sem

erro, davam-lhe os números e ele o resultado: conferisse! Conferisse no lápis, mode ver se surdia algum erro! No que avantajava o Agenor preto, de todo tapado para lidar com números; conduzia uma boiada muito bem, mas na gestão do cálculo seu Umberto não dispensava Mariano.

O Agenor já tinha ouvido de seu Umberto acerca da chegada de um novato, e agora, apresentado a ele, arreceou-se algo?, perderia o mando?, e cumprimentou o outro sem riso, garantindo porém que no dia seguinte estaria à disposição para tudo lhe mostrar. Seu Umberto contestou: que amanhã não podia ser, ora, dia de descanso, em primeiro do ano não se trabalha, “depois de amanhã, sim, Agenor, também eu estarei lá” e o Agenor fez que sim com a cabeça, pedindo licença recuou para perto do caixote adonde o Lucas produzia um bolero no ritmado pandeiar do Dalmo, enquanto seu Umberto e Mariano, dos demais arredados, prosseguiram conversando, ora sobre as lembranças do fazendeiro em seus tempos infantis em Corgo Seco, ora sobre outros variados assuntos.

Os festejos duraram quase a noite. Na mudança do ano queimaram-se os fogos, o estrondo dos tiros respondendo pelas encostas, nas corcovas dos morros, nas matas, espantando os bichos do dia que a essa hora dormiam alheios ao calendário, e os da noite, que saíam das tocas para viver. Já Didinha, que por hábito levantava cedo, retirou-se tão logo: inté sua casa a conduziu o Agenor, que ia na frente com um farol levantado arriba da cabeça alumando o caminho, mais a menina Marli e o Nêu, de lado a lado da velha, aparando-a pelo braço, que mais de uma vez se justificou: já de noite não valia nada, força inda lhe restavam algumas a bastar, sim, tinha disposição, “a senhora é dessa gente antiga, sá dona Didinha, passa muita moça pra trás” dizia o retireiro, e a velha concordava que não amolecia com a idade, mas as vistas fraquejavam por demais, andar de noite já lhe sobressaía dificuldades, e o preto solícito: “Inté eu, sá dona, arrenego de andar de noite, gosto não tenho, apraz-me o dia”. Mas o Agenor tinha suas intenções, conduzia já Didinha inté em casa mode mais uma vez espiar a menina do retrato, a velha já lhe conhecendo a mania “pode ir lá, seu Agenor” disse assim que entraram em casa e ela acendeu uma lamparina, “esteja a seu gosto” e o peão chegou à porta do quarto, com a lamparina na mão adiantou-se um pouco pra dentro do cômodo: na escassa claridade, o rosto no papel esbatido revestia-se dum esquivo mistério – e o coração do preto se contrangia. “Meu querer por uma sombra...”

Mas Nêu e Marli, ansiosos por voltar para a festa, não fizeram pouso, no terreiro despediram-se da velhota, que os abençoou, e subiram a ladeira de galope. No tope, em cima, Marli parou, virou-se para o Nêu, “vai na frente, esqueci duma coisa na casa d’iá Didinha”, “eu volto com você” o Nêu ofereceu-se, cavalheiro, mas a Marli tinha maus bofes no ser contrariada, amarrou a cara e soltou, fula, sua ordem, a voz adquirindo o

tinido dum metal, “eu mandei você ir na frente, seu burro, não mandei? Ficou surdo, garoto, por acaso?” e o Nêu se assombrou de tamanha e repentina transformação, os olhos de Marli mesmo no escuro fuzilavam, “vai!” ela berrou, e o Nêu nem discutiu: raspou-se. Porém Marli se acalmava, bufou ainda um pouco de raiva do Nêu, mas já se acalmava. Tinha uma idéia, num chofre repente rebrilhara em sua memória, carecia estar só. Enganava-se? A luz embaixo dizia do Agenor que evinha vindo ladeira acima: mas parou, num ponto se deteve. Marli em cima a espionar. Não, não se enganara, e pela segunda vez viu o peão Agenor mijando – viu inté o fim, inté ele puxar o “negócio” de novo pra dentro das calças e retomar ladeira acima. Então ela se sentiu satisfeita e voltou devagar para a festa, imaginando um meio de agradar o Nêu – fosse vê-lo também, mas quando?, e não assim, às escondidas, mas como?, Marli tinha uns enleios na cabeça: sentiu-se confusa.

O Donga perto de uma e meia retirou-se também, sem lograr uma segunda entrevista com Justina, que nessa hora punha o menorzinho na cama. Seu Umberto percebeu, conhecia seus anseios, apertou-lhe a mão quando ele se aproximou mode despedir-se; não fez qualquer alusão direta, apenas falou, tão só a jeito de infundir-lhe esperança:

– Não se desanime, Donga, tudo tem sua hora.

E o Donga se foi, pesaroso, esperançoso – seu coração um lagar, nele maçagavam as uvas os pés de Justina, e dum jeito doído, prima Justina não conhecia piedade.

No mais o povo todo que aparecera na festa se foi retirando, o Dalmo e o Lucas saíram perto de duas horas e sem mais música a folgança murchou, a fogueira no quintal extinguiu-se, a carne assada jazia nas travessas desprezada polas barrigas cheias, Don’Eulália enquanto isso arrumava o quarto de hóspedes para Mariano, tendo Juliana escolhido os lençóis mais macios. Uns derradeiros conversares ainda zumbiam pelos recantos, silenciavam aos poucos, o ano novo entrava como de costume. Às três e meia a Pindoba inteira dormia.

Dormia?

Em sua casita, já Didinha transitava por seus lembrares: as feições do peão Mariano vinham-lhe desenhando no lembrar longínquo as configurações duma saudade...

Mariano não tardou a entrar no ritmo de sua nova residência. Aquele primeiro de janeiro levantou mais tarde, por volta das oito e meia, por mais tarde dormir justificando-se um menos cedo despertar, os da casa também se pondo de pé ou pouco em antes ou pouco depois, seu Umberto permaneceu de vagares inté as nove. Pelas dez resolveu sair, dar uma esticada inté Sertãozinho, “gosto de cavalgar a esta hora, Mariano” disse

ele com sua voz cheia aboletado à mesa da cozinha, segurando uma caneca de café, “está convidado” arrematou, no que Juliana, àquela hora também beliscando alguma coisa, tentou dar para trás — lá queria ver o moço já cedo escapar de sua presença? —, “o senhor Mariano talvez esteja cansado, papai”, “ah, bom, isso é lá com ele, se for de seu gosto o convite está feito” e Mariano, mode não dar impressão de desfeita, e devido ao seu pouco à-vontade em presença da moça, concordou, “eu lhe acompanho, seu Umberto”. Mas para a parte da tarde Juliana pôde aquietar-se: regressando de Sertãozinho o pai não tencionava sair outra vez, desejou estar em casa e gozar a folga, e Mariano por ali foi ficando. Entreteve uma palestra com Don’Eulália e Juliana na varanda por boas horas enquanto seu Umberto cochilava no quarto, e relatou suas jornadas. Por último estivera em paragens distantes, disse, metera-se pelo sertão adentro, e generalizou, era de seu gosto errar assim de vez em quando, pelo que se conhecia não era de assentar-se, criar raízes. “O senhor já esteve em cidade grande, senhor Mariano?” quis saber Don’Eulália enquanto tecia um crochê, Mariano porém agastava-se de cidade grande, já estivera várias vezes mas “não é do meu agrado, não sabe?, Don’Eulália”, era apenas um homem do sertão, as cidades o confundiam, produziam inté apavoramento, “é como se eu fosse menor do que sou” disse. “Juliana estudou em internato na cidade” Don’Eulália comentou, “deixe-se disso, mamãe” a menina atalhou, baixando os olhos com modéstia, “ora, se é verdade, minha filha! E para o ano pretende voltar, completar os estudos na faculdade”, então coube a Mariano uma observação de cerimônia, “a senhorinha Juliana é moça fina, há de ficar bem em lugares assim”, mas Juliana era uma jovem de muita simplicidade, agradava-se do campo e o disse sem mais: “Não que eu não goste de passear na cidade, pois gosto, mas a vida no campo é de minha preferência”, e sem atinar, do que veio a arrepender-se, pronunciou “em meu tempo de internato sempre saíamos a passeio, o senhor sabe?, mas eu me lembrava muito daqui, desde menina, e mesmo depois de moça feita. O senhor estudou onde, senhor Mariano? Em Córrego Seco mesmo?”, e foi quando Mariano não achou adonde esconder-se de vergonha nem meios de disfarçar a vermelhidão do rosto. Tinha o chapéu branco de sola nas mãos, apertou-o entre os dedos, espiou para fora, tardou, respondeu por fim:

— Não freqüentei escola, senhorinha Juliana... em Corgo Seco inté que tinha uma dona, professora, que instruía os meninos lá, em casa mesmo que escola a bem dizer não havia... mas eu cedo lidava... garoto, não punha valor na leitura, e cedo saí de casa mode ganhar o mundo...

Fez uma pausa, a contragosto relanceou as vistas pelas duas senhoras, inda mais se confundiu.

— O que sei é isso, só... a lida de curral... assino o nome... no caso, desenho uns garranchos a modo de assinatura... se for de necessidade... assim num documento...

— Não se peje por isto, senhor Mariano — apressou-se Don'Eulália em deixá-lo à vontade, desfazer o mal-estar, o moço decerto envergonhava-se —, é muito natural. Além do mais, tendo-se vontade, nunca é tarde para aprender — e para a filha, com atilamento: — Juliana, minha filha, cõa-nos um café fresco. Já são horas.

Na ausência da moça, Mariano respirou. Não puxou pela atrapalhação de há pouco: entrou a referir com capricho o princípio de sua mocidade, no que lhe formou idéia de deixar a casa paterna para conhecer o mundo, os conselhos de pai e mãe, a aprovação de nhô Viriato, suas primeiras andanças e a saudade que ferroava, seguiu minuciando, Don'Eulália atenta mas sem perder o ponto do crochê. Quando Juliana voltou com o café o sossego restabelecera-se.

Nos dias seguintes Mariano entrou na rotina da Pindoba: o Agenor ainda com alguma desconfiança foi-lhe mostrando tudo, enquanto seu Umberto acompanhava. Deixara por conta de seu encarregado estabelecer-se melhor com o novo peão, dando a entender ao preto que não perderia seu posto de mando e inté de certa maneira Mariano, inda que só devesse obediência a ele, seu Umberto, não deveria contrariar as determinações do Agenor. Em caso de uma divergência, um diferente opinar, entrassem em entendimento, buscassem solução junto a seu Umberto, de resto o dono e senhor, quem entendia e desentendia.

Mas não havia por lá nenhum alojamento condigno, do que Mariano não se queixou, “qualquer recanto, seu Umberto, não sou de luxo. Pra quem muitas noites dormiu a céu aberto...”, porém seu Umberto não permitiria que o filho de um amigo seu de infância estivesse mal instalado e determinou:

— Vosmecê fica lá em casa. Bate-se para cá de manhã, mas a dormida é lá.

Mariano inda quis contestar, que não ficaria talvez bem um tal arranjo, os demais peões que por ali se alojavam inté podiam fazer mal juízo, “antão o novato gozava de favores?” diriam, mas seu Umberto não entendeu por esse parecer, que Mariano ali não viera para dar satisfações a não ser a ele, o patrão, e que devia ajudar com sua experiência naquilo que o Agenor não soubesse bem conduzir, e num aparte, em tom de voz consoante com a importância da observação: o Agenor tinha boa vontade, e também bobo não era, entendia do riscado, mas nesse mundo ninguém sabe tudo, e as informações que ele — seu Umberto — tinha tirado do peão Mariano eram as melhores, por onde ele lidara todos apreciavam seu zelo, não falando de seu correto proceder, donde que achou por bem tê-lo a

serviço — inda mais em tempo de comitiva como lhe havia dito nos primeiros acertos, isso inda na vez anterior que Mariano estivera na Pindoba, para esse fim de janeiro a comitiva sem falta saía, e arrematava:

— Por tudo que vosmecê viu, Mariano, tem gado pra sair!

— E de primeira, seu Umberto, de fazer vista!

Do que ficou acertado e resolvido que Mariano possuía quarto cativo, se bem que independente, na casa principal da Pindoba, e o peão não viu como recusar — não vendo também como evitar um envergonhamento sempre que adentrava a cozinha de seu Umberto toda noite, o encardido do serviço marcado na aparência, ali estando às vezes aquela prima Justina, mas sempre a moça Juliana toda olhos em sua direção, a menina Marli, já crescadinha, pelo que devia pôr reparo, inté mesmo Don'Eulália. Mas seu Umberto tratou de deixá-lo cômodo, “vá entrando, Mariano, vosmecê está em casa. Juliana, ajeite uma toalha mode nosso amigo se lavar”, Juliana pronto obedecendo e ele entrando para o banho munido de toalha macia e sabonete cheiroso em saboneteira escolhida, “fica sendo a sua, senhor Mariano” disse Juliana da primeira vez. Em seguida, jantavam — ele na mesa com a família, de primeiro requereu se não podia comer ali fora, na varanda, adonde estava mais a seu gosto, mas seu Umberto não concedeu, “não fica bem, Mariano, adonde já se viu!”, pois sim, todo mundo à mesa e ele ali fora, feito um estranho a quem se dá um prato de comida à porta, e Mariano mais uma vez não logrou escapar. Com o passar dos dias, inda que fácil não fosse, procurou afazer-se à nova situação, e se bem que o acanhamento no mais das vezes persistisse, devagar foi-se pondo quase de todo a jeito.

Na Pindoba não se dormia tarde, que a labuta diária compelia o corpo a procurar cama no que iam dando horas, mas às vezes inda restavam um pouco na varanda dos fundos, ou mesmo na da frente, inda mais nessas noites abafadas de janeiro, em serão que se dilatava inté pelas nove e meia ou dez horas, seu Umberto quem se recolhia mais cedo por costume; Don'Eulália tinha o hábito de distrair-se com o crochê inté mais tarde enquanto ouvia modas no rádio, e as filhas pelo mesmo ficavam-lhe às vezes de companhia, conversando.

Uma certa noite mais quente, em que o jardim vagalumeava e uma brisa matreira fazia travessuras nas folhagens, estava Mariano sentado na varanda da frente descansando a janta e esperando dar horas. Passava das nove, seu Umberto já se recolhera e Don'Eulália prosseguia seu crochê na sala pegada, as meninas com ela, Mariano de fora ouvia as modinhas de viola que o rádio ia desfiando. De repente um vulto surgiu à porta, esteve à soleira um momento e em seguida avançou, aproximou-se do peão.

— Minha presença o incomoda, senhor Mariano?

Juliana – pois que era a moça Juliana, do que muito se admirou o peão, pois de que jeito ela podia incomodar alguém?, e pronto levantou-se mode oferecer-lhe o lugar.

– Não, senhor Mariano, agradecida, mas não é preciso. Vou recolher-me daqui a pouco. Mas antes eu tinha um assunto a tratar com o senhor.

– Um assunto, a senhorinha? Pois diga, sendo algo em que eu possa ser de ajuda...

– Não digo que não, senhor Mariano. Antes, porém, de referir o assunto, devo dizer-lhe que já falei a papai sobre isso, e nem ele nem mamãe vêem qualquer inconveniente, pelo contrário, mostraram-se satisfeitos com minha decisão.

– Ahn... bem, se então... o que seja, a senhorinha pode dizer...

– Eu ficaria muito feliz, senhor Mariano, se o senhor concordasse em receber lições todas as noites, enfim, para aprender a ler e escrever.

Pasmou o peão com o que ouvia. Propunha-se Juliana a ensinar-lhe? A moça, sem esperar que ele respondesse, e percebendo-lhe a surpresa, apressou-se em explicar seu plano:

– Eu pensei em começarmos amanhã mesmo com o alfabeto. Sou boa professora, levo jeito para ensinar, além do que eu gosto; e esta seria uma atividade boa para o senhor, que aprenderia, e para mim, que ocuparia o tempo com uma coisa proveitosa.

Ainda custava ao peão responder. Mariano baixou a cabeça, confuso, espiou para fora enquanto no silêncio que súbito se fazia a presença da moça tornava-se maior, a ponto de encher a casa, quem sabe a noite.

– A senhorinha inté me encabula... que não sei... muito agradeço, que oportunidade de adquirir leitura não tive... ou por outra, inté tive, que lá em Corgo Seco tinha uma dona que ministrava lições... mas quando se é garoto, a senhorinha sabe, garoto nem liga pr'essas coisas... Não seria mesmo incômodo nenhum?

– Nenhum, senhor Mariano, pois se eu mesma estou oferecendo.

– Calha que... inda que seja... mas passo por um aluno muito cru, a senhorinha não sabe?, só desenho assim, garranchado, meu nome, letra mesmo eu não conheço...

– Não, o senhor não será cru, senhor Mariano. Para uma boa professora não existe aluno cru.

E é por aí que podemos agora encontrar a ambos ali, naquela salinha reservada, todas as noites, o peão penando com o lápis, Juliana atenciosa nem cabendo em si de alegria quando, com muito jeito, lhe toma a mão, guiando-a num traço seguro e direito, mais conforme a linha na folha branca, mais sentindo-a, a mão dele na sua, mais intensa a presença do homem a quem ama.

O Cafundó da Ema era um lugar que o povo não apetecia. A gente por lá evitava seguir – mode que fosse noruega, num afundamento de sombrosa grotta que parecia sumir pro chão adentro?, se fosse, mas não só, que mais pavor provinha das histórias contadas e recontadas, lá mataram noutros tempos – embaixo duma figueira que do caminho se via, solitária no meio do pantano –, um homem inocente que depois era visto, noites de lua cheia, zanzando no formato de um bicho à procura de redenção para seu ódio, o que não obtinha devido a que só se saciava com sangue de gente; uns garantiam que não era bem assim, não seria um homem, mas uma moça virgem de quem o pai tinha abusado, nascendo uma criança com sete dedos em cada mão, donde que a moça perdeu o siso enquanto a criança se criou de qualquer maneira, e quando se fez adulta trucidou a mãe e o pai-avô, e depois se dependurou duma corda num galho da figueira – a mesma solitária figueira no arredado do caminho, e por ali quem passasse em certas meias-noites era capaz de ver o corpo dependurado no galho, balangando pra lá e pra cá com o vento, em roda dois vultos, nem no chão, que no ar flutuavam por vezes, a mãe chorosa num eterno penar, o pai-avô abraçado ao filho-neto pedindo-lhe perdão mode amenizar as penas do inferno adonde estava; tinha quem conhecesse uma diversa história, ou um final diverso para a mesma, que esse filho pecaminoso tinha morrido na infância estrangulado pela mãe demente, e assistindo aquele destempero o pai se resolve a pôr fim na desgraça e degola a filha sendo ele a dependurar-se do galho da figueira; nas noites de sexta-feira treze ninguém se atrevia nem a passar no caminho, que todos sabiam: um menino muito branco feito a lua, por companhia um cachorrão preto de olhos vermelhos, aparecia dum nada pedindo uma esmola, um de comer, qualquer coisa, e apontando para a figueira dizia “minha mãe está ali, espera uma ajuda, mas ninguém quer ajudar”, momento em que o cão começava a latir para a lua, se tivesse lua, se não tivesse do mesmo jeito uivava triste de cortar o coração, então o menino dizia-lhe “meu pai, não uiva mais não que o moço vai nos ajudar, não vai moço?”, e o passante – não havia como –, mesmo intencionando prestar um auxílio àquelas tristes almas em sofrimento, arrupiam-lhe os cabelos, um medo regelando-lhe o coração duma tal maneira que fugia espavorido a si mesmo jurando nunca mais por lá botar os pés. Lendas-lérias, histórias velhas que na imaginação popular de tal forma se fixaram que mesmo os mais moços temiam aquele recanto mode a força da tradição antiga. Pois foi para ali que numa época incerta mudou-se uma mulher provinda de não se sabe onde, uma mulher sozinha, nem marido nem filho nem qualquer outro parente por companhia,

a não ser um cachorro grande e preto, e assim escolhendo um ponto bem do caminho retirado – para lá chegar carecia meter-se por um trilho no brejo, rente passar à figueira dita assombrada e depois contornar uma encosta – levantou sua choupana com paus, bambus e sapê tirados no mato, tudo por seus próprios meios e de ninguém colhendo adjutório, isso inda em tempos de nhô Pantaleão velho, Coronel menino de peito ainda ou nem nascido, esse particular da história sem um preciso esclarecimento. Que idade teria essa mulher? Ninguém cogitava, inda que fosse bem idosa por essa época atual, já não sendo moça quando apareceu no Cafundó da Ema e levantou seu teto. E o cão? Que cachorro preto era aquele, às vezes visto a correr de noite pelo caminho como se tomado de um grande desassossego? As antigas histórias, adormecidas na memória, ressuscitaram, que ali estavam depois de incontável tempo encarnados a filha abusada e, no ser dum cachorro, o pai criminoso, inda que não soubessem dizer da criança, ninguém duvidando porém que em breve haveria de aparecer – o que não se deu, e antão todos entenderam que o inocentinho havia alcançado a graça mas os adultos continuavam sua pena, e quem sabe ainda por quanto tempo persistiriam na terra, jogados dum lado pra outro, inté que Deus Nos'Sinhô decidisse o que fazer deles. Mas nhô Pantaleão velho não impediu aquela invasão?, murmurava-se nos recessos, não correu com uma tal pessoa que sem requerer licença invadia sua propriedade e assim se instalava, de malas e cuias, tomando para si como terra devoluta recanto a outro pertencente? Nhô Pantaleão velho não era homem de mau coração feito lhe tinha saído o filho, soube do caso por alto, chegou-lhe ao ouvido o falatório do povo, ou de fora ou da própria Macambira, lá esteve uma vez para tomar ciência e com a própria mulher se entrevistou: parecia lesa do juízo?, tinha jeito de gente ruim? Conversaram um pedaço, o senhor da Macambira perquiriu, a mulher respondeu, não sabia pertencer a alguém aquele chão, se lhe fosse permitido estar ali era garantia sua não incomodar, que de longe provinha mode um desgosto com a família que a renegava, enfim, essas coisas. A nhô Pantaleão velho não agradou nem desagradou, o cachorro preto veio cheirar-lhe os pés sem soltar rosnado, seria manso e não do outro mundo. Então deixou estar: que lhe fazia uma infeliz de pouco ou muito juízo que acampava em sua propriedade, sozinha e tão distante de todos? Depois de finar-se ele mandava derribar o rancho, pronto, fim da história e ele teria praticado um bem.

Nh'Argemira porém não se finou, e a fama de feiticeira que havia granjeado permaneceu. Correram com o tempo histórias de seus malefícios, de seu perigo – alguém punha dúvida, menor que fosse? Quem não tinha medo de passar no Cafundó da Ema, inda mais depois de escurecer? As velhas histórias da figueira assombrada, demudadas com o tempo e

com a incômoda vizinhança, recontavam-se à noite à beira do fogo quando assunto outro de maior interesse não ocorresse, e se os adultos punham tanta atenção naqueles creres, os pequenos iam crescendo e por eles também se guiando, firmavam-se como tradição, e inté Graciano, homem duro e afeito aos piores cometimentos, desconhecedor de medo e piedade, arreceava-se, e que estremecimento lhe percorreu o corpo no que viu as duas meninas, Ninice à frente, entrarem pelo trilho que conduzia à choupana da bruxa. Teria ele também de lá se meter? Apois, sendo pra cumprir ordem de nhô coroné, inda mais que a flor de seus dias ali abicava adonde podia correr tantos riscos, ele, mesmo contra o querer, ia — a vida entregaria à feiticeira ou mesmo ao diabo, mas em Ninice não se tocaria nem num fiapo de cabelo!

Nh'Argemira não se espantou no que viu as duas pequenas amazonas invadirem seu terreiro no a-passo de suas montarias mansas. Já esperava por elas?

— Bons olhos pousem na pessoinha da filha de nhô coroné Pantaleão — disse, quando a sinhazinha se achegou. — Deus que abençoe — acrescentou —, uma linda menina, sinhazinha. Bonita moça há de ficar.

— A senhora é que é nh'Argemira?

— Pra lhe servir, sinhazinha, a velha aqui se apresenta. Pode apear, se for de gosto.

— Como é que a senhora sabe que sou eu a filha do Coronel Pantaleão?

— Apois, quem havera de ser a mais bonita menina que se viu por aqui inté Serradinho, inté mais longe, não fosse a filha de nhô coroné?

— Serei tão conhecida assim? — Ninice parecia divertida com a fala da velha.

— Da velha Argemira muita coisa é conhecida, sinhazinha. Apois, apeie-se.

Ninice apeou, imitando-lhe a Lurdinha, ambas frente a frente agora com a famosa feiticeira.

Nh'Argemira porém vigilava para a curva do trilho, adonde entre as árvores podia divulgar uma sombra.

— Sinhazinha faça sinal para seu protetor — disse —, que esteja quieto, que não se arreceie, pois tudo corre por bem.

Ninice olhou na mesma direção: lá, entre as árvores, avistou o vulto do Graciano, sua sentinela. Acenou-lhe. Devagar o Graciano avançou, veio vindo, veio vindo, inté a beirada do terreiro.

— Se achegue, seu Graciano.

— Deus esteja, sá dona — murmurou o homem, sério, a voz um surdo rosnado.

— Com vassuncê também, seu Graciano, amém. Não se arreceie por sinhazinha, em casa de nh'Argemira está ela tão protegida feito s'estivesse em seu próprio teto.

— Não haja dúvida, sá dona, não haja dúvida — disse o outro, sempre austero. — Sinha menina não se demore, mod'que sinhô vosso pai pode desgostar.

— Não se preocupe, Graciano — respondeu Ninice — é só o tempo de tomar uma água, que estou com sede, e respirar um pouco.

— Antão, seja — e o jagunço apeando arredou-se um pedaço.

— Nh'Argemira — Ninice enquanto isso principiava, dirigindo-se à velha em voz baixa mode que não lhe ouvisse o Graciano —, eu vim aqui para saber uma coisa...

— Antão eu não sei, sinhazinha? — nh'Argemira polo mesmo tom de voz, inté s'evergando um pouco na direção da menina e de nada o jagunço se apercebendo. — Que muita gente fala mal aqui da velha, inté fazedora de malefício o povo me chama, mas vez a vez por cá aparece alguém no carecimento duma luz para suas dúv'das. Vam'entrar, que se lhe posso adjutuar em qualquer carência, há de ser num particular, cá dentro. Vossa companhia esteja aqui fora mesmo enquanto proseamos.

— Lu, espera aqui fora — e entrou em casa de nh'Argemira, que lhe cedeu passagem e a acompanhou.

Dentro de casa, nh'Argemira conduziu Ninice para um quartinho nos fundos, indicou-lhe um tamborete, "sinhazinha tome assento", e foi ela mesma puxar para si um banco e sentar-se defronte a menina.

— Nh'Argemira, eu ando tendo uns sonhos...

— Os sonhos trazem recados, sinhazinha, comunicações de um mundo estranho que ninguém conhece direito, e tanto podem ser coisas boas como coisas más.

— Eu penso que os meus sonhos são coisas boas... mas a senhora falou que trazem recados de um outro mundo...

— Não será esse que sinhazinha cogitou, o mundo dos mortos, não, é outro... sinhazinha inda é muito menina para conhecer assuntos que mesmo pr'uma velha feito eu soem ser de difícil entendimento... só lhe digo que mundos há muitos, diversos, o povo só pensa que há dois, o dos vivos e o dos mortos... mas se engana, que outros há, além desses...

— E a senhora conhece esses mundos, nh'Argemira?

— Não me é dada tanta ciência, sinhazinha, sou só uma pobre velha sem nenhuma leitura... Deus porém me agraciou com umas claridades, por vezes, nem sempre...

— Então o meu sonho, de que mundo ele provém?... Pois eu sonho sempre que vem um moço a cavalo...

— ...um moço — completou nh'Argemira, tomando as mãos de Ninice entre as suas e fechando os olhos — que a menina acredita ser seu prometido, não é?

— Então a senhora sabe!

— Um moço muito vistoso dum chapéu branco, uma barba bonita e um riso aberto — concluiu, ainda com os olhos fechados.

— A senhora conhece ele, nh'Argemira? — Ninice pasmava diante da velha, e com aflição: — Sim, a senhora sabe quem é... diga-me, quando é que eu vou conhecê-lo? Enfim, quando ele virá... pedir minha mão a meu pai?

— Há certas coisas, sinhazinha — principiou a velha, abrindo os olhos e encarando a menina —, que eu sei, mas muitas que desconheço. Vossas perguntas por ora ficam sem resposta. Não, eu não conheço o moço, nem sei quando ele vem... é mensagem velada... esses outros mundos são esconsos no tempo, sinhazinha... coisa que nem eu ajuízo bem... Quem conhece o tempo? Quem sabe de suas curvas e das surpresas que esconde de nossos olhos tão cegos?... No que segurei vossas mãos, o que pressenti foi essa presença em vosso pensamento, tão forte que quas' se pode enxergar feito na claridade do sol...

— Então a senhora não pode me esclarecer em mais nada? — Ninice decepçionava-se.

— Inda é certo que uma outra coisa lhe posso garantir, sinhazinha...

— ...?

— ...que esse moço — e então nh'Argemira mais apertou entre as suas as mãos de Ninice, de novo fechando os olhos como se assim pudesse penetrar o segredo que lhe escapava —, conforme sinhazinha mesma interpretou, é sim o vosso prometido...

— Então ele virá! — Ninice exclamou, toda se iluminando de contentamento.

— ...shhh!... que um dia virá, sim, há de vir... mas existem uns esconsos particulares nesse mistério que por enquanto não enxergo... sou só uma velha... nem tudo me é dado conhecer...

— Mas a senhora já me disse tudo, nh'Argemira, tudo! Basta-me essa certeza... e saber que ele vem...

— Se isso lhe basta, sinhazinha, se isso lhe basta... — a velha disse, outra vez abrindo os olhos e encarando a menina.

— Oh, sim, basta!... Bem, eu... gostaria de saber quando ele virá me conhecer e pedir minha mão a papai... mas pode ser que depois a senhora até descubra isso também, não é?

Nh'Argemira se arreceava de mais acrescentar? De proceder a novos esclarecimentos perante a menina, mode não haver melhores coisas a dizer-lhe? Não se sorriu da animação de Ninice, antes curvou-se: uma longe

aflição pungia-lhe o ser, que naquela história vislumbra uma sombra a obstarem o que ela pretendia buscar nos secretos lugares que com sua ciência por vezes visitava. Mas podia ser que estivesse apreensiva à toa — e daí, valia desapontar sinhazinha? Não, consigo ponderou, melhor deixá-la em sua alegria, uma menina, pela frente a vida estendia-se-lhe em abundância, e o futuro por vezes pode ser favorável.

Sorriu para Ninice:

— É, sinhazinha, é isso mesmo... essa velha cá já não presta pra muita coisa... pode-se dar que depois, no correr do tempo, eu descubra umas minúcias mais, mode sossegar o coração da menina.

— 17 —

“Como vamos nos encarar outra vez?”, essa a dúvida que aferroou sinhá Felícia no decorrer da semana que antecedeu a missa em ação de graças pelo restabelecimento da filha.

Uma dúvida assim não tinha cabimento, no mais exato entender, mode que o havido entre os dois não passara dum incidente de menor monta: ela num certo dia achava-se desconsolada com suas mágoas, nesse humano viver as mágoas estão sempre presentes (disso com ela discrepava? “O sofrimento enfraquece a gente” ocorria-lhe, e essa fraqueza, que é da alma, transparece nas feições, surge na configuração duns sinais que relação certa não têm, a não ser que se fale assim dum ar de tristeza que faz dos olhos dois vãos, um sorrir-se que apenas move os lábios mas não o espírito, uma alegria que existe por sua toda ausência, um descair-se de si mesmo que não se define, esses traços, esse desenho — figura-se? Enxerga-se o todo assim descrito? Mais bem se compreende vendo, apercebendo-se do calado sofrer, inda que nenhuma queixa se ouça daquela boca que emudece em seu discreto silêncio, do que tentar uma minuciosa descrição), e ele, padre Porfírio, um homem de Deus, afeito às aflições da alma, compreendeu-lhe o íntimo penar e tomou-lhe as mãos num gesto de carinho pastoral, ele o pastor, ela a ovelha, nada mais que isso teria acontecido naquela tarde — por que então aquelas apreensões, esses enredos de sua cabeça? Havia alguma coisa? Que não, certo que não, padre Porfírio, um santo homem — não a excomungaria se ao menos desconfiasse das obscenidades que lhe passaram pelo pensamento?

“Meu Deus, perdoa-me que sou fraca... que validade têm minhas desconfianças de padre Porfírio?”

E assim naquele domingo a igreja de Serradinho encheu-se: todo o povo da vila sentia-se engrandecido com a importância da ocasião — a menina Berenice, filha de sinhá Felícia e Coronel Pantaleão Valadares, alcançara uma graça da Virgem, e aquela missa seria em seu louvor. Inté sinhá-

moça Lúcia Helena, sabedora e convidada, compareceu com o noivo Augusto, na retaguarda por um lado sinhá Deolinda e coronel Otávio, por outro os pais de Augusto – todos cumprimentaram a feliz criança, apertaram-se as mãos entre os adultos, os homens um pouco se arredando do povo mode um proseio ligeiro em antes de começar o ofício, enquanto as senhoras parolavam sobre as graças da Virgem, que “é vero, nhá Felícia, também sou devota dela” dizia a mãe de Augusto, “já fui agraciada, pois nunca lhe relatei? Apois, inda há tempo, escuta só...” e prosseguiu por aí afora relatando seus episódios de fé. Nesse passo Lúcia Helena deixou Augusto à vontade e tomando a mão de Ninice saíram as duas, caminharam pelo pátio da igreja entre o povo matuto que abria alas encantado com aquelas duas formosuras, uma em formação, que prometia extrair suspiros dos pobres corações sertanejos, direito possuindo apenas o de cobiçar, “filha de nhô coroné vai espiar pra pé-rapado?”; a outra já formada, flor de lindas pétalas, pronta para ser colhida, e entre o povilêu os comentários cochichos no que passavam as duas, as reservas mode que não escutassem, “num é pra mês que vem o casamento de sinhá-moça Lúcia Helena?”, “ói, que não, só para o ano, final de janeiro”, “ah... inda corre tempo...”, “o noivo é aquele rapaz alto que chegou mais ela e a família”, “apois, eu avisei. Vosmicê comparece?”, “antão não? Nhô coroné Otávio é homem de regalias”, “lá isso confirmo, não escolhe... todos são por igual tratados”, “e não às migalhas, não às migalhas”... Mas Lúcia Helena encantava-se com Ninice, e esta com aquela moça linda que a tratava feito adulta, ambas de mãos dadas conversando todos os assuntos, rindo-se, um perfeito entender-se. “Será que eu poderia contar para ela meu segredo?” a certa altura a menina se perguntou, “quem, a não ser ela, haveria de entender-me? Que a Lurdinha me ouve, mas duvido que não me tenha na conta de maluca... Será que devo dizer a Lúcia Helena que eu também já tenho um noivo?”, mas a moça falava, animada, sobre seu casamento para daí a pouco mais de três meses; relatando os preparativos descrevia o vestido, o véu, o buquê, e por fim segredou-lhe: “Falei com mamãe: Ninice, você vai ser minha dama de honra”, “Eu!”, “E quem melhor?”, beliscou-lhe a bochecha, curvando-se ainda mais para ela estalou-lhe um beijo, “a menina mais bonita” disse, “para a noiva mais bonita” Ninice completou, por momentos esquecida de seu segredo e da intenção de revelá-lo a Lúcia Helena, e ambas se riram, a pura alegria do sorriso defronte os fechados reposteiros do futuro.

No principiar do ofício religioso, padre Porfirio, paramentado, dirigiu-se à multidão que lotava a pequena igreja:

– Meus irmãos, estamos hoje aqui reunidos por um especial motivo: presentes se acham o senhor Coronel Pantaleão Valadares e sua ilustríssima e digníssima esposa, senhora dona Felícia – para melhor serem vistos

pelos presentes, o casal ficou de pé por breves momentos voltando-se para o povo com um gesto de cumprimento —, contritos perante a Virgem Santa por obra de uma inestimável graça alcançada. Sua linda filha, Berenice — e aqui inclinou-se contido na direção da menina, sorrindo-lhe, e Ninice também se pôs de pé voltando-se para os presentes —, por mais de uma semana padeceu, entre a vida e a morte, de uma febre que, dia e noite e sem cessar, minava-lhe as forças. Porém com a graça de Deus e interseção de nossa padroeira, ei-la hoje entre nós, sã.

E agora, na primeira fila e próxima de padre Porfírio, que em seus paramentos e muito compenetrado oficiava, sinhá Felícia punha-se a lembrar das apreensões que a haviam acometido durante toda aquela semana. Receava de novo encará-lo, temerosa do que pudesse ela, por sua vez, deixar transparecer — e reiterava para si mesma sua dúvida: teria acontecido alguma coisa naquela tarde, na sacristia, ou por outra, melhor se perguntando, teriam tido outro significado as atenções do padre por si, aquele aperto de mãos, aquele todo desvelo por sua pessoa, seu pesar?

Ao seu lado, desconforme, Coronel Pantaleão se punha sério, afetava devoção seguindo o ritual da missa com uma ruga funda a cavar-lhe vertical a testa. Por que se casara com ele?, perguntava-se Felícia soslaiaando em sua direção, muito aprumada devido ao espartilho, uma mistura de asco pelo marido e irritação consigo mesma sobressaltando-lhe o ser — por que não se concentrava no ofício religioso, por ela mesma solicitado, em função da vida e saúde de sua filha? “E se Ninice morresse?” pensou, estremeceu. Não devia exigir de si um tanto mais de respeito pelo lugar, pela ocasião, pela devoção que todos partilhavam àquela hora, e com isso deixar de lado tais pensamentos? “Então por que ele me olha dessa maneira?”

Sucedia que padre Porfírio em sua prática espiasse sinhá? “Virgem, minha Santa...” e dirigia um tímido olhar para o nicho próximo à sacristia onde a padroeira aparecia, iluminada por um círculo de velas, “afasta de mim a tentação, que ele não está olhando para mim...” Mas padre Porfírio rezava a missa por sabê-la de cor, entoava os cânticos por estarem gravados em sua memória, proferia as preces porque as palavras iam brotando-lhe da boca, maquinais. Por dentro sentia-se oco.

“Deus não está aqui” pensou em dado momento, e teve medo. O amor pode ser coisa do diabo? Que estranho bater de asas seria esse que só ele escutava, que sombra essa por ninguém mais percebida, a assomar apenas em seus áridos desertos? Quanto tempo duraria aquela agonia?

A homília chegava ao fim. Ouvia-se o amém por todos proferido. O povo levantava-se.

Vinham as gentes cumprimentar sinhá e sinhô, abraçar sinhazinha. Umas crianças menos chegadas se aproximavam mode melhor espiá-la, recuando em seguida tímidas de sua formosura, permaneciam arredadas

namorando-a, entre elas o Titico, mas iô Possidônio com sua humildade se achegou, meio corcovado pelos anos, muita a sua gratidão a sinhá Felícia polos amparos que faziam menos pesada sua velhice.

— Cumprimente seu Possidônio, Ninice — e sinhá Felícia toca o ombro da filha.

— Adeusinho — a voz trêmula do velho pegando de manso a mão que Ninice lhe estendia —, então a menin'stá mais espertinha...

— Já estou bem, seu Possidônio — e sorriu, sua luz iluminura.

O velho então desprovido de dentes respondeu a esse sorriso, cumprimentou sinhá e coronel levando a mão à cabeça, inda corcovado saiu, o Titico atrás despois duma derradeira espiada pra sinhazinha, que nem percebeu.

— Minha senhora...

Aquela voz sinhá Felícia virou-se dum impulso. Tremeu. Ao pé de si padre Porfírio a encarava.

— Pois não, padre? — disse a custo, a voz presa, o corpo trêmulos.

Mas Coronel Pantaleão já agarrava a mão de padre Porfírio, “muito bonito officio, padre, muito inspirado!”, “obrigado, coronel, é sua simpatia”, “qual nada, não sou de fazer sala, quando elogio é por merecer. Está convidado a almoçar hoje conosco na Macambira, lá estarão coronel Otávio, esposa e filha, o povilêu todo... Nã-nã-nã-nã-nã... hoje é dia de festa, não posso aceitar recusa! Almoça conosco hoje na Macambira!”, “como queira, coronel” padre Porfírio concedeu, mas sinhá Felícia intervinha, já recuperada do susto:

— Deixe-me falar com o padre, Pantaleão — disse ao marido. — O senhor queria-me alguma coisa, padre Porfírio?

— Sim, minha senhora... seria sobre aquelas missas em intenção das almas que a senhora alvitrou... mas podemos falar disso em outra ocasião, em a senhora vindo a Serradinho...

Pôde sinhá Felícia esconder sua palidez? Porém, dela nenhuma alteração não se esperando por se desconhecer motivo, alguém notaria essa palidez que lhe gelava o alvoroçado ser? Que se padre Porfírio agora valiasse de ardis para entrevistar-se a sós com ela, apois não sucedia?, já que não insinuara em nenhum momento pretensão de encomendar tais missas, que intenções lhe dirigiam os atos? “Ter-me-ei apenas enganado?...” ou se fundavam na realidade os temores que durante aquela semana a afligiram, toda desassossegando-a? — Temores que, no entanto, iam aos poucos se convertendo em doces e perigosos anseios, recônditos, submersos desejos...

Fazer-lhe porém o jogo? Aceitar calada e sem resistência o império que já sobre si se fazia? Combater...

“Mas o tempo é breve... e o amanhã não se sabe...”

— Sim, é verdade — concedeu, após um instante de reflexão em que pesou, fulgurância de relâmpago, toda sua existência imóvel —, mas pode ser hoje mesmo lá em casa, à tarde conversaremos.

Ainda estavam na igreja, sob o teto sagrado, quando se selou a comunhão do adultério.

— 18 —

Marli tinha seus rompantes, porém — prestativa — não se agastava no que dela requeriam um auxílio nalgum quefazer, fosse dentro de casa ou fora, um terreiro varria bem com a vassoura de alecrim, mesmo sendo amplo tanto na parte de trás quanto na da frente, adonde devido aos canteiros de flor de Don'Eulália menos havia a limpar. O Nêu não servia pra essas coisas, esse defeito era seu, não ser bem-mandado, do que muito lhe reprovava prima Justina, mais de uma vez tendo-o pela orelha, “filho meu deve de aprender primeiro a obedecer” e em lhe dando uma qualquer incumbência, exigia cumprimento imediato. Já o Tôco era por demais pequeno mode fazer qualquer coisa e Marli punha-se vermelha de ira se, tendo corrido a vassoura mode deixar o terreiro limpo, ele evinha com suas sujeiras, folhas de mato que apanhava, gravetinhos, lata cheia d'água que produzisse lama, “**Tôco!**” o estrídulo berro que chega tinia fazendo o menino estremecer e largar o que tivesse na mão, inteiriçado, vendo a fúria aproximar-se de si, vassoura na mão como se lhe fosse dar com ela, “eu devia socar essa vassoura na tua cara!” a Marli explodia, “vai sujar o terreiro da tua mãe! Aqui não!”, mas à varanda surgia prima Justina, por acaso ali com Don'Eulália numa qualquer ocupação, ou de costura, ou de receita culinária, “Marli, minha filha, não briga com elezinho não” e a menina mal se continha, a custo não lhe torcendo um beliscão de roxear o braço. Em casa todos se mantinham atentos mode suster as artes das crianças, Marli principalmente, muito boazinha mas que se bobeasse dava nos outros feito um garoto de rua doutrinado pelas perversidades. Perdoava-se, porém, no fim das contas: era seu gênio, e fora isso, que excelente companheira para os primos!

Mas iá Didinha passou, tendo comentado com Justina que era quase hora do café e tinha de ir mode apanhar uns gravetos com que acender o fogo, pois só lhe restava lenha grossa. Prima Justina, no entanto, da porta de casa ofereceu: “Não se peje, iá Didinha, faça-me companhia hoje no café”, e Marli, que por ali parava, sustentou: “Eu pego os gravetos para a senhora, iá Didinha, eu e o Nêu, prove por hoje o café de prima Justina” e para o Nêu, que vinha de dentro, “vamos, Nêu?”. O Tôco requereu seu direito, “eu tam'ém quero ir”, mas Marli não se sustinha sempre, “eu disse **eu e o Nêu**, tu não escutou não?” e encarou o Tôco com um olho tão mau

que o menino choramingou, agarrando-se à saia da mãe. Prima Justina, porém, achou de bom alvitre e dessa vez concordou com a Marli, que não era aconselhável ele ir, graveto bom só na virada, da banda de lá da grotta, cruzando o brejo, “é um lugar cheio de mato, filhinho, você poderia se machucar”, mas o Tôco compreendia? Afundou a carita rechonchuda na saia da mãe e desandou berreiro — o Tôco era bem manhoso.

Iá Didinha aceitou o convite de prima Justina, enquanto Marli e Nêu desabalavam ladeira abaixo.

Mas a menina Marli não cumpria umas suas intenções, de todos não sabidas, que ela protegia com seu inocente silêncio? Pois por duas vezes já avistara o preto Agenor mijando, aquilo que lhe chamara muito a atenção, e inté já tencionara ganhar coragem e no que se pegasse em algum lugar sozinha com o preto pedir a ele para lhe mostrar. Era seu projeto, calculava as possibilidades, o Agenor o que lhe responderia se ela fosse assim tão direta em seu pedido? Que a coisa não se daria de qualquer maneira, fantasiava em seu meditar: calhando um dia sair para passear no caminho da internada, lá onde o peão vivia o mor do tempo, sucedia encontrar com ele, que evinha não a cavalo, mas a pé (como ele de vinha fato vez ou outra inté a sede, ou tratar com seu Umberto, ou de visita a iá Didinha). Então ele cumprimentava a menina tirando o chapéu, e iria direto se ela não o chamasse, não o fizesse parar, e por ali ia inventando assunto mode prender o peão pela conversa, tardá-lo inté chegar no requerido ponto. Porém mesmo em seu devaneio surgia dificuldade: como é que ela iria falar com o peão, pedir aquilo, dizer sem mais nem menos “Agenor, me mostra sua ‘coisa’”? Era capaz que o peão se assombrasse por demais, a filha do patrão, moleca nem saída dos cueiros, proceder assim com ele?, esse um entrave que Marli percebia difícil de remover. Porém avançava em sua fantasia, dando com uma solução: não seria ela a pedir, mas o peão, que no estarem ali a conversar, assunto puxa assunto, o Agenor bem que podia dizer que a menina era bonita, e que tinha umas pernas bonitas, e ela, fazendo-se desentendida, olhava as próprias pernas e fingindo inocência inté soerguia o vestido mais acima para enxergá-las melhor, aparecendo com isso um princípio de calcinha, no que o Agenor acabaria pedindo para a menina ir mostrando mais, e mais, e ela então teria como lhe dizer “eu mostro se você também mostrar”, por aí sucedendo que um mostrava para o outro — mas adonde a Marli de novo se sustinha: teria ela coragem de mostrar sua “coisinha” pro peão? Marli mesmo só em pensar punha-se vermelha com aquela história toda e desguiava, que não, por enquanto certeza nenhuma não tinha de que assim procederia, e contava apenas em espiar o Agenor de longe quando uma outra ocasião se oferecesse.

Ao se prontificar mode ir com o Nêu apanhar graveto para iá Didinha, não levava a intenção de espiar o primo? Porém não lhe surgiam difi-

culdades similares? Que o Nêu não iria mijar em sua presença mode ela ver a “coisica” dele, e Marli também não iria pedir-lhe para mostrar, pediria?, não pediria, e o menino, por sua vez um bobão, adiantava-se para a prima?, não se adiantava — do que a Marli nenhuma dúvida lhe cabia. Assim, ir com ele ou sozinha naquele escondido recanto apanhar graveto servia apenas para apanhar graveto mesmo e mais nada, senão quando lhe veio a idéia — e à meia ladeira parou, mais abaixo o Nêu também parando:

— Que foi, Marli?

Marli olhou o primo, sua cara bisonha:

— Vai andando que eu já o alcanço.

— Aonde você vai?

— Vou em casa rapidinho e já volto.

— Eu t’espero...

Então, pronto! Marli seria tolerante quando a contradiziam, inda mais se contrariavam uma idéia que grande aflição vinha lhe produzindo? E nesses poréns rebentava sua ira, seu grito redondo e cheio:

— Eu não disse pra você ir na frente, seu estúpido? Que que é? Ficou maluco de repente?

— N-não, eu só...

— Pois então vai — acentuou sua raiva com um derradeiro berro: —

VAI!!

E o Nêu assombrado se foi, voou ladeira abaixo enquanto Marli voltava metade do caminho e se escondia. E então passou a seguir de longe o Nêu, que agora ganhava a trilha nos fundos da casita de iá Didinha, entrando na capoeira e sumia. Marli correu, foi correndo até avistá-lo, que sem desconfiar seguia caminho rumo à virada da grota, todo o tempo a menina no seu encalço. Chegando ao brejo, o Nêu meteu-se pelo trilho, lá se foi, atravessou o reguinho d’água, avançou, passou por baixo duma cerca, a camisa agarrou numa farpa do arame e rasgou, e o menino parou coçando as costas adonde a farpa devia de ter produzido um arranhão. Adiante havia pés de alecrim secos, bom graveto, o Nêu começou a quebrar os galhos e a formar um feixe no chão. De longe, esconsa no mato, Marli vigiando: em nenhum momento o Nêu mijava? “Será que esse imbecil não mijava?” e a menina viu que seu plano não dera certo. Teve ímpetos de correr até onde ele estava e puxar-lhe o *short* até o meio das canelas, só de raiva, assim não apenas veria o que queria ver como também far-lhe-ia passar uma tremenda vergonha — mas a tão intempestiva Marli não fez nada: entre desapontada e enraivecida aquietou-se, de cara amarrada apareceu e começou a juntar um feixe de gravetos. O Nêu espiava, desconfiava de zanga, permaneceu mudo, nem quis saber, se fizesse uma pergunta era capaz que a prima lhe atirasse o feixe de gravetos na cara. Marli, sem nada dizer e sem desanuviar o semblante, agarrou seu feixe e se foi, deixando o

Néu sozinho para trás, e inté iá Didinha estranhou quando a garota, calada, largou o feixe na porta da cozinha e nem se despediu. Pouco depois apareceu o Néu, “que é que houve com a Marli?” quis saber iá Didinha, porém o Néu sabia?, “zangou-se, sei lá com o quê”, e ajuntou “a Marli é meio boba, iá Didinha, por qualquer coisa faz uma cara” e se foi também, jururu, sem nada entender.

– 19 –

A Macambira naquele domingo fervia.

A notícia da doença de Ninice provocara entre o povo de Serradinho e das bibocas todas espalhadas pelos recôncavos grande comoção, que se Coronel Pantaleão não era em geral pessoa querida por obra de suas alardeadas posses e sussurradas maldades (as mortes procedidas por seu comando, inda que provas não restassem contra sua pessoa, eram a boca pequena comentadas num misto de medo, raiva e impotência); a menina Berenice pelo contrário tinha-se por muito estimada, estima devida não só à sua graça infantil; é certo que todos louvavam ver sinhazinha declamar, como de costume, poesias em homenagem à Virgem ou a outro qualquer santo mais da devoção geral; e quando por ocasião das festas em Serradinho ela, sob a vista orgulhosa da família, dizia versos propícios à ocasião, o povo humilde muito se tocava com aquilo, e um orgulho suspendia também daqueles corações matutos de ter em seu meio e pertencer à sua terra uma tal criatura. Mas a estima que devotavam à pequena provinha em extensão à dedicada a sinhá Felícia sua mãe, comum o comentário se a Macambira era a fuma do diabo, por lá pousara um anjo mode compensar daquele os malefícios: sinhá Felícia, já foi dito – e não constitui excesso repetir-se –, não se portava com indiferença perante as mazelas que afligiam a população perdida na extensão da serra, nos socavões matagosos, nesses vastos desertos, e polos amparos prestados conquistara daquela gente profunda estima, enquanto coronel, que por último – desde essas visitas sonâmbulas do finado Francisquinho – pegara a ter medo do invisível, não lhe recusava abrir a bolsa; não que seu coração amolecasse, se apiedasse na compreensão de que todo seu cabedal abastava a si e aos seus na grandeza, falta não fazendo o que gastasse com a caridade: era esse pavor surdo a lhe assolar a alma de há tempos para cá que lhe estorvava um tanto a própria maldade.

O medo de que Ninice faltasse não magoou apenas os corações de sinhô e sinhá, ou da preta Apolinária, ou inté mesmo o grão duro de ferro que no peito do Graciano batia: inda que um ou outro sempre advertisse naquilo uma provação mode punir “a ruindade desse homem”, comentário possível de escutar-se vez a vez, “não que deseje o mal da pobrezinha, mas

Deus Nos'Sinhô tem seus meios" conforme o entender de alguns, cada qual temia pelo pior, e daquele povo miúdo, devoto e solene, que comparecia às missas na capela da fazenda, era comum durante aquela semana de fogo por lá aparecerem emissários mode tomar informação da saúde e das melhoras da menina. No mais das vezes incumbia-se Apolinária de referir os agravamentos da doença, da febre que cozinhasse a pequena, de o quanto dia a dia Ninice parecia abeirar-se da cova, essas as notícias diárias colhidas e transmitidas para consternação de todos: pode-se descrever a geral desolação que a novidade dessa moléstia produziu?

Pode-se ter uma idéia observando o formigar daquele domingo: que então na Macambira a festa não se dava apenas para a gente graúda do lugar.

Certo é que na sala de jantar, à roda de uma grande mesa de jacarandá guarnecida por toalha de fina renda, dispostos os mais variados manjares, assentavam-se as pessoas importantes: padre Porfírio, coronel Otávio mais a esposa e a filha, coronel Fortes e senhora, futuros sogros de Lúcia Helena, e o moço Augusto seu noivo, além de um certo capitão Elviro Barbacena, solteirão bem passado dos quarenta, de péssimos dentes e uma cara engraçada, larga, por mal pior o ser ainda um tanto zarolho da vista direita, no natural como se olhasse para duas direções diferentes, dono de uma rica fazenda nas proximidades de Taquara e muito amigo de Coronel Pantaleão por força das farras de mocidade; e ainda uns outros das redondezas ou mais de longe que haviam atendido com satisfação ao convite para aquele almoço.

Porém no terreiro, sob inspeção do Graciano, distribuíam-se bebida e comida à farta, muita carne assada, que meia dúzia de bois haviam sido sangrados na véspera para esse fim, e o povo ralé se espalhava por todos os cantos, satisfeito, com essa gente miúda não se carece perder muita fala, abasta que: conhecendo seu lugar por ali se sentavam, em tocos no terreiro ou por debaixo das árv'res, prato na mão — almoçando.

A tarde avançava.

Se, porém, permanecia no ar a comoção da alegria de que todos partilhavam, já olvidados os motivos da prévia tristeza, extinta ao final da tão inspirada missa celebrada por padre Porfírio na manhã daquele dia, certas aflições são farpas constantes encravadas na carne, incapazes as rezas de curá-las, a alegria sói ser um insuficiente disfarce, e de acompanhamento aos sorrisos contrafeitos dizem muito certos olhares que se despercebem, um embaraço mal revelado num talher que se deixa cair, uma desatenção com o que quer que seja — num dia como esse, quem há de olhar a tais miudezas? Alguém apanharia esse raro entreolhar-se de sinhá Felícia e padre Porfírio durante o almoço? Padre Porfírio parecia à vontade, e atendendo a uma solicitação de coronel Otávio explanou a passagem das Escri-

turas que fala do filho pródigo, explicando os males, sim, da avareza, porém os males igualmente graves da desnecessária prodigalidade, e concluiu com um exemplo edificante: eis naquela mesa uma pessoa que sem ser pródiga, distanciava-se da avareza por que muitos se orientam na vida, disse, e indicou a senhora de Coronel Pantaleão (momento em que sinhá Felícia empalideceu) como uma de suas mais exemplares paroquianas “e não só pela ajuda prestada aos pobres, mas pela bondade natural de seu coração, se me permite o elogio, minha senhora, que também nada vale para Deus o auxílio que se presta por soberba” e acrescentou que por trás de tudo aquilo estava também a mão de Coronel seu esposo, sempre pronto a colaborar. Alguém seria capaz de conhecer alguma coisa daquele olhar trocado entre ambos ao fim de tal tirada? É de descrever-se, inda que nele se botasse reparo — o que não se deu pois coronel, citado, não se conteve e pondo-se de pé requereu com seu gesto a atenção geral:

— Povo meu amigo à volta desta mesa — ele disse, muito sério e compenetrado —, uma graça foi alcançada, sabem vosmecês e não há mais que referi-la. Depois, digo a todos e em especial a nosso querido padre Porfírio, que com muita justeza nos ministrou ensinamento: inda que minha senhora tenha combinado com vossência acerca dumas missas em função das almas, faço desde já para suas obras de socorro aos necessitados uma doação que amanhã mesmo mando encaminhar à Serradinho, ou por um dos pretos, ou mesmo por Felícia, conforme o que ficar combinado.

Uma salva de palmas interrompeu Coronel, que com um gesto requereu silêncio para concluir:

— Não devem os caros amigos pensar que pretendo pagar o favorecimento do céu, não, inté grave pecado seria se tal coisa me passasse pela mente, depois se não há dinheiro que pague a vida de minha menina, também não cabe fazer negócio com os santos; meu proceder é de coração, desejo de adjuturar. Já pela saúde de Ninice minha filha damos graças à Virgem por meio de nossas orações — e todos aplaudiram de novo Coronel Pantaleão que, com seu discurso, acreditava-se pelo menos em parte redimido de seus erros, enquanto num íntimo silêncio mais uma vez Felícia e Porfírio trocavam significativos olhares.

Em que momento daquele dia se encontraram, e onde?

A hora não se precisa, era pelo meio da tarde, o sol radiava sua plena luz sobre o mundo, e as coisas todas eram todas as coisas em seu permanente ser. Os graúdos vinham para a varanda mode palestrar, ou desciam para o terreiro, isolados ou em grupos, guiados por coronel que dava a direção ao passeio e instruía sobre isto ou aquilo; a gente ralé inda por ali se avontadeava, sendo que respeitosos punham-se de pé ao passar o senhor de terras com as visitas ilustres, voltando depois a sentar-se — no chão, nas

raízes das grandes árvores, na grama fofa — de prosseguimento em seu diminuto papear.

O lugar, uma saleta um tanto discreta nos fundos da casa, cuja única janela dava para o nascente, adiante umas alamedas do jardim, porém sobre a vidraça corrido um cortinado de cassa branca que provia de luz o recinto mas impedia de fora a visão do que dentro se passasse. Inté essa saleta, onde costumava também noutras ocasiões recolher-se ou para algum trabalho de linhas e agulha, ou para ler algum livro, dirigiu-se sinhá Felícia em dado momento, quando se sabia observada de longe por padre Porfírio, ali sentou-se próximo à janela numa antiga marquesa que pertencera à família e mandara trasladar da casa que habitara em Serradinho. Esse cômodo, pequeno e aconchegante, era conhecido como a “salinha de sinhá”.

A porta ficara apenas encostada, e de um barulho da maçaneta sendo girada sinhá Felícia sobressaltou-se, esteve-se quieta, mas em seu peito o coração era um cavalo selvagem em pleno galope.

A porta abriu-se, a figura negra de uma batina assomou. Padre Porfírio e sinhá Felícia olharam-se em silêncio por tempo indefinível. Ele, por fim, disse:

— Hoje eu lhe disse uma coisa na igreja, senhora, e só estou aqui porque, ao que lhe disse, a senhora respondeu que poderíamos conversar em sua casa.

Sinhá Felícia levantou-se quase dum salto:

— Sim, padre — pareceu de momento um tanto descontrolada —, não sei se devia, porém concedi-lhe autorização para falar-me em minha própria casa.

— Mas se lhe molesta minha presença, ou caso se arrependa da autorização concedida, saberei compreender, e retiro-me.

— Não!... Por favor... peço que fique... Talvez haja coisas que se devam esclarecer. Acomode-se, por favor — e indicou uma cadeira defronte à sua. Padre Porfírio sentou-se; sinhá, que a custo se mantinha de pé devido ao nervosismo que lhe bambeava as pernas, deixou-se cair outra vez na marquesa, mas se manteve de busto ereto.

Encararam-se então? Como se olharam naquele momento em que podiam fazê-lo sem o risco de uma testemunha? Que declarações se fizeram, antes com os olhos que com as palavras, mais intensas e verdadeiras? Tudo foi dito naqueles instantes tão poucos e plenos.

— Eu penso, senhora, que não deve ignorar por que motivo estou aqui — disse o padre.

— Tenho medo, padre, de conhecer esse motivo.

Padre Porfírio fez um movimento lento de cabeça: compreendia esse medo, pois não seria da mesma natureza do que ele sentia?

— Seria um motivo infame que a assuste, senhora?

– Poderá ser proibido, padre, mas nada haverá nele de infame.

– Proibido... o que sabemos de proibições, quando não está em nós atendê-las!

– Às vezes somos forçados a atendê-las, padre.

– Talvez haja proibições que devam ser contrariadas, ou existam apenas para serem contrariadas.

– Mas estas?!

– Só a senhora poderá dizer.

Sinhá Felícia baixou os olhos, mordeu os lábios. Entrecruzou os dedos tentando dominar sua excitação.

– Pode ser também, senhora... – padre Porfírio começou, mas se conteve. Sinhá Felícia levantou para ele os olhos interrogativos. Pode ser? O quê? Ele então se animou a continuar: – Pode ser que não só eu tenha motivos para estar aqui nesta hora.

Sinhá Felícia estremeceu: pois padre Porfírio adivinhava? Estaria tão clara assim sua vida que qualquer um pudesse perceber? Ou ele, o padre, percebia aquilo que a outros permanecia encoberto por estar em condições de fazê-lo? Não desviou os olhos dos dele agora, não pretendeu esconder essa verdade que ele mencionava, em seu olhar deixou-a por inteiro aflorar, fluir com as lágrimas.

– Então eu não me enganei, senhora... – e padre Porfírio ajoelhou-se diante de sinhá Felícia, tomou-lhe as mãos, aflito.

– E nossas consciências, padre?

Padre Porfírio beijava as mãos de sinhá Felícia com devoção, um enlevo, um princípio de loucura.

– Eu não penso nelas, Felícia, eu não posso pensar nelas, não quero pensar nelas – e a encarou com os olhos vermelhos: – Quero apenas ser feliz.

– Seremos felizes, Porfírio?

– Dê-me Deus o inferno, não me importa... mas não me tire você!

– Então seremos felizes...?

– Seremos, Felícia, seremos!

Sinhá Felícia e padre Porfírio naquela tarde trocaram seu primeiro beijo.

Coronel Pantaleão, findo o domingo festivo, os convidados tendo partido no fim da tarde e a Macambira outra vez mergulhada em sua solidão, aboletou-se na poltrona da sala e muito sério convocou, por intermédio da preta Apolinária, a presença da mulher e da filha, “e, Apolinária” disse ainda acendendo um cigarro de palha, enquanto na sala morna a noite deitava suas primeiras sombras, “diga à sinhá que seja pr’agora, pois há urgência”.

Não tardaram sinhá Felícia e Ninice. No que Coronel chamava, já sabiam, era para acudir de imediato mode evitar transtorno: que ele, irritado, bradava, e sinhá Felícia era por demais avessa a gritos. Ao entrarem na sala já quase às escuras tão só avistaram a brasa do cigarro, o vulto de coronel divulgado mais de perto: o corpanzil arriado na poltrona, as mãos apoiadas na bengala. Olhou para elas quando se aproximaram? Disse não mais:

– Dona Berenice, diga-me cá adonde foi a senhora ontem, da licença concedida mode um passeio a cavalo mais a menina Lurdinha?

Ninice tremeu. Conquanto de seu pensar nada tivesse feito de errado, não dissera em casa pra que direção haviam seguido no dia anterior: sinhá Felícia perguntando apenas esclareceu que ela mais Lurdinha haviam cavalgado, estrada afora, longo passeio, depois da doença tão bonitos lhe pareciam os campos, os verdes morros recobertos pela mata, o gadame meio submerso no capim alto, “andamos muito” havia dito, “depois voltamos, o Graciano sempre de longe”. Mas reportou haverem parado em tal lugar assim assim, numa certa casa de pouca recomendação? Isto silenciara – por mal? Nem tanto, por um quase esquecimento seja.

Ocorre, porém, que Coronel Pantaleão era homem de rígidos costumes, bem sabia que Ninice, Graciano atrás vigiando, nenhum perigo corria naqueles páramos, tudo terra sua – vargedos, morros, matas, tudo seu por longas distâncias –, mas carecia que nada lhe ficasse escondido, e para tomar certos rumos, mesmo ali requeria-se sua autorização. Ninice não havia procedido bem, cabia-lhe agora explicar-se, “e sem inventação de história, dona Berenice”, depois, sem solércia, que Graciano nada escondia de coronel e tudo por tudo esclarecera em seu relatório.

– Passeamos, papai, eu e Lurdinha. Graciano esteve o tempo todo conosco.

– Dispense esse segundo ponto que eu conheço, e retenha-se no primeiro. Passearam, adonde?

Ninice deu de ombros, como a escuridão se intensificasse os três quase não se divulgavam.

— Nossa filha ainda está fraquinha, Pantaleão, não deve ralar com ela — interveio sinhá Felícia, desejosa de evitar um confronto.

— Cale-se, senhora minha mulher, que nossa filha está de todo boa, ora, se já inté presume mentiras para o pai!

— Eu não estou mentindo para o senhor, papai!

— Antônio, relate adonde esteve. Decerto lhe ajudo, se carecer, mode abrir a memória. Consta que parou numa certa casa.

— Parei, papai — Ninice recuperava a confiança em si. Não mentia para pai e mãe, nem mesmo escondia coisas de seu viver miúdo e infantil, tão só uma criança meiga, porém crescia, e principiava a ter noção de particulares seus que como seus deveriam permanecer. Ontem deixara de falar, no exato, a intenção de seu passeio, hoje talvez prosseguisse na omissão não fosse o ensejo, ou a necessidade, de produzir uma primeira mentira. — Eu e Lurdinha cavalgamos por muito tempo e tivemos sede. Paramos numa casa para beber água.

— E pode-se saber de quem era essa casa adonde as duas molecas pararam?

— Uma senhora... o nome não sei ao certo, parece-me que don'Argemira.

Sinhá Felícia, não fosse a quase noite que se fazia na sala, teria traído seu susto com essa revelação, e mesmo coronel capaz que não disfarçasse um tremor.

— Filha! — a voz de sinhá Felícia, um fio. — Naquela casa!...

— Pr'a senhora ver, senhora minha mulher, pr'a senhora ver! Se não tomamos as rédeas a esta menina, adonde vamos parar! — e com mais ênfase, a voz um pequeno trovão pelos cômodos próximos: — Adonde vamos parar!

— Não será para tanto, senhor meu marido — intercedeu porém sinhá Felícia, com coragem de defender a filha —, Ninice por certo não fez por mal.

— E por que faria, mamãe? Que mal há em pedir água, mesmo em casa de estranhos?

— A senhora não está faltando com a verdade, dona Berenice? — tornou o coronel baixando o tom de voz, porém ainda imperioso e severo.

Berenice titubeou, estivesse claro e poder-se-ia ler em seu semblante a dúvida, decerto um medo. Porém começara a ter noção de seus particulares, não começara? Tinha como explicar ao pai o motivo de ter procurado nh'Argemira? Falar-lhe de um sonho estranho? De um tão inusitado querer? (E coronel não responderia, tirando a cinta, que namoro de criança é fogo que se apaga a correadas?) Já que começara a mentir, não podia parar:

— Não tenho por costume mentir para o senhor nem para mamãe.

– Isso é verdade, senhor meu marido, Ninice nunca mentiu para nós, nem quando era mais pequena.

– Hum – o homem roncou, chupou o cigarro avivando a brasa, uma onda mais intensa de fumo os envolveu na quase plena escuridão. – Veremos, senhora minha mulher, veremos, dona Berenice. Não lhes escondo: vou tirar essa história a limpo. Podem ir-se.

Coronel Pantaleão decidira-se: no dia seguinte cedo batia para a casa de nh'Argemira, a mulher que a todos com a lenda de seus bruxedos intimidava – inda que só pensar em entrevistar-se com ela fosse o bastante para fazê-lo estremecer. “Mas é preciso, é preciso”, sim, oh! céus, era preciso!

– Nhô coroné quer que eu traga a luz? – a voz de Apolinária, seu pretume, provindo da porta do corredor.

– Não carece, Apolinária, não carece por ora. Avise-me quando for hora da janta – e permaneceu no escuro, por companhia a brasinha vermelha do cigarro, seus assombros, seu negro coração.

No quarto Ninice era repreendida pela mãe, quem, com seu jeito manso, sentara-se na cama frente a frente com a filha, e lhe tomara as mãos:

– Ninice, para mim, pelo menos para mim, conte a verdade: o que você foi fazer em casa daquela mulher?

– Mas eu disse a verdade, mamãe, tivemos sede... pergunte à Lurdinha, daí paramos naquela casa para pedirmos água. Como eu ia saber que papai não gosta dela?

– Isso é verdade, Ninice? Olha que a casa daquela mulher é retirada do caminho, bem pra dentro de um matagal. Como vocês ficaram sabendo de sua existência? E se seu pai descobrir que você não está sendo sincera?

Ninice baixou os olhos. Para a mãe deveria mentir? Sinhá Felícia entenderia o que com ela se passava nesses últimos dias, suas aflições, suas dúvidas, mas a alegria dum amor encontrado? Moveu a cabeça, denegava, que o pai não descobriria nada, garantiu, pois que ela nada havia feito de errado, e com um suspiro sinhá Felícia se levantou, “queira Deus” disse em voz baixa quase para si mesma, saindo do quarto em seguida.

Cumprindo a promessa, Coronel Pantaleão na manhã seguinte – inda nem bem claro o dia – botava-se para a casa da bruxa, por companhia o Graciano na retaguarda, calado, espiando vez a vez adiante a figura do patrão, todo ele também uma soturna quietude – por onde o jagunço se precatava de não falar: conhecia o estado de seu coração, a um tempo de aborrecimento e de não admitido receio. Mas Coronel não persistiria sempre naquilo, pois ao aproximar-se do Cafundó da Ema careceu necessidade de expandir-se, desafogar o peito:

– Ô Graciano – e meio se voltou na sela.

— Sim, patrão — o jagunço tocou o cavalo, adiantou-se de quase emparelhar com o patrão.

— Tempos faz que não ponho as vistas na tal — disse —, com que idade vosmecê calcula que ela esteja?

— De idade, coroné — respondeu prontamente o jagunço —, inda que a cabeça não esteja por todo branca... grisalhado o cabelo, fios pretos inda restam... mas pelas rugas da cara, passa de setenta.

— Setenta anos?

— A parecença, coroné, a parecença, inda pra mais...

— Setenta anos... — e coronel prosseguiu pensativo por mais um pedaço, como se a idade de nh'Argemira tivesse influência em seus sustos. Depois: — Ô Graciano, será verdade o que diz o povo?

O jagunço não soube o que responder. Matutou uma conclusão, nem balangou a cabeça, senão quebrando-a um pouco de lado. Sua voz saiu arrastada, surda:

— O povo diz, nhô coroné, não é de hoje que se escuta falar... malefícios, coisa-feita ela procede... trabalho pesado, de ruína e de morte...

— Mas será verdade, Graciano?

— Desconheço, coroné, mas adonde sobe fumaça... o povo não se assusta por pouco.

Coronel Pantaleão deixa o animal seguir a passo, feito numa intenção de retardar a chegada, dilatar a hora do encontro. Conjectura. O povo não se assusta por pouco, Graciano havia dito. O povo saberia do que ele já obrara em sua vida escura? “O povo também tem medo de mim” relampejou-lhe pelo pensamento, “o povo sabe, sempre sabe”.

— Minha filha mentiu, Graciano — tornava o coronel mode desviar a cabeça desses sombrios pensares —, disse que só passou lá mode beber água, mas outro motivo teve, isso não me sai da cabeça.

— Sinhazinha é menina de modos, coronel — contemporizou o jagunço —, não terá por costume pregar mentiras.

Coronel ouviu, pensou, vinha pensando naquilo desde sábado. Sua filha era bem criada, Felícia não a desassistia inda que ele, na qualidade de pai, não se desse muito a chamegos. Mas sempre se dá por uma primeira vez, em havendo razão, faltar com a verdade.

— Não sei, Graciano, não sei... tenho cá minhas dúvidas. Vosmecê disse que ela entrou na casa de nh'Argemira enquanto a Lurdinha permanecia fora. Beberam água?

— Que eu visse não, coroné... a não ser que sinhazinha tenha bebido no que a velha a levou para dentro...

— Falta muito, Graciano?

— Falta pouco, coroné.

O Cafundó da Ema proporcionava um assombro, um pavor surdo que ia crescendo por dentro, aquelas vertentes altas, rochosas, a rocha nua merejando sempre uma água feito a pedra chorasse, o brejo pântano e aquele plano adonde se aprumava a figueira assombrada das muito velhas histórias, a vereda pelo meio da mata quase escura em pleno dia, uns cantos de pássaro no feitio duma absconsa agonia, e esse silêncio de morte que entremeava, cortado tão só pelo passo das alimárias... coronel não sentia um arrupeio? Mesmo o jagunço Graciano, de si para si, admitia o medo.

— A inocência, nhô coroné... — já não conversando há tempos de repente ele disse.

— Como disse, Graciano?

— O lugar causa má impressão, depois vossência não sente também?

— Sinto, Graciano, se sinto!

— Antão! Que as meninas estiveram aqui ontem muito à vontade, nenhum susto se via em suas feições. Isso é a inocência. Nhô coroné não se arreie de sinhazinha, sua inocência diz por ela.

E no cogitar da inocência, Graciano sentia um sossego na alma: a pureza de Ninice compensava-o do mal que enegrecia seu existir, desse horror contemplar Ninice, pensar nela o aliviava, fazendo mais leve e suportável sua cruz.

A casa de nh'Argemira apareceu depois duma curva, os cavaleiros se aproximavam. Num chofre repente a bruxa velha assomou à porta.

— Bons-dias, nhô coroné Pantaleão — disse no que os visitantes a-dentravam o terreiro, e se adiantou para eles —, calculava vossa visita...

— Antão esperava por mim, velha — Coronel Pantaleão engrossou a voz mode supor coragem —, há de ser por algum mal-feito que me desgra-de.

— Mas não, nhô coroné, que mal-feito nenhum essa velha aqui tem obrado mode molestar vassuncê e cair no vosso desagrado, e espia há que anos assisto por cá, ói que desde os tempos de nhô Pantaleão velho, vassuncê inda de colo, me alembro...

— Deixe-se de ladainha, velha, deixe-se de prosa — retorquiu o coronel, cara amarrada, imperioso —, e vá me dizendo a que minha filha esteve por cá ind'outro dia, e lhe advirto: não tolero mentira.

— Mas a velha Argemira não se guia por esse vazo, coroné, pregar mentira, inda mais para um homem de vossa prosápia... não, não vos mentiria...

— Antão se adiante, se adiante e diga...

— Vossa menina esteve aqui outro dia sim, coroné, por cá passou mode beber água, que muito tinham passeado polos caminhos no seu dizer lá dela, não sabe?, e com o sol que fez deu sede.

Coronel escutou a história, haveria combinação entre a velha bruxa e Ninice mode referirem pelo mesmo? Sentiu um furor no cavo do peito supondo-se enganado por uma criança e por uma velha, ele, de quem todos limpavam a boca no pronunciar o nome, e com isso o surdo pavor de há pouco um tanto se esvaía. Endureceu:

— Toma cuidado, nh'Argemira — disse em tom de voz mais brando, mais fundo, mais ameaçador, os olhos quase se fechando feito onça que prepara o bote —, cuidado que Coronel Pantaleão tem como lhe arrancar a verdade.

— Apois, coroné, que talvez inté exista alguma verdade a ser dita, não sabe?, pois não vos disse ind'há pouco que calculava vossa visita?

— Pois que se avie, aqui não vim para demorar-me o dia nem para colher patranhas. Estou esperando.

— Pode ser, porém, nhô coroné — disse a velha com voz vagarosa, o riso a apresentar uns negros cavacos, do fundo das órbitas o brilho dos olhinhos miúdos, ariscos —, que eu tenha a vos referir não de sinhazinha vossa filha...

Um frio desceu pela espinha de Coronel Pantaleão? Ou subiu?

— ...mas de falecido sinhozinho Francisquinho, não sabe?

Coronel estremeceu, Graciano aprumou-se da surpresa de tais palavras, vigiou as pálidas feições do patrão: reconheceu-lhe o ressurgimento do medo, o pavor que se lhe entranhava todo no ser, opressivo padecimento. Inté Graciano, mesmo sem saber do que falava a velha, tremeu.

— Se vassuncê quiser entrar, nhô coroné, mode se conversar assim mais à vontade...

Coronel apeou, “espera aqui fora, Graciano” disse, e nh'Argemira cedeu-lhe o caminho. Passando por uma vertigem que lhe embrulhou o estômago, penetrou a choupana da parca tomando assento num banco, diante dela.

— O que é que vosmecê sabe de Francisquinho, velha? — de cabeça baixa humilhava-se, já não ordenava: pedia.

— Por enquanto não muito, nhô coroné — respondeu a outra —, mas cá irei investigar, mode melhor esclarecimento... era vosso filho, vassuncê merece saber... Só porém o que lhe posso dizer é que Francisquinho está penando... e há de penar ainda por muito tempo...

— Mas por quê, meu Deus, por quê! — exclamou o coronel, voz fraca, um abafado suspiro de dor. — Um moço tão bom...

— O finado deve ter coisa mode vos dizer, coroné, coisa de importância, é meu entendimento.

— E por que não fala? Eu já o vi três vezes, não fugi dele, não... inté esperei que ele me dissesse qualquer coisa... inté desejei, quis que ele falasse comigo!...

– Tem coisa escondida por detrás das portas do tempo, coroné.

– Fale que eu entenda, velha, pelo amor de Deus!

– Falo do futuro, nhô coroné, eu nem sempre consigo enxergar a-lém dessas portas... o mais de tudo permanece esconso... o finado moço pode estar querendo prevenir vassuncê dum grande mal, mas só o amanhã trará esclarecimento. Eu por cá, por meus meios, inté posso proceder investigação, e o que souber vassuncê também fica sabendo. Está certo?... Procura sossegar por enquanto, e não moleste sua menina, coroné... sinhazinha é pura, merecedora do que há de melhor. Agora vai em paz.

Naquela noite, padecente de sua insônia, Coronel Pantaleão na varandinha dos fundos, o corpanzil arriado na cadeira, os braços roliços adiante apoiados na bengala, meditava. Ia fumando seu cigarro de palha no vagar das horas tardias, o cheiro forte do fumo de rolo, uma lua minguante avermelhava no céu feito uma fatia de sangue coalhado. Súbito pressente uma presença, espia: pela porta fechada passara há pouco um vulto, o finado Francisquinho transitava por ali àquelas horas – naquele mundo em que ele então existia contava-se o tempo? –, desceu a escadinha para o terreiro. Coronel com esforço pôs-se de pé, chegou-se aflito à mureta:

– Francisquinho – chamou estendendo um braço em sua direção –, Francisquinho, meu filho...

Francisquinho já lá ia no meio do terreiro, nem escutou. Devagariinho foi-se sumindo no ar...

– 21 –

Em meados de fevereiro, depois das muitas águas que molharam janeiro, com algum atraso na data aprazada saiu a comitiva, o gado de seu Umberto conduzido através das planícies a leste, na direção do nascente, que se estendiam da banda de cá e da banda de lá do Santa Madalena, o rio grande – inté o vau de passagem seis dias, depois, jornada de três, quase quatro semanas mode chegar em Rio Belo, fazenda e entreposto em seus arredores adonde se negociava: Rio Belo, cidade de atrativos, durante o dia as lojas de roupas, brinquedos, discos que tocavam moda de todo tipo e se podiam comprar mode escutar em casa, os cafés, os restaurantes, o povo numeroso a transitar pelas calçadas, mulheres bonitas em finas vestimentas, ou sozinhas ou acompanhadas, de alta prosápia, via-se, as ruas apinhadas de automóveis, o roncar dos motores, as estridências buzinas, o persistente, infindável arruído da vida citadina; mas no escurecer sobrevinha mudança com o noturno rebrilhar dos letreiros coloridos, o povo na rua agora outro, diverso, chamava atenção o cheiro do fêmeaço nos bordéis, aquelas zonas suspeitas para a gente pior, pois casas de espetáculo havia para todos os gostos e posses, nos recantos os puteiros de má fama,

as mulheres que durante o dia não existem, adonde é sempre prudência o bem cuidar da carteira e da vida, de permeio com os prazeres, os perigos — todos sabem, não vão lá desavisados; já as melhor situadas para os endinheirados — ali podiam-se ver em trajes de noite as moças elegantes que no aparecerem durante o dia traziam o ar de gente-família, moças sérias à procura de um bom casamento, o que inté se dava, não descalhando às vezes algum se agradar duma daquelas, tão vistosas, e propor casamento, padre-e-tabelião.

Adonde no sertão esses luxos, esses gozos? Sertãozinho, um vilarejo recuado no tempo, terra de atraso, umas mulheres-damas faziam a vida nos fundos de uma bodega, e só; Poço Fundo pouca melhora apresentava, e mesmo Sant'Antônio do Brejo, que tinha Prefeitura e Câmara, sendo um pouco maior, ostentando ares de cidade em progresso, comparar-se não podia a Rio Belo com suas torres e luzes. Depois desses estirões sertão afora, adonde o peão bota os olhos a não ser nessas novidades, que revê-las — quando? Pela frente, na volta, sabiam, eram os tempos outra vez da luta diária. Daí que a peonada se animava, os que iam todos se alegrando com suas expectativas, os que ficavam fazendo encomendas: seu tanto lamentando não poderem ir também, algum proveito tinham de tirar — de um tudo mandavam trazer, um fumo de qualidade, um corte de tecido mode umas calças melhores, um par de sapatos, daqueles doces vistosos que enfeitavam vitrines, vidros de água-de-cheiro, um cordão bonito mode presentear alguma moça, uma lanterna, que já era tempo, farol de bambu com chumaço de pano a modo de torcida e querosene no bojo a pretejar a cara e os buracos do nariz?, coisa do tempo antigo, cruz-credo, um chapéu de veludo, camisas modernas, que em Sertãozinho não se encontra a não ser troço passado, a dona carece duns aviamentos mais vistosos, em Sertãozinho também não se encontram, linhas de costura e bordado, agulhas, essas coisas de dentro de casa, umas canecas, uns pratos, uma garrafa térmica mode se levar café pra roça, e por aí afora ia-se fazendo o rol das miudezas.

O Agenor, de primeiro arredio com Mariano, falava pouco, o de necessidade em serviço, sem francos sorrisos inda que Mariano não fosse de nove-horas: tratando por igual a todo mundo, angariou a simpatia da peonada, não quis impor decisões por compreender que em antes dele havia um outro no mando: abaixo do patrão o Agenor, que também lidava com acerto — possuidor de competências, sisudo, conhecia seu ofício. Mas por uma íntima implicância, lá consigo mesmo o Agenor condenou que um que nem aquele se metesse na casa do patrão, de confiança com a filha mais velha dele mode aprender leitura, garranchar letras em caderno, luxo que para o curral não provia serventia nenhuma, o mais que se carece é fazer bem umas contas de cabeça mode não ser enganado num negócio: ler

livro é de proveito, sim, para doutor, ou para moça instruída feito senhorinha Juliana, que estudara em escola na cidade, era rica e ao se casar escolheria partido ilustre. Menos lhe parecia que um que nem eles mesmos, nem pior nem melhor, pernoitasse em casa dos patrões. Está certo, ponderava em seu criticar o Agenor preto, seu Umberto deve de ter convidado, aquele não era só um patrão mas um homem generoso, apreciava agradar a todos; não seria porém convite tão só a modos de gentileza, cabendo ao peão recusar? Mas não, o outro logo foi aceitando, como se ficasse bem um inferior feito aquele pousar em casa senhorial! Ora, pra eles havia os ranchos e ainda eram muito bons, que homens da lida não podiam acostumar-se a luxo que nesse existir dificultoso não há. Ele, Mariano, não passava por metediço com tais atitudes? Falar não falava, o Agenor nada tinha com aquilo, se uma moça fina queria ensinar um bruto que nem aquele, pai e mãe não s'importando, ensinasse; se seu Umberto lhe oferecera pouso em casa, oferecesse, uma sua gentileza com empregado novo, só por uns dias?, que fosse!, quem tinha de se mancar era o outro, Mariano, mas pelo visto...

No correr porém daquele janeiro chuvoso, mostrando-se Mariano atilado e respeitador e sempre amistoso no tratar com todos, em especial com o Agenor, pouco a pouco quebrou-se o gelo entre ambos e inté já proseavam devagar nos intervalos, em hora de descanso ou de espera, embaixo de telhado, no cair dos aguaceiros. Que o Agenor era de opinião que não se devia partir com chuva, “despois que s'está no caminho, em chovendo, não se pode outra coisa, é seguir” porém lhe desagradava principiar viagem com mau tempo. Disse-o a modo de comentário, não pra ninguém que fosse, para todos ali reunidos à espera de passar a chuva, tendo Mariano aprovado seu parecer, “vosmecê tem razão, mais vale esperar uma estia-da, uns dias de sol mode enxugar os caminhos, penso que em começos de fevereiro, passando a lua, o tempo melhora e então se vai”, e essa concordância à vista e na presença de todos foi de muita satisfação para o Agenor, que mais cresceu perante os outros, de sabinça igual à do novato, que tinha sua fama porém reconhecia nos mais velhos um saber que ele inda decerto não obtivera, e Mariano lhe pareceu um moço simpático. Com pouco já não lhe censurava as aulas de escrita e leitura com senhorinha Juliana, “pensando bem, um de nós que conheça bem a cartilha inté tem suas vantagens, numa hora de necessidade pode escrevinhar carta prum parente, ou ler alguma que chegue, ou estudar uma bula de remédio”, e por entrão esse moço já não se passava no reconsiderar do Agenor, que conhecera a história da amizade em tempos de menino entre o patrão e o pai dele, “vai ver, calha inté algum parentesco” procurava justificar.

Um fim de tarde, vindo ambos sozinhos vereda afora rumo do curral, dos outros já tendo uns se adiantado e outros ficado para trás nuns

derradeiros preparos, Mariano principiou uma espontânea conversa, querendo saber do Agenor se não era casado, se vivera sempre ali na Pindoba. O preto lhe falou de sua vida, coisa que de hábito nunca fazia – por costume, retraído no falar de si; inda que se desse com todos pelos vários anos de convívio: conversava sobre qualquer assunto, apreciava escutar causos e contar anedota, as picantes, as de menos decência mais do seu gosto, não pautando por certos rigores estando como estava entre homens, entre iguais, sisudo só no serviço, fora dele inté gaiato às vezes; porém, de si guardava silêncios, seu viver construía sombras, desguiava de assunto se alguém lhe perguntasse, enxerimentos era o que lhe parecia conquanto não dissesse, não queria ofender a ninguém, entendia ser o natural uns perguntarem sobre particulares dos outros, só se arrenegava em caso de insistência, má educação, o que porém raro acontecia. Assim era Agenor de todos conhecido naqueles já dilatados anos que assistia na Pindoba, porém de seu passado – sua infância, sua terra de nascença, sua juventude – ninguém tinha conhecimento. Mas Mariano perguntando-lhe, só por perguntar, mode um assunto com que encher a quietude da vereda adonde na capoeira só uns páss'ros chilravam aqui e acolá, Agenor pegou-se repente falando de sua infância e de sua mocidade, uma história sem mistério nem interesse, o viver de um cristão sem posse, o muito labutar, os escassos divertimentos, uns namoros raros em arrasta-pés, o desrumo, a família que se separava, umas irmãs casando e indo morar noutros recantos, uns irmãos partindo também para suas vidas, pai e mãe faltando a seu tempo, os anos correndo com sua rapidez vagarosa, que para ele, Agenor, os anos às vezes passavam mais rápido, às vezes mais devagar, conforme, “o tempo não é todo por igual” dizia, “inda que pareça... mas se prestar bem atenção, a gente pode ver que não, que possui desigualdades, nas horas, nos dias”, inté por fim acostar-se na Pindoba, também ele a convite de seu Umberto em ocasião de terem se entrevistado em Sertãozinho numa quermesse, e assim já iam anos, “quas' vinte, seu Mariano, quas' vinte”, no que ganhando a confiança do patrão tornara-se depois dele o primeiro homem na fazenda. Casamento, família? Não, não se casara... porém chegavam, a prosa se interrompia, o Agenor apeava determinando isso e aquilo a quem por ali ainda permanecesse nos afazeres finais do dia, “apois não é, seu Mariano?” buscava no companheiro aprovação para suas providências, no que Mariano assentia fazendo quaisquer sugestões, da mesma forma bem recebidas, daí a pouco aparecendo o resto do povo, a peonada reunida, o proseio geral, as risadas, o dia chegando ao fim.

Mariano aproveitava um riacho que havia por perto mode não se apresentar em casa de seu Umberto com mau aspecto, lavava-se da sujeira mais grossa que lá chegando procedia a banho em regra, um que outro fazendo gracejo daquele cuidar-se do peão, “pois seu Agenor, é o que lhe

digo: em breve teremos casamento na Pindoba”, porém Mariano punha-se sério, convinha evitar tais dizeres, advertia, pois em presença de seu Umberto ficaria mal para ele: de muita seriedade aquelas aulas de escrita, a moça Juliana era de respeito e não havia intenções, “conheço meu lugar, só aceitei o oferecimento da moça mode não proceder com descortesia”, com o que concordou o Agenor, “não se digam tais coisas” reforçou em eco, “em seu Umberto escutando, na certa há de desaprovar”, mas já o assunto diversificava, cada qual esquecendo-se da troça mode um outro dizer, um outro causo principiado, uma providência lembrada de última hora, um roer do estâm’go, que àquelas horas a fome já batia. Mariano lavou-se, trocou de roupa e se foi. O Agenor, da beira do caminho vigiou inté ele se sumir l’adiente, numa curva. Para o Agenor, não podia haver melhor companheiro que o peão Mariano.

Agora que já se sentiam à vontade para falarem de si, Mariano não negaceou e referiu também ao Agenor sua infância em Corgo Seco e o desejo de vagar mundo afora no que se fez rapazinho, “com quinze anos procurei meu rumo, seu Agenor” disse, e seguiu explicando seu gosto pela vida incerta dos muitos segures e pousares, cada tempo num diverso lugar, lidando com uns e outros sempre diferentes, “conhece-se muita gente, muita coisa nova” e, numa reflexão sobrevinda a suspirar demoroso, “o mundo é vasto e a vida, tão curta”.

Seguiu-se uma pausa na qual o Agenor pensou naquela tão bem cabida fala, inda que lhe estranhando por quem era dita, como se nela descobrisse o anseio de alguma coisa impossível; ora, ele que já beirava os cinquenta vá lá que falasse em tom de tal desilusão: no que a velhice se aproxima e o mundo se torna mais cinzento, costumam vir uns desesperos que agoniam o peito, mas Mariano era ainda muito moço, nem trinta completos?, depois, como falar da vida curta se muito lhe restava pela frente, um inteiro viver, e neste quanto lhe estaria reservado? Pois agora não aprendia escrita e leitura? Tivesse juízo e com o tempo possuiria avultado cabedal, que ele, Agenor, nunca ligara pr’essas coisas, bastava-lhe seu barraco, sua muda de roupa, o mais era ali o lidar na Pindoba, mas Mariano podia ter muito, inté quem sabe no futuro ser fazendeiro feito seu Umberto, mais inté, feito seu Belmiro, da Laguna, fazenda muito mais vasta que a Pindoba. Do que falou a Mariano, mas o peão não ligava pra isso de ter tantas posses, tornar-se rico, não, sua ambição só o livre mundo, de seu requeria pouca coisa: um cavalo mode andar pr’adonde quisesse, um canto adonde estar sossegado em lhe aprazendo, e os caminhos abertos. Redizia aquilo, “o mundo é vasto...”

— Antão vosmecê já viajou muito?

E Mariano se envergonhou, pois vivia dizendo aquilo, que o mundo era vasto, que lhe aprazia ir pra todo lado, porém podia dizer-se viajado? Sim, conhecera todos esses vilarejos perdidos no sertão, passava uns tempos aqui, outros tempos ali, andejava, mas isso seria conhecer o mundo? Cidade? Já estivera em Rio Belo, adonde iriam levar o gado de seu Umberto, já passara por Águas Claras, mas o mundo era muito maior, para sabê-lo era espiar as azuladas lonjuras dum alto de morro feito ele fazia em suas andanças, certo de que pra lá de onde as vistas alcançavam o mundo ainda se estendia. “Não se avexe não, seu Mariano” disse o Agenor, “vosmecê é homem andado. Veja só eu, que malemal saí de Poço Fundo, adonde nasci, e pousei por cá, não saindo mais”, porém Mariano nem escutou, perguntava-se “será que o mundo tem fim?”.

Mas toda prosa tem suas esquinas:

— Vosmecê disse que não se casou, seu Agenor — Mariano, em mudança de assunto, relembrou. — Não calhou de gostar de nenhuma moça?

O Agenor respondeu que não, que sim, enfim: que não firmara. Aquilo fora gostar? Mas não foi adiante: inda que já se afizesse ao outro, adotasse sua simpatia, arreceava-se de falar de seus últimos sonhos. Passaria por homem de siso se falasse de coisas no parecer tão sem propósito? Pois a moça do retrato em riba da cômoda de iá Didinha, aquelas feições sombreadas no papel duma beleza quase irreal que incomodaram seu coração podia ser uma querença que os outros, desacostumados, compreendessem? Podia assim sem mais dizer para o companheiro que casar não casara, sendo verdade que tinha pensado nisso em certa época mas depois a vida tomara outro rumo e ele permanecera solteiro para, enfim, agora, descobrir que o amor de sua vida residia tão só numa folha de papel, num quadro, um rosto figurado em retrato feito por mão de retratista antigo? Quem haveria de compreender que um homem se apaixonasse por uma fotografia? Em resposta resumiu seus namoros, poucos, a nenhuma paixão que conhecera, e devolveu a pergunta, se ele, Mariano, inda sendo solteiro pretendia casar, se já tinha compromisso firmado, uma noiva em algum lugar.

Nesse dia conversavam durante o campeio dumas bezerras novas, desviadas e sumidas no pasto. Seguiam sem pressa. Era certo as bezerras estarem mais ao norte, no rumo das baixadas onde havia recantos, iam por lá procurar.

Mariano também não respondeu logo. Convinha mencionar para o Agenor seus particulares? Não que ter uma noiva, compromisso firmado, fosse fato de esconder, pelo contrário, fosse verdade e então podia dizer-se a todos, convidar mode assistir a cerimônia na igreja, no cartório, comer um pedaço do bolo em casa da moça, tudo como sói acontecer no normal das coisas. Mas com ele não era por um rumo fora do normal que seguiam esses assuntos de amor e casamento? Que ele, consigo mesmo, se conside-

rava de compromisso firmado e consagrado com uma certa moça, e nhô Viriato preto inté lhe havia dito que, de seus saberes, podia com segurança re-dizer: era já sua noiva, sua somente e de nenhum outro, porém...

Mariano suspirou.

O Agenor entenderia um acerto assim? Que ele, homem feito, andasse de imaginações e se dissesse compromissado com uma moça que só em sonhos conhecera, dela não sabendo rumo nem paradeiro, apenas a esperança de encontrá-la um dia — que nhô Viriato garantira: ele a encontraria, mas quando? Embalado por sua esperança, e consigo mesmo, Mariano deixava-se conduzir por seu sonho como coisa natural, como promessa cujo cumprimento se espera, mas ao defrontar a realidade de uma pergunta, e devendo responder não para si mas para a pessoa que ao seu lado perguntava, então lhe parecia desprovemento de juízo dar uma tal resposta — que sim, seu Agenor, estou noivo, mas a moça eu só conheço de ter sonhado com ela, inda estou esperando encontrá-la mode marcar a data do casamento!

Pois afora aquele primeiro sonho de Mariano, uns embaçamentos feito as coisas sumidas em nevoeiro que nem se podiam divulgar direito, e aquele outro quando então podia enxergar com mais clareza, inda que não muito bem, inté aparecer na entrevista varanda uma menina de sem igual formosura, pela qual no seu próprio dizer Mariano trocaria o mundo e suas ilusões; afora essas vezes, portanto, o peão se acostumara e, ele que antes na vida não guardava lembrança de ter sonhado, não todas as noites mas uma que outra vez voltou a ingressar nesses caminhos brumosos adonde iria encontrar seu destino. Depois de muitas noites em branco, um dormir profundo de que só despertava com a alva sem qualquer lembrança das horas, a certa altura abriu os olhos e se viu numa beirada de rio, sentado numa pedra, espiando a água passar. Mas a corrente era tão suave que o espelho d'água quase nem tremia, a não ser no caso duma viração, raro em raro, para depois de novo polir-se em lisura. Não se deu conta do momento em que apareceu refletida na água a sombra dum vestido azul claro, sem ruídos de passo de quem se aproximasse, tão só o vestido que feito aparição começara a tingir naquele ponto a superfície do rio. Então Mariano se levantou e, virando-se, viu às suas costas, muito próximo de si, a menina-moça de seu encantamento. Aproximara-se da pedra, donde estava refletia-se no rio, mas parecia distraída a contemplar qualquer coisa na outra margem. Poderia tocá-la se quisesse? E não haveria de querer? Mariano, contudo, apenas esteve a admirá-la a um passo de si, esperando que ela duma hora para outra o olhasse também, e lhe falasse — mas a garota permanecia ali, não ele, ele se perdera em alguma remota paragem do sonho, por isso não podia ser visto. Estaria sozinha?, perguntou-se, vendo que agora fazia um aceno para a outra margem e parecia dizer alguma coisa que

ele não escutava. “Não, não está sozinha, porém só a ela consigo ver” e Mariano estendeu a mão para tocar-lhe o vestido e tocou... o vazio: a visão esfumou-se, desfez-se o encanto, abriu os olhos e viu que já era dia.

Não, Mariano refletiu, não podia referir uma coisa assim que o Agenor o teria por homem de pouco juízo. Restava-lhe apenas por sua vez relatar uns raros namoros, uns beijos trocados, não mais.

– 22 –

Graciano por último, nessas noites claras de lua cheia, acostumara-se a sentar na porta de sua casita mode umas demorosas matutações; sentava ali, no colo a panelinha de ferro adonde esquentara o de comer, um misturado de coisas, o que tivesse, um arroz ou feijão, uma lasca de carne-seca, um angu sobra do almoço, iguarias outras conforme o variar, comia com a colher de alumínio, depois se levantava bochechando uma água na boca, na tarimba esticava o corpo afeito às rijezas, dormia – isso antes, porém duns tempos para cá largava num canto a panelinha de ferro e permanecia, delongando vigília... A vida em quadros revista? Relances de memória? O lembrar de um assim tarda, oblitera-se no mais das vezes, o pleno dormir toda a noite é o que sucede, mas chega uma época em que se demuda o jeito de ser, não com todos, porém com alguns. Porém com o Graciano.

Seria que o capataz da Macambira tinha remorsos? Pesava-lhe o sangue derramado, da escuridão assombravam-lhe os olhos daqueles cujo fôlego colhera na ponta de sua faca ou no certo endereço de uma bala? Graciano era um homem duro, mas o tempo da dor quando chega não escolhe, inda que por enquanto não se possa falar de remordimentos: o rigor de alguns só com vagares abranda.

De sua infância não lhe restara desgosto, prazer tampouco, uma meninice igual a de tantos, nem o mais novo nem o mais velho dos filhos de seu pai, desde pequeno afeito à bruteza da lida em terra alheia, inté que no s’encontrar com idade, nem mais criança nem homem feito, saiu de casa, largou os seus, botou-se sozinho a serviço de donos de fazenda, vagueou dum lado para outro com pouco paradeiro por onde ia. Já rapava a cara quando deu de portar um punhal de lâmina esguia e ponta decisiva, não com má intenção formada: por ter visto outros de faca na cintura queria imitar, por enquanto não tinha com que comprar garrucha ou arma de mais efeito. Contava dezenove pra vinte anos quando sangrou pela primeira vez um seu semelhante, numa bodega, birosca enfumaçada adonde em riba do balcão ser jogava um carteadado com velho baralho de cartas marcadas. Doía-lhe ter matado? Decerto um pavor nas horas que sucederam ao crime, inda fresca na mente a figura do homem imóvel, a boca aberta, os

braços abertos, o espiar para nenhuma direção, ele golpeando ainda uma vez, duas, na barriga, os outros d'em volta no susto do acontecido recuando, medráveis, enquanto olhavam ainda quas'que nem botando fé no que viam, mesmo ele nem se apercebendo bem do que acabara de obrar inté sentir um calor úmido e pegajento na mão e, olhando, ver que estava vermelha. Antão foi recuando devagarinho no rumo da porta, o fino punhal inda firme na mão, os olhos abotocados vigiando cada um dos demais, não o fossem pegar de surpresa e sangrá-lo também, ou prendê-lo, e ganhou a noite, pra longe espirrou, o mundo tinha extensões, muitos caminhos, do sertão não se encontrava o fim — quem o acharia? Com o passar dos dias calmou: não tivesse golpeado primeiro, seria ele agora a conhecer o chão, que o outro também munia-se duma lâmina, inté maior que a sua, de que lançara mão contra sua pessoa; e se de primeiro no relembrar o feito sentia uma gastura, depois sempre s'esqueceu, no reconhecimento de que o mundo passava por cruel como os mais velhos diziam: sobreviver?, uma aventura arriscosa.

Será vero o que se diz, que um homem 'panha gosto pelo sangue alheio? Com Graciano ter-se-á dado o caso, mais por apazimento do que por necessidade, sabe-se lá!, que o primeiro matou para defender-se, o segundo para defender a outro, e o terceiro a mando. Como se deram essas mortes? O segundo caiu-lhe na ponta do punhal por obra duma disputa de reses, uma vaca e uma bezerrinha que um garoto conduzia pola estrada, passando defronte duma venda adonde ele, Graciano, se apeara. Um tipo que por ali também parava, já alterado por doses de um café-branco, avisou o garoto, a vaca, a bezerrinha, interveio, nas mãos um embigo de boi. Cedo formou-se babilônia, inquiria o homem com ordem de quem o garoto conduzia as reses, e para os demais redizia que eram de sua propriedade, “pai mandou, moço” respondeu o garoto, Graciano calhava entender o sucesso? Percebeu d'escasso que o homem dizia-se dono, o menino seguia por ordem do pai, uns outros presentes ponderavam em voz baixa, havia decerto engano naquilo, mais abespinhado porém o homem fez chegar o embigo de boi no lombo do moleque, uma só guaspada, e o pobre s'estorceu, encorcovando-se, os olhos rasando água apavorados para o outro, os demais recuando do destempero — quem em defesa da vítima? Graciano permaneceu em seu canto, quieto observava, e a bordoadá seguinte desenhou vergão púrpura na carinha miúda do menino, que tomou. Graciano não procedia com ligeireza, o suficiente mode impedir um terceiro lanho, levantou-se donde estava e andou na direção do outro, a mão sem pressa caçou o punhal na cintura, do homem o braço suspenso descia para novo golpe (no chão, encolhido, o menino sem defesa só olhava) mas afrouxou, amoleceu todo o corpo não pelo efeito da bebida, Graciano susteve a mão que segurava o punhal, sentiu como da vez anterior

aquela quentura úmida e pegajosa, o homem tombou, escorregou de dentro de seu corpo a imóvel lâmina: o dia era uma só quietude, o céu azul, o sol brilhando, um passarim cantou em algum lugar e todos ouviram. Graciano estendeu a mão para o menino, sem susto procurou seu cavalo, sem olhar para os lados partiu.

Polo terceiro recebeu paga. Quem lhe garantiu foi um dono de terras ali por Sant'Antônio do Brejo: tratava-se de cabra ruim, desses que bolem com mulher e filha dos outros, ladrão e com crime de morte nas costas, “dar um sumiço num tipo assim, é o que se tem de fazer”, Graciano ouvia, o referido não era de seu conhecimento, o dono de terras falava, “inda po’riba covarde, matador, não lanhou com navalha a garganta dum pobre lá pras bandas de Poço Fundo, no dizer do povo, todo mundo sabe, de lá veio fugido”, Graciano sempre quieto punha atenção, “anda pel’ái fazendo estripulia”. Foi quando comprou arma de fogo, a paga suficiente, revólver de qualidade e pesado calibre, de contrabando conforme lhe haviam garantido. Quis saber se o encomendado era mesmo o que dele diziam? O dono de terras pagava, ele carecia dum maior poderio, só o punhal talvez não suprisse mode o viver que, mesmo sem cogitar, se lhe desenhava por diante, o constante fugir decerto impunha resistência e o revólver tornara-se um objeto de cobiça. Para aquele serviço o punhal inda bastava, bastou, levou a orelha do cabra mode o dono de terras ver que ele não tinha por costume recuar de um compromisso, a seu serviço continuou que tempos, alguns anos, mas duma briga na fazenda resultou dois mortos, inda que não muito treinado no uso de arma de fogo Graciano, por ter atirado de perto, não errou – e fugiu. De novo conheceu as lonjuras do sertão.

De todos os causos, decerto o mais estranho tinha sido aquele do qual lhe restara como lembrança a indelével marca, essa de faca que lhe riscava a cara da sobrancelha direita enviesado inté o pé da orelha. Dera-se uns anos antes de entrar a serviço de Coronel Pantaleão. Graciano já seria conhecido por seus crimes? Anonimato não provia, muita gente já ouvira falar de seu nome e os soldados corriam no seu encalço, porém contava com a proteção de alguns para quem convinha ter à mão alguém sempre pronto a desfazer embaraços nesses tempos em que a terra permanece em perene luta. Além disso o sertão era grande. Apois, o sertão era grande, mas não tanto que um incrível permaneça para sempre de todos desconhecido, e a barba negra e cheia do homem a pinta pela qual todos o identificavam – e temiam, por isso desgostou-se dela e acabou raspando mode alterar um tanto as feições. Ganhara fama de não perder um tiro, de possuir uma facada mortal, “costura o cabra pola altura das costelas” diziam dele, “retalha o figo e o estâm’go, quem escapa?”, “e bala por vezo aloja na testa, ou no meio dos olhos, ou por outra na cova do ouvido”. O homem

temido cairia por mão dum bobo? O povo tem dessas histórias, sempre um valente tomba derribado por um pacato. Graciano não tombou – porém restou-lhe aquela figura no rosto, custoso sinal que ao contrário da barba ele não podia desfazer, e agora quando falavam dum homem ou procurado pela lei ou temido pela gente, um qualquer que escutasse a prosa inquiria “é o da risca de faca na cara?”, se fosse, sim, devia-se respeito, Graciano, o nome já se tornara notório; se não fosse, então pelo contrário cabia uma dúvida.

Como se deu? Certa noite numa venda de beira de caminho, entre Serradinho e Taquara, uma vasta distância porém com esses respingos de gente em suas casitas sumidas no mato, nos reôncavos, nas grotas conchas, carecia d’entremeio uma venda mode fornecer o principal, que seja, a pinga, a carne-seca, o fubá moído em Taquara, outras miudezas. Clareava o estreito ambiente uma vela grossa em tabuinha fincada na parede, a feitio de caritó. No balcão uns fregueses esperavam, cada qual requeria o de sua necessidade, o caixeiro ia pela ordem atendendo, enquanto que agachados no chão dali a um passo, formando roda, uns outros rolavam pedrinha de alto valor, apostas de níqueis em derredor doutra vela. Fazia-se alarido, o natural, o apostar produzia entusiasmo. De pé, um sujeito assistia sem jogar, apreciava ver. Quando principiou a altercação e mode quê? Uma suspeita de roubo no jogo, alguém palmeava o dado – coisa proibida –, ou havia sumido alguma moeda, e entre dois apostadores agravou-se a contenda, a roda desfez-se, os fregueses todos se afastaram com seus embornais, uns intê punham ligeiro o saco pesado de compras na cacunda e se arretiravam pro terreiro mode mais pronto escapar se saísse tiro, o interior da venda limpou-se, abriu-se num clarão, persistiram os dois contendores e as acusações de roubo. Quando o sujeito que não jogava disse “vosmecê roubou, eu vi”, o outro com ímpeto ripostou “o cabra foi chamado na conversa?”, muito espanto produzindo em todos pois o sujeito quieto que ali tão só espiava não era estranho, e ainda que não bulisse com ninguém, em falando devia-se prestar obediência, cego e temeroso respeito, nem retrucar quanto mais responder com maus modos. “O moço além de mau se conduzir no jogo inda não procede com boa educação” o Graciano pronunciou com seu jeito vagaroso, qualquer gesto evitando a não ser o lento descruzar dos braços, porém, quem podia esperar pelo que se deu, tão rápido? Alguém teria visto surgir uma faca na mão do sujeito acusado?, o movimento na direção do Graciano, alcançando-lhe o rosto?, a lâmina cortando daquele jeito? Graciano titubeou, andou um passo pra trás cego pelo sangue que já lhe banhava a cara inda que a dor nenhum gemido lhe arrancasse, dando de braços e puxando do revólver encheu a noite com estrondos a esmo, que direção não tinham, Graciano certo de que se fraquejasse morreria: qualquer um dos presentes o matava se o visse sem defe-

sa; de tiro, porém, qualquer filho de Deus desguia, e ele pôde alcançar seu cavalo, noite adentro fugir para somente longe dali pensar a ferida. E o sujeito da faca? A principal surpresa em tal façanha: que não um homem feito, senão um garoto obrara contra o perigoso jagunço, é certo que exaltado e de índole suspeita (roubava no jogo) mas pouco mais que um moleque, quinze anos, nem corpudo e nem barba por primeira vez rapada, lisa a carinha adolescente, no sobrebeijo não bigode mas o simples buço, ao Graciano nem chance de forra — naquele dia por não ter como, podia lá atirar certo em tal circunstância?, e depois por não tê-lo encontrado de novo, se bem que por tempos tenha-lhe andado no rasto: o moleque se sovertera no ar.

Mas um tal conduzir-se marcara-o de vez, ele por fim compreendendo que bem estreito era o sertão para alguém de sua fama se não tivesse um seguro homizio, e nos anos que se seguiram outra coisa não fez que esconder-se, no seu encalço uma tropa de soldados e inté recompensa por sua captura. Foi dar na Macambira, sereno apresentou-se a Coronel Panta-leão que de seu nome já ouvira a história, não negaceou, disse mesmo quem era mode saber inté adonde podia confiar nesse que seria seu patrão e, mais que isso, dono. A confiança valeu-lhe, acolhido na fazenda viu chegar certo dia uma tropa, pra mais de vinte soldados armados de carabina sob o mando de um sargento. Coronel enquanto recebia os praças na varanda mandou-lhe recado para esconder-se num recanto do porão e lá estar inté nova instrução, ali esteve horas, o patrão franqueando aos soldados as cercanias da casa mode revista em regra, e no que os homens partiram ele próprio fora lá buscá-lo: “Pode sair, Graciano, o perigo passou”, “inté eles voltarem, nhô coroné”, “esses não voltam, Graciano, tropa do governo é bom por isso, molha-se bem a mão dos soldados e eles vão caçar vosmecê adonde não haverão de encontrá-lo”, “antão eles sabem que eu estou mesmo por cá, nhô coroné!”, “qual nada, homem, qual nada! Só fiz um agrado, requerendo que por longe ficassem mode não espantar uns que tenho aqui comigo, que esse Graciano, eu disse pro sargento, esse Graciano já de fama eu conheço e se lhe botasse a mão entregava para a lei, mas tenho aqui a meu serviço uns outros, de menor valor, maus-feitos mais desimportantes que acho por bem acertar por bom caminho; e o sargento acreditou, inté entendeu, Graciano, inté louvou!”, e ali estava, devia a coronel um favor sem preço — e por ele era, pra tudo, sem regateio.

Mas os anos trazem seus pesos, Graciano não era mais um moço na flor da idade, senão que entrara a serviço de nhô coroné passando os trinta, pra mais precisão fazia as contas, tinha trinta e dois ao chegar na Macambira, e completava cinqüenta e um no mês entrante, “dezenove anos”, naqueles dezenove anos continuara a matar, agora a mando — e sob o resguardo — de seu novo e definitivo patrão.

A lua no céu dizia o número de suas mortes? Parecia que lá, naquela luz, ele buscasse essa certeza, pois atento espiava o astro que fazia da noite uma imitação do dia. Mas era só um internar-se em si mesmo, o revirar constante de seus próprios caminhos, tão turvos: o jagunço já se cansava de neles prosseguir jornada.

Não matava desde a época do último festival promovido pelo patrão — deveras o último, que coronel duns tempos para cá não parecia interessado em renovar as concorrências, “deixe com o tempo, Graciano” ele disse em o capataz inquirir sobre os preparativos para aquele ano, “por ora não”, ficando nisso. Decerto coronel se cansara da história, ou quem sabe daria intervalo maior desta vez, que não os dois ou três anos de regra... mas, apercebeu-se o jagunço, distraía-se de seu principal pensar: que há três anos matara um homem, um que naquele referido último festival o vencera em uma prova de laço no curral. Coronel fora incisivo: “Aquele cabra nos envergonhou, Graciano. O principal na Macambira depois de mim perder duma tal maneira, adonde já se viu? Carece um corretivo”, e naquela noite, reunindo os cabras mais despachados cercaram o pobre na estrada...

A lembrança daquela noite ainda verrumava: largara o morto no caminho, deixara para trás os companheiros de crime, e ao chegar em casa passou a noite na tarimba, os olhos escancarados para o escuro. De manhã, quando saiu para o terreiro espiou o dia, o sol, os bichos e as plantas, e reconheceu: matar tornara-se para ele um fardo, uma sem igual dificuldade que a custo d’ora em diante venceria, tendo por sorte Coronel Pantaleão nos últimos tempos não ter proferido nenhuma nova ordem.

Graciano afrouxava?

“Se eu encontrasse hoje o sujeito que cortou minha cara, passava de largo...”

Ou alguma coisa demudara-lhe por dentro do ser, não para enfraquecê-lo, senão para fazê-lo mais forte, tão forte que se tornava capaz de defrontar-se consigo mesmo sem recuar, sem medo de seus pecados, de arrenegar-se deles e por fim esconjurá-los?

“Ninice...”

E esfregava um pé no chão, sentia aquela terra que não era sua “e que inda pertencendo a nhô coroné também não é dele” que de ninguém é a terra, “nós é que somos dela”, seu acertado entender.

Sinhazinha Ninice, agora com doze anos, desde pequenina encantava o jagunço, que no estar em sua presença ou tão só vê-la passear no terreiro de casa, ou nas cercanias mais a moleca de nhá Emerenciana, bastava-lhe como alto privilégio. De pequena, relembrava, tinha-a às vezes ao colo; depois crescidinha, com seus oito, nove anos, era caso então de proceder

com mais circunspecção, tirar-lhe o chapéu, dizer sempre “sinhazinha Ninice”, e no mais gozar o deleite de vê-la crescer.

“Dum que nem eu, inté o querer bem é mancha, mácula...” ele pensava, e por querer bem à princesinha da Macambira, a criança dos seus maiores encantos, esse anjo, “nem que fosse filha minha, nem que fosse!...”, devia transformar-se, merecer-lhe o apreço, vê-la crescer e tê-lo em confiança sem que seu proceder o apoucasse. “O que fiz está feito, o dia de amanhã é que não convém copiar o de ontem” redizia-se, temeroso — inté estremecia quando pensava em tal — de que coronel num repente lhe dissesse “Graciano, temos um serviço a ser feito”, ele conhecendo a natureza de tal serviço mas preso ao patrão por palavra empenhada e dívida de gratidão. Se assim fosse, obedeceria?

Depois dessas tantas meditações noite em fora Graciano punha-se de pé: hora de descansar, que o dia seguinte sobrevinha com a rotineira lida — a panelinha de ferro ficasse por ali mesmo pelo canto — e então procurou cama. Perseguia-o no leito porém, inté fechar os olhos, esse medo, e por último uma derradeira visão: as feições serenas de Ninice desenhando-se feito fumo no escuro da tapera...

— 23 —

Caso similar requeria prudência, sem atilamento perdia-se, sobrevinha o escândalo se não a morte por sumária condenação. Porém, justificava-se algum receio? Lá fora na charrete, no mais das vezes o preto Leocádio, também acontecia de o Graciano — os dois mais chegados à casa; algum outro, menos frequente.

E ainda que o povo aprecie novidadear, o vezo de produzir uma suspeita, um falso mode abastecer comentário num tempo e num lugar adonde escasseiam os assuntos, sinhá Felícia gozava de geral simpatia. Provir de família abastada que habitara cidades não lhe modificara o como-ser, e ao estabelecer-se naquele povoado com a mãe, ambas já quase sem vintém, inda que não pudesse disfarçar sua origem afez-se à vida simples, se não de todo pelo menos o suficiente para cercar-se de afeição. Com pouco veio o desposório, tornara-se sinhá de fazenda, esposa de figurão da roça — coronel de grandes posses —, mas não desfez dos que a conheceram e se tornaram seus afetos na pobreza, pelo contrário, com eles permaneceu se não em presença pelo menos em bem querer e lembranças, e vez que outra as visitas de saudade. Entrava-lhes nas casas como antes e franqueava agora também suas as portas da fazenda Macambira onde se fizera senhora e rainha. Como já foi dito, esse apreço por sua pessoa foi-se alargando das benesses providas de sua mão, a simplicidade de levar a ajuda aos meios de mato, de entrar nas taperas, conhecer a miséria e arrancar daquele ho-

mem de ferro o com-quê amenizá-la. Inda que o povo pudesse desconfiar, antes calar-se que lançar suspeição sobre tão pura alma.

Já padre Porfirio, não sendo moço nem velho, há que anos chegara em Serradinho em substituição do velho frei Sabino, passado dos setenta e padecendo dum reumatismo que lhe requeria proximidade de recurso mo-
de mais a hora tratar-se. Quando botou os pés em Serradinho – vinte anos antes – era moço, possuía um bigode fino do qual cuidava com zelo, e tinha por hábito escanhoar as faces para apresentar-se sempre barbeado nas missas de domingo. Não seria um homem bonito, donde que não acordou o fogo das paroquianas jovens, inda que uma ou outra decerto não tenha escapado de lhe atirar algum olhar mais afoito – costuma acontecer. Seu tanto tristonho, e em excesso recolhido, raro em raro visto a passear à toa pelas ruas, passava por severo observador das normas da Igreja, “de austeridade” diziam os mais idosos, “é a vocação” confirmavam outros, “já nasceu padre abençoado” as beatas por seu natural fazendo dele o santo que em vida apreciariam conhecer. Não o sabiam um tímido e um solitário, aquele que deveria esperar pelo amor que os votos lhe proibiam numa mornidão estagnada: padre Porfirio não nutria cobiça por aquelas moças matutas, ou de poucos atrativos ou de graças sertanejas e rústicas que afe-
tavam suas íntimas delicadezas e o tolhiam por incômodo e não por inclinação. Nem esperava encontrar naquele fim de mundo mulher alguma, a mornidão de seu jeito de ser constituía uma vocação na qual até ele por vezes acreditava, e sem ambições vivia ali os primeiros anos de seu apostolado para depois, se assim prouvesse a Deus, ser transferido para alguma paróquia próxima de onde viera apenas para estar perto dos seus, a quem pudesse ver mais a miúdo (gostava de sua família, o pai já de idade, as irmãs casadas, os sobrinhos ainda pequenos); porém se isso não acontecesse e tivesse de permanecer em Serradinho toda a vida pouco se lhe dava, contentava-se com as cartas enviadas e recebidas e as visitas raro em raro. Padre Porfirio tinha em seu ser uma aridez sem remédio: conhecera o turbilhão das cidades grandes, viajara por capitais importantes do país, vira o estrangeiro, muito dado aos livros instruía-se não só nas coisas da fé mas também nos saberes profanos, digeria a filosofia dos gregos e guardava com muito zelo as obras que vez a vez lhe chegavam de encomenda (de mana Ercília, a mais nova, a predileta, sempre a prover-lhe das melhores leituras), mas o mundo não lhe oferecia atrativos suficientes para arrancá-lo de seu cômodo viver.

Para isso, o mundo em peso impotente, bastaria contudo a suficiência duma paixão.

Como, porém, se dava só agora esse encontro com sinhá Felícia se tantos anos tinham vivido quase lado a lado? Pode-se explicar um caso

assim? Decerto carece investigar pra mode entendimento, toda história tem suas minúcias.

Felícia e a mãe chegaram em Serradinho uns cinco ou seis anos depois de Porfírio ter assumido a paróquia. Não se conheceram logo, a bem dizer conheceram-se mesmo quase no dia do casamento da moça, quando os noivos lá estiveram para marcar a data. Vê-la junto daquele homem já de avultado volume não despertou nele qualquer afinidade, o padre austero e ainda moço (orçava pelos trinta, trinta e um anos então) atendeu os noivos, semanas depois celebrou o casamento, um ano mais tarde batizou-lhes a filha. E o padre permaneceria em seu rotineiro recolhimento — as missas celebradas sem muita devoção, as leituras dos clássicos gregos, as poucas cartas que escrevia à família, o mais uns compromissos de batizado ou extrema-unção quando em quando: isso, não fosse estabelecerem-se mais íntimas relações com a Macambira e o dono convidá-lo a celebrar a cada dois meses uma missa na fazenda, em capelinha levantada ali por falecido nhô Pantaleão velho, a qual se enchia da gente mais próxima que para o miúdo acontecimento arrancava-se de suas covas. Nesses dias punha-se à mesa com os anfitriões, ouvia de bom grado as chalaças de coronel e com gosto conversava com sinhá Felícia, em quem reconhecia uma fina senhora, que às vezes lhe fazia perguntas sobre as Escrituras e muito atenta ouvia-lhe as explanações. Dada sua natureza, só com o tempo padre Porfírio sentiria acordar em si esse sentimento que agora se convertia numa consumidora paixão. Primeiro foram aquelas conversas à mesa do almoço, findo o qual o coronel desculpava-se, pedia licença para retirar-se, “vossência, padre, não arrepare, é que sofro dumas insônias à noite e ’panhei o costume de tirar uma pestana depois de almoçar. Felícia, faça companhia ao padre”, Porfírio de início retirando-se também, noutras ocasiões tardando um pouco a prosear com sinhá, uma meia hora se tanto, e por último ficando por mais tempo, às vezes até o meio da tarde. Depois surgiram os pretextos mode por um nada se entrevistarem, uma missa, uma ladainha, um auxílio ou de agasalho ou de boca para as famílias inopiosas, ou de remédio para os doentes, por acompanhamento o conforto da palavra de Deus, lá iam o padre e sinhá, pretextos esses achados ora por ele, ora por ela, com as devidas reservas para não produzir desconfiança. Já se entendiam então? Talvez, se bem que por enquanto não se haviam dado conta... O tempo contudo não se detinha, e em sua lentidão Porfírio tardou a compreender que o caminho para si escolhido, não por outros mas por ele mesmo, era um engano, que um diverso havia mas tarde demais se lhe antolhava: o do amor, esse amor por sinhá Felícia que se construiu na vagareza daqueles anos em que ele, o padre, também viu crescer Ninice — por ele batizada — e tornar-se aquela flor que a todos perfumava. Em que momento pensou a sério que o proibido amor dum padre por uma senhora casada

podia consumir-se? Teria ele pensado com frieza no assunto, feito cálculos, traçado um plano? Seria de seu feitio cogitar que, se há tanto tempo convivia na Macambira, amando em silêncio a mulher de Coronel Pantaleão, com frequência em sua companhia tratando de assuntos pertinentes à igreja e à caridade sem propiciar motivos a nenhuma intriga, não poderiam manter ainda as aparências entregando-se aos seus íntimos desejos? Mesmo um homem como padre Porfírio pode-se acreditar capaz de um cálculo, contendo-o apenas a incerteza quanto à mulher que amava: pois se lhe parecia evidente a infelicidade de sinhá em seu casamento, não podia garantir se estaria disposta ao adultério, e caso estivesse, se com ele. Era preciso no entanto jogar, ocorreu-lhe, padre Porfírio agora tornara-se um jogador, ao homem recolhido e austero chegara a hora de atirar-se, arriscar um lance perigoso, e ele arriscou...

Arriscou, por isso vamos encontrá-los a ambos, na quinta-feira seguinte à missa de ação de graças e ao prelúdio de seus amores, na sacristia da Igreja em Serradinho – a sós. Desde o domingo não se haviam visto, daquela primeira entrevista restando um tão só enleio: aquele desvario teria seguimento ou, de novo a sós cada qual consigo mesmo poria o juízo no lugar e retrocederia do passo dado? Pergunta por demais incomodativa, tanto um como outro mal contendo o desejo de se reencontrarem e conhecer-lhe a cabal resposta.

Agora se afastavam ainda embaraçados daquele abraço afoito, daquele beijo incendiado, e temerosos, pois na igreja, inda que num resguardado recanto, não calhava inteira segurança, e mesmo estando só, não convinha a Porfírio conduzir Felícia para suas mais internas dependências, toda demora seria suficiente para produzir suspeição. Assim, contentaram-se nesse primeiro encontro em se abraçarem muito forte, beijarem-se com alguma pressa, olharem-se nos olhos embebendo-se desse sentimento que, até então desconhecido, se lhes oferecia com seus riscos e delícias – e de seguimento afastarem-se um do outro, encabulados.

A resposta à pergunta que os transtornara naqueles poucos dias parecia fora de dúvida respondida – Felícia, porém, não estaria um pouco triste?

– Que há contigo, meu amor? – perguntou Porfírio, tomando-lhe de novo as mãos. Felícia porém desprendeceu-se, recuou um passo, sentou-se.

– Senta-te também ali, Porfírio – disse, e indicou a cadeira detrás da mesa que ele fazia de escrivaninha.

– Mas o que há?...

– Senta-te... por favor... é preciso que falemos...

Porfírio obedeceu.

– Pois bem... Agora, diga o que há.

– Porfírio, sabe... eu nunca fui muito devota, não que seja incrédula, isso não... é que apesar de ter estudado o catecismo como todas as crianças, e feito a primeira comunhão... meus pais não eram católicos praticantes... talvez por isso...

– Eu entendo o que dizes, não é preciso justificar-te.

– Eu sei, digo isto apenas para que compreendas... É que apesar de nunca ter sido devota, não posso deixar de arreçar-me do que estamos fazendo...

– Estamos agindo de acordo com a natureza, Felícia.

– Sim, com nossa natureza, mas não com as condições a que estamos sujeitos. Tu és um padre, fizeste os votos... eu sou uma mulher casada, também fiz um juramento... Talvez não nos seja permitido obedecer a essa voz...

– Ambos fizemos um juramento... apenas para chegar um tempo em que nos damos conta de não podermos cumpri-lo.

– E isso não estará errado?

– Errado...

– Não temes um castigo dos céus? Tua fé não te diz do pecado que praticamos?

– Queres recuar? Queres perder o que estamos conseguindo tão duramente?

– Não! Nunca... Só não quero estar sozinha para enfrentar a maldição que cairá sobre nós.

– Não acredito em maldições... hoje reconheço que não fui um sacerdote convicto, as grandes questões da fé nunca me preocuparam a fundo... as doutrinas, a vida dos santos, tudo isso estudei tão só como uma tarefa escolar, para ser aprovado nos exames e ordenar-me... Por que escolhi essa carreira? Nem eu mesmo sei explicar, mas acabei acomodando-me à minha condição... Porém, se houver uma maldição não estarás sozinha, Felícia... e se possível for sofrerei também a parcela que te couber, pois para seres minha qualquer sacrifício parece-me pequeno!

Felícia baixa a cabeça, as mãos cruzadas no colo, o peito oprimido.

– Além do mais – ele disse ainda – estou disposto a deixar a Igreja, e partir para longe contigo.

– Impossível, Porfírio, impossível! E sabes por quê!

– Ninice?

– Ninice, sim, ela.

– Leva-a conosco. Coronel Pantaleão jamais nos encontrará, e a criaremos juntos, serei com certeza melhor pai.

– Não, Porfírio, não! Isso não! Pantaleão é um homem duro... enfim, todos sabemos... porém Ninice o ama... é uma criança e não compreenderia... Se não poderia levá-la, tampouco posso partir sem ela.

Porfírio suspirou. As razões de Felícia como mãe eram tão fortes quanto como amante, mais fortes até, dividiam-na em duas, e ele compreendia isso. Tinham de resignar-se e ficar.

— E nunca teremos nada nosso?

Felícia, de olhos baixos, suspirou.

— Quem sabe do futuro! — disse. Por fim voltou a encará-lo: — Precisamos apenas nos acostumar a isso... e deixar que o tempo nos ajude a resolver essa dificuldade... se quisermos apressar as coisas, que erros correremos o risco de cometer, Porfírio?, e que conseqüências teríamos de enfrentar depois!

Ele fez que sim com um movimento pausado de cabeça.

— Tens razão... és mais atilada que eu... mas não deixes de vir... ainda que por breves momentos... não deixes de vir, nem que seja duas ou três vezes no mês...

Ela sorriu, levantou-se:

— Prometo. Nunca deixaria de vir. Agora... vem cá, beija-me mais uma vez, é preciso que eu vá.

Abraçaram-se com o mesmo tesouro, beijaram-se com a mesma pressa, despediram-se. Muito composta e tranqüila sinhá Felícia deixou a igreja: nada em sua aparência denunciava o torvelinho que se revolia em si ao subir na charrete, que o preto Leocádio conduziu, devagar, de volta à Macambira.

Os encontros entre padre Porfírio e sinhá Felícia se repetiram, pelos mesmos moldes, não mais de uma vez por semana nas semanas e meses seguintes. Sua freqüência à igreja — para não dar na vista e propiciar desconfiância — não se alterou, numa ou noutra ocasião procediam para algum lar necessitado aonde levavam o conforto da Palavra, um sólido de-comer mode reconfortar também o estômago, algum medicamento quando necessário, e Serradinho via a charrete como sempre cruzar suas ruas e internar-se nos boqueirões, ir e voltar, sem alteração de rotina. Porém, somente ao se pegarem sozinhos na sacristia, em horário que a ninguém ocorreria por lá comparecer, aproveitavam para aqueles abraços tão afogueados quanto rápidos, aqueles beijos tão famintos quanto breves, aquelas despedidas plenas ao mesmo tempo de esperança e desespero.

Esses encontros, porém, da forma como procediam, em vez de matar a fome de padre Porfírio ainda mais a atiçava, carecia dum meio de estar com sinhá Felícia, não por aqueles furtivos e assombrados instantes que não lhes permitiam um mais fundo entregar-se: queria-a por inteiro, livre de sustos experimentar aquilo que para si consistia ainda um alto mistério.

Uma tarde, pelo finzinho do dia, já se botando o sol por detrás das corcovas do horizonte, padre Porfio examinava uns textos pré-socráticos sentado em sua escrivaninha, tomando notas num papel à parte, quando escutou um tropel miúdo dentro da igreja; levantando-se para ver deparou com o Titico, o menino d'io Possidônio, que num susto vinha procurá-lo:

– Abença, padre – disse o Titico, ofegando –, venho que pai'stá rúim...

– Acalme-se, Titico – padre Porfírio tomou o menino pela mão e o levou para dentro –, tome fôlego e me explique o que está acontecendo.

Titico explicou: pai não se tinha mais em pé, da cama chamara por ele quase sem voz, que fosse por padre Porfírio mode confissão, “inté parece que vai morrer”.

– Mas o que tem ele?

O menino dá de ombros, os grandes olhos abertos:

– Uma quentura, des' trasantontem...

E um relâmpago surdiu alumando a escura noite do padre, que virou o rosto e se afastou, não lhe fosse o garoto ver o sorriso, e ao se virar de novo para ele, muito sério, disse:

– Titico, você está aí a cavalo? – e o Titico fez que sim. – Pois então, de galope pra Macambira, esteja com sinhá dona Felícia. Iô Possidônio lhe é muito afeiçoado, decerto seria uma felicidade revê-la uma vez ainda, no caso... bem, no caso de ele estar mesmo tão mal... Explique-lhe que venha rápido e traga algum remédio de que lá disponha para febre, pois aqui estou desprevenido e o boticário hoje não se encontra... diga-lhe que fui eu quem mandou você.

– Si'siô, padre...

E agora, enquanto atravessa a pé o povoado e se mete pelo trilho que conduz à casa de iô Possidônio internada na mata, padre Porfírio sorri, de uma tão grande alegria tomado que enquanto lá não chega inté principia cantarejar um te-déum – lá vai, moleque redivivo, cantando.

Mas no escuro do anoitecer a tapera de iô Possidônio semelha uma catatumba, cambaia, de minúsculas janelas, as paredes encaroçadas do reboco grosso, o branco encardido duma reles caiação de anos, nem luz a mostrar lá dentro sinal de vida. Padre Porfírio teve um estremecimento? Apois, que decerto o vento, esse ventinho que vem, penetra a batina, de friagem produz mesmo arrepio. Botando o pé na portinha estreita disse para dentro, pras sombras, “iô Possidônio”, como resposta um roncado no cômodo mais de dentro, um seguido suspirar demoroso de cansaço, um outro roncado. “Sou eu, padre Porfírio”, silêncio, depois um suspiro, de novo um ronco, uma voz arrastada, “ah, padre... benz'o Deus...” e o padre entrou no casebre, pelo gemido orientou-se no escuro para o quarto do enfermo, “não tem luz?” perguntou, a dificultosa voz num arquejar

explicou “cá, no caixote... em riba... fósfro...” e apalpando o padre encontrou no caixote que fazia as vezes de mesinha de cabeceira uma caixa de fósforos, riscou um, acendeu a lamparina: em riba da cama, montinho escasso de ossos, o couro lívido terroso grudado na caveira e uma débil respiração, iô Possidônio agonizava. O padre sentou-se ao seu lado, tomou-lhe as mãos não deixando de espantar-se: ainda há dias — quando? duas ou três semanas atrás? — o velho, apesar da idade, estivera na missa, parecia bem. “Uma... febre...” a voz sumida do enfermo, “...de... repente...”, “por que não mandou chamar-me logo, seu Possidônio, e esperou passar tanto?”, mas o velho não tinha forças para mais, padre Porfírio compreendeu, sim, uma febre, um calor parecia emanar do corpo encarquilhado, e o sacerdote curvou-se, murmurou ao pé do ouvido num extremo reconforto “sejam quais forem seus pecados, de todos eu o absolvo, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”, aquelas palavras decerto as últimas que iô Possidônio teria compreendido: breve contração de suas faces, um quase sorriso indicativo de alívio, e entrou a variar.

Depois de quanto tempo padre Porfírio escutou tropel no terreiro?

Chegou-se à porta: sinhá Felícia apeava, Titico viera puxando o animal — até ali não havia caminho suficiente para uma charrete.

— Como ele está? — sinhá Felícia perguntou.

— No fim — respondeu o padre. — Entra — e saindo ao terreiro disse ao Titico: — Filho, faça-me um favor: vá já para a igreja, entre pelos fundos e acenda a luz de casa, que a porta ficou apenas encostada. Vá, esteja lá até eu voltar, pois não convém que a casa paroquial fique sozinha.

— S’í siô, padre.

— Vai, vai — e depois que o menino se afastou num trote ligeiro voltou para dentro. No quarto, sentada na cama, Felícia segurava as mãos do moribundo.

— Não conhece mais o que se passa em volta — diz.

— Não, Felícia, não conhece — e inclinando-se tomou-lhe as mãos, fazendo-a deixar o doente e levantar-se; puxou-a para si.

— Porfírio...!

— A oportunidade que esperávamos, Felícia!

— Porfírio... não... o Titico...

— Mandei-o para Serradinho, para a igreja, vai nos esperar lá...

— Mas iô Possidônio...

— É como disseste, não conhece mais o que se passa em volta... vem — apanhou a lamparina, puxou a mulher para o quartinho ao lado —, o quarto do Titico... o velho não poderá escutar nada, e mesmo que escutasse...

— Tu estás doido, Porfírio — sinhá Felícia, numa tentativa frouxa de resistir.

-
- Não queres? Não me amas, afinal?
 - Amo-te, e sabes disso... e sabes também o quanto eu quero...
 - Então não temas... esquece-te de tudo mais, meu amor...

E a tomou nos braços com fúria, de súbito revelando-se à minguada luz que provinha da lamparina, a um canto no chão, a esplendida nudez – os seios ainda rijos, o ventre arquejante, as coxas firmes e roliças – daquela mulher que na carência de amor também agonizava. As bocas úmidas insuficientes para os beijos e as frases de desvario que aos arquejos lhes escapavam, essa febre terrível a inundar-lhe os corpos de suor e a levá-los pelo caminho do desespero, o corpo macio e branco estirado na dura tarimba a entregar-se todo, livre, impetuoso, voraz, e padre Porfírio a penetrar enfim esse mistério que lhe abria as portas de seus labirintos...

No fim, a entrecortada respiração de cansaço pouco a pouco serenando, uns olhares em si mesmos embebidos de paixão, o sorriso de pura alegria, e um rápido recompor-se, “que já é tempo, seu assanhado” disse Felícia beijando-o.

Mas então se lembraram do enfermo. Olharam-se num súbito espanto. Teria percebido alguma coisa?

Com cautela se encaminharam para o outro cômodo, padre Porfírio levantou um pouco a lamparina para alumiar em cima da cama: com horror encontraram o olhar vidrado de um cadáver – morrera, enquanto os dois amantes no quarto ao lado gozavam.

– 24 –

Coronel Otávio sentiu-se satisfeito com a chegada de Coronel Pantaleão e família mode pousar ali: no dia seguinte casava-se sua filha Lúcia Helena, aos povos de em volta – e inté de mais longe, conforme mais distante se transportou a notícia do casório – a promessa duma festa de não cair no esquecimento pelos anos em fora.

Nhá Deolinda, descabelada, convidou sinhá Felícia para dentro enquanto junto da charrete seus maridos proseavam comentando a especial ocasião e os arranjos da festa, e se arredavam terreiro afora, conquanto Coronel Pantaleão se ressentisse do joelho ruim e manquejasse um pouco, escorando-se em sua bengala. Sinhá Felícia foi recebida no alpendre por Lúcia Helena que vinha de dentro muito graciosa num vestido de andar em casa, as mangas arregaçadas que por ser a noiva não se tolhia em ocupar-se com algum quefazer, os cabelos apanhados atrás num coque do qual se desprendendo a teimosia dumas mechas mais lhe embelezava o delicado contorno da face, e Ninice – que transportava uma grande caixa revestida por um bonito e rebrilhoso papel, até pesada para seu tamanho mas de que não abriu mão, “eu levo, eu dou pra ela!” – entregou-lhe o presente. Lúcia

Helena sorriu, recebeu a caixa trocando beijinhos com sua dama de honra, piscou um olho para a menina Lurdinha que, mais atrás, irradiava alegria por também estar ali feito gente da família; e convidou a todos para entrar. Na sala, não esperou mais: em cima da mesa abriu o embrulho, os dedos jeitosos desfazendo o laço de cetim, em derredor nhá Deolinda curiosa de ver o que era, por mais presentes que uma noiva receba cada qual abre o apetite da curiosidade, e sinhá Felícia, Ninice, mesmo a Lurdinha esperando mode verificar se a escolha agradava: uma caixa grande em veludo azul que por fim aberta exibiu em seu interior um raro faqueiro de reluzente prata, os finos talheres bordados a fio de ouro, rica peça já de há tempos encomendada em Águas Claras e escolha de sinhá Felícia, dona de muito gosto para essas coisas, e também do agrado de seu esposo, que apreciava fazer figura, pois se podia, se tinha com quê!, presente devia de ser valioso mode não se sujeitar a mau reparo de estranhos, “as línguas sempre se coçam, Felícia” havia dito por época da compra do presente, “veja-me lá! Veja-me lá!”, e sinhá Felícia “sossega, senhor meu marido, deixa a meu critério”, e com todo acerto, deveras!, ali estava.

Coronel Otávio possuía casa com amplas dependências, os hóspedes de mais figura, feito os Fortes, família do noivo, Coronel Pantaleão e os seus, mesmo um Capitão Elviro Barbacena de boa prosápia, esses tinham reservados seus melhores quartos; o povo de casa ou a gente mais miúda que vinha, amigos e conhecidos chegados de véspera, de qualquer maneira se ajeitavam, inda mais os moços, “que a rapaziada está sempre a jeito, e é só por uma noite ou duas” dizia, vigiando com gosto o esfervilhar em que se agitava a Aroeira — pois o esfervilhar tinha sua razão: durante o mês que precedera a aprazível data quantos bois sangrados e escarnados, pra não falar nos porcos gordos de ceva, e os frangos, os panelões de carne assada ou frita a se acumularem na despensa, afora os manjares todos, salgados ou doces, que de doces então se contavam as tachadas, caldeirões e alguidares: de leite, coco, abóbora, mamão, cidra, toranja, inté de jiló e chuchu, a despensa enfim superlotada necessário se fez esvaziar um paiol, vedar com rollhas de pano buracos e frinchas mode evitar ratos e insetos, e ali, guarnecidos de herméticas tampas, armazenarem-se inté o memoroso dia.

Os dois coronéis passeavam ao comprido do terreiro, faziam a volta, contornavam a casa, o anfitrião falando dos arranjos, não medira gastos, “filha única, meu amigo, única e de merecimento!”, no que o outro aprovativo balangava a cabeça tudo apreciando com muito gosto; coronel Otávio não sendo homem de fundas devoções não havia na Aroeira uma capela (“Missa?” dizia ele, “ora, vai-se à igreja, capela em casa mode quê? Reza, abasta o oratório que foi de finada iá Ilídia, minha sogra”), donde que mandara improvisar: a cerimônia seria ali mesmo na fazenda, depois, por

que não uma celebração ao ar livre?, idéia da própria Lúcia Helena, “a menina tem idéia boa, não sabe, coronel?, moça de bom gosto”, no largo e plano gramado ao lado de casa erguia-se um altar simples, uma modesta coberta de ramos de bambu só para os noivos e o oficiante, “padre Porfirio vai celebrar” informou de passagem, e os bancos para o povo enfileiravam-se defronte. Nos fundos, porém, fora erguida uma ampla barraca, o chão de terra batida polvilhado de serragem grossa, e mesas improvisadas com tábuas compridas, “para o geral do povo, coronel, que não caberia todo mundo dentro de casa”, a comedoria seria servida durante todo o dia, mesa após mesa, enquanto houvesse gente para comer, afora o que se distribuisse em pratinhos e o churrasco, que prosseguiria noite adentro, Coronel Pantaleão espionando tudo para fazer melhor e maior quando chegasse a vez de Ninice casar – e se distraía antevendo os futuros, ainda distantes, preparativos.

Aquele fim de tarde inté horas avançadas foi de muito divertimento para Ninice e a menina Lurdinha, pois na Aroeira infestavam crianças de sua mesma idade, escasso o tempo mode suas brincadeiras. Sinhá-moça no cair da noite resolveu um descanso, afadigara-se desde cedo e agora tinha de se preparar, que seu dia era o seguinte porém d’agora já cabia um sossego, assumir sua especial condição de noiva, donde que se cercou das meninas maiores no quarto, e enquanto escolhia uma roupa para a noite proseava com elas à vontade, Ninice a de sua preferência, o que deixava a sinhazinha da Macambira feliz, sobressaía-se na primazia da noiva – a pessoa mais importante da festa – como sua dama de honra: no dia seguinte, afora os noivos, seria ela a atrair principal todos os olhares – Ninice sabia de suas graças, os bastos cabelos negros, a pele clara e os lábios vermelhos, um princípio de seios que afloravam, inda não muito de formar volume sob a roupa, o suficiente para sua prevalência sobre as outras, “inda crianças” consigo mesma dizia, singela soberba; descontando a Lurdinha e umas outras mais velhas, ela em breve se fazia adulta – então já não tinha doze anos?

Lúcia Helena mostrou às meninas que se agrupavam à sua volta seus vestidos, que bonitos vestidos possuía sinhá-moça!, “e o de noiva?” uma delas quis saber, mas o de noiva não podia, estava bem guardado, com o véu, a grinalda e o buquê num quarto trancado mode ninguém ver nem ’panhar o menor sujado inté a hora de vestir, e Ninice espiou com ares para a garota que fizera a pergunta, ela então não sabia que o vestido da noiva devia de ficar protegido até a hora do casamento? Mas sendo que se falava de vestidos, Lurdinha trazia um em bom estado que lhe ajeitara sinhá Felícia, “para não fazer feio no meio dos outros” tinha dito, nhá Emerenciana agradecida mode tanto apreço por sua menina recomendou

“toma tento, minha filha, não vá sujar nem estragar roupa tão vistosa”, sinhá Felícia porém não tendo cuidados, “inda não é o da festa, Emerenciana, é um já usado, só para vestir na véspera, para a festa vamos arranjar um novo” e foi Ninice quem escolheu o vestido que a Lurdinha usaria na cerimônia, sua amiga não podia passar-se por uma qualquer.

Mais tarde chegou Augusto, que todo aquele dia não havia aparecido: os preparativos, afora outros afazeres, também lhe tomavam o tempo. Não viera para demorar-se, disse, no que Lúcia Helena cercada pela chusma de meninas que já não a largavam o recebeu na varanda, e fez um agrado especial em Ninice: “Como está a menina mais bonita da festa?” perguntou, beliscando-lhe a ponta do nariz, o que a fez vermelhusca. Lurdinha olhou enciumada para a amiga, e as outras riram seu tanto invejosas, cada qual devia achar-se a mais bonita.

Dormir-se-ia aquela noite na Aroeira? Por certo, mas não cedo, muito tarde inda havia gente de pé, ou dentro ou fora de casa, em animadas palestras. Sinhá Felícia de conformidade com nhá Deolinda deu consentimento a Ninice e Lurdinha para estarem com as outras, mais próprio segundo seu parecer, os da mesma idade se entendem, e as meninas todas dormiram num quarto grande provido de cama larga e colchões espalhados pelo chão mode atender a tantas, enquanto para os meninos um outro cômodo foi escolhido. Os adultos pouco a pouco iam procurando descanso, os últimos no se recolherem pelas quatro da manhã esbarravam com alguns que já se punham de pé, depois de umas dormidas horas, mode dar início aos fazeres finais: o dia que principiava seria não só de festa, mas de trabalhadeira sem conta.

Ninice em dia de tamanho afã esquecia-se de seu desejo maior? Este se guardava em doce recolhimento naquele recanto de seu coração que ela e mais ninguém conhecia. No avançar das horas, quando a Aroeira aos poucos silenciava e todos dormiam, Ninice também fechou os olhos sem incomodá-la o ressonar d’alguma companheira de quarto ou no caso de a Lurdinha ao seu lado num agitado dormir esbarrar-lhe, nem mesmo se fora passava falando alto alguém para quem aquela noite não possuía esses deveres de cama: o cansaço do dia amoleceu o corpo da menina, vagarinho sentiu-se submergir nessa indefinida região onde sabia que o encontrava — nem sempre, mas às vezes —, a ele, o cavaleiro sem nome, o moço de sua espera, o eleito de seu coração: e o viu seguindo a cavalo por um caminho e cruzando um grande rio, ora como se estivesse mais longe, ora mais perto conforme essas confusões que o sonho costuma produzir até se compreender bem onde se está, vendo-o por fim com sua beleza de homem jovem e forte, sua tão linda barba alourada, seu prazeroso sorrir feito estivesse de prosa com alguém, algum companheiro (inté mexia os lábios olhando numa e noutra direção), mas não lhe alcançava a voz e apenas a ele avistava,

se com outros estivesse em sua viagem esses outros permaneciam invisíveis para ela. Onde estaria Ninice que não podia ir-lhe no encalço e falar-lhe? Pois também ela não se achava ali, junto àquele rio grande que o outro agora punha-se a atravessar, de larguras mas não profundo, “um vau, a água dá pela barriga do cavalo”, e justo na margem para a qual ele se encaminhava? E vinha vindo – seria em sua direção?, por que não se lhe punha no caminho para que a avistasse? Ninice correu pela margem arenosa na direção do cavaleiro, “vou parar bem na frente dele!”, e chegou naquele ponto onde estava certa de que ele haveria de passar, e parou, e ficou espionando o belo moço avançar dentro das águas... e em antes de chegar-se mais perto sumir-se no ar, ir-s’efumando lento, de seguida tudo um escuro remoinho e ela, por fim, abrir os olhos com o cantar de um galo bem debaixo da janela.

Ninice ficou de olhos abertos no escuro escutando o movimento dos que já cedo se levantavam, e uma idéia súbita formou-se em sua cabeceira povoada por essas ilusões – ou verdades, que em causos de amor ilusão e verdade são um só, como pode o amor sobreviver à realidade sem a vestimenta da ilusão? A idéia da menina dizia daquele sonho em véspera de um casamento em que ela seria dama de honra, incumbida de seguir até o altar conduzindo num cestinho de vime guarnecido com almofadinha de cetim o par de alianças com que os nubentes sagrariam sua união. Não seria aquilo um presságio feliz? E no escuro Ninice sorriu: sim, estava certa, ele viera – seu noivo, inda que sem saber – dizer-lhe que o dia deles dois também chegaria, “mais cedo ou mais tarde” ela pensa, “mas foi isso que ele veio fazer esta noite”, e a menina sentia o coraçãozinho bater mais forte, e em segredo sorriu ainda mais: as outras todas ressonavam, nenhuma tão feliz.

Com o clarear do dia vinham chegando as gentes convidadas, que tão só os mais íntimos compareciam de véspera. Se antes a Aroeira formigava, agora então, no correr da manhã inté se aproximando a hora do almoço o sertão em peso parecia botar-se pr’ali.

Perto de meio-dia chegou padre Porfírio vermelho pelo calor do sol, uma vermelhidão que cedeu tão logo avistou debruçada na varanda sinhá Felícia, esta por sua vez estremecendo e cuidando de não prestar muita atenção na pessoa do sacerdote, não fosse denunciar os tidos e havidos entre ambos. Já porém a notícia da presença do padre rastilhava, a criança, para quem tudo é motivo de alarido correu a avisar não obstante já ser do conhecimento de nhá Deolinda que sua charrete evinha lá embaixo na curva, notícia transmitida por um preto da casa – donde que sinhá Felícia não teve que se preocupar desde logo, nhá Deolinda apareceu na mesma hora à varanda, “venha, Felícia, vamos receber o padre” e na com-

panhia da dona da casa desceu para o terreiro e foi beijar a mão do homem de Deus que apeara e sacudia a poeira da batina, auxiliado pelo Titico de falecido iô Possidônio, que o acompanhava. Olharam-se? Sinhá Felícia, em seguida a nhá Deolinda, curvou-se nessa cerimônia que tinha cabimento num dia assim, o padre era aquele por intermédio de quem Deus, no céu, anotaria em seu livro o nome dos noivos mode que procedessem em duradoura união, nunca jamais desfeita por força terrena, quer fosse enganos ou inveja, falta de amor ou amor de descaminho, figura portanto de suma importância. Por serem senhoras principais, apenas curvavam-se ligeiro, o padre suspendia a mão, os lábios nem mesmo a tocavam direito. Outra charrete porém adentrava o terreiro, nela o juiz de paz e o escrivão, que trazia no colo um grande livro de assentamentos: desceram e enquanto um moleque da casa veio mode desarrear o animal e levá-lo à cocheira, os dois oficiais eram recebidos por Nhá Deolinda que se desdobrava; nesse relance, em que a dona da casa deixava por um momento o homem de Deus para atender os homens da lei, sinhá Felícia e padre Porfírio trocaram um embaraçado olhar; acendia-se o peito do sacerdote, punha-se em fogo a senhora da Macambira, que baixara os olhos com as faces ruborizadas, mas salvava-os a todos de novo nhá Deolinda que tomando a dianteira conduzia os três para dentro. Sinhá Felícia, o coração descompassado, ia-se largando para trás, deixando-os que se adiantassem; reteve consigo o Titico fazendo-lhe um agrado a modo de desafogo e despiste, passou-lhe o braço pelo ombro e quedou-se, depois dispensou-o, “vai, filho, vai brincar pel’á”; Porfírio no entanto também passava por similar dificuldade, o juiz e o escrivão longe de adivinhá-lo o cumprimentaram fazendo algum pertinente comentário enquanto a dona da casa sem reparar em sua palidez parolava, um não mais acabar de entremeias palavras referindo isto e aquilo, aquilo nem bem dito isto, e já espantava as crianças que vinham assuntar as novidades, “não incomodem o senhor padre e o senhor juiz, criança, já daqui!, não botem reparo, excelências, criança é isso que se vê”, e coronel Otávio assomando à porta estendeu-lhes a mão, padre Porfírio deixava-se sacudir num caloroso cumprimento, o juiz de paz muito solene detinha-se e o escrivão na retaguarda, sobraçando o pesado volume, aguardava. Já coronel Otávio ocupava-se do padre e do juiz, conduzia-os para dentro a fim de descansarem, nhá Deolinda cuidando para que o livro ficasse em cima da cristaleira da sala até a hora da cerimônia, “aqui, senhor escrivão, tenha a bondade, isto deve pesar!”, “nem tanto, senhora, nem tanto” respondeu o outro, feliz em livrar-se de tal estorvo.

– Muitos convidados, coronel – comentava padre Porfírio, pondo-se à vontade.

– Deveras, coronel – secundava o juiz de paz detrás de seus bigodes.

— Apois, meus senhores! — exclamou coronel Otávio já dentro de casa, dando ordens para que atendessem o padre no que fosse preciso. — O povo que há no mundo. Nem eu tinha notícia de tanta gente!

Sinhá Felícia esquecia-se agora no terreiro, conversava com umas donas mais simples que lhe diziam de Ninice, comentários, “crescida a menina de vossência, sinhá”, “muito graciosa”, “lembra minha caçula, também por aí anda”, e sinhá Felícia ia respondendo, a filha era sua alegria, as donas muito satisfeitas de falarem à esposa de Coronel Pantaleão elogiavam a princesinha da Macambira. Lembravam-se: “Calculo que no casamento de Ninice também correrá festança”, “ainda demora” sorria-se sinhá Felícia com bonomia, “Ninice mal completou doze anos”, “que nada, já dona Felícia, bateu essa idade menina espicha, logo está moça feita”...

Acompanhada de Lurdinha e outras meninas Ninice descia a escada da frente para o terreiro, ia abraçar-se à mãe pare deleite das donas, que a viam tão só nas missas em Serradinho, quando calhava, não havendo oportunidade em privar de sua companhia. Ninice um pouco se encabulou no inteirar-se do que conversavam, “apois, sinhazinha, que aqui se fala em como havera de ser no dia do vosso casamento”, atrapalhou-se e baixou os olhos, pensou *nele*, no seu amor — ainda há pouco o avistara, inda que de longe, atravessando a cavalo um rio grande, pois não se dera naquela noite? —, reclinou a cabeça no ombro da mãe e suspendeu o olhar para as donas, sorriu-lhes um fio de sorriso, as faces coradas, um desvanecimento pelo corpo... “o amor” pensava, “como será?”

As horas transcorriam. Pelas três, no salão, deu-se com simplicidade a cerimônia da lei, assentados detrás de uma larga mesa o escrivão escrevia enquanto o juiz de paz formulava as perguntas de praxe. Depois os noivos assinaram, as testemunhas depunseram lá seu jamegão, assistidos pelos mais íntimos: naquilo não havia atrativos que interessassem à mor das gentes.

Mas o povo ajuntara.

A comedoria durou no prolongar da tarde e só por volta das seis horas encerraram-se as mesas; no gramado, os bancos em fileiras unidos por fitas de cetim azuis e cor-de-rosa, já os convidados se acomodavam para a cerimônia procurando seus melhores assentos, a gente de mais posição destacava-se.

Padre Porfirio paramentado ocupou seu posto, já o noivo esperava pela noiva junto ao altar na companhia dos pais e padrinhos, a noite se insinuando na cauda do dia, na cauda do véu, do vestido de sinhá-moça Lúcia Helena, um deslumbramento de branco que todos viram surgir numa alameda conduzida pelo braço de coronel Otávio, à frente a menina Ninice levando nas mãos um cestinho de vime. Os três avançaram entre as fileiras de bancos, devagar como requer a solenidade do momento, inté

perto do altar adonde o pai entrega para o noivo a filha bem-amada, Nínice arredando-se para um lado conforme lhe fora ensinado, sempre com o cestinho, esperando a hora certa de adiantar as alianças. Todos não se admiravam em silêncio? Quantas diversas meditações naquela hora? Que muitos é certo nem cogitavam, deixavam-se estar no enleio do encantamento, porém sempre se podem investigar os corações, pelo menos alguns, o dos nubentes por exemplo uma só alegria, no de Augusto gravada a figura da noiva, no de Lúcia Helena a efígie do noivo, no de ambos a forma do seu mais forte querer; Coronel Pantaleão mastigava para si mesmo seu aprendizado para mais bonito ainda fazer no casamento de Nínice, e Nínice, ouvindo a preleção de padre Porfírio, lembrava-se do sonho, do cavaleiro de barba alourada, “meu cavaleiro” dizia-se baixinho; padre Porfírio não podia evitar um impuro pensamento lembrando-se de seus encontros com sinhá Felícia na sacristia, e antevendo o cumprimento do amor na carne de Augusto e Lúcia Helena em sua noite de núpcias não os invejava pois também encontrara o seu, enquanto sinhá Felícia, perturbada, observava a celebração com os olhos vermelhos pousados no padre.

A menina Lurdinha encantava-se mais com seu vestido do que com outra coisa qualquer, pois nunca vestira uma roupa assim em sua vida, nem esperava que sinhá fosse deixar!, mas depois de namorar-se bem derreteu-se diante da lindeza que era sinhá-moça Lúcia Helena toda de branco, de braço dado com siô Augusto em frente do altar, aquele momento tão sublime do beijo dos noivos, e como Nínice parecia bem de dama de honra!, sua amiga – para todo sempre. Gostava muito dela!

A cerimônia findou: os noivos agora evinham entre as duas fileiras de bancos, o povo todo de pé em homenagem, e uma chuva de arroz caiu sobre ambos, que pararam um momento e depois se adiantaram em direção da casa sempre sob as vistas de todos, que já principiavam a dispersar-se. Não se sabe ao certo em que horário Lúcia Helena e o esposo deixaram a Aroeira, despediram-se tão só dos pais e dos sogros, de Nínice e d’algum parente mais próximo, e escondidos partiram para sua nova casa, a fazenda Viçosa, distante uma estrada, suas dez milhas seguras, viajariam boa parte da noite na charrete de capota puxada por um cavalo de lida, forçado, próprio pra essas derrotas. Na barraca, retiradas as mesas obtinha-se um salão adequado para um baile, já roncava ali um fole de sanfona, a marcação dum pandeiro, uns casais ensaiavam umas primeiras partes, o moleque Titico terá sido o primeiro: convidou a Lurdinha, que a princípio negaceou mas depois foi com ele – era só o começo, as danças prosseguiriam noite adentro até quase a alva.

Mas a alva sobreveio, o novo dia, o tempo trégua não concede à humana criatura em seu existir, os olhos que se fecham e se abrem, seus

haveres e sonhos, tantos, a claridade da alegria e as sombras do penar, que no transitar pelo mundo concede Deus o riso mode abrandar suas cotidianas asperidades, porém não perde a mão no infligir o pranto pois o homem requer no geral um cabresto que lhe dê tenência – e assim vive, e assim transcorre seu prazo e o que fica no depois de tudo sói semelhar-se com uma poeira fina, feito essa que no tampo dum móvel de dentro de casa se acumula às vezes, e a gente pode inté riscar com a ponta do dedo, uma poeira, só o que fica: que com o amanhecer a Aroeira esvaziou-se mas restava ainda muito o que fazer mode arrumação, botar outra vez tudo em ordem, uma que outra visita mais chegada persistindo por lá alguns dias e depois partindo também; Lúcia Helena, agora uma mulher casada, vivia na Viçosa e dela quem sabe inda poderemos escutar notícia, se não nesta história, em outra, notícia breve que seu viver passou por tranqüilo, sem memórias de relevo; de seu casamento porém, conforme calculava coronel Otávio seu pai, ficou lembrança entre o povo, anos e anos mais tarde em época de outros casamentos os mais antigos costumavam comentar da festa de núpcias de sinhá-moça Lúcia Helena mais o moço Augusto, a comedoria farta, carne à ríviria, as tachadas de doces variados, a multidão, o baile por sanfona e pandeiro animado, a beleza da noiva... mas o tempo carregou com tudo em seu embornal, nem rastro deixou – o tempo, esse velho de má catadura e afiadas unhas.

– 25 –

Agora os dias se arrastavam maiores, e, ao longo deles, o constante viajar no ritmo da boiada.

Os peões todos lidavam, cada um em sua posição, longe em longe o berrante soltando sua nota profunda, prolongado lamento, e no mais o aboio, um que outro aboiavam, “êêêêh, boi!... Vaca, ôoooooooo!...”, o melhor no aboio o Lucas, que em comitiva separava-se de sua sanfona, incômodo o transporte de um instrumento assim, compensando-se com a viola nas horas de descanso ou à noite, e com o canto, a qualquer hora entoado: nos intervalos ia cantando umas modas, versos que versos de amor e saudade, paixões descumpridas, corações cheios de sofrimentos. Agenor e Mariano escutando essas canções suspiravam.

No correr do dia palestrava-se, a lentidão da viagem permitia e o assunto o geral de sempre, conversas de peão são as mesmas, diversas mas iguais. As noites, enquanto não eram horas de dormir, enquanto não vinha o sono, pareciam vastas, essa imensidão estrelada por cima a conferir uma amplitude que o silêncio não bastava para encher: ou o Lucas ou outro peão entoava ao som da viola outras canções tristes, mais uma vez referindo desses amores perdidos, dessas dores incuráveis de males da paixão, e

o Agenor recolhia-se pr'um canto, pensativo. Mariano desejoso de sonhar esperava o sono, mas o sonho não provinha a seu querer nem era possível saber quando viria ou não viria, pois descalhava um regular intervalo de noites em branco. Corriam às vezes semanas inteiras sem que ele reencontrasse por aquelas fugidias paragens a noiva de seu coração. Daí que, vendo meio arretirado o Agenor, ia-se chegando mode estar com ele: mesmo que nada dissessem um ao outro, a mútua presença era um sossego dessas tristuras.

O Agenor tinha planos para sua chegada em Rio Belo: visitar um cabaré de cidade grande, coisa que só sabia de oitiva, “vassuncê já dev'star enfronzado nessas coisas, seu Mariano, eu porém só conheço as putas de Sertãozinho”, no que Mariano o desenganava: poucas vezes estivera em Rio Belo, cabaré, “zona, como se diz”, só tinha visitado uma vez, mas iria com ele se ele quisesse, numa daquelas noites iriam. “Será que custa muito caro?” perguntou o Agenor, pois em Sertãozinho sendo barato, em cidade grande podia dar-se o caso de ele não poder pagar. Mariano o tranqüilizou, pelo que sabia havia de todos os preços, eles procurariam um mais ao seu alcance. “Antão varia de preço” disse o Agenor, “porém mulher-dama muito barata será igual às de Sertãozinho, nem compensa! Vou lhe dizer, seu Mariano, eu quero uma mais cara, uma branca, que de preto já basta eu, uma branca, seu Mariano, de cabelos cacheados” e dito isso ficou pensando, pensando, enquanto o outro se calava, pondo-se a pensar também.

Agenor se perguntava se devia mesmo procurar uma mulher branca, uma que fosse, uma qualquer, tendo seu coração preso a outra. Num seria traição? Num estaria sendo infiel? “Eu sendo homem...” principiou uma justificativa – mas se justificava? Vamos que chegando em Rio Belo, numa daquelas noites que por lá passaria visitasse um cabaré, “como se diz, n'é seu Mariano, zona”, e se deitasse com uma mulher como ele queria, de alvuras polo corpo, experimentasse uma carne cheirosa e macia que lhe custasse quase todo o dinheiro do bolso, e na noite seguinte, conforme seu mais profundo desejo, por fim encontrasse em sonhos com a moça do retrato? Pois o Agenor, desde que se perdera naquele amor insano por um rosto que só existia numa folha de papel, estava certo de numa noite de mágico dormir sonhar com ela, a falecida filha de iá Didinha, a ‘*filha dos tempos*’, ele recordando o dito da velha; pois haveria de encontrá-la, assim em sonhos, e tudo acertar com ela, sua definitiva permanência num mundo diverso adonde estariam para sempre juntos. Desde que tempos vivia dessa esperança, uma tal demência! Porém para rever aquele rosto, somente o quadrinho em riba da cômoda na casa da velha, “se um dia iá Didinha faltar, eu fico com o retrato pra mim. Quem sabe se ele em minha cabecreira, protegido dentro duma bolsa de plástico mode num enfumaçar nem engordurar, num facilita em sonho esbarrar com a moça?” numa ocasião

este o seu súbito pensar, mas não tivera coragem de tocar no assunto, podia inté ofender — que ofendia! —: iá Didinha, está certo, era muito boa, um sereno coração, porém falar com ela em morte feito com interesse em herança? “Inda que herança num seja, nem deixando porém de ser”, dizer que no caso d’ela faltar ele requeria, mode guardar, aquele retrato... Ah, não, que isso desgostava a pobre, despois era mesmo capaz de obstar sua entrada na casa, “nem me concede espiar de novo o retrato” — e com razão!, ele reconhecia, que o gosto dele em descansar as vistas naquelas feições sombreadas no papel era inté de contentamento para ela, devia de considerar que a filha, mesmo falecida na mocidade, inda tinha o poder de alegrar alguém, nem que fosse com a beleza fugidia de um retrato antigo, porém falar em morte?, requerer para si o retrato como se estivesse obsedado? “Porém não estou obsedado?” Sua esperança era que a própria iá Didinha fizesse o oferecimento, assim, “no caso d’eu faltar, seu Agenor, vassuncê que tem uma apreciação polo retrato, pode ficar com ele”, nesse caso então não podia recusar... E o Agenor nas re-curvas de seus meditates regressava ao ponto de sua principal preocupação: se passando uma noite em cama de mulher feito ele imaginava, folgança de maior safadeza, na noite seguinte sonhasse com ela, a menina do retrato, e no que fosse ao seu encontro ela lhe apontasse a traição cometida dizendo que já não o podia aceitar — então o encantamento se desfaria, ele condenado ao inferno, cavalgando para sempre na escuridão com a amargura de ter-se desgraçado a si, por não cumprir a alta missão que lhe fora reservada, e a ela, que ficaria em seu limbo à espera de um outro que viesse... Porém — dúvida mais grave —, se nesse intervalo o retrato por uma qualquer razão se destruisse, quem haveria de conhecê-la e incumbir-se do ministério de que ele se mostrara indigno? Daí não estaria a *filha dos tempos* também para sempre condenada? “Quem de juízo tem uns pensamentos assim?” dizia-se o Agenor em instantes de luz, “sim, só devo de estar obsedado, a Virgem que me livre da loucura”.

Já Mariano principiando diverso em suas lucubrações lembrava-se das noites em que, junto de senhorinha Juliana, avia-se com o lápis e o caderno, a cartilha de letreiros coloridos, no decifrar o abecedário, o casamento das letras cada um diferente dos outros, o dificultoso traçado daqueles sinais que procurava imitar sem conseguir bem, parecendo-lhe muito feios os garranchos que ia deixando na brancura da folha, qu’inté pra seguir a risca da linha penava, merejando-lhe na testa gotículas de suor — menos esforço que encabulação: por fim um exausto suspiro, abriam-se os dedos doloridos, o rosto em brasa. “Quem nasceu pra burro...” murmurava mo’disfarçar a vergonha.

— Não diga isso, senhor Mariano, o senhor agora é que está se acostumando! Então queria aprender tudo logo em duas ou três aulas?

Outro suspiro, retomava o lápis, o garranchar prosseguia.

Senhorinha Juliana era muito jeitosa no ofício de ensinar, porém Mariano mais se embaraçava em vista de ser moça nova, pra piorar filha do patrão, que se fosse uma dona já de mais idade, sem aquelas graças e aquele cheiro de alfazema que lhe provinha dos cabelos punha-se decerto mais à vontade e mais fácil também lhe pareceria o estudo. E quando ela segurava sua mão mode ajudá-lo a arredondar mais o corpo do “a” ou do “o”, ou melhorar as curvinhas do “m”, ou que outras letras fossem, já que todas lhe saíam desastradas? A maciez da mão de senhorinha, o dela doce olhar que parecia submergir no seu ao encará-lo, estimulando-o, “vamos, senhor Mariano, que eu o ajudo”, ele nesse repente todo endurecido, “faça a mão mais leve, senhor Mariano, mais macia... assim... veja como o lápis corre melhor. Vê, não marca tanto o papel, a letra sai mais bonita”, “mas que bonita, senhorinha Juliana, essa garranchada”, ela no entanto, com delicadeza, “vai melhorando, o senhor vai ver, aos poucos vai melhorando”.

No tempo que estivesse fora, coisa de quase dois meses — só de ida cinco semanas, inda que na volta procederia com mais adiantos —, destreinava o pouco aprendido, senhorinha Juliana inda perdia a paciência despedindo aluno tão curto de mente, “senhor Mariano” diria ela com uma finura que não faria desfeita, saberia falar com ele, “agora à noite estarei ocupada com uns afazeres e teremos de interromper as aulas” e se por um lado aquilo lhe traria um alívio, por outro seria muito de lamentar, que ele afinal já principiava por interessar-se em aprender... Mas, que nada! Dizia-se depois de um breve recogitar, a moça era teimosa, inté mais que ele, nunca que desistia no meio do caminho, inda mais tão no princípio como estavam — já se via, daí a semanas quando ele de novo sentasse mais ela na salinha dos fundos sorria sem graça, “senhorinha releve, não lembro mais de nada, os dedos endureceram de novo” e ela, animada, “agora não teremos mais comitiva, senhor Mariano, o senhor já não poderá fugir” e a desgraça recomeçaria de uma vez por todas: o lápis teimoso a caminhar pr’adonde ele não queria, a ponta num chofre a quebrar-se, largando na folha um ponto mais negro, um quase furo no papel, mas a moça com sua paciência sorridente apanhando a gilete mode fazer uma ponta nova, “mais macio, senhor Mariano, mais macio” recomendaria, não fosse ele com sua falta de jeito quebrar a ponta de novo, estragar a folha do caderno, e ela voltaria a segurar sua mão... a mão suave e morna de Juliana pousada na sua. Então um pensamento, menos que um pensamento, mais um atrever-se a tal idéia, um relâmpago que passa, rápido vestígio de luz, um riscar quebrado, depois uma só impressão: seria que a moça Juliana apreciava o peão dum modo diverso do que devia, do que cabia? Mariano repeliu a idéia de pronto, antão dava-se que ele pudesse ter um pensamento despropositado assim? Não sentia a própria catinga? Um pé-de-chinelo, empre-

gado reles dum homem dono de rebanhos e terras, achar que a filha do patrão espiava pra ele com agrado? Moça que nem senhorinha Juliana era pra rapaz de cidade, feito ela instruído, inté projetos de novos estudos a danada não fazia?, depois, numa daquelas noites de lição não lhe havia dito que aquele ano descansava, mas para o seguinte ia estudar mode ser doutora? “Eu então só tenho professora esse ano, senhorinha Juliana” ele havia dito em resposta, mas ela não se apoquentou, que mesmo assim ele aprenderia a ler e escrever muito bem e em ela partindo deixava a incumbência de prosseguir as lições ou com a mãe ou com a menina Marli, “a mana também tem boa vontade pra ensinar, o senhor verá”. Daí que ele, tendo um tal pensamento, não só descabiá: era inté uma falta de respeito de sua parte!

Donde que também lhe sobrevinha o outro impedimento: vamos que uma qualquer moça, não do feitio de senhorinha Juliana, que não era mesmo pro seu bico, “pobre d’eu!”, mas uma qualquer se agradasse dele. Já tinha se dado, seus namoros não duravam mas ele já tinha andado de agramento com uma e outra, não contando as da vida, que isso é mesmo do homem e por essas não se ‘panha querença nem maior consideração, porém supondo uma moça boa, de família, de sua semelhança, que se agradasse dele: ele, Mariano, podia compromissar-se? Já não lhe estava reservada uma que ele só conhecia daqueles misteriosos encontros no reino das sombras, mas que ainda assim pela qual seria capaz de trocar o mundo? Mariano então, longe de conhecer os pensamentos do companheiro de jornada que ao seu lado, recostado num tronco de árv’re, parecia cochilar, enveredava também por esses desvarios: um amor que existia apenas em seus tão poucos sonhos.

Ao sexto dia de viagem deu-se, como já se previa, a passagem do gado no vau do Santa Madalena. Finzinho de tarde a boiada havia transitado toda para o outro lado, uma rês mais novata quase se afogando ao refugir-se do grosso da manada e afundar, porém boi não se tolhe na água, cedo a novilha encontrou o fundo e chegou salva na outra margem, talvez ressentida dum susto, não mais.

Passariam ali a noite, já se colhia algum graveto para a fogueira, a matalotagem aparecia, as painéis encarvoadas, a viola principiava no correr do crepúsculo um choro de despedir o dia, e uma tira de lua não tardaria a subir o céu. Piscavam as primeiras estrelas.

Daí por diante a viagem teria suas mais dificuldades, mode que as baixadas chegavam ao fim, principiando umas encostas a vencer, tanto de subida quanto de descida, inda que não muito íngremes, “passa-se bem” dizia o Lucas pro Agenor, que não conhecia o caminho; também Mariano não tinha cruzado por ali, outra via tomara ao visitar Rio Belo, por isso botou tento no que o Lucas dizia: “Umas subidas, umas descidas, vai-se

indo...”, porém, ele explicava, daí a uns dias iriam entrar no estreito da Garça, “é de já se ter ouvido falar, muito conhecido, as serras da Garça”, dum lado e do outro, no meio o desfiladeiro pedregoso, não tinha perigo a não ser no fim, na travessia do precipício, “então é preciso seguir devagar, com todo cuidado”, pois, conforme explicava, inda que houvesse larguras de caminho inté pr’uma boiada de mais vulto, dum lado abria-se uma funda garganta, a rês ou o homem que por ali se despenhasse, adeus!, sobravam lá pra baixo uns restolhos; depois? Ah, bom, depois ia-se descendo, a parte mais dificultosa, mas tudo isso vencia-se em pouco mais de meio dia de jornada, e entrava-se por fim nas baixadas de lá, havia uns estirões brejados, risco menor de se atolar, afundar-se num sumidouro qualquer, mas que ele soubesse raro se perdia alguma rês por ali, uns pontos piores eram de mais matagal, mas passava-se sem necessidade de abrir caminho, o caminho já por natural aberto, ia-se pisando o mato e vencendo, o Lucas era peão de meia idade, em dias esbarrando com o Agenor, porém tinha mais experiências em comitiva, já seguira aquela rota outras vezes, não a serviço de seu Umberto, “eu era da Laguna” ele explica, “muitos anos trabalhei com seu Belmiro, bom homem” e seguiu contando causos. À roda do fogo conversavam.

Então Mariano, por dizer o Lucas do estreito da Garça e do precipício que provinha, alembrou-se de suas últimas andanças meses atrás, por aquele lugar adentrado nas serranias do sertão. “Uma chapada” ele reviu em memória aquela imensidão de mundo que avistara das alturas, à beira da barranca, e aquele lugar com uma semelhança de já ter havido um povoado, “inté c’um ferro despontando da terra, no formato duma cruz de igreja” e, mais pra trás, aquela pedra fincada no chão à semelhança de ser na beira do caminho, uma sepultura “de quem? Que nome estava escrito nela?”, e mais arredado uns restos de alicerces no meio dum plaino, uma capoeira na qual deparou com uma meia parede sustentada por uns galhos grossos como de capela derruída de que só aquela meia parede testemunhava existência, e um cavaco no chão que ele, recolhendo, viu tratar-se duma santa, “uma cabeça de imagem da Virgem”, conforme Mariano contou ao Lucas e ao Agenor naquela noite, à roda da fogueira – os outros, mais arretirados, talvez nem escutassem o caso relatado pelo peão. Quis saber Mariano se alguma vez, ou o Lucas ou o Agenor, soubera de um lugar assim, “naquela direção” indicou o sul, donde viera. “Teria havido mesmo lá alguma povoação, ou o que fosse?” perguntou, mas nenhum dos dois tinha conhecimento, “esse mundo é vasto” comentou o Lucas, “há coisas que nem pensamos, quando vai se ver, existe, ou existiu”, “verdade” confirmou o Agenor, sentencioso, “muitas coisas... pouco se sabe”, e Mariano por um momento fechou os olhos, lembrando. Era a primeira vez que tocava no assunto dessa sua viagem sertão adentro e referia aqueles

achados, porém não encontrava resposta, que talvez nenhum eles soubesse por ser mais novato — aquilo, se fora, ter havido lá cidade ou arraial, dera-se há quantos anos!, talvez pra mais de cinqüenta: quem se lembraria?

Mas o Lucas cedo reclamou do cansaço, espiou o relógio de pulso, levantou-se dizendo duma dor nas cadeiras que há tempos o acompanhava, “em Rio Belo consulto doutor, que o boticário de Sertãozinho não deu jeito”, “há de ser reumatismo” opinou o Agenor, alvitando “garrafada de salsaparrilha, provê cura, inda tem o chapéu de couro, mode chá ou banho” mas o Lucas não depunha fé nesses tratamentos com mato, “é dum doutor que eu careço, remédio de vidrinho”, Mariano achando graça nesse dizer, “remédio de vidrinho”, depois, o boticário também não receitava remédio de vidrinho?, “mas boticário não é doutor” e s’espreguiçando deu boa-noite, mais arredado enrolou-se na manta, noite fresca, logo dormiu.

Agenor e Mariano estavam sem sono, permaneceram junto do fogo que já se extinguiu, por largo pedaço cada qual com seu silencioso vaguear d’idéias. O Agenor sungou as vistas, um quarto crescente já esclarecia, radiante, o céu desse azul profundo adonde as estrelas s’espalhavam, mais raras que nas noites sem luar mas não menos brilhantes.

— Há quem diga de estrela coisa pequenininha — o Agenor falou —, Deus o livre, que se uma cai arrasa meio mundo.

O comentário do preto não encontrou os ouvidos de Mariano, que cogitava espiando as brasas, cabeça re-baixa, ele meio encolhido, sentado num toco que puxara pr’ali.

Mas o Agenor, o que lhe agradava era esse esplendor de lua.

— Seu Mariano, tem uns por aí dizendo que os homens fizeram um foguete e foram na lua. Vosmecê põe fé nessas histórias?

Mariano agora punha atenção, ele também já tinha escutado falar naquilo. Acreditava? Não acreditava? Certeza nenhuma não tinha — nem consigo deliberara qualquer vez sobre tal assunto. De seu entendimento não era, mas agora que o outro questionava repensou:

— Sei lá, seu Agenor — disse depois dum minuto, menos, meio minuto, um curto ponderar —, os homens têm coisas... não sei dizer...

— Mas, seu Mariano, está certo que os homens têm coisas... mas acreditar num caso assim eu nem num acredito... depois, num parece a vosmecê que a lua deve de ser longe por demais? De que jeito, avoando num foguete, que nem os outros dizem, iriam chegar intê lá?

Mariano fez cara de dúvida. Ele sabia?

— Inda que chegassem, seu Mariano — prosseguia o Agenor —, a lua num ia deixar que ninguém pousasse nela...

Agenor pensando e repensando, as vistas admirativas para o crescente: não bestava quem levasse a sério tal história?

— Ah, seu Mariano, num ’credo não.

Mariano se levantou do toco e foi apanhar sua manta, retornou, ali mesmo ao pé da fogueirinha apagada deitou-se. Do capote fez um travesseiro – quando viesse o sono, já o encontrava pronto. Agenor permaneceu no seu lugar, cismativo, por enquanto ficava-se assim, deitar-se sem sono supria cansaço.

Mariano, porém, não dormiu. Também a espiar a lua, todo o céu, percorria aquelas planuras lá de cima sem compreender seus mistérios, nem neles pensava, despretensioso de vasculhar ocultos significados. Quando falou, nem se deu conta de suas palavras:

– Seu Agenor, me diga: vosmecê acha possível que alguém possa ter apreço por uma moça que só de sonho conhece?

O Agenor preto muito se admirou da fala do companheiro, cujas ressonâncias escutava ele lá por dentro de si mesmo. Franziu o sobreceixo, formou um bico com os beiços gordos.

– Qu’historiar é esse, seu Mariano, que num entendi direito?

– Assim, por exemplo, uma pessoa tem um sonho... sonha, vosmecê sabe, dormindo de noite sonha...

– Não, ’stou lhe entendendo, seu Mariano, ’stou lhe entendendo...

– Apois, e nesse sonhar calha de ver pessoas, em sonho a gente vê muitas coisas, gente, pessoas...

O Agenor prestava atenção, o corpo envergado na direção do outro, os braços encruzados de apoio nos joelhos, um negrume de sombra todo ele, seu vulto.

– ...e avista uma moça, e essa moça aparece outras vezes, noutros sonhos que a pessoa tem...

– Sonha com uma moça...

– ...uma moça que se é capaz de dar o mundo, inté a vida, mode conhecer...

Mariano se cala, resvala para o berço de seu imaginar, vem um ventinho morno que faz tremer a ponta de sua coberta e a aba do chapéu do Agenor. Adiante se escutava o barulho da boiada, algum tropel, mais ao longe a plangência da moda de viola que um dos peões ia tirando, baixinho mode não incomodar quem preferisse dormir.

Agenor esperou. Mariano inda diria mais? Esclareceria um supino fantasiar que inté pra ele custava crer – mais ainda do que naquele relato de o homem ter pousado na lua?

– Vosmecê não diz nada, seu Agenor? – inquiriu Mariano voltando os olhos na direção do outro.

O peão, inda sem responder, meneou vagaroso a cabeça. Por fim:

– Coisa mais arrevesada, seu Mariano!... Vosmecê está me dizendo dum que sonhou com uma moça, calhou da mesma moça aparecer pr’ele de novo em sonho, e acabou ’garrando de chamego mais ela?

– Vamos supor que seja por esse molde, seu Agenor. Mas não é só um chamego, uma querença boba... é um amor... de vida e de morte...

– Acaso deu-se com vosmecê, seu Mariano?

– Se o amigo me dá a palavra de guardar segredo...

– Palavra concedida e firmada, seu Mariano, num há no mundo aquele que diga desse preto aqui ter algum dia faltado com a sua!

E então Mariano, inté baixando a voz, que não fosse escutar – mesmo sem querer – algum dos outros acaso ainda acordado, referiu para o Agenor sua ventura ou desventura de amor, pois ventura será para um homem encontrar a que há de ser sua na vida e na morte, conforme seu dizer, mas desventura será encontrá-la em sonho sem a certeza de um dia, e quando?, esbarrar mais sua pessoa, assim frente a frente mode poder olhá-la direto nos olhos e tocar com a ponta dos dedos o pêssego de suas faces, o enleio macio de seus cabelos. Agenor tudo escutou sem réplica, até o fim.

– Nhô Viriato deu certeza – Mariano finalizava –, que ele é dessa gente antiga, muito idoso, de sabedorias que os de hoje não conhecem bem, ou nem conhecem... então que nhô Viriato me afiançou que essa moça, eu havera de encontrar com ela ou mais cedo ou mais tarde, dum jeito ou de outro...

– Antão 'ocês se encontrando se casam... – disse o Agenor.

– Bem – e Mariano se dava conta daquele particular –, nhô Viriato não disse assim... não falou de casamento... porém sendo ela a moça que no seu dizer me foi reservada pelo destino, é certo que a gente se casa, não lhe parece, seu Agenor?

O preto matutou. Aquele causo se parecia com o seu? Parecer, parecer, não parecia... tinha suas várias diferenças, pois enquanto Mariano dormia e encontrava sua amada em sonho, mas de real tão só uma indefinida garantia para o futuro, no caso dele, Agenor, de real existia um retrato e uma memória, uma moça morta na mocidade há muitos anos passados por quem ele também se perdera de amor, encasquetando na cabeça a idéia de encontrá-la em sonho – até um dia cumprir a fantasiada missão de quebrar o encantamento que a ambos mantinha separados.

“Uma existiu, restou o retrato, tão só... a outra só existe num sonho... Eu quero sonhar com a minha, que foi real, mas não consigo... ele sonha com uma que nem sabe se existe de verdade...”

E o Agenor parafusava se convinha relatar a Mariano sua também história de amor, porém recuou – calou-se, preferiu guardar apenas para si aquilo que em certos momentos mais lhe parecia desvario, falta de siso, inté um tanto encabulado, na sua idade imaginando histórias. Porém não se avexava do causo contado pelo amigo e o segredo garantido configurava lei; e mesmo punha fé que tal coisa pudesse acontecer, um cristão conhecer

em sonho a moça com que vai se casar e depois encontrá-la em pessoa, o mundo possui vastos enigmas de véus guarnecidos, “que se o homem nem esses desvenda, desvendará os lá de riba?” e espiou a lua serena no céu, seu brilho esplendor, o pisca-piscar das estrelas... “Não, lá o homem num pisou... nem nunca que pisa!...”

E, alto, para o outro:

– Meus votos, seu Mariano, é que vosmecê encontre a felicidade.

– Para todos nós, seu Agenor, amém.

– Amém.

– 26 –

Porém o Nêu, brincando com o Tôco na frente de casa, espiava Marli na varanda dos fundos, deitada na rede, embalando-se. O Tôco inventara uma brincadeira, fazer bolinhas e rosquinhas de barro, tinha cavacado uma pá de terra no barranco e misturado com água de jeito a não ficar mole demais, conseguia formar bolinhas e rosquinhas que ia enfileirando conforme o tamanho e o formato.

Agradava-se o Nêu de tal divertimento? Sendo maiorzinho, cansava-se de ficar tanto tempo parado mexendo com a mão na lama, fazendo aqueles amontoadozinhos e emporcalhando a roupa, prima Justina não reclamava se fosse o Tôco, pequetito podia sujar-se, mas ele já devia de ter mais atilamento. Preferia ir com Marli catar gravetos mode ajudar iá Didiinha, ou passear no ribeirão, porém Marli andava de zangas, tanto que inté o pequenininho do Tôco se arrelhiara, “num brinco mai’cum Ma’li” disse chorando no que a prima, num de seus rompantes, torcera-lhe um beliscão de deixar marca, isso na véspera. O Nêu se desagradou, muito enraivado com a prima foi procurar don’Eulália que bordava na sala, cheio de educações lhe falou, “tia, a Marli beliscou o Tôco de deixar vergão”, e don’Eulália alcançou a moleca no meio do terreiro, depois de espiar a marca no bracinho do pequeno trouxe-a pela orelha para dentro, inté deu nela de vara – nas pernas, duas varadas puxadas, coisa que lhe condoía, nunca por tal proceder se guiando, mas não podendo deixar em branco a arte da moleca em consideração a prima Justina que veria a marca do beliscão e mesmo sem dizer nada cobraria em seu íntimo uma punição. Marli mordeu os lábios para não chorar, passou o dia trancada no quarto, e quando Juliana foi falar-lhe virou-se para ela feito um tiro, “sai daqui! Vai procurar teu marido” dizendo de Mariano que por longe andava aquela hora, em viagem de comitiva, e afundou de novo a cara no travesseiro. Juliana imobilizou-se, desresposta, vigiou a irmã sem saber se magoada com a grosseria ou preocupada com o que pudesse estar-lhe sucedendo. Depois de um tempo foi falar à mãe, “Marli está impossível! Que se passa

com ela?”, “e eu sei, filha?” don’Eulália respondeu prosseguindo com o bordado, “coisas da idade, nervosismo à toa, porém precisa de disciplina” e Juliana também pegou dum quefazer de agulha e linha pensando que bom seria se de fato a irmã tivesse razão, se já tivesse Mariano por marido – a quem amava, demais.

Já hoje Marli se mantinha arredia, embalançava-se na rede representando ignorar os primos a brincar defronte a casa com bolinhos de barro. Vez por outra porém os vigiava, mesmo dali largando uns olhares irados na reta do Tôco, mas se percebia o Nêu também espiando de longe para ela desviava os olhos, nem te logo!, dissimulada, a rede no seu vaivém.

Prima Justina ressentira-se ao ver o belisco no braço do Tôco, carecia de Marli fazer uma coisa assim? Também fora procurar por ela, que permanecia trancada no quarto, mas um pouco mais tarde, entrou sem ruído e com voz mansa, “Marli, por que você fez aquilo com o Tôco, coitadinho?” e a moleca, que em antes já despachara a irmã, não se reteve, nem se mexeu, “mulher do Donga!” berrou, e depois cantarolou zombativa, “mulher do Donga, mulher do Donga” inté que a outra saiu, ainda mais ressentida. Desde a véspera não a olhava nos olhos, fingia nem enxergá-la, Marli arrependida de ter zombado da prima, sempre tão boa, porém sem coragem de desculpar-se, puro orgulho!, êh menina pervicaz! Mas agora Prima Justina apareceu na frente de casa, cruzou a pinguela e veio vindo pelo meio do terreiro, entrou na varanda e foi direito até a Marli, sorriu para ela mode mostrar que já não estava zangada, donde aquela tremura por dentro da garota produzindo um alívio que porém teimava em esconder. Depois curvou-se para ela, segurou-lhe a mão com jeitinho, “já passou” disse em voz baixa com uma piscadela e um sorriso, e Marli sentiu os olhos encherem-se d’água, o que prima Justina fingiu não ver mode não a deixar encabulada.

Inda sem se levantar da rede, e sozinha, pois prima Justina entrara mode falar a don’Eulália (escutava a conversa delas na sala), Marli secou os olhos com as costas das mãos, que o Nêu não podia ver suas lágrimas – não haveria de zombar dela se soubesse que havia chorado?, depois, Marli não chorava nunca! Então de um pulo saiu para o terreiro, de longe o Nêu viu, ela atravessou a ponte em riba do corgo, chegou perto dos meninos. O Tôco continuou fazendo bolinhos de barro e enfileirando, o Nêu sentado no chão sungou os olhos, vislumbrou o olhar ansioso da prima, riu-se para ela.

– Vamos até o ribeirão, Nêu? – ela disse em voz baixa sem olhar para o primo e entrecruzando os dedos das mãos.

– Não sei... – o outro disse, indeciso. – Fazer o quê?

Marli deu de ombros, inda não encarava o primo, retorcia as mãos num embaraço. O Nêu mexeu os dedos no barro.

– Vamos, Nêu?

– E o Tôco?

– Se ele quiser, pode vir também.

– Você quer ir com a gente, Tôco?

O Tôco continuou fazendo rosquinhas de barro, sem responder mexeu a cabeça, que não, não queria ir.

– Ô Tôco, você aind'está zangado? – disse Marli.

Tôco não respondeu, brincava com as rosquinhas e as bolinhas de barro, algumas já quase secas ao sol.

– Então vamos só nós, Nêu.

– Você fica aqui direitinho, Tôco?

O Tôco fez que sim com a cabeça. Nem uma vez levantou o rosto – era um menino muito sentido, não se esquecia fácil do que Marli lhe fizera, ainda no bracinho a mancha roxa do beliscão.

Os dois então, por enquanto quietos, passaram o corgo, atravessaram o terreiro de casa, cruzaram lá adiante a porteira e tomaram pela direita, adonde descia uma estradinha na direção da mata. Embaixo um trilho cortava pelo matagal, os dois lá iam, vez por outra se olhando e dizendo uma coisa qualquer, um riso desenxabido, mas o trilho era estreito e Marli deixou o Nêu ir na frente. Dentro do mato escutava-se o alarido da passara-da, “você armou arapuca, Nêu?” Marli perguntou, e o Nêu “arrei, mas não pegou passarim nenhum”, “se você pegar um me dá ele pra mim” Marli pediu, mas o Nêu tinha pena de pegar passarinho, “não sei, Marli, eu arrei e no outro dia desarrei, não quis ver o bichinho preso”, era um menino de bons sentimentos o Nêu, aprendera com a mãe, prima Justina não aprovava que se prendessem pássaros ensinando aos filhos que aquilo não era uma boa ação. Marli não ligava, que se prendesse, que é que tinha?, e o Nêu perguntou se ela gostaria de ficar presa, onde que a Marli ficou pensando naquilo enquanto avançavam pelo trilho. O Nêu na frente, Marli agora não pensava mais em passarinho e sim no primo, via as pernas magras dele brotando do shortinho folgado, Nêu: ágil feito um mico, o trilho agora inclinado numa descida difícil nem era com ele, descia saltitando sem nem se desequilibrar enquanto ela ia mais devagar mode não plantar com a bunda no chão. “Espera, Nêu!”, a Marli ficando para trás, e o Nêu parou, virou-se, esperou a prima que foi indo ao seu encontro. “Não corre tanto assim” disse ela chegando-se, e continuaram. Saíram num brejo, o trilho – uma passagem mais seca – prosseguia entre a tiritica, podia-se transitar sem sujar os pés, e avançando mais saíam de novo em terra firme, a capoeira mais rala naquele lugar e o trilho ainda cortando entre as árvores. Marli via os cabelos cor de cobre do menino, o sol num rebrilho, um ouro, mas o Nêu acabara de entrar na sombra das árvores, e o terreno plano terminava na beira dum barranco não muito alto, porém

íngreme, para descer valia-se dumas reentrâncias: embaixo a margem do ribeirão, mais raso naquele descampado, sendo que adiante principiava a afundar e a correr mais rápido, “bem lá pra baixo tem uma cachoeira” Marli falou, “mas o caminho é ruim”, e o Nêu “vam’pedir pro teu pai mandar abrir o caminho até a cachoeira” e Marli fez que sim, o pai decerto concordava, um tempo atrás o caminho estivera limpo, “foi em antes de vocês virem morar aqui” Marli explicou, “mas eu nunca fui lá”. O Nêu apanhou uma pedra chata e jogou na água, depois atirou uma outra, Marli nunca tinha visto uma pedra quicar na água daquela maneira, e tentou fazer o mesmo mas não havia pegado o jeito, no que o Nêu explicou como se devia fazer, “jogar assim rasante” e ela experimentou de novo.

O Nêu quis entrar na água, morna no meio da tarde, e tirou a camisa deixando-a na areia; avançou, “vem, Marli” e a menina descalçou os chinelos. O Nêu se adiantava, a água dando-lhe abaixo dos joelhos, mas à medida que avançava para o meio do ribeirão ia subindo, logo lhe alcançou a cintura e mais adiante chegou ao peito. Marli seguia-o de perto, o vestido empapando-se, “mãe não vai gostar” disse, “a gente espera secar” Nêu respondeu e principiou a nadar enquanto a prima foi indo, os pés sempre no fundo arenoso, num ponto a água chegou-lhe quase ao pescoço e ela se assustou um pouco, porém continuou em direção à outra margem, e agora caminhava outra vez com tranqüilidade no raso. Nêu ficara para trás, nadando para cima e para baixo, e ela saiu do outro lado subindo para a relva: dali a dez passos havia uma goiabeira carregada, “vem, Nêu, vamos apanhar goiaba”, e o menino apressou-se.

– Você sobe, eu fico embaixo aparando...

Nêu subiu muito rápido, tanta agilidade no galgar os galhos, colher as frutas e atirá-las para a prima. Marli apreciava ver essas estripulias, o primo era um menino bem bonitinho com aquele cabelo ruivo, “queria ver ele...” pensou enquanto aparava as frutas maduras, colocando-as na relva; o Nêu sentou-se num galho para comer uma goiaba, “a maior de todas” disse para fazer inveja à prima, enquanto a menina o admirava e torcia a barra do vestido.

Em seguida desceu, cada qual pegou suas goiabas, Nêu escolheu a mais bonita e entregou a Marli, como se fosse um presente.

E agora os dois primos estão de pé na margem de lá do rio, quietos, um do lado do outro espiando enquanto mordem cada qual uma grande goiaba amarela: na superfície nem tremura, da passagem dos dois ficara rastro?, o céu azul se refletia com suas nuvens – as águas pareciam paradas. Então Marli passa o braço pelo ombro do Nêu, que nem liga, permanecem os mesmos.

O sol começava a secar-lhes a roupa

– Nêu...

E o menino vira o rosto para a prima, que o vigia de tão perto – os olhos grandes, umas sardas miudinhas, as feições entre sérias e ansiosas.

– Posso te dar um beijo, Nêu?

O menino, que reação teve? Sentiu o hálito da prima próximo de seu rosto. Encabulou-se. Pôs-se vermelho.

– Um beijo? – gaguejou.

– Você não deixa?

– Deixo...

E Marli avançou o rosto, de olhos fechados beijou o primo na boca. Demorou-se nesse beijo, sentindo-lhe a suavidade – uma quase doçura – dos lábios entreabertos. “Me dá tua mão, Nêu” ela disse sem se afastar, “põe aqui” e guiou-lhe a mão por baixo do vestido para dentro da calcinha, e foi assim com espanto e delícia que o Nêu tocou aquela maciez morna e úmida, não da água do rio, que se abria aos seus dedos tímidos – enquanto via a prima fechar os olhos e sorrir.

No instante seguinte Marli deu-lhe outro beijo e correu meio tonta para água, o Nêu foi atrás devagar, perplexo com o que acontecera nem se lembrou de nadar de volta e seguiu caminhando para a outra margem. Marli corria na frente, do outro lado galgou o barranco e sumiu-se na capoeira.

As goiabas maduras, esquecidas na grama para lá ficaram, apodrecendo.

– 27 –

No que se finda uma lida prolongada de tantos dias – a viagem através daquele estirão, as noites ao ar livre, o de-comer requentado e o cansaço que resta –, os peões, cada qual durante os dias de folga se distrai com a novidade da cidade grande, visita as lojas mode comprar uma muda de roupa ou um corte de pano, aqueles que levam rol de encomenda vasculham o comércio, misturam-se ao povo numeroso e vario, suas diferenças esquecidas, fazendo sentir-se bem o aboletar-se numa cadeira de restaurante ordinário e solicitar refeição, tudo ali diverso de um povoado feito Serãozinho, o dia sendo um grande passeio.

Mas a noite no avizinhar-se traz a iluminação elétrica que promove uma singular mistura de luz e sombra ao comprido das ruas, nos bares a folgança começa com a bebedeira dos habituais fregueses de copo, os grupos barulhentos que se reúnem derredor duma mesa e tocam seus pandeiros e tamborins cantando sua alegria no ritmo do samba, a juventude que vem aparecendo em busca de distração com roupas da moda, o movimento barulhoso dos carros que passam com seus faróis acesos, seus rádios ligados a todo volume, suas buzinas – os peões matutos vigiam essa festividade

de cidadina tão diversa do que lhes é de costume, andam dum lado para outro num só gozo, aproveitam, pois não tarda meterem o pé no caminho de volta.

Mariano e Agenor, agora unha-e-carne, percorrem as tumultuadas ruas noturnas conhecendo essa vivência diferente que num e noutro produz espantos, pois para quem feito eles avezados ao sossego da roça e ao movimento escasso de pequenos povoados aquele infundável alarido remoinhava uma só loucura. O Agenor dizia-se capaz de se acostumar com aquilo, porém Mariano desagradava-se, “não me sinto à vontade, seu Agenor” e confessava que inté lhe parecia diminuir de tamanho, “a gente aqui encolhe”, “como é isso de encolher, seu Mariano?” o Agenor sem entender inquiria, “apois, antão não vê? Adonde a gente assiste, vosmecê é o Agenor que todos sabem quem seja, um de seu Umberto, que lida bem com gado e eu passo por amigo da casa, inté senhorinha Juliana achou interesse em me ensinar leitura; porém, aqui?, nem não existimos, somos essas sombras, espia ali, nossa sombra que a luz do poste faz no chão, é só o que somos”, e o Agenor ficou matutando naquilo um pedaço, será que seu Mariano tem razão? “Ah... num creio...” pois para o Agenor, em sua simplicidade, eles estavam ali e faziam parte daquilo, eram dois de permeio no povo, tinham sua presença inda que fossem gente de reles posição, o Agenor era simples mas Mariano não se iludia, “aqui nem existo, seu Agenor” dizia, e arrematava “aprecio mesmo o meu sertão”.

Olhando o relógio de pulso Agenor viu que eram horas de jantar, careciam procurar um restaurante, no que Mariano concordou porém alegando que por enquanto não sentia apetite, “faço-lhe companhia, tão só, mais tarde se for o caso forro o estâmgô com qualquer coisa”, e variando dum lado pra outro através das ruas adentraram um estabelecimento de menos aparência. No salão havia mesas, algumas vazias, e os dois se acomodaram espiaando em volta inté que chegou uma mocinha com o cardápio, o que muito os embaraçou pois desconheciam pra mode que servia aquele caderno. Agenor e Mariano se olharam numa indecisão, despois procuraram ajuda na mocinha, “o de costume, moça” Mariano disse meio engasgado, mas a mocinha já devia estar habituada à gente matuta pois recolheu o cardápio e descreveu as opções da noite, no que os dois logo fizeram sua escolha — que o peão Mariano resolvera-se a jantar também, inda que pouco, conforme seu pensar não ficava bem sentar em mesa de restaurante e não comer nada.

Dum canto provinha uma música animada, Agenor procurou enxergar o toca-discos enquanto tamborilava no tampo da mesa o ritmo da melodia, e aos fundos avistou um seu conhecido sumido há anos. Acenou para ele. O homem, que jantava sozinho, respondeu ao aceno com um movimento de cabeça: tinha uma aparência soturna, a barba por fazer e um

ar de cansaço e desleixo. Agenor levantou-se e foi cumprimentá-lo de perto, apertaram-se as mãos, sentou-se com ele por alguns instantes e trocaram essas informações usuais de quando se reencontra alguém com quem na verdade pouco ou nada tem-se a falar – apenas um conhecido de poucas intimidades que há tempos não via. Chegou mesmo a convidá-lo para sua mesa, mas o homem fez que não, já terminava e tinha de sair, desejou bom apetite e o Agenor voltou para junto de Mariano.

– Conhece o sujeito? – Mariano quis saber.

A mocinha chegou com uma bandeja, dispôs os pratos e os talheres, as travessas com arroz e macarronada, a tigelinha de feijão gordo, a salada e a carne, “já trago a bebida” disse, e saiu.

– Aquele é o Luizim – o Agenor informou.

– Luizim?

– Luizim da Manuela, por esse nome era conhecido... a mãe se chamava Manuela... trabalhou na Laguna com seu Belmiro, tratava de boi, requerido por todo mundo fez fama como tratador de animal, diz-se que por um tempo tinha lidado com veterinário e aprendido bem... depois sumiu no mundo.

– Algum mal-feito?

– Qual nada... uma história triste, isso sim.

O tal Luizim tinha-se levantado, passava agora por eles. Soturno, fez um gesto de cabeça para o Agenor e saiu para a rua.

– História de amor – o Agenor completou.

– Mas o que se passou? – Mariano quis saber.

A mocinha voltou com a bebida, o Agenor pedira uma calibrina dupla enquanto Mariano tinha preferência por guaraná, com comida ia bem, produzia arroto – apreciava guaraná.

– Isso já corre tempo – disse o Agenor, pensativo por um momento até parou de comer –, pra mais de dez anos... engraçado, seu Mariano, o amor que prum lado é uma coisa tão boa, por outro quanto desacerto produz no coração!

Mariano atrapalhava-se com a faca, inda que em casa de seu Umberto costumava utilizar na refeição mode cortar a carne. Mas ouvia o Agenor com atenção.

– Naquela época ele trabalhava na Laguna, parece que desde pequeno trabalhou lá, mas depois do sucedido arretirou-se, desgostoso... pode ver, viemos encontrar o desinfeliz aqui, sempre com aquele ar de tristura...

– Mas desenrola a história, seu Agenor.

– Depois, o sucedido... o Luizim trabalhava na Laguna, e lá seu Belmiro, que era pai dum moço, só teve um filho seu Belmiro... pois lá ele acolheu uma mocinha e a tia dela, ou avó, num sei bem... e também do nome num me alembro... consta que a mocinha acabou sozinha no mun-

do, pois a parenta veio a faltar, sendo que a dona de seu Belmiro tinha muita amizade mais ela, assim como se fosse uma filha... diz que era sua paixão ter uma filha, o que porém não tinha calhado, vosmecê entende, a dona tinha suas dificuldades... Pois então, o Luizim que lá trabalhava, muito chegado à casa, pegou a gostar da moça, e a moça dele...

– Então um gostou do outro, os dois se gostaram, e não foram felizes mode quê?

– Vai escutando bem... o filho de seu Belmiro era rapaz, um moço orgulhoso, de soberbia, parece que tinha uma querença também pela moça e sabendo do princípio de namoro dela com o Luizim desgostou do assunto... sucedia que o Luizim tinha um revólver, e inté andou uns tempos com ele na cinta, porém se arreceou de cometer um desacerto com o filho do patrão por causa de mulher, e procurando a moça explicou o causo, que num dava certo, disse, mod'isso, mod'aquilo, falou, explicou: que o certo numa situação assim era não se encontrarem mais... e a moça entristecida bebeu veneno e morreu...

– Morreu?!

– Quem conhecia dizia dela uma formosura só... nem vinte anos num tinha, morreu... a Laguna converteu-se numa pura tristeza, muito se falou à época, todo mundo por lá chorou, inté a gente menos chegada da casa... a dona de seu Belmiro esteve morre num morre, e o próprio seu Belmiro foi-se acabando despois da tragédia, por hoje anda rúim de saúde, coitado, e já idoso... Desde então o Luizim se sumiu no mundo... carrega consigo um desgosto, como se pode ver, quem não se desgosta duma coisa assim?²

Mariano ficou meditando naquele causo: uma moça que se suicida na flor da idade por causa dum amor perdido, e sobreveio a lembrança daquela dos seus sonhos – qu'inda na noite anterior lhe tinha aparecido, e ele se impressionara muito pois então se lia uma certa tristeza em seu semblante de que ele não podia ter explicação... Mas o Agenor já lhe interrompia o íntimo discorrer:

– Num vai comer não, seu Mariano? Se vosmecê fica por aí nesse cismar, a comida esfria.

Não, Mariano tinha perdido a fome, remexeu a comida no prato, afastou-o de si com fastio, por dentro aquele incômodo: o semblante triste da menina do sonho, seu amor, sua vida.

Mas sujeito da roça em lugar de cidade só conhece divertimento de valer a pena em casa de mulher-dama, noite adentro inté o romper da alva,

² O amor trágico do Luzim da Manuela é contado em “Eu serei o teu amor”, do livro de contos **Histórias de Muito Longe**.

sendo essa a tenção do Agenor conforme tinha dito ao companheiro quas'que desde o início da viagem: não podia deixar de provar uma carne diferente, de mais valor no seu dizer, "pode custar dinheiro que eu pago, seu Mariano", pois as de Sertãozinho ele já conhecia e inté se desagradava, não procedia novidade, sempre as mesmas e um tanto passadas, "que mulher, seu Mariano, é feito limonada: ficou velha, amarga" e se ria enquanto vagueavam pelas ruas, suas luzes e sombras, o arruído sem fim nem o incomodando. Chegando-se mais ao companheiro, em reserva confessou: "Uma coisa que eu queria mesmo, seu Mariano, uma vontade que eu tinha, num sabe?, era duma moça bem nova, bem fresca, que nunca tivesse conhecido homem, e da pele assim mais pra clara, mode ver como é" e Mariano achou graça, consigo mesmo se riu, um preto feito aquele sonhando com moça branca, inda por cima donzela, "qual!"

Mas o Agenor tinha por vezes o falar dum jeito e o remoer de outro, que se era certo que durante a viagem formara tenção de conhecer cabaré, essas indecências, "zona", mode ver novidade — levava dinheiro no bolso, pretendia atilamento na escolha —; certo também seria que no avançar da noite, já dando horas de procurar uma tal casa (que Mariano não desconhecia, em Rio Belo estivera algumas vezes e lá prometera desde logo levá-lo sem falta), principiou por dentro um ruminar noutros poréns, deveras não dagora mas desde que cogitara ainda no início da viagem em tais diversões: pois naquela noite, semanas atrás, não lhe ocorrera que podia estar traindo seu amor do retrato antigo?, "*a filha dos tempos*" pensava sempre, no seu fantasiar condenada ao limbo dum encantamento e a ele cabendo libertá-la, o que porém no caso dum mau proceder não poderia... Fantasia ou realidade, o Agenor diferenciava? Como desdizer-se agora, falar pro Mariano que não podia ir à zona e deitar-se com mulher-da-vida por um tal motivo, se ele nem referira ao companheiro seu caso de amor? "Inda que eu inté podia ter contado" pensou enquanto, já sem falarem, só observando o movimento, caminhavam ao longo das calçadas iluminadas, "pois se ele me contou da moça de seu querer, que só conhece dum sonho... porém não, num devo dizer nada não... é só num ir com mulher-dama nenhuma, nem entrar num lugar assim..."

— Seu Mariano... — o Agenor começou, o peito num sufocamento, um quase lacrimejar.

— Sim, seu Agenor?

O outro suspirou, pelas luzes adivinhou da banda de lá da rua a casa que procuravam.

— Se eu lhe disser uma coisa, vosmecê releva? Num toma a mal?

— Apois, seu Agenor, resta dúvida?

— Eu quas'que num tenho mais gosto nesse assunto... vosmecê sabe, ir nesse lugar mode estar com mulher-da-vida...

Mariano encarou o outro com certa surpresa, então não cabia?, pois o Agenor comentara durante a viagem seu desejo de se acostar com mulher diversa polo fastio daquelas de Sertãozinho, e agora dava pra trás?

— Porém num quero atrapalhar vosmecê não, seu Mariano, e por cá fico, espero por vossa pessoa ou, por outra, me arretiro se vosmecê num se incomodar, volto pro acampamento... calha inté ser de mais acerto, num sabe?, que a peonada toda saiu pra farra, e eu lá tomo conta das tralhas...

— Ô seu Agenor, vosmecê não desistiu mode essa sua vontade duma moça branca e donzela não, n'é? Que se por aí vai, é despropósito sem tamanho!

— Mas não, seu Mariano, num é por isso, que o que lhe disse aquela hora é uma vontade, porém não o que m'impede de procurar mulher de zona... E só requiero de vosmecê reserva... confio... que se trata de coisa minha, um modo de pensar... Vosmecê vai, eu retorno, folgue por mim.

Do outro lado as luzes rebrilhavam à entrada do cabaré, homens circulavam por ali, uns entrando outros saindo, e de cada vez que a porta se abria uma música alegre vinha lá de dentro, um vozerio, risos e risos. Mariano porém não sentia vontade de atravessar a rua, e os dois peões permanecem só espiando, pensativos, aquela agitação toda, o descostume da cidade com seu atroar produz esse aparvalhamento que sustém às vezes a conversa. O Agenor se sente um tanto aliviado por ter dito ao companheiro seu desassossego, o desgosto de entrar naquela casa, e pensou que se naquela noite ou noutra qualquer esbarrasse com a moça do retrato num sonho, assim feito sucedia com o Mariano, ou mesmo conforme representara na mente, livre do corpo adentrasse esse lugar sagrado e sem tempo adonde ela estava presa, ele se acharia puro para combater por ela, um São Jorge guerreiro na peleja contra o dragão, pois mesmo que em momentos numa luz de juízo reconhecesse que tudo aquilo não passava dum imaginoso delírio, no mais profundo de seu íntimo em brando sussurro, de si mesmo satisfeito pela decisão tomada, dizia-se “estou purificado, não cometi traição ao meu amor” e da *filha dos tempos* parecia maior em sua vida a presença. Já Mariano nunca presumia desacerto no seu amor pela menina do sonho, ressoavam-lhe na lembrança as sempre palavras de nhô Viriato preto: “Ela é de vassuncê, moço Mariano, de vassuncê e de nenhum outro”, e sendo assim ele podia ter algum gosto em acostar-se com aquelas mulheres que a cada noite divertiam a tão diversos homens? Por seu lado também nicionava uma fidelidade:

— Não vou não, seu Agenor, não tenho vontade mode aquilo que lhe relatei, da moça que tenho na qualidade de minha noiva. — Pois na noite anterior Mariano havia sonhado outra vez com ela: eis que ele estava dentro de uma casa grande adonde nunca estivera antes, e percorria todos os cômodos procurando alguma coisa sem, porém, saber o quê. Atravessa-

va um salão, cruzava um corredor, aqui a cozinha, ali a despensa, retornava, a sala de jantar, a varanda, lá nos fundos um quarto de costura, e toda a casa parecia deserta. De repente uma porta se abre e a menina surge — não bem menina mas tampouco moça formada, “catorze ou quinze anos? Sim, pode-se dizer uma menina-moça” —, penetra no corredor e desaparece; Mariano a encalça, não podia perdê-la dessa vez, lá vai ela subindo uma escada para o sobrado, a casa era muito grande, e ele sobe atrás, e empurra a porta dum quarto que um momento antes ela havia atravessado: encontra-a sentada na cama com as feições magoadas como que por um profundo desalento, “uma lacerante tristeza” pensou Mariano de pé na porta observando-a, os olhos cheios d’água e torcendo as mãos num nervosismo, e a tão poucos passos de si, porém ao mesmo tempo tão distante que mesmo lhe falando ela não o pôde escutar, “por quê? Por quê?”, e quando avança para tocá-la o quarto se dissolve, o rosto cheio de sofrimento se esfumaça e ele se perde num vazio de escuridão: acaba-se o sonho e ele acorda. Era no que pensava quando disse ao Agenor: — Tenho de me guardar por amor a ela, senão não sou digno.

— Pois eu compreendo bem vosmecê, seu Mariano, e lhe digo: no vosso lugar meu proceder seria igual — e acrescentou: — Inté pode fazer de conta que o mesmo se dá comigo, só numa comparação, que não se dá, porém fazendo de conta... eu também me arredava dessas coisas, enganações num sabe?, a gente muito se engana na vida se num tomar tento no proceder. — fez uma pausa, inda espiando as luzes do outro lado da rua. Depois, retórico: — Aquilo que Deus nos reserva só a ele compete!

— Vosmecê também tem seus amores reservados, seu Agenor — Mariano disse, não perguntou: disse como quem sabe.

— Inda que seja capaz — o Agenor admitiu, sem minuciar detalhe, o que Mariano respeitou não persistindo em perguntação incômoda —, porém diverge... pro mais natural...

— Não precisa falar se não quiser, seu Agenor. Vamos de volta pro acampamento?

— Pois vamos, seu Mariano, pois vamos!

— 28 —

Mas então sinhazinha resolveu ainda uma vez voltar ao Cafundó da Ema, mode estar de novo com nh’Argemira. Meses já se haviam passado desde que lá estivera em companhia da Lurdinha e sob vigilância do Graciano. Nesses meses o moço dos seus sonhos a visitara algumas vezes, poucas, com isto já acostuada: de primeiro pensou que ele não vinha por mal d’ela durante a febre ter-se perdido naqueles pântanos do delírio para onde fora, porém como ele sempre intervalasse de muitas noites, inté semanas,

suas visitas, ela compreendeu que ele não apareceria sempre, talvez porque de muito longe viesse, talvez que por impedimento de outros compromissos — e assim esperava com paciência cada encontro, em nenhum deles porém conseguindo falar-lhe, como se não estivessem juntos no mesmo sonho.

Já de há dias vinha Ninice estudando um jeito de sair.

Pra Lurdinha podia contar sua intenção, mas não o fez porque se depois coronel zangasse assumia a responsabilidade, não restando em riba da amiga nenhuma culpa. Quieta esperava, passou seus dias entre as lições com a professora e as brincadeiras e breves passeios com Lurdinha, e até alguma ida com a mãe ao arraial de Serradinho, ocasiões em que a acompanhava em suas visitas de caridade, sinhá Felícia de cedo incutindo na filha a compaixão pelos desfavorecidos, ou por outra, não incutindo pois já lhe descobrira essa natural bondade, mas apenas reforçando-a, sempre surte bom efeito ensinar o bem. Foi quando numa certa manhã o preto Leocádio botou a sela na egüinha Formosa mode uma viagem a Serradinho adonde cumpria um mandado de sinhá, e deixou a Formosa do lado de fora da porteira enquanto por um esquecimento voltava ao paiol. Ninice, entre os canteiros defronte a casa, viu a egüinha selada, por perto mais ninguém, nem a Lurdinha que a essa hora andava por casa adjutorando nhá Emerenciana, e o preto Leocádio a tardar... tardou um tanto, e ao voltar mode botar-se a caminho já não encontrou sua montaria. Mas no preto Leocádio não vingava maldade, e lhe ocorreu que Formosa não havia ficado bem presa, com sua demora principiou a andar polo caminho, acostumada a essas viagens decerto fora indo, caçando algum capim diferente pelas beiradas, já devia de ir l'adiante, por isso não se alarmou, seguiu caminho também apressando o passo mode apanhar o animal não muito longe. Porém apanhou? Andou um trecho até atinar que a egüinha por certo não seguira na direção do arraial, “calhou de ir pra outra banda” pensou, animal costuma ter desses destemperos, nunca se sabe muito ao certo o que vai fazer se fica solto, mesmo com arreio no lombo — estando solto, é como se não carregasse nada em riba, o preto Leocádio resmungando de volta, calculando que Formosa se botara pro poço mode beber água; dali da porteira até o poço nem era longe: da estrada cortava-se por uma baixadinha e depois através dum bambual, adonde já se acostumara a procurar o animal. Porém nem no poço encontrou a Formosa e se aborreceu, que tardava, não sendo de sua vontade nem agrado proceder desse jeito: sinhá Felícia era muito boa, tratava-o como a todos, sem espiar diferenças — fosse Coronel Pantaleão, e já o homem andaria aos berros, nhô coroné descompunha branco ou preto, era desagradar-lhe e ver o azeite, porém sendo preto nhô coroné não perdoava, pelos piores xingamentos procedia, isso se não desse de mão no relho, “que negro comigo, inda que

em má hora a princesa Isabel tenha alforriado todos eles, se abusar recebe o merecido, e merecido de preto-catinga é bordoadá”, ele mesmo já carregando nas costas umas guaspadas em hora de azedume do patrão. Donde que o Leocádio voltou quas’correndo, inda caçou a Formosa por em-volta, e por fim, sem saber sua ação, foi procurar sinhá Felícia a essa hora na cozinha instruindo para o almoço, e chamou por ela, “sinhá” e no que ela atendeu, “deu-se um desacerto, num sabe?, que a Formosa sumiu”, “sumiu como, Leocádio?”, “apois, sinhá, num ralha c’o preto aqui não, porém que sumiu... num vê que eu deixei a bicha amarrada na porteira enquanto vim cá dentro, no paiol, inté me demorando algum... e no que voltei já num achei a danada”, “não achou? Então ela fugiu”, “calculei, sinhá... já procurei estrada abaixo, procedi inté o poço, caí ali pra riba mode espiar mais pra adiente... a Formosa não está por perto não”, “ora, ora, Leocádio, há de estar aí pelo mato. Que animal está na cocheira?”, “apois, o alazão de nhô coroné, e o baio da senhora”, “pois vai no baio, ande rápido que eu tenho pressa da encomenda”, nem sinhá Felícia suspeitando.

Enquanto isso Ninice já se fazia longe a caminho do Cafundó da Ema, a Formosa, mesmo mansa, era nova e tinha fogo, galopava a gosto, inda mais no transportar tão leve carga – e o caminho sendo plano, propício a um cavalgar aligeirado, lá se ia feito um vento. Ninice supunha que cedo dariam por sua falta, sinhá Felícia por certo ver-se-ia obrigada a referir sua ausência ao marido, que em atilada desconfiança de seu norte lhe botaria o Graciano nos calcanhares. Inda que não desgostasse do Graciano, estava decidida a chegar na casa de nh’Argemira sem o jagunço lhe vigiando os passos, isso se ele não a tolhesse pelos pulsos, jogasse em riba de seu cavalo e a levasse de volta a força – ora, sendo ordem de coronel o homem obedecia sem mas nem porém.

Ao se sentir em segurança Ninice reteve o galope, a Formosa bufava, na travessia dum corgo baixou o focinho mode matar a sede, a solidão do campo fazendo que a menina relembresse o sonho da noite anterior, o pensamento naquele moço misterioso que desde tempos lhe tirara o sossego por força duma querença descabida – não que ela achasse dessa forma, porém quem de tal soubesse... a Lurdinha mesmo não tinha dúvida de que em certas horas sinhazinha variava. Pois na noite anterior viu o moço muito de perto, como da primeira vez seguia a cavalo por um caminho entre muitas árvores e então parava mode espiar alguma coisa dentro do mato alto da margem. Dessa vez porém mais perto, Ninice podia ver-lhe melhor o rosto bem conformado, os bonitos traços, a barba aloirada cheia de anéis, os olhos cinzentos de gato a procurar aquilo – o quê – entre o matagal da beirada do caminho. Adonde estava Ninice que podia ver o rapaz assim tão de perto e não ser vista por ele? “Pois ele nunca me vê, como se estivéssemos em lugares diferentes mesmo estando tão perto um

do outro”, ele enfim descendo do cavalo para olhar melhor aquela coisa que lhe chamava atenção mas sinhazinha por enquanto não conseguindo discernir. “Tenho de chegar mais perto” Ninice bem se recorda de no sonho ter pensado, pois adonde ela estava?, depois, no mesmo caminho que ele, um lugar não muito estranho, tinha semelhanças com a Macambira, seria um dos trilhos que havia ali por perto?, Ninice não tinha certeza, trilho por dentro de capoeira não difere dos outros, parecenças sempre guardam, “é tudo igual” pensou, pois então no sonho estava também ali e podia chegar mais perto, ouvia o cavalo dele morder a grama da beirada, patear o chão, viu-o a um passo de si remexendo na moita, baixando as folhagens, “uma pedra” pensou, “uma laje de pedra comprida fincada no chão”, então fez um gesto de tocar o ombro do moço, mas tudo se embarralhou, restou uma confusão cheia de sombras e ela abriu os olhos.

“O que seria aquela pedra que saía do chão?” Ninice ia ruminando enquanto se aproximava da grotá: uma pedra grande, à parecença de ter sido cortada naquele feitio por alguém que lidasse bem com o martelo, o ponteiro, o cinzel, todas as ferramentas – o que seria?

Tocando a Formosa, adiantou-se. Entrou na trilha, cruzou o brejo passando rente à figueira assombrada, que um vento mais forte fazia agitar os galhos com um rumor sofrido – foi indo.

Nh’Argemira esperava pela visita de sinhazinha? Pois a bruxa, de pé no meio do terreiro no que Ninice despontou na mata, acenou para ela. A egüinha seguiu devagar que o trilho não se prestava a galope – nem mesmo a trote –, mas tão só a um andar cuidadoso, por esburacado e não menos pelas raízes grossas que despontavam do chão.

– Antão sinhazinha voltou – nh’Argemira, quando Ninice entrou no terreiro, indo ajudá-la a apear-se. – Como tem passado a menina?

– Estou bem – Ninice, seus bons modos, respondeu –, porém não pude deixar de vir... a senhora sabe por quê.

– Calculo, criança, calculo, vam’lá pra dentro adonde é mais apropriado prosear, e aproveito côm um café. Sinhazinha decerto não rejeita o café da velha... – e entraram.

Na cozinha estreita nh’Argemira oferece um tamborete a Ninice e atíça o fogo, botando uns gravetos no fogão e uma lenha mais grossa por cima mode a água ferver depressa. Retira umas vasilhas sujas da mesa e vai deixá-las na bica. De volta à cozinha, limpa a mesa com um pano e da gaveta do guarda-comida retira uma toalha branca de saco para forrar.

– Sinhazinha deve de ter tido outros sonhos – ela diz por fim, vigiando a chaleira de ferro: no fogo alto num instante a água fervia.

– Sonhei com ele, nh’Argemira – Ninice confirma –, desde aquela vez que vim procurar a senhora tive diversos sonhos com ele.

– E como são esses sonhos, sinhazinha pode referir?

Ninice deu de ombros. Os sonhos eram os mais diversos, e alguns tinham até certa semelhança entre si, como das vezes em que vira o moço no terreiro da Macambira, ou espiando aquela coisa no meio do mato.

— O moço agrada a sinhazinha... — nh'Argemira investigando as feições da menina, que confirma mais com o olhar e um ligeiro movimento de cabeça do que com palavras. — Vassuncê não falou com ele 'ca'de quê?

— Porque é como se eu não estivesse lá — e Ninice explicou: — Quando eu sonho, acontece d'eu estar no mesmo lugar onde ele está, assim quando sonhei que ele cruzava um rio grande... eu estava do outro lado, na margem, e até corri em sua direção para que me visse, mas ele não viu e de repente tudo se desmanchou. — Ninice fez uma pausa. Prosseguiu: — Também assim a noite passada. Ele ia a cavalo por um caminho, então parou para olhar uma coisa qualquer no meio do mato e apeou. Então eu estava também naquele caminho e fui chegando perto, ele havia agachado e mexia na moita para ver o que havia ali, e eu vi também, era uma pedra grande que saía do chão... mas quando quis tocá-lo no ombro, de novo tudo se desmanchou e eu acordei.

Nh'Argemira havia escutado com atenção e pensava. Agora a água fervia e ela se levantou — e logo a cozinha encheu-se do aroma de café fresco. A velha trouxe duas xicrinhas de louça, botou na mesa o açucareiro de barro, a chaleira, “sinhazinha pode tirar”.

— O que são esses sonhos, nh'Argemira?

A velha raspou a garganta. Primeiro bebeu num sorvo longo e ruidoso o café muito quente enquanto ia — vagarinho — balangando a cabeça...

— A velh'Argemira consultou os astros, sinhazinha, o baralho, o copo d'água, muitas coisas a gente lê nesses recursos... o vosso caso é de muitas curvas, requer um calmo estudar... mas sempre alguma coisa se sabe...

— E a senhora sabe?

— O noivo de sinhazinha...

— Meu noivo?

— Apois, não é o que a menina deseja? O moço por seu noivo?

— Mas sim!... — ela exclama, e se contém, baixando a voz num recato: — Eu gosto dele sim... inda que apenas no meu sonho ele exista.

— Não é porém só por ser de vossa vontade, sinhazinha Ninice, é que há coisas que estão escritas lá em riba — a bruxa aponta para o céu —, e se refletem cá embaixo, na água do copo em noite de lua cheia, deixam também suas mensagens nas cartas, e no que mais há... Está predestinado, é ele o noivo de sinhazinha, nenhum outro, só ele.

— Por que então não consigo falar com ele?... E pra pedir minha mão a papai, quando é que ele vem?

– Cada qual no seu lugar, foi o que vi, as cartas do baralho me instruíram, cada qual no seu lugar, por isso vassuncês não conseguem se falar: nem ele avista sinhazinha ou escuta sua voz, nem sinhazinha é capaz de ver mais além dele, do moço...

– Não entendi, nh'Argemira! Como cada qual em seu lugar? No mais das vezes estamos quase juntos, um do lado do outro!

– No sonho sim, no sonho... mas o sonho é uma mistura de lugares... ele está lá, sinhazinha cá, compreende?... Depois, ele também adonde está sonha com a menina, e só vê a menina, mais ninguém, mas se fala não é escutado, e se pensa em chegar muito perto e tocar em vassuncê, também o sonho se desmancha e ele acorda.

– E onde será que ele está? Será muito longe?

– Toda lonjura é perto para o amor, sinhazinha.

– Como pode ser isso, uma coisa tão confusa... tão estranha!

– Um amor muito grande, desde o começo dos tempos pola mão do Destino escrevido... Sinhazinha quando vê o moço não lhe parece que tem mais gente com ele que porém a menina não enxerga? – Ninice confirmou com um aceno. – Antão! Ele no que sonha dá-se pela mesma forma, um só enxerga o outro, a figura da pessoa querida... é a força do amor, Ninice, um amor demais de grande!

– Amor... – Ninice murmura, embebida nas palavras da velha.

– Ele o noivo de vassuncê, vassuncê a noiva dele, um do outro pra sempre, ninguém mais em vossas vidas.

– E a senhora não sabe onde ele está nem quando vem?

– Tudo isso resta escrito, é vero, o livro do Destino é vasto, porém não me foi dado ler, nem tudo se pode, a menina'inda é muito criança pr'atinar co'esses mistérios... inté pra mim tem hora que é dificultoso compreender...

– E essa pedra que ele via no meio do mato, fincada no chão? O que seria?

– Sinhazinha m'explique como parecia essa pedra.

– Era uma laje comprida, da altura de quase um metro, na forma duma laje... e arredondada na parte de cima...

– ...como se fosse fabricada naquela forma por mão de homem...

A menina franziu as feições, sim!, agora que nh'Argemira chamava atenção para o caso, “a senhora tem razão” diz, “parecia ter sido feita...”, e a velha mostrou uma expressão sombria:

– Alguém está vindo – disse.

– Quem?

– O pai de sinhazinha, nhô coroné Pantaleão vem vindo.

– Papai?!

— Deu por falta da menina... pressinto... estão a caminho, e perto, ele mais o jagunço a seu mando...

— Então eu tenho de ir embora, nh'Argemira...

— A menina se aquiete, esteja... se for, vai esbarrar com ele pelo caminho, é mais indicado estar aqui quando ele chegar.

Ninice, que já se levantava, sentou-se outra vez. Não tardou, escutou-se tropel no terreiro, bateram palmas. Nh'Argemira levantou-se, chegou à porta da cozinha:

— Ora, quem havera de dizer, nhô coroné de volta à casa da velh'Argemira.

— Bons-dias, sá dona — fora, a voz de Coronel Pantaleão —, venho mode saber se minha filha Ninice não andou por cá hoje.

— Apois, coroné, e não? Sinhazinha Ninice quis provar o café da velha, está aqui na cozinha.

— Antão, nh'Argemira — e Coronel de cenho carregado, severoso, uma carranca —, me faça um obséquio: mande a moleca passar pra cá, já-já!

Anoitecia outra vez na Macambira.

Os últimos sons longínquos do dia eram uns mugidos tristes na lonjura do campo, uns latidos de cachorro mais pra perto, umas vozes sumidas — mais aqui, mais acolá, o inteiro crepúsculo.

Sentado na sala quase às escuras o senhor de terras meditava. Enquanto lá em cima, metida no quarto, Ninice confabulava com a mãe, ele, coronel, permanecera embaixo, abismado. Muito enraivecido pela manhã ao saber que Ninice saíra a cavalo sem consentimento, pr'adonde se botara?, arte que ele não desculpava em filho seu, “essa menina nunca apanhou, senhora minha mulher, hoje é dia!”; muito enraivecido, portanto, resolveu sair-lhe à caça, sinhá Felícia com lágrimas nos olhos esfregava as mãos uma na outra, “pelo amor de Deus, Pantaleão, contenha-se, Ninice é uma criança”, “uma moleca sem-vergonha, de hoje não passa sem couro no lombo, a senhora há de ver!”, “pelo amor de Deus, Pantaleão...” e já as lágrimas corriam, cheias, pelas faces da mulher, mas coronel já montava e partia, o Graciano sem jeito indo-lhe atrás sem palavra. Pra que lado?, rosnou consigo mesmo Coronel Pantaleão, e na estrada espiou o caminho, a estrada branquicenta, o vasto deserto adonde os bois se sumiam no capim ou na distância, e bufou numa fúria — já desconfiando de onde encontrar a filha, entrou-lhe a idéia súbito na cabeça — antão não havera de ser? —, e sem titubear seguiu na direção do Cafundó da Ema. Foi só a meio caminho que Graciano se aproximou, quase emparelhando sua montaria com a do patrão, “nhô coroné me permite uma fala?” perguntou, o outro soltou um rosnado, que falasse!, porém brevemente, no que o Graciano baixando um tanto a voz num tom aconselhativo proferiu “nhô coroné carece de ter

paciência com sinhazinha, é criança de muita delicadeza, por demais especial para nós todos da Macambira” e sem mais deixou-se ficar para trás; Coronel nem resposta, seguiu em frente intê coçando os vazios da mula mode um andar mais ligeiro – e alcançou aquele lugar adonde se avistava a figueira assombrada, de muito mau agouro no seu entender, sem espiar naquela direção internou-se pelo trilho. Não se enganava do paradeiro de Ninice.

Porém quando pensou em se mostrar severo, intê já calculando a dura reprimenda que ali mesmo lhe passaria, e se a moleca de vergonha chorasse, por ser repreendida na presença dos outros, que chorasse!, pensava consigo mesmo, que chorasse!, tinha de aprender, “bom será se não lhe der na cara” – depois, quando pensou em mostrar-se duro a bruxa velha voltou a assombrá-lo com aqueles terrores, inda que esses terrores dela não provinham, mas dele tão só, dele mesmo. “Não se exalte, nhô coroné” tinha dito, “sinhazinha está cuidada, mas vassuncê se preme mode uns desconcertos que é só do nosso saber”, aquilo dito tendo força de gelar o sangue do senhor da Macambira que em riba da sela estremeceu. Ninice, receosa, surgiu também à porta, detrás de nh’Argemira, que para ela se virou, “vai, minha filha, que vosso pai requer, lá na vossa montaria espere. Nhô coroné também deve de estar com vontade de provar o café da velh’Argemira, não é mesmo, coroné?” e Coronel viu que não podia deixar de enfrentá-la outra vez, a maldiçoada inda insistia num risinho simples, “se apeie, coroné, se apeie e adentre, que não faz mal uma prosa”.

Sentados agora um defronte ao outro na cozinha, Coronel debruçado na mesa encarava a velha.

– O moço Francisquinho continua penando, coroné.

Coronel Pantaleão de cabeça baixa confirma, um só gesto, um profundo suspirar. Francisquinho aparecera outra vez para ele há coisa de uma quinzena. “Eu tinha saído mais o Graciano mode ver uma cria nova, de raça... eu mais ele, só nos dois no curral, num sabe?, então vi a alma de meu filho...” então se arrepia com a lembrança: Graciano agachado limpava o ubre gordo da vaca, re-cheio de um leite ainda amarronzado, o bezerrinho nascera na véspera, ainda fraco tropicando pelo curral; enquanto o jagunço se ocupava da vaca, ele se distraía espiando a cria com suas brincadeiras, e então viu: Francisquinho apareceu vindo de dentro do estábulo, veio vindo em sua direção mas não olhava para ele, parecia não enxergar o pai bem ali, quase à sua frente, que no entanto pôde pela primeira vez olhar bem no rosto do filho: muito pálido, um defunto mesmo, um sinal de grande tristeza nas feições imóveis, o rapaz tinha porém os olhos grandes, abertos, fitos para adiante, “e vermelhos, nh’Argemira!, os olhos de meu filho em seu penar... vermelhos feito sangue!” e o coronel descaiu a cabeça sobre os braços num abandono de desespero.

Nh'Argemira balanga a cabeça...

— Ele está pensando — diz com a voz pausada, como para si mesma, e depois para o coronel: — Em meu obrar procurei trazer o moço Francisquinho inté aqui, se pudesse falar com ele, saber de sua intenção... inda pode ser que eu alcance, porém se não pude escutar as palavras do moço, pois adonde ele s'encontrava naquela hora, além da lonjura, que medonha ventania!... ele estava perdido no vento, eu vi no copo d'água... pois se eu não pude escutar as palavras dele, eu senti, nhô coroné, eu senti...

— O que foi que vosmecê sentiu, bruxa?

— Ele tem mesmo um recado pra vassuncê, comunicar-lhe um grande perigo, como eu já desconfiava e inté lhe referi da vez anterior...

— Mas por que ele não fala, Deus do céu? E que perigo será esse?

E a bruxa velha mais o assombrava, dizendo que a alma de Francisquinho permanecia distante dele porque ele mesmo não permitia que se aproximasse, “vassuncê não consente, coroné”; mas como podia ser aquilo, ele não consentir?, pois inté duma vez não o havia chamado pelo nome? E também da última vez, espantado de ver o moço vindo em sua direção com as feições de cadáver e os olhos tintos de sangue havia dito “Francisquinho, meu filho”, mas o moço passou por ele sem enxergá-lo; e então escutou uma voz chamando-o, “nhô coroné”, era o Graciano que ouvindo-o dizer o nome do filho se virara, inté se assustando com a expressão de pavor que viu em seu rosto — Francisquinho porém havia desaparecido. Antão, como é que ele, o pai, não deixava o filho falar-lhe? Pois deixava, deixava!, queria escutar o que ele tinha a dizer!

— Talvez na vossa vontade, coroné... mas por dentro alguma coisa impede... eu cá não posso lh'esclarecer, que a velha de nem tudo tem sabença, isso é coisa que vassuncê terá de descobrir por vossos meios. Tem caminhos que só aquele que por eles deve andar descobre... porém, inda tem uma coisa...

Que coisa? Vinha de novo nh'Argemira com causos para assombrá-lo? Essa diaba não se cansava de o atormentar? “Não sou eu quem atormenta vassuncê, coroné”, e lhe explicou que Ninice ali tinha ido por mal dum sonho que por último muito incômodo lhe produzia, “um sonho?”, “um sonho, coroné”, “mas que sonho é esse que ela não contou pra ninguém, nem pra mãe dela, senão eu também sabia?”, e nh'Argemira sem quebrar o segredo de Ninice referiu aquela parte do sonho em que ela ia por um caminho e avistava um moço apelar-se do cavalo mode espiar no meio do mato uma pedra fincada no chão, “mas não era uma pedra qualquer, coroné, pelo dito de sinhazinha era a laje duma sepultura...”, “sepultura!” coronel murmurou aterrado.

— ... inda que eu não a tenha esclarecido nesse ponto mode não assustar a pobrezinha. O coroné também devia de evitar dizer essas coisas

para ela... mas pensando melhor pode ser isso que aflige o moço Francisquinho em seu penar... um perigo que ameaça sinhazinha, um perigo que se anuncia na forma dum sonho.

E no escuro da sala, desacorçoado, Coronel Pantaleão mete os dedos entre os cabelos, “Ninice... Ninice corre perigo... será de morte?”, e aperta o peito, abafa um suspiro – agonia ou medo?

– 29 –

Juliana calculava o retorno de Mariano por aqueles dias, conforme a distância e o progresso diário da viagem, que a volta, não havendo cuidados com o gado nem o seguir seu ritmo vagaroso de jornada, procedia com mais ligeireza. Don'Eulália esconsava, mas já havia colhido sua mais velha à janela espiando delongado pra estrada, como que de tudo mais esquecida; então se afastava mode a filha não lhe perceber a presença, mas uma noite comentou com o marido “Juliana está de amores pelo moço Mariano”, e seu Umberto “vosmecê acha?”, “está visto”; seu Umberto raspa a garganta, escapole um longo suspiro enquanto pensa; “um bom moço” profere depois de um espaço, “é de fazer gosto”, mas Don'Eulália “daria certo? o moço não tem instrução...”, “não obsta” retrucou o esposo, “se a ela isso não tolhe, ele, tendo força de vontade, poderá aprender também, como de fato parece que já vai por esse caminho”; Don'Eulália fez uma pausa, repensou, concedeu, mas com uma condição: “desde que ela termine os estudos antes de casar”, “ah, bom... é, isso é...” pois tanto Don'Eulália quanto seu Umberto tinham por empenho que Juliana, findo aquele ano de descanso, voltasse à cidade para estudar, “temos fazenda, temos gado” dizia o pai, “não carecemos por cá duma doutora veterinária?”, depois, se careciam, e Juliana se agradava da carreira. Esses projetos a empeciam em seus sonhos de amor? A moça não pensava dessa forma, nem esperaria formar-se para casar, afinal um curso superior demorava, esperar pra quê? Pois casava, depois se veria... Nem pai nem mãe, porém, comentavam essa querença da filha, não com ela, mode a pobre não restar encabulada, e nem com os mais chegados feito prima Justina ou iá Didinha, não fosse o assunto espalhar-se, daí a pouco na comentaçõ geral Juliana e Mariano já estavam de compromisso firmado e data marcada, coisa que por enquanto nem um princípio de namoro...

Almoçavam quando escutaram um alarido de cachorro e um bater de palmas já nos fundos de casa, Juliana alarmou-se mas se conteve, talvez no sobressalto transparecendo seu por dentro alvoroço mas só por um intervalo, Marli nesse momento trinchava um frango, nem percebeu; já Don'Eulália era mais esperta pra essas coisas, e seu Umberto se levantou para ver. “Visita” comentou iá Didinha que aquele dia passando mais ou

menos na hora havia ficado para o almoço, “há de ser homem” disse ainda, “pois a menina Juliana ind’há pouco deixou cair um garfo no chão” e Don’Eulália achou graça do dizer da velha, porém logo se escutava a exclamação de seu Umberto na varanda, “ô Eulália, ’a só quem está’qui!... Acheque-se, Mariano, aportou em boa hora, já começamos a almoçar”, “não sei se estou a jeito, seu Umberto, venho meio empoeirado”, “que nada, está bom, lave as mãos aí na bica, aqui, apanhe uma toalha no varal e entre”, Juliana de cabeça baixa na mesa engolia a custo, alvorotava-se, o coração chega quase lhe saía pela boca, inté a respiração saía difícil; as bochechas será que haviam vermelhado? Juliana traía o por enquanto segredo de seu bem-querer? Marli, porém, não perdia a chance de trocar da irmã, “a escola noturna vai recomençar” disse fingindo um ar de enfado, e Juliana não se teve, “que é que você tem com isso?”, “é que stá mais me parecendo namoro” espicaçou a Marli empinando o nariz, mas Don’Eulália achou por bem botar fim logo-logo na pinima, “vamos, meninas, vamos parar já com isso, hã?” e descarregou um olhar severo na Marli, que se recolheu, atochou na boca uma coxa de frango enquanto Juliana, em si mesma procurando um sossego, sossegava.

Mas seu Umberto veio pra dentro com Mariano que, tirando o chapéu, entrou na cozinha, a todos cumprimentou e, algo sem jeito, sentou-se no lugar indicado pelo patrão. Don’Eulália levantou-se e foi apanhar um prato e talheres para o rapaz, enquanto uma que espiava muito atenta para ele era iá Didinha velha, acontecendo de ser poucas as vezes que o via por ali, iá Didinha sendo muito recolhida não aparecia à noite, por isso punha nele bastante atenção no que raro se esbarravam. Traziam-lhe lembranças as feições do moço? Iá Didinha nos seus longos dias decerto teria também suas reservas, pouco ou nunca referidas, fora moça e teria tido afeições, quem sabe gostara de um rapaz com essa parecença, o corpo de boas proporções, a barba anelada da cor do ouro, o franco sorriso, e os olhos cinzentos de gato, “danado de bonito esse daí” pensou consigo mesma, e como também tinha suas malícias ajuntou “a menina Juliana está feita”.

Foi porém a sapeca Marli quem lançou:

– Seu Mariano, a escola noturna vai abrir de novo?

Dizer que principiou por embaraçar Mariano, que, se havia recolhido alguma liberdade em estar à mesa com os patrões, naquele correr de mês e meio longe retornava com uns acanhamentos, porém seu Umberto espiou carregado para a moleca, sem alterar a voz:

– **Marli...**

– Desculpe, papai, só estou perguntando ao Mariano se ele vai continuar recebendo lições da mana Juliana.

— Está visto que sim, filha — disse Don'Eulália conciliadora —, as lições só se interromperam porque o sr. Mariano teve de viajar.

Satisfeita por ter sido ouvida, Marli calou-se e não voltou a fazer provocações à mesa, o almoço transcorrendo sem estrupido. Seu Umberto pedia notícias da viagem, que Mariano detalhou bem, todos botando atenção em seu relato. De acidente, dizia, sério nenhum, a não ser uma rês mordida de cobra que se sacrificou mode não atrasar a viagem, e o Lucas que adoeceu duma gripe mas prosseguiu, reclamava do corpo moído e da cabeça, que lhe doía às vezes, porém o Agenor em sua matalotagem carregava comprimidos de Melhoral, a valença, o Lucas recuperou-se depois duns três ou quatro dias; já o Agenor tinha agora na volta seguido direto para casa mode ajeitar suas coisas, porém de tarde viria estar com seu Umberto na prestação de contas, e por aí afora seguiu falando do que lhe queriam, Don'Eulália tendo comentado que Rio Belo era uma cidade de vulto, “lá isso é, um movimento que só vendo”, “aqui se mora muito longe de recurso, mas cidade grande traz incômodos” disse já Didinha que preferia estar na roça, opinião que seu Umberto reforçava, “está certo que às vezes se tem alguma dificuldade, porém o que se precisar encomenda-se e o mais é só o sossego”, seu Umberto não trocaria a Pindoba por outro qualquer lugar do mundo e seguiu-se vasto comentário acerca das vantagens da vida no campo sobre a vida na cidade. Somente Juliana calava-se, a presença de Mariano à mesa, do que também naquele mês e meio se desacomumara, produzia-lhe um embaraço, cedo pediu licença mode se levantar — e saiu da cozinha.

O almoço porém terminava e seu Umberto também se pôs de pé, “estejam, estejam” disse, “ando hoje sem apetite” e como os cachorros de novo faziam alarido saiu à varanda dos fundos para ver, “ô Donga, vosmecê por aqui”, “com sua licença, seu Umberto, mode passar por cá”, “toda, vai em casa de Justina?”, “levar uma carne de caça que eu prometi outro dia, os meninos de dona Justina apreciam”, e voltando para dentro seu Umberto divertia-se, “o Donga estava aí, ia na Justina levar carne de caça”, e depois duma pausa risonha, “se Justina não casar desta vez...”, sendo que Don'Eulália condescendia, “evite comentar, Umberto, você sabe como Justina é”, porém seu Umberto era de opinião que se devia dar um empurrão mode a junta de bois se acertar, “e o Donga inté possui aparência, qu'ê que prima Justina quer mais?”, “é que Justina é envergonhada, Umberto”, no que Marli perguntou sem cerimônia “prima Justina vai casar com o Donga, papai?”, mas Don'Eulália reprovava que a filha se intromettesse, “Marli, não é assunto para criança”, “ué, mãe, qu'ê que tem?, se ela quiser casar”, “mas é se ela quiser, filha, o assunto é dela, não devemos nos intrometer”, sendo que já Didinha aprovava Don'Eulália, carecia de chamar atenção da menina Marli, muito espreitada, sim, boazinha, prestativa,

sempre lhe apanhava gravetos, indo por vezes ajudá-la no almoço, picar uma verdura, descascar um legume, escolher um feijão, haveria de dar uma dona de casa de mão cheia, porém ind'era nova, mais pra criança, deviam-se tolher um tanto seus modos estabanados – nesse assunto mesmo do Donga: o Donga tinha intenção séria com a outra, de casamento, agradando-se dela desde quando a chamado de seu Umberto a prima passara a residir na Pindoba, porém não se sabia da vontade de Justina, que se desviava cheia de encabulação não deixando entrever o que seguia por seu pensamento, “inda que seja de meu entender que Justina não é avessa à intenção do Donga” opinava iá Didinha, decerto boa entendedora – de muita idade, já se disse, conhecia a vida.

Agora na cozinha aparecia o Nêu mode chamar a Marli pra's brincadeiras, que foi logo perguntando:

– Tua mãe gostou da carne de caça que o Donga levou?

Mas Don'Eulália:

– Marli...!

– Posso ir brincar com o Nêu, mãe?

– Depois de escovar os dentes – e para o Nêu: – Diga a Justina para vir aqui depois que o Donga for embora.

– Eu digo, ti'Eulália – os de prima Justina tinham acostumado tratar Don'Eulália e seu Umberto por tia e tio, inda que Justina fosse prima e não irmã de seu Umberto, e enquanto Marli escovava os dentes o Nêu de galope inté em casa mode dar o recado, estando já o Donga de saída, à porta da sala despedia de Justina na mão, esse o costume, a maioria da gente procedia ainda pelos velhos hábitos de despedir dando a mão, naquele caso maior o seu interesse, apertar ao de leve a mão de Justina, fria e úmida, que ela ind'há pouco lavava a louça do almoço. “Diga a Eulália que já vou” Justina respondeu, e o Donga botando o chapéu na cabeça inda hesitou, sorriu, acompanhou o Nêu, foram conversando inté a porteira. Ali o menino ficou, e voltou pra trás mode procurar pela Marli que já tardava: ele havia preparado os anzóis, no brejo cavucou uma vasilha cheia de iscas – “se fala isca, não se fala ‘minhoca’ que espanta os peixes” dizia ele mais tarde para a Marli – mode eles irem pescar no ribeirão. E foram. A tarde era vasta, pertencia-lhes, os dias felizes pertencem às crianças.

Mas seu Umberto despois de almoçar fora sentar na varanda da frente, por companhia Mariano, ali estiveram amiudando assuntos, as conversas sobre a comitiva, a entrega do gado, a diversão em Rio Belo, que os peões todos acostumados só à roça se agradavam muito dessas variações, que a bem dizer em Sertãozinho nem havia um comércio se fossem comparar, “ah, não!” seu Umberto aprovativo num movimento de cabeça, “Sertãozinho?... Que nada, um armazém, um ou dois armarinhos, a botica, dúzia e meia de casas...”, por onde se aproveitava mode compras di-

versas, o Lucas tinha encontrado corda para o violão e o Dalmo adquirira um pandeiro novo, cheio de brilhos, uma beleza, o Dalmo ritmava bem — pro gosto de seu Umberto não havia no pandeiro que nem o Dalmo, fazia suas piruetas com o instrumento, “sim, o Dalmo...” —, e Mariano se lembrou do encontro com aquele peão à noite num restaurante, um que era conhecido do Agenor e que trabalhara há tempos na Laguna. Referindo-lhe o nome seu Umberto acertou com a pessoa, “sim, sei do caso, o Luizim...”, aquilo fora muito falado na época, uma moça assim tão bonita e tão nova, por amor beber vidro de veneno, “a vida dos velhos nunca mais foi a mesma” seu Umberto disse, “corre que seu Belmiro por último anda pior de saúde... inda que já seja de idade, há de ser do desgosto”, e o Luizim?, largou-se pelo mundo — o Agenor tinha dito —, nunca mais será feliz, sim, o pobre — via-se — pesava-lhe no ombro uma amargura sem remédio, Mariano restando pensativo “então o amor também produz tristura”, e nisso pensava na donzela dos seus sonhos, a menina-moça que vez a vez lhe aparecia com sua formosura e a tristeza de seus olhos noturnos.

A prosa dilatou-se um tanto, porém seu Umberto ressentia-se de não tirar sua pestana, levantou-se e pedindo licença entrou. Um minuto transcorrido apareceu na varanda Juliana com uma bandeja, xicrinha de café fresco, açucareiro, colherinha, “seu Mariano aceita?”, depois!, agradava-se, sentia mesmo falta dum café depois do almoço, “senhorinha inté parece que adivinhou”, porém Juliana já conhecia o gosto do rapaz e lembrou-lho, “afinal o senhor já se tornou de casa, seu Mariano” e Mariano, enquanto punha açúcar e mexia com a colherinha, “é que estando fora esse tempo, num sabe, senhorinha Juliana?, a gente inté esquece”. Juliana esperou ali que ele tomasse o café, sem pressa; disse “quando o senhor quiser, seu Mariano, recomeçamos as lições”, e o peão aprumou-se, se bem que já esperasse por isso, tocar no assunto sempre lhe mexia, “fica no dispor de senhorinha” disse, interesse não lhe faltava, mesmo receando cair no desagrado da moça pois durante a viagem era certo que não tivera tempo de pensar em leitura, nem havia como, já devia ter esquecido as letras quase todas e destreinado o uso do lápis, porém Juliana sorriu, “não faz mal, é assim mesmo”, hesitou, não pôde evitar baixar a voz, “eu seguro a mão do senhor para guiá-la melhor”, mas o peão já depunha na bandeja a xicrinha; nem lhe esperando a resposta correu de volta para dentro. E retornou à varanda um instante, ainda com a bandeja nas mãos: “Logo mais, seu Mariano, aguardo o senhor”.

Retomava-se a rotina das lições, todas as noites o peão Mariano vinha para jantar e depois se recolhia na companhia de Juliana para aquela saleta nos fundos, bem reservada, adonde podiam estar à vontade. Para agrado da professora e satisfação própria, Mariano constatou que não

havia de todo desaprendido as lições, bem rápido lembrou as letras, o soletrar ainda dificultoso mas progredindo, e os dedos cedo desendureceram, no manejo do lápis com menos desajeito o “a” ou o “o” ainda tortos, não menos difícil desenhar o “m” com tantas pernas “qu’inté parece uma lacraia, senhorinha Juliana” produzindo um riso alegre na menina com a comparação, e lá se ia ele, a ponta do lápis subindo, fazendo uma curva, descendo, subindo de novo e de novo fazendo uma curva e de novo descendo e assim mais uma vez inté figurar no branco do papel o “m”, tosco, tortelo, feio, mas arrancando “parabéns” da professora, “é assim mesmo, logo o senhor pega o jeito” e mode sair uma letra mais caprichada pegava-lhe na mão, instruía-o a proceder com leveza, a mão deve permanecer solta, só o pulso trabalha, guia o lápis, devagar para apanhar costume, assim, veja como ficou bem melhor agora, “deveras, senhorinha... mas é a mão da moça que é boa”, e Juliana sentiu uma quentura no coração, uma quentura ou um gelo?, não sabia, desconstradas sensações, um alvoroço: a mão dela é que era boa, sim, a mão dela...! (Não seria dele essa mão?)

Quando terá principiado um melhor entendimento entre os dois? Que mais cedo ou mais tarde haveria de acontecer, por outra não se dava, um moço e uma moça todas as noites se encontrando mode umas lições de escrita e cartilha chegaria uma hora em que um colhia do outro um olhar menos escondido, de mais abertas intenções, ambos um tanto se recolhendo, que ela por enquanto se acanhava em demonstrar seu sentimento, e quanto ao peão, não se fosse achar no direito de ter tais inspirações, que afinal tinha-se em sua conta, um rústico é o que era, podia aspirar à mão de uma moça do trato e da instrução de senhorinha Juliana? Está claro que não dizia só por si, pois vamos que Mariano tivesse o desaforo de ambicionar o descabido, o que para um que nem ele não era feito, reconhecendo-se podia lá pensar que senhorinha Juliana algum dia botava as vistas em sua pessoa? Tudo isso já havia pensado e repensado, travando-o não só a desconfiança do abuso mas uma coisa maior, a fundura dum abismo, esses vagares nas estranhas e inusitadas paragens do dormir, quando portas se abriam para um desconhecido lugar adonde súbito se achava, não perdido, porém indo com certeza ao encontro do amor que por destino seria seu.

Porém esse amor não persistiria só no sonho?, ele se pergunta, dando-se que se tratasse tão só dum fantasiar com cujas engrenagens não acertava, um fantasiar de sua cabeça. Nhô Viriato decerto teria uma explicação. Mariano calculou então se algum dia aparecesse uma moça de quem se agradasse e que ‘panhasse também um chamego mais ele, que igual ao amor que sentia pela menina do sonho não lhe parecia possível acontecer na realidade, mas uma querença suficiente mode matrimônio e formar família podia dar-se (mãe ficaria feliz de vê-lo casado, pai também era de opinião que devia caçar uma esposa); se sucedesse, ele se perguntava, convinha

casar-se, mesmo que o mistério da noiva que de coração já lhe pertencia nunca se desfizesse, isto é, que nunca de verdade a encontrasse? Mariano caminhava por pensamentos, recurvados devaneios: então uma qualquer moça e ele se acertavam, casavam, mas aquela dos sonhos persistia em visitá-lo em seu dormir, então ele passava a ter duas existências, acordado era o peão Mariano, homem às direitas, casado, pai de família, dono de uma casa, de teréns, tendo a responsabilidade de criar e encaminhar na vida seus rebentos, o cuidado com a esposa, os seus compromissos de homem, porém ao dormir... ao dormir via-se de repente nesses páramos sem nome, um caminho, uma casa grande de fazenda, um jardim, um rio, onde fosse que não tinha sobre isso governo, dormia e em algum lugar despertava, porém ali à sua espera – mas sem saber, que de sua presença nem conta se dava – ela, a bem-amada, para sempre intocável, e assim por uns momentos muito breves espiaria em seu rosto, de tão perto sentindo sua presença que seria quase possível tocar-lhe, e nesses momentos vivenciaria a plenitude de ser, porém mais não lhe sendo concedido por força de leis que desconhecia – e a visão se desmanchava...

“Nesse caso eu não estaria traindo uma e outra?”

Isso ainda mais o confundiu, de novo nocionava a traição: que ir com mulher-dama de cabaré não cabia dúvida, era deveras infidelidade ao seu amor mesmo ele existindo apenas no sonho, porém casado às direitas, no juiz e no padre, tudo se ajustava às leis do homem e de Deus conforme o por bom procedimento preceituado, mas seu amor não se acabaria aí, decerto que continuaria a encontrar aquela criatura feita de sombra e silêncio – ou será que ela teria um jeito de saber que ele havia escolhido outra e não apareceria mais? Porém, inda que ela partisse, aquela com quem se compromissara por toda a vida não estaria sendo traída por ele, mesmo que essa traição só existisse em seu pensamento? Essas cogitações, longe de lhe proporcionar tranquilidade, um esclarecimento às suas dúvidas, mais o atiravam no desassossego e na confusão, e assim na noite em que Juliana, a mão na dele a conduzi-lo na escrita, deteve-se e demorou-se a encará-lo diretamente com um olhar que tudo revelava, inda que ele pelo exposto relutasse em ouvir como devia as mudas sentenças daquele olhar, nessa noite Mariano imobilizou-se e baixou a cabeça, cheio de insegurança e medo. Juliana pressionou-lhe de leve a mão, “olhe para mim, Mariano” ela disse, pela primeira vez não o tratando por “seu”, e ele deparou com o brilho do amor nos olhos dela. “Senhorinha me deixa acanhado” disse, ainda segurando o lápis, a mão da menina ainda segurando a sua a modo de conduzi-la na escrita, “quero que me chame pelo meu nome”, “senhorinha Juliana...”, “Juliana, só Juliana” ela insistiu, “não levo jeito... não posso”, “pode, sou eu quem quer”, “não fica bem, senhorinha Juliana, por caus’de respeito...”, “não é desrespeito, Mariano”, “sei lá, senhorinha...”,

então Juliana foi mais longe, atrevia-se, era preciso pois se dependesse de esperar por ele nunca aconteceria nada, e a mão que segurava o lápis tomou-a entre as suas deixando o lápis na mesa, e apertou-a levando-a até seu peito, pousando-a sobre o coração, “vê como bate forte, Mariano?” e sorriu, “é por você”, “por mim, senhorinha?”, “você não entende?”, “entender o quê, senhorinha?”, “que eu o amo, e que se você quiser serei sua esposa”, “senhorinha não devia de brincar com essas coisas”, Juliana balançou a cabeça, “eu não estou brincando” e inclinando-se aproximou o rosto do rosto do peão, pousou muito de leve os lábios sobre os dele, “ainda acha que é brincadeira, Mariano?”, “não...”, “então?”, o peão suspirou, os olhos baixos, as faces em brasa, “nem sei o que dizer”... Juliana recolheu o lápis, a borracha, fechou o caderno, “a lição acabou por hoje”, “eu desagradei a senhorinha?”, “só por me chamar toda hora de senhorinha, por nada mais” e o peão se riu, acompanhou em seu solto rir-se Juliana, que se levantava para guardar na gaveta o material de estudo. Depois voltou a sentar-se na frente do peão:

– Já é um pouco tarde, nós nos demoramos hoje um pouco mais que os outros dias e você deve estar cansado...

– Nem por isso, senhorinha... Juliana...

– ...mas... – mordeu os lábios – ...o que lhe disse... eu não iria brincar com uma coisa tão séria... e não podia continuar guardando-o para mim, precisava dividir com alguém, com você que é o causador de tudo... porém, não quero exigir nada... Só o aceito se for de sua vontade – e tomou-lhe a mão outra vez, inclinou-se em sua direção para olhá-lo direto nos olhos: – Entendeu? Só se você me quiser de verdade... não só para me agradecer, mas de verdade, entendeu?

– 30 –

E a Marli resolveu-se por uma escapada, já enjoava brincar só com o Nêu mais o Tôco, sendo que o Tôco era um menino muito rabugento que a tirava do sério, por isso às vezes até preferia sair só ela mais o Nêu em seus revãos pelas cercanias. Porém o Nêu era um garoto de sua idade, sim, bonitinho, gostava dele, mas de repente sentia-se enfiada de seu jeito bocó, queria que ele fosse diferente ainda que não soubesse explicar bem como. Deu-se no dia em que Mariano chegara de viagem: ela mais o Nêu – e no rastro dos dois o Tôco – tinham ido até o ribeirão com vara de pescar e latinha de isca, prima Justina alarmando-se, que seria perigoso pois o Tôco era tão pequeno, mas o Nêu garantiu que tomava conta dele direitinho. Ainda que também por Marli o Tôco não iria com eles, o miúdo pegou a chorar dizendo que queria ver o ribeirão e por fim prima Justina concedeu.

Ora, teve graça? Não teve, com o Tôco não teve, pois o peste não cismou de tomar a vara da mão de Marli?, e como ela não lha quis entregar desandou num berreiro que ecoava na mata, “vou dizer p’a mãe que a Ma’li não me deixou pescar”. Marli não tinha paciência e disse pro Nêu dar jeito no irmão, “qu’eu não aturo esse traste” sendo que o Nêu era mais jeitoso, entregou-lhe sua vara e ficaram os dois num canto espiando o anzol na água, enquanto a Marli enraivada arredava-se um pedaço, ia pôr-se mais distante, quase de costas. Bem que não queria, dizia consigo mesma, afinal desencontravam de idade, ela sendo maior não tinha como brincar com um menino de seis anos e aturar-lhe as manhas, “manhoso” berrou-lhe de longe no auge da irritação e o Tôco escutou, “Nêu, mand’a Ma’li num chamar eu de manhoso” mas o Nêu só espiou na direção da prima, tinha medo de seus rompantes, já a conhecia bem, de longe Marli insistindo em irritar o pequeno, “cagão, borrou-se nas calças, pensa que eu não vi?, eu vi” apois, pobrezinho do Tôco, um dia antes tivera desando mode uma qualquer bobagem que pusera na boca, nem tinha tempo às vezes de ir ao banheiro, porém acontecia, escapava mesmo, a Marli tinha visto e achou de espicaçar o menino pelo desgosto, de vergonha o Tôco de novo desatou em berreiro para não mais parar, “Nêu, quero i’mbora” e o Nêu teve de levar o menino de volta para casa, de longe Marli inda ouvia os gritos dele trilha afora dentro da capoeira. Agora estava só, ria-se consigo mesma, livrara-se do Tôco, não se livrara? Pois era o que queria, mas a pesca havia-se acabado.

E foi: certa manhã de domingo semanas mais tarde resolveu o passeio, sozinha bateu-se pro curral, a hora matinal calhava, Marli cedo punha-se de pé, sete horas já havia tomado café e sem que ninguém soubesse pusera-se a caminho. É que Marli poucas vezes fora ao curral, distava uma trechada boa, não teria pelo menos uma hora de caminhada ou mais andando ligeiro? Sentiu-se mais livre assim sozinha na estrada, ao deus-dará no dizer d’iá Didinha, sem o Nêu nos seus calcanhares, livre do Tôco enjoado, queria ver os bezerrinhos que o pai dias antes referira, umas crias novas tão engraçadinhas – mas ainda que pudesse ir na companhia de seu Umberto ou mesmo convidar Juliana para o passeio, não, não lhe agradava de ninguém a presença, “ao deus-dará” pensou abrindo os braços, e um vento veio quase levantando-lhe o vestido branco de tricolina, leve que qualquer brisa soerguia, teve de baixá-lo, ajeitá-lo com as mãos, porém não se incomodou, ninguém estava ali para ver suas pernas belas e alvas ao sol nascente, por um tão curto instante nuas, nuas...

Mas será que Mãe não iria zangar? lembrou-se, porém só depois de quase hora de estrada, pelo menos podia ter dito adonde ia, se bem que – consigo ponderava – dissesse e a mãe decerto exigiria que o Nêu fosse junto, “não me vá andar por longe sozinha, leve seu primo consigo”. Marli

não podia compreender por que um tal cuidado, havia perigo num simples passeio? Ora, o gado andava pela internada mais ao longe, e a Dourada, a vaca perigosa, já desmamara a cria há tempos, meses!, não havia mais que ter cuidado com ela, sem cria era inté mansinha, mas por outra, inda que houvesse qualquer risco, a companhia do Nêu seria de alguma serventia? Nada que nada, o Nêu era travado, bobo, capaz de ser o primeiro a correr...

“Ao deus-dará...”

Sim, ao deus-dará, era como se sentia recebendo no rosto essa brisa fresca, o sol que daí a pouco se tornaria quente naquele março que já caminhava do meio pro fim, e vez por outra parava para descansar, olhar o mundo à sua volta, a paisagem sinuosa de montes e vales, pintalgada de um gado mais miúdo que por ali restava, tudo aquilo ao seu pai pertencia e Marli tinha muito orgulho em saber-se dona, bem, quase dona, um tanto dona afinal – se era de Pai, era dela e da mana Juliana, “também meu, no futuro...” Marli não era nada boba.

Porém no curral não havia ninguém naquela manhã: domingo a peonada desguiava, cada qual pro seu lado, alguns indo procurar a família, outros caçando divertimento parco em Sertãozinho, ou esticando inté a Vila entre Sertãozinho e a fazenda Laguna, enquanto outros... seus rumos. Era domingo. Marli não ignorava que errando prum certo galho de caminho ia dar na casa do Agenor preto, um barraco de pau-a-pique e sapê, tão só três cômodos – uma vez estivera lá com o pai –: a cozinha preta de fuligem, uma salinha exígua provida duma mesa cambeta e dois tamboretas, e o quarto do peão. O chão era de barro, e as paredes por dentro haviam recebido um reboco melhor, mais fino, de cimento, porém do lado de fora ficara no barro puro, mil rachaduras, à vista o entrançado de pau e bambu, os amarrados de cipó e arame. Agenor tinha pintado as portas e janelas de azul (duas portas e duas janelas, quadradinhos miúdos que de pouca luz proviam o interior dos cômodos).

Da chaminé subia uma fumacinha rala, o peão àquela hora devia de estar preparando o café, imaginou-o fritando na gordura de porco fatias de angu mexido de véspera. No canto do terreiro um cachorrinho miúdo, costelas à vista, soltou um latido ranzinza e depois desistiu, abanou o rabo, veio cheirar os pés da menina. Escutando o cachorro, Agenor botou a cara do lado de fora, espantou-se, será que seu Umberto andava por ali à sua procura?

– Bom-dia, Agenor – disse Marli abaixando-se: acarinhava o cachorro, que já se fizera seu amigo.

– Essa menina, então seu Umberto anda por aí?

– Não, Agenor, papai não veio. Estou sozinha, a passeio.

– Sozinha, essa menina?! Ora...!

– Por que o susto, Agenor? Não posso sair sozinha?

Mas está visto que sim, nem ao Agenor cabia ser contra, disse-o, se o pai da menina não s'importasse, mal nenhum num havia não, só o que ele achava é que alguma vaca pelo caminho podia estranhá-la, porém Marli explicou que não havia encontrado vaca nenhuma, o perigo seria a Dourada que, no entanto, já desmamara a cria há que tempos, “e sem a cria a Dourada é até mansa”, “ah, mas é sim, a Dourada... menina Marli não toma o café aqui do preto?”, Marli aceitava provar o café “pra ver se o Agenor sabe fazer um bom café, que nem minha mãe”, e chegou-se à porta da minúscula cozinha, permanecendo do lado de fora, apoiada ao portal.

– Pois que nem Don'Eulália eu calho de num saber, mal me ajeto, é porém o que me basta, num sabe, essa menina?, cá não tenho muitas precisões, de luxo descareço.

A água na chaleira preta de ferro tardava bem a fervura, mesmo com o fogo alto. Agenor pôs mais lenha e apanhou vasilhas – o coador, uma colher, duas panelas, umas canequinhas de ágata que de copo de vidro nenhum não dispunha, um prato de alumínio com amassados muitos, inda servia, e uma lata de Leite Glória, via-se o rótulo escalavrado, “qu' enquanto a água ferve mode coar o café vam'inté a bica” e saiu, meteu-se por um caminho que ia dar num alto barranco, ali à sombra dum pé de manga havia uma biquinha, nascente que brotava por debaixo duma pedra: o Agenor havia cavacado fundo, por um pedaço de mangueira a água corria bastante, duma clareza e frescura que nem outra; no cimo dum pau fincado no chão uma tábua pregada à feitio de mesa, ou batedor de roupa, agachado ia lavando as tralhas e pondo-as ali, areava com areia e um sabão português, o Agenor não se desprovia de higiene, servir café pra filha do patrão em caneca pouco limpa não era coisa de cabimento, “eu ajudo levar de volta” disse Marli, que o havia acompanhado. “Agenor, por que você não tem mulher?” Marli perguntou apanhando com cuidado as vasilhas limpas, “não precisava ter esses trabalhos, lavar a louça, a roupa...”, e o Agenor, enquanto se levantava devagar, de ficar agachado tanto tempo as cadeiras endureciam, devia de ser um reumatismo que produzia essas dores, e pensou no Lucas que em Rio Belo consultara doutor e viera de volta com vidro de remédio diferente; devia de ter feito o mesmo, lembrava de perguntar ao Lucas o nome mode encomendar na botica de Sertãozinho?, lembrava, mas só no se levantar, estando agachado, quando se ressentia dessa dificuldade; porém respondeu: “serviço miúdo, essa menina, j'acostumei”, e mais adiante “casar não calhou, num sabe?, tem uns que casam, outros já não sucede... é... o mundo é por essa maneira...”, “ah, mas garanto que você deve ter-se agrado de alguma moça” a Marli agora entrava na cozinha, logo se prontificando em ajudar o preto a fazer uma

arrumação: retirou a toalha da mesa e sacudiu, dando de mão num pano de prato encardido secou as vasilhas e o chão varreu com vassoura de alecrim – muitas cascas de legume e restos de verdura, uns ossos de galinha, tudo jogou para o terreiro, porém não deixando ali em frente à porta continuou varrendo até mais pra fora; enquanto isso o Agenor ia coando o café e explicando seus afetos, poucos, não se repetem neste ponto que já os conhecemos. Marli deixou do lado de fora a vassoura, de novo adentrou a cozinha. Ali a mesa, adonde o Agenor passava o café cheiroso, cá do lado de cá um toco largo serrado reto na parte de cima mode servir de tamborete, mas havia ficado meio baixo; Marli foi sentar-se nele, donde vigiava o peão. A moleca no sentar-se o vestido subira, desvelando suas pernas até o meio das coxas, ela fazia aquilo de propósito?, “quero ver se ele vai olhar” pensou, mas por enquanto o Agenor estava de costas, terminava de passar o café e servia, adoçava com colherinha de açúcar, voltava-se agora para ela entregando-lha, “ele vai ver... será que vai continuar olhando?” e como sem perceber o que fazia bebericou o café espionando noutra direção enquanto entreabria as pernas um pouco, e mais um pouco, “até ele enxergar minha calcinha”. Esteve assim muito tempo, que ele espiasse à vontade, deixava, sentia nas partes uma quentura... Que o Nêu, tinha hora ela sentia raiva do primo, tão bobo que era, “de que adianta ser bonitinho?”, pois aquele dia no ribeirão, depois de colherem goiabas haviam ficado juntinhos espionando o rio correr, suas mansas águas quase imóveis, e Marli tinha pedido ao primo um beijo, em seguida deixando-o botar a mão nela... O que fez o Nêu depois disso? Envergonhava-se, dias permaneceu arredado, via-a de longe e s’escondia, prima Justina até veio querendo saber, “Marli, você e o Nêu brigaram de novo?” mas não, não tinham brigado, “então por que vocês não brincam mais juntos?” e a Marli nem soube o que dizer, “sei lá, ele que não quer” sem atinar de momento com uma boa história, até que foram se acertando de novo, o Nêu levou bem quase uma semana para reaproximar-se, muito vergonhoso nem espia direito na cara da prima. O Agenor era feio, e de cor, e tinha um cheiro forte, “é o suor da lida, se tomar banho o cheiro some...” Marli, no entanto, susteve-se: mode que lhe ocorriam tais idéias? Que tinha se o Agenor era feio e preto, e se exalava um cheiro? Que o Agenor não!, ela nunca que o deixaria pôr-lhe a mão: “Nunca!... O Nêu eu quis... mas ele é meu primo, e é bonitinho, branco”, o Agenor só era bonzinho, Pai gosta do serviço dele e já Didinha apreciava quando ele aparecia de visita, “muito prestativo” ela dizia... “Eu só quero que ele olhe”, e quando Marli se voltou para o Agenor viu que ele espia, do jeito que se sentara enxergava-lhe a calcinha cor-de-rosa, percebera que a menina se virava para ele?, desviou os olhos, adiantou-se, “essa menina, Marli, quer mais café?”, “não, Agenor, obrigada, gostei do

seu café” e lhe sorriu sem nenhum embaraço, olhou-o direto no rosto enquanto devagar se recompunha, levantou-se e saiu para o terreiro.

“Ele estava olhando para mim...”

Porém ela se demorava, decerto a mãe já dera por sua falta, mandaria procurá-la?, por enquanto não, Marli muitas vezes saía sem dizer nada, ora com os de prima Justina, ora sozinha, Mãe já acostumada, desde que não se demorasse tanto, portanto era preciso voltar, se lhe perguntasse diria “andando na estrada, mãe, fui até lá na frente”, então se virou de súbito para o Agenor que, de dentro da cozinha, espiava para ela enquanto fingia arrumar coisas na prateleira, “até logo, Agenor” e já se afastava, voltou, “Agenor...”, “menina Marli...”, “...não diz pra ninguém que me viu hoje?”, “digo não, essa menina, se é de seu gosto”, “é, Agenor”, “digo não, menina, digo não” e Marli correu de volta estrada afora, saltitando, sob o sol forte sua testa a porejar gotículas de suor.

– 31 –

Ninice havia completado treze anos, porém sem festejo. Era vez, aniversário não seria motivo de alarido – a não ser nos quinze anos, idade por demais importante: segundo planos de sinhá Felícia, haveria uma grande festa para os quinze anos da filha; diferindo disso não cabia, a não ser um presente bonito, pregadeira de marfim mode prender os cabelos ou tetéia de ouro pro peitilho do vestido, um broche no formato duma joaninha com olhinhos de brilhante que encomendara a um ourives de Águas Claras, para o que não careceu viagem àquele longe lugar: haviam mandado o Leocádio com instrução, sendo para a gente da Macambira não tinha erro. O almoço contava além da Lurdinha e do menino Titico, únicas crianças a compartirem com Ninice a especial ocasião, com a presença de padre Porfirio e de sinhá Lúcia Helena, já pesadona, mais o esposo, Augusto; também tendo por lá comparecido, mas por acaso, mode tratar de uns assuntos próprios de fazenda, o capitão Elviro com sua cara larga, seus péssimos dentes e sua vesguice, donde que parecia vigiar pra duas direções diversas. Lúcia Helena não se esquecera de levar um agrado, cordãozinho de ouro com medalha no formato dum coraçãozinho, no centro do qual um rubi rebrilhava seu sangue, “o rubi significa o amor” tinha lhe dito a jovem senhora sentando-se na cama da menina mode o cansaço, pesada como estava não se tinha de pé por muito tempo; “o amor quando chega ao nosso coração” continuou, “é quente, aquece-nos por dentro até a alma, assim o vermelho da pedra representa essa quentura gostosa” e enquanto sinhazinha admirava toda embebida a jóia acrescentou “mas você terá tempo de descobrir o amor por si mesma” fazendo-lhe um carinho nos cabelos, “assim como você descobriu, não é?” Ninice perguntou, “sim”

respondeu a amiga, “como eu descobri”, mas Ninice calou-se virando-se para que ela lhe pusesse o cordão, não queria revelar seu segredo, por enquanto não podia dizer-lhe – nem a ninguém – “eu já descobri o amor”. Capitão Elviro alegrou-se por chegar em tão boa ocasião, desculpou-se perante sinhazinha por não lhe ter levado uma lembrança, “apois, dá-se que eu desconhecia a importância da ocasião, mas deixa estar que providencio encomenda, mesmo com atraso a envio”, e com toda sua feiúra curvou-se para beijar a mão de Ninice. Padre Porfírio, porém, entregou-lhe um pequeno Evangelho encadernado em couro com lindas reproduções de iluminuras e gravação a ouro na capa, “para que nossa princesa vá se instruindo sempre na vida de Nosso Senhor”, mas o Titico, que desde o falecimento de iô Possidônio ficara aos cuidados do padre, não dispendo de presente para ofertar, um tanto arredado resguardava-se, só cumprimentando a aniversariante no que o instigou o tutor, mesmo assim estendendo a mão sem apertar a da menina. O Titico era desses que se tolhiam ante as graças de Ninice.

Eram dias de alegria na Macambira? Talvez esses momentos se coroassem d’alguns sorrisos, uma mesa em volta da qual na hora do almoço se reúne a gente mais chegada mode celebrar uma data feliz nunca está falta de algum contentamento, e a casa adonde os amigos proseiam variados assuntos sempre em derredor duma só luz, os olhos de uma menina que se descobre para a vida, não pode ser uma casa triste. Porém, quando todos se vão – Lúcia Helena mais o esposo; padre Porfírio que num desvão beija sinhá Felícia e lhe sussurra loucas palavras; capitão Elviro com seus olhos enviesados – quando todos se vão e ficam só os de casa, porventura não resta o peso duma sombra, não nos cômodos adonde a noite principia a fechar-se mas no coração de cada um?

Pois sinhá Felícia trazia esse peso consigo na forma daquele amor perigoso por padre Porfírio, mantido em estrito sigilo mode não se observar nenhuma alteração em seu rotineiro viver: sempre em casa o mais das vezes, o sair era com os mesmos fins de que se ocupava há anos, os auxílios à pobreza, o povo de Serradinho acostumado a vê-la acompanhada de padre Porfírio, por último às vezes do menino Titico também, percorrer aqueles socavões para levar o mantimento, o agasalho, o remédio, não faltando o conforto da Palavra de Deus que padre Porfírio, apesar da frieza de uma vocação perdida, não deixava de ministrar – enquanto fosse padre seria esse seu mister. Com o falecimento de iô Possidônio padre Porfírio tomara uma atitude que logo produziu vasto comentário em Serradinho, o povo elogiando o generoso coração do sacerdote enquanto as beatas se curvavam diante da quase santidade que lhe vislumbravam: recolhera para sua casa o menino Titico, “uma criança” comentou intencionalmente com um ou outro de seus fiéis, “como podia permanecer sozinho naquele ran-

cho no meio do mato?” e acrescentava: “Tenho planos para ele. Por enquanto frequenta a escolinha local, mas pegando mais idade mando-o para o seminário, será padre também, inda há de rezar uma missa em nossa igreja”, e o povo enlevado tomou conhecimento desses santos projetos intê com uma certa inveja, não por mal, que entre si diziam “o Titico é abençoado”, e reconfirmavam “abençoado!” chegando a entrever-lhe quem sabe uma auréola à volta dos cabelos. Para sinhá Felícia, no entanto, a verdade: “Agora, Felícia, temos um álibi”, “um álibi? Você quer dizer o quê, Porfírio?”, “ora, não percebe? Já não precisamos nos preocupar por não termos um lugar seguro para nós, pois já o temos: poderemos nos encontrar aqui mesmo, o Titico será nossa testemunha” e mais uma vez sinhá Felícia estremecia, pois se lhe apavorava usar o menino como testemunha de sua honra e em seu espírito aquilo lhe provocava um sentimento de repulsa, de sua carne sedenta sabia não ser capaz de resistir — e foi assim que, tendo padre Porfírio com muitos agrados e boa conversa instruído o Titico em como devia proceder quando lá estivesse sinhá Felícia (“A senhora dona Felícia vem estudar a Palavra, Titico, e quando ela estiver comigo lá dentro, você fica por aqui, pela sacristia. Se alguém chegar procurando-me, mande esperar aqui e vá até lá avisar-me. E ainda, é muito importante isto: não diga a ninguém que nós ficamos sozinhos lá dentro! Caso alguém faça qualquer comentário, diga que está sempre conosco, que também estuda as Escrituras junto com a senhora dona Felícia”) e tendo Titico compreendido bem, não só a importância do segredo mas com o tempo, nada bobo, sua verdadeira natureza, o padre e a senhora da Macambira passaram a ter regularmente uma vez por semana, quando não duas — porém sem exageros que não fossem denunciá-los —, uma tarde inteira de folgança sob a vigilância idônea e inquestionável do menino de falecido iô Possidônio. E se por um lado sinhá, instigada pelo fogo que devorava suas entranhas, já não podia deixar de comparecer àqueles encontros semanais, por outro, pegando-se sozinha em seu quarto depois dum dia festivo como aquele em que se comemorara com a simplicidade de um almoço os treze anos da filha, via avizinhar-se essa sombra — esse peso —, vir em sua direção com seus muitos espinhos, seus ferros em brasa...

Diferente ocorria com Coronel Pantaleão, agora que principiando o dia a declinar ele se retirava da varanda para dentro de casa com seu manquitolar do joelho ruim? Não, coronel também não folgava desse peso que a tudo parecia abranger, a cada um mostrando suas diversas arestas, suas duras asperezas, pois apesar da festiva alegria do almoço, das chalaças que ele por vezes pronunciava seguidas de suas risadas grossas a encobrir o ser de seu íntimo amargurado, desde aquela última visita a nh'Argemira perseguia-o a figura duma lápide de sepultura que a bruxa velha lhe referira, “uma sombra na vida de sinhazinha”. Perseguia-o também a lembrança

dos olhos vermelhos de Francisquinho em seu penar, “perdido no vento” nh’Argemira num devanear místico vira-o no copo d’água. Suas noites, suas madrugadas agora mais insones, passava-as coronel sempre na varandinha dos fundos, aboletado na cadeira do costume, esperando... esperava pela volta do filho, que por fim viesse falar-lhe pois “eu tenho agora o coração limpo”, seu maior desejo escutar uma vez ainda a voz de Francisquinho, conhecer esse mistério que do outro lado o afligia e o impedia de encontrar repouso. Mas Francisquinho não vinha. Coronel teria mesmo o coração limpo? Bastaria para que o moço desencantasse seu simples e sincero desejo de ouvi-lo, mesmo sabendo-o uma alma penada a vagar nesse entremeio de dois mundos, um deserto, “uma ventania”? E pitava, no vagar assombroso ia pitando, a fumaça do cigarro a recender pela varanda inté o meio do terreiro, lá também chegava o fartum, às vezes um vulto silencioso vinha vindo — mode saber se o patrão carecia de alguma coisa o Graciano passava por ali, tirava um dedo de prosa mais ele, requeria licença para recolher-se, e de novo sozinho Coronel Pantaleão submergia em seu cismar.

Porém nesses fins de tarde o senhor da Macambira recolhia suas amarguras para a sala adonde via com vagar a noite entrar pelas janelas abertas, ali sozinho sentado em seu canto, por vezes aparecendo a preta Apolinária mode saber se nhô coroné se agradava dum café forte coado na hora, ou se tinha algum mandado, qualquer urgência; outras vezes era sinhá Felícia quem vinha fazer-lhe companhia por alguns momentos, conversavam pouco, às vezes desimportâncias, sinhá Felícia referindo suas últimas visitas de caridade e aproveitando para espionar o jeito do marido, suspeitaria de alguma coisa?, naquele seu ausente conduzir-se disfarçava uma desconfiança, ou dela ou de padre Porfírio?, não, não lhe parecia; às vezes porém mostrava interesse por aquele relato já antigo que ele fizera das aparições de Francisquinho “e se o senhor meu marido se sentir à vontade para tocar no assunto...” (quando então o escutava séria, compenetrada, já admitindo inté a hipótese de ser mesmo a alma do rapaz), como naquele dia da arte de Ninice que sem consentimento botou-se pr’a choupana de nh’Argemira e em que, ao chegar em casa e pr’ali permanecer remoendo seus terrores, sinhá Felícia veio conversar com ele; então lhe relatou as palavras da bruxa velha, falou de seu maior medo, sinhá ao fim se retirando presa de terríveis presságios, dividida entre a culpa que lhe verumava a consciência e a impetuosidade de seu corpo a ansiar por amor — amor, o puro amor, que lhe importava se insano e pecaminoso?

Depois de muito estar ali coronel subia — mas só de raro em raro, mode o joelho ruim — para o quarto, adonde mesmo sem dormir descansava na cama um pouco inté mais tarde, a hora da janta; dava-se, como naquele dia de júbilo fugaz dos anos da filha, mode um alívio pros pés des-

calçar as botinas, refestelar-se na poltrona, e ao levantar-se, caus'de que seu corpo desajudava no calçar as botinas outra vez, subir assim mesmo em meias, em silêncio, nem se escutando seus passos...

Mas a Lurdinha não tinha ido embora: ela e Ninice inseparáveis, a moleca 'panhara o costume de ficar inté mais tarde no quarto de sinhazinha em proseio, sempre teriam o que conversar mesmo ali na Macambira, adonde novidade nenhuma não sucedia. Ninice perguntou à Lurdinha se ela não gostava de ninguém, ou por ali ou por Serradinho, onde fosse, "você não viu ainda um rapaz que seja do seu agrado?" e a outra, duma pergunta assim inté s'encolhia um pouco, vinha-lhe um calor nas faces, mesmo tendo com sinhazinha liberdades de amiga pejava-se de tocar em tal assunto no referir-se a si; mas Ninice insistia, Lurdinha era uma menina graciosa, não sendo bonita, e desde que fora se fazendo mocinha sinhá Felícia fora também melhorando-lhe as vestimentas de maneira que agora possuía uns bons vestidos e bons modos, e por isso fazia figura, espigada de corpo e alta para seus catorze anos, desenvolvera-se e já não escondia a idade, o volume dos seios sobressaindo; Ninice também — e então empinava o corpo para mostrar — já principiava a ter seios. "Os meus são maiores" disse a outra, e Ninice não titubeou, "mostra!", Lurdinha de novo se encolhendo, "mostrar?", ora, sinhazinha tinha cada uma, "mode quê" perguntou fazendo jeito de descaso, "pra ver se são mesmo maiores" e reiterou "mostra, que eu mostro os meus". Lurdinha permaneceu indecisa, envergonhada?, levantou os olhos e deu com sinhazinha que a encarava, mordeu os lábios contendo um sorriso, "está bem" disse, "mas ligeiro", "ligeiro", e ambas desabotoaram os peitinhos, os vestidos de cada uma resvalando pelos ombros quase ao mesmo tempo, revelando suas veladas belezas, os seios firmes da Lurdinha, os de sinhazinha Ninice em botão, "os seus são mesmo maiores, mas só um pouco", "é que sinhazinha ind'tá se desenvolvendo", "e você também, ou já pensa que é gente grande?", "não é isso, sinhazinha, é que eu sou um ano mais velha, já me desenvolvi mais", e as meninas semi-nuas contemplaram-se com inocente curiosidade. Ninice estendeu a mão para tocar a outra, que riu de ter sentido cócegas e um pouco se encolheu; mas subitamente séria aquietou-se: encantava-se diante da nudez infantil de sinhazinha, tocou-a também com a ponta dos dedos, depois colheu nas mãos trêmulas de um contido anseio os dois peitinhos pequeninos, sentindo os olhos marejarem, e curvou-se, roçou a face, os lábios sobre os pomos macios que, feito frutos maturando, segurava com ambas as mãos, enquanto Ninice, consentindo, descaiu os braços, e depois afagou-lhe os cabelos, o pescoço, descendo a mãozinha leve pelo ombro, pelo braço...

...a mútua carícia das meninas, seu colo branco e macio à luz que provinha do lampião em riba da cômoda, um arrepio na pele como que de frio, mas não sendo e sim dum suave prazer...

— Então, Lurdinha, me diz: você ainda não se agradou de ninguém?

Ara!, de novo Ninice com essa conversa!, e se recompunha, ambas se recompunham, abotoavam os peitinhos resguardando suas doçuras, “inda não” respondeu por fim, mas queria muito, era seu maior desejo encontrar um rapaz assim bonito que se agradasse dela e por quem ela também ‘panhasse afeição... haveria de ser muito bom!

— Ah! — Ninice exclamou —, você não sabe, e eu nem sei explicar — porque ela já encontrara seu amor e por ele esperava, que um dia haveria de passar a porteira da fazenda e chegar até o meio do terreiro, e se sonhava com ela também conforme nh’Argemira havia garantido, “e olha que nh’Argemira sabe!”, reconheceria a casa e no que ela aparecesse na varanda ambos se reconheceriam, então o moço pediria licença mode entrar e conhecer sua família...

— Meu noivo — disse, sonhadora.

Coronel Pantaleão tinha por costume vigiar as conversas da filha com a Lurdinha? Coronel, nesses poréns, não tinha desconfiança de Ninice: filha de quem era, algum moço de fora, falto de posição, iria nela botar os olhos com mau intuito? Todos sabiam que a princesinha da Macambira estava destinada a se casar com homem rico, feito o pai dono de propriedades, e mesmo sendo certo que no que ia se fazendo mocinha muitos deviam espiar para ela com cobiça, ninguém a mais se atreveria — dirigir-lhe a palavra em proposta de namoro —, donde que sinhazinha vivia bem resguardada. Fuxicos dela com a menina de nhá Emerenciana? Ora, coisas de criança, brincadeiras; investigar mode quê? Não cabia...

— Eu já tenho um noivo, Lurdinha — ainda como quem sonha acordado, mas logo com convicção: — O *meu* noivo...

Porém o coronel andava pela casa em meias; do quarto de Ninice, no ele cruzar o corredor, vinha a conversa dela mais a de nhá Emerenciana, conversa que lhe chamou a atenção mode umas palavras colhidas sem querer, que entender bem o que a filha dizia coronel não entendeu, não as frases de comprido, por inteiro, mas só uns salteados pedaços em que a princípio ele nem prestou atenção... porém a filha não falava de um moço que havia conhecido?... Esperava por ele, ali na Macambira?... “Seu noivo?”

Coronel, mortificado, tomando por grave afronta que uma filha sua principiasse namoro e disso fizesse segredo, sem lhe requerer consentimento mode avaliar se convinha — que não convinha!, pois afinal já se julgava adulta para estar de assanhamento? pensar em homem?, e por pior, mantendo tudo às escondas, em sério desrespeito a pai e mãe! E dum encontrão

estrandou para trás a porta do quarto de Ninice que, mais a Lurdinha, de susto pularam da cama: diante delas Coronel Pantaleão, a carranca de suas feições medonhas, o olho severo a vigiar ora uma, ora outra, a voz poderosa ainda sem se alterar — que se os seus gritos produziam sobressaltos, aquele seu tom pausado de contidas ameaças causava pavor:

— Então a minha filha já anda de namoricos sem me dar qualquer satisfação! — avançou um passo: — Pois não foi bem isso que escutei ind’agora, quando passava aí defronte ao vosso quarto, senhora dona Berenice? E até já o considera seu noivo, que vai pedir licença mode entrar e conhecer a família?

Teria cabimento prum cristão que o dia dos anos de Ninice, de fugaz e enganosa alegria, terminasse em vera tristeza?

Ninice percebeu que o pai escutara suas palavras sem as compreender, mas calou-se, baixando a cabeça. Lurdinha, do outro lado da cama, vigiava com terror ora a amiga, ora o pai dela.

— A senhora dona Berenice se cala? Não tem uma explicação a me dar? — prosseguiu severoso o pai, braços cruzados, diante da filha.

— Não tenho nada a dizer, meu pai, eu nada fiz de errado.

Coronel respirou fundo.

— Antão vosso pai não escutou a senhora falando em homem, inté lhe chamando seu noivo?

— Eu não sei o que o senhor meu pai escutou — ela respondeu, sempre de cabeça baixa e a voz contida —, mas sei que nada disse nem fiz de errado.

— Já que você, minha filha, não quer admitir — e então coronel voltou-se para a Lurdinha —, a senhora dona Lurdes há de me referir tudo...

— Pai...

— Cale-se — coronel ergueu a mão, manteve-a erguida enquanto encarava a Lurdinha —, que eu lhe dei oportunidade para falar mas a senhora não quis. Muito bem, senhora dona Lurdes, estou escutando.

— Eu não sei de nada não, nhô coronel — a Lurdinha descontrolada, nem acertando com o que lhe saía da boca —, não posso dizer nada sem consentimento de sinhazinha...

Requeria mais?... Para coronel bastava — bastava que a filha lhe escondesse suas poucas-vergonhas, bastava que uma desvalida o desafiasse: aproximou-se dela ameaçador e curvou-se em sua direção, “eu lhe fiz uma pergunta, moleca” sua voz cortando conquanto ainda falasse baixo, pausado, os olhos um ferro em brasa, “e estou esperando pela resposta”, porém a Lurdinha apenas a medo levantava para ele os olhos chorosos, “por favor, nhô coronel...”

— **Responda!** — e golpeou a menina de nhá Emerenciana no rosto fazendo-a cambalear, e já não com brandura mas tomado de fúria agarrou-

a pelo braço, “vosmecê há de falar nem que eu tenha de lhe arrancar tudo pela força” e a arrastou para fora do quarto. Ninice quis intervir em favor da amiga, mas foi também colhida no rosto por uma bofetada na qual coronel não poupou a mão, e caiu meio tonta na cama com os lábios sangrando. Os berros da Lurdinha se escutavam por toda a casa: coronel, tendo apanhado dum prego na parede do corredor um relho antigo que restava por ali sem uso, só de enfeite, arrastara-a escada abaixo, e já na sala, como a menina ainda teimasse em não lhe dizer sobre o que conversavam, surrou-a, vergou-lhe os braços e as pernas com o couro, e ainda batia quando, encolhida no chão entre a parede e a cristaleira, a Lurdinha gritou:

– Pára, nhô coronel... pára pelo amor de Deus!... eu falo!... eu falo!...

Em face de tal destampatório sinhá Felícia acudiu espavorida, Apolinária e mais umas negras que na cozinha adjutoravam vieram ver, na sala encontraram Pantaleão de pé, as feições transtornadas pela fúria, e no chão, com vergões pelo corpo e os lábios sangrando, Lurdinha soluçava, soluçava...

Quase sem ar, Coronel sentou-se. Todos espiaavam para ele sem palavra.

– Essa descarada tem alguma coisa a nos dizer acerca de nossa filha, senhora dona Felícia. Se a senhora não sabe, a moleca já anda de namoros!

E virando-se para as negras:

– Raspem-se daqui, já, negrada do inferno!

Na sala ficaram apenas coronel, a menina Lurdinha e sinhá, que a ajudou a levantar-se, acariciando-a para acalmá-la.

– Fale, minha filha – disse sinhá Felícia com voz mansa –, o que está acontecendo?

– Não é o que nhô Pantaleão está pensando não, sinhá – Lurdinha respondeu, em soluços.

Nesse momento Ninice apareceu na escada. Lurdinha avistou-a:

– Perdoa eu, sinhazinha, se quebro seu segredo... mas se eu não disser, nhô coronel me mata...

Ninice, os olhos cheios de lágrimas, uma alva figura, silenciosa deslizou de volta escada acima. Embaixo, na sala, Lurdinha falou daqueles sonhos nos quais sinhazinha disse ter conhecido um moço bonito que muito a agradara, incutindo então na idéia ser ele seu noivo, que de verdade não havia ninguém não, “ela me disse, nhô coronel, já sonhou com ele muitas vezes, mas nem o nome não sabe”, sim, havia sonhado com o moço sem nome e pegara por ele duma paixão sem medida desde o começo, “e foi pra mode saber o sentido desses sonhos que sinhazinha quis estar maí’nh’Argemira”, Coronel Pantaleão estremeceu, a bruxa!, a bruxa velha estava metida na história!, “nh’Argemira, coronel? Ela confirmou, ela dis-

se... sinhazinha e esse moço do sonho são um do outro prometidos” e tendo dito tudo Lurdinha desatou num choro desconsolado por ter delatado a amiga, já não lhe doíam as pancadas mas a cometida traição. Sinhá Felícia tomou-a pelas mãos e, passando-lhe o braço pelo ombro, conduziu-a para fora, levou-a até em casa, por companhia preta Apolinária que foi na frente alumando o caminho com um farol. “Não chore mais, minha querida” a voz mansa de sinhá Felícia conchegando-a a si, “acabou, está bem?, acabou. Amanhã você procura Ninice, e tudo se acerta”, entregou a menina a nhá Emerenciana, consternada explicou, por alto, o que acontecera, desculpou-se tomada de constrangimento diante da outra, e asseverou: “Não, nhá Emerenciana, sua filha não fez nada de errado. Pantaleão é que não passa de um animal”.

Sozinho na sala às escuras Coronel Pantaleão, abismado, medita.

Lograva enfim compreender o sentido da ameaça a pairar sobre Ninice? Uma idéia preenchia-lhe de súbito o entendimento: nh’Argemira seria a culpada de tudo, “suas bruxarias” disse consigo mesmo, sim, por artes de bruxaria a feiticeira fizera surgir nos sonhos da menina aquela assombração na figura dum moço bonito que buliu com o coraçãozinho dela; com que fim?, depois, não era ele um homem conhecido por seu rigor?, (coronel recuava da palavra *maldade*, sendo *rigor* a de sua escolha, um homem na sua posição é tão só rigoroso) não granjeara pela vida inimigos que encomendariam à velha um malefício mode atingi-lo através daquilo que de mais sagrado possuía, sua filha? Parecia-lhe claro como as águas da Macambira: Ninice estava obsedada por efeito de pesada mandinga, “obsedada, ou inté louca!”, a loucura, no seu ver, uma espécie de morte não menos assombrosa e terrível, “apaixonar-se por um moço que só existe no sonho e esperar que ele apareça aqui mode pedir-lhe a mão!”, pois ver Ninice morta lhe doeria como um espeto de ferro em brasa furando inté o fundo da alma, mas vê-la doida, assistir à degradação diária da filha inté o fim da vida seria esse espeto em brasa não parando mais de furar! Coronel chega preferia que Ninice estivesse gostando mesmo dum moço de verdade, mesmo um qualquer, um reles, da lavoura, do curral, era possível tratar o caso mais a jeito, “pelo menos tinha remédio” murmurou para si mesmo, pois ali não estava o Graciano mode dar fim a qualquer entrave? Porém, podia o jagunço dar sumiço num fantasma?

“Livrá-la do mal...”

Foi o que ocorreu a coronel no fim de muito meditar: sim, livrar Ninice do mal – do perigo da loucura e da morte, e para curá-la, para salvá-la de si mesma dois remédios havia: um, padre Porfírio viria benzê-la contra o bruxedo, amanhã mesmo sem falta mandava por ele, esse remédio

afastava o demônio; o outro, seria para tirar-lhe da cabeça um descabido caimento:

“Casar Ninice...”

Essa idéia surpreendia-o por simples e inesperada. Casar Ninice? Livrá-la do mal assim, casando-a? Sim!

“...mas com quem?”

Haveria quem, naqueles brocotós?

Um nome, porém, avultou: avultava mesmo sobre outros que acaso de futuro ocorressem — interessava-o por todos os motivos: sério, possuidor de nome e fortuna, metia-se na política e não havia dúvida, chegaria a deputado, faria de Ninice uma mulher da melhor sociedade, poderia levá-la para longe da Macambira, pr’a cidade, viajariam, inté pelo mundo, lá fora, a América do Norte, a Europa... E coronel se sorriu, animou-se um pouco ao lembrar:

“Capitão Elviro Barbacena...”

– 32 –

No que seu Umberto não se instruíra Mariano explicou: em suas andanças tardava às vezes ano ou mais sem botar os pés em Corgo Seco, e a mãe se afligia com tais demoras; inda que por então não fosse o caso, pois transcorrendo maio nem seis meses fazia desd’a última vez que lá estivera, assim mesmo requeria consentimento mode viajar. Demora de uns poucos dias, disse, o menos possível, seu Umberto compreendendo louvara o amor de filho, mas a viagem de Mariano tinha um diverso propósito.

Desde que retornara à Pindoba afligia-se duma dúvida: se de verdade essa moça que lhe aparecia em sonhos seria sua noiva ou só uma doença de sua cabeça, pois se por um lado era certo que seus sonhos sempre se preenchiam da pessoa dela — com outra coisa não sonhava —, certo também lhe parecia que encontrá-la não seria fácil mode que o mundo, sendo vasto, ela podia estar em qualquer parte, ou mais aqui, ou mais l’adiente. Vamos que vivesse num lugar muito longe: encontravam-se algum dia? De que maneira se no mundo, polo seu tamanho, um só homem não sucede percorrer todos os caminhos?

Agora, dando-se o que nunca podia esperar, Juliana de seu Umberto, moça fina, de tantos estudos, dizia gostar dele. Mariano ainda se tinha em si: descabia uma tal novidade, ele mal principiava a soletrar na cartilha e a rabiscar com o lápis no caderno as primeiras frases, na presença de senhorinha Juliana o que se sentia era um ninguém, um peão ignorante, podia assim ambicionar a posição de noivo dela, e pra depois, de esposo? Porém ela lhe havia garantido que seu Umberto fazia gosto, “meus pais são pessoas simples” dissera, as palavras pronunciadas com delicadeza,

jeito de falar de pessoa instruída, “papai quer apenas que eu me forme em veterinária primeiro” inda mais aquela, Juliana fazia tenção de ser doutora, porém dizia “mas nada disso impede que fiquemos juntos”. Havia um princípio de namoro? Juliana pegava em sua mão para ensinar-lhe, ia guiando no traçado das letras mode ele treinar bem, mas às vezes pegava também só por pegar, para apertá-la entre as suas tão finas, olhando-o daquele jeito que o encabulava. Beijara-o uma vez e aquilo lhe pareceu feito o céu se abrindo diante de si, e ele, olhos fechados, penetrasse esse lugar de delícias... recuando, porém, depois, cheio de incertezas. A situação se arrastava sem decisão de sua parte. “Você não me quer, Mariano?” Juliana perguntou nesse dia, quando ele todo se retraía depois do beijo, de cabeça baixa, esquecidos ambos do lápis e do caderno, dos deveres de escrita. Ele podia dizer que não? Que sim? Ocorria-lhe que dizer ‘não’ seria grave desfeita, depois, um que nem ele tinha direito de recusar a mão duma moça como Juliana, quando ela por vontade própria lhe concedia? Porém, dizer ‘sim’ não se revestia de pura presunção? Onde que um bruto feito ele podia aspirar a uma noiva tão delicada? Por demais enleado, em que mato de cipós se embrenhava Mariano sem atinar com a saída! O que respondeu foi o que à boca lhe veio, devagar, aos bocadinhos, quas’que sem saber falar direito:

– Juliana, a senhorinha muito me honra... eu sou um rústico... porém cabe melhor aquilatar... a senhorinha...

– Por favor, trate-me por ‘você’...

– Você... Juliana, você é muito formosa... é claro que não posso deixar de ter admiração... nem sei bem o que dizer, porém são dúvidas que tenho...

– Não gosta de mim, Mariano?... Não pode ao menos dizer se um dia virá a gostar?... Ou é por causa de outra garota?

Mariano franziu muito o sobrecenho, mordeu os lábios.

– Então é isso?... Algum compromisso com outra moça?

Mariano não lhe podia falar da menina do sonho. De que jeito uma pessoa atilada feito senhorinha levaria a sério um caso tão absurdo? Nunca parecera ao peão tão estúrdia a história de um homem apaixonar-se por uma moça que só conhecia de ter sonhado com ela, esperando apenas encontrá-la para se casarem! Referir um caso assim, pr’um lado inté que era bom, pois Juliana logo se desencantava, veria diante de si só um abobado e decidiria não perder mais seu tempo com ele – passou-lhe pela cabeça apenas que depois daquilo ela não haveria de prosseguir com as lições, ora, ensina-se doido a ler?, o que o desgostava bastante pois já conhecia as letras todas, já podia soletrar na cartilha, inté em livro já discernia algumas frases... A dificuldade dessa forma resolvia-se, mas não, a vergonha o tolheu e ele nada referiu.

— Inté quas'que acontece — gaguejou —, porém difere...

Juliana baixou os olhos um momento enquanto, com o lápis, desenhava na folha do caderno um coração atravessado por uma flecha. Pelo embaraço do peão principiava a adivinhar: ele devia ter-se comprometido com alguma moça desses sertões, de família rigorosa para quem compromisso dessa natureza não se rompe, e mesmo não gostando dela titubeava em deixá-la. “E se acanha de tocar no assunto” pensou, “deve ser isso... sim, deve ser isso”.

E lhe sorriu sem tristeza nos olhos, um sorriso franco, luminoso:

— Está bem — disse. — Quando você quiser falar sobre esse assunto, estou pronta para ouvi-lo... enquanto isso... — reuniu o material em cima da mesa: — Já é tarde por hoje, mas amanhã aprenderemos coisas novas — curvou-se e o beijou na face, e saiu, deixando-o só.

Pai estranhou ver Mariano em sua casa em antes do final do ano, “já é costume, seu moço, já é costume”, que sim — pai e mãe já tinham se acostumado às ausências longas do filho, e requereu notícias de seu Umberto, faziam ambos muito gosto de saber o filho bem colocado, não carecia mais de cabecear dum lado pra outro feito antes, inda que pai e mãe soubessem não ser por falta de colocação que Mariano andejava: era seu jeito, sua inquietude, sem tardança rompia, requerendo licença a seu Umberto botava-se pra outras paragens. Mariano porém garantia sua satisfação por ora em trabalhar na Pindoba, “por lá vou ficando, pai, inté sabe Deus quando...”, “pois é bom se firmar, Mariano” disse a mãe, recomendativa, e ajuntou “vosmecê não é mais criança, com a idade carece ir ‘panhando juízo”, “na volta, Mariano, diga a Umberto que uma hora dessas apareço mode rever o amigo” o que Mariano achou de bom alvitre, “que ele inté já comentou, mandou dizer que se fosse falta de convite...”, “pois lhe diga que uma hora dessas me arranco”.

Mais pra parte da tarde Mariano andou por Corgo Seco, disse que iria procurar nhô Viriato, “anda a reclamar de uns cansaços” a mãe informou, “ainda ontem cá esteve”, e Mariano quis saber se o velho estava doente. Estava velho, disse o pai, “nhô Viriato já não é menino, apois, a carapinha já branquejou há que tempos, e quando carapinha branqueja, bota dias na conta”. Mariano achou nhô Viriato quentando sol no terreiro de casa, de longe o avistou: sentado no chão, a cabeça branca pendida para diante, as pernas esticadas, recostava-se na parede. Parecia dormir, porém escutou os passos de quem vinha, espiou. O preto alegrou-se ao reconhecer Mariano, fez esforço mode levantar-se mas a idade dificultava, o peão segurou-lhe a mão, “venha pra dentro, moço Mariano” disse, enfim sustentando-se nas pernas, e empurrou a porta da salinha, arrastou uma cadeira, a luz do sol enchia o minúsculo aposento. Cada qual sentou-se, Mariano

inquiriu da saúde do velho, soubera pelo pai que ele padecia duns cansaços, porém nhô Viriato sabia, disse-o muito natural, “o cansaço da idade, Mariano, os anos vão pesando e a partida já não tarda”, sendo que o peão não era por esse pensar, “o senhor ainda está parrudo” disse, “de repente, o uso de algum fortificante”, porém o velho se riu, era o tempo, sem susto redizia, quem escapava do tempo? Mariano prosseguiu no referir sua colocação, por enquanto firmara-se, diferindo de seu sempre vaguear; divagou um pouco sobre a viagem a Rio Belo mode interessar o velho por essas inovações de cidade grande, e por aí se alinhavou uma prosa, no desencontro das idades nem sempre havia o que se dizer afora o de mútuo interesse. O velho porém não trazia o assunto, devia esperar por Mariano que, dum intervalo silencioso em que a conversa pareceu desfalecer, raspou a garganta. “Nhô Viriato, eu vim, não sabe?, mode uma dúvida”, fungou, vigiou a face do outro, preta, todas as rugas da idade, a boca desprovida, um murcho sorriso a principiariar, os olhinhos ainda muito vivos possuíam um brilho. “Vosmecê deve de se alembrear daquele sonho adonde avistei uma certa moça donzela”, “inda tenho de memória” confirmou o velho reforçando “apois não?” com um movimento de cabeça, “sendo sua opinião que calhava ser minha futura noiva”, “alembro, moço Mariano, pois vassuncê inté me disse muito prezar suas andanças, sendo o moço pedra que não cria limo... mas que, porém, por tal mimosura trocava inté o mundo”, “e não desdigo, num sabe?, não desdigo pois do que eu disse não arredei nesse todo tempo um cabelo, porém...”, o preto vasculha as feições do rapaz nessa entreduvidativa pausa, “...porém andam me acontecendo umas dúvidas”, “apois, vassuncê fale do que o apoquentá, se cá o preto souber resposta...”, e Mariano relatou o que por último lhe afligia: será que a moça existia mesmo de verdade, de modo a um dia os dois se esbarrarem? Pois que ele, Mariano, nunca tinha escutado um causo assim, de alguém conhecer em sonho a pessoa com quem vai se casar. Nhô Viriato porém retrucou, que soía ser coisa muito difícil, disse, mas ele conhecia um caso, “vosmecê conhece um caso?!” Mariano se espantou, e o velho lhe relatou o havido em tempos del’inda menino, “escutei de sinhô meu pai, falou-se muito daquilo”, fato que acontecera por aqueles recantos, “um conhecido de sinhô meu pai” dizia nhô Viriato, apois, era um moço escuro feito ele, inté sucedia um parentesco, uma noite sonhou e viu uma moça mulata muito bonita; no acordar não tirou mais a figura dela da cabeça, “tempos passados, parece que mais de ano depois, avistou a moça num arrastado em casa duma gente de longe, adonde tinha ido mode não sei o quê: lá viu a moça, escritinha a do sonho, não tardou estavam casados. E sabe mode que a moça aceitou casar?”, Mariano fez que não com a cabeça, “apois, que ela também de tempos sonhava mais ele!”, e depois duma entrepausa o preto sublinha sua história “foi vero, pai comentou muito o causo, às vezes

de noite durante o serão, inté uns de fora tocavam no assunto, falou-se muito”.

– Então – Mariano disse depois de pensar breve no que acabara de ouvir – nhô Viriato é de opinião que essa moça pode ser mesmo aquela que me foi reservada?

– O moço se atrapalha com isso? O que garante é seu gosto por ela, que ver gente em sonho todo mundo vê, ou conhecidos ou estranhos, mas vê, qualquer pessoa... Porém se é causo de amor, antão difere, que o amor possui segredos.

– Mas vamos que... nhô Viriato, o senhor sabe, o mundo é de Deus, grande por demais. E se essa moça existir num lugar duma tal lonjura que eu nunca vá encontrá-la? E se a gente tiver de passar a vida procurando um ao outro?

O preto ficou sério, cismativo, já o leve sorriso de seus lábios murchos desfizera-se:

– É um risco que o moço corre, é vero, pode se dar... que é ela a sua pelo céu reservada, este preto aqui não padece dúvida, porém posso garantir que o moço vai encontrar-se mais ela algum dia?

– E então, nhô Viriato? O senhor, por aí, já entende minha aflição!...

– Sempre o que manda é o bem-querer, Mariano. Se o seu é por ela, e se é firme que abaste, antão vassuncê há de correr o risco. Vassuncê está se agradando duma outra pessoa?

Mariano falou de senhorinha Juliana, a filha do patrão, “moça fina para mim, não vê?, eu nunca que botava os olhos nela com intenção”, porém Juliana quisera ensinar-lhe as letras, todas as noites sentavam-se juntos mode ela ir lhe instruindo, pegara um princípio de namoro?, nem a isso haviam chegado direito, Juliana com o tempo acabou por ela mesma lhe falar de sentimentos, “uma moça de trato feito ela simpatizar com um bruto feito eu, o senhor vê, nhô Viriato?”, porém o preto não enxergava naquilo impedimento algum, depois, a do sonho também não parecia de trato?, pois parecia, Mariano confirmou, “antão!”, e o peão se quedou imaginativo, sim, que bem podia ser que sim, por Juliana ser pessoa fina e de instrução não devia mesmo de calhar impedimento, o obstáculo porém estava naquela incerteza: pois se pudesse estar certo de um dia saber a verdade sobre a moça do sonho tudo se resolvia, “se ela tiver de ser minha na realidade do mundo, se eu encontrar com ela de verdade” disse Mariano, “mas se não... se ela não existir a não ser aqui na minha cabeça...”, pois era assim, se ela existisse apenas em seu sonho e nunca tivesse sido real, então poderia dar a Juliana a resposta que faria dela sua esposa.

– E desgostava o moço casar com essa moça Juliana?

– Desgostar – respondeu Mariano – não é o caso, senhorinha Juliana é também de muita formosura, pessoa dos melhores sentimentos – e requereu do preto uma direta instrução: – Mode isso vim, nhô Viriato, careço de um esclarecimento, vosmecê é homem sábio...

– O moço Mariano, porém, inda não entendeu uma coisa – disse o preto velho –, é que ninguém mais pode desembaraçar esse novelo. Vassuncê diz que tem amor pola moça do sonho, mas que porém não se desagradava de casar com a de verdade, por nome Juliana... De qual das duas vassuncê gosta?... Consulte vosso coração, Mariano, é nele que está a resposta, mas tendo sempre um cuidado: a escolhida será a escolhida, vassuncê não pode ter as duas, e se fizer a escolha errada, a perda pode ser grande – nhô Viriato alargou um sorrisinho matreiro, balangando a cabeça branca, miúda: – É, moço... a perda pode ser grande...

Deixando o tordilho seguir no seu vagar, o a-passo do costume, o cavaleiro prolongando-se em fundas excogitações e o cavalo aproveitando para mordicar o capim viçoso da beira do caminho, Mariano retornava para a Pindoba. Colhera algum esclarecimento para sua dúvida? Nhô Viriato não errava em dizer-lhe que só encontraria a resposta ao investigar seu próprio coração, no que porém se requeria cautela pois a perda, em caso de engano, não seria pouca – ao fazê-lo dúvida nenhuma restava de seu amor, porém uma nova pergunta provia novo embaraço: dependia de sua escolha que a moça do sonho de verdade existisse? Ou não, donde que poderia no futuro retroceder e ficar com Juliana? A só certeza: ele não poderia ter as duas, o que lhe bastava, quem de verdade ama não carece de amor nenhum além do seu.

– 33 –

Um dia no começo de setembro, pelo meio da tarde, aportou na Pindoba provindo da fazenda Laguna um peão com lastimosa notícia: seu Belmiro tinha faltado. Seu Umberto alarmou-se, “como foi uma coisa assim?” e chamou para dentro de casa “Eulália!”, Don’Eulália escutou e veio, vieram Juliana e a menina Marli com seus olhos graúdos no aguço da novidade, criança nem sempre sabe as tristezas; o peão explicou: seu Belmiro cedo estava de pé, como costume, parecia bem disposto porém por volta das nove horas reclamou duma opressão no peito; “dona Branca inté me pediu para tirar no mato umas folhas de levante mode fazer um chá” disse o peão, porém não houve tempo, “o pobre do homem deitou, e quando eu cheguei com as folhas não vivia mais”. “Que coisa!” exclamou seu Umberto, “hein, Eulália?, não faz duas semanas estive com ele em Sertãozinho,

parecia forte”. Porém o peão pedia licença, seu Umberto não reparasse a pressa, inda teria de avisar noutras casas. Montou e partiu.

Do curral chegavam mais cedo Mariano e o Agenor, que viera pra mode uma visita a iá Didinha, há mais de mês não ia por lá, saudoso de olhar o retrato d’em riba da cômoda — prosseguia o Agenor com sua esperança, seu amor por uma sombra: carecia espiar a figura, as feições gravadas no papel, mode um estar melhor em si mesmo, seu viver. Porém a notícia trazia desacerto: Mariano de pronto formulou decisão de acompanhar o patrão e família, e o Agenor por seu lado também não haveria de faltar ao velório, em cima do rasto voltou a casa mode vestir uma roupa mais de acordo.

Anoitecera por completo quando entraram no terreiro da Laguna, fazenda grande, afamada por sua extensão de terras, a quantidade de seus colonos, as vastas plantações, as boiadas sem conta — distante de Sertãozinho quase meio dia de viagem: porém uma multidão acorrera, não fosse velório pensar-se-ia em festa: seu Belmiro era pessoa antiga no lugar, nascera ali e mais tarde ao herdar de falecido nhô Demastor, sendo ele filho único, tornava-se dono de uma propriedade grande que com muito tino soube gerir e aumentar.³

Foi o Florêncio, filho único do falecido, quem veio receber os recém-chegados. Florêncio beirava os quarenta anos, era um homem alto, de atitude soberbosa, tinha mania de transitar tinindo espora e com um chicotinho na mão, que ia batendo na perna da calça enquanto olhava de esguelha o em-volta, quem estivesse. Naquele dia parecia acabado, os ares, cadê?, o chicotinho, cadê?, nem esporas, os olhos sumidos numas negras olheiras de tanto chorar, a palidez do rosto, sua aparência dizia de seu sofrimento. Todo homem forte tem sua hora de desfalecimento, a dor tem o poder de dobrar os mais bravos.

O caixão fora posto em cima duma larga mesa de carvalho na sala grande, e em quatro castiçais de prata quatro velas rebrilhavam, misturando-se no ambiente o cheiro enjoativo de cera e o perfume das muitas flores que coloriam a morte.

Seu Belmiro tinha as feições serenas e os cabelos brancos, mas muito estranhou a menina Marli que tivessem enfiado chumacinhos de algodão nas covas do nariz e cutucou a mãe, cochichando uma pergunta mode que aquilo, mas Don’Eulália apertou o braço da filha, se aquietasse que não eram horas para cochichos. Muita gente havia na sala, alguns sentados, outros de pé, mas só se ouvia um murmúrio baixo vez a vez. Os que queriam conversar retiravam-se, ou na varanda, ou no terreiro agrupavam-se,

³ Demastor e o filho Belmiro, ainda menino, aparecem em “Notícia de um combinado entre amigos”, v. nota 1.

versava-se sobre o falecimento repentino, depois sobre assuntos gerais, algum que outro trazia a lembrança da tragédia de onze anos atrás, na qual uma moça que dona Branca mais seu Belmiro criavam suicidara-se com dose de veneno. Alguns eram de opinião que o abalo fora grande demais, do qual o pobre fazendeiro nunca se recuperara de todo, “inda que dona Branca estimasse por demais a moça” diz alguém, “resistiu mais”, “pois ind’alembro” um outro confirma, “à época seu Belmiro esteve inté de cama por quase mês, ou mais”, “não terá sido dona Branca? Parece que ela, e não ele...”, “ela?...” já em dúvida aquele que confirmara, “apois, ou ela ou ele, um dos dois...”, “seria muito idoso?” um terceiro indaga, “dava aparências...”, “setenta e cinco, setenta e seis anos, por aí”, “por aí”, “ou mais”...

Dona Branca, porém, não se sentindo disposta recolheu-se para um cômodo mais afastado mode estar arredada do povo. Atendia-a uma moça colona, filha de colonos, muito zelosa que de momento a momento aparecia a ver se a senhora teria precisão de alguma coisa, um chá, um café, e em seguida se retirava mode ajudar na cozinha: urgia, que com toda aquela gente não se coava café que suprisse, uma dona mulata batia massa para bolinhos enquanto uma outra ia fritando, retirando com a escumadeira e depondo nas travessas mode servir o pessoal.

Florêncio incumbiu-se de conduzir seu Umberto e família inté a presença da mãe, carecia cumprimentar a viúva, “mãe, don’Euláli’s’t’ái” disse empurrando a porta do cômodo, e dentro uma senhora idosa abriu os olhos. Não sendo da família, Mariano restou do lado de fora, cerimonioso, entendia que numa hora assim a pessoa se ressentia de gente estranha.

Com gravidade o casal se aproximou e proferiu o de costume, Juliana não tinha tino pra essas coisas e murmurou seus sentimentos em voz baixa enquanto Marli, sendo criança, tão só estendeu a mão para aquela dona um tanto roliça e grisalha que, de aparência muito abatida, mal tinha forças para levantar-se da marquesa de jacarandá adonde parecia esquecer-se.

— Como foi isso, Branca? — inquiriu Don’Eulália sentando-se perto da outra, Juliana e Marli ao seu lado, enquanto seu Umberto, de semblante austero, permanecia de pé, atrás.

— Ah, amiga — dona Branca com voz sumida —, num repente! Ao se levantar parecia bem, não sabe?, tomou café e até repetiu... saiu para ir ao monjolo, que carecia de conserto, esteve por lá até umas oito e meia, depois voltou reclamando duma opressão no peito. Então eu disse, ‘Belmiro, senta aí na varanda e descansa um pouco, você sabe que não pode fazer muito esforço’, mas ele disse que não estava fazendo esforço não, só determinando, quem trabalhava no conserto do monjolo era um carapina

contratado em Sertãozinho, mas a gente sabe como são essas coisas, o carapina está lá, tem seu ajudante, mas Belmiro era teimoso, não tinha jeito de ver um serviço e não querer ajudar!... Pois bem, sentou na varanda e eu pedi pro Zé Miguel trazer umas folhas de levante; erva-de-levante, você sabe, não é?, revigora o coração — Don'Eulália fez que sim com a cabeça, continuando a ouvir com interesse —, e o Zé Miguel saiu... Mas não teve nem tempo... — a voz de dona Branca está trêmula, ela leva a mão aos olhos suspirando, segurando o choro. Mais calma, prossegue: — Tudo parecia muito quieto na varanda... fui ver... calculei que ele tivesse cochilado, espiando o rosto parecia mesmo cochilar... então eu disse 'Belmiro, não dorme agora não que mandei o Zé Miguel buscar levante mode um chá', mas ele nem resposta... Ah, Eulália, que fígada que me deu por dentro!... Quando botei a mão no ombro dele a cabeça descaiu prum lado...

Nesse ponto a viúva não susteve mais o choro: cobriu o rosto com as mãos e sem alvoroço chorou, sabia-se que chorava porque seus ombros sacudiam de leve, escutando-se um fungadozinho vez em quando. Seu Umberto manteve sua expressão austera, Juliana e Marli se conchegaram mais à mãe, que consternada esperava a outra recuperar-se.

— Mas o Belmiro — seu Umberto diz —, há dias estive com ele, tem o quê?, menos de mês... parecia forte... com boas cores...

— Ah, seu Umberto — diz a viúva —, eram só aparências...

— Hum! — e o outro inclina ligeiramente a cabeça, prestando atenção.

— Belmiro não andava bom, não... era teimoso, não queria estar parado, descanso não era com ele, sempre obrando daqui e dali, porém bom... bom ele não estava não...

— É — seu Umberto concorda —, tem pessoas que não podem estar quietas. Mas é o costume, dona Branca, é o costume: a vida inteira na lida!...

Dona Branca moveu a cabeça devagar, sim, a vida inteira na lida, “e tudo isso pra quê!” disse, súbito pensativa como se olhasse ao mesmo tempo para o passado e para o futuro, “agora está lá...”, e fez-se um silêncio prolongado e incomodativo no aposento. A menina Marli achegou-se mais à mãe e cochichou “mãe, posso ir lá fora?” e Don'Eulália sem olhar para ela, em voz baixa “pode, filha, mas comporte-se”, “eu me comporto, mamãe”.

— Sua caçula está uma moça, Eulália — diz dona Branca enquanto Marli se retira.

Don'Eulália sorri, apreciava elogios às filhas:

— Sim, crescida. Um tanto levada, porém...

— Ah — a viúva parecia melhor no que o assunto divergia de rumo —, mas é da idade. É a saúde, criança levada é sinal de saúde — e esboça um

sorriso. — Nós sempre quisemos uma menina, eu e Belmiro, para formar um casal com o Florêncio... Deus porém não quis...

— Às vezes é preciso nos conformar à vontade de Deus, Branca — diz Don'Eulália —, porém sabemos o quanto nos pesa.

— Uma verdade, Eulália, uma pura verdade... Veja, eu tanto quis ter uma filha e não tive... e contudo, quando penso que... enfim, a amiga sabe, conhece os fatos...

Don'Eulália sabia, lembrava-se de Mirinha, todos se lembravam de sinhazinha Mirinha. Quem podia esquecer-se?

— Pois era a filha que não tive — dona Branca diz, recordando. Quando se punha a falar no assunto relembrava os detalhes, minuciava, contar lhe produzia um desabafo no peito?, ou só botava pra fora uma dor recolhida? — Quando dona Miguelina foi buscar a neta, recém-órfã, para viver com ela, Mirinha tinha quinze anos. Que moça boa, Eulália, tão educada, inteligente que só vendo, sempre fazendo as coisas de boa vontade, aprendia tudo que se ensinava, serviço de dentro de casa, costura, bordado, coisas de fogão... Eu às vezes até dizia a dona Miguelina: 'Dona Miguelina, a senhora não tem mais neta, eu é que tenho uma filha agora'. Eu preparava Mirinha para ser uma dona de casa perfeita, não sabe, Eulália?, de tudo lhe ensinei... porém com o tempo ela gostou dum rapaz aqui da fazenda, pegaram de namoro... o Luizim, não sei se o senhor se lembra dele, seu Umberto...

— Apois, haverá de m'esquecer, dona Branca? Nesta região, por aquela época, ninguém melhor do que ele pra lidar com gado, quantas vezes esteve na Pindoba tratando do meu!

— Pois é, eu e Belmiro fazíamos muito gosto, era um rapaz tímido, custaram se acertar mas por fim pegaram de namoro... — então dona Branca suspendia a história, remordia-lhe mais fundo o dissabor quando pensava naquilo: — O que mais me dói, não sabe?, é que meu filho Florêncio não tinha de se envolver com os dois... ele acaso queria Mirinha para si?... Por que então teve de mostrar desgosto no namoro?

— Mas, dona Branca, mode que o Luzim desmanchou o namoro com a moça? Será que o Florêncio se meteu mesmo entre os dois? — seu Umberto perguntou, para ele aquela história nunca restara esclarecida.

— Se meter, se meteu — dona Branca confirmou —, não tinha que, mas se meteu. Uma vez mesmo ele falou rasgado, naquela mesa adonde o pai agora está; isso na hora da janta, disse que não apreciava ver o Luizim se achegando pra Mirinha!... 'Mas por quê, meu filho?' eu ainda perguntei, e ele num de seus rompantes, 'não tolero o cabra, não fosse por papai botava ele daqui pra fora'. Daí que, para evitar um confronto... afinal o Florêncio era o filho do patrão, e o Luizim pensou, deve ter pensado, que eu e Belmiro seríamos de botar panos quentes...

— E daí ela fez o que fez — adiantou seu Umberto movendo a cabeça numa desaprovação amarga.

Dona Branca largou um fundo suspiro.

— Desgostosa com o rompimento do namoro, vai um dia, Mirinha vem da quermesse de Nossa Senhora da Glória na Vila e passa na venda, pede um vidro de veneno, ‘veneno de rato, seu Maneco, vó encomendou’; Maneco era o dono da venda. . .

— Conheci muito o Maneco — confirmou seu Umberto, a modo de distração, distrair dona Branca dessas tristes lembranças. — Depois fechou a venda. . . foi por época daquela seca braba, s’estou bem lembrado. . .

— ‘Pra matar rato, vó encomendou’, ela disse, e levou o vidro de veneno. No outro dia dona Miguelina encontrou a neta na cama espumando pela boca, os lábios arroxeados. Nem deu tempo de procurar recurso, já estava morta.

Dona Branca deixa por fim as lágrimas correrem livres pelas faces.

— Porém, dona Branca, que é feito do Luizim? — quis saber seu Umberto.

— Desandou. . . foi embora, seu Umberto, não suportou permanecer aqui na Laguna com as lembranças de Mirinha por toda parte. . . e o que é mais de espantar: fez as pazes com Florêncio, quando partiu eram amigos, eu vi, se abraçaram ali na varanda, um chorou no ombro do outro!. . . Ele se foi, mas nós. . . nós tínhamos de suportar tudo, era este o nosso lugar. Porém desde então a saúde de Belmiro não foi mais a mesma. Digo-lhes uma coisa, eu estive mal, não engano ninguém não, estive pra morrer, fiquei internada quase três semanas, depois fui melhorando. . . Mas Belmiro — dona Branca moveu a cabeça —, ele até podia parecer bem de saúde, mas por dento, ele e Deus sabiam. . . Pobre Mirinha. . . tão moça, tão bonita. . .

Mariano, do lado de fora da salinha, escutara o relato de dona Branca, e a morte da moça pelas próprias mãos por mal dum amor sem esperança lhe tocou fundo, um espinho de figueira encravando-se em sua alma. Um mau agouro aquilo?, ocorreu-lhe num estremecimento, um arrupio de pavor pola cacunda, depois, cabia isso de alguém tirar a própria vida num desespero de amor? Que o amor existe mode fazer a gente feliz, e das mais diversas formas há, que sejam, o amor de mãe, o amor de irmã, o amor de filha e o amor de mulher, sendo esse o que mais nos comove, aquele que mexe com a vida toda duma pessoa e inté a revira pelo avesso. . . “Apois, seja isso, seja esse avesso. . . porém, matar-se?” e Mariano arrenegava: o amor perdido supre-se com a solidão, não com a morte.

Juliana apareceu à porta da salinha, “Mariano, acompanhe-me até lá fora” e o peão acompanhou-a até a varanda, descendo ambos para o terreiro onde Juliana foi sentar-se num banquinho embaixo dum caramanchão.

“Não gosto de velório, Mariano” ela disse, “e o caso dessa moça que bebeu veneno, Deus me livre!, incomoda-me”, com o que o peão concordou, pois também a ele, “também a mim, Juliana, também a mim produz uma má impressão”, e os dois estiveram ali por tempos enquanto mais gente ia chegando, da Vila, de Sertãozinho, de todos os recantos: mais e mais a Laguna enchia-se.

– 34 –

Ninice por último andava tristonha.

Por ali, ou mais perto ou mais adiante, ora de um lado, ora do outro, sempre a pessoa do Graciano – sombria sentinela –, onde quer que ela estivesse. Com o passar dos dias inté se acostumou a andar vigiada, porém nos primeiros tempos padeceu desassossego, abespinhou-se contra o jagunço, “que tem você de ficar xeretando minha vida, peão?” e com os olhos cheios d’água num acesso de exaltação demonstrava toda sua impotente raiva, mas o outro tão só baixava a cabeça, “perdoa eu, sinhazinha, não é por meu gosto não. Sendo ordem de nhô coroné, não posso descumprir”, e então Ninice lhe virava as costas, corria para o quarto adonde, caída de bruços na cama, chorava: por que aquela prisão? Que é que ela tinha feito pr’agora andar com espia atrás de si adonde fosse? Pois não era? Se estava no jardim, em volta de casa, ou só ou com Lurdinha, lá se via o jagunço aparecer num recanto, num oitão, sentado num banco, esconso atrás duma árvore. Se requeria licença prum passeio, mesmo por perto, andar na estrada mode espairer, ir inté o poço, o Graciano ia atrás, e se queria cavalgar já o Graciano não tinha ordem de seguir a distância como daquela vez, porém ir-lhe de perto, e cortar-lhe caminho trazendo-a de volta inté a força se ela intencionasse rumo ao Cafundó da Ema. “E prosa só com os de casa, homem nenhum chega perto, Graciano, homem nenhum!” a ordem taxativa do coronel, que arrematava: “E aquele que tentar, fura de bala que eu mando jogar na pedreira mode alimentar os urubus!”. Não conseguia livrar-se do jagunço nem saindo com a mãe, quando nas idas a Serra-dinho ou mesmo mais perto nas casas dos colonos a acompanhava: se Ninice ia com sinhá Felícia, já não era o Leocádio quem conduzia a charrete porém o Graciano, sua figura de assombro, a cartucheira de través cruzando o peito, o rifle ao alcance da mão.

Sinhá Felícia ressentia-se também de tudo aquilo: isso seriam modos de tratar a filha?, porém evitou confrontos com o marido, esperando vencê-lo com o tempo e acalentando Ninice que, a cabeça afundada em seu colo, chorava de os soluços sacudirem todo o corpo; dizia-lhe que se acalmasse pois aquilo havia de passar, “teu pai logo há de ver que nada disso é necessário, filha, sossega”. O caso, porém, de que só então ficara sabendo,

Ninice historiar dum namorado que lhe aparecia no ela dormir e sonhar, desassossegou-a também, e recebeu pelo juízo da menina. Cedo na manhã seguinte ao sobredito alvoroço, Apolinária entrando em seu quarto mode proceder a arrumação sinhá Felícia falou de seus temores, e a negra aproveitou para lhe referir o que sabia, “causo antigo, sinhá, é causo antigo”, “então você sabia, Apolinária? E não me disse nada!”, “porém eu não sabia não, sinhá, eu não sabia”, “como não, Apolinária, você não acaba de me dizer que é caso antigo?”, e preta Apolinária então referiu a sinhá a primeira vez que escutara de Ninice tal história, “foi no dia em que sinhazinha caiu doente, daquela vez, sinhá alembra?”, naquela manhã a menina referira um moço com quem havia sonhado, e à tarde, quando a febre já acometia disse ser ele seu prometido, “porém a pobrezinha esteve... daquele jeito que sinhá sabe... antão!, e pegando sarar não disse mais nada, calculei que era coisa de criança, imaginação, que ela inté tinha esquecido, nem eu também me alembrei mais, sinhá, só ontem, no que se deu aquele esvuraço todo” e de aflição a preta enchia os olhos água. Sinhá Felícia suspirou, “sossegue, Apolinária, sossegue, não há de ser nada”, mas no que Apolinária saiu do quarto deixando-a só, Felícia sentou-se na cama desanimada, temerosa: assustava-se pela filha.

Porém Coronel Pantaleão não se assustava menos: percebia o rancor da mulher, a mágoa de Ninice, inté a negrada do serviço de casa, inté Graciano tão lhe devotado, todos se esforçando não logravam porém de todo esconder o ressentimento, e quando a alma penada de Francisquinho surgia, agora com mais freqüência (pelo menos uma vez por semana o via aparecer no lugar mais inesperado e passar-lhe rente, silencioso, nem enxergando-o), trazia os olhos ainda mais sangrentos. “Mas eu posso deixar Ninice correr algum perigo, santa Virgem, eu posso?” dizia o coronel consigo mesmo afundado em seu desespero, “se alguma coisa lhe acontece, que há de ser de mim?”

Estaria Coronel predestinado a cometer sem remédio todos os erros?

Ainda não comunicara à mulher sua decisão de casar Ninice com capitão Elviro tão logo ela fizesse quinze anos, antevia protesto e revolta, custava-lhe ter de agir com rigor também com a mulher, “mas sendo necessário, não havendo outro jeito...”, por isso protelava, ia protelando dia a dia inté acalmar-se a situação o bastante para que ele pudesse anunciar sua decisão sem provocar excessivo abalo – e ainda que fosse aquele homem endurecido que todos sabiam, não era sem um estremecimento que antevia o terrível momento de tocar em tão penoso assunto.

Os dias se passaram.

Antes, porém, não deixou Coronel Pantaleão de chamar padre Porfírio “com urgência, mode um assunto de gravidade”, e padre Porfírio veio

muito pálido imaginando se seus amores com sinhá Felícia haviam sido descobertos. Isso se dera na manhã seguinte ao triste dia do aniversário de Ninice, não havendo tempo de padre Porfirio ser informado do ocorrido na véspera, donde que durante todo o caminho imaginou tragédias, e chegando na Macambira entrou em casa, cumprimentou coronel, que lhe indicou um assento, e esperou pelo tiro que lhe poria fim à vida. Mas apesar do sobressalto e da palidez não tremeu, era padre, não deixava de ser homem e de ter fibra: se morresse ali por seu amor, morria satisfeito — seu único lamento não poder uma vez mais botar os olhos na pessoa de sua amada. Porém coronel puxou duma cadeira, sentou-se defronte ao padre e, estando só os dois, em voz baixa disse:

— Trata-se de minha filha Ninice, padre. Está embruxada.

Padre Porfirio respirou aliviado, mas disfarçou recuando um pouco a cabeça com um ar de espantada seriedade que lhe distorcia um tanto as feições. Requereu de coronel que explicasse aquilo, como podia ser?, alguém artificiava o mal duma criança tão boa e pura feito Ninice? “Não é por ela, padre, mas por mim. Muita gente me odeia, num sabe?, um homem na minha posição angaria toda sorte de inimigo, o fato é que lhe fizeram carocha pesada mode atingir minha pessoa” e referiu nos pormenores a conversa ouvida entre Ninice e Lurdinha no quarto, não diminuiu o depois sucedido, o todo alvoroço que se deu, sua dura atitude com a menina de nhá Emerenciana, “mas era preciso saber da verdade, padre, vosmecê entende, numa tal situação podia proceder com brandura?”, e por fim aquela história dum moço que havia seduzido Ninice em sonhos, e duma tal maneira que agora ninguém lhe tirava da idéia que esse fantasma era seu noivo e que iria aparecer ali mode pedir sua mão em matrimônio.

— Vosmecê, padre, já teve conhecimento dum causo assim? Adonde já se viu uma moça pegar de namoro com um rapaz que só aparece em sonho e ainda por cima acreditar que ele vem mode casar com ela? Só por obra do coisa-rúim!

Padre Porfirio, perplexo com o que acabava de escutar, manteve-se sério espiando para o chão, refletindo, enquanto torcia e retorcia vagaroso os dedos.

— Mas de onde lhe veio essa idéia de feitiço, coronel? — perguntou depois de instantes.

— Depois, é verdade que não lhe disse, padre, ponha tento — e relatou um fato de tempos atrás, “padre, vosmecê se alembra, foi depois daquela febre que ela teve, que de sua cura inté se mandou rezar missa em ação de graças”, o padre lembrava, antão, naquela época: um dia Ninice requereu licença mode um passeio a cavalo, foi-lhe consentido, estivera tão doentinha e “mal nenhum não havia, que ela não iria só, por companhia a de nhá Emerenciana e, de longe, o Graciano tomando conta”, porém Ninice não

fora parar em casa duma feiticeira de todos conhecida e por todos temida “que o padre deve saber quem é, pelo menos de nome, uma certa nh’Argemira”?, e referiu sua suspeita, donde que também não pôde esconder as aparições de Francisquinho mode complementar seu pensamento, “tudo obra dela, padre, mode me desajuizar”, Porfírio cada vez mais assombrado com o que ouvia, pois agora surge na história também a alma do moço Francisquinho?, “pois é vero, padre Porfírio, estou em ponto de desandar... é certo que meu filho vagueia por aí, penando, talvez queira uma missa ou mesmo dizer uma qualquer coisa, porém ela, a bruxa, a malvada, lá com suas maquinações permite? Nem a alma do pobre moço escapa daquela mulher” e depois duma pausa desacorçoada “inda não mandei o Graciano dar um jeito na maldita, padre, mode saber que se algum mal lhe acontece a meu mando ou vontade revira multiplicado sete vezes contra mim, senão...”

Padre Porfírio respirou fundo: afastado o perigo inicial que o fizera tremer, já não sabia se tinha diante de si um homem em seu juízo perfeito. Cabia fé no que ele relatara? A filha presa dum feitiço, seduzida em sonhos por um homem, a alma do falecido Francisquinho andando por aí, aparecendo ao pai, uma bruxa a fazer malefícios por encomenda de inimigos... e o padre ponderava as palavras de Coronel Pantaleão: levantou-se, foi intê à janela e ali esteve, admirou um tanto o jardim florido em frente de casa com seus muitos canteiros, suas variadas espécies, buxos, trepadeiras, muitos pés de rosa de todas as cores, adonde um preto cavucava a terra no cuidado diário; seu pensamento aos poucos desligando-se dos absurdos relatados pelo coronel voava em direção de Felícia que, em seus braços nos fundos da igreja, muitas vezes referira aquele jardim pelo qual se desvelava como uma de suas poucas alegrias, “fora Ninice, tenho muito pouca coisa, Porfírio, por isso cuido daquele jardim. Antes de mim, não havia jardim na Macambira”, “mas agora você tem a mim também, Felícia” ele respondia enquanto abraçava sua nudez, seus seios maduros mas firmes, suas coxas grossas, a quentura úmida de seu sexo, “estamos vivendo uma loucura, Porfírio” ela dizia então, o que chega desesperava-o, “por quê? Por que você pensa assim?” e ela então lhe fazia ver a realidade da qual em vão tentavam escapar: “O que é que temos, Porfírio? Esses encontros semanais, sempre vigiados pelo Titico, o nosso álibi como você diz, uma criança que envolvemos em nosso pecado...”, “e você se atormenta por isso? Ora, precisávamos estar seguros, valemo-nos do Titico, e daí?”, “E isso está correto, Porfírio? Uma criança... uma criança que, porém, está crescendo... e por certo já desconfia, já sabe o que fazemos aqui...”, “você pensa em deixar de encontrar-me, Felícia?”, “não tenho forças para isso, Porfírio, não tenho forças...”, e ali estava o jardim: os canteiros, as múltiplas espécies de flores, os passarinhos a cantar nos galhos, o silencioso voejar das

borboletas, o preto na lida, toda ali estava sinhá Felícia, ele a via em cada muda, em cada planta, em cada flor, “onde ela estará agora dentro desta casa? Decerto não apareceu por determinação do marido”, e se virou para o coronel que, durante aqueles minutos em que esteve defronte à vidraça contemplando o jardim e fingindo meditar nos desvarios ouvidos, o vigiara com a estampa da aflição no rosto:

– Preciso conversar com Ninice, coronel.

– Não tem dúvida não, padre Porfírio, ela está no quarto dela, su-
ba...

– Porém... a senhora, acha-se também com ela?

– Felícia? Decerto está lá em cima também, não sei se com Ninice... porém, se for o caso de desejar falar a sós com a menina... – Coronel Pantaleão levantou-se com esforço, o joelho ruim pior naquela manhã, e chegando-se ao corredor gritou: – Apolinária! – a preta sem demora acudindo ao chamado de sinhô: – Apolinária, leve padre Porfírio até o quarto de Ninice... ele precisa conversar com ela a sós, diga isso à sinhá.

– Sim síô, coroné. Vem comigo, padre.

– Não arrepare, padre, se não o acompanho... é o joelho... hoje não agüento subir essa escada...

Em cima, porém, à porta de seu quarto sinhá Felícia apareceu. A preta instruiu conforme ordem de nhô coroné, sinhá assentiu, “pode voltar aos seus afazeres na cozinha, Apolinária, eu levo o padre até Ninice”. Sozinhos agora no corredor Felícia puxa Porfírio para dentro do quarto, “aqui não, Felícia, não podemos nos arriscar”, “você não quer, Porfírio?”, “mas é claro que eu quero, Felícia, eu sempre quero, mas não é seguro”, porém sinhá Felícia já levantava o vestido, nua por baixo cola-se ao padre, “é rápido, Porfírio, é rápido”, “e se Ninice aparecer, Felícia”, “Ninice está trancada, de castigo”, “mas coronel pode vir, Felícia”, “ele não vem” Felícia responde aflita enquanto despe o amante apenas o suficiente, “ele sobe somente à noite, por causa das dores no joelho”, e Felícia achega-se ao padre que agora a abraça num frenesi, “benditas dores, não é mesmo Porfírio?, benditas dores... tomara que aquele joelho arrebente de vez...”

Minutos mais tarde a porta do quarto de Ninice se abre, dando passagem a padre Porfírio. Sinhá Felícia permanece um instante na soleira:

– Padre Porfírio veio conversar com você, filha. Esteja à vontade, padre.

Porfírio curva a cabeça num assentimento, sinhá puxa a porta e sai.

O padre se aproxima da cama onde Ninice, sentada, lê um livro de histórias. A menina lhe sorri e ele, muito ameno, senta-se ao seu lado e lhe toma as mãos, “então, minha criança, vamos lá, diga-me o que está acontecendo”.

No dia seguinte ao destampatório produzido por coronel, Ninice permaneceu no quarto. Recebeu pela manhã a visita de padre Porfírio, à hora do almoço não desceu, menos por força do castigo imposto do que por vergonha: sinhá Felícia mesmo contrariando a ordem de coronel autorizou-a a sair do quarto, ela porém não quis e ali esteve até de tardezinha quando, pouco antes do anoitecer, pediu a Apolinária que fosse buscar a Lurdinha: precisava vê-la, saber como estava, porém conforme a resposta que a preta lhe trouxe a menina de nhá Emerenciana, apavorada, dizia não pisar mais na casa grande da Macambira. “Ela vai pensar que eu estou zangada com ela, Póli” afligiu-se Ninice, mas a preta tentou tranquilizá-la, “num pensa, não, sinhazinha, num pensa não! Antão vosmecê num viu que coronel deu de relho na pobre? Ela sabe! Apois, como é que a menina havera de ficar zangada mais a outra?”, “mas ela não quer mais vir aqui, Póli” Ninice principiando a chorar, “ela vem, sinhazinha, ela vem... ói, espia, foi o susto, é só esperar passar esses primeiros dias que ela vem sim”, Ninice fungava, secava os olhos com a manga do capotinho de flanela: esperar que aqueles dias passassem — que outro remédio?

Padre Porfírio esteve no quarto de Ninice por quase uma hora, conversando sobre coisas diversas lembraram a doença de tempos atrás, o susto que todos haviam passado, a alegria da gente da região quando a menina apareceu, sã, na missa de ação de graças; depois falaram do casamento de sinhá-moça Lúcia Helena, “noiva mais bonita, hein?”, porém padre Porfírio achava que a menina Berenice estivera também mui formosa de dama de honra, “e não errou em nada” ele disse com um sorriso de animação, fazendo-a pouco a pouco desamuar, e quando entrou no principal assunto Ninice não se retraiu, ou se retraiu um pouco para em seguida pôr-se à vontade, confiava no sacerdote e lhe referiu o que antes fora seu segredo, mas que agora — deu de ombros com um certo ar de desalento — todos deviam conhecer. Ele a ouviu com atenção, deixando-a falar à sua vontade, “adoeci depois da primeira vez que sonhei com ele, padre, um dia depois” e desde então passara a sonhar com aquele rapaz bonito de barba aloirada e chapéu branco que vinha a cavalo por uma estrada, ou atravessava um rio, ou... “mas eu nunca consegui falar com ele. Estávamos às vezes perto um do outro no sonho, sabe?, mas era como se estivéssemos em lugares diferentes... eu o via, mas ele não me via, ele nunca soube que eu estava ali, tão perto”, e o padre então perguntou de nh’Argemira, a bruxa que parecia atemorizar Coronel Pantaleão; Ninice referiu por miúdo sua vera intenção ao procurá-la e o que lhe havia dito a mulher, “tão boazinha, não é bruxa não, padre!”, e já enquanto falavam de nh’Argemira vinha-lhe de assalto um medo que até então não lhe ocorrera: agora, por certo — o pai inteirado do assunto que a ambas interessava —, não a poderia procurar outra vez. Essa apreensão, porém, não mencionou ao padre, que já se des-

pedia com um afago, um sorriso alegre mode infundir-lhe ânimo, “não há de ser nada, princesinha, esses aborrecimentos logo vão embora”, e se levantando saía do quarto com a convicção de que tudo aquilo não passava de coisas de menina que principia a tornar-se adulta, “que algumas” ia pensando, “nessa passagem da idade são mais sossegadas, porém noutras os nervos fervem, umas ficam até por demais rebeldes dentro de casa” e se lembrava da irmã mais nova, sua predileta, essa que sempre lhe remete livros para entretê-lo: hoje uma dona de casa tranqüila a cuidar de seus meninos, que pimenta a mana Ercília se tornara entre os doze e os dezesesseis anos!

– 35 –

O Agenor, mesmo sendo peão e tendo-se em conta, reconhecia que Mariano, inda que no lidar mais ele e a peonada fosse o mesmo, sem diferir por pessoa, tinha de si uma diferença que fora da faina os apartava. Perguntado, não saberia dizer o quê, “é um homem direito” dizia, se bem que tanto não era suficiente, por ali seu Umberto não tolerava quem não procedesse bem, e o Agenor, concorde, resumia, “é ser direito mas doutra maneira, sendo mais arriba que o geral”. Donde que não desconjurava desse princípio de namoro dele com a moça Juliana, inda que largas diferenças os distinguisse, “que não há namoro ainda, seu Agenor” garantia Mariano, sempre requerendo segredo desses assuntos, no presente caso de igual ou inté maior reserva que no outro, pois se tratava de vera pessoa, e muito chegada de todos, a filha do patrão – e não uma qualquer.

Pro Agenor um causo assim, vamos que se tratasse dum outro qualquer agregado da Pindoba, não tinha cabimento. Não desfazia do Donga mode seu querer por dona Justina, inda que o Donga não fosse de posses e nem de leituras, porque dona Justina, mesmo sendo prima de seu Umberto, passava por pessoa mais simples, sem muito distinguir-se do outro – e se diferia uma resposta definitiva seria por indecisão e não por soberba; no seu lidar com ela, embora pouco, Agenor não desconhecia: dona Justina era uma senhora sem presunção. Porém, tratando-se de senhorinha Juliana tudo revirava pelo contrário, não que senhorinha fosse moça presumida, não!, era pessoa principal, porém a todos tratava sem divergir, mesmo o empregado mais coitado de simples não desprazia por falta de um cumprimento, um alegre sorrir, um inquirir da saúde e dos seus, esse o costume. Porém, uma moça que toda a vida debruçou-se sobre os livros, estudando em colégio interno desde novinha, e que a família punha empenho em formar doutora veterinária, ora, uma moça assim por si mesma, e mesmo sem intenção, dos demais se sobressaía, e quando casasse haveria de ser com um seu igual. O Mariano seria? Aqui o Agenor ponderava, que Mari-

ano só agora havia aprendido a ler — por ela mesma, senhorinha Juliana, instruído —, distava da moça suas diferenças não poucas, porém, não por sua amizade já consolidada com o peão, seria ele o único dali que não descabia um namoro com a moça — essas suas cogitações mas sem com ninguém comentar. Quando Mariano lhe relatou o que acontecera entre os dois, o beijo que haviam trocado, as palavras da moça, tudo mais, Agenor não teve dúvida, pois já conhecia Mariano o suficiente para saber que não se tratava de bazófia; e lhe perguntou se ele não aceitara namorar senhorinha Juliana, “tenho medo de proceder com desacerto, Agenor” o peão respondeu, e o Agenor “desacerto, como? Aceitando ou não aceitando?”, e Mariano explicou que pelas duas formas, se errava em não aceitar mode a fidelidade à moça dos sonhos, ou se errava ainda mais aceitando, assumindo um compromisso e, de repente, num lugar qualquer de seus viajares desse com a outra, a que lhe povoava para sempre o pensamento. “Por isso não há namoro” arrematou Mariano, “por enquanto... é preciso esperar...”, “mas vosmecê acha de esperar inté quando? Num acerta ficar empatando a moça, inda mais sendo quem é...”, porém Mariano não entendia que a empatava: inda que namorassem mediante o consentimento de seu Umberto e don’Eulália, o casório não seria desde já, “seu Umberto quer que ela se estude primeiro, ou pelo menos que se adiante bem, e inté lá corre o tempo...”.

O Agenor consigo reteve a revelação feita por Mariano, porém iá Didinha, em ele visitando-a no dia seguinte ao velório de seu Belmiro, tocou no assunto feito se soubesse de todo o caso.

— Esse moço novo de seu Umberto — ela disse sentada no canto da mesa, enquanto os dois bebericavam um café de caldo coado na hora —, por nome Mariano, não? — Agenor fez que sim, e a velha continuou: — Apois, parece que ele mais Juliana, os dois andam de rabicho.

— A senhora pensa dessa forma, iá Didinha? — o Agenor preto fingindo surpresa.

— Não foi à toa que a menina cismou de ensinar cartilha pro moço — e sentenciosa: — Andam aí intenções.

— E que lhe parece, iá Didinha? Seria certo?... Pois senhorinha Juliana é moça de prendas, e para o ano volta pra cidade mode seguir leitura...

Iá Didinha, porém, não deu seu imediato parecer. Falando no peão Mariano costumava às vezes distrair-se, espiondo muito quietinha pra adiante feito se vigiasse o dia de ontem.

Por fim, disse:

— Esse moço, seu Agenor, me traz lembranças...

E o Agenor muito se encantou com aquelas palavras da velha: então sucedia iá Didinha lembrar-se d’alguém do passado que semelhava com o

peão Mariano. Quem seria? Um antigo namorado? O esposo falecido? A vida d'íá Didinha, seu passado, um completo mistério. O Agenor não se conteve:

— Já Didinha, inda que mal lhe pergunte... o Mariano lhe faz lembrar acaso algum moço por quem a senhora teve simpatia?

A velha moveu vagarosamente a cabeça, numa afirmação?, confirmava a suspeita do Agenor?, um sorriso muito de leve iluminando-lhe as feições.

— A vida tem suas voltas, seu Agenor. Segredos. Esse moço me traz memória... — e voltando-se para o peão: — Um por quem eu tive simpatia? Possa que seja, seu Agenor, possa que seja.

Porém nesse momento aponta na porta a menina Marli, pára dum chofre ao dar com o preto. Encabula-se. Já Didinha manda-a entrar, “sa menina, vem provar do café de caldo que a velha’qui coou ind’agora”, e Marli entrou permanecendo de pé junto à porta.

Marli enquanto tomava o café referia a novidade da véspera, o velório de seu Belmiro, a fazenda Laguna cheia, o caixão em cima da mesa cheio de flores, a viúva recolhida longe do pessoal, depois as voltas, gente chegando e saindo, um ror de crianças, Marli se divertira bastante inda que a ocasião fosse de reserva, não podia fazer estardalhaço, criança é assim mesmo: não liga pra vida nem pra morte. Aquele fora o primeiro velório a que Marli havia comparecido, “quase parecia uma festa” disse.

— A Juliana também foi? — já Didinha inquiriu, ao que Marli confirmou: entrara um pouco para estar com a viúva, depois saíra pro terreiro em companhia de Mariano, “junto com o namorado” disse Marli com disfarçada malícia. — Porém, namorado? — quis saber já Didinha. — Antão tem namoro mesmo, menina Marli? Não vá falar essas coisas que Juliana desagrada...

— Eu vi os dois se beijando — Marli então atira.

— Viu?!

— Vi — confirma a menina —, de longe... de noite, enquanto ela lhe dava lições... só não escutei o que diziam porque falavam baixo...

Mas a menina Marli não procedia bem comentando um tal assunto, conforme parecer do Agenor, “pode que seja os dois nem quererem dizer pros outros, por enquanto”, e já Didinha era de igual parecer, na vida, costumava dizer, têm coisas que a pessoa deve aprender a ver e representar que não viu, “mode respeito polo resguardo de cada um”, e Marli baixou a cabeça, girando nas mãos a caneca vazia. Será que a tomavam por enxerida? Porém se inté pai e mãe já escutara comentando qualquer coisa sobre aquilo, eles deviam saber, pelo menos desconfiar... Num relance pensou melhor, sim, de feito em casa ninguém por enquanto referia livre o assunto, e

disse “eu sei, só estou falando aqui... pra fora eu não digo nada não, nem com prima Justina não disse”.

Mas o Agenor tinha pressa: não faltava serviço esperando por ele. Já visitara já Didinha, tomara café em sua companhia e prosearam a gosto; o de costume, não só costume mas devoção em si mesmo resguardada, também não desatendera: chegando à casa da velha primeiro que tudo estivera ali, à porta do quarto, seus minutos de contemplação do retrato em riba do móvel; no dia nublado — dia triste, de enterro — a luz no cômodo era pouca e o rosto no papel surgia à semelhança duma sutil aparição, “a *filha dos tempos*”, o anjo de beleza, o por todo o sempre Amor.

Então o peão se levantou, já Didinha desculpasse, já se ia. Estendeu a mão pr’a Marli, mas a menina também se levantou, “vou de companhia, Agenor” e se despedindo da velha acompanhou o peão.

Agenor seguia adiante, galgava a ladeira enquanto Marli ia-lhe no rastro, sem falar os dois, inté que a menina perguntou, adiantando-se de modo a emparelhar com o peão e olhar-lhe no rosto:

— Agenor, se você fosse casar, preferia uma moça branca ou uma moça preta?

— Ora, menina Marli, já se viu semelhante pergunta? — e o Agenor inté achou graça na idéia da outra.

— Uma pergunta muito natural — replicou Marli correndo e plantando-se à sua frente —, qual o seu gosto? Uma moça branca ou uma preta feito você? — e voltava a andar ao lado do peão.

— Coisa que num sei dizer, que se nem querença tenho por dona nenhuma mode casar...

— Eu sei, Agenor, que você não tem noiva, nem namorada. É só uma pergunta, uma idéia, entende?, se fosse casar, ‘se’, entende?... Então, gostava mais duma branca ou duma preta?

Mas essa menina Marli, o peão se arrenegava inté divertido, que prosa essa, e persistia!, adonde tinha ido buscar semelhante assunto?

— Isso calha do gosto, num sabe, menina Marli?

— Do gosto, Agenor?

— Antão não? Caso que, espia, do gosto: se eu pegasse de simpatia mode uma moça branca, antão eu preferia uma branca, mas vamos que eu gostasse duma moça de cor assim feito eu... inté’stava mais conforme, sendo de cor...

De novo Marli corre alguns passos, pára no meio do caminho, abre os braços e os abaixa em seguida, encurva-se para frente apoiando as mãos nos joelhos. Agenor vinha mais abaixo, vigia a traquinice da garota.

— E eu, Agenor? Você me acha bonita? — e permanece naquela posição, encurvada, encarando o preto que agora se aproxima e pára à sua frente.

— A menina? Pois é da belezura duma flor — diz o peão, seu ingênuo elogio.

E Marli continua encarando-o, ainda encurvada para frente, nos lábios um sorriso brincador.

— Mas não existe flor feia? Se eu parecer uma dessas, então posso ser feia...

— Toda flor tem sua graça, menina Marli, vosmecê também.

— Mas então repara bem em mim...

— Pois então num reparo? Há que tempos conheço a menina, que vi de pequenita...

— ...assim, eu tenho cabelos bonitos? — e Marli mexia nos cabelos compridos e muito lisos, dum castanho claro, que ela havia amarrado em rabo-de-cavalo e por fim desata, deixando-os cair, fartos, sobre o peitilho. — E minhas mãos? — estendeu as mãos ao peão, bem de perto, para que ele visse bem. — Não são muito pequenas e gordas? Eu não sou gorda, mas minhas mãos... não são gordinhas? — porém o Agenor dizia “bonitas mãozinhas”. — Você não me acha baixinha? — e empinava-se mode mostrar toda a altura, sim, a menina nem era alta na opinião do Agenor... — Eu sou muito baixinha! — ... porém inda havia de crescer... — Mas eu tenho onze anos, faço doze em dezembro, só faltam três meses! —, porém o peão tranqüilizou-a: que uma pessoa crescia até os dezesseis, dezessete anos, “tem gente qu’inda depois dos dezoito ganha alguma altura”.

— E você acha que eu vou encontrar um rapaz bonito pra casar comigo?

E a menina duvidava? Ele, Agenor, não. Uma moça bonita sempre encontra um rapaz de todo seu agrado, que vem um dia e lhe entrega uma flor, “uma qualquer flor, num sabe, Marli?, não carece de ser das mais bonitas do jardim não, pod’até ser uma’panhada no mato, dessas mais miudinhas, porém quando isso acontecer a menina fica sabendo que é ele que chegou”, e garantia: Marli haveria de ser, no lugar, uma das mais bonitas noivas.

O sorriso minguava nos lábios da menina, ela se apruma e finge um amuo, cabisbaixa. Volta a andar, seguindo na frente sem pressa. A ladeira inda prossegue, umas árvores copadas e moitas altas resguardam de cima e de baixo aquele trecho do caminho.

De súbito pára outra vez, séria olha o peão nos olhos. Que é que havia no olhar de Marli menina, que visgo aquele que fissa a trespassar o corpo e a alma? O Agenor preto compreendia um tal olhar?

— Você me acha mesmo bonita, Agenor?

— Apois, já num disse? Se eu disse, vosmecê pode acreditar...

— É que tem uma coisa que não lhe perguntei...

— Pois pergunte, menina — exclamou o Agenor folgazão —, pergunte! Aqui vou-lhe dizendo as coisas...

— Minhas pernas, Agenor — ela disse, a voz quase um fio —, você acha que tenho pernas bonitas? — e sem deixar de encarar o preto, sungou o vestido intê aparecer o branco da calcinha.

— Menina Marli!... — o Agenor embaraçado, recuando um passo. Um susto.

As pernas de Marli, leite e mel na luz da manhã que filtrava entre as folhagens. No instante seguinte, porém, alvoroço: a garota se vira e disparou ladeira acima, deixando o preto no mesmo lugar, cravado no chão.

— 36 —

Assim o receio de Ninice não se mostrou desprovido de fundamento: como intuía, Coronel Pantaleão havia determinado que a partir daquele dia Ninice fosse vigiada mal pusesse os pés no terreiro, o que produziu um geral aborrecimento: não só a menina sofria, não só sinhá Felícia agastava-se com tal decisão — o pessoal da lida, os de dentro de casa e mesmo os de fora, todos se ressentiam, “apois, essa criança merece um tratamento assim?” consternados entre si comentavam, em voz cochichada. Porém coronel decidira sem de sua decisão abalar, e o Graciano de então por diante tornou-se a sombra de sinhazinha.

Já se referiu que Ninice abespinhava-se contra o jagunço, lançando-lhe olhares às vezes cheios de lágrimas e revolta, ele de longe em resposta apenas baixando os olhos, embaraçado e sofrido — que também a si desgraçava ter de cumprir tal ordem, e nas ocasiões em que Ninice enraivada lhe atirava desaforos — ele mal encontrando meios de escusar-se —, engasgava-se com as palavras, que árduas lhe saíam: “Não posso descumprir as ordens de nhô coroné, sinhazinha”.

Ninice por fim conformou-se com a nova situação, acostumou-se a ver o Graciano sempre por perto e intê fez as pazes com ele: um dia estava no jardim e o avistou no fim do terreiro sentado num toco de pau, e se resolveu a falar-lhe. O jagunço sentiu um aperto por dentro ao ver a menina aproximar-se, e mais estatelado ficou no que ela sentou-se ao seu lado. “Não estou mais zangada com você Graciano” ela disse procurando olhá-lo bem de frente e agradá-lo com um sorriso, “eu sei que você não pode descumprir as ordens de meu pai”, e depois de uma breve pausa, “releve minhas arrelias”. Que refrigério para a alma do jagunço as palavras de sinhazinha, sua doce delicadeza!, pode-se descrevê-lo? Uma luz dissipou a sombra de suas feições, e o homem endurecido, por soldados armados do governo procurado como cabra perigoso, consigo a carregar quantas mortes, sentiu um calor no grão das vistas e água merejar, lágrimas, alegria:

Ninice pusera sua mãozinha branca sobre a dele apertando-a com brandura, depois se levantou e voltou pra dentro de casa.

A vigilância, porém, agora a impedia de estar com nh'Argemira. Como saber o que de novo a velha pitonisa tinha visto nos astros sobre seu noivo? Naquela noite terrível em que Coronel Pantaleão, escutando sua conversa no quarto, arrastara Lurdinha para baixo e a golpes de relho lhe arrancara a explicação para o caso, Ninice teve outro sonho: o moço de barba aloirada estava sentado embaixo dum caramanchel, o chapéu branco de sola no colo; era de noite, o lugar um terreiro de fazenda com gramado e banquinhos de pedra que ela porém não conhecia, e havia luzes acesas. Decerto haveria outras gentes com ele, que não estaria sentado ali sozinho, porém como sempre não via mais ninguém além dele. Ninice viu-se também naquele lugar, andou pelo gramado na direção do caramanchel e chegou bem perto; donde estava espiou para a casa, a ampla varanda iluminada a que se ia ter subindo por uma escada recurva construída com tijolinhos de pedra, a porta larga que se abria lá para dentro — que fazenda seria aquela? —, mas não entrou ali: todo seu interesse estava no banco à sua frente, o rapaz, sua barba de loiros caracóis, os olhos assim à noite da fundura do ribeirão, os lábios um perfeito desenho a acordar o desejo. Poderia sentar-se ao seu lado? Falar com ele? Tocá-lo? Ninice chamou, mas o moço a que lonjura se encontrava que não a ouviu!, e mais uma vez quando tentou tocar-lhe o rosto a visão se diluiu e ela se viu sozinha no escuro: era madrugada e um galo cantou perto de sua janela.

— E agora, Lurdinha? — Ninice com os olhos marejados. — Como vou fazer para estar com nh'Argemira? De que jeito saber o que mais os astros lhe disseram?

Lurdinha, depois da surra, esteve dias em casa: apavorada, não voltara à casa grande da Macambira e lá não poria mais os pés, inda que sofresse com a falta de sinhazinha, não fosse certa manhã aparecer sinhá Felícia com um presente para o café das crianças: um bolo de amendoim que “eu e Apolinária fizemos, nhá Emerenciana, ind'há pouco, cedinho. A Lurdinha está?”.

Nhá Emerenciana recebeu o bolo muito satisfeita, “a senhora é um anjo de bondade, sinhá Felícia”, os meninos já tomavam café e olharam gulosos para o doce, enquanto Lurdinha muito envergonhada, escutando seu nome, veio de dentro.

— Como está, filha? — sinhá Felícia perguntou. — Vim por Ninice, ela sente saudades da amiga, quer vê-la.

Lurdinha baixou a cabeça. A voz saiu-lhe baixa e rouca.

— Não vou mais lá não, sinhá.

— Ora, mas o que é isso! — e sinhá Felícia, muito carinhosa, foi tomar as mãos da menina, levantou-lhe o queixo, abraçou-a com ternura. — Não, você vai sim, e somos nós, eu e Ninice, que a convidamos.

— Não vou não, sinhá, nhô coronel é capaz de me bater de novo.

Mas não!, sinhá Felícia garantia: que não tinha desculpa a atitude de Pantaleão, isso nunca!, e olhava para nhá Emerenciana séria no seu dizer enquanto acarinhava a garota, porém coronel trazia suas cismas, “botou na cabeça que essa tal nh’Argemira embruxou Ninice”, por isso perdera o controle aquele dia, “mas a senhora pode estar descansada, nhá Emerenciana, tive uma conversa muito séria com ele, disse-lhe que Ninice tem só a Lurdinha por companheira e que portanto ela continuaria indo lá. E ele disse que não se incomodava, viu Lurdinha?” e sorriu para a menina, apertando-a contra si, e de novo para nhá Emerenciana “só cismou agora em manter Ninice vigiada, mas eu tenho esperança de que isso também passa, com o tempo passa”.

— Com a graça de Nos’sinhô e da Santa Virgem, sinhá Felícia, há de passar!

E assim Lurdinha, inda ressabiada, voltou a estar com Ninice. Se, entrando em casa, deparava com a figura rotunda do coronel arriada numa poltrona, seguia quietinha, “bom-dia, nhô coronel” dizia em voz baixa, de lá o homem rosnava qualquer coisa enquanto seguia pitando e pensando em seus tormentos e ela subia à procura de sinhazinha.

E agora, ambas debruçadas na janela do quarto espiando o jardim, Ninice lhe falou de seu desassossego. Lurdinha escutou com atenção a queixa da amiga, de imediato não disse palavra, ruminou aquilo, uma idéia lhe surgindo devagar que ela considerou com calma em antes de garantir qualquer coisa. Por fim, disse:

— Eu vou lá, no lugar de vosmecê.

Ninice abriu os olhos e a puxou para dentro, para longe da janela, que não dissesse aquilo de novo, “se alguém escuta e vai contar pra papai ele lhe dá outra surra”.

— Então eu falo baixo — e quase cochichando levou Ninice intê um canapé que havia do outro lado do quarto —, porém eu vou lá pra sinhazinha.

— De que jeito, Lurdinha? Alguém vai ver, papai acaba sabendo...

— Eu tive uma idéia — e prosseguiu explicando seu plano: iria de noite, com o consentimento da mãe. Nhá Emerenciana? Sinhazinha não sabia do que ela e Mãe seriam capazes para lhe fazer um agrado, Mãe consentia sim, não tinha que ver. Assim ela sairia de noite quando ninguém poderia vê-la, “do moinho velho tem um atalho que eu conheço e vai dar na estrada, corta-se caminho”, teria de andar a noite quase toda pois iria a pé — como nhá Emerenciana não tinha animal, e não se podia lançar mão

de nenhum da fazenda para não levantar suspeitas, restava-lhe apenas caminhar. “Calculo que chego no Cafundó da Ema quas’amanhecendo, mas não faz mal. Explico tudo pra nh’Argemira, ensino a ela o atalho pro moinho velho e ela, no que tiver alguma novidade vem inté lá em casa e deixa recado comigo”.

– Mas você já vai voltar de dia, Lurdinha – Ninice objetava. – Vão ver você.

– Eu fico com nh’Argemira inté de noite, ninguém vai me ver se eu voltar com escuro.

Assim se passou.

Lurdinha, inda que garota nova, não lhe faltava fibra: nos bracinhos alvos viam-se ainda os vergões, inté no pescoço se via um sinal arroxeadado, que coronel só não lhe acertara com o relho no rosto por ela ter-se coberto com os braços, tentando a todo custo escapar... Porém aquilo já havia passado, as manchas do corpo sumiam, as da alma permaneceriam mais tempo, doeriam à vezes, longe em longe, tempos em fora, mas o coração suporta as dores, é do viver, há de suportar sempre. Nhá Emerenciana assustou-se com a idéia da filha, “vosmecê é só uma menina, minha filha, andando de noite por esses caminhos”, porém a mãe não a compreendia? Tanto não deviam a sinhá Felícia que não se fizesse um sacrifício mode agradar sinhazinha? Que nhá Emerenciana não estava por miúdo informada dos sonhos de Ninice, das razões de seu interesse pelos vaticínios de nh’Argemira sabendo apenas o que a Lurdinha lhe explicara, “ela tem uns sonhos, mãe, e nh’Argemira dá o sentido deles, porém coronel proibiu mode achar que é feitiço”, “e sinhazinha carece muito de saber desses sonhos, filha?”, “em que aflição ela fica, mãe, se não souber”, “antão vai, vai e que Deus Nos’sinhô lhe siga por companhia” – e Lurdinha foi.

Clareava o dia quando chegou em casa da bruxa, que nem estranhou de ver chegar só a companheira de Ninice. “Sucedeu um desacerto por lá, ’sa menina, eu sei que sucedeu” e Lurdinha lhe contou o ocorrido.

– Ela não pode voltar aqui – Lurdinha esclareceu –, porém sinhazinha carece de saber sobre o moço do sonho. Mod’isso eu vim: dizer que, calhando alguma explicação pra Ninice, a senhora deve de ir pelo atalho do moinho velho inté nossa casa, ou por outra, sendo longe mode a senhora ir, manda avisar que eu venho, mas por gente de confiança, que não vá historiar pra nhô coronel.

Nh’Argemira ponderou demorado sobre a novidade. Em seus vaticínios via coisas que, no entanto, lhe apareciam enevoadas e inconclusas, nesse porém não discrepando do natural e costumeiro, os astros proviam silenciosas mensagens, as cartas profetizavam e o copo d’água à luz da lua exibia visões, mas às vezes que difícil se fazia compreender esses mistérios! O moço Francisquinho mesmo: nh’Argemira não lograva puxá-lo inté si

mode saber dele o recado para o pai, coisa que por demais a aturdiu: cada vez que o avistava parecia mais arredado, em mais furiosa ventania envolvido, perdendo-se no caminho. Seria mau presságio? Nh'Argemira não entendia por outra forma: mau presságio, desremédio, as coisas caminhavam para o pior, do contrário a alma penada dele lhe apareceria mais clara, cada vez mais limpo e sereno seu lugar.

— Coronel pensa que a senhora enfeitiçou sinhazinha por encomenda de alguém, mode acabar com ele — Lurdinha disse. — Coronel se apavora só de pensar que algum mal pode acontecer pra ela.

Nh'Argemira se condoía: que tal suspeita cabimento nenhum não tinha, que ela, sim, conhecia as artes, se quisesse podia malefícios de doença, de loucura e de morte, porém se algum mal tivesse de endereçar a Coronel não o faria por intermédio do corpo duma inocente. Todo o mal que sinhazinha podia sofrer provinha do pai, ela disse com uma voz demorada, nem pra Lurdinha, só consigo mesma a soturna tristeza de seus prenúncios — que Lurdinha porém escutava —, “dele, só dele, que na descompreensão bota a filha em perigo pensando protegê-la”.

O sonho de Ninice trazia-lhe a pessoa de seu amado na figura dum moço conforme a menina lhe havia, assim, assim, referido. Nh'Argemira, no escutar a história, dúvida nenhuma não teve: em algum lugar aquele moço também sonhava com sua noiva, não outra mas a própria princesinha que naqueles sertões a todos havia conquistado — a bruxa não desconhecia: Ninice saíra à mãe, a fama de sinhá Felícia e suas caridades batera por ali também, no Cafundó da Ema, em oportunidade de proseo com algum passante que não se amedrontava ou não tinha por que temer. Disseram-lhe: “Coronel Pantaleão é um homem do diabo, porém a esposa, sinhá Felícia, se guarnece das bondades de Deus, e espia que a filha lhe é igual ou inté mais”, e assim era, desse mesmo jeito, o coração da menina — o povo sabia. Porém, se o moço também sonhava com Ninice, conforme nh'Argemira pudera ver no baralho, ou nos astros, adonde encontrá-lo mode ajuntar os dois? E se ele estivesse longe que longe, intransponível distância? O coração da velha se turbava: nas suas perquirições não discernia rasto, vestígio; feito falecido Francisquinho cada vez mais perdido no vendaval, o noivo de sinhazinha por um outro jeito lhe parecia também longe, muito, demais. Poderia dizer-lhe isso, a Ninice, através de recado? Ou mesmo se aventurando inté a Macambira mode estar direto com ela? Desencantá-la? Se porém certeza nenhuma ainda não tinha, procedia melhor calando-se por ora, deixando o rio rolar por debaixo da ponte que em cima dela o vivente espera, sempre espera, sempre pode esperar...

— Instrua sinhazinha de que cá a velha Argemira inda não possui certeza nenhuma do de seu interesse, vassuncê menina sabe, pois no estudar o desconhecido, no sondar suas profundezas resta dificultoso por

demais enxergar no escuro. — Moveu a pensativa cabeça: — Só consigo ver escuridão, menina Lurdinha, do que me arreceio, do que muito me arreceio...

Todo o dia Lurdinha esteve com nh'Argemira, no cair da noite ganhou a estrada, chegou em casa não tardando amanhecer, e de cansaço sucumbiu, de muito avançou pelo dia seu dormir. Tudo havia saído pelo melhor e de tarde foi ter com Ninice, amiudar-lhe sua proeza.

— 37 —

Coronel escutou padre Porfírio com atenção em seu arrazoado, dele não dissentiu no opinar, pelo geral, que isso — é vero — se dava: menina no que principia a 'panhar idade costuma diferir de procedimento, umas mais outras menos, sendo algumas mesmo de declaradas rebeldias. Porém no caso de Ninice não sucedia, “e nesse porém, padre Porfírio, me permita uma discordância”, pois se Ninice desse demonstração de agitações no seu feitio, um destrambelho, inda não dizia nada, porém afora aquela história do sonho nenhuma outra desordem se podia notar. “Não digo de uma certa mudança, inté Felícia calhou de achar que a menina estava um tantico diferente, decerto mais casmurra, porém só”, donde que a idade no seu entender influía pouco no todo daquele transtorno: grave mesmo era a idéia encasquetada de que o moço do sonho viria pedir-lhe a mão em casamento, “apois, seu padre, eu não ignoro, dão-se muitos casos de uma pessoa sonhar de novo o mesmo sonho, ou parecido, inté comigo já aconteceu. Porém a Lurdinha no que a inquiri me garantiu que Ninice já tinha sonhado com esse rapaz um ror de vezes, cada sonho diverso do outro”, “entendo, coronel, porém o que pensa o senhor que isso seja?” padre Porfírio quis saber, “o que lhe referi em antes de vosmecê subir mode estar mais ela: minha filha está sob feitiço, mandinga braba largada por aquela mulher a mando de algum inimigo. Esse moço que aparece no sonho mode tentar a pobre é algum espírito encruado de maldade, inda acaba destruindo Ninice, padre, não vê?, é pra acabar comigo também!”.

Padre Porfírio suspirou.

— Reza ela, padre — coronel impôs, suplicou, meio uma coisa meio outra.

— Se é o que o senhor deseja...

— É o que lhe imploro, padre Porfírio!

— Amanhã eu venho com os paramentos, a água benta, tudo mais que for necessário. Vou benzer Ninice. Porém seria bom que sinhá Felícia como mãe comparecesse todos os dias na igreja, ou de manhã ou à tarde, conforme puder, para rezar no nicho da Virgem uma novena. Há de servir de reforço.

— Ela vai... digo-lhe que vá, se bem que sendo devota não requer nem mesmo que eu lhe diga...

Sinhá Felícia entrava nesse momento na sala e Coronel Pantaleão adiantou-se para ela. Explicou-lhe a conversa tida com o padre, seu pedido para benzer Ninice mode livrá-la do mal e a providência que o sacerdote alvittrara como adjutório:

— Vosmecê deve de ir rezar uma novena no nicho da Virgem, na igreja. É medida de urgência, Felícia, inda que Serradinho não seja perto...!

Sinhá Felícia empalideceu. Ainda há pouco entregara-se ao padre em seu próprio quarto, e agora Porfírio arquitetava um plano para que pudessem encontrar-se durante nove dias consecutivos. Porém baixou a cabeça, aquiesceu, pediu licença a coronel, despediu-se de padre Porfírio e se retirou.

No dia seguinte padre Porfírio compareceu na Macambira paramentado, Coronel mandou que subisse, “Ninice está no quarto, padre, o caminho o senhor já sabe”, e quando se pegou a sós com a menina largou o corpo no canapé e disse:

— Ninice, seu pai cismou com essa idéia de que alguém a enfeitiçou, o que é um despropósito. Fez-me voltar aqui para benzê-la, o que é um despropósito ainda maior. Precisamos, portanto, combinar uma coisa...

Ninice interrogou-o com o olhar.

— Esse rapaz que você vê em sonhos. Ele não deve aparecer de novo.

— Mas padre! — Ninice sobressaltou-se: que aquilo sim é que não tinha cabimento algum, ora, primeiro que ela não tinha como impedi-lo de vir, “na outra noite mesmo ele reapareceu, eu o vi, ele estava sentado embaixo dum caramanchão”; e depois “nh’Argemira garantiu que é com ele que eu vou me casar, e ela sabe muitas coisas...”, porém padre Porfírio já a interrompia com um gesto de mão. Levantou-se, tomou-lhe as mãos e a fez sentar-se ao seu lado.

— Nada disso tem importância — disse —, pouco me importa o que essa nh’Argemira falou ou o que você pensa: o que eu preciso é que você diga a coronel seu pai que o moço não apareceu mais desde que eu a benzi, entendeu?...

Ninice começava a compreender...

— ...e quanto ao mais, minha menina, sonhe com seu namorado o quanto queira, e se ele aparecer mesmo, casem-se e sejam felizes!

...donde que saltou ao pescoço do padre e o beijou nas faces. E passaram a tagarelar sobre variados assuntos, como na visita anterior. Quando se despediu da menina à porta do quarto, meia hora mais tarde, recomendou-lhe:

— Pra todos os efeitos, Ninice, eu estive aqui todos esses minutos... rezando, benzendo você.

Naquela tarde sinhá Felícia principiou sua novena na igreja de Serradinho, e enquanto o Titico permanecia pela nave da igreja mode vigiar a chegada de alguém, lá dentro o padre e a beata entregavam-se a uma devoção feita de prazer e culpa.

O Titico já beirava os treze anos, e se bem que o bom passadio da-gora inda não fora suficiente para fazê-lo esticar muito, tinha ganhado umas boas cores e melhor disposição, e não sendo cru, decerto não ignorava o que faziam padre e sinhá sozinhos lá dentro: ora, dúvida nenhuma não tinha, o padre e a dona de nhô coroné Pantaleão estavam de namoros e ele tinha era de ficar por ali vigiando para que eles não fossem surpreendidos ou para que o povo de Serradinho não desconfiasse, apois, padre Porfírio cria um menino, a presença de uma criança sustinha qualquer mau proceder, e mais ainda falava em favor do homem de Deus seu comportamento em todos aqueles anos à frente da paróquia, que nunca se tinha visto o padre de se-chegamentos com qualquer rabo-de-saia, e não fosse por falta de moça que Serradinho sempre tinha moças de sobra: é que ele era mesmo – e disso ninguém descreia – um santo de Nos'sinhô obrando o bem pelo povo.

Titico sabia e, curioso, certa vez inté se achegou de mansinho sem produzir bulha à porta da casa paroquial mode escutar. A casa do padre, pequena, tão só quatro cômodos estreitos, era ali, pegadinha co'os fundos da igreja, adonde pra ir requeria passar pela sacristia – que outra entrada não tinha – e sair pela parte de trás. Lá foi o Titico, lá se postou junto da porta e ficou escutando: aquilo seriam lições sobre a Palavra? Porém não tardou, cioso de seu dever retornou para a nave, por ali se reteve, ou pela sacristia, se o padre e sinhá queriam namorar, namorassem!, a ele cabia-lhe tão só vigiar, e fiel ao seu benfeitor cumpria com sua obrigação ao pé da letra.

Porém naquela tarde sinhá Felícia, gozados os prazeres todos da cama do padre, e já vestida, sentia-se espinhar pela culpa. “Não sou apenas uma adúltera, Porfírio, sou muito pior...” e o padre estarrecia-se com aquelas palavras: o que afinal atormentava essa mulher bela e ardente, no outono de sua juventude, sedenta de amor enquanto em seus braços e mortificada por culpas tão logo se separavam? “Todo esse tempo vimos usando o Titico como álibi” ela disse, “pois então, Felícia, isso já foi discutido, pensei que você já nem se importasse”, “eu apenas me acostumei a usá-lo, Porfírio, mas isso ainda me incomoda. Agora porém é ainda mais grave: estou usando minha filha, minha própria filha” e padre Porfírio, que compusera aquele arranjo, cala-se, não pode dissentir da amante: sim, Felícia agora valia-se de uma novena em intenção da filha para que pudessem pelo menos por nove dias consecutivos encontrar-se sem qualquer receio de desconfiança, e ele tomara parte ativa no plano, concebera-o, pusera-o em

ação: pela manhã havia comentado com algumas beatas acerca do que se supunha estar acontecendo com sinhazinha Ninice, “pois uma coisa muito triste, minhas irmãs, um feitiço”, certo de que em pouco toda Serradinho saberia do malefício de nh’Argemira: o embruxamento da menina de nhô coronel, “eu lá estive hoje para benzer a menina, e a senhora dona Felícia já principiou novena à Virgem para livrá-la do mal, hoje à tarde, às três horas, virá rezar”. Um bem engendrado artifício, logo depois do almoço uma chusma de mulheres apareceu na igreja mode melhor informar-se do bruxedo que alcançara a menina de Coronel Pantaleão, “todas rezaremos, padre, inda que de dia o serviço de casa não permita estar muito na igreja, de noite todas rezaremos em intenção da pobre criança”, e o ludíbrio com sucesso se consumava. Padre Porfírio suspirou, um tanto pesaroso. Será que não tinham ido longe demais? Não por si, mas por Ninice: usar o pretexto da criança e da fé para o adultério talvez fosse excessivo. Deveriam continuar com a pantomima?

— Sinto uma opressão na alma, Porfírio. Sinto que disso há de resultar uma desgraça para nós, para todos nós...

Padre Porfírio mordida os lábios. Também ele principiava por afligir-se.

— Você então não virá amanhã, Felícia?

— É o melhor que se pode fazer, evitar esse pecado.

— Porém, daria na vista... coronel, não se sabe, pode desconfiar...

— Sim, é certo... porém eu venho, mas para rezar... fico ali no nicho da Virgem, de joelhos, trago até grãos de milho e me ajoelho sobre eles... eu venho, Porfírio, mas para rezar...

— Está certo, Felícia — Porfírio por fim anuindo —, está certo. Assim deve ser.

Com a consciência mais tranqüila, deixando o padre também mais sossegado pela decisão tomada, sinhá Felícia voltou para casa.

Na tarde seguinte foi com alívio que, ao entrar na igreja, deparou com um grupo de quatro ou cinco beatas, “senhora dona Felícia” disse a mais velha enquanto as outras se acercavam, “ficamos sabendo do mal que persegue sinhazinha, viemos rezar mais a senhora por ela”, e todas, encaminhando-se para o nicho da Virgem ali se ajoelharam com seus terços nas mãos e puseram-se em oração. Sinhá, se bem que de olhos fechados e cabeça baixa, não se concentrava: “A Virgem se apiedou de mim” dizia-se baixinho, “elas vieram a mando dela para que eu não caísse em tentação”, porém no que lhe ocorriam as palavras da reza o pensamento se desviava, tomava o rumo da alcova, por lá se demorando; então a voz mais cheia ou mais grave de uma das beatas sobrelevava-se às outras numa ênfase arrebatada arrancando-a de seu devaneio, fazendo-a retomar a oração interrompida, porém por breves instantes, que outra vez se distraía lembrando-se da

tarde anterior e da alcova, e de seus escrúpulos, quando então se perguntava se não estaria sendo mesmo escrupulosa demais, se não devia aproveitar a oportunidade de estar com seu amor e gozá-lo livre de perigos... Porém a hora avançava, e a certa altura sinhá Felícia sentiu um toque no ombro, virou-se, “sinhá” cochichou-lhe uma voz, “eu já vou, se puder volto amanhã, se não, nas minhas orações da noite eu me lembrarei de sinhazinha”, “Deus a abençoe, nhá Angelina” e a beata se foi; não tardou e outra também se despediu, e em seguida outra... por fim sinhá Felícia está sozinha no nicho da Virgem, e de súbito sente uma presença e a mão de padre Porfírio pousa-lhe no ombro. No minuto seguinte, uma vez mais em sua alcova despia-se para o prazer e a culpa. Na sacristia, o Titico vigiava.

Que novena foi aquela: de reza ou de fornicção? Sinhá Felícia dia a dia entrava na igreja de Serradinho para seu ato de fé, às vezes à sua espera encontrando as beatas, as mesmas, outras, conforme cada qual pudesse dispor de seu tempo, e às vezes ninguém – porém, em nenhuma das ocasiões deixou de visitar a cama do padre. Entregavam-se com fúria e horror, mais forte o prazer quanto maior o sentimento do pecado cometido, o pecado por sua vez parecendo-lhes mais grave quanto mais intenso o prazer, e se a culpa os impulsionava a não continuarem usando daquele subterfúgio para encontrar-se, o desejo tornava-se maior e ambos sucumbiam à tentação. No último dia, num estado de desvario próximo da loucura, ficando enfim sozinha diante da imagem da Virgem sinhá Felícia escutou no compartimento vizinho a voz de padre Porfírio, “Titico, esteja ali pela frente da igreja, se perceber a aproximação de alguém entre e grite por meu nome para que eu saiba”, e um momento mais tarde sentiu-se envolvida por seus braços. “O perigo excita-me, Felícia, hoje quero você aqui mesmo”, e Felícia levantou-se, perturbada, tonta, lânguida, enquanto Porfírio suspendia-lhe o vestido. Acaso não foi aquele o melhor de todos os encontros? No fim, sinhá Felícia deixou pender a cabeça frouxa para trás e seus olhos foram pousar na plácida imagem da Santa em seu nicho, “ela nos assistiu” pensou, “ter-se-á lembrado de sua época?” mas em vez de recompor-se num sobressalto, de sofrer um abalo de pavor à gravidade de tal pensamento, tão somente sorriu – e fechando os olhos reclinou-se no ombro do amante, envolvendo-o mais com as pernas nuas.

– 38 –

O transcorrer do tempo pesa – traz um peso, lodo, areia: assoreia a alma.

Se-esquecimento? Nem sempre, porém às vezes inté calha: no que os dias se somam ao aferroar do remorso por um mal-obrado, o ferro fere menos e menos, a ferida cicatriza, a dor se anestesia devagar e já no que se

relembra sói nem ser mais dor, porém um purgar, um só incômodo de vez ou outra. Assim foi com padre Porfírio e sinhá Felícia passados aqueles dias culposos de novena: sobreveio um descanso.

Depois do achego defronte o nicho, por debaixo das vistas da santa, o desatino do gozo sob o risco da descoberta p'los olhos humanos (que os de Deus tudo enxergaram), o tresvario se atenuando e ambos se recompondo ainda na ardência da febre, no riso cúmplice, sucedeu à calmaria do desejo satisfeito um desespero que remoeu a ambos pelo resto da semana, e da semana seguinte, e inté do mês: Felícia angustiou-se com sua frouxidão no propósito de cumprir em preces a novena e já não tanto por Ninice mas por si mesma, pelo medo da ira divina, sucumbindo sempre aos apelos da carne, e para mortificar-se esteve quase um mês ausente de Serradinho. Dormia desassossegada, um sono tumultuado e intervalado por angustiantes horas de vigília no escuro, e mais de uma vez acordou no meio da noite presa duma aflição que a obrigava a levantar-se e dar passos a esmo pelo quarto, esfregando o rosto em desesperação como se lhe fosse faltar o ar. Por fim corria para a janela e, levantando a guilhotina da vidraça, recebia no rosto e no corpo o ar frio da madrugada e assim permanecia, ofegante, as mãos apoiadas no parapeito, até acalmar-se. Nessas ocasiões, a consciência exprobanda-a de seu pecado, chegava a ver no escuro a imagem da filha, branca feito uma morta, quase transparente, os olhos marejados e um dedo acusador em sua direção, quando se sentia quase enlouquecer sobre vindo um desejo de atirar-se pela janela para quebrar o pescoço na queda e morrer – porém a visão durava tão breves instantes que em seguida conseguia recuperar o controle dos próprios nervos e, baixando a vidraça, voltava já sem sono para a cama, permanecendo de olhos abertos até romper a alva. Não se lhe viram os sinais que o sofrimento ia-lhe imprimindo nas feições? Os de casa, ou preta Apolinária, ou coronel, até mesmo Ninice, ninguém percebeu sua palidez, o cansaço de suas feições, o roxeado por em-volta dos olhos, o todo abatimento? Possa ser, não talvez coronel, por demais enleado com seus próprios apertos, donde que para tais miudezas nem lhe sobravam tino e tempo; porém Apolinária, muito chegada de sinhá, pois não era quem lhe arrumava o quarto?, quem cuidava da filha?, quem vigiava todos os quefazeres por bem conhecer o gosto e as vontades da senhora?, assim Apolinária enxergou aqueles sinais e inté comentou, se sinhá não estaria abalada de saúde, “alguma dor, padece?”, mas sinhá Felícia suspirava, “aguras, Apolinária, coisas de quem é mãe” respondia estudando uma desculpa, e a preta sem se convencer aquietou-se: sinhá tinha coisa além do que alegava, porém se não queria confiar na preta, paciência. Ninice também não ignorou aquele transtorno, achegando-se às vezes mode um carinho, a dar e receber, “mãe, que tem?” e a mãe abraçando-a com muito afago beijava-lhe os cabelos, “nada, filha, são só uns dias maus” e a

menina não dissentia, nem consigo mesma ponderava “mãe está escondendo alguma coisa, o que será?”, punha fé nas palavras dela, “coisas de adulto”, e beijava-lhe a face na esperança de fazer passar mais serenos aqueles dias maus e vê-la alegre outra vez.

De seu lado o padre se manteve recolhido, não procurou pela amante, e ainda que se afligisse com sua ausência a consciência lhe apontava o erro com uma físga em brasa, anjo de espada flamejante à entrada do Jardim, e em seus pesares silenciosos ora via o Titico servindo-lhe de escora, ora surgia-lhe a imagem de Ninice em sua inocência, e tanto mais grave lhe parecia agora o que haviam feito. No abrasar-se desses mordimentos padecceu um cansaço que por dentro o derreou, e não menos que sinhá, seus tormentos marcaram-lhe as feições a modo que não passou despercebido do povo de Serradinho, que chega inté se alarmou, “padre Porfírio padece algum mal?”, “apois, decerto anda combalido”, “isso se vê, porém o que será?”, os mais chegados procurando-o mode saber se não carecia de uma qualquer coisa, seria o caso de buscar doutor em Monte Alto?, avisar o senhor Bispo?, e a todas essas providências o padre sorria, um bondoso e plácido sorrir, que bom e puro homem!, “não é nada, meus caros irmãos, deixe o doutor e o pontífice sossegados, são só uns dias maus” e, respirando forte que desse impressão de vigor, “isso passa”.

Um dia de tarde sinhá Felícia reapareceu, ambos embaraçados trocaram cumprimentos à entrada da igreja e por algum tempo trataram de assuntos da paróquia; “estamos negligenciando o auxílio aos pobres” ela teria dito a certa altura, e Porfírio, concordativo, respondeu que para o dia seguinte, se a ela conviesse, podiam fazer umas visitas, e sinhá Felícia fez que sim com a cabeça, “convém, convém, é sempre uma boa obra que há de agradar a Deus”. Porfírio, porém, achando-a nervosa, ofereceu-lhe um copo d’água, podia ter pedido ao Titico para trazer, porém mais atilado lhe pareceu convidá-la para dentro; sinhá de seu lado nem tanta necessidade havia de aceitar, mas aceitou. E logo o Titico de novo rondava por ali, de guarda: os amores semanais haviam, e com que furor!, recommçado — donde que bastou um pouco de tempo para os sustos diminuírem, os pavores se assentarem na indiferença, impor-se outra vez a fome com seus afiadoss dentes e os dias maus ficarem para trás.

Para Ninice também os dias em irem se sucedendo trouxeram um alívio: a menina, que de primeiro desassossegava-se da vigilância que lhe fora imposta, acostumou-se e por fim inté acontecia de prosear com Graciano, um dedo, estando ou só ou mais a Lurdinha (que de seu natural se retraía: meio medrosa, a de nhá Emerenciana não simpatizava com o jagunço, de cuja fama não perdia ciência). Daí que o passar dos dias, das semanas, dos meses também levou-lhe repouso ao coração, que já se soltava, tranqüila ia para todos os lados, passeava, saía a cavalo — o jagunço?

Pouco s'importava com sua sentinela. De nh'Argemira uma ou outra notícia teve, por intermédio de recado para Lurdinha, o destino fechava-lhe por enquanto as janelas, dizia, não lobrigando novidades: longe de seu alcance permanecia o moço dos sonhos de Ninice, inda que vez por outra a garota com ele re-sonhasse, guardando-se embora de tocar no assunto — não se desfizera o feitiço com as rezas de padre Porfírio e a novena da mãe? — mas persistindo na certeza de que ele em seu cavalo tordilho ainda viria pedir-lhe a mão.

Graciano, porém, em vigilar Ninice por incumbência de coronel não obteve semelhante benefício — ou terá obtido, de maneira diversa? Diga-se que o jagunço não se beneficiou da narcose do tempo, pois do mais prolongar-se em sua, da menina, sempre presença resultou não o adormecer da sensibilidade porém seu despertar: e para perturbação mais funda de sua alma atinou que, desde cedo na conta de por ela ter-se encantado, esse encantamento mais não era que o vero amor que no ser lhe bulia e por descabido não conhecera desde logo. Amava-a!, porém dum puro amar. Ao se aperceber da verdade, o homem se intuiu algum direito de querer? “Posso eu ambicionar sinhazinha Ninice para mim?” Porém, mais terrível que fosse sua face, não do desacerto da figura, que é somenos, mas de todo o resto, já re-sabido neste minudenciado discorrer, Graciano resguardava nos recônditos de si mesmo um saber-se, bruto a tal ponto não se tornara que desatinasse da se-construída pessoa anos em fora de cometidas faltas: podia tão só amar, e nesse amor redimir-se, foi dito, um puro amor, de todo o Graciano não se destruíra. “Sou pra defender sinhazinha de todo mal” pensava no que de longe punha os olhos na menina, “inda que minha pessoa se desgrace: eu já não importo, porém de sinhazinha é a vida e a alegria, tudo, o mundo”.

Coronel Pantaleão também conheceu dias de descanso. A santa benzedura de padre Porfírio, a fervorosa novena da mulher foram suficientes para por enquanto arredar o mal: inquirindo a filha, dela apanhou que já não vingavam aqueles sonhos contaminados, “vosmecê, menina, não está enganando vosso pai?” tornou com severidade, mas Ninice respondeu que não, encarando-o sem titubear; inda uma vez mais chamou de canto a Lurdinha, quis ouvi-la também, mostrou-se mais duro que com Ninice, não desfranziu as feições um só instante, mas a garota de nhá Emerenciana fez pé-firme, que “não, nhô coronel, sinhazinha nem me falou mais de algum sonho que teve, eu sabença não tenho de nada nhô não”, mentiu com garantia, coronel acreditou, quis acreditar mas por desencargo de consciência ainda requereu da mulher se a filha não lhe teria dito qualquer novidade daquela visagem que inté há pouco tinha por pretendente; sinhá Felícia mostrou-se enfadada e ressentida, lembrou sua novena, “foram nove dias, Pantaleão!”, referiu as rezas de padre Porfírio pela criança em

antes e depois, “que também não foram uma só!”, cabia ainda alguma dúvida? “Como de fato...” disse coronel retraindo-se, “lá, isso...” e andou dum lado pra outro cavucando os pensamentos, “muito que bem” rosnou por fim, deu-se por satisfeito. E ainda que sua insônia persistisse, que seu dormir continuasse penoso e ele por vezes permanecesse inté tarde no alpendre dos fundos fumando seu cigarro de palha, um empós do outro, sossegou tanto que seu joelho já nem muito incomodava, esperançando mesmo uma cura. Inté a alma penada de Francisquinho no correr daquele ano s’esquivara de voltar a assombrá-lo, “terá encontrado descanso?”, inda que disso lh’escapasse certeza: o mal fora afastado por enquanto, mas estaria vencido?, não restava ainda lá no Cafundó da Ema a maldita? Havia parado com suas maquinações? Coronel Pantaleão sossegava, um respiro daquelas todas tribulações, porém urgia não descurar das acertadas providências que decidira mode livrar sua casa da influência da bruxa e Ninice da perseguição do demo por ela insuflado: carecia tratar logo do matrimônio da filha com capitão Elviro, a espera duma propícia idade convinha, como alvittrara, porém Ninice passara os quatorze anos já os quinze se avizinhando, moça feita, com a graça de Deus e proteção da Virgem casava-a com um homem de posses, conforme seu merecimento e estirpe, que faria sucesso na política, e sobretudo merecedor de sua confiança — casava-a, e assim a protegia do Inimigo.

Ele porém alguma vez chegou a inquirir-se de por que, pelo casamento, livraria a filha do perigo que sobre ela pesava? Tinha encasquetado aquilo na idéia... mode quê? Não, Coronel não ponderava suas razões. Estaria cego? No escuro permaneceria. No escuro, inda que o sol da manhã varasse as vidraças da sala grande que direto davam para o nascente, estendeu a mão a capitão Elviro e indicou-lhe assento. Em seguida puxou uma cadeira de braços mais para perto; não desejando ser ouvido por quem passasse no cômodo vizinho requeria-se falar em tom moderado.

— Capitão Elviro — disse, acomodando-se defronte a visita —, mandei-lhe chamar, não sabe?, mode um assunto de muita seriedade que careço tratar com vossa mercê.

— Aqui estou, coronel, sempre para servi-lo.

— Depois, sendo importante o assunto, recorro ao amigo pelo conhecimento já antigo entre nós, de moços inté umas farras fizemos juntos em Monte Alto, s’está lembrado...

— Como não, coronel! Se não lembro!

— ...então, e também pela consideração que tenho por vossa pessoa, em nome dessa amizade de tantos anos.

— Em nome dela, coronel, para lhe valer no que for!

Coronel, empós desse preâmbulo, assumiu uma atitude ainda mais grave, tossicou, um tanto encurvou-se para diante, apoiando o cotovelo

direito no braço da cadeira e assim esteve momentos, estudando como principiar.

— Não vê, capitão — começou enfim — que, como é de vosso saber, tenho uma filha única de meu segundo casamento, Berenice, que está por completar quinze anos...

— Pois coronel, a menina Ninice já vai fazer quinze anos! Está uma moça!

— É vero, capitão, uma moça, é vero. Porém, só par'outubro, inté lá, o quê?... maio, junho... — e contou nos dedos — ...seis meses...

— Sim senhor! — disse o capitão, e com ar filosófico: — A gente já vai ficando de idade e cedendo o lugar pros mais moços.

— Porém não tanto no vosso caso, capitão — e coronel algo se riu, querendo fazer um agrado ao outro no diminuir sua idade —, o amigo inda está rapaz...

— Que nada, coronel, tanto não se dá, já sinto o peso dos quarenta e sete, quarenta e oito em novembro.

— Pois não parece — coronel garantiu, desconsiderando o grisalhado de capitão —, não parece, o amigo está de mui boa aparência, conservou-se mais. Mas isso vai de cada um, não sabe?, cada qual tem uma saúde diversa. Eu cá já padeço duns desacertos, inda que tenha bem mais anos que o amigo, é esse meu joelho encravado, e tudo mais, coisicas, vão se acumulando... Porém — e coronel levantou as mãos para retomar o assunto, voltou a apoiar-se no cotovelo direito e num esforço, o corpo recurvado para frente, tentou cruzar as pernas —, um assunto puxa outro, não calha... Vamos ao motivo que me levou a requerer a presença do amigo.

Capitão Elviro ajeitou-se na cadeira para melhor ouvir.

— Antão, como eu lhe dizia, minha filha Ninice está por completar quinze anos, sendo de meu parecer uma idade propícia para casar-se. Não carece esperar mais, apois, falecida minha mãe, vossa mercê decerto não sabe e então eu lhe digo: casou-se aos quatorze, e vigie que foi uma união segura por toda vida.

— Acredito, coronel. Também não desaprovo: moça, idade de casar é mesmo por aí, seus quinze, dezesseis anos...

— Sendo que, porém, não desejo esperar mais. Formei projeto de casar Ninice no dia dos anos dela, mode que se pode dar uma grande festa ao mesmo tempo de aniversário e de matrimônio.

— Estou lh'entendendo, coronel...

— De maneiras que, sendo o capitão pessoa de meu maior respeito, é com muito empenho, não sabe?, que lhe ofereço essa aliança com minha casa.

Capitão Elviro deu um salto na cadeira:

— Coronel!... Não sei se entendo direito!... Vosmecê está dizendo que me oferece a mão de sinhá-moça Ninice?

— Sim, capitão, vossa mercê entendeu direito sim, ofereço-lhe a mão de Ninice.

Capitão Elviro considerou a oferta de Coronel Pantaleão com ar grave, recostou-se na cadeira passando devagar a língua pelos lábios, inda sem saber o que pensar de tal novidade, cada olho mirando pra mais diversa direção.

— Porém, coronel... inda que vossa oferta muito me honre... vamos que sinhazinha Berenice não se agrade da minha pessoa...

— Capitão, filha minha se agrada de quem eu escolho! Eu, como pai, sei o que possa ser melhor para ela. Portanto, caso vossa mercê aceite, ela com muito gosto também o aceitará por esposo.

— Se vosmecê pensa assim, coronel...

— Dou-lhe minha garantia, capitão.

— Sendo assim, não posso recusar...

— Antão, estamos apalavrados... porém...

— ...

— Inda se requer que... trata-se de um assunto de certo embaraço... não devemos firmar nenhum compromisso sem antes lhe revelar certos poréns... — mas coronel já levantava as mãos: — Não, não pense que haja qualquer coisa que desabone a honra de minha filha, não...!

— Não, coronel, isso não me ocorre!, livra-me Deus!

— ...mas é que Ninice era muito nova ainda quando se deram uns contratempos... Ponha tento, que lhe vou referir por miúdo o sucedido...

E referiu a capitão Elviro os motivos de ódio que sobre si pesava, “um homem na minha posição colhe seus inimigos” justificou-se, donde que lhe provinha a suspeita de sempre haver alguém com má intenção de prejudicá-lo, “não vê vossa mercê, por todos os meios, inté se valendo de feitiçaria” e perguntou ao outro se pelo menos de oitiva conhecia uma certa nh’Argemira, “já ouvi falar, coronel, diz-se que é curandeira”, “feitiçeira, capitão, melhor lhe cabe esta palavra”, estando certo de que a pedido de alguém essa mulher, que tinha seus acertos com o coisa-rúim, “não sei se vossa mercê põe fé nesses assuntos do sobrenatural, capitão, porém eu tenho pra mim que é coisa certa”, “não descreio não, coronel, esteja certo que não descreio”, pois bem, essa mulher a paga de alguém havia ‘feito coisa’ contra sua casa.

— Deveras, coronel?! — o outro assombrava-se.

— Ninice, capitão... Ninice foi embruxada.

E coronel explicou, minudente, o sonho da filha e seu encasquetamento com a visagem que lhe aparecia, “tendo sido coisa tão forte, num sabe, capitão?, que de sua própria idéia Ninice se bateu pro Cafundó da

Ema na companhia duma moleca aqui da criadagem à procura da bruxa”, só se vendo livre quando o santo padre Porfírio a benzeu, “cristão de muita fé, capitão, de muito fervor”, valendo-lhe também uma novena que “minha senhora fez, na igreja de Serradinho”, de sorte que Ninice desde então não voltara a ter aqueles sonhos; andava porém vigiada mode não se entrevistar de novo com a feiticeira, “providência que achei por bem, pois era capaz que, mesmo benzida e livre das influências do mal, a mulher a arrastasse pra lá outra vez por meio de seus artifícios” e Coronel Pantaleão finalizou acertando em omitir as aparições de Francisquinho, que direta relação com Ninice não havia, inda que lhe parecesse certo tratar-se também de malefícios da bruxa.

— O vosso relato, coronel, em nada altera a resposta que lhe dei. Sinhazinha Berenice é moça principal, e a aliança muito me honra.

— Pois então é assunto resolvido — disse coronel pondo-se de pé. — O amigo aguarde que mando vir minha esposa para informá-la de nosso acerto e, em seguida, Ninice, mode cumprimentar o noivo.

Como seria aquele dia na existência dos da fazenda Macambira? Cabe amiudar por detalhes, ou convém uma só por alto descrição? Não se planeje: conte-se conforme o provir das palavras, importa que seja tudo explicado, esta é uma história. Da gente somenos não importa falar o muito, só que foi um dia triste pois sendo sinhazinha por todos querida, e vendo-lhe pesar uma desgraça, a dor que a afligia a todos por igual afetava, e preta Apolinária, pra não dizer os outros, passou o dia a secar os olhos já vermelhos: coronel seria mesmo tão ruim a ponto de fazer uma coisa daquelas com a filha? Sinhá Felícia, a chamado de coronel, entrou e cumprimentou capitão Elviro, e para seu espanto ouviu de coronel depois de breve e devida explicação a notícia de seu alvitre. “Senhor meu marido, mas uma coisa assim, tão de repente... não que haja qualquer coisa contra vossa pessoa, capitão, porém...”, tratava-se contudo de coisa decidida, cortou-lhe coronel, chamara-a tão somente para lhe dar ciência a fim de que pudesse iniciar os preparativos, pois “como há de ser para o dia dos anos dela, cumpre aviar muita coisa e pode faltar tempo. Agora mande Berenice aqui, cumprimentar o noivo”, no que sinhá Felícia não sendo de aceitar sem mais tal despropósito destemperou-se, “o senhor capitão me releve, mas não estou de acordo com uma tal decisão tomada sem prévio conhecimento e concordância da parte interessada. Caso o senhor meu marido queira, vá o senhor mesmo chamar sua filha” e sem mais, saiu num rompante. É certo que coronel soltou-lhe uns berros pelas costas, porém a mulher não lhe deu ouvidos, e muito vermelho pela desfeita contra capitão Elviro, que todo se encolhia em sua cadeira, levantou-se, inté se esquecendo do mau joelho que no arranco fisgou-lhe uma dor que quase o larga

para o chão, mas arrimando-se no tampo duma cômoda “o senhor capitão Elviro não se avexe” proferiu irritado e vermelho, “a opinião de minha mulher não conta. Agora se me dá licença, vou trazer-lhe sua noiva para cumprimentá-lo”, e saiu à procura de Ninice.

— Casar, senhor meu pai? — Ninice, pálida, encarou o pai, ainda sem acreditar no que escutava.

Capitão Elviro, curvando-se, grudou na graciosa figura da menina seus olhos tortos e lhe estendeu a mão.

— Cumprimente seu noivo, Berenice.

— Meu noivo, senhor meu pai?

— O capitão Elviro, minha filha, um homem digno, de muitos haveres, que lhe tem muita estima, sendo essa uma aliança que a todos nós honra. Cumprimente o capitão, Berenice.

Ninice sentiu-se tonta, abobada estendeu a mão para Elviro, que estremeceu ao antever a posse daquele corpo jovem e apetitoso que um leve vestido de seda cor-de-rosa encobria.

Coronel Pantaleão ao fim do dia sentiu um peso no ar.

À hora do almoço, por Apolinária mandara chamar a mulher e a filha, mas a preta retornou com a notícia de que Ninice dormia enquanto sinhá Felícia havia dito que não almoçava. Elviro decerto embaraçava-se com aquilo, de primeiro assim calhou perguntar ao coronel se fazia bem em tomar uma decisão tão de afogadilho, se não convinha tempo mode ajustar as coisas mais a jeito, “pelo apalavrado não, coronel, nossa consideração permanece a mesma”, porém coronel manteve-se inflexível, “o dito está dito, capitão, não há carência de mais tempo: o que se decidiria amanhã é o que já se decidiu hoje”, e depois duma pausa, “esteja certo de que não estaremos sozinhos à mesa” e gritou por Apolinária, “acorde Ninice, que isso não são horas de estar na cama. E que não tarde em aprontar-se para o almoço. Quanto à sinhá, diga-lhe que ainda sou seu marido e ordene que desça imediatamente”.

Mais tarde, ao se retirar, capitão Elviro levava consigo a grata satisfação da idéia de casar-se com uma tão formosa herdeira, e se de início a resistência por parte da futura sogra e da futura noiva o incomodasse, aos poucos punha-se à vontade, pois aquilo seria assunto de mulheres?, ora, coronel — a quem competia decisão — decidia, e a ele, sendo de interesse, obedecia. Estava dito! Satisfeito, sorriu-se largo já formulando planos de ampla reforma em sua casa: vida nova requeria uma nova e suntuosa moradia. Isso depois, mais tarde, ao retirar-se, pois durante aquele almoço ninguém se sentiu assim à vontade, “Felícia” principiava coronel com ar folgazão, “capitão Elviro esteve a dizer-me que já tem boas possibilidades

na política, não é capitão?”, porém Felícia apenas voltava o olhar para o comensal sem qualquer resposta, levando com indiferença o copo d’água à boca, do que para disfarçar o embaraço coronel via-se obrigado a enveredar por um rodeio de considerações sobre a carreira parlamentar, afirmando alegrar-se muito em ter um futuro deputado na família; “Ninice, sirva seu noivo de mais uma fatia desse assado” e a menina tolhia-se, um aflito olhar para a mãe, mas baixava a cabeça e levantando-se punha-se a cortar a carne, trasladando um pedaço para o prato de capitão, que lhe sorria com os olhos enviesados, “agradecido, sinhazinha”, e sinhazinha sentando-se de novo mexia a comida no prato, beliscava sem comer. Era um almoço de noivado, mas reinava o silêncio de um funeral.

Porém Coronel sentiu, no fim do dia, aquele peso no ar...

Vagou pela casa durante a tarde adivinhando a silenciosa revolta dos pretos da lida doméstica; “nhô Pantaleão quer casar sinhazinha com aquele velho?” escutou a uma hora qualquer a voz da Lurdinha ao longe, “carecia dar-lhe de relho outra vez” pensou, porém não lhe chamou atenção mode não piorar o ambiente; ao procurar sinhá Felícia no quarto dela, contrariando seu hábito de subir apenas de noite por causa do joelho doente, foi recebido com frieza e visível desprezo, não teve palavras no seu desejo de evitar confrontos com a mulher, enquanto a porta fechada do quarto de Ninice pareceu-lhe uma ameaça.

Coronel não lograva visitar os pensamentos da mulher nem desconfiar de o quanto sinhá Felícia se martirizava agora, vendo com pavor na intempestiva decisão do marido o prenúncio de um castigo por sua levandade; não escutou também a jura de Ninice em seu quarto, enquanto chorava abraçada à Lurdinha, “não me caso com capitão Elviro, Lurdinha, juro por Deus que não me caso”, e não escutando não pôde sofrer a gravidade magoada daquela voz; e tampouco se lembrou de que Ninice possuía em sua cômoda uma gaveta de guardados, depois, em riba de suas costas aquele peso a oprimir-lhe, seria de esperar que se lembrasse duma circunstância tão somenos? Que isso sói ser coisa de criança, de pequena se acostuma com uma brincadeira, fingimento de ter segredos, e assim se apropria da chave duma certa gaveta dizendo “esta é minha gaveta de guardados, ninguém mexe a não ser eu” enquanto a mãe anui achando graça e preta Apolinária comenta “sinhazinha anda segredosa?”, e ali deposita miudezas, não-valores, uma flor murcha, contas de vidro, folhas de papel com desenho ou dum coração atravessado por uma flecha, ou dum cavaleiro montado em seu cavalo, ou duma noiva com seu noivo, assim coisas, sempre pequenas. Pois coronel não podia se lembrar dessa mania da filha, nem ter em conta tal desimportância, nem ver quando ela, altas horas, se levantou e apanhando a chave de todos menos dela esquecida embaixo do colchão

abriu sua gaveta de guardados e à luz da vela ficou olhando muito tempo para suas coisas, inté resolver-se a sair: pois Ninice, aproveitando-se da hora, e acautelando-se devido à insônia do pai, saiu para o corredor com as chinelas de veludo mode abafar os passos, desceu em silêncio a escada e, escapando pela porta da frente para as mais densas sombras do jardim, encaminhou-se na direção de um pequeno depósito que havia ao fim duma alameda, adonde entrou; ali esteve por certo tempo, tateando no escuro à procura de alguma coisa, e ao sair levava escondido no vestido um vidrinho contendo um líquido escuro, vidrinho bem arrolhado mode o líquido não derramar que de volta ao quarto foi esconder, embrulhado num papel cinzento que não chamasse atenção, no fundo de sua gaveta de guardados. Se coronel a tivesse visto e soubesse dos seus pensamentos, não recuaria horrorizado? Outros horrores porém estar-lhe-iam reservados para a noite que entrava, para a insônia que o acometeria até altas horas: pois ali, nos fundos da casa, pitando — forte a recender o fumo de rolo — e sentindo aquele peso, deu-se que a certa altura avistou no outro extremo do alpendre o vulto do filho morto. Sobressaltou-se, levou a mão ao candeeiro em cima da mesinha mode sungar a torcida, clarear o ambiente. Avistou-o vindo em sua direção, e pôde espiar-lhe de novo no rosto em antes que lhe passasse rente e se sovertesse: falecido Francisquinho tinha os olhos vazados, dois filetes de sangue escorrendo p'la cara abaixo.

– 39 –

Era domingo, bastava o sol: sem sol o domingo não calha, e família derredor da mesa do almoço num dia assim goza a inteira alegria, sua casa, a criação no pasto, uma galinha de pintinhos que cacareja no terreiro, um grito mais único, “cró!”, costuma ser gavião rondando, sobrevoando p'lo céu. Don'Eulália chega à varanda dos fundos mode espiar, bem lá no alto mancha escura que não é urubu só pode ser mesmo rapineiro, “galinha de pintinho não se engana”, “cró!”, e volta para dentro. Marli está debruçada na mesa rabiscando folha de caderno com a caneta-tinteiro de Juliana, presente de formatura: desenha um girassol, uma casa, uns morros, porém Juliana entra e vê o destempero, “minha caneta com pena de ouro em mão de criança” e Marli amarra a cara ao se ver desprovida do instrumento de desenho, “estou desenhando” reclama, “use um lápis”, “de caneta fica mais bonito”, “compre uma”, “mindinga”, até que don'Eulália interfere, “meninas!” e Juliana lá de dentro, adonde fora guardar o precioso terém, “coitada da moleca, nem sabe falar”, e don'Eulália, “Juliana! Não implique com sua irmã! Você já é uma moça!”, “deixa, mãe, é qu'el'inda não viu o namorado hoje”. Porém isso era a alegria do domingo, esse sol, a mãe anuncia o almoço e Juliana vem — importou-se com o debique da irmã? Quem sabe

nem o escutou, nele mesmo pensando, Mariano, que em dia de domingo costumava almoçar na cozinha da Pindoba (não nos demais dias, quando, mode não perder tempo, comia com os peões no pasto, no curral, a comida preparada ou requentada em panelas pretas de ferro, fogueirinha de gravetos na beira do caminho). Mas fora já se escuta a voz dele conversando, com quem?, e uma viva alegria alumia as faces da moça, Marli esgueilhando, esferográfica de don'Eulália na mão desenhava, "agora ela sossega" disse, e Juliana "mãe, mande essa moleca parar de bobeira, ou vou dar nela", "dá, pra você ver só" a Marli numa bravata, despique de sua menos idade, "Marli, sossegue" don'Eulália incisiva, baixando o tom de voz.

Mas fora também se ouvia agora a voz de seu Umberto que chegava de Sertãozinho, de conversa com Mariano e outro. Don'Eulália chega à porta, espia, volta para dentro, "o Donga", sim, o Donga que por costume aos domingos aparecia à hora do almoço em casa de prima Justina com alguma novidade de boca para os meninos, também para sua dama, "será que o Donga e prima Justina não vão se acertar de vez" comentou Juliana com a mãe, porém a Marli sem dar tempo para resposta "quando você se acertar com o Mariano" no que Juliana não se conteve e, dum salto, beliscão bem torcido no braço da pirralha, que solta um berro e desanda a chorar, don'Eulália tendo de intervir agora pra valer, ríspida com a mais velha, "Juliana! Você já é adulta!", "viu o que ela disse, mãe?" e cochichando furiosa, o dedo acusativo para a outra, "o rapaz está aí fora. E se ele escuta?", mas a outra, mastigando o choro, "você bem que gostava se ele escutasse"; don'Eulália porém sustendo agora a mais nova pela orelha, abaixa-se irritada até estar cara a cara com ela, "você respeite sua irmã e os de fora, não quero ter de falar outra vez" e duma sacudidela mais forte, "ouviu?!", mas a Marli tinha brios, do puxão de orelha conteve-se: muito vermelha aquietou-se, sentou-se, soslaiaando a irmã mostrava-lhe a língua. Juliana, satisfeita, nem te ligo!

Seu Umberto apareceu, "entra, Mariano, a hora é boa" e o peão entrou cerimonioso, limpo, endomingado: inté a barba havia sido aparada e penteada, reluzia seus loiros ondulados, de Juliana o coração a palpitar. "Bom-dia, don'Eulália, menina Marli" e mais atencioso: "Bom-dia, Juliana", "sente-se, Mariano" disse a moça, e Marli sapeca corrigindo "ué, não é mais 'senhor Mariano' não?", mas do fogão relampeja-lhe a mãe um olhar, severa, e a garota de novo se aquieta. Já seu Umberto se acomodava no lugar de costume, à cabeceira perto da porta, Mariano ao lado da moça e Marli do outro lado, defronte a ambos. Em cima da mesa fumegavam as travessas de arroz e macarronada, na tigela de feijão sobrenadando gordos pedaços de carne de porco, e mais havia, uma farofa com farelos de carne e ovos cozidos, numa bandeja um frango assado, noutra aipins fritos muito macios, exigência de seu Umberto devido a especial preferência por essa

iguaria, e ainda uma vistosa salada de alface, rodela de tomate e azeitonas pretas, o tempero a gosto, sal, alho e cebola picadinhos, o vinagre, o azeite puro de oliva... e por último uma garrafa de vinho tinto trazida de Ser-tãozinho: tingiam-se os cálices dos convivas duma cor capitosa. Fora, umas palmas. Quem? “Se achegue!” disse espiando na direção da porta, na soleira apareceu a figura miúda da velha Didinha com seu sorriso macio, “venha nos fazer companhia, d’a Didinha” disse don’Eulália levantando-se e apanhando mais um prato, “bons-dias a todos... ’gradecida... me ajeito aqui do lado da menina Marli, n’ é menina Marli?” e a garota sorriu para ela enquanto mordida uma coxa de frango.

O almoço transcorria.

Seu Umberto narrava agora um encontro naquela manhã em Ser-tãozinho, “você se alembra, o Luizim”, e Mariano olhou para ele presa dum desassossego, também não se esquecera do causo, “lida por Rio Belo, em fazenda nos arredores, lá correu notícia do falecimento de seu Belmiro e veio cumprimentar dona Branca”, “estava só?” quis saber Don’Eulália, “de companhia o Florêncio” seu Umberto informou, “porém divergiam dali: Florêncio voltava pr’a Laguna e o Luizim partia de volta a Rio Belo, parece que fica ainda uns tempos por lá”, Mariano porém desagradava-se daquela história, um mau agouro lhe parecia e um ‘a’ não respondeu, remoía aquele desacerto, sofria uns presságios, dilatou um olhar para Juliana ao seu lado que ela correspondeu, quieta, enquanto o pai prosseguia, mas — para alívio do peão — já variando o assunto da conversa comentou do vinho, ofereceu mais a iá Didinha que parecia saborear, porém a velha rejeitou, “abasta uma dose, na minha idade não se abusa”, Marli porém não desprezando mais um gole, a contragosto da mãe, que desaprovou, mas não o pai, “não sendo sempre, mais um tanto não faz mal” e Marli bebeu vigiando Juliana com certo ar de mofa no rosto como a debicar por estar ao lado de Mariano, conhecia o embaraço da irmã à proximidade do rapaz. Mas já don’Eulália alvitrava que deviam ter convidado prima Justina aquele dia, mais os dela, “e o Donga de contrapeso” soltou a Marli, manhosa, do que se riu o pai não se rindo a mãe, que via nessas tiradas da menina umas irreverências muito em desacordo com as boas maneiras, sim, o Donga também, afinal não era amigo de todos ali, colono muito respeitado na Pindoba?, “porque é que o Donga e prima Justina não se arranjam logo?” dizia, mas don’Eulália reprovativa “e o que é que você sabe dessas coisas, menina?”, o pai achando muita graça mas não deixando de chamá-lo atenção, “está certo, Marli minha filha, porém evite comentar de modo que Justina escute, ou o Donga, eles haveriam de ficar embaraçados” e piscou um olho para a garota, que piscou o olho de volta num franco sorriso. Seu Umberto pareceu satisfeito, sabia lidar com a filha; criança tratase com jeito, “com jeito tudo se ajeita” costumava dizer.

Porém já Didinha não dizia muita coisa, de seu natural, em havendo mais pessoas à volta restava um pouco quieta, comia aos bocadinhos feito passarinho bicando alpiste, pessoa de idade não costuma comer demais, e a velha, miúda como era, tirava seu tiquinho de arroz, seu fiapo de macarrão, tingia de escuro com o feijão um canto do prato e a carne só escolhida, desgordurosa mode não empachar o fígado. Ia almoçando seu sossego, nem punha muita atenção à conversa geral que ali havia o que lhe atrair o interesse: bispava o peão Mariano, seu rosto bonito, sua barba feito um ouro, os cabelos chega rebrilhavam; apesar do tempo que ele assistia na Pindoba, perfazendo já quase dez meses, poucas as ocasiões em que assim de perto o via, e então perdia-se em contemplá-lo com um coração suspiroso. Lembrava? Amores de moça? Alguma dor recolhida em seus desvãos...

No correr da tarde Juliana alvitrou uma lição extra, “se Mariano não formou algum plano de passeio e não está cansado dos livros” disse olhando-o de frente, “podemos” ele respondeu, “não saio pra lugar nenhum hoje não, e cansaço de aprender desconheço”, sendo para a moça uma oportunidade a mais de estar com ele, privar momentos em sua companhia de menos lição, quase nenhuma, e mais prosa, livre, à vontade. Domingo não era dia de esquentar a cabeça, Juliana mesmo advertia: lembrar apenas uns pontos principais do que se estudara durante a semana, e o mais era estarem a sós para conversar — não assuntos de amor, o namoro não desatava de vez. Uma hora com os cadernos lhes parecia suficiente, e então saíam para um passeio no pomar, colher frutas, laranjas, goiabas, jabuticabas temporãs, ou na estrada, iam indo, iam indo, inté lá adiante no rumo de Sertãozinho. Ocorria alguma intimidade? Se estavam sós, às vezes um beijo, Mariano sentia-se envolvido da presença de Juliana, sua formosura, e gostava de abraçá-la, de sentir nos seus os lábios dela, mas despois cada um se retraía um pouco mudando de assunto, sabendo ambos que ainda não era hora de firmar compromisso: Mariano devido aos seus encontros em sonho com aquela no caderno do destino assinalada como sua noiva; Juliana por esperar, confiante, o momento em que ele seria seu de vez. Não se apressavam. Havia por quê?

Mas a moleca Marli não tinha o que fazer: um nojo sua irmã mais aquele Mariano, sempre juntos!, se ela se achegava o rapaz inté que nem fazia desfeita, porém Juliana demonstrava logo o incômodo de sua presença e ela se retraía, olhava um, olhava outro, permanecia um minuto, despois ia saindo de fininho. Que fazer? Chamar o Nêu mais o Tôco para brincar, lembrou a pescaria no ribeirão, que não dera em nada pois haviam brigado; ela, zangada, zombara do pequeno que desatou a chorar, “bem-feito!”, porém gostava do Toco e às vezes inté brincava direitinho com ele, inventando umas histórias pra mo’distraí-lo, e ele punha atenção,

ia escutando, os olhos arregalados e a boca aberta. O Tôco também gostava da Marli nessas horas.

Marli chegou na porta da cozinha de prima Justina, “o Nêu tá’onde?”. Justina lavava a louça do almoço, o Donga ainda por lá, de prosa, sentado à mesa enquanto o Tôco se recostava em suas pernas, pelo que Justina teria suas horas de meditação: o pequeno ia crescendo sem pai; se ela aceitasse o colono de seu Umberto, cuja presença aos domingos já passava por agradável, para o Tôco que se lhe ia afeiçoando seria de muita valia, “toda criança precisa dum pai, inté mesmo o Nêu que é maiorzinho”, porém sua maior dúvida residia no coração: tinha nele alguma que-rença pelo Donga? Era simpático e direito, feioso decerto, embora isso fosse de menor importância, e o brilho de ouro no dente quando ria não a incomodava. “Com o tempo...” dizia consigo mesma no final, pois tinha para si que o tempo traria a solução. “O Nêu está lá pra trás” respondeu, mas Marli ficou um tanto esquecida na porta espiando o Donga, que brincava agora com o Tôco de fazer-lhe cosquinha, o menino escangalhando-se de rir. “Lá pra trás” disse Marli vigiando de esquelha o Donga; pois ‘lá pra trás’ queria dizer o pasto da cabrita, um trecho largo de capinheira boa que seu Umberto, tendo presenteado o Nêu mês passado com uma cabritinha marrom de cara branca mandara cercar mode o bicho não fugir, fora preciso cerca de seis fios, subindo o morro, descendo do outro lado, contornando e voltando. O Nêu sempre ia vê-la, divertia-se em espiá-la de longe, e quando o animal não estava à vista – “tem hora que Paquinha some da banda de lá” dizia o menino muito orgulhoso – subia o morro e lá do alto vasculhava para baixo, pr’a banda de lá, inté divulgar a mancha amarronzada no meio do capim, ‘Paquinha!’ o chamado, e a cabritinha olhava pra ele. “Então o Tôco agora tem pai” disse Marli, que não perdia chance de traquirar, sabendo que punha prima Justina embarçada e o Donga, de seu natural envergonhadiço, fez-se vermelho, espiou para a outra que na pia prosseguiu a esfregar uma panela de alumínio como se não tivesse escutado. “Tôco, você quer ir comigo aonde está o Nêu ou vai ficar com seu pai?” disse a menina, porém o Tôco não se tinha no assunto, inda pequeno mode compreender a intenção da prima, “Donga n’o é meu pai não, Ma’li!”, “ué, não?!” e para prima Justina “não, prima Justina?” e para o Donga “não, Donga?!”, donde que prima Justina se viu na obrigação de repreender Marli, com jeito mode a menina não espaventar-se, “Marli, essas coisas não se dizem, é falta de educação” mas a Marli sorria-se, ora espiando o Donga, ora prima Justina, e então correu, lá se foi cantarolando entoado “prima Justi-na-á/ vai casar com Don-ga-á”, enquanto na cozinha o homem e a mulher, presas dum encabulamento olhavam-se dum relance, ele então abaixando-se mode recolher um brinquedo que o Tôco largara no chão, ela esfregando sua panela com mais vigor.

Mas do que Marli achava graça era que prima Justina recebia quase todos os domingos o Donga para almoçar e não se decidia a casar logo com ele. Esperava o quê?, ia-se perguntando trilho afora, o homem estava sempre ali com um agrado diferente, ora um brinquedo pro Tôco, ora uma camisa nova pro Nêu, por certo se retraía em ofertar objeto de uso a prima Justina, fosse uma roupa ou uma jóia, porém às vezes o agrado dum bolo para o café, ou um assado para o almoço, tudo mode agradecer, mode ver se casava logo com ela, e ela ali, dura feito pau. “Prima Justina anda bestando” distraída em seus pensamentos a menina Marli, sempre travessa – de propósito inventara aquilo de o Tôco ter arranjado um pai, e ainda persistiu no assunto mode mais espicaçar.

Donde que num chofre repente estacou, rápida amoitou-se mode espionar sem ser descoberta, e afastou a folhagem com cuidado: mais embaixo, no passar duma ladeirinha, o Nêu abaixando o *short* mijava à vontade, sozinho embaixo do céu, e Marli então viu o que sempre quisera ver mas até então não havendo jeito, o “negocinho” dele, branquelo, o jorro cristalino caindo na terra, demorado mijar, inté que ela resolveu mostrar-se, mode quê?, deixar o pobre com vergonha? Marli saiu detrás da moita e gritou “Nêu” e o menino deu um pulo, suspendeu o *short* num estalo, inteiriçou-se de vergonha enquanto via a prima aproximar-se dizendo “eu vi! Eu vi! Eu vi o Nêu mijando!” e de novo “eu vi! Eu vi...”, nem tendo o Nêu acabado de fazer, inté molhou-se um pouco, uma rodinha úmida na roupa, e Marli chegando perto, e ele esgazeado para ela, sem dizer palavra. Por fim baixou a cabeça e recuou um passo. “Bobo, não precisa ficar assim” mas ele tão só espionou debaixo para cima e voltou a fixar o chão. Marli agora estava bem perto do Nêu, amistosa pôs-lhe a mão no ombro, “bobo...”, fez um carinho na face do garoto, “bobo, Nêu...”, “pára, Marli” o Nêu desviando um pouco o rosto, mas a garota moleca não quis parar: irritá-lo? Era isso? E ela primeiro põe a mão na perna do Nêu, ambos menino e menina sozinhos, o mundo não era uma grande laranja adonde eles dois figuravam duas joaninhas quas’que nem havendo de tão pequenas? E o sol? Pois o sol não era o sinal do vasto domingo? E a mão da garota acaricia a perna do garoto, e sobe, e sobe inté a barriga à mostra da camisa aberta sem botão, “Nêu, bobo...”, que o Nêu era bonitinho e longe, lá no alto, Paquinha soltava um doce balido, seu Umberto tinha dito “ela está para criar”, inda não se via a barriga mas daí a uns dias começaria a crescer e em pouco teria cabritinhos correndo atrás dela, mamando nas tetas gordas, cheias, “Marli ia ver” o Nêu dizia consigo mesmo “os filhotes da cabritinha marrom de cara branca”, mas o que é que a Marli estava querendo?, não, o Nêu não sabia (no alto do morro a cabritinha solta seu doce balido), a mão da menina invadia sua roupa, uma carícia a lhe arrepiar a pele, e agora ela o tocava mais, segurava seu “negocinho” apertando-o com

suavidade, e deliciada sentia-o crescer em sua mão, então era assim?, e continuava apertando-o devagar, com medo de machucá-lo mas ao mesmo tempo querendo espremê-lo entre os dedos com força, “põe a mão em mim, Nêu” ela disse levantando o vestido, mas o menino de súbito acordou, apavorou-se com aquilo, recuou dum salto olhando a prima com os olhos muito abertos, e disparou: ladeira acima, correu, fugiu, sumiu-se caminho afora.

Marli rodopiou sobre os pés, “Nêu! Nêu!” chamou por ele, “burro!” soltou, furiosa, “bobão! palhaço! cagão! Tem medo de mulher, é?, mulherzinha!”, e ritmou alto com sua voz aguda “o Nêu é mulherzinha, o Nêu é mulherzinha!”, mas o menino já longe nem escutava.

– 40 –

E o tempo? Foi passando?

De sorte que diferente não sucedendo nem podendo ser, pola mão de Deus escrito esse desígnio, transcorre o tempo para os homens, com ele sobrevêm as minúcias todas que compõem o humano existir no feitio duma renda que uma rendeira com fina agulha tece: o viver aveza semelhar não mais que isso, uma renda, cada qual pessoa nela um ponto, um nó, seu destino esse entrançamento de linhas que ligam uns mas não outros, para frente e para trás tantos caminhos polos fios em fora inté que, no fio que se rompe, a morte.

Coronel Pantaleão é um ponto, um nó nessa trama. Não deslinda o supor de suas direções: confunde-se em suas conjecturas, abisma-se em funduras pirambeiras, que escuras!, adonde não obtém o esperançado alívio – tudo que possui é a certeza do caminho. Porém, acerta? Que lua é essa vermelhada no céu, tinta de sangue?

Naqueles dias, menos divergindo da verdade se dito for “naqueles noites, altas horas de insonolência”, mortificado no coração dum apavoramento que não mais o abandona, o pito aceso na boca que por vezes esquece de pitar, ali fica a brasinha queimando inté quase o fim quando de novo, feito boneco de mola, pica na concha da mão o fumo de rolo mode fabricar outro cigarro, no alpendre coronel labuta sua vigília, vigia essa lua sangrenta, definha sua razão.

Foi numa noite assim, a que horas?, desoras, que na claridade do terreiro enluarado ele viu aproximar-se um vulto que então parou, permaneceu, como se esperasse. Dessa vez contudo arredava de ser o avejão de Francisquinho, embora havendo naquilo sortilégio, pois que criatura de fora chegaria assim no terreiro da Macambira em qualquer tempo sem acordar os cachorros e produzir alarido alvoroço? Coronel se levantou da cadeira adonde descansava seu cansaço, reconhecia o vulto?, apoiando-se

na bengala manquitolou inté o parapeito, o coração aos saltos: dominava-lhe o medo ou o rancor?

— A treva sempre traz seus moradores — porém disse, voz baixa, consigo mesmo. Do vulto, que de mulher seria inda que pela idade envergado mode os vestidos largos, esfiapados panos de muito uso, não se divisava o rosto, mas a voz “boas-noites, nhô coroné” não se desconhecia no retrucar “das trevas porém não provenho”.

— D’adonde mais podia provir, bruxa? Que malefícios me traz escondidos no embornal?

Que ali estava, sim, nh’Argemira, para surpresa do coronel mas não para seu maior pasmo, que decerto pouca coisa agora o tirava do sério. Viera falar-lhe, mas “pra mal de vassuncê ou de vossa casa nenhum, coroné, que aqui não pisei meus pés senão por obrar o bem”, do que Coronel Pantaleão supria suas desconfianças, já em certezas de enleio convertidas, concatenados sucedimentos conforme sua idéia: a bruxa do Cafundó da Ema havia aberto passagem mode um incubo penetrar nos sonhos de Ninice e seduzi-la; porém Francisquinho cumpria na terra seu penar, penava, alguma culpa?, coronel desentendia pois o filho em vida procedera sempre pelo certo, moço de delicadas maneiras, de seu não era o destratar quem fosse, um rico ou um pobre, perante si a igualdade de todos, isso — o bondoso coração do filho — reconhecia coronel que daquele penar desatinava; e o moço vagueava, ou de dia ou de noite, a horas diversas o vira, de seu lugar pressentiu o mal infiltrado no sonhar inocente da irmã criança, toda pureza, e padeceu, pobre moço!, e quis avisar. Não está, contudo, o Inimigo de alerta contra toda boa ação que possa impedir? Que força tem uma pobre alma diante das hostes do inferno? A bruxa manejava seus cordéis, trançava com o canhoto: Francisquinho seria confundido em sua intenção, teria seus caminhos escurecidos no que pensasse em avisar o pai do perigo que Ninice corria, a boca costurada em trabalho de embornal que se enter-ra no pé da bananeira mode não poder falar — e assim, quando lhe aparecia só carregava aquele silêncio, aquele passar de sombra que escorrega pela parede sem barulho, inté ir-se por fim de volta pr’as suas agonias. Estaria formando enredos? Desconjurava: “Desconjuro o bem que das mãos de vosmecê procede, bruxa”, inda que por menos não lhe confrangesse o coração o medo, “não lhe assusta a morte, vindo aqui vigiar a vida daqueles que quer desgraçar?”. Nh’Argemira, porém, banhada pela lua que vermelhava no meio do céu sabia-se a enfrentar uma luta, “bem adivinhei que coronel por errado tomava minhas intenções” respondeu, e sentenciou “é vassuncê mesmo quem pretende o mal para vossa filha”. Coronel estremeceu. Nh’Argemira sabia do casamento de Ninice, cujo nome inda não se mencionara? Mas num segundo pensar reconhecia: serva do canhoto, dele

devia de ter escutado a notícia, e ali viera saber, o quê?, que perigava o sucesso de seu mal-feito?, ou atçar-lhe mais o desespero?

— Engana-se, tinhosa, que eu protejo minha filha de suas artes, minha filha e minha casa. Ninice casada, abençoada pela Igreja e pela Santa Virgem, estará livre do carochio que vosmecê fez entrar nos sonhos dela. — Coronel puxou fundo o fumo, bateu com a ponta da bengala no chão, asseverativo como quem toma uma desforra: — Sou homem de muitos crimes, bruxa, muitos ódios pesam contra mim, do que sei e não me escondo. Por isso reconheço que podia esperar, não estranhável, o malefício que contra minha pessoa alguém dirigisse. Porém, contra minha pessoa, não contra uma inocente.

— Não prolate despropósitos, coronel — retrucou nh'Argemira, sempre imóvel no mesmo lugar adonde havia parado —, que vassuncê se persiste nesse entender muito arriscoso s'encaminha. Não vim a essa lonjura por aprazimento d'espicaçar vossa pessoa, não obro a ruindade contra vossa casa. Pra cá hoje me ponhei mode um esclarecimento, chamar vossa atenção: o moço Francisquinho, eu vi nos segredos, descobri o motivo de seu penar, não por força de erro praticado mas por missão a cumprir, no livro do destino designado: proteger sinhazinha dum grande mal que está para lhe suceder, porém vassuncê com vosso coração endurecido não lhe cede espaço...

Obscurecia-se o entendimento de coronel? Teimava no enredo que consigo mesmo trançara? “É vosmecê, filha do diabo, que o lança em confusão” diz, “eu atinei com a verdade, decerto foi a Virgem quem me aclarou as idéias” diz ainda, se bem que por longe de pensar na santa andava por último coronel, sua fraca devoção mostrando-se apenas perante os olhos do povo, enganação que a vista de Deus não cobria, pois padre Porfírio benzera a casa a seu pedido, “a casa está benzida e Francisquinho há de encontrar descanso” disse em desafio, mas ele alguma vez dobrara os joelhos numa prece contrita? Só o que fazia não era restar para ali insones madrugadas fumando seu fumo de rolo, abismando-se em seus terrores?

— Não quero debater nhô coroné, num sabe?, aqui vim mode um aviso, em pessoa merecer vosso crédito, e o aviso'stá dado: Francisquinho tenciona proteger Ninice, porém carece de vassuncê abrandar vosso coração. Só isso: abrandar o coração.

Porém Coronel Pantaleão em sua soberba revolta não se movia, “é preferido que vosmecê se arretire, bruxa” a voz baixa e ameaçadora, outra vez o bater no chão com a bengala de ipê, pola casa toda respondendo aquele som tambor, **tum tum tum**, “arrede vossa peçonha, em antes que eu me desarrazoe e grite pelo Graciano”. A ameaça de coronel parou no ar feito uma fumaça que aos poucos evapora restando tão só a catinga, o eco

na cova dos ouvidos. Nh'Argemira não se abalou, sua voz não assinalava tremura, não se alterava, sempre a mesma – pressagiosa, segura:

– Cuidado, nhô Pantaleão!, cuidado!, que a princesinha da Macambira corre perigo.

Então se moveu, virou as costas e saiu andando devagar embaixo da lua, pra que direção?, coronel enxergou?, apois: num relance o vulto de nh'Argemira tinha-se sovertido.

A porta de dentro se abriu com um rangido: na soleira apareceu sinhá Felícia, esbranquiçada figura no escurão, o candeeiro restando dentro em riba duma mesa.

– Que está havendo, Pantaleão? – escutara as pancadas no chão, depois de novo e mais fortes. Também não dormia, levantou-se.

– Não é nada, mulher – coronel apoiava-se no parapeito espiando para fora, para o terreiro claro do luar.

– Você estava conversando sozinho?

Coronel suspirou, não respondeu.

Sinhá Felícia por último também espertinava. A casa, que de há muito ou desde sempre para ela não produzia uma alegria de estar, agora opressiva tirava-lhe o sono, se bem que certo não será dizer a casa mas seus – de sinhá – assombros particulares, que lhe tolhiam inté mesmo o exacerbado desejo: dois dias antes, nos braços de padre Porfírio e nem de todo despida, com os olhos marejados dissera “não posso, Porfírio, depois do que aconteceu já não posso”, e desembaraçou-se, sentada na cama ajeitou o corpete, compôs os cabelos; o padre moveu a cabeça pesaroso, “eu sei, Felícia, eu compreendo”, “não, Porfírio, não compreende”. Já na sacristia se abraçaram outra vez, e ela pendeu a cabeça em seu ombro, “o que vai ser de mim, Porfírio?”, “o que vai ser de todos nós, Felícia?”.

– Devem ser seus remorsos, Pantaleão – sinhá Felícia ainda na porta, antes de voltar para dentro –, só os seus remorsos.

Agora estava sozinho outra vez. O vento levantou uma nuvenzinha de poeira, sacudiu a ramaria das árvores próximas e um pássaro noturno voou dum galho para outro, duma árvore para outra. Uma coruja? Escutou o chirriado ali perto, um frio lhe arrupiou a cacunda inté a linha do cabelo. Então avistou: o vulto evinha da reta da casa do Graciano, inté pensou que fosse o jagunço, que às vezes também lhe tardando o sono passava por ali mode saber se o patrão tinha alguma necessidade, mas depois reconheceu a roupa de montaria. Francisquinho vinha vindo pelo terreiro na claridade da lua, coronel gelado de pavor vigiava no lugar dos olhos do moço só os negros buracos vazios na brancura da face, enquanto aquelas palavras, “a princesinha da Macambira corre perigo” calavam fundo em seu peito.

Que lanhos minavam sangue no peito de Coronel Pantaleão? O historiador que se segue o dirá.

– 41 –

Ninice já não irradiava sua natural alegria.

Os sorrisos esqueceram, os olhos haviam perdido seu brilho.

Vigiada fora de casa pelo Graciano em seus mais inocentes passeios, e dentro sentindo pesar sobre si a sombra desse pai de tão rijo coração que, uma vez lhe imposto o casamento com capitão Elviro, não mais lhe dirigia a palavra, além do que adivinhando o sofrimento da mãe em sua impotência para salvá-la, via Ninice aproximar-se no ritmo célere dos dias maus – como só os dias maus soem ser céleres – a data de seu sacrifício, e mingua: emagrecera e perdera suas vivas cores, umas manchas escuras voltaram seus olhos e agora suas mãos já se tornavam presas duma tremura.

– Essa menina está adoecendo – calhou certo dia escutar preta Apolinária cochichando com sinhá Felícia, que soltou um suspiro de angústia.

– Mande o Leocádio apanhar o boticário em Serradinho, Apolinária.

Veio o boticário, examinou-a, não lhe achou qualquer doença, “são os nervos” disse, “algum desgosto?” perguntou sem esperar resposta, “caso não haja melhora” acrescentou, “é mandar vir doutor formado de fora” e receitou um fortificante, uns chás de erva-cidreira, só.

Mas Ninice dia-a-dia consumia-se.

– Esse boticário é um inútil – Coronel exasperado, manquitolando dum lado para outro embaixo, na sala –, amanhã mando buscar o doutor em Monte Alto, Felícia!

Veio o doutor de Monte Alto, e também nada achou em Ninice a não ser o que o boticário já havia dito: “Os nervos” murmurou escutando as costas da menina enquanto perto sinhá Felícia inquietava-se, “nada, os pulmões estão ótimos, limpos. São só os nervos. Algum aborrecimento?” e de novo a receita dum fortificante e uns chás.

O doutor partiu e Ninice não mostrou melhora.

– Nossa filha está doente por sua culpa, Pantaleão – por fim a mãe, falando baixo ao marido, no alpendre.

– Mas se mandou aviar a receita do doutor, Felícia – o rosnado surdo de coronel em resposta –, o que vosmecê quer que eu faça agora?

– E remédio algum cura desgosto, Pantaleão?

À noite, duas vezes por semana, capitão Elviro aparecia.

– Como está passando, sinhazinha? – melífluo s’envergava, os olhos tortos, para baboso beijar-lhe a mão.

Ninice forçava um sorriso enfermo, “bem, sr. capitão Elviro” seu triste murmurar, e ia sentar-se ao lado dele na marquesa, “sinhazinha não carece tratar-me mais de ‘senhor’, pois não?”, “é o costume, sr. capitão”, “era porém do meu agrado ouvi-la pronunciar só meu nome”, “se lhe agrada... Elviro”, e o capitão abria-se num sorriso, esquecia-se da sombra ao seu lado na marquesa e principiava largo prosear com o sogro que vinha fazer sala. Ninice aos poucos se afastava, permanecia sentada mas se recolhia em sua concha, fechava os olhos buscando forças na lembrança de seu amor, o moço de barba aloirada que viria em seu cavalo já decerto não pedir-lhe a mão ao pai impiedoso mas arrebatá-la, pô-la em sua garupa e galopar para longe da Macambira rumo à somente sua felicidade. Procedia sempre assim, refugiava-se, até que dando horas capitão se despedia e Ninice respirava com alívio. Uma noite, porém, estremeceu: sentiu sobre a sua mão no regaço um peso visguento, sobressaltou-se, olhou em volta, o pai saía da sala e ao virar-se para o capitão, este curvava em sua direção a cara larga, o sorriso de dentes ruins, “sinhazinha releve”, “mas capitão...”, “vosso pai saiu há pouco, decerto para nos conceder um particular, e tem uma coisa que desejo requerer de vossa pessoa”, “eu ouço, capitão”, “agradava-me um beijo de sinhazinha”. Ninice retraiu-se, “não fica bem, capitão Elviro”, “porém nós somos noivos, não há mal. Conceda, sinhazinha Ninice”, e sem mais aproximou a boca, Ninice sentiu-lhe o hálito, embrulhou-se-lhe o estômago... mas pôde evitar?

Naquela noite Ninice encharcou o travesseiro com suas lágrimas.

Nas seguintes capitão Elviro voltou: os dias iam indo e ele aparecia regularmente duas noites por semana, sentava-se na sala ao lado de Ninice e punha-se por largo pedaço a prosear com o sogro; a certa altura Coronel levantava-se pretextando uma providência qualquer — o chá de boldo de que quase se esquecera, ou uma fricção de arnica no joelho ruim, uma ordem para os pretos da cozinha — e tudo se repetia: o pedido de um beijo, o riso de maus dentes, o hálito pestilento...

Por fim chegava o dia: entrara a semana dos anos de sinhazinha.

Uma certa manhã bem cedo Ninice desceu para o jardim, estando ali por costume na labuta quas’que desde clarear o preto Leocádio, a enxadaquinha, a tesoura de podar, os saquinhos de semente e de adubo, mexia e remexia a terra. Quando escutou seu nome dito dum jeito magoado e levantou as vistas deu com a princesinha da Macambira — com o que restava dela — à sua frente, os olhos a verter umas lágrimas que a menina de qualquer jeito secava com as costas das mãos.

— Leocádio, se eu lhe pedir uma coisa, você promete fazer pra mim?

O preto se levantou, limpando as mãos sujas de terra nas calças.

— Apois, sinhazinha, cá o preto outra serventia não tem...

— Mas o que vou-lhe pedir é uma coisa muito séria, Leocádio. Careço de poder confiar em você — tornando a limpar os olhos onde restava ainda um orvalhar de sua mágoa.

— Sinhazinha pode confiar — disse o preto —, que eu sei... eu sei que sinhazinha padece... o que muito me dói também cá por dentro... se eu puder ser de alguma valia mode um sossego pro vosso coração...

Ninice então tirou do bolso do vestido uma carta fechada e entregou-a ao preto.

— Logo de noite, sem que ninguém veja você, sai da Macambira e vai até a casa de capitão Elviro, e lhe entregue esta carta...

— Entrego, sinhazinha, deix'estar qu'entrego sim — e guardou a carta no bolso da calça.

— ...mas não volte aqui, Leocádio, que papai é capaz de mandar o Graciano matá-lo. Vai para a Viçosa, sabe onde?, procure Lúcia Helena, você sabe quem é, não sabe?, fique por lá, Lúcia Helena é boa e vai aceitá-lo... e conte tudo a ela, diga-lhe que eu preciso da ajuda dela.

— Eu faço conforme sinhazinha ensina, po'deixar...

— Não volte aqui, Leocádio — Ninice tornou a lembrar —, não volte aqui, senão papai o mata! — e correu para o quarto com o coração aos pulos.

Na véspera havia escrito uma carta para o noivo:

“Estimado sr. Capitão Elviro:

“Venho pela presente apresentar-lhe meus respeitos e tratar de um assunto de nosso mútuo interesse.

“Trata-se do nosso noivado. Como já se encontra muito próxima a data estipulada por papai, achei por bem não me demorar mais em comunicar-lhe a decisão que tomei.

“Sei que o senhor é um bom homem, por isso não é justo que permaneça enganado: a idéia desse casamento partiu de papai, que em nenhum momento me consultou, de forma que não posso casar-me com o senhor pois amo a outro, a quem desde muito tempo entreguei meu coração. Sei que o senhor há de encontrar uma moça que o fará feliz, assim como eu encontrei aquele que é, de fato, o meu noivo.

*“Certa de sua compreensão, despeço-me, sempre sua amiga
Berenice Valadares.”*

Naquela noite o preto Leocádio deixou a Macambira para sempre. Consigo levava a carta de sinhazinha. Mensagem de redenção ou ruína, cumpriu a incumbência e depois bateu em fuga para a Viçosa.

Porém pela manhã, inda muito cedo, a Macambira estremeceu. Preta Apolinária acudiu aos brados do sinhô, e ao entrar na sala avistou coro-

nel transtornado segurando na mão trêmula um papel e de pé à sua frente, aspecto grave, as mãos atrás das costas, capitão Elviro parecia esperar — porém, o quê?

Vendo a preta, Coronel Pantaleão ordenou:

— Apolinária, suba e mande Ninice descer. Diga a sinhá que se avie, requeiro sua presença nesta sala também.

Sinhá Felícia e Ninice desceram juntas. A mãe assustara-se com a determinação do marido e por um momento tremeu: teria ele descoberto enfim seu romance com padre Porfírio? Estaria pronto para matá-la perante a filha, como exemplo de um justo castigo por ter-lhe manchado o nome? Fosse como fosse, dizia consigo mesma, não recuava. Pronta a admitir sem escusas o adultério, e apesar do susto inicial, de súbito muito calma apareceu na sala. Ninice no entanto sabia por que tão cedo a chamavam, a presença de capitão Elviro servia de confirmação.

Sinhá Felícia e Ninice acercaram-se.

— Que nos quer, senhor meu marido?

— Senhora dona Felícia — começou o pai de semblante austero, sem levantar a voz, um medonho jeito de falar que prenunciava sua ira —, peço-lhe a bondade de, perante o senhor capitão Elviro Barbacena, ler este papel.

Sinhá Felícia recebeu o papel das mãos do marido, passou rapidamente os olhos e empalideceu. Um ‘a’ não disse, os braços descaíram, baixou a cabeça.

— Berenice — prosseguiu coronel no mesmo tom —, adiante-se.

Ninice avançou um passo na direção do pai, não mais, a bofetada em pleno rosto fê-la recuar, escorar-se na marquesa para não cair.

— Pantaleão! — exclamou sinhá Felícia avançando. — Piedade, Pantaleão, é nossa filha!

— Não se meta, Felícia! — coronel enfurecido ainda falava baixo, incisivo. — Eu lhe dei antes a ler o papel para que, perante a gravidade do que esta desavergonhada fez, vosmecê não me viesse com panos quentes!

— Pelo amor de Deus, nhô coroné — ao mesmo tempo intervinha preta Apolinária —, tenha pena de sinhazinha!

— Saia desta sala, negra, já!, os assuntos de seus senhores não lhe pertencem — e levantou para ela a bengala, empurrou-a para fora e trancou a porta do corredor.

Sinhá Felícia abraçara-se a Ninice, que se curvava sobre seu ombro, dos lábios cortados correndo um filete de sangue.

— Venha cá, Ninice — ordenou coronel.

— Pantaleão, pelo amor de Deus!...

— Venha cá, Ninice — coronel reiterou, com austeridade.

Ninice desprendeu-se dos braços da mãe, cabisbaixa obedeceu.

– Vosmecê manchou meu nome e trouxe a desonra a esta casa. Agora desculpe-se com capitão Elviro que eu quero escutar, e dê graças a Deus se ele inda a quiser por esposa!

Ninice moveu a cabeça devagar:

– Não, meu pai, não farei isso.

– Vosmecê desobedece uma ordem de seu pai, sua rameira! – coronel se descompunha: tomou a filha pelo braço sacudindo-a, brutal, a voz sibilava.

– Não fale assim com sua filha, Pantaleão! – de novo sinhá Felícia se adianta, disposta a defender Ninice.

– Obedeço ao meu coração, meu pai – Ninice sem medo respondeu. E afrontou o pai: – Não me caso com o capitão pois é a outro que eu amo, e o senhor sabe disso! – e para seu pretendente: – Saiba, senhor capitão Elviro, meu pai o enganou: eu estou prometida a um moço a quem entreguei meu coração e que todas as noites entra em meu quarto!

Inflama-se por fim a fúria de Coronel Pantaleão.

Ninice perdera o juízo dizendo-se, perante capitão Elviro, visitada todas as noites por um homem? Coronel perceberia a inocência daquelas palavras?, pois, sim!, a menina recebera muitas noites em seu quarto a visita de um moço, porém não em carne e osso, senão em sonho e sombra, a tão só imaginação! Para o pai, no entanto, a honra maculada se lavava com sangue – a correr o daquela a quem se inculpava a mácula... o sangue de Ninice.

Coronel lançou mão do rebenque, pendurado dum prego atrás da porta.

– Pelo amor de Deus, Pantaleão! – o grito de sinhá Felícia que avança em defesa da filha, a pancada forte do punho de coronel que a põe desacordada por terra.

O rebenque enfim em suas mãos, “não repare não, capitão Elviro, mas a vergonha é minha”. O que se passou então? Que insânia aquela, que demônios agitavam suas asas escuras na sala Macambira? A menina nenhum gesto fez de defesa: acaso podia esperar pelo inferno? Coronel colheu-a pelo corpete do vestido – nisto sua crua intenção – puxando-a com tal furor que de alto a baixo o tecido se rompeu, à pura luz da manhã revelando-se a alvura de seu colo, a visão deslumbrante de seus pequenos seios rosados. O primeiro golpe alcançou-lhe o rosto, um lanho que a marcou fundo na face, atirando-a por cima duma cadeira; o segundo golpe, os outros, quantos?, oh, quantos!, dilacerando-lhe os ombros, os braços, os seios que saltavam do corpete rasgado e que mais em seu desatino coronel esfrangalhava, e os gritos de Ninice, os gritos, os gritos, os gritos...

...até o sangue cobrir-lhe a brancura da pele, ensopar-lhe o vestido, tingir de rubro os seus dias...

Coronel Pantaleão susteve-se enfim, vermelho recuou, secando a testa onde o suor porejava.

– Em face do despautério dessa desavergonhada – disse coronel ofegando, descaído o braço que segurava o rebenque –, vosmecê está livre, capitão, para desistir da mão de minha filha.

– Mas não, coronel – respondeu capitão Elviro muito pálido –, para mim tudo continua o mesmo!

– Vosmecê sempre aceita casar com Berenice?

– Aceito, coronel!

– Antão está dito!

Fora na manhã da véspera que se dera aquele horror.

Sinhá Felícia voz não teve mode falar ao marido, por quem a outra indiferença cedia lugar ao ódio, e menos ânimo com que o enfrentasse: sucumbia? Fraquejava um tão só momento para reunir suas dispersas forças? A mãe, junto da filha prostrada e febril em seu leito, palavras também desconhecia mode um conforto, a luz duma mínima esperança, de seu então só umas poucas lágrimas requietas enquanto lhe segurava as mãos. Ninice dormiu muito, e quando esteve acordada nem sereno umedeceu-lhe as vistas, nenhuma reclamação lhe veio aos lábios, senão umas palavras ditas em voz baixa, conforme a fraqueza e a dor lhe permitiam: “Eu não me caso com capitão Elviro, mamãe!”, porém sinhá Felícia nem não escutou direito – amortecida por dentro aquilo seriam palavras ou tão só um suspiro da filha?

À tarde padre Porfírio, sabedor do ocorrido, apareceu. Encontrou coronel derreado na poltrona da sala, “cometi um desatino, santo padre, suba, vá estar com minha filha e minha mulher, leve às duas o conforto da fé”. Ninice dormia. Sinhá Felícia segurou a mão do amante, “alivie meu sofrimento, Porfírio, ainda que apenas por um minuto”, “aqui, Felícia?”, “em meu quarto, Porfírio”. Mais uma vez nos braços do padre encontrou o prazer culpado, o seguido remorso, “começo a pagar pelo meu pecado, Porfírio...”, “não pense assim, Felícia”, “...mas não consigo deixar de pecar”. Felícia e o padre voltaram então ao quarto de Ninice: que ainda dormia. E tinha febre.

Mas Coronel Pantaleão podia agora fechar os olhos num tranqüilo adormecer, senão continuar p’ali, pr’a varandinha dos fundos, padecendo sua insônia e seu medo?

Padre Porfírio antes de retirar-se pedira-lhe que refletisse no que pretendia fazer, e ele refletia. A noite toda, o dia que se seguiu por inteiro, e agora mais uma vez varava a madrugada refletindo. Por fim, eis a bruxa que vem assombrá-lo em sua própria casa, eis o avejão de Francisquinho que por fim lhe aparece sem os olhos, só aquelas duas covas escuras na face

muito branca, e sinhá Felícia que surge tarde da noite no alpendre e lhe fala de remorso.

“E que remorsos poires não terei se o torto a agarra de uma vez e acaba com ela? Que remorsos muito piores não terei?”

– 42 –

Será que o amor desembaraça alguém de seus desacertos?

A geral opinião propende para tal entendimento, donde que um homem pode ser capaz de obrar a tão pura maldade, mas entrando-lhe no peito o amor acende-se aí uma brasinha, fagulha de mínima proporção, porém se calha alastrar-se esbraseia o ser, por inteiro a alma, cresta a má semente, não a boa, é um fogo que entende sua escolha.

O amor, dirá alguém divergindo, sempre um que outro divergem, nem todos possuem o mesmo medir; o amor sói ser um sentimento feito qualquer outro, e tão só por interesse procede; pois antão, não sendo o homem que 'panha afeição por uma moça diverso dos outros, essa afeição será tão só a necessidade de suprir sua apetência, similar a uma fome em que se tem vontade de comer, ou uma sede, de beber água fresca de mina, molhar a língua e a garganta. Isso vem de uma comparação entre o amor e a fome ou a sede: matou-se a vontade, acaba-se o gosto. Míngua então o sentimento feito flor de pétalas delicadas em soalheira de estio?

Graciano, há que tempos conhecia o amor!

Quando porém atinou o bruto que aquele arroubamento pela criança que carregara no colo diferia do amor de homem pela linda adolescente a quem jamais deveria ter ambicionado? Decerto Graciano primeiro s'encantara pola criança, como de seu próprio pensar se colheu, mais do que por uma sua filha, pois se uma filha tivesse seria assim tão cheia de formosura que em seu peito acordasse um tal enlevo? O próprio jagunço admitia que não, sendo ainda um amor diverso, um puro maravilhar-se, feito alguém se desvanecer na presença dum anjo de Nosso Senhor. Mas Ninice crescia. A sinhazinha de oito, nove, dez e depois de onze e doze anos – a essa, de que maneira o jagunço espiava pra ela? Graciano não sabia dizer. Podia já querer à maneira de paixão uma criança de tal idade, não a sinhazinha de doze, que com pouco se botava quas'que moça, mas a menina de oito ou nove? No que já não tinha ao colo a filha de nhô coroné por a menina ir ganhando idade, convindo deixar-se de liberdades para tomar uma atitude de mais conveniência, porém conservando o mesmo encantamento de antes, respeitava-a como a sinhazinha, a futura moça de prosápia e dona de vastos haveres: já existiria aí um germen desse amor que agora de sua vida assumia o centro e a toda inteireza? Confundia-se o jagunço-capataz em tais investigações, abismava-se ao compreender seu des-

vario: apaixonara-se, em que momento?, pela princesinha da Macambira – despropositado, insano querer, mas não menos real. Menos puro, no entanto, seria?

No dia em que Coronel Pantaleão desvairou, Lurdinha esteve à cabeceira de Ninice até de noite, e sozinha com ela chorou vendo-lhe na face o vergão do chicote, e mais lágrimas verteu no que a menina abrindo a blusinha de cambraia mostrou-lhe os lanhos sangrentos nos ombros, no pescoço, nos peitinhos em formação.

– E coronel inda quer que vosmecê case com aquele capitão Elviro, Ninice? Faltam só três dias...

Ninice moveu a cabeça. Sentia dores por todo o corpo e a febre, no aproximar-se a noite, recrudescia.

– Ele vai chegar antes disso para me salvar, Lurdinha – com voz fraca respondeu, e um breve sorriso –, o meu amor...

Lurdinha sentiu que seus olhos enchiam-se d'água. Sinhazinha acreditava ainda naquele sonho!, e a menina de nhá Emerenciana desejou para si todo o sofrer de Ninice: seus desesperos, sua dor.

– Mas e se ele não vier a tempo, Ninice? – quis Lurdinha não ter perguntado, sem porém evitar a pergunta que contra sua vontade lhe brotava à boca.

– Ele vem – Ninice respondeu, fechando os olhos, mas depois abrindo-os e olhando a amiga: – Porém, se não vier... se não vier... se não achar o caminho... eu vou ao encontro dele...

Lurdinha sentiu uma aflição, um nó subiu-lhe até a garganta, as lágrimas rolaram de vez, ribeirão por suas faces abaixo.

– De que jeito, Ninice? De que jeito?

– Você está chorando, Lurdinha? – a voz miúda de sinhazinha doente, a febre incendiando-lhe as faces. Suspirou. – Por quê?

– De que jeito vosmecê vai ao encontro dele, Ninice? – e tentando enxugar as faces molhadas: – Diga pra mim de que jeito!...

– Eu estou com tanto sono, Lurdinha – Ninice quase fechava os olhos, tão dificultoso agora mantê-los aberto –, acho que vou dormir... Mas eu vou ao encontro dele... só pra você estou contando isso... só... pra você...

Ninice adormeceu.

Lurdinha apertava as mãos da amiga entre as suas enquanto chorava ainda, contemplando através das lágrimas suas feições consumidas e febris.

Já era noite no que ela deixou Ninice dormindo e bateu para casa. Quase corria pelo trilho no rumo do moinho velho quando lhe cortou caminho, brotando detrás duma moita de capim-melado, um vulto que ali

se acoitava, do espanto a de nhá Emerenciana estacando num chofre repen-
te.

— Careço duma prosa com vosmecê, moleca — disse o vulto, e a Lurdinha s'embargou dum susto: no reconhecer não a figura por estar escuro, mas a voz do Graciano, teve medo.

— Eu não sou moleca — Lurdinha respondeu, ríspida, que não apreciava o jagunço, desagradando-lhe o jeito como a tratava. Porém, mode respeito, baixou a voz, perguntou: — Que é que vosmecê quer?

— A moleca... a menina Lurdinha releve minha falta de jeito... porém ando num só desacorçôo, não sabe?... Alguma coisa hoje se passou na casa... há de ter sido com sinhazinha... Coroné está impossível, porém não me disse nada... vosmecê que por lá andou, me diga...

— Mode que vosmecê quer saber? — Lurdinha respondeu com maus modos, esquecendo-se do medo que tinha do Graciano. — Por acaso lh'interessa?

Graciano, exaltando-se, agarra-a por um braço:

— A moleca não espere que lhe arranque a força o que procuro saber... por Deus, moleca, estou desacorçoado que não me tenho em mim!...

— Me solte! — diz Lurdinha livrando o braço num repelão. — Eu lhe digo...

E Lurdinha instruiu o jagunço do desvario de coronel, sua intenção de por força casar Ninice com capitão Elviro, “ela porém se recusa a aceitar e inté escreveu pr’ele um bilhete desmanchando o noivado, adonde que coroné perdeu a cabeça”, “nhô coroné teve coragem de bater nela, Lurdinha?” perguntou o jagunço quas’que descrendo do que a outra lhe referia, “cortou a pobre toda de chicote” Lurdinha confirmou num tom de voz angustiado, “e na presença dele, do capitão”, e depois com um ódio contido na voz surda “coronel é um demônio”, acrescentando que sinhazinha agora estava de cama, não porém só por causa do espancamento, “antão por mal de quê, Lurdinha?”, “por mal duma febre, seu Graciano, feito da outra vez, saí de lá agora e ela ficou dormindo, porém se vê que ela não está boa, inté pegou a variar, a não dizer coisa com coisa”. Graciano estremeceu. Sentiu-se vacilar, levou a mão aos olhos e respirou dificultoso, o peito opresso numa sufocação, “vosmecê está doente, seu Graciano?” Lurdinha num susto polo jeito do jagunço quis saber, “me diga, Lurdinha” tornou o Graciano com a marca do desespero na tremura da voz, “sinhazinha não aceita casar com capitão Elviro mode afeto por algum outro moço, não é?”, “vosmecê não sabe dos sonhos dela, seu Graciano?”, donde que Lurdinha então lhe referiu essa história que já durava anos, “desd’aquela primeira vez que Ninice teve uma febre assim”...

O jagunço botou atenção no relato, essa para ele novidade, inté se admirava daquilo, e se confrangia: pois se sua princesa desajuizava não teria ainda mais carência de afeto, um todo carinho em seu viver? Como pôde nhô coroné ser tão ruim com a pobrezinha?

“Pode-se impedir de cantar um passarinho cuja vida é só o seu cantar?”

— Ela ainda acredita nisso, seu Graciano — Lurdinha já não segurava o choro mode a pena que lhe fazia lembrar essas coisas, inté s’esquecia de ser ao Graciano de seu desapareço que referia aquele causo, dando livre curso à tristeza por dentro a lh’espinhar —, inda acha que ele vem... mas disse que se não vier, é ela que vai encontrar com ele...

Graciano, porém, já não punha atenção no que a outra dizia...

— ...e como é que ela pode ir encontrar um moço que não existe? Sair por aí, polas estradas, procurando... quem?...

...num passo cambaleado largou a Lurdinha no trilho do moinho velho e se botou... pr’adonde?

— Adonde o senhor vai, seu Graciano?

O jagunço havia desaparecido.

De começo se procurou saber se o amor tem a virtude de desembaraçar alguém de seus mal-feitos, e inté se afirmou que o mais da gente por esse entender se orienta: o amor — sublime purificar-se das culpas, não se desprovendo decerto de um sincero arrependimento, pelo contrário, proporcionando-o a justa contrição; sendo porém que num aceitável divergir, dá-se que uns o entendem como similar a uma carência do corpo, ou fome ou sede, sentimento qualquer que, no ser satisfeito, recai, descai, adormece seu tanto, dá lugar aos procederes comuns: não provém de qualquer virtude.

Porém o que dizer do amor de renúncia, sacrificial, aquele que por si mesmo remanesce sem qualquer exigência que não seja o só existir, por tão só existir? Não seria dessa qualidade o sentimento que enchia o peito do jagunço Graciano, que no seu exaspero de paixão por Ninice para si não a ambicionava, a não ser sabê-la apenas viva e feliz sob a luz do sol? Algum ciúme o aferroava? Graciano de nenhuma forma desfazia da querença de sinhazinha por esse cavaleiro que no dizer da moleca de nhá Emerenciana havia só em seu sonho, um decerto historiar mas cujo desatino então não chegou a tanto afetá-lo, e tampouco que ela acreditasse em sua vinda, ou siso ou demência não era seu o julgamento; só o que sabia: Ninice desagradava-se de casar com capitão Elviro, era para Graciano o bastante, o que lhe dizia o seu vero amor de renúncia e redenção a de todo mal purificá-lo: inda que sinhazinha estivesse lesa da idéia mode gostar duma sutil fumaça, desfazia-a o pé-de-vento da razão, infeliz num matrimônio

contra sua vontade enquanto ele, Graciano, ali estivesse não seria — donde que agora, em presença de capitão Elviro, vinha suplicar-lhe piedade.

Uma dona mulata mais idosa que cuidava da casa foi quem encaminhou o jagunço até a presença de capitão, àquela hora — uma da tarde — em seu gabinete ocupado em escrever umas cartas dando parte de seu casamento a amigos da cidade. Capitão Elviro depôs a pena numa contrariedade, e sem se levantar tão só sungou os olhos:

— Vosmecê decerto vem da parte de coronel. . .

— Venho de minha parte mesmo, capitão — Graciano falava submisso, o chapéu na mão, a voz quase sumida, nem ousando encarar o outro —, encareço um particular mais vossência, se me for concedido.

— Inda que eu por costume não trate com pessoa da vossa posição, seu Graciano — disse capitão Elviro alterando de tom, já um tanto severo. — Voto que seja assunto de relevância.

— De relevância, capitão — continuou Graciano pelo mesmo proceder —, que é de sinhá-moça dona Berenice, filha de Coronel Pantaleão, que vim lhe falar.

Capitão Elviro franziu o sobrecenho, recostou-se para trás na cadeira, descaindo de lado a cabeça:

— Não me sucedia imaginar — pronunciou com lentidão — que um feito vosmecê tivesse o que tratar comigo acerca da pessoa da senhora minha noiva, jagunço — e austero, firme, encarou o outro: — Veja lá, seu moço, o que vosmecê vai dizer.

Graciano pola vez primeira relanceou as vistas nas feições do capitão.

— É de meu parecer — disse, ainda mais baixando o tom de voz e de novo as vistas para o chão — que a vossência interessa a felicidade de sinhazinha.

— Inda que não esteja em erro, jagunço — capitão Elviro permanecia recostado para trás na cadeira, sua má catadura, toda severidade, um quase rancor —, é assunto da conta só de Coronel Pantaleão, na qualidade de pai, e minha, na de noivo.

— É o zelo polas coisas de meu patrão que me faz falar desse assunto, nhô capitão, com o respeito que lhe devo. . .

— Pois devia de guardar seu zelo para o gado e as lavouras de coronel, cabra, tão só.

— . . .porém não somente, sendo mais alto que tudo meu zelo pelo bem-estar de sinhazinha.

— A conversa, se bem entendo, seu Graciano, mal se encaminha. Já escutei o que tinha a dizer, inda que não lhe deva resposta concedo em lhe garantir que a felicidade de sinhá-moça Berenice minha noiva está assegurada. Agora se não há mais nada, pode sair.

— Calha que eu não acabei ainda, capitão — tornou o jagunço sem elevar a voz, porém as vistas, e vigiou capitão Elviro de frente: — Sinhazinha não se agrada de casar tão nova, não sabe?, por isso venho... vim lhe suplicar... tão só que não faça a infelicidade da menina por mal dum casamento que não é da vontade dela.

Capitão Elviro supunha alguma dúvida no atrevimento do jagunço? Dava-se então que aquele homem maltrapilho e encardido adentrasse sua casa para imiscuir-se em assuntos que não lhe pertenciam, e ele, capitão Elviro, tolerasse? As palavras que pronunciou lhe saíram medidas, serenas, porém duma severidade soberbosa, soerguendo-se da cadeira e envergando pra diante, pr'a direção do outro a cara larga, o olho torto:

— Ponha tento no que lhe vou dizer, cabra ruim: é graças à grande consideração e apreço que tenho por vosso patrão, meu futuro sogro, que vou relevar vossa atitude, nem lhe aplicando o justo castigo eu mesmo por minhas mãos, nem levando o caso a coronel mode que ele mesmo castigue vossa insolência. Concedo-lhe desde já minhas desculpas, porém determino que se retire imediatamente de minha casa, e se escuse no futuro de tratar do que seja com minha pessoa.

— Então quer dizer, capitão Elviro — retornou o jagunço também proferindo com lentidão, já não submisso mas assumindo a altivez do homem endurecido que sempre fora, os olhos fixos no outro feito cobra cascavel no preparo do bote —, que vossência persiste na intenção de desgraçar a vida duma moça que de vossa pessoa tão só se desagrada, casando com ela?

Capitão Elviro punha crédito no que acabara de escutar?

Graciano ainda disse:

— Calculava que fosse tratar com um homem de prosápia, capitão, e não com um bicho rúim que se pisa a pé!

Sucedia em riba da mesa uma soiteira, por vazo, ou ali ou escorada num canto de parede, porém então ali, à mão — donde que a guaspada estralejou feito relâmp'o no ar: capitão não sustendo mais sua ira, um risco encarnado desenhou-se na face do jagunço, o talho donde merejava uma umidade de sangue.

— Polo amor de Deus, nhô capitão — o Graciano em desespero dando um passo atrás, a voz alterada e trêmula —, não faça a desgraça de sinhazinha Ninice, nem a vossa!...

Porém capitão Elviro inda outra vez cortou a face do jagunço com o couro da soiteira; e levantou a mão para um terceiro golpe...

...no que entanto se imobilizou, momento de assombro, muito se lh'escancarando os olhos, a boca, por donde surdiu um fio de sangue, uma outra mancha vermelha inundando pouco a pouco a mui alva camisa de

linho que vestira naquela manhã: a mão do jagunço, onde ainda fumegava o revólver, descaiu devagar, o braço amoleceu, foi arriando lentamente.

E o corpo de capitão Elviro Barbacena estirou-se de comprido no assoalho.

“Por vosmecê, sinhazinha” o pensamento de Graciano espiaando sua obra, enquanto a dona mulata e mais uns de dentro de casa polo barulho se achegavam cautelosos, vigiando pra dentro do gabinete, “por vosmecê matei ainda uma vez. Não pude evitar, pois senão o que seria de minha princesa? Mas por ela também, e perante os céus, juro que há de ser minha última morte!”

– 43 –

Nh’Argemira espiaava o céu, o sol que pro meio da tarde se punha, seu vagaroso caminho. O sol nascia dum lado do mundo, seguia derrota subindo inté muito em riba e descaindo pra baixo da outra banda, quando então vermelhavam as planuras na pareença dum incêndio que aos pouquinhos, aos pouquinhos, ia se apagando na conformação da noite. Porém nascia de novo o sol do lado de cá do mundo, que nem ontem, que nem todo dia. Como é que o sol fazia mode dar a volta? Espiando o chão, pensativa, calculou: “Deve de haver gente aí embaixo mo’dele alumiar”, aquele um fundo segredo em que ela, conhecedora dos sortilégios, da leitura dos astros e das cartas, não se adiantava: um outro mundo que o sol alumiasse?, seu entendimento não compunha, “nem de tudo permite Deus conhecença”.

Porém, o sol.

E os astros que ela estudava, vigiando de noite suas posições, no investigar os prenúncios: todas as verdades, inda que de decifração difícil no mor das vezes. Em seus tantos anos na prática de tal arte conhecia todas as palavras?

O sol no seu ir e voltar não desenhava os dias? Apois, que o dia de ontem tinha sido marcado pelo sol que nem o de hoje, e era certo que amanhã também, dia a dia contado o tempo transcorria, gota que pinga – pingar-pingar – no sempre, sem engano, “o mecanismo de Deus não falha”. Assim também à noite os astros, mais cedo dum jeito, mais tarde de jeito diverso, polo começo do ano assim, polo meio, polo fim, outras maneiras.

“O tempo se marca não é na folhinha.”

Mas nh’Argemira espiaando o sol, na cara enrugada aquele calor, o terreiro em volta varridinho e limpo, e mais derredor o arvoredado balançado de leve pelo vento, carregava um cuidado, desvalia-se daquilo, o coração um peso. Pois des’que pola primeira vez a sinhazinha da Macambira pisara

os pés em sua casa tinham transcorrido anos, quase três, o sol perfazendo aquele caminho a cada dia na composição do tempo infundável; a menina tinha pr'ali trazido uma dúv'da, queria saber da velha umas certas coisas, de seus saberes nh'Argemira colhendo a cabível explicação, porém não completa: caso assim difícil não se aclarava duma vez, requeria mais cuidadoso estudo, o saber em muitos livros se divide. Mas seu cuidado não por menos se supria, a não ser por mais: com o passar dos dias receava por sinhazinha o coração endurecido de Coronel Pantaleão, seu todo engano no lidar com a filha viva e com o filho morto, pois Francisquinho vagueava ainda perdido na ventania, e Ninice, ahl!, nh'Argemira noite passada tinha visto no copo d'água, meia-noite ao clarão da lua, "era uma sombra em riba da cabecinha dela".

Antão uma sombra passa no chão, no ar, no alto aquele guincho, a velha arribas as vistas: o gavião que avoa e passa, nem vagaroso nem veloz, só vai, vai, foi... a sombra cruzou a extensão do terreiro. Nh'Argemira pelo seu antigo entendimento, dúv'da não lhe restava, que o sonho de Ninice era um certo aviso: em algum lugar um moço também sonhava com ela. O destino tinha seus pergaminhos, "escrevidas histórias: de todo humano vivente, inté dos bichos, se calhar", testamento se não para leitura do homem porém para seu cumprimento, cumpria-se sem alteração; porém alguma forma acontecia mode se decifrarem suas palavras: uns alguns, poucos, no nascer traziam o dom, e adonde a qualquer das pessoas nenhum sentido enxergava aqueles poucos descobriam amoitadas verdades. Nh'Argemira recebera o dom, porém Deus não facilitava mode que senão sucedia alguém se assoberbar em demasia, ou por outra proceder de má intenção, apoiis, se quem dessas graças tivesse meios não mudava o seguir dos acontecimentos? Se por aí sucedesse, que de desarranjo? Quem o resto entenderia? Não, Deus não facilitava, permitia só o suficiente um pouco menos, adonde que a velha curandeira um tanto avistou, doutro tanto porém se desprovia de entender: vezes que vezes estudou o sonho de Ninice, pônhou as cartas mode ler sua fala silenciosa, espiou o céu e de novo pônhou as cartas... lá estava: o rapaz bonito que sinhazinha avistara no sonho — dele e de nenhum outro ela seria, conforme sem duvidação lhe havia prolatado, assim como ele também, adonde estivesse, já teria conhecido sua noiva ao atravessar a porta que passa da vigília para o sono e o sonho, e agora um seguia reto na direção do outro mode cumprir-se o estipulado. Mas... Ninice não casava já amanhã por determinação de coronel seu pai? Inda que o casamento não se tivesse dado e inté na hora do 'sim' se desmancha, nh'Argemira em si divulgava seu primeiro duvidar: será que não errara na interpretação da sorte? "Coisas muito claras, tão claras escritas não embaralham a vista de quem saber ler." Alguma coisa, que de sua compreensão se perdia, naquele caso vacilava.

Porém, o sol.

O sol perfaz seu caminho marcando o tempo...

Dele o clarão, claridade...! Claridade do dia ou do entendimento? Que turva as vistas, que se fecham, ou se fecham as vistas mode melhor enxergar nesse alumio repentino a toda verdade que então se apresenta? Do céu, o gavião transita sua sombra no chão. O guincho longo, as grandes asas abertas, o avô sereno... O sol, o maior dos relógios: nh'Argemira de olhos fechados vira pra ele a cara murcha — seus anos, sua velhice —, arriba os braços devagar... é seu o sorriso? Ou o desencanto?

Mas a febre produz sonho ou delírio?

Todo sonho, bom ou mau, por natural produz no sonhador a diversão ou o susto, de que se acorda ou numa tranqüila alegria ou num exaltado pavor — porém tão logo se abrem os olhos para o em-volta, nosso mundo, esse mundo, se percebe o concreto existir. O delírio diverge? Pois o delírio não provê o sonhador dum certo despertar, que no despertar persiste crendo que duma outra maneira ainda dorme, e esse mundo de em-volta se mistura com aqueloutro tão só de vapor conformado.

Mode que Ninice nunca teria acordado de vez desse sonho, adonde em seu entender conhecera um rapaz de boas feições muito de seu agrado a quem tirara por namorado, sendo certo que um dia o veria atravessar a porteira da Macambira para buscá-la? Pois não parece duvidoso, não se errando no referido sobre sonho e delírio, que Ninice persistia numa onírica existência mesmo acordada, donde que seu sonho teria uma parte de delírio no qual estado permanecia ao despertar. Será diverso? Estaria sinhazinha desenganada do juízo?

Cogite-se sobre essas lendas. Todo pensamento leva numa direção, nem sempre a da verdade.

O que sucedeu para efeito duma geral aflição é que Ninice desde a véspera padecera duma febre que nem desacordava daquela primeira, cujos pavores ainda pesavam vez por outra na memória: pouco depois de a Lurdinha ter saído foi vê-la a mãe e assustou-se da vermelhidão de suas faces, e no experimentar-lhe a testa e o pescoço com as costas da mão viu que ardia; queimou toda a noite, encharcou a camisolinha de suor enquanto à cabeceira revezavam-se preta Apolinária e sinhá Felícia que, pela manhã, mandou vir de Serradinho o boticário. Transcorreu o dia sem que a febre cedesse: alguma hora inté parecia diminuir, Ninice abria os olhos, pedia um copo d'água e depois voltava a dormir. Logo a vermelhidão no rosto de novo predizia o mal. Embaixo, no alpendre ou na sala, coronel manquitolava dum lado pro outro seu pavor e seu remorso.

Mas no entardecer daquele dia, repentina se extinguiu a febre feito um braseiro no qual se despeja um caldeirão d'água: no que sinhá Felícia

experimentou de novo a testa, o pescoço, suspirou com alívio. Inda se manteve de alerta, mais tarde levou uma canja à doentinha, que provou, algumas colheradas engoliu mostrando melhora. À porta do quarto preta Apolinária tomada de um apavoramento e ao mesmo tempo também dum desafogo: se sinhazinha já não tinha febre, se já apetecia uma canjinha não melhorava? “Não se incomodem comigo” disse a menina, “estou bem”, “não quer que fiquemos com você, filha?”, “não é preciso, mamãe”, “e a Lurdinha?” perguntou Apolinária, “sinhazinha não agradava da companhia da moleca? Manda-se chamar por ela...”, “não é preciso, Póli, incomodar a Lurdinha. Eu agora só quero dormir”. Sinhá beijou-a na testa condoendo-se de seu semblante entristado, “então boa noite, filha” e apagou o lampião. “Boa noite, mamãe” a voz de Ninice invisível no escuro. Só um luar avermelhado entrava pela vidraça, “vamos, Apolinária”, e a porta do quarto se fechou.

Sinhazinha ficou só.

De longe espiou pela vidraça: lá fora a claridade da lua, as árvores dum verde fechado, o céu profundo, e um vento muito de leve a balançar os galhos. Polo corpo uma lassidão, porém era-lhe de gosto admirar uma noite assim e se lastimava de dormir tão logo, donde que se levantou presa ainda duma fraqueza e dumas dores e se encaminhou para a janela. Parou no quadrado de luz marcado no assoalho, em luar se banhava, olhou para fora. Teria a febre voltado de repente com a quentura duma fornalha? Produzia delírio? Ninice sentiu uma vertigem, por todo corpo uma tremura: pois espiando o jardim de sua casa enxergava ali uma súbita estrada muito comprida e plana, estrada que, olhando melhor, começava justo no quadrado de luar em seu quarto, atravessando a parede que se abria feito uma porta e por aí afora e adiante seguia, aquela branca planura. “Essa estrada me chama para algum lugar, a voz com que ela me chama é ela mesma assim como a vejo”, e a menina começou a andar: de primeiro com incerteza, as pernas ainda trêmulas, os passos inseguros, porém aos poucos foi-se firmando e se bem que não seguisse muito rápido devido a sua fraqueza já progredia com desembaraço, quas’que nem sentindo o chão sob os pés, “estou descalça” pensou olhando para baixo, ao se levantar esquecera-se de calçar as chinelas, mas não quis voltar, “se eu voltar, demora” e já sem hesitação seguiu em frente. Para aonde ia sinhazinha só, estrada afora, àquela hora da noite? “Para onde estou indo?” Porém depois de uma boa jornada avistou ao longe uma casa, “é para lá” pensou, e se aproximou com algum receio, era um lugar estranho e decerto longe da Macambira, “nunca vim aqui, será que tem cachorro?”, haveria naquela casa algum conhecido? Ninice parou e por algum tempo duvidou que fosse bater, desprovia-se de coragem, “a uma hora dessas incomodar os outros, talvez todos já estejam dormindo”, e na certa estavam, nas janelas não se

via nenhuma fresta de luz, nenhum ruído vinha lá de dentro; mas, pensou, se havia saído àquela hora da noite, se a estrada conduzia até ali à toa não seria, alguém esperava por ela? “ele... será?...”, donde que então foi andando mais pra perto, alcançou a varanda, entrou, doutro momento de hesitação se susteve... por fim bateu, ao de leve, ainda tomada dum pejo — porém ao tocá-la a porta se abriu devagarinho para trás revelando uma sala grande e escura, e sem ninguém; Ninice entrou na sala, toda a casa, menos uma porta no fim do corredor defronte — pela qual se filtrava um fiapo de luz amarelenta —, parecia às escuras, e a menina avançou corredor adentro atraída por uma curiosidade que ao mesmo tempo a excitava e lhe oprimia o peito, nesse prolongar do delírio uma aflição calafrio a lhe arrupiar o corpo, e agora diante da porta um medo lhe segura a mão mode não abrir e entrar — mas assim mesmo empurrou a porta devagarinho e espiou para dentro: havia ali uma cama e, visível tão só uma parte do rosto, alguém deitado. Ao lado uma vela solitária ardia. Ninice avançou até o meio do quarto. A aflição aos poucos se convertia em medo e pavor. Por que aquela vontade de chorar? Aproximou-se da cama. Estendeu a mão. Temia o que estava para fazer, temia, mas uma força maior que seu desejo de retroceder e partir forçou-a àquilo: puxar a coberta, descobrir por completo o rosto da pessoa adormecida... ou morta?... e então Ninice recuou tomada de um assombro para o meio do quarto: eis o moço de seus sonhos estirado no leito, “morto?” consigo mesma murmurou sentindo-se minguar, a vela, uma testemunha de mau agouro, ardendo sua luz incerta sobre a barba loira e as desfiguradas feições do rapaz, “foi por isso que não veio me buscar! Ele morreu!” e enquanto seus olhos transbordavam avançou de novo até a cama, queria abraçar seu amado, morrer com ele, certa enfim de que teria de ir ao seu encontro...

...e então Ninice abriu os olhos: o quarto, o luar entrando pela janela — em algum lugar da casa um relógio de parede bateu uma hora. “Ele está morto” seu primeiro pensamento, que dúvida nenhuma não cabia: voltara a encontrar-se em sonho com o seu amado, porém apenas para vê-lo morto, “não o encontrarei de novo” pensou, sucedendo-lhe ao mesmo tempo dum profundo desvalimento a lembrança de que sua sina estava por um dia, “logo capitão Elviro chegará”.

Seria a febre outra vez ou Ninice variava do juízo? Padecia duma súbita e sem remédio desesperação? Vinham-lhe ânsias de vômito, e ela se atirou da cama, andou de um lado para outro até atinar com aquilo que buscava, às apalpadelas caçou embaixo do colchão a chave de sua gaveta de guardados, “ele está morto” seu constante pensar, “ele está morto... ele está morto...”, na gaveta procurou uma coisa que aí há tempos havia escondido, “e eu estou perdida...”, recolhendo lá do fundo e desfazendo o pequeno embrulho de papel cinzento, apertando contra o peito, como

quem se agarra a uma raiz à beira do precipício, o vidro que continha um líquido escuro. Então recuou, parou no meio do quarto, um instante suspensa de si mesma, escutava... escutava... o vasto silêncio da casa, “papai deve estar no alpendre”, mas já avançava, abria a porta do quarto espreitando o corredor...

Desceu a escada e embaixo parou outra vez para escutar...

“Ele morreu, estou sozinha agora.”

Abriu a porta da frente, “será que o Graciano está por aí, de vigia?” ocorreu-lhe, “não, não ficaria a noite toda... ele também precisa dormir”.

“Vou embora, nunca mais eu volto... mas se tentarem me trazer de volta...”, e entre os dedos apertava o vidrinho.

Ninice saiu à varanda, desceu para o jardim, seus pezinhos descalços feito no sonho pisavam leves e quietos as tábuas do assoalho e o chão do terreiro, a grama úmida e gelada, parou e espiou para baixo, “estou descalça” pensou, “mas não posso voltar para calçar as chinelas, que demora e não há mais tempo”, então correu: correu na direção da porteira, atravessou-a e sentindo-se queimar dessa febre que recrudescia avançou pela estrada, “vou pra Serradinho, vou pra mais longe ainda” pois o que na ardência febril de sua ilusão — ou de seu delírio? — desejava era saber dessa estrada que no sonho havia percorrido para ir ao encontro de seu amado morto, “um caminho para longe, para muito longe”, era no entanto pela estrada de Serradinho que Ninice principiava a correr ao frio e ao luar da madrugada.

Mas de súbito parou.

Um vulto surdía agora da massa das árvores à sua frente...

— Graciano! — disse com voz fraca.

— Sinhazinha! — o jagunço, abismado de ver a menina naquele lugar, àquela hora.

— Não! — Ninice tentou gritar, a voz escapando-lhe por um fio. — Eu sei que você quer me levar de volta...

— Sinhazinha, o que é que...

— ...mas eu não quero voltar!...

— ...vosmecê está fazendo aqui a uma hora dessas?

— ...Ele está morto, Graciano, e eu não quero voltar...

— Se acalme, sinhazinha...

— Eu sei, Graciano — e Ninice recuava, ligeiro, aos tropeções, num só desatino, o rosto banhado em lágrimas —, você só obedece... tem de obedecer a papai... eu sei, Graciano, e não fico zangada com você não... mas eu não vou deixar que me leve de volta...

— Se assossegue, sinhazinha, polo amor de Deus...

— ...eu não posso voltar para lá, Graciano... — e apertava entre os dedos o vidrinho, cuja rolha num embaraço esforçava-se por arrancar.

Súbito, parou: vendo o jagunço aproximar-se “polo amor de Deus, sinhazinha” levou aos lábios o veneno: Graciano mal teve tempo de ampará-la mode não cair, pôs um joelho em terra e na relva macia reclinou a menina cujos dedos afrouxavam, soltando o vidrinho que pelo chão rolou num leve tinido, barulhinho plim-plim que nem direito se ouviu. . .

O mundo será mesmo no feitio duma renda adonde cada vivente representa um ponto, todos ligados polos fios do destino inté que, com aquele que se rompe, sobrevém o fim? O que se seguiu? Um tropel alarido, pois em desespero e aos prantos chegavam sinhá Felícia, preta Apolinária, Lurdinha, os outros negros da casa, mais atrás Coronel Pantaleão sempre mancando... e um repentino silenciar: avistam Ninice caída, a alvura da camisolinha sobressaindo ao verde noturno da relva, a cabeça no colo do Graciano jagunço que, sentado no chão, vergada a frente e de tudo mais esquecido, chora em silêncio acariciando-lhe, suave, os cabelos com seus dedos rudes. Cada qual num repente sustém a carreira e se aproxima devagar, sinhá Felícia cai de joelhos, coronel comprime a cabeça com as mãos, os outros reverentes e quietos formam um círculo ao redor, enquanto ao longe, imóvel e à espreita à sombra do arvoredor, um vulto – alguém que os sortilégios conhecia. . .

Mas era tarde: a princesinha da Macambira estava morta.

– 44 –

Tudo minguava e morre em volta de Coronel Pantaleão.

Em dias de sua mocidade conhecera o amor na pessoa da moça Berenice, e Berenice morreu. Ficou-lhe um filho, Francisquinho, e Francisquinho morreu. Seu casamento com sinhá Felícia minguava, chegava ao fim restando-lhe tão só Ninice, mas Ninice também não vive mais.

E na pesada solidão da casa, que naquele fim de tarde principiava a encher-se de sombras, sentado em sua cadeira na sala coronel não percebia o em-volta de si, diluíam-se as coisas todas num emaranhado de manchas, e nem pensava; fosse o caso, nem ao certo vivia.

Escutou em cima uns passos cadenciados mas seguros, depois alguém descia a escada e se aproximava, parando atrás de si.

Coronel acordou de seu aturdimento:

– Vosmecê já vai, Felícia – disse.

– Já vou, Pantaleão – a voz seca, indiferente, de sinhá Felícia.

– Um padre, Felícia? Vosmecê se deitou mais um padre?!

– Não, Pantaleão, eu me deitei com um homem.

Coronel tão só moveu a cabeça.

– Como é que você vai viver, Felícia?

-
- Melhor do que aqui, Pantaleão.
 - Graciano também se foi. Partiu há pouco.
 - Ninguém vai ficar, Pantaleão.

Coronel suspirou. Parado. Os olhos fixos para adiante. Somente os lábios se moviam no pronunciar aquelas palavras espaçadas:

- Eu matei minha filha, Felícia, eu matei Ninice.

Sinhá Felícia baixou a cabeça. Podia exprobar ao marido a morte de Ninice, porém ela não tivera também sua parcela de culpa?

Sepultada a filha, por sua vontade no mesmo lugar adonde tombara sem vida, e cada qual que na fazenda Macambira aportara mode o pranto e o lamento tendo-se ido embora, os últimos a partir foram Lúcia Helena e Augusto, que haviam chegado de surpresa pela manhã.

As duas mulheres ao se despedirem abraçaram-se na varanda muito tempo, em silêncio, descabendo-se as palavras.

– Não cheguei em tempo, Felícia – disse Lúcia Helena por fim, afastando-se –, o Leocádio nos avisou da decisão de coronel... e do desespero de Ninice... mas não consegui chegar em tempo de salvar a pobrezinha.

– Eu, a mãe dela, a própria mãe dela, não a consegui salvar, minha amiga...

– Eu teria enfrentado coronel, Felícia, você sabe disso, não sabe?, eu teria enfrentado coronel...

Mas ela, a mãe, por que não enfrentou o marido inflexível e cruel? Por que não se sacrificou por Ninice? “Por que deixei que ele a matasse?”

- Matou, Pantaleão...

– Matei minha filha – a voz de Coronel Pantaleão, um quase susurro.

- ...mas é uma culpa que não cabe apenas a você.

- Será que ela virá me assombrar também, Felícia?

- Como Francisquinho?

- Sim, como Francisquinho...

Sinhá Felícia pensou um pouco, trocou de mão a maleta que levava – o só a levar daquela casa: umas poucas mudas de roupa.

– Não sei, Pantaleão. Mas a lembrança dela há de ser até o fim de nossos dias um constante assombro para nós.

Coronel não respondeu. Depois de um breve pensar, disse:

– Francisquinho apareceu para mim mais uma vez. Foi ainda há pouco, enquanto vosmecê estava lá em cima arrumando suas coisas. Eu vi quando ele, vindo pelo corredor, entrou por aquela porta ali e veio andando, veio andando, passou por aqui, rente donde estou sentado... e quando eu me virei mode ver pr’adonde ia, ele havia sumido.

Coronel fez uma pausa.

— Foi a última vez que ele veio. Ele não vai aparecer mais, e sabe por quê, Felícia? — então coronel se virou na cadeira para olhar a mulher, que já não estava ali: havia saído sem que ele percebesse.

“É porque já não lhe faltavam só os olhos, Felícia” murmurou baixinho nas sombras da tarde que se adensavam, “agora todo o seu rosto apodrecera, todo o corpo, ele inteiro apodrecido!”

Fora, uma charrete esperava sinhá Felícia. Um homem vestido com roupas comuns, mas adequadas à ocasião, sustinha as rédeas. Sinhá subiu e sentou-se.

— Para onde, Porfírio?

Padre Porfírio deu de ombros.

— Há um mundo lá fora — disse por fim.

— Um mundo grande demais...

— Muito grande, Felícia. Abre seus caminhos para nós.

— Grande, mas aonde quer que vamos, nossas culpas hão de ir conosco.

— Não está certa de querer partir comigo?

— Eu já fui alcançada pelo castigo, Porfírio, o castigo pelo que fizemos. Você não teme que o alcance também?

— Não foi castigo, Felícia, foi a vida, tão só a vida.

Padre Porfírio tocou o cavalo, a charrete rodou em direção da estrada.

— Mas ainda que eu acreditasse em castigo, arriscava-me a ele para ficar ao seu lado.

Sinhá Felícia moveu a cabeça, numa anuência.

— Eu quero partir com você, sim, Porfírio. O mais já não importa.

Na estrada de Serradinho, não porém distante da Macambira mais que uma centena de metros, pararam por alguns momentos mode espisar uma coisa que sempre chamaria atenção de quem por ali passasse.

— Foi o Graciano quem cortou a lápide, não? — padre Porfírio perguntou.

Os olhos de sinhá Felícia encheram-se de lágrimas e ela, curvando a cabeça e cobrindo o rosto com as mãos, uma vez ainda chorou.

Mas anoitecia.

Padre Porfírio bateu as rédeas no dorso do animal. Com um rangido das rodas, a charrete se moveu. Em Serradinho o Titico esperava por eles. O povo espantado viu a igreja fechada e a charrete sair do arraial levando os três: a sinhá de nhô coroné Pantaleão, o menino de falecido iô Possidônio e o padre, que já não vestia batina — aturdiu-se o povo, em silêncio por detrás das janelas vigiava, algum inté aparecia na porta mode melhor espisar: lá se iam...

...lá se foram.

O mundo, mas que mundo?, esperava por eles.

– 45 –

Há cerca dumas oito décadas passadas Águas Claras ainda não tinha esse nome, certo é que nem mesmo existia, senão que principiava pelos idos de 1816, 1818, a se formar naquela localidade um muito rústico arruado, meia-dúzia de precárias casas de taipa levantadas em feição dum acampamento permanente adonde um povo miúdo e maltrapilho se amontoava, reunindo sua miséria e uma esperança de fortuna: isso porque há tempos corria uma história dando conta de que pola região descobrira-se ouro, e quem incumbido de espalhar a novidade supria até a mostra dumas duvidosas pepitas – e se diz duvidosas não por não serem mesmo um puro ouro rebrilhoso, mas por causa de sua origem: afinal, seria vera notícia ou não passava de boataria? Pelo sim, pelo não, uma gente desesperançada do mundo mergulhou no sertão, deixou para trás uma inexistente vida à caça duma outra que ao certo não cogitavam se sim ou se não existia.

Não se esmiúça, nem cabe, se alguém fez fortuna, porém o que se apurou foi que no rastro dessas expedições se alevantaram aqui e ali p'lo meio do mato arruados diversos, adonde daquele povo ansioso de ouro uns menos afoitos acabavam permanecendo, estabelecendo-se com suas roças, umas hortas, umas galinhas com pintinhos bica-bicando canjiquinha no terreiro, alguns de mais sorte possuindo até uma cabra ou uma vaca de menor porte mode um leite pr'as crianças. Do que não se diverge: uns seguiam em frente, outros ficavam, dos que iam até pode se dar o caso de um ou outro, muito escasso, ter regressado com algum valor na mochila, a maioria tão só com seu desencanto, e outros pelos sertões mesmo restando insepultos em alguma grot. Dos que ficavam compunham-se esses novos arruamentos, com o tempo alguns se extinguindo, outros um pouco progredindo no rumo de pequenos arraiais sobreviviam aos anos; por último, lá um que outro tornavam-se povoamentos maiores, ganhando a conformação e até o nome de cidade. Deu-se por aí com Águas Claras, de que até já se pode especular da justeza do nome: a planície adonde principiou e por cuja extensão aos poucos s'estendeu era banhada pelo Santa Madalena, o rio grande, de tão cristalinas águas que o nome calhava, daí decerto surgindo embora que do batismo não reste registro nos anais do lugar.

Foi dito não haver certeza no achamento de ouro amarelo, mas pelo menos com respeito a Águas Claras achou-se um outro ouro, vermelho, que não na terra porém em pé de árv're se colhia: café. Nos derredores do arruado iniciou-se um plantio, a princípio pequeno, e sucedeu algum lucro.

O que se encontra ali p'los dias que correm? Primeiro, uma cidade inté avultando seus sobrados, com ruas providas de calçamento e iluminação pública mais para o centro. Depois, por em-volta, vastas fazendas adonde o plantio do café abastava para movimentar Águas Claras do começo quas'que inté o fim do ano, as tropas numerosas ou chegando mode buscar o carregamento ou saindo com ele e provendo a cidade de novidades trazidas de fora, do mundo maior que havia, peças de tecido de toda qualidade, do piorzinho algodão ou chita, para a gente pobre, inté o melhor da casimira inglesa ou da seda para os abastados, as notícias todas na forma de folhas e revistas que os de posses assinavam, algumas finalizando nas mãos do povo, circulando deste para aquele leitor, inda que não se deva deslembrar que a gente letrada era por menos, a escola não funcionava mal de todo, porém da criançada do lugar uma só pequena parte percorria a cartilha.

O permanente e avultado movimento em Águas Claras tornava-a uma cidade de interesse, porém provendo-a de arruaças freqüentes das quais não raro restava algum esfaqueamento ou tiro pondo em risco a população, donde ter-se requerido ao governo uma força policial – que pela gente reles não havia cuidado, mas pessoas superiores também circulavam por ali com relógios de ouro e carteiras recheadas, no tratar de seus negócios. Assim foi destacada uma tropa que ocupou um prédio baixo, espaçoso, de grossas paredes duplas de adobe caiadas e com janelas azuis, numa ruazinha estreita próxima ao centro, quinze homens fardados que se revezavam no trabalho de circular pelas ruas mode com sua presença coibir os abusos. O prédio era antigo mas sólido, a madeira do assoalho apresentava-se ainda em bom estado e, nos fundos, dois quarto menores, reforçados com grades de ferro nas janelas, passaram a funcionar como celas adonde se enfiavam os bêbados para curar a bebedeira, os desordeiros para aprenderem as regras do bom viver, e, no caso de algum procurado da lei, só inté o julgamento. Isso – quando? Há um ror de anos, des'que Águas Claras avultou, des'que de lá começaram a provir riquezas.

Se bem que o movimento fosse grande, havia épocas de um absoluto marasmo, principalmente em dias frios e chuvosos nos quais só saíam à rua aqueles que o labor obrigava, e se descia um nevoeiro então mesmo é que a cidade parecia desabitada: polas ruas desertas vez ou outra se avistava algum encapotado seguir, sumir-se na brancura, ou um cachorro magro à procura dum sobejo.

E é justo num dia desses que estamos chegando em Águas Claras: na véspera, depois de muito ameaço, havia caído um aguaceiro que no durar toda a noite trouxe pela manhã uma cerração densa e um frio de cortar. As ruas estão quase desertas, n'algumas janelas inda se pode avistar a claridade duma candeia que o dia escuro obriga acender-se dentro de casa, e calham algumas vozes, conversas. Na escolinha, que funciona num

porão, a criançada acabou de sentar e pegar o lápis, enquanto no distrito policial, detrás duma mesa, o Sargento espreita a torcida do lampião mode clarear melhor e volta a examinar uns papéis. Está sozinho? De dentro surge um praça com duas canecas de folha fumegando, embrulhado num capote largo e encardido que lhe vai inté o meio das coxas.

Aproxima-se da mesa e deposita ali uma das canecas que traz:

– Seu café, Sargento. Aproveita enquanto está quente, que com esse frio...

Deixa a frase suspensa, desnecessário falar inté o fim que o sentido estava claro. O Sargento, sem deixar de examinar os papéis, estende a mão para a caneca e a leva à boca.

– Não só quente como ralo. Com tanta fazenda cafeeira por perto, mode que um café tão ralo, Cabo?

– Ficou ralo, Sargento? Apos, pensei que não...

– Vosmecê não sabe coar um café.

– Ah, bom, não sei... pra mim está a gosto, o senhor quer que eu faça outro pro senhor?

– Por ora não carece, Cabo, por ora não carece – e se recostando na cadeira suspirou espiando para o teto, sorveu o café aos golinhos, sentiu-se ir esquentando por dentro.

O Cabo sentou-se ao lado da mesa e, pensativo, bebericou seu café também em silêncio.

– Num dia assim não acontece nada, Sargento – disse ao fim de algum tempo.

– Dias calmos.

– É o mau tempo. Apaga o fogo do povo.

O Sargento empurra a caneca em cima da mesa. O Cabo se levanta:

– Mais um gole, Sargento?

– Não, despois – e voltou a debruçar-se sobre os papéis, enquanto o Cabo se encaminhava para dentro com as canecas vazias.

Quando um barulho na porta fez o Sargento levantar a cabeça e o Cabo voltar-se: de pé na soleira, um homem barbudo e magro, de mau aspecto pois parecia padecer de algum mal, fosse do corpo fosse da alma, espiava com desinteresse o ambiente e em seguida fixou-se nos dois praças. Por uns breves momentos olharam-se entre si, até que o Cabo atinou em avançar um passo, antecipando-se ao seu superior, como lhe competia:

– O senhor está procurando alguém?

O da porta respondeu:

– O comandante.

– Sou eu – respondeu o Sargento, enquanto o Cabo, observando as armas do estranho levou a mão à cintura.

– Apois, licença requieiro mode a vossência entregar minhas armas – disse o estranho aproximando-se da mesa, adonde depositou a carabina que trazia às costas, uma cartucheira, um revólver, uma caixinha com munição que tirou dum embornal e, por último, um punhal de lâmina fina e comprida que trazia à cinta.

O Cabo e o Sargento se admiravam da novidade, acompanhando os movimentos do outro com interesse. Por fim o estranho, encarando o Sargento, disse:

– Também vim me entregar. Meu nome é Graciano.

Sentado defronte à Autoridade, o jagunço Graciano iniciara sua confissão.

O Sargento de polícia, tomando duma folha em branco, com mão muito direita principia pelo cabeçalho:

Distrito Policial da Cidade de Águas Claras

Aos vinte e oito dias do mês de setembro do ano de Nosso Senhor de 1899, às nove horas da manhã, comparece por sua livre e espontânea vontade neste Distrito Policial o Sr. Graciano de Tal, pois de seu patronímico alega não se lembrar, e sendo o mesmo pessoa procurada pela Justiça conforme afirma e é de geral conhecimento, relata que...

E à medida que o jagunço falava, ia anotando suas declarações, o longo rol de seus crimes minuciados no papel que aos poucos vai enchendo uma, duas, três, dez páginas de letra miúda, clara e legível, enquanto o Cabo, em pé atrás de seu superior, mantinha-se atento.

Enquanto anotava, o Sargento por vezes interrompia o relato do jagunço mode relembrar algum causo de sucesso, crime de morte, perguntando-lhe se daquele fora também o autor. Graciano respondia que sim, ou que não, conforme, “tudo aquilo que eu fiz relato e assumo perante vossência”, porém nem tudo que se lhe pusera na conta fora por sua própria mão obrado, donde que casos diversos eram naquela manhã solucionados enquanto outros permaneciam obscuros – cabia certeza em tudo aquilo, por livre vontade esse criminoso procurado mas nunca encontrado pela Justiça entregava-se, não tinha por que declarar uns crimes e esconder outros.

– Há cinco dias atrás matei pola última vez – disse o Graciano quase concluindo seu relato. – Capitão Elviro Barbacena, lá perto de Serradinho. Do que aconteceu depois, foi que arresolvi me entregar pra Lei.

O Sargento apanhou mais uma folha em branco.

– Pois nos conte, seu Graciano. Nos conte. Aqui vou registrando seu relato.

Graciano já havia referido pro Sargento seu homizio na fazenda de Coronel Pantaleão Valadares, adonde em certa época lá estivera uma tropa à sua procura, esclarecendo que então coronel o havia escondido, despachando os soldados depois de servir um reforçado café com broa de milho e biscoitos de polvilho, “e lá permaneci esconso, mode a lonjura, esses tempos todos, inté há quatro dias atrás, quando me botei pra cá”. Passou então a explicar a modificação que se principiara no profundo de seu ser no que assistia o desenvolvimento da filha de nhô coroné, “sinhá-menina Ninice, não sabe?, dita ‘a princesinha da Macambira’, mode suas graças e bondade que ao povo todo do lugar produzia encanto”, adonde o jagunço fez uma pausa sofrida e baixou a cabeça.

– Vosmecê ‘panhou chamego pola filha de um coronel? – perguntou o Cabo, duvidativo. – Homem! Vosmecê ‘tav’endoidando?

O Sargento levantou os olhos para o Cabo, amarrando a cara, no que o subordinado murmurou umas escusas e recuou um passo.

– Era um puro respeito por ela, não sabe?, apois, inda o que eu seja, não me desconheço. Sinhazinha filha de Coronel Pantaleão era pessoa de apreço do povo todo não só da casa, mas inté do arraial de Serradinho, não só mode as caridades da mãe, porém de sua pessoa mesmo, de seu natural. De sua formosura.

Limpou os olhos úmidos com a cacunda das mãos.

– Mode ela, mode servir sinhazinha sempre, na qualidade dum servo zeloso, foi que firmei intenção de não matar de novo, de me corrigir... porém des’que ela morreu...

– Morreu? – espantou-se o Sargento.

Donde que o Graciano relatou o já de nosso saber, nós, que a pouco e pouco vamos avançando na história, e explicou seu último crime. Por fim, suspirou. Descaiu a cabeça entre as mãos, envergado pr’adiante. Chorava? Só se em silêncio. Depois se aprumou.

– Mode livrar sinhazinha da pena, matei, jurei que pela última vez. Mas arrependimento não tenho: foi preciso. E se fosse preciso, se trouxesse ela de volta, matava de novo.

Sungou os olhos pro Cabo, que escutava inté meio abalado com aquilo, depois encarou o Sargento:

– Acabou. Eu, vida já não tenho. A Lei faz de mim agora o que houver.

O Sargento escreveu ainda umas linhas. Assinou. Deu ao Cabo modo assinar também, como testemunha. Marcou um ponto mais embaixo e passou o papel para o Graciano, “mal garatujo uns rabiscos, assinar direito não aprendi”, “não faz mal” disse o Sargento mergulhando a pena no tinteiro e entregando-a ao jagunço, “é do jeito que souber”.

Na sala, o Sargento acabou de redigir um comunicado aos seus superiores.

O Cabo, voltando lá de dentro, da cela, adonde fora levar o Graciano, parou perto da mesa, bispou, depois foi até a porta: a cerração diminuía um pouco, porém uma lubrina fria fazia pingar os beirais. As ruas persistiam desertas.

– Quem diria, hein Sargento? – disse, fazendo meia-volta. – Quando menos se espera...

O Sargento passou o mata-borrão, dobrou o papel e o enfiou num envelope.

Moveu a cabeça pensativo, enquanto brincava com o envelope.

– Sabe o que estou pensando, Cabo?

– Não. O quê, Sargento?

– Esse Graciano... Tem recompensa pela captura dele...

– 46 –

Todos têm seu caminho.

Alguns alcançam a graça dum mais suave caminhar, outros porém penam dilatado sofrer da forma como está previsto pelo destino – ainda que alguns descreiam de um nocionado destino, que não passa duma pior inventação da idéia do homem mode desculpar os desacertos com que esbarra, porém nem calha pensar pelo direito: depois, Deus não ia dar a uns um destino bom e a outros um mau, pois que no nascer o coração de uma pessoa não ilustra merecimento e o de outra desmérito. Era por esse pensar nhô Viriato, que em tal compreensão percorreu numa visita que Mariano lhe fizera: já foi dito, nhô Viriato preto era homem de sabedorias antigas, dos tempos d'África e de seus bisavós, fundos cismares no mistério do humano existir, e o peão apreciava escutar a fala do velho mode ir aprendendo. Então procedia explicação: cada qual vem limpo pr'esse mundo e aqui se suja, conforme seja seu viver, porém as coisas todas – ou boas ou más – que lhe sucedem são ocorrências daqui mesmo: se puderem acontecer, bem, se não, não acontecem, ninguém vem com a vida escrita, “histórias, num sabe, moço Mariano?, do que cada um obrar por cá só do outro lado vai dar conta. Os penares deste mundo são naturais, qualquer um está sujeito”.

Porém o caminho de cada qual pode ter a aparência duma estrada que se vê à noite embaixo da lua, até prateada, e tão reta? Porque nesses últimos tempos Mariano, aproveitando as noites de lua, depois de terminar as lições com Juliana, não ia logo dormir mas se agradava de fazer um passeio, dar umas voltas por fora: saía mode uma caminhada breve, pois chegando na Pindoba a estrada era quas'que reta e limpa, muito branca, e

as planuras de que a vista gozava produziam um todo agrado na alma, uma alegria de estar vivo, toda beleza supre contentamento. Seu Umberto chegou a reparar na mania do peão, “você não tem sono, Mariano?”, “por enquanto é cedo, seu Umberto, passear de noite traz sossego. Acaso incomoda por aqui? Pois se incomodar...”, mas seu Umberto franqueava, “fique à vontade, peão, incomoda nada, você está em casa”, e Juliana escutando a conversa dos dois olhava-os e sorria, “Mariano é da noite, papai”.

Donde que o peão espiava a estrada da Pindoba, muito l’adiente desganhando pr’outros rumos, um deles o de Sertãozinho, e fazia uma comparação: o caminho da gente é assim mesmo, polo menos de alguns, essa planura. “Mas o meu, como será?” e se reperguntava: “Como tem sido?”.

Ouvia o cantar dos grilos, algum pássaro noturno piava ao longe na mata, mais perto o que via era a mancha dum cavalo pastando, “cavalo costuma dormir em pé” passou-lhe pela cabeça. Porém não respondia ao certo a pergunta: seu caminho ele não atinava bem como era, inté que às vezes tinha suas clarezas, outras vezes porém escurecia, estreitava, a cabeça se lhe confundindo. Sua vida era de solidão, dum só errar mundo afora, e agora já se demorando quase um ano na Pindoba começava a ressentir-se de suas incertezas: pois se por um lado se agradava desse errar, por outro sentia falta dum lugar seu, e se às vezes queria a solidão, noutras dela se agastava na forma dum oco que em seu peito se abria. Lembrando da mãe, de o quanto ela lhe recomendava um pouso e uma esposa, tinha horas em que lhe reconhecia razão, e tendo perto de si a filha de seu Umberto todas as noites, ou nas lições, ou em proseio amigável na varanda, vinha imaginando se não era melhor seguir o materno conselho: a moça estava ali, gostava dele, o pai e a mãe não se opunham pois tinham por sua pessoa também um especial afeto. Era casar-se e ficar de vez na Pindoba, passando a adjutorar seu Umberto já na qualidade de genro: estaria feito na vida – do que Pai e Mãe muito se agradariam. Seria aquilo que lhe fora reservado? Porém lembrou que reservado não corria pelo bem certo dizer, conforme nhô Viriato: não havia destino, cada qual ia por si mesmo escolhendo seu viver conforme lhe apareciam oportunidades, ou conforme lhe era dado criá-las.

Um exemplo era ele em seu caminhar ter chegado agora na encruzilhada: aqui vai pra Sertãozinho, ali segue pra outros lugares, ele podia escolher um ou outro caminho conforme fosse sua intenção, porém se intenção não houvesse, assim mesmo mode seguir adiante carecia de escolher a direção, e então, prosseguindo o passeio escolheu aquele caminho menos percorrido, pois o de Sertãozinho já trazia de cor suas todas recurvas, donde que foi andando, as mãos nos bolsos, o passo seguro, sem pressa. Voltando-se um momento viu que a Pindoba ficava para trás.

“Se eu, na estrada, escolhi essa direção, na vida também me cabem todas as escolhas” pensou, lembrando a instrução de nhô Viriato. Porém sobrevinha o seu grave cismar: podia dispor daquilo que já não lhe pertencia, seu coração?

“Posso entregá-lo a Juliana, sendo de outra?”

Pois Mariano, que vinha com o tempo se apegando a Juliana, a moça bonita que lhe ensinara a ler e a escrever e dissera claramente que o amava, já de sua presença sentindo falta, persistia porém nesse desatino de esperar por alguém que só existia na forma duma visão: a menina-moça que lhe aparecia em sonhos. “Juliana é a realidade, a outra, ilusão” pensava com clareza, “Juliana me faz falta, sua presença, sua companhia, mas a outra parece que invadiu minha vida na forma dum aguaceiro que descendo em enxurrada do morro enche todos os cômodos duma casa, não ficando seco nem um cantinho”, e lhe restavam tão só dúvidas: podia amar Juliana amando ao mesmo tempo a outra?

“Esse trilho aqui eu ainda não tinha visto.”

Um trilho que errava do caminho maior e descia na direção dum brejo, porém de fácil trânsito por não ter mato que impedisse a passagem, só a relva rasteira, e lá adiante riscava morro acima. “Será naquela direção que mora o Donga?” e lhe pareceu que sim; dos meses todos que já assistia no lugar inda desconhecia a casa do Donga, isso mode que o colono bulia noutras direções, afazeres diversos do gado, donde não haver maior chegado entre ambos, “mas parece que é mesmo nessa direção, conforme se comenta...” e desceu pelo trilho.

A menina do sonho não abandonara Mariano, mesmo tendo este aos poucos se aproximado de Juliana, seja na qualidade dum chegado amigo da casa, seja na de um futuro namorado, que a moça queria e ele intê nem chegava a descogitar... Mariano aprendera a sonhar só para conhecer aquela que seria sua, outros sonhos diversos nem lhe aconteciam, e nas noites em que ela não vinha ele dormia em branco, ao abrir os olhos era manhã. Com isso já se acostumara, disso lhe vinha a certeza de que noiva mesmo tinha uma e só uma, a quem não cabia traição — seria desmerecer esse amor que lhe era oferecido. “Porém, como angario certeza de que esse amor me é oferecido se vejo essa moça em sonho mas porém ela não me vê, como se eu nem estivesse ali, eu sabendo dela mas ela d’eu não tendo idéia?” Juliana no entanto estava ao seu lado, era viva, bastando estender a mão e tocá-la. “Pode ser minha a qualquer hora, porque ela mesma disse: casa comigo se eu quiser”.

Cada qual tem sua derrota: a do peão Mariano seria esse ir e vir em seus pensamentos, feito se estivesse andando em círculos?

Ou seria esse trilho que ele resolvera conhecer, mode confirmar se ia dar mesmo na casa do Donga, mas que agora, tendo cruzado o brejinho e

subido a ladeira, ia se abrindo diante de si, suas retas, suas curvas, seu rumo? “Será que já não estou muito longe? Há bem umas duas horas estou andando, e amanhã é dia de luta... Volto? Volto, porém vou só inté mais ali na frente, depois daquela curva, mode ver”, e avançou no seu vagar.

Nhô Viriato primeiro havia dito: essa moça é sua noiva, de nenhum outro será a não ser sua; porém quando lá retornou mode tirar suas dúvidas, o velho lhas deixou em sua cabeça iguais senão maiores, afirmando que dele, Mariano, dependia encontrar a verdadeira certeza de seu querer: só o coração mandava, cabia a ele decidir.

“Mas como é que eu vou decidir se a cada dia o enleio mais enleia, e eu nele feito bicho inseto em teia de aranha?”

E então sucedeu ao peão um maravilhamento: que seguindo seu caminho polo trilho mode ver se conduzia à casa do Donga, e inté se fosse o caso, vendo-o acordado, batia, proseava um pedaço com ele; seguindo, pois, o caminho inté depois da curva entrevista, reconheceu ao longe no descampado a casa grande de fazenda adonde pela primeira vez — seus primeiros sonhos — avistara numa varanda aquela por quem se perderia de amor. “Então...! então...!” e a Mariano custava crer: então ali, tão perto da Pindoba, aquela casa? E ainda não a conhecia? E nem tinha escutado falar? Adiantou-se: sim, a mesma casa de seus sonhos, as brancas paredes prateadas sob a lua, a chegada muito ampla e o jardim... e consigo mesmo ruminava o caso d’alguma desavença entre os dali e seu Umberto, um não visitando o outro e nem na Pindoba se fazendo qualquer menção. Devia de ser isso, só podia ser isso!

Donde que então se sucede novo maravilhamento, pois súbito a avista, ela, a menina de seus sonhos agora ali, já não uma ilusão mas em carne e osso à sua frente: surge da porteira e vem vindo, vem vindo, vem como que correndo para ele, como se de longe o tivesse reconhecido e corresse para com ele encontrar-se — pensamento que pola cabeça de Mariano transitou num relâmp’o, inté perceber-lhe no rosto não alegria mas um vivo desespero. Mariano parou e ela, como se só agora desse com sua presença ali, parou também: “Senhorinha...” Mariano disse fazendo menção de aproximar-se dela, porém a menina tomada daquele susto recuou, começou a falar coisas que ele não conseguia entender enquanto amedrontada mais ainda recuava, as feições desfiguradas de pavor, e mais uma vez tentou chamá-la, “senhorinha, não se assuste com minha pessoa” mas ela recuava sempre, chorando, o rosto banhado em pranto, até que súbito parou levando à boca alguma coisa que tinha nas mãos. Um outro relâmpago cruzou a mente do peão, a lembrança do envenenamento de uma moça na Laguna que muito o havia impressionado, e ele se apavorou: “Moça, não faz isso!, pelo amor de Deus, moça, não faz isso!” e correu para ela, quas’que em tempo ainda de sustê-la nos braços, seu amor, que

porém tombou na relva como que por entre os seus braços, escapando-lhe dos dedos e rolando pelo chão um vidrinho de veneno. Mariano atirou-se sobre ela, curvou-se, chegou a tocá-la? Em seu aturdimento não saberia dizer, pôde ver tão só que não vivia mais...

...e abriu os olhos espavoridos na escuridão do quarto.

“Foi um sonho, meu Deus!... um sonho!...” seu primeiro pensamento pulando da cama, “mas ela está morta” o que lhe ocorreu depois... Mariano endoideceu? Que dores o lancinaram por dentro? S’entortou todo até quase bater de cara no chão, aos trambolhões saiu do quarto, num alvoroço disparou pelo corredor, esbarrou nos móveis e uma cadeira caiu no chão produzindo estardalhaço na casa silenciosa, abriu a porta da varanda e atirou-se para fora: mas não havia lua aquela noite, a não ser um frio cortante e uma chuva forte que caía de repente, recebendo o peão em pleno corpo as rajadas geladas produzidas pela ventania.

Seu Umberto acordou com o barulho, “aconteceu alguma coisa, Eulália” disse pulando da cama. Don’Eulália o acompanhou, “que terá sido, Deus do céu!” e avistando a porta da sala escancarada ambos saíram para a varanda: dum relâmpago avistaram na direção da porteira o peão Mariano que corria e se contorcia como que querendo rasgar a própria roupa, e de outro clarão o avistaram caído, imóvel na lama.

— Mariano...!

A voz que vinha da porta era um fio, uma só lástima, e don’Eulália se voltou para Juliana que a ela se abraçou, numa aflição, enquanto via o pai, que tinha se atirado também no mau tempo, retornar com Mariano desfalecido nos braços.

O pobre, coberto de lama e com as roupas rasgadas, recobrou os sentidos, chega estranhou adonde estava. O que houve?, o que não houve?, que apavoramentos assim a tais horas?, “calha que foi um pesadelo” aduziu don’Eulália já acendendo o fogo, “carece dum banho bem quente para evitar uma gripe”. Mariano nada disse, desculpou-se, preservou seu segredo e sua dor, tomou o banho quente, o café forte com um dente de alho socado e meteu-se de novo na cama.

Pela manhã ardia em febre.

— 47 —

Quantos dias Mariano queimou? Quantos passou entre a vida e a morte?

Pois da febre que não baixava, os pulmões pouco a pouco tomados pela pneumonia, já não reconhecia as pessoas — seu Umberto e don’Eulália que vinham vê-lo, a menina Marli de longe, quieta, olhos grandes e assustados, Juliana que se desvelava em sua cabeceira, ministrando hora a hora

os remédios cujos vidrinhos enchiam a mesinha de cabeceira ou fazendo-o engolir, dificultoso, um caldo de galinha para que aos pouquinhos se alimentasse...

Também o Agenor preto, seu amigo mais chegado, vinha em visita, muito respeitoso adentrava a casa e, retirando o chapéu esfrangalhado nas abas, ia até o quarto: sem muito aproximar-se da cama estava-se, ali permanecia vigiando as feições consumidas do rapaz, depois recuava pr'um canto, mas não se demorava, saía com o coração pesaroso.

Inté já Didinha, sabendo do estado do peão, apareceu: aparecia às vezes mode saber notícia, da porta do quarto contemplava o doente. A velha punha-se com aquilo, depois, não trazia a pobre suas lembranças? A mocidade tem seus sucessos, deixa na alma da pessoa muitos sinais, uns que com o tempo vão se desbotando, se desbotando, até não restar nada; outros, porém, persistindo feito marca a ferro em brasa, nunca mais sai, não desbota, não é mero laivo mas funda cicatriz que só a morte desfaz. A velha temia que o peão faltasse?, assim, um temor feito duma pessoa por um parente chegado?, ou por um alguém ainda mais caro por dispor no coração dum pouso especial? Já Didinha é certo que chegando à porta do quarto pr'ali restava um tanto, de si mesma esquecida: de visita a um doente que lhe trazia lembranças, tão só meditava.

Vinha seu Umberto, aparecia don'Eulália, e de longe Marli num susto — naqueles dias a menina fez alguma traquinice? —, e Juliana entrava com o pratinho de canja, o remédio receitado pelo farmacêutico, a moringa d'água fresca: na cama o peão era como se fosse derreter-se, alagava as roupas, abria os olhos variados e tremia de frio. Já Didinha, estando ali, nada dizia: tão só fazia quarto ao doente, tão só consigo mesma trançava polos dias remotos...

Mas em seu tresvariar de febre o peão alguma vez sonhou? Ou o delírio supria o sonho? Que, sonho ou delírio, certo é que por vezes se via ali na estrada da Pindoba que tão bem conhecia, e ia indo por ela, dia ou noite que fosse não fazendo diferença, e chegava na encruzilhada, e seguia adiante até aquele trilho que de primeiro pensara levar à casa do Donga mas de vero o conduzira até o horror que desconjurava e não pouco real lhe parecia. Nesse delirar Mariano perdia-se, por vezes o tão conhecido caminho s'embaralhava à sua frente, aos seus olhos confusos e lacrimosos desdobrando-se em dois, em quatro, numa infinidade de rumos que ele desconhecia, dando-se então que não só se perdia do caminho mas de si mesmo pois agora havia muitos dele mesmo, Mariano, ali, cada qual para seguir um daqueles rumos, mas... todos menos um somente visagens, qual deles seria ele de verdade? Noutras ocasiões não descobria nesses sonhares delirantes trilho algum, vagava horas e horas em seu pesadelo e a estrada ia

se alongando, mais e mais, mais e mais... sem fim. Ou de súbito desaparecia à sua frente, terminando em lugar nenhum.

Num desses delírios, porém, decerto o último pois se a doença ainda perdurasse não resistiria muito tempo, logrou chegar ao trilho, não sendo noite mas dia claro de sol quente, e enveredar por ele, da outra vez em nada destoando: o brejo, a ladeira, o tope em riba e o caminho, lá se ia, inté aquela derradeira curva depois da qual ele quisera saber o que havia, e então chegou naquele lugar muito bonito adonde em sua última viagem pelos sertões no lombo do tordilho fora parar, lugar em que avistara num plano os restos de alicerces duma casa grande e por fim encontrou uma pedra que ali perto brotava do chão, tão igual: o lugar, os restos de alicerces recobertos de mato, e perto, no caminho, a pedra visível no meio dumas moitas, à qual chegando-se discerniu os entalhes que representavam uma cruz e um nome desconhecido.

Então acordou.

Sentou-se ofegante na cama, um cansaço lhe derreava todo o corpo. Era noite, uma vela ardia na mesinha de cabeceira.

“Primeiro eu sonho com um caminho que me leva adonde minha prometida morre quase em meus braços” Mariano fazendo um esforço mode ajustar as idéias; sentiu a boca seca: em riba da mesinha apanha o copo d’água e bebe devagar enquanto segue remoendo, “depois esbarro no mesmo caminho e chego no mesmo lugar adonde cheguei naquela viagem que fiz... e no mesmo lugar adonde a pobre menina tombou havia uma pedra fincada no chão, aquela pedra...”

O peão por fim compreendia?

“Meu Deus... meu Deus, já estava morta quando sonhei com ela pela primeira vez... morta, enterrada ali, no lugar daquela pedra lápide... mas há quanto tempo?...”

Mariano descaiu para trás, o corpo desfalecia, um cansaço – ou um sono profundo – fazia-o sucumbir. Puxou o lençol, ajeitou-se, da lembrança de seu último sonho persistiam uns fiapos ainda quando voltou a dormir.

Juliana calhou estar acordada àquela hora? Juliana naquelas noites todas mal cochilava, vezes e vezes abrindo os olhos soerguia-se, atravessava o corredor e ia espiar o sono agitado e febril do rapaz, chegava-lhe à boca o copo d’água, umedecia-lhe a fronte fervente e depois, num desalento, voltava para o quarto. Nessa noite escutou um barulho de leve, levantou-se, foi ver: a vela arde, o doente está tão quieto que chega lhe faz um estremecimento, presa duma aflição aproxima-se da cama devagar, puxa o lençol com cuidado... Mariano porém dorme um tranqüilo dormir, e já não tem febre.

O Agenor bate palmas, fora. Dentro um tinir de vasilhas, um banco que se arreda prum lado, passos idosos no arrastar das chinelas.

– Abença, iá dona – o preto estende a mão a iá Didinha que assoma à porta. “S’te’bençoe, seu Agenor” ela diz, mandando que entre e sente, “e me faça companhia na dejuação, que desde cedo de pé mode lidar não ponhei um naco na boca inté agora”, “inté agora?, mas isso num é indicado, iá dona, inda mais na voss’idade, lidar sem prover o estâm’go: espia que já são quase dez horas”.

Agenor puxa um tamborete.

– Porém já sendo costume, seu Agenor... – diz a velha.

Na mesa a chaleira de café, o açucareiro, um prato de ágate com fatias de angu frito na banha de porco, em riba o enfeite duns farelos de torresmo.

– Sinhá, em antes... posso chegar inté ali, vossência me dá licença? – o peão Agenor não se desacostumava: o pretexto era prosear mais a velha, porém a intenção divergia.

– Esteja à gosto, seu Agenor – e o Agenor chega à porta do quarto d’iá Didinha: em cima da cômoda, recebendo a claridade que provinha da janela aberta, a *filha dos tempos* perpetuava seu encanto no papel antigo. O reflexo no vidro ofuscava, carecia chegar mais perto mode olhar bem, mas mais perto o brilho era dos próprios olhos da moça a ofuscar a alma. Por momentos o peão se encanta, embebe-se num só e prolongado admirar: supunha o não-tempo adonde ambos se encontravam. Seria?

Voltou para a cozinha: a dona pusera na mesa duas canecas, “pode tirar em antes que esfrie” diz, leve em suas maneiras, delicada no falar, iá Didinha envelhecera mas guardara dentro de si a juventude.

– Antão que o Mariano já está quas’que bom – disse a modo de principiar uma conversa.

Lá Didinha mais ou menos de perto e de longe acompanhara a doença do rapaz, estivera sempre mais em casa, porém lá fora umas vezes de visita: diferente dos outros não trazia desalento, o moço lhe propunha mesmo recordações de outros tempos?, em sua recuperação nunca pusera dúvida – inda que por ele rezasse seu terço, “por um fio esteve” diz, “mas sendo moço forçado, a juventude resiste”, e ali estava: levantara-se e já se andava pelo terreiro.

– Verdade – diz o Agenor. – O pessoal por lá anda num alívio... É um moço que angariou de todos aqui uma sincera estima.

– Calha mesmo a menina Juliana estar gostando dele? – iá Didinha perguntou, inda que de tal pormenor não lhe restasse dúvida.

– Se dá, inda que ao certo...

Agenor coça a cabeça, franze a cara num desconforto.

— Ele não gosta dela, seu Agenor?

— Ele anda duvidoso, num sabe?, depois, gostar inté que, no seu dizer lá dele, ele gosta, um pouco... porém amor mesmo, essa querença maior no coração duma pessoa, essa ele tem por uma outra moça...

— Moça de fora?

— ...depois, num vê a senhora, moça que ao certo nem num existe...

— Como é que pode uma coisa assim, seu Agenor? — a velha suspen-
de a cabecinha miúda.

— Ué, sucede... a moça ao certo num existe mode que... mode
que...

— Mode quê, seu Agenor? Não s'embace!

Porém o Agenor preto sustinha-se: principiara a falar dum causo de
que por promessa guardava segredo. Não devia ir adiante, porém já dissera
um tanto, como deixar o resto em suspenso? “Inda que sendo iá Didi-
nha... pessoa de idade, em nada num afeta tomar ciência de um assunto
assim... inté de proveito pode ser, mode aconselhamento d'experiência...
digo-lhe porém que o assunto é de reserva...”

— ...mode que... num vê sá dona, que o rapaz uma vez me relatou
um causo e pediu segredo, a senhora sabe, caus'que no geral num se deve
saber, o povo, a senhora entende, sucedendo o risco dum comentário mal-
doso, uma zombaria, que inté pode melindrar o pobre...

— É moço de sentimento — a velha move a cabeça: entendia.

— Mas é um causo — o peão se debruça um pouco para a outra, bai-
xando a voz como se mais alguém ali pudesse escutar — de pessoa de siso
escasseado... — Já Didinha podia acreditar? O moço Mariano não parecia
ralo de juízo, que não! — Sei não, sá dona — respondeu o Agenor —, sei
não... Dá-se que cada qual padece duma diversa leseira... Num sabe o
que me disse? Foi durante aquela comitiva no começo do ano que ele me
contou: 'garrou de chamego c'uma moça — e aqui baixou ainda mais a voz
cochichada — que ele conheceu no sonho, espia só! Ele avista uma moça
num sonho e 'panha uma tal querença que inté do mundo no dizer lá dele
ele é capaz de se desfazer pro mode ela, já se viu uma coisa assim? Eu, nun-
ca...

Porém escutando a fala do preto, a velha depunha a caneca na mesa
devagarinho e, dificultoso, engolia o naco que lhe restava na boca. As mãos
tremiam duma tremura: desde quanto tempo não se afligia duma assim
aflição, e o coração não se lhe agitava em tal descompasso?

— Seu Agenor — ela diz, a diminuta voz —, explique direitinho como
é isso...

— Porém é segredo, siá Didinha... só refiro à senhora mode ser pes-
soa da maior consideração...

– Mas fale, seu Agenor, explique por miúdo – e a velha inté se levantava, aflita d’estar sentada.

– Apois, é como lhe referi: o moço Mariano, ele mesmo me disse, que tivesse lembrança num havia nunca sonhado em sua vida. Antão um dia se meteu polo sertão, afundou nas funduras, nos longes, e uma noite dormindo embaixo do céu teve um sonho... o primeiro, num sabe?, com uma menina-moça formosa por demais que lhe apareceu na varanda duma fazenda... daí por diante o sonho se repetiu muitas vezes, sendo que, porém, nunca de jeito maneira que conseguisse falar mais ela...

– Mas como?

– Apois, no dizer dele, era como se estivesse perto da moça, ela porém num podendo enxergar sua pessoa, num sabe?, nem escutar sua fala, assim como se cada um parasse numa diversa região... Sendo esse o caso... donde que mod’essa querença mei’amalucada o Mariano inda num se decidiu pela Juliana de seu Umberto...

Mas o Agenor se calou, muito surpreendido com iá Didinha que à sua frente parecia espiar como que para algum lugar de ontem, uma porta fechada há tanto tempo que só agora se abria – e tinha os olhos marejados.

– Sá dona, a senhora padece algum desassossego?

A velha o encarou com os olhos cheios d’água:

– Faz um favor pr’essa velh’aqui, seu Agenor?

– Apois, siá dona! Cá estou!...

– Vai lá... Inda que combalido, o moço Mariano já anda... Traz ele aqui...

– Trazer ele aqui?... Mas mode quê?... Não, eu trago, ele já anda sim, devagarinho pode vir...

– Vai... eu não vou mode minhas pernas, seu Agenor... volta de lua, um reumatismo, já quas’que nem me tenho nelas...

Mariano em casa d’iá Didinha agora, se-abancado no canto da mesa da sala, o rosto encovado e umas funduras sombrosas nos olhos, havia emagrecido e ainda padecia dum cansaço no que andava um pouco além da conta.

Mas a dona velha que mandara por ele “se acomode, moço, releve se cá o chamei tirando-o de seu sossego” tinha entrado no quarto “cá vim, siá dona, andar inté que é bom pra mim mo’desenferrujar as juntas das pernas” de lá saindo com uma coisa nas mãos; parou defronte o rapaz, “pois seu moço, tenho uma coisa que lhe mostrar. Quero que tão só espie, e o que tiver de dizer diga, porém se nada tiver de dizer, pergunta não faça que não terá resposta” e exibiu para ele o retrato que desde muito preservava em riba da cômoda em seu quarto, o rosto fugidio que encantara o Agenor

des'que o preto pola vez primeira nele botara os olhos, a '*filha dos tempos*'.

Pode-se falar do assombramento de Mariano? Quem pode explicar a transparência da lágrima? Que o peão olhando o retrato sentiu primeiro um golpe no fundo do ser, que o abalou, e querendo levantar-se uma tremura do corpo todo fez-lhe vacilar as pernas, escorando-se na mesa mode não despencar. Mas recai na cadeira, os olhos se fecham, transbordam, dois filetes d'água que polas faces rolam, "é ela" tão somente falou, a voz abafada pela dor, "quem, seu moço?" iá Didinha inquiriu, mas espiando para o Agenor, que daquilo tudo dessabia e não menos se assombrava, Mariano disse "é ela, Agenor, a moça de quem lhe falei, aquela dos meus sonhos". Porém iá Didinha inda buscava certeza adonde dúvida já nenhuma não cabia: "Vosmecê conhece o nome dela?", "o nome... esse eu vi riscado na pedra, no último sonho que tive", "apois, seu moço, e que nome é esse?", Mariano pronunciou uma só palavra, baixinho, quas'que nem se escutando, e a velha abraçou-se com o retrato apertando-o contra o peito e voltando o rosto para cima enquanto também por suas faces as lágrimas semelhavam joaninhas transparente e livres.

Defronte ao peão sentou-se.

Na sala estreita, a dona velha iá Didinha, o peão Mariano e o Agenor preto: os três compartilhando seu espanto, a ainda incompreensão das coisas.

— Quem foi ela, siá dona? — Mariano recobrava custoso o controle sobre sua comoção e abria os olhos: à sua frente, a única pessoa que podia esclarecer-lhe o mistério.

— A *filha dos tempos*, siá — disse o Agenor também querendo saber: sempre quisera saber sobre ela —, sim, explica pra nós quem foi ela.

A velha largou um suspiro soluçado.

— Não tenha cuidado, moço Mariano, seu Agenor, que eu refiro tudo por tudo, amiudado — pônhou o retrato de pé em riba da mesa, pro canto mode mais distância e melhor poderem contemplá-lo enquanto falava: no papel antigo, a princesinha da Macambira ainda vivia. — Esperei a vida toda mode falar disso a alguém... mas só à pessoa certa. Já desesperançava... já duvidava que esse dia chegasse...

Iá Didinha de novo suspirou, mas agora dum alívio: o fardo de sua inteira vida arriava-o por fim ali, no espaço estreito de sua sala, à atenção daqueles dois homens tão com ele envolvidos.

Sua narrativa chegou ao fim:

— Eu estava em casa mais os meus, mãe, os menores, quando escutei baterem na janela e fui ver: era a tal, nh'Argemira, vinha mode referir que enfim atinara com a verdade sobre os sonhos de Ninice e me alertar para o

perigo que ela corria. Inda bem recorde de suas palavras: “Menina Lurdinha” ela me disse, “o noivo de sinhazinha vive num outro mundo, só agora entendi, um mundo esconso no tempo, longe, muito longe no futuro, e ainda que um ao outro se pertençam, conforme traçado pelo destino, eles nunca irão s’encontrar”. Do perigo falou “eu vi uma sombra em riba da cabecinha dela”, e aquilo me deu um desgosto na forma dum nó na garganta... Quando chegamos na fazenda já havia alvoroço, o povo todo lá corria pr’a estrada; eu, moleca nova, bati na frente dos outros... mas já não adiantava, já não dava mais tempo...

– Eu vi ela morrer – disse Mariano –, eu sonhei com a morte dela.

– Ali naquele lugar sinhazinha bebeu veneno, ali a mãe, sinhá Felícia, quis que fosse sepultada.

– E vi também a pedra fincada no chão – disse ainda Mariano –, vi quando por lá passei naquela viagem que fiz sertão adentro. Vi outra vez quando sonhei durante minha doença... e vi tão claro como se lá estivesse, inté pude ler o nomezinho dela riscado fundo na pedra.

– Foi um certo Graciano, capataz da Macambira, quem, a pedido de sinhá Felícia, arranjou aquela pedra. Graciano era muito apegado a Ninice, desd’ela pequenina. Passou o dia todo cortando, limando, ajeitando a pedra, depois conforme instrução numa folha de papel que sinhá Felícia lhe deu mode se orientar, o desenho das letras, não sabe?, pois o jagunço não tinha leitura, ele entalhou o nome, riscou a cruz. Faz mais de setenta anos desse sucedimento, eu tinha quinze pra dezesseis, e vou completar oitenta e oito...

O Agenor, sentado num canto mais afastado dos outros dois, quieto ouvia a história, abismava-se.

– Mas, iá Didinha – Mariano quis saber –, quando passei por lá não restava nada da fazenda a não ser o sinal duns alicerces já muito carcomidos, e do lugar por nome Serradinho só se via que noutros tempos houve um povoado, um arraial ali, porém mais nada...

A velha Didinha moveu vagarosa a cabeça:

– Aquele lugar foi desconjurado – disse –, a tragédia de Ninice abalou o povo. Na Macambira coronel ficou sozinho, no mesmo dia foram embora o Graciano e sinhá Felícia, passados uns dias preta Apolinária também se foi, e nós, isto é, mãe, eu e os menores, e depois os outros. Soube que Coronel Pantaleão morreu largado, sozinho, parece que consigo só um preto que o atendia nas premências, só... E o resto do povo aos poucos foi deixando o lugar, passados alguns anos vim a saber que Serradinho já não tinha quas’que morador nenhum, inté a igreja tinha desmoroado, só uns mais antigos por lá restaram, esperando a morte. Depois o tempo correu, não escutei falar mais nada de lá. Por vosmecê é que fico sabendo que não existe mais.

A história chegava ao fim. Já Didinha voltou os olhos para o retrato de Ninice em cima da mesa, Mariano fez o mesmo.

— Ela sonhava com vosmecê — a velha disse —, mas a verdade é que nunca tomei muito a sério o que ela dizia. Em respeito à memória dela, porém, fiz tenção de levar minha vida esperando encontrar esse tal moço: longe, nos anos do futuro adonde ele estava, conforme nh'Argemira havia dito. Certas horas pra mim um caso assim inté podia suceder, mas em outras parecia-me uma absurdeza sem conta. Quando vi vosmecê na Pindoba, pela descrição que Ninice várias vezes me fez do moço que lhe aparecia em sonhos comecei a pensar que, afinal, havia alguém de tal aparência, e hoje, no que o Agenor me falou que também vosmecê sofria dum grande amor por uma moça entrevista em sonhos, compreendi que o mundo tem seus enleios e que o caso não era impossível.

Mariano puxou o retrato mais para perto de si, mode melhor admirar-lhe a formosura.

— Ninice tirou esse retrato uns dois ou três meses em antes da tragédia — já Didinha explicou —, pobrezinha, já se via em seu rosto a tristeza.

Fez uma pausa. E então:

— Eu já estou velha, já pereço, o moço ainda tem seus muitos dias por diante. Desejo que guarde consigo o retrato de sinhazinha, pelo grande amor que uniu vocês dois.

— 49 —

O Tôco andava prosa mode que o Nêu lhe prometera: assim que a cabrita Paquinha tivesse cria, um dos filhotes seria dele. “Ma’li, o Nêu vai dar um cabritin’ pra mim c’ondo nascer” o menino, todo aceso, “você vai gostar de brincar com o cabritin’?”, e Marli, sempre tão explosiva com o pequeno abraçou-o e lhe deu um beijo nas bochechas: então não haveria de gostar? E suspendeu o Tôco no ar, “eu brinco sim, Tôco, com seu cabritinho”, e embora o Nêu mostrasse medo de ela deixar o irmãozinho cair, a Marli não revirou com ele também não, tão só respondeu se por acaso tinha as mãos furadas de deixar o Tôco cair, “até você é capaz d’eu poder levantar” disse de bom humor, e lhe mostrou a língua, piscou-lhe um olho sorridente e entrou em casa, saiu depois e bateu pr’a casa de prima Justina adonde o Donga ajudava a pendurar uns vasos de flor no avarandado dos fundos, entrou, bebeu um copo d’água, porém aí também não parou: era um domingo de tarde, Marli adejava, adejava...

A menina Marli sentia-se numa grande euforia, naquela manhã havia feito um passeio...

...sendo porém que cumpre dizer do Agenor, por aqueles dias sorumbático: havia-se desfeito sua ilusão, já não podia sonhar com a '*filha dos tempos*', que a outro numa mui triste história de amor fora dada, não de já, mas desde sempre, e a missão que em sua idéia engendrara — quebrar o encantamento que os mantinha separados — a esse outro competia, "mas só no que Mariano venha a faltar, então dando-se que ele vai se desvestir do empecilho do corpo: naquele lugar ele mais ela vão por fim se reunir, ele mais ela, os dois". Restava-lhe o consolo de apenas vez em quando espiar aquele rosto encantado na brancura do papel? Nem isso: já Didinha havia cedido o retrato a Mariano, e o peão indo embora levava-o consigo.

Porém no acordar daquele domingo suspirou mais fundo, abrindo a porta de sua casita espiou os campos verdes, e uma galinha de pintinhos ali defronte num monte de restos ciscava chamando "có có" os filhotes que em volta se assanhavam mode umas minhoquinhas, uns bichinhos outros que saíam do cisco. Agenor deu de mão nas vasilhas sujas e foi lavar na bica, sabão português, bucha e areia mode deixar a chaleira de alumínio rebrilhosa, mas não as panelas de ferro, ou as canecas de ágata com o esmalte quebrado: retornou, partiu gravetos e fez lume, botou lenha mais grossa, com pouco o fogo avultava, uma água começou a ferver e ele coou o café; dum embornal tirou os pães embrulhados em bolsa de papel e um potinho de Claybon, apreciava o pão com bastante manteiga: o peão Agenor não diferia manteiga de margarina, para ele uma só coisa.

Quando Marli chegou: apareceu na porta, encabuladinha, "oi, Agenor", "menina Marli, passeando?", feito da outra vez de manhã cedo, "seu Umberto vei' mais a menina?", "não, Agenor", "e os de siá dona Justina?", "também não, vim só", viera só, apoiava-se no portal representando um encabulamento, com os dedinhos de unhas tingidas de vermelho brincava boba com uma lasca, uma cabeça de prego a despontar da madeira, nem direito soerguia os olhos pro preto.

— A menina avisa em casa que anda por cá?

Marli? Não tinha por costume, saía para passear, dizer em casa não dizia, "porém a menina devia de instruir os de lá de sua direção mode num produzir alarme", Marli deu de ombros, "pai e mãe não se preocupam, sabem que ando por aí, perigo nenhum não tem".

— Já tomou café? 'Cabei de coar agora, fresquinho...

Marli nunca saía sem botar nada na boca, cedo havia tomado café com leite, porém puro que de manhã não tinha fome, "comer mesmo só mais tarde".

— Mas a menina entre, tome assento.

Igual da vez anterior sentou-se no toco que servia de tamborete, juntou os joelhos com as mãos entrelaçadas, "mas aceito um gole de seu café" disse de repente, "para fazer-lhe companhia", e o Agenor serviu nu-

ma canequinha de louça, por acaso a única de que dispunha, “na xicrinha” disse entregando-a à garota, “mode ser mais bonito, pr’uma menina bonita” — menina bonita, essas palavras que ficam tinindo no ouvido de Marli.

Depois o peão foi sentar junto da mesa, “Marli quer um pedaço de pão com manteiga?”, “não, Agenor, obrigada, só o café” e ficou bebericando, vagarinho, as palavras zuniam ainda, não nos seus ouvidos: em seu inteiro ser, as palavras, um calor que lhe ia por dentro... O peão agora cortava o pão e passava Claybon. De onde sentara podia espiar Marli bem defronte? A menina bebia o café aos golinhos, fingindo talvez uma distração?, olhava para fora, num galho de mato em frente um passarinho pousou, soltou um trinado, aquietou-se, depois bateu asas. Marli então recostou-se para trás na parede, seus joelhos um pouco se separaram, o vestido era branco e fino, de *voile*.

— O Nêu outro dia disse de mim ‘feia’ — ela falou, assim recostada, ainda espiondo distraída para fora, a cabeça meio tombada dum lado. Segurando a canequinha de louça com um braço bambo, estirou um pouco as pernas agora. Um pouco encobria-se com aquele gesto. Ou não?

Porém o Nêu, não era verdade aquilo: ele não dissera dela ‘feia’. Marli com invencionices, o Agenor desacreditou:

— A menina Marli está mangando, que o Nêu devia de ser por brincadeira...

— Não — Marli persiste na história, apruma-se um pouco, ainda se recosta na parede e segura a canequinha ao colo. Puxa devagar uma perna, que dobra, que deixa tombar um pouco para o lado. — Ele disse sim, até mais de uma vez. Ele estava zangado comigo.

— Ah, então foi isso, zanga do menino — o Agenor punha a caneca na boca, sorvia com barulho o café pelando. — Vosmecê deve de ter aprontado...

— Não, Agenor, eu não apronto. Sou boazinha com o Nêu.

Voltava a olhar para fora, tombando assim de lado a cabeça.

— Depois eu fiquei pensando — ela disse sem olhar para o peão —, se o Nêu disse isso, mesmo zangado, será que não é verdade? — e então encarou o Agenor, porém não num súbito movimento: um lasso volver de olhos, um quase nem mexer da cabeça, mas a outra perna, dobrando-a também um pouco como a primeira, deixando-a tombar mole para o lado, e agora seus joelhos estavam bem separados e o vestido branco de *voile* subiu quatro dedos.

— Verdade não, menina — disse o Agenor mastigando o último pedaço de pão enquanto que o café quente restava ainda na caneca. Bebia-o aos sorvos, sem pressa.

— Não sei... fico cá comigo mesma pensando, sabe, Agenor?, que se eu ficar feia quando for grande não vai ter um rapaz para casar comigo.

— Ói, espia só a idéia da menina! — lançou o Agenor preto se rindo todo, porém seus olhos já percorriam aquelas pernas à mostra. Queriam decerto adivinhar o que o vestidinho leve encobria?

— É, Agenor — e Marli fazia uma careta rápida, olhava em volta com displicência —, quem é que quer casar com moça feia?

— Ara, a menina larga dessa prosa, com toda essa belezura vai ter muito moço aí querendo casar mais vosmecê.

Então Marli se apruma, senta-se direito, junta os joelhos. Muito séria, encarando o peão:

— Você me acha mesmo bonita, Agenor?

Agenor não responde, vigia a menina enquanto pouisa a caneca na mesa.

— Você não quer responder — ela diz fingindo um amuo.

— Ora, menina, então... depois, se já lhe disse, outro dia mesmo...

Marli queria ouvir o peão dizer dela 'bonita', sim, agradava-lhe o elogio: ela não se sabia formosa? Puxou o vestido um pouco acima do meio das coxas, "minhas pernas não são muito brancas, Agenor?", mas o Agenor achava graça, "a menina queria ser encarvoada que nem eu? Melhor ser branquinha assim", porém Marli sabia que muitos rapazes gostam mais das moças morenas, quem lhe havia dito aquilo?, ora, quem... quem?, a mana Juliana mesmo tinha dito isso uma vez; não era verdade?, "calha o gosto de cada um" esclarece o peão, "a menina vai se amofinar mod'isso?", Marli baixava a cabeça, amofinava-se mais ainda por uma outra coisa, "minhas pernas não são finas?", porém não se movia, recolhia-se em si juntando os dedos à altura do peito examinando as unhas, soslaia: Agenor não lhe punha atenção? A canequinha de louça quase lhe escapa das mãos, faz um movimento súbito para segurá-la, põe-se vermelha olhando o peão e sorrindo com os lábios fechados, enchendo as bochechas. Levanta-se, deixa a caneca na mesa e vai apoiar-se frouxamente na porta com um requebro de cintura, fica-se para ali dando as costas ao peão, demora-se, cabeça baixa. Atrás de si, o Agenor amarfanhando o saco de papel adonde guardava os pães... olhava-a? De súbito ela se volta: junto à porta e de encontro à luz, seu vestido uma alva transparência. Marli dá um passo, dois, na direção da mesa: "Minhas pernas não são muito finas não, Agenor?", o Agenor se embaraça, a garota suspende um pouco o vestido, "olha, Agenor, não são finas?" e o Agenor olhava dum quase susto as pernas roliças, cheias, da Marli, "não são muito molengas?" ela pergunta suspendendo ainda mais o vestido, "bota a mão só pra ver" e dá mais um passo para perto. Marli prende o vestido suspenso na cintura, pega a mão do peão pousando-a em sua coxa, "vê, Agenor", os dedos trêmulos e pretos na brancura firme e arredondada das pernas da garota, que agora sente o coração um animal indócil e arrebatado no peito, "aperta, Agenor", e faz a mão do Agenor

subir, parar sobre o triângulo formado por sua calcinha cor-de-rosa, “bota a mão em mim, Agenor” ela sussurra comprimindo a mão do outro ali, “num faz isso, menina, vosmecê é só uma moleca”, “não sou” ela responde, “anda, bota a mão em mim” e o Agenor, abalado e perplexo ganha em repentina coragem, não brusco porém suave e firme, e ainda trêmulo, puxa para baixo com ambas as mãos a calcinha tão pequena, uma pétala, enquanto Marli fecha os olhos e reclina para trás a cabeça. E agora o peão solta o fecho do vestido, que cai, e suspende a blusinha de malha, descobertos assim dois pequenos botões de rosa, e por fim apanha nos braços a menina nua levando-a pra sua tarimba. Marli... sentiu uma dor aguda e profunda? Mais que a dor, não a deliciou sentir em si o corpo forte e vibrante do preto, o movimento fremente, aquela explosão que principiava num só ponto e percorria o corpo inteiro – até que ambos, exaustos, repousassem um no outro ofegantes?

– Agora vou ter d’ir embora daqui – diz o Agenor sentado na tarimba, tentando abotoar a camisa, porém atrapalhando-se todo. – Um desacerto, isso é que é... – e esfrega a cara, bufando de exasperação.

– Você não vai embora coisa nenhuma – Marli ainda nua de pé à sua frente, sua alvura, o corpo mole largando-se de encontro ao outro.

– Como não, menina doida? Sossega! Sai pra lá! Apois! Antão num vê: se seu Umberto sabe do sucedido, o preto aqui é um cabra morto.

– Papai nunca que vai saber – Marli responde, garante, mordendo os lábios numa malícia, procurando o colo do Agenor. – Ninguém vai saber...

– A menina está bestando. Sai pra lá...

– Não saio.

– ...e bote sua roupa.

– Não boto – põe a mão entre as coxas. – E olha só o que você fez comigo – estende-a para o peão: sangue na ponta dos dedos.

O peão estremece: não sente afinal um susto daquilo? “Abusei da filha pequena de seu Umberto! Fiz mal à menina!” Marli adivinha, e maliciosa:

– Você tirou sangue em mim! – olha alternadamente os dedos manchados de sangue e a cara aturdida do negro. – Botou essa sua coisa preta dentro de mim e me machucou... Se for embora, eu conto tudo a papai!

– A menina anda lesa do juízo? Antão num sabe que seu Umberto manda me matar?

– Pois então fique! – ela ordena. E se reclina sobre o preto, numa súplica cheia de dengos: – Fique, Agenor. Para me dar o que eu quero sempre que eu quiser. Diz que fica!...

– Mas isso num pode suceder de novo, Marli! Vosmecê é só uma criança!

– Não sou! Não se lembra que faço treze em dezembro? Faltam só dois meses, até um pouco menos. Diz que fica!...

– Ah, moleca, moleca!... Sai pra lá...

– Não saio.

– ...e bote sua roupa!

– Não boto – e batendo o pezinho no chão, fingindo manha, uma vizinha chorosa: – Diz que fica, anda!...

O peão, de si mesmo assombrado, daquele sucedimento que nunca poderia esperar, relanceia as vistas para a garota nua à sua frente. Hesita...

– E então, Agenor?

– Antão...

– Hum?

– ...se calhar... inté fico...

– Eu sabia, eu sabia! – Marli dá pulinhos, deixa-se molemente cair outra vez no colo do agora seu homem sentado na beira da tarimba. – E por que é que você está se vestindo? Pensa que acabou? Hein, seu preto, pensa que acabou?

Que é que o Agenor queria? Não realizava seu real e não imaginário sonho, o maior desejo: ele, um de cor, provar duma carne branca e virgem? Antão! Agüentasse: d'agora por diante haveria de ter trabalho, e não pouco, mode aquietar a menina...

– 50 –

A estrada à sua frente é reta e clara sob o sol, porém às suas costas, vendo-o partir e sumir-se na distância, haviam ficado os olhos tristes de Juliana. A moça, escutando o causo que o peão lhe relatara ali mesmo na varanda, em antes de partir deslindando o até então mistério desse amor suspenso entre ambos, tão só o vigiava, marejada. “Então é isso” ela disse ao conhecer a completa história, e ele, num suspiro “ela morreu por mim, eu por ela viverei”, sua definitiva tenção, ainda na lembrança o caso da fazenda Laguna adonde uma menina por amor também escolhera morrer. Compreendia agora aquela dor, mas não destoava de seu primeiro pensar: é com a solidão, e não com a morte, que se supre dum amor perdido – ou nunca alcançado. “Vai viver sempre só” Juliana disse ainda, “terei uma lembrança” ele respondeu olhando-a nos olhos, quais mais fundos?, “se lhe basta...”, “se basta?” o peão moveu a cabeça, “é só o que terei”. Despediam-se. Mariano curvou-se e beijou-lhe a mão. Desceu para o terreiro e montou o tordilho. Tinha sido assim: ia-s’embora, seus eram o caminho e o mundo.

E a solidão.

Agora a estrada está vazia. Na poeira branca uns sinais, rastros de cavalo — é que um cavaleiro passou por aqui, no a-passo do animal foi indo, foi indo, sumiu-se l'adiente, na curva do mundo, do tempo... No alto do céu o sol, e um gavião que lento sobrevoa: o agudo chirrio, o chirrio, e o silêncio.

E então se acaba. Que tudo se acaba.

Que esta foi uma história de tempo e de sonho: a história de sinhá-menina Ninice, dita 'a princesinha da Macambira', e do peão Mariano, aquele a quem cabia na vida uma escolha e o risco de tudo perder se, no escolher, cometesse um erro. Ninice muito havia esperado esse moço por quem o amor lhe incendiara o coração, mas que de tão só existir arredado na lonjura dos anos futuros foi sua ruína. Mariano em seu desvario, calculando sua prometida para um dia desses, depois duvidou: e se ela vivesse num lugar muito longe pr'adonde ele nunca deparasse o caminho? Não desacertava: pois vivera, sim, e tão breve no passado longínquo — aqueles anteontens subesconsos no se arrancarem os dias da folhinha, as folhas de todos os outonos —, que a não ser esses sinais, essas poucas manchas no triste papel que agora, feito relíquia, aonde fosse consigo levaria, nenhum outro vestígio seu restara na face da terra. Sentia, porém, o coração tranquilo: fizera enfim sua escolha, e viu que não havia errado. Que se o destino escrevera a sina dos dois separados pelo tempo, ainda assim achou um meio de ambos se conhecerem: o sonho. Pois só os sonhos engendram esses mistérios, só a esperança do amor, inda que jamais se cumpra, pode mantê-los vivos.

